



INTRIGAS *da* CORTE

*O jogo de poder e traição de
duas irmãs na corte Tudor*

ELIZABETH
FREMANTLE



ELIZABETH
FREMANTLE

INTRIGAS *da* CORTE



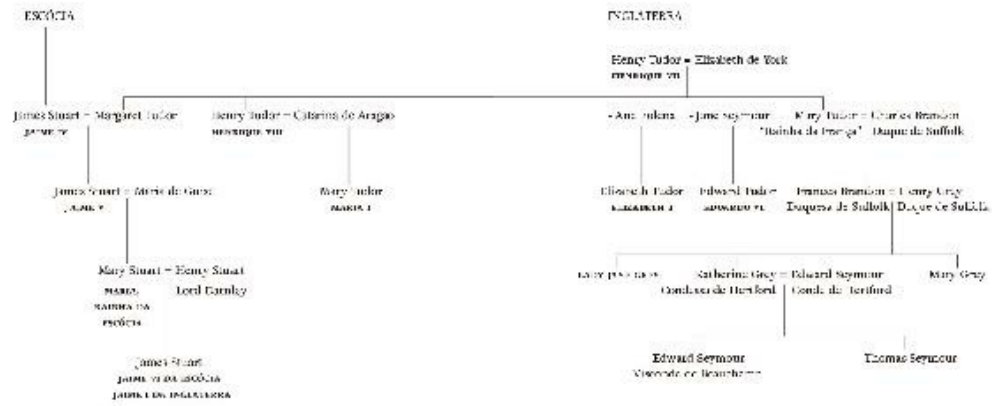
*O jogo de poder e traição de
duas irmãs na corte Tudor*

Tradução
ANDRÉ FONTENELLE

BRUNO

Para Raphael e Alice

A sucessão dos Tudor e Stuart



De asemenea, este indicat să se sugereze și anumite înălțimi pentru deplasarea și poziționarea așezării.

Prólogo

Fevereiro de 1554, Torre de Londres

Levina

Frances está trêmula. Levina a toma pelo braço, segurando-a com firmeza. Um vento desagradável assovia ao passar por entre os galhos secos das árvores, atingindo em cheio os vestidos das mulheres, levantando as toucas e fazendo com que o laço no pescoço ficasse ainda mais apertado. No céu invernal, manchado de cinza como o interior de uma ostra, a torre branca se destaca como uma silhueta sombria. Uma legião silenciosa se acumula em volta do cadafalso, esfregando as mãos e batendo os pés para espantar o frio. Dois homens passam com um carrinho de mão, mas Levina não os nota, pois seu olhar está no alto, na direção de uma janela no lado oposto do pátio, onde acredita ter identificado a silhueta de uma pessoa.

“Céus”, murmura Frances, levando a mão à boca. “Guildford!”

Levina olha e compreende na mesma hora. Dentro do carrinho há uma carga ensanguentada: o corpo de Guildford Dudley. A respiração de Frances fica mais rápida e entrecortada. Seu rosto empalidece, adquirindo não uma cor branca, como seria de esperar, mas esverdeada. Levina fica à sua frente e a segura pelos ombros, estreitos como os de uma criança. Ela encara Frances enquanto diz: “Respire fundo, respire fundo”. A própria Levina faz isso, na esperança de que a outra imite sua inspiração lenta. Não dá para imaginar como se sente uma mãe

que, impotente, vê a filha de dezessete anos morrer.

“Não posso entender por que Mary...” Ela faz uma pausa para se corrigir. “Por que a rainha não permite que a vejamos... Que digamos adeus.” Seus olhos estão vermelhos.

“O medo a tornou impiedosa”, diz Levina. “Deve enxergar conspirações em toda parte, até mesmo entre uma mãe e a filha condenada.” Ela estende a mão a seu galgo, Herói, acariciando a topografia acidentada do dorso, sentindo a pressão aconchegante do focinho contra o vestido.

Levina recorda o dia, menos de um ano antes, em que pintou Jane Grey em suas vestes reais. Ficara impressionada com a intensidade do olhar da moça, seus olhos escuros e arregalados salpicados de castanho, o pescoço alongado e as mãos delicadas, que no conjunto conspiravam para conferir-lhe simultaneamente um ar de força e fragilidade. “Pintar” talvez não fosse bem o termo, pois ela mal tivera tempo de traçar o esboço e bater o pó de carvão da tela antes que Mary Tudor e seu exército chegassem a Londres para tomar o trono da prima mais nova, que hoje encontrará a morte no cadafalso. Foi Frances Grey quem ajudou Levina a destruir a tela e queimá-la na lareira, junto com o esboço. A roda da fortuna tem girado com rapidez na Inglaterra nos últimos tempos.

Levina vira a cabeça e percebe a chegada de um grupo de religiosos católicos. Entre eles está Bonner, o bispo de Londres, gordo e pegajoso como um bebê deformado. Ela o conhece muito bem de sua própria paróquia, onde é famoso pela brutalidade. Em seu rosto há um sorriso arrogante, de quem parece satisfeito ao ver uma jovem perder a cabeça. Para ele, é um triunfo. Tudo o que Levina quer é arrancar aquele sorriso da cara dele. Ela chega a imaginar a marca avermelhada que

deixaria na bochecha e a prazerosa ardência na palma da mão.

“É Bonner”, ela sussurra. “Não se vire. Se os olhos dele encontrarem os seus, talvez queira vir cumprimentá-la.”

Frances assente e engole em seco. Levina a leva para longe daqueles homens, de modo que tenha menos chance de os encarar. Não são muitos os que vieram para ver a morte da moça que foi rainha por alguns dias; não as centenas que diziam ter assistido ao fim de Ana Bolena, aquela cuja morte inaugurou a moda de decapitar rainhas. Hoje ninguém vai perturbar a condenada, horrorizados como estão, à exceção de Bonner e sua claque, mas nem mesmo eles seriam tão rudes a ponto de exibir abertamente seu contentamento. Levina pensa na rainha no palácio, imaginando como poderia retratá-la. Devia estar cercada das mulheres mais chegadas a ela, orando. Mas em sua imaginação a rainha está sozinha, na vastidão de sua sala de vigília quando lhe avisam que uma de suas primas mais novas e estimadas foi assassinada a seu mando. O olhar em seu rosto não é de triunfo cuidadosamente reprimido, como o de Bonner, nem de medo, embora devesse ser, afinal de contas faz poucos dias que um exército rebelde tentou, sem sucesso, depô-la e levar ao trono sua irmã Elizabeth. Não, seu rosto pequeno está tão inexpressivo quanto uma folha em branco, e seu olhar parece morto, distante, como se a carnificina tivesse acabado de começar.

“Isso é obra do pai dela”, resmunga Frances. “É inevitável culpá-lo, Vina... Ele e sua ambição insana.” As palavras saem cuspidas como se tivessem gosto ruim. Levina lança mais um olhar na direção da janela da torre, imaginando se a figura que observa dali é o marido de Frances, pai de Jane, Henry Grey, que aguarda a sorte dos traidores. O carrinho de mão se detém

ao lado de uma construção menor, a certa distância. O condutor se inclina para conversar com um homem, dando a impressão de estar matando o tempo, como se não transportasse um jovem esquartejado. “É um castelo de cartas, Vina. Um castelo de cartas.”

“Pare, Frances”, diz Levina, passando o braço pelo ombro da amiga. “Desse jeito você vai enlouquecer.”

“E a rainha, onde está sua misericórdia? Temos o mesmo sangue. *Elle est ma première cousine; on était presque élevée ensemble.*”

Levina a aperta em silêncio, com ainda mais força. Frances parece sempre esquecer que ela entende pouco francês. Levina nunca questionou por que, sendo inglesa até a raiz dos cabelos, Frances dá preferência a esse idioma, cada vez menos em voga na corte. Supõe que tenha algo a ver com sua mãe, uma Tudor, viúva de um rei francês.

Então um homem se aproxima delas. Sua capa sopra ao vento e lhe confere um ar de morcego. Ele se detém diante das mulheres, curvando-se educadamente, tirando o bonete e torcendo-o nas mãos.

“Milady”, diz, batendo os calcanhares. “Sir John Brydges, lugar-tenente da Torre.” Os modos austeros fazem Levina supor que ele seja de fato um soldado; mas a formalidade termina aí. “Meu sentimento está consigo, milady. Minha senhora e eu...” Ele vacila, mostrando um leve tremor na voz. “Ao longo dos últimos meses, nós nos afeiçoamos à sua filha. Ela é uma moça notável.”

Frances parece um náufrago, incapaz de formular uma resposta. Apenas toma uma de suas mãos e concorda vagarosamente.

“Está quase na hora de a levarem.” Sua voz se reduz a pouco

mais que um murmúrio. “Posso conceder-lhes um momento juntas. Ela se recusou a ver o marido antes que ele...” O homem pensa “morra”, mas tem o bom senso de não concluir a sentença. “Ela chamou a senhora.”

“Leve-me até minha filha”, Frances balbucia com esforço.

“É necessária a mais alta discrição. Não desejamos atrair atenção.” É uma referência clara a Bonner e sua matilha de cães católicos. “Devo ir agora. Siga-me dentro de instantes. Entre pelos fundos da outra construção.” Ele acena para uma casa pequenina incrustada sob a Torre do Sino. “Aguardarei as senhoras ali.”

Ele se vira para ir embora e depois de algum tempo as mulheres fazem o mesmo, dando a impressão de estar buscando abrigo do vento. A porta baixa, que elas fecham atrás de si, obriga-as a se curvar sob o lintel. Os olhos demoram um instante para se adaptar à escuridão. No outro extremo há mais uma porta, e Levina pondera se devem entrar, supondo que a iniciativa tem de ser dela, já que Frances parece incapaz de tomar qualquer decisão. Ela se aproxima, e a porta se abre rangendo, então Brydges espia pela fresta. Ao ver as duas, ele a abre um pouco mais e revela Jane, vestida de preto da cabeça aos pés, com dois livros nas mãos pequenas e pálidas. Ela dá um sorriso e diz “*Maman!*”, como se aquele fosse um dia qualquer.

“*Chérie!*”, exclama Frances, e elas caem nos braços uma da outra. Frances sussurra sem parar: “*Ma petite chérie*”. O francês empresta dramaticidade ao instante, como se fosse parte de uma encenação. Levina também se espanta ao ver que Jane parece mais maternal que Frances; tão altiva, tão no controle de si.

Levina dá um passo para o lado, virando-se por uma questão de decoro. Não que as duas dessem a menor impressão de notar

sua presença.

“Sinto muito, *chérie*... Sinto tanto, tanto.”

“Eu sei, *maman*.” Jane se solta do abraço, recompondo-se e alisando o vestido. “*Ne vous inquiétez pas*. Deus me escolheu para isto, irei de bom grado até Ele, como enviada de uma nova fé.”

Nada mais resta da menina que poucos meses antes Levina viu desenhando; diante delas está uma mulher elegante, refinada, serena. Ocorre a ela, numa dolorosa ironia do destino, que Jane Grey teria se tornado uma rainha muito melhor e mais sensível que Mary Tudor jamais será. Se o povo pudesse vê-la agora, jamais pensaria em levantar um exército para depô-la e instalar no trono a prima católica.

“Se eu tivesse um pouquinho que fosse da sua coragem...”, murmura Frances.

“Chegou a hora, *maman*”, diz Jane, fitando Brydges, que concorda com ar solene. Ela entrega então um dos livros a Frances, sussurrando: “Dentro há uma mensagem para você e uma para Katherine. A dela está escrita nas próprias páginas, pois do contrário certamente a perderia. Minha irmã nunca foi de se agarrar às coisas”. Ela ri, com um tilintar que quase arranca um arremedo de sorriso de Frances. Por um instante, elas ficam tão parecidas que a própria Levina se surpreende sorrindo. Mas a risada de Jane desaparece tão depressa quanto surgiu, e ela acrescenta: “Proteja Katherine, *maman*. Tenho medo de que ela não suporte isso tão bem”.

Levina se dá conta da terrível inevitabilidade de a irmã caçula de Jane se tornar o novo alvo das conspirações reformistas — certamente vão querer depor Mary Tudor e colocar no trono alguém da própria fé —, como uma fileira de dominós, prontos a cair um depois do outro.

“E Mary? O que direi a ela?”, diz Frances, referindo-se à mais nova das três irmãs.

“Mary é esperta. Meus conselhos não se fazem necessários para ela.” Sua mão treme, frágil como um passarinho. A porta se fecha atrás dela. Jane se foi. Segurando firmemente o livro, Frances estica o braço livre para se apoiar na parede.

“Venha”, diz Levina, agarrando seu ombro e levando-a para fora, de volta para o vento e para o cadafalso que a espera, onde há um pouco mais de gente, mas longe de ser uma multidão.

Então eles surgem — primeiro Brydges, de rosto pálido, depois o católico que não conseguiu convertê-la, ambos com os olhos baixos. E eis Jane, ereta e destemida, o livro de salmos erguido aberto diante de si, os lábios se mexendo em oração, ladeada por duas mulheres que mal conseguem segurar as lágrimas. A cena fica gravada na mente de Levina: o preto profundo do vestido em contraste com as pedras castanhas da Torre ao fundo; o jeito como o vento ergue os barrados das vestes, como se fossem sair voando; as damas à beira das lágrimas; a palidez perfeita da pele de Brydges; a serenidade no semblante de Jane. Levina sente o impulso de registrar a cena numa tela. Uma rajada forte de vento derruba um galho de uma árvore próxima, tão perto de Bonner e seus comparsas que eles se afastam, pulando para trás. Levina fica pensando em quantos ali desejaram, como ela, que o galho atingisse um alvo menos sólido.

Jane Grey sobe os poucos degraus e se perfila para falar diante do público. Está tão perto que Levina seria capaz de tocar a barra do vestido preto caso esticasse o braço, mas o vento carrega para longe as palavras da moça, e apenas alguns fragmentos alcançam seus ouvidos. “Como inocente, lavo minhas mãos...” Ela faz o

gesto, esfregando as mãos diminutas. “Morro como verdadeira cristã e não espero minha salvação por nenhum outro meio a não ser a misericórdia de Deus.” Ela se agarra até o fim à nova fé, e Levina pensa que gostaria de ter uma pitada daquela fortaleza inexpugnável.

Quando termina, Jane se livra do vestido, entregando-o às damas, e desata a touca. Ao tirá-la da cabeça, os cabelos lindamente esvoaçam, como se fossem elevá-la aos céus. Jane se volta para o carrasco. Levina supõe que ele lhe implora perdão, mas não dá para ouvir as palavras que trocam. No rosto dele se nota um transtorno absoluto, indicando que aquilo horroriza até o algoz. A única que parece inteiramente senhora de si é Jane.

Ela pega a venda de uma das damas e, recusando ajuda com um leve aceno da cabeça, amarra-a nos olhos, para depois se ajoelhar, apertando as mãos com força e murmurando uma prece. De repente, encerrada a oração, sua altivez parece ir pelos ares, pois ela se debate às cegas à procura da pedra, incapaz de encontrá-la desprovida da visão. Isso faz Levina pensar em um filhote recém-nascido, as pálpebras ainda coladas, na busca desesperada de sua fonte de carinho.

Todos a observam, mas ninguém se mexe para ajudá-la. Estão paralisados de horror ao ver aquela jovem tateando alguma coisa em um mundo de trevas. Mal se ouve qualquer ruído; até o vento diminuiu, virando um sussurro de morte, como se os céus estivessem prendendo a respiração. Jane ainda procura pela pedra, agitando os braços no vazio. Levina não consegue mais se conter e sobe desajeitadamente no cadafalso para guiar ao devido lugar aquelas mãozinhas geladas, de criança; lágrimas molham seus cílios quando ela volta à companhia de Frances, pálida de espanto.

E logo tudo está acabado, num brilho de aço e num jato de púrpura vivo. Frances cai nos braços de Levina, que a mantém de pé, tapando seus olhos enquanto o carrasco segura pelos cabelos a cabeça de Jane Gray, como prova de que fez seu trabalho. Sem saber por quê, Levina olha para cima, mas o que enxerga não é a realidade, e sim uma cena concebida em sua imaginação: a rainha no lugar do carrasco, os dedos envolvendo os cabelos ensanguentados da jovem prima, o rosto plácido, alheio ao jorro sanguinolento em seu vestido. A cena é silenciosa, a não ser pelas rajadas desesperadas de vento, que voltou como em protesto.

Levina dá um passo para o lado e vomita na sarjeta.

I

A RAINHA MARY

Julho de 1554, Palácio Episcopal, Winchester
Mary

“Sente-se quietinha, Mary Grey”, diz a sra. Poyntz, com firmeza na voz e nos dedos. “Não fique nervosa.”

Ela puxa meu cabelo, com força excessiva, para fazer os laços. Minha vontade é gritar para que pare e não me toque mais.

“Pronto”, acrescenta, cobrindo minha cabeça com a touca e amarrando-a em meu queixo. Com as orelhas tampadas, posso ouvir o barulho do mar, como na concha enorme que costumávamos levar ao ouvido em Bradgate. Eu me pergunto onde ela foi parar, agora que Bradgate não é mais nossa casa. “Magdalen vai ajudá-la a pôr o vestido.” A sra. Poyntz me dá um leve empurrão na direção da moça de cabelo escuro, que faz um muxoxo e uma cara feia.

“Mas eu ainda não...”, começa Magdalen.

“Faça o que estou dizendo, por favor”, ordena a sra. Poyntz, com uma voz tão firme quanto o espartilho sob minha roupa. A moça faz uma careta e troca olhares com a prima Margaret, ao seu lado.

À nossa volta, uma bagunça: vestidos transbordando de baús; toucas penduradas em vigas; joias largadas descuidadamente sobre os móveis; o ar recendendo a uma dúzia de perfumes diferentes. Mal é possível mover-se sem levar uma cotovelada no olho, de tão apertadas que estamos, as moças se debatendo

para pegar suas coisas. *Maman* tem tão pouco espaço quanto nós, compartilhando um quarto com mais cinco damas, mas pelo menos tem uma porta. O quarto das damas de companhia, onde catorze de nós pernoitamos, não passa de uma área separada por uma cortina na extremidade de um corredor. A sra. Poyntz passou a manhã inteira enxotando os pervertidos que esperavam espiar as moças mais velhas trocando de roupa.

Entrego meu vestido a Magdalen, que o estende e diz, fazendo careta: “Como é que *isto* cabe em você?”. Ela o sacode com a ponta dos dedos, afastado do corpo.

“Esta parte”, explico, apontando a gola alta costurada especialmente para mim, “entra por aqui.”

“Por cima da sua corcunda?”, diz Magdalen, caindo na gargalhada.

Não posso chorar. Eu me pergunto o que minha irmã Jane faria. *Agente firme, Ratinha*, ela diria. *Não deixe que ninguém saiba o que você sente.*

“Não sei por que a rainha ia querer uma criatura dessas no casamento dela”, sussurra Magdalen à prima Margaret, alto o bastante para que eu ouça.

Tenho medo de acabar chorando e piorar as coisas. Por isso, conjuro a imagem de Jane. Lembro que certa vez ela disse: *Deus escolheu fazer você de certo jeito, e não pode ser sem motivo. Aos olhos d’Ele, você é perfeita — e aos meus também.* Mas sei que não sou perfeita; meus ombros são tão curvados e minha coluna é tão torta que parece que me deixaram muito tempo pendurada em um gancho pelo pescoço. Sou pequena como uma criança de cinco anos, apesar de ter quase o dobro de idade. Na minha cabeça, Jane pressiona o punho contra o próprio peito e diz: *Além disso, o que importa é o que existe aqui dentro.*

“Mary Grey tem mais direito que você de comparecer ao casamento”, diz Jane Dormer, a ama favorita da rainha. “O sangue dela é azul.”

Magdalen resmunga: “Mas o conjunto é muito mal-ajambrado”. Bufando, ela começa a atar meu vestido.

O preço do matrimônio foi a vida de minha irmã; tudo obra da rainha. Embora já tenham passado cento e sessenta e quatro dias desde que Jane foi assassinada (marco cada um que passa em meu caderno), a sensação de perda não começou a esvanecer — e acho que nunca começará. Sou como uma árvore fulminada por um raio no parque de Bradgate: queimada por dentro, oca e enegrecida.

É pecado odiar a rainha como eu odeio — pecado e traição. Mas a fonte do ódio não seca dentro de mim. *Não deixe que ninguém saiba o que você sente.*

“Você está pronta”, diz Magdalen, virando-se.

Ela apertou tanto o vestido que me sinto um pombo recheado, pronto para ir para a grelha.

“Elizabeth irá ao casamento?”, pergunta a prima Margaret.

“É claro que não”, responde Magdalen. “Está trancafiada em Woodstock.”

“Coitadinha”, diz Jane Dormer, e um silêncio pesado cai sobre nós. Talvez estejam todos pensando em minha irmã Jane e no que pode vir a acontecer às moças que se aproximam demais do trono. Na parede da longa galeria de Whitehall havia um retrato de Elizabeth, mas agora resta apenas um retângulo escuro.

Uma ideia me preocupa: a de que minha irmã Katherine possa ter se tornado uma dessas moças.

“Dizem que Elizabeth não pode nem passear sozinha pelos jardins sem um guardião”, sussurra Magdalen.

“Chega desse disse me disse”, ordena a sra. Poyntz. “Onde está sua irmã?”

“Katherine?”, pergunto, sem saber a quem ela se dirige — o cômodo está repleto de moças.

“A senhorita tem outra ir...” Ela para. Lembrou-se, suponho, de que Jane morreu. É mais simpática comigo, inclinando a cabeça e passando a mão em meus ombros ao dizer: “Este vestido tem um corte lindo, Mary. Fica bem nele.” Magdalen faz uma vozinha de quem fala com um bebê.

Percebo o asco dela por trás do sorriso e a forma como limpa na saia a mão que me tocou. Não digo nada. Então ela pede a Jane Dormer que vá buscar Katherine, que coisa boa não deve estar fazendo.

Noto o Novo Testamento grego de Jane em meio à pilha de objetos de Katherine. Levo-o para o corredor, abrindo onde está escrita a carta, na parte interna da capa, não para lê-la, mas para olhar para a caligrafia delicada de Jane. Está tudo gravado no meu coração:

Cara irmã, este é o livro da lei do Senhor. É o testamento e a última vontade que Ele legou a nós, miseráveis, e que há de guiá-la no caminho da alegria eterna. Se tiver inclinação para lê-lo, há de conduzi-la a uma vida imortal e perene. Há de ensiná-la a viver e a morrer.

Tentei entender por que não havia uma carta para mim. Por que Jane escreveria para Katherine, incentivando-a a ler aquele livro, se posso garantir que minha irmã mal consegue entender grego? Sou eu quem compreende o idioma; era eu quem costumava escutar Jane lendo sua Bíblia todos os dias, enquanto

Katherine corria atrás de cachorrinhos jardim afora e fazia cara feia para as apostilas do padre. Digo a mim mesma que Jane devia ter achado que eu não tinha necessidade de orientação. Mas, embora saiba que é indigno e além de tudo um pecado, sinto inveja de Katherine, não por ela ser bela como um riacho no verão, e eu, torta como uma árvore numa espaldeira, mas por Jane ter escolhido escrever para ela.

“Mary, vamos caminhar um pouco?” É Peggy Willoughby quem diz isso, então me pega pela mão e me leva aos claustros que margeiam o jardim. Tem chovido forte, dando a tudo aquele aroma fresco de terra das tempestades de verão. Empoleiradas num banco de pedra coberto, tomamos o cuidado de não molhar os vestidos, pois a água mancharia a seda e nos deixaria em maus lençóis com a sra. Poyntz. Somos as caçulas; Peggy, que toma conta de *maman*, é só um ano mais velha que eu, embora tenha mais de uma cabeça de altura de vantagem. Ela tem os traços finos, nariz arrebitado e olhos redondos e vivos, mas o lábio superior é dividido em dois, e seu jeito de falar é esquisito.

“Como você acha que ele é?”, pergunta Peggy, referindo-se ao prometido da rainha, o príncipe Felipe da Espanha. Faz dias que só se fala disso no quarto das damas.

Dou de ombros. “Você viu a pintura.”

Todos vimos o quadro pendurado em Whitehall e o modo como aqueles olhos fundos parecem seguir você, de onde quer que se olhe. Só de pensar me dá arrepios. Ele porta uma armadura negra e polida, dourada aqui e acolá, e meias mais brancas que penugem de ganso. Katherine e a prima Margaret contemplaram o quadro enquanto ele era pendurado, cutucando uma à outra. “Olha só essas perninhas, tão finas”, disse a prima Margaret. “E o volume da braguilha?”, acrescentou Katherine,

provocando risadinhas abafadas.

“Mas o que eu quis dizer é”, continua Peggy, “será que ele vai trazer a *Inquisição*, como andam espalhando?” Ela pronuncia aquilo como se a palavra estivesse em chamas e fosse preciso cuspi-la para não queimar a língua.

“Ah, essa história”, digo. “Quem sabe?”

“O que é, exatamente, essa *Inquisição*?”

“Não sei direito, Peggy”, digo. É mentira. Eu *sei*, porque *maman* me explicou. É quando as pessoas são caçadas e queimadas vivas por sua fé. Mas eu não quero amedrontar Peggy, que já é dada a ter pesadelos. Se tivesse a menor ideia do terror que, segundo *maman*, bate à porta da Inglaterra, não pregaria o olho à noite. “Enquanto formos boas católicas, nada temos a temer.”

A mão se move na direção do rosário que pende de sua cinta. Peggy é tão católica quanto eu, ou seja, nem um pouco, mas todos temos de aparentar ser, pois nossa vida depende disso. É o que *maman* diz.

“É por isso que a rainha não admite Elizabeth na corte? Porque ela não aceita a fé católica?”

“Como posso saber?”, digo, lembrando-me de minha irmã morta e pensando se Elizabeth terá o mesmo destino e, depois dela, Katherine. Mas reprimo esse pensamento antes que tome conta de mim.

“Você nunca sabe de nada.”

Minha intenção é exatamente fazê-la achar isso, mas a verdade é que eu sei demais. Presto atenção a tudo o que os adultos acham que sou incapaz de entender. Sei que o embaixador da Espanha quer se livrar de Elizabeth, assim como aconteceu com Jane. Também sei que a rainha ainda não chegou ao ponto de

condenar a própria irmã. Mas pensávamos que o mesmo se passaria com Jane, que era uma de suas primas favoritas. Aquilo me faz perceber que, embora eu saiba muita coisa, há ainda mais coisas que não sei. Mas tenho certeza de que a Inglaterra não deseja esse casamento espanhol e tem grande receio daquilo que pode acarretar. “Você me ajuda a soltar o vestido?”, peço a Peggy, para mudar de assunto. “Está insuportavelmente apertado.”

Peggy solta um pouco os nós, aliviando a dor nas minhas costas. Observo um melro que pega alguma coisa com o bico amarelado, saltitando entre as pedras com pernas tão finas que é espantoso que sustente o próprio corpo. Quando sai voando rumo ao céu, lembro-me de Miosótis, o periquito azul da rainha, criatura magnífica condenada a passar a vida à toa numa gaiola, repetindo palavras que não compreende.

“Você não pensa às vezes que os animais devem ter alma?”, pergunto.

“*Eu não*”, ela responde. “Isso é profano.”

Sinto vontade de perguntar se ela não fica em dúvida se Deus existe de fato. Peggy ficaria chocada em saber que eu já tive esse tipo de pensamento. Com certeza sentiria necessidade de dedurar isso, nem que fosse pela minha salvação. Imagino o horror no rosto da sra. Poyntz. Sabe-se lá o que poderia acontecer. Estou criando a convicção de que a fé só pode ser sincera depois de ser totalmente questionada. Mas ideias como essa são heréticas. Disso eu sei. Nos recantos da minha mente, sinto Jane me cutucando. Será que algum dia ela duvidou da própria crença? Se o fez, nunca admitiu. Não, acho que Jane tinha fé do mesmo modo que Katherine tem amor: edificada em pedra, como a casa de que fala a Bíblia.

Você está ao lado de Deus?, pergunto em silêncio à minha irmã morta, enquanto sinto um sopro frio tocar a pele do meu rosto.

“Vamos embora”, diz Peggy, “a sra. Poyntz vai querer saber o que estávamos fazendo.”

Katherine

“Harry Herbert, Harry Herbert, Harry Herbert, Harry Herbert...” Sussurro esse nome sem parar enquanto corro em torno do pequeno lago. O solo está alagado e a barra encharcada da saia bate nos meus tornozelos.

“Lady Katherine, Katherine Grey”, chama Jane Dormer dos degraus. Faço de conta que não ouvi.

“Harry Herbert, Harry Herbert, Harry Herbert.” Junto ao coração, debaixo do espartilho, guardo uma lembrança: uma fita comprida de cetim que Harry Herbert me deu para usar como amuleto em nosso casamento. Era azul bem claro, da cor da água, mas não é mais, porque de tanto carregá-la comigo adquiriu um tom cinza como as telhas, os paralelepípedos ou os cabelos de uma velha duquesa. “Harry Herbert, Harry Herbert, Harry Herbert.” Tento concentrar nele todos os meus pensamentos, de modo que não sobre em mim espaço para pensar no meu pai ou na minha irmã, de quem sinto falta como se houvesse um buraco bem no meio do meu corpo.

Lembro, com uma pontada de culpa, o ciúme que sentia de Jane. As pessoas viviam me dizendo que ela era maravilhosa, tão inteligente, tão graciosa, um exemplo. Eu tinha tanta inveja que parecia que minha cabeça ia se desprender do pescoço. Agora sinto profundamente sua falta e não consigo nem pensar nela, porque tenho medo de sucumbir à dor. Preciso direcionar o

pensamento para outras coisas. Afinal de contas, tenho catorze anos, e as moças da minha idade devem pensar em amor, não é? “Harry Herbert, Harry Herbert, Harry Herbert.” Além disso, todos dizem que *eu* sou a mais bonita da família, e, considerando o destino de minha pobre irmã, prefiro mil vezes isso a ser o exemplo.

Abro bem os braços e começo a girar, fingindo não escutar Jane Dormer, que, segurando com raiva a saia nos punhos cerrados, desce os degraus em minha direção. Enquanto giro, olho para o céu. O sol parece uma moeda de prata atrás de uma nuvem branca. “Harry Herbert, Harry Herbert.” Tento imaginar o rosto de meu marido, mas faz tanto tempo que não o vejo, sete meses inteiros, que sua imagem feneceu e virou pouco mais que uma vaga impressão. Lembro-me, porém, de seu cheiro de amêndoa. A primeira vez que pus meus olhos nele foi no dia do casamento. Tudo aquilo me dava muita raiva, eu não queria me casar de jeito nenhum; ainda sofria por causa da atração reprimida por meu primo. Hoje mal consigo lembrar a aparência dele, eu que um dia achei que fosse morrer de tanta saudade.

Jane sempre dizia que eu era sentimental demais e que isso ainda me levaria à ruína se não tomasse cuidado. Mas não consigo evitar. Quem pode resistir a essa sensação, o rodopio, o enlevo, a tontura do amor? Foi o que senti da primeira vez que olhei para Harry Herbert em seu gibão verde de seda, combinando com os olhos brilhantes postos em mim. Quando vi o sorriso satisfeito de aprovação de Harry Herbert, meu pobre primo caiu no esquecimento.

Jane Dormer se aproxima. Paro de girar e tenho de segurar o braço dela para recuperar o equilíbrio. A cara de pelo-amor-de-

Deus em seu rosto me faz gargalhar até perder o fôlego. “Não sei do que tanto ri, Katherine.” Ela para, desviando os olhos dos meus, e leva o punho à boca, como se quisesse impedir que mais palavras saíssem dela.

“Estou comemorando o casamento da rainha.” Tenho a impressão de que até mesmo Jane concordaria com isso.

Na verdade, ela não é tão má. Só é muito diferente de mim.

“A sra. Poyntz me pediu para vir buscá-la. Temos de nos apressar, porque a senhorita ainda precisa colocar sua melhor roupa.” Ela pega meu braço e me conduz ao jardim.

“Harry Herbert irá ao casamento.”

“A senhorita não está sonhando *de novo* com ele, está? Harry Herbert nem é mais seu marido... Nunca chegou a ser, na verdade.”

Pelo modo como suas bochechas coram, entendo que o que ela quer dizer é que o matrimônio não se consumou. Verdade seja dita, não tenho certeza. Essa é a versão oficial, é claro — que, embora eu tenha vivido por cerca de um mês sob o teto dos pais dele, ainda éramos crianças e, por esse motivo, ficamos separados. Quando começou toda a confusão e Jane foi trancada na Torre, os Herbert tentaram manter distância dos Grey, e por isso fui mandada, donzela pura de treze anos, de volta à casa de minha mãe. Mas houve ocasiões em que conspiramos para fugir de nossas babás e passarmos sozinhos alguns momentos roubados. Quando penso nisso agora, suas mãos exploradoras, sua língua em minha boca, sinto meu ventre revolver como se uma víbora se desenrolasse dentro dele. Não sei se isso significa que nosso casamento se consumou; só sei que ele pôs os dedos nas minhas partes úmidas.

São coisas de que falamos bastante no quarto das damas à

noite, mas nenhuma de nós sabe com certeza o que acontece no leito nupcial. Diz a prima Margaret que o homem precisa tirar sua mangueira. Tenho quase certeza de que a de Harry ficou guardada — mas, no escuro, quando se está naquele mexe e remexe todo, é difícil ter certeza. Magdalen Dacre conta que se pode engravidar com um beijo, se a língua entrar o bastante, já Frances Neville garante que basta um moço tocar em você lá embaixo. Todas nós já vimos os cães acasalando no jardim; mas talvez a maioria das moças não consiga acreditar que Deus nos faria agir como animais a fim de gerar filhos. Embora eu nunca vá admitir diante delas, há algo de estranhamente excitante nessa ideia.

“Oh, querida, olhe meus sapatos!”, digo, percebendo as pontas esfarrapadas aparecendo sob a barra da saia ao subir os degraus. Eram meus sapatos preferidos para dançar. Agora a cor vermelha vazou das flores de seda para o couro pálido, virando uma mancha suja e granulada. Lamento ter sido tão descuidada com algo tão precioso.

“Estão estragados”, diz Jane Dormer, e sinto meus olhos arderem em lágrimas inexplicáveis.

Dois homens passam, vestidos formalmente à maneira espanhola. Tudo está tomado por espanhóis. Os dois têm pele castanha e olhos escuros, que nos inspecionam rapidamente. Gostam do que veem, a julgar pelo sorrisinho nos lábios do mais atraente. Eles se inclinam e tiram o bonete. Jane não ergue o olhar na direção deles, mas eu ofereço a mão, que infelizmente é agarrada pelo feioso, dando a impressão de querer engoli-la inteira.

Por que homens são assim quando estão em dupla? Quando um é interessante inevitavelmente está acompanhado por outro

que não é. O feioso tem um ar de cão faminto e, embora eu seja apaixonada por cães (apaixonada demais, dizem, já que tenho cinco), esse sujeito não me agrada, nem seu olhar de cobiça. O outro não é tão jovem, deve ter uns trinta e cinco anos, mas está belíssimo em suas roupas e é muitíssimo bem-apessoado, embora me dirija um olhar superficial e comece a fitar Jane. Os olhos dela continuam modestamente presos ao chão, enquanto os *dele* passeiam por ela como peixes-voadores.

“É um belo tecido”, digo a ele, passando o dedo levemente pela manga púrpura, numa tentativa de chamar sua atenção.

“*Gracias.*” A resposta é protocolar e ele mal me volta os olhos. É como se estivesse firmemente preso à magia de Jane Dormer, pois enfim ela lhe permitiu ver de relance os olhos castanhos e doces na brancura de neve de seu rosto. É como se não conseguisse se desgarrar deles, o que me obriga a reconhecer minha derrota. Mas desisto alegremente, porque Jane Dormer não tem um fio de maldade em si.

“A senhorita faria a *chentillessa* de permitir que *yo* me *apresente?*”

Leva uma eternidade até ele conseguir botar para fora essas palavras, e tenho de fazer força para segurar o riso, mas Jane, a encarnação do autocontrole, levanta os olhos brevemente e diz, sem qualquer sombra de hilaridade no rosto: “Seria um prazer”.

“Gómez Suárez, conde de Feria”, ele anuncia com outra reverência, maior que a primeira.

De tão estupefata que Jane fica, contenho minha vontade de rir e digo: “Milorde, esta é Jane Dormer e eu sou Lady Katherine Grey”.

“*Xeine Dorma*”, diz ele, e do meu nariz escapa outro sopro de riso, mas ele parece nem notar minha indelicadeza, pois

continua a fitar Jane como se fosse a própria Virgem Maria. “*Delectata*”, prossegue ele, em latim.

“*Ego etiam*”, diz ela.

Lamento não ter prestado mais atenção às minhas aulas. Quando eu reclamava que não entendia nada e até minha irmã caçula, ainda bebê, era mais inteligente que eu, minha tutora dizia: “Não se preocupe, a senhorita é tão bonita que isso não vai fazer diferença”.

“*Si vis, nos ignosce, serae sumus*”, acrescenta Jane Dormer, tomando-me pela mão e fazendo menção de partir.

“*Vos apud nuptias videbo*”, diz Feria. A única palavra que eu entendo é “*nuptias*”, que significa “núpcias”.

Chegando ao corredor, dou um cutucão em Jane e sussurro: “Parece que alguém gosta de você”.

“Nem todo mundo pode ser seu”, responde, sorrindo timidamente.

“Não, com certeza ele é seu.”

Jane me conhece bem e sabe que quero que todos me desejem. Não consigo evitar. É isso que me impede de pensar em tudo o que prefiro esquecer. Volto meus pensamentos para Harry Herbert e sinto a excitação tomar conta de mim com a ideia de revê-lo. Sei que faz parte do séquito inglês de Felipe da Espanha e fico contente por ter combinado de pegar emprestados os sapatos de sola de madeira de Magdalen Dacre, que vão me deixar mais alta. Diz ela que é impossível andar com eles de maneira digna, mas treinei a manhã inteira, corredor acima e abaixo, até me acostumar, e quero crer que vou me sair muito bem. “Harry Herbert, Harry Herbert, Harry Herbert”, murmuro, enquanto corro para as dependências das damas de companhia para me trocar.

Quando chego aos aposentos da rainha, prendendo apressada a touca ao entrar, estão todas quase prontas para sair. Susan Clarencieux berra ordens, ditando a suposta posição de cada uma no cortejo. Como sempre, há quem brigue para ir à frente das outras. *Maman* acena para que eu e Mary fiquemos no começo, atrás dela e da condessa de Lennox, outra prima da rainha do lado dos Tudor, mas prima Margaret começa a criar caso, querendo ficar ao meu lado. Ela passa à frente de Mary, e eu, para defender minha irmã, dou-lhe um safanão, uma encarada e, fingindo não perceber, uma pisada no dedão, o que deve doer bastante por conta da sola de madeira. O tempo todo penso que, se Jane estivesse ali, *ela* seria minha parceira, e Margaret estaria com Mary. Isso me embrulha por dentro, ainda mais quando lembro que meu pai tampouco estará na catedral, paramentado com suas jarreteiras e resplandecente. Pensar nele é insuportável. Respiro fundo para conter as lágrimas, mordo as bochechas e comprimo os lábios. “Harry Herbert, Harry Herbert, Harry Herbert.”

Horas depois, todos já saciados pelo banquete, as mesas são tiradas e a música começa. Os espanhóis estão reunidos num dos lados do salão, quase sem sorrir, como se preferissem estar em qualquer outro lugar. Os ingleses, agrupados de maneira hostil do outro lado, os observam. Parece mais um campo de batalha que um banquete matrimonial. O rosto de Habsburgo do novo consorte da rainha está carrancudo, porque seus talheres eram de prata, e os dela, de ouro. De qualquer forma, sua figura é inegavelmente bela, e me pergunto como a rainha, que parece perdida dentro de seu rebuscado vestido de casamento e sob o peso de suas joias, fará para prender a atenção de seu jovem marido.

Pela milésima vez na mesma noite, Harry Herbert me procura com os olhos. Ele sopra um beijo para mim. Faço de conta que o peguei e o aperto contra o peito. Ao longo de todo o banquete, enquanto fingíamos orar para que a rainha dê à Inglaterra uma sequência de herdeiros, trocamos olhares. Harry estava lá quando cheguei aos degraus da catedral e mal pude resistir à vontade de abandonar o cortejo e correr em sua direção. Ele afastou dos olhos a franja negra e ondulada e me deu um sorriso quando passei; achei que fosse desmaiar.

Os homens se alinham diante das mulheres para a dança, e vejo que Harry Herbert se aproxima de mim, mas o pai dele o agarra pelo pulso e o arrasta para dançar com uma das moças da família Talbot. Para piorar, fico alinhada com o amigo de Feria, que desconhece os passos e me faz rodopiar o tempo todo para o lado errado. É bem verdade que estou sofrendo com os sapatos, que me esfolaram os calcanhares. Por isso, peço licença assim que o decoro permite, deixando a prima Margaret ser abordada pelo espanhol feioso, e sento-me ao lado de Mary, que está completamente só. Nem amarradas as damas de companhia ficariam com ela, à exceção da leporina Peggy Willoughby, que já foi para a cama. Foi só quando chegamos à corte que me dei conta de que Mary era diferente — claro que eu *via* que ela era torta, mas em casa ninguém nunca dera importância a isso; era simplesmente Mary, nossa Ratinha. Aqui, porém, eu descobri que tinha de defendê-la das damas, mais nocivas que um ninho de cobras.

Mary encosta a cabeça na parede e boceja, dizendo: “Quem me dera poder me recolher”. Sinto vontade de abraçá-la, mas sei que não gosta. Ela diz que foi repuxada demais a vida inteira por legiões de médicos e feiticeiras que a amarraram e esticaram, e

prepararam ervas de gosto ruim para amolecer seus ossos, tudo na tentativa de endireitá-la. Depois vieram os padres e pastores com suas orações, incluindo um que tentou realizar um exorcismo na capela de Bradgate. Mary continuou igual. Engancho meu dedinho no dela, que é nossa forma de trocar um abraço.

Assisto a Harry Herbert dançar com Magdalen Dacre. Os dois riem de alguma piada. Não suporto observar, tampouco consigo tirar os olhos. Ele a pega pela mão e eu sinto um aperto por dentro.

“Tenho notícias”, diz Mary.

“Sobre?”

“Sobre *maman*...” Ela hesita, o que me faz pensar no pior. Não quero escutar, desejo tampar os ouvidos e cantarolar, com medo de que outra notícia ruim me faça desmoronar por completo.

“Não é nada ruim, é?”

“Não, é algo bom.” Ela ergue os olhos redondos e castanhos como os de um filhote de cervo na minha direção.

“O que é, então?” Harry Herbert está cochichando alguma coisa no ouvido de Magdalen, o que me faz tremer.

“Ela está planejando se casar.”

Agora ele a cedeu ao espanhol canino e emparceirou-se com a prima Margaret. Só então me dou conta do que Mary acabou de dizer. “*Maman*, casar? Não, é só uma fofoca, Ratinha.”

“Mas, Kitty, eu ouvi isso dos próprios lábios dela.” Por que é que *maman* tem de contar tudo primeiro a Mary? Agora os olhos castanhos parecem de fuinha, e o ciúme que sentia de Jane toma conta de mim. Faço força para me recordar de que essa é Mary, a aleijada, e não me quer mal. “Ela me disse que pretende desposar o sr. Stokes.”

“Adrian Stokes? Não pode ser. É o *cavaliço* dela... nada além de um serviçal. Além disso, a rainha nunca permitiria...”

“Ela já tem permissão”, interrompe Mary.

“*Maman* disse isso?” Sinto um zumbido na cabeça. A raiva que borbulha dentro de mim quando penso em meu pai maravilhoso e depois naquele João-ninguém que cuida dos cavalos. “Como pode?” A dor da falta que meu pai me faz é como uma facada nas minhas tripas. Eu era a favorita dele, que não conseguia disfarçar.

“Acho”, diz Mary em voz baixa, “que ela cansou. Disse que, casando com um homem malnascido, pode deixar a corte, e que poderíamos ir com ela, então estaríamos em segurança.”

“Em segurança!”, repito.

“E ela o ama, Kitty.”

“Isso não é possível”, respondo. “A mãe dela era irmã do rei Henrique, rainha consorte da França. Além disso, damas como *maman* não combinam com cavaliços.” Mas eu, mais que qualquer outra, deveria saber que o amor pode surgir em lugares inesperados e que numa prisão como esta a razão fica inteiramente de lado.

Não posso suportar a ideia de *maman* fora da corte, vivendo como uma dona de casa interiorana, não mais a duquesa de Suffolk, simplesmente a sra. Stokes — esse pensamento entra pelos meus poros como uma comichão. No fundo do coração, sei que devo desejar sua felicidade, mas não consigo. “E você vai embora com ela?”

“Não sei, Kitty. Talvez a rainha não permita; afinal de contas, sou o macaquinho de estimação dela.” Minha irmã diz isso com uma amargura pouco característica.

“Ratinha...” Sinto agora um acesso de carinho por ela. O

ressentimento pela afinidade com *maman* desaparece quando me recordo da realidade da existência de Mary. “Venha, vou tirar você daqui e levar para a cama. Ninguém vai notar.”

“Olhe isso”, diz ela, levantando a barra da minha saia. “Seus pés estão em carne viva. A culpa é desses sapatos. Vou enfaixá-los para você.”

Por melhores que fossem minhas intenções, bem nessa hora aparece Harry Herbert, cheirando a amêndoa, passando a mão na minha cintura e sussurrando carinhosamente em meu ouvido: “Venha comigo lá para fora. Ninguém está olhando”.

Sei que devo recusar, dizer que tenho de levar minha irmã para a cama, que temos assuntos importantes a tratar; mas ele já me atraiu para seu mundo e não consigo me conter.

“É só um momentinho”, digo a Mary e me deixo conduzir, esquecendo o pé ensanguentado — esquecendo tudo.

Faz calor do lado de fora, e uma lua enorme derrama raios de prata no jardim.

“Toma”, diz Harry, entregando-me um frasco. Eu o levo aos lábios e dou um gole. O líquido queima minha garganta e me faz tossir. Dou risada, e ele também.

“Harry Herbert”, digo. “Harry Herbert. É você mesmo?”

“Sou eu mesmo, minha bela Kitty Grey.”

Tiro o bonete da cabeça dele e meus dedos correm por seus cabelos.

Estamos num jardimzinho fechado com sebes de tílias. Caímos na grama e seus dedos buscam meus laços. Sinto o gosto salgado de sua nuca. Sua mão está dentro do meu vestido.

“Ainda somos marido e mulher”, diz ele.

“Então não é pecado”, digo, rindo. “Que pena.”

“Menina travessa. Meu pai me açoitaria se nos encontrasse.”

Eu me livro da parte de cima do vestido e tiro a touca, deixando o cabelo solto na grama úmida e abrindo bem os braços. Ele está em cima de mim, sorrindo, prateado pelo luar.

“Desejei tanto você, Kitty”, ele murmura, com o hálito quente acariciando minha pele e os lábios se aproximando dos meus. Estou viva, enfim.

Mary

Esperei uma eternidade por Katherine. Suponho que ela não vá voltar. Uma preocupação me incomoda lá no fundo, a de que esse Harry Herbert cause problemas a ela. Vejo que seu pai, Pembroke, busca por ele em meio aos pares que dançam. Tenho a impressão de ver a clara cabeleira dourada de Katherine perto da porta, em meio à multidão, mas estou enganada, pois quando a moça aparece por inteiro vejo que seus olhos não têm o brilho dos de minha irmã, nem os lábios são tão pequenos; é apenas uma moça que se parece um pouco com ela. Inteiramente só, sentada, eu chamo atenção, e posso sentir os olhares curiosos que recaem sobre mim. Sinto-me examinada por minha feiura, da mesma forma que minha irmã deve se sentir por sua beleza. Meu vestido me incomoda e o aparelho nas costas me causa dor. Cogito esgueirar-me sozinha até o dormitório das damas, mas não tenho como desfazer sozinha os laços de trás do vestido, e a esta hora Peggy já deve ter caído no sono. *Maman* está à espera da rainha. Penso até em recorrer à sra. Poyntz, mas a grosseria dela me mete medo.

Resolvo esperar um pouco mais e observar a rainha fitando o novo marido. Ela desabrochou como uma flor, mas o noivo não consegue esconder a decepção, e eu me pergunto o que ele

esperava dela. Será que enviaram a ele um retrato que a embelezara demais, como aquele que *maman* guarda, em que pareço perfeita? Quanto mais observo o novo casal, mais sinto o ódio por ambos tomar conta de mim. A insatisfação dele é um escárnio, considerando o preço pago pelo casamento — a vida de minha irmã.

Nunca hei de esquecer quando fiquei sabendo da verdade por trás da união com a Espanha. Foi no inverno passado, na esteira de uma malograda revolta reformista para se apoderar do trono. As damas da corte, incluindo eu, passaram a noite em claro, amontoadas nos dormitórios femininos de St. James, petrificadas, à espera do exército rebelde. Meu pai estava lá fora, em algum lugar, com eles, embora eu não soubesse disso na época. Entreouvi *maman* sussurrando a Levina que aconteceria uma “carnificina” se os revoltosos conseguissem entrar no palácio. Naquela ocasião, isso estava além da minha compreensão, mas nos últimos meses aprendi muito sobre o mundo. *Maman* também nos disse que deveríamos orar em segredo pelo triunfo da insurreição, pois, se a rainha fosse derrubada, Jane seria libertada da Torre, mas que ninguém, a não ser Deus, deveria ouvir uma palavra sequer a respeito. Há muita coisa que ainda não entendo completamente, e por mais que tente não consigo juntar as peças. Não me contam as coisas; acham que sou jovem demais. Mas sei mais do que imaginam.

Foi depois daquela noite que topei com uma verdade terrível. A rainha estava repousando em seus aposentos; eu estava no colo dela, como era de seu gosto, apertando seu braço fino. O tempo todo ela é acometida por dores de vários tipos.

“Mais forte, Mary.”

“Mais forte, Mary”, esganiçou Miosótis, batucando com o bico

nas grades da jaula.

Receei quebrar o pulso descarnado da rainha. Ela cantarolava bem baixinho um trecho de uma melodia, repetindo-o sem parar, enquanto acariciava um retrato em miniatura do futuro esposo. A rainha o fitava, suspirando de um jeito que podia ser tanto de profunda alegria quanto de profunda tristeza. *Isso deve ser o amor*, pensei. De tanto observar Katherine, aprendi que esse sentimento não tem lógica.

“Agora como uma pluma, Mary”, disse ela. Comecei a tocá-la gentilmente, com a pontinha dos dedos, mal roçando a penugem escura que sobe até seu cotovelo. A rainha é um tanto peluda; tem pernas cobertas por pelos espessos e escuros. Quando indaguei a Katherine a respeito, ela disse que aquilo não era normal e mostrou sua própria perna, lisa como manteiga. “Isso é porque ela é metade espanhola, e os espanhóis são conhecidos por serem peludos feito ursos.”

Foi então que ouvi um ruído; um som pouco maior que uma batida leve, como o estalar de uma viga. A rainha parou de cantarolar para prestar atenção, então aconteceu de novo. Toc, como uma pedrinha batendo no vidro.

“Amarre nossa manga, Mary”, disse a rainha, estendendo-me o braço.

Miosótis ralhou de sua gaiola: “Amarre nossa manga, Mary”.

Atrapalhei-me com as fitas, desajeitada ao sentir a impaciência crescer na rainha. Ela me empurrou para longe de seu colo. “Touca! Vestido!” Peguei tudo correndo e ajudei-a a enfiá-los, aliviada porque a roupa, engomada e feito de tecido dourado, cobria meus laços malfeitos. Ela pegou uma vela e se aproximou da janela, detendo-se por um instante antes de se reacomodar na cadeira. Pediu, então, a Bíblia e o terço, e fez sinal para que eu

me sentasse a seus pés, numa almofada. Ela se sentou ereta, com o queixo para cima, como se representasse o papel de rainha num baile de máscaras e eu fosse o bichinho de estimação a seus pés.

Da parede oposta pude ouvir uma desavença, e de fora, como um fantasma, surgiu uma silhueta envolta numa capa. Devo ter engasgado, porque a rainha me deu um tapa no ombro, dizendo: “Engoliu uma mosca, Mary?”.

A silhueta avançou até o centro do quarto e se curvou, tirando o bonete e atirando a capa no canto do cômodo. Reconheci diante de nós Renard, o embaixador imperial. Foi como se a rainha despertasse dos mortos, como a faísca numa estopa. Eu já o vira muitas vezes nos arredores do palácio com seu séquito e notara o refinamento de seus modos, a perfeição de seu aspecto, com tudo no devido lugar, como se tivesse algo a esconder.

“Tem algo de nosso prometido?” A voz da rainha estava resfolegante, como se tivesse acabado de correr.

“Tenho.” Ele tirou um saquinho de dentro do gibão.

A idade desapareceu do semblante da rainha, que repentinamente parecia uma criança tentada por uma guloseima. Ela se apoderou do saquinho com mais avidez que o apropriado, virando-o aberto e, com um soluço de satisfação, deitando na palma da mão um anel, que ergueu perto da vela.

“Uma esmeralda, nossa favorita dentre todas as pedras preciosas”, ela disse, deslizando-o pelo dedo e estendendo a mão para admirá-lo. “Sinto como se já me conhecesse.”

Era enorme, demasiadamente grande para seu dedo minúsculo.

Lembro-me de ter tido certeza de já ter visto aquele anel antes, no dedo mindinho do próprio Renard. Sempre fui de

reparar em coisas que os outros ignoram.

A rainha arrulhava e corava como uma noiva. “Olhe como ele reflete a luz”, disse. “É do próprio Felipe, seu dedo esteve onde agora está o nosso? O que está gravado aqui? SR. O que quer dizer, Renard? É alguma mensagem de amor secreta?”

“*Semper regalis*”. As palavras saíram de sua boca rápido demais.

“Real para sempre”, repetiu ela.

“*Semper regalis!*”, gritou Miosótis, o que fez Renard rir educadamente e bajular a rainha, dizendo que só mesmo ela poderia ter um pássaro capaz de aprender latim tão depressa.

Fiquei pensando como era possível que a mulher que na noite anterior àquela enfrentara um exército rebelde, uma mulher tão imensamente educada quanto a rainha da Inglaterra, não pudesse suspeitar que SR também significasse Simon Renard. Tenho apenas nove anos — embora, é bem verdade, eu não condiga com a minha idade —, e aquilo estava claro como a luz do sol para mim. Não era uma lembrança de amor de seu futuro marido, mas algo que Renard bolara naquela hora, sabendo que ela esperava um mimo do príncipe espanhol.

O anel era um truque, como quando me diziam “Você não é tão pequena, Mary, e suas costas são só um pouquinho tortas; quando crescer, vai endireitar”. Falam isso para que eu me sinta bem em relação às minhas deformidades, mas eu prefiro a verdade. A rainha, porém, parecia contente com a mentira de Renard. As pessoas acreditam naquilo em que querem acreditar.

“O imperador pediu que eu vos cumprimentasse por vossa fortaleza ao sufocar os rebeldes heréticos. ‘Um par mais perfeito para o filho’, disse ele, ‘não se encontra sobre a Terra. Uma rainha formidável.’”

“Deveras.” Ela parecia um pintassilgo estufando as penas.

“E devota.” A rainha fechou lentamente os olhos para depois abri-los, e um sorriso breve passou por sua boca. “Mas...”, prosseguiu Renard, limpando a garganta com um pigarro.

“Mas?”

“Mas a menina... não se pode permitir que viva.”

A rainha soltou um leve gemido. “Ela é da nossa família.”

“O imperador é inflexível nessa questão. Com tanta inquietude, com tanta discórdia em torno... reformistas, heresias...” Ele fez uma pausa. “Ela é um risco grande demais para vossa coroa.”

Imaginei que estivessem falando da irmã da rainha, Elizabeth. *Ela* teria sido levada ao trono pelos rebeldes se a insurreição triunfasse.

“Ela é tão jovem.” Toda a alegria pareceu esvair-se, e a rainha começou a contorcer as mãos, esfregando-as sem parar, como se quisesse tirar uma mancha de tinta. “Passou dias felizes conosco, em Beaulieu.”

Lembro-me de ter pensado que conhecia bem Beaulieu; íamos muito lá visitar Mary, antes de se tornar rainha. Eu me lembro dela nos saudando sempre como suas “favoritíssimas primas”. Eu me lembro de Jane negando-se a fazer reverência na capela do lugar. “Com o tempo ela vai mudar”, diziam.

Todos devemos cuidar ao máximo para parecer católicos agora que Mary é rainha, maman nos diz o tempo todo.

“Renard.” A voz da rainha estava distorcida, deformada. “Não podemos.” Ela levantou, deixando a Bíblia e o terço caírem com estrondo. “Você não entende. Amamos essa moça. Não podemos mandar executá-la.”

A rainha dava voltas, desorientada, para lá e para cá, enquanto Renard a seguia com os olhos. Pareciam ter se esquecido da

minha presença. “A execução do marido dá para suportar. Esses Dudley são traidores até a alma. Mas *ela*... É nossa prima, uma *menina*.”

Foi só então que compreendi, como um raio caindo sobre minha cabeça. Não era de Elizabeth que eles estavam falando; era de minha irmã Jane e do marido dela, Guildford Dudley. Um suspiro escapou-me da boca. A rainha e Renard voltaram-se ao mesmo tempo em minha direção; no rosto dela, uma expressão de desespero; no de Renard... o que seria aquilo? Vergonha? Torço para que sim.

“A irmã *dela*”, estrilou a rainha, apontando para mim. “A irmã *dela*.” A rainha desabou na cadeira, afundando o rosto entre as mãos. “Não podemos.”

“A irmã *dela*”, repetiu Miosótis.

Àquela altura, Renard estava ajoelhado a seus pés. “O imperador...”, ele recomeçou, “veria como um sinal de compromisso com seu filho.”

“O que você está dizendo?” Ela tinha um brilho de raiva no olhar. “Que isso é uma condição...” Ela fez uma pausa, vacilante, puxando o ar com força. “O príncipe Felipe ou Jane Grey?”

Eu queria gritar com eles, lembrar-lhes da minha presença ali. Mas estava atordoadada.

“Não se trata de condições.” A voz de Renard era melíflua como seda e veludo. “O imperador — que também é primo de Vossa Alteza — nada mais deseja que a segurança de vosso reino. Sois uma rainha formidável, como ele diz.”

“Mas...”, principiou ela. E não disse nada mais.

“O príncipe Felipe, perdoai minha formulação, senhora, anseia por esse matrimônio. Ele vos considera, minha caríssima rainha, uma consorte...”, ele parecia à procura da palavra, “sem

igual.”

A rainha rodou a esmeralda no dedo. Pareceu-me grotesco. Só de pensar eu me sentia oca; ainda me sinto — minha doce irmã, que nunca fez mal a vivalma.

A rainha inclinou-se para a frente e agarrou meu antebraço, puxando-me de novo para seu colo, prendendo-me com força contra si, tão apertado que tive de fazer força para respirar. Ao pé do meu ouvido, começou a cantarolar baixinho, como um soluço ou um gemido; dava para sentir o cheiro forte do óleo que ela gosta de passar no seio; o vestido duro e dourado arranhava a pele do meu rosto. Naquele instante, desejei desesperadamente sentir em torno de mim os braços de *maman*. O toque dela seria o único que conseguiria suportar.

“Pode ir, Renard”, disse a rainha.

Só depois ela me soltou do seu domínio. “Oh, pequena Mary, o Senhor exige tanto de nós.” Sem olhar para mim, ela pegou o terço, correndo as contas pelos dedos e murmurando uma oração. Eu queria pular de seu colo, sair correndo do quarto, do palácio, para longe dela.

“Com licença”, sussurrei, interrompendo sua prece.

“É claro, Mary querida, vá”, foi tudo o que disse. Nenhuma menção à minha irmã, que estava para ser executada. Nem uma palavra. Quando ia segurar a maçaneta, a rainha disse “Mary!”, e eu pensei que diria alguma coisa.

Virei para olhá-la.

“Mande chamar Susan Clarencieux e Jane Dormer.”

Fiquei profundamente decepcionada. Quase não tive forças para pôr um pé na frente do outro e sair do quarto.

Sinto um apertão no ombro. “Deixe-me levá-la a seu quarto,

ma petite chérie.” É *maman*. Considerando o forte torcicolo, percebo que devo ter dormitado, embora seja difícil entender como, diante do alarido dos músicos e do sapatear dos dançarinos.

Ela me toma nos braços e me carrega para fora do salão, levando-me não para o dormitório das damas, mas para o dela. Deita-me delicadamente na grande cama de dossel e começa a me despir.

“Mas, *maman*, e suas companheiras de quarto?”, pergunto, sonolenta, ao me lembrar de quantas damas compartilham o quarto.

“Não se incomode, Ratinha”, ela diz. “Cuidarei disso.” *Maman* desfaz meu vestido, camada por camada, até me deixar apenas de camisola e afundada nas plumas como se estivesse sobre uma nuvem. “Está melhor?”, ela pergunta.

“Melhor”, respondo. Ficamos em silêncio por um instante, com ela acariciando meus cabelos, mas não consigo parar de pensar em Jane; por mais que me esforce, não consigo preencher as lacunas na história. “*Maman*”, pergunto. “Por que Jane se tornou rainha?” Minha cabeça é um emaranhado de perguntas que se enredam.

“Oh, Ratinha, acho que não...”

“Não diga que sou nova demais. Conte, *maman*. Já tenho idade para saber a verdade.”

Já vi nossa imensa árvore genealógica, um rolo comprido de pergaminho pintado com ramos dourados que serpenteiam e espirais de vegetação, passarinhos, criaturinhas espalhadas aqui e ali, além do que parecem ser frutos pendurados em cachos, mas são na verdade pequenos retratos. Meu pai o desenrolou uma vez para mim e para minhas irmãs, no chão do grande

salão de Bradgate, e então mostrou com precisão a origem do nosso sangue real. Ele nos mostrou o primeiro rei Tudor, Henrique VII, nosso bisavô, e depois seguiu com o dedo as linhas tortuosas e douradas, localizando todos os nossos primos, de modo a indicar nossa relação com eles.

“O jovem rei Eduardo — *pauvre petit* — fez dela sua herdeira. Não havia varões.”

“Mas e Mary e Elizabeth?”

“Havia questões de legitimidade quanto às irmãs dele. Jane era perfeita — da nova fé, devota, instruída e com idade para parir varões.” *Maman* faz uma pausa e engole em seco, como se não quisesse que os sentimentos extravasassem.

“Mas por que *você* não foi escolhida antes de Jane, *maman*?”

“Oh, *chérie*”, diz, encolhendo os ombros. “Abri mão em favor dela.”

Tento tirar essa informação do emaranhado de pensamentos, para poder examiná-la direito. “Foi você, então?” Não chego a dizer que a culpa é dela, mas penso nisso. As lágrimas brilham em seus olhos, então ofereço meu lenço, que ela pega sem olhar para mim.

“Tenho de viver com essa vergonha”, diz *maman*. “*J’ai honte, jusque au coeur.*”

“Vergonha até o coração”, repito. “Mas por que fez isso?”

Maman dá outro soluço, como se o ar em seu peito estivesse envenenado e tivesse de se livrar dele. “Seu pai era prisioneiro do regente naquela época. Ele ficou preso na teia de Northumberland. Repito para mim mesma que não tinha escolha. Seja verdade ou não...” Ela para. “Todos nos enganamos de vez em quando, Ratinha. É algo que você vai aprender com o tempo.” A vela derrete e goteja, a chama quase apagando.

“Quando Northumberland ficou sabendo que o jovem rei Eduardo agonizava, ele conspirou com seu pai para casar o filho, Guildford Dudley, com Jane.” Um raio de ódio passa por seus olhos. “Isso eu nunca aprovei. Mas minha palavra não tinha valor algum contra a deles.”

Finalmente o nó na minha cabeça começa a se desfazer. “Northumberland queria ver *o filho* como rei, então?”

“Seu pai foi um tolo. Deixou-se contaminar pela ambição dele. Esse caminho sempre leva ao patíbulo.”

Maman aninha o queixo nas mãos, olhando para mim. Noto a maneira como a luz fraca ressalta o cabelo castanho e esculpe os ângulos de seu rosto; ela é pálida e de traços finos, como Jane, e por um instante consigo ver de que modo todas estamos inegavelmente ligadas, enxergando os ramos dourados da árvore genealógica, as veias do sangue Tudor, que nos unem de modo inseparável. De meus pensamentos recém-ordenados surge uma pergunta inevitável. “E Kitty? Sendo tantos assim os que não querem ver no trono uma católica, não há quem deseje tentar pôr a coroa nela, já que vem depois de Jane?”

Maman tira os olhos de mim e os volta para o chão, enquanto diz “Deus queira que não”. Depois fala baixo: “*Dieu nous garde*”. Sinto como se um grande lençol negro caísse sobre nós e ouço-a murmurar: “Oremos para que o casamento espanhol produza um herdeiro”.

“Quando você se casar”, digo, para mudar de assunto, “tem certeza de que vou poder viver com você longe da corte? A rainha não vai fazer questão de mim?”

“Ela tem um consorte agora e, se Deus estiver do nosso lado, em breve terá um bebê.”

Sei que *maman* quer dizer que, quando a rainha tiver um

filho, não precisará de mim como sua boneca.

“É tudo o que quero, *maman*, ficar perto de você.”

“E assim será.” Ela desprende da cinta seu pomo perfumado e o coloca no travesseiro. O odor de lavanda chega a mim. “Vai ajudá-la a dormir, pequenina.”

“Às vezes eu me pergunto, *maman*, o que será de mim, pois homem algum há de me querer como esposa, apesar de todo o sangue azul em minhas veias.” *A menos que exista em algum lugar um jovem mancebo com uma perna só ou duas cabeças que me aceite*, penso com amargura.

“Não fique vexada por pensamentos assim, Ratinha. *Ne t’inquiètes pas.*”

O que não posso dizer, porém, é que, tendo perdido meu pai e minha irmã de maneira tão brutal, meu mundo parece mal ter força suficiente para abrigar o que resta de minha família, e eu me pergunto o que será de Katherine, cuja segurança parece estar por um fio. E se eu vier a perder *maman* também, terminando meus dias sob a custódia da Coroa, correndo de palácio em palácio para todo o sempre? Sei que é pecaminoso pensar apenas em mim, mas o medo se apoderou de meu corpo como uma febre, por isso fecho os olhos com força e me obrigo a pensar em outro tipo de futuro: uma vida simples num lugar tranquilo, onde as moças não são usadas como peças de um jogo.

Julho de 1554, Ludgate
Levina

Levina vela o sono do filho, Marcus, que voltou dos estudos. Ele está esparramado num banco do jardim de Ludgate, e Herói

está esticado a seu lado, sob o sol. É difícil crer que dezesseis anos atrás ela o estava ninando, uma bolinha toda enrolada em seus braços; agora se tornou um homem, e Levina deu início ao processo pelo qual toda mãe precisa passar: deixá-lo ir embora. O pensamento causa-lhe um aperto no coração. Ele nasceu tão prematuro que ninguém achava que pudesse sobreviver. Houve quem cochichasse que era o que acontecia quando a mulher tentava fazer trabalho de homem. Passar muito tempo entre materiais de pintores teria envenenado seu útero, diziam; mulheres como ela não poderiam parir bebês saudáveis. Mas Marcus sobreviveu e, mais do que isso, encorpou, calando as mexeriqueiras de Bruges. Levina às vezes pensa no que diriam se soubessem que desde então era infértil; teriam gostado de saber, sentindo a satisfação de estar certas. Mas Londres havia chamado, e Bruges nada mais era que uma lembrança. As mulheres de Ludgate tratam-na com um relutante respeito, devido, é o que supõe, a seu êxito na Corte, mas ela tem consciência de que, na visão delas, faz uma coisa que desagrada a Deus. Todos têm uma opinião em relação àquilo que Deus pensa ou deixa de pensar, seja em Bruges ou em Londres, mas para Levina Deus é um assunto privado — ainda mais agora, com uma rainha católica no trono.

Levina estica uma folha de papel sobre a mesa e começa a rabiscar um esboço grosseiro de seu filho e de Herói, que mudou de posição e agora repousa o focinho na coxa de Marcus. Para lá da parede, dá para ouvir os ruídos da rua, os ambulantes apregoando suas mercadorias e um homem que está a manhã inteira protestando em voz alta contra o matrimônio real. Voltando do mercado, Levina passou por ele e ainda consegue ouvi-lo, embora a voz agora esteja bem mais rouca. É um

protesto que não levará a lugar nenhum — o casamento se consumou; a Inglaterra tem um rei espanhol, as pessoas gostando ou não. Os cantos da folha de papel se recusam a ficar esticados. Por isso, ela a prende com quatro pedregulhos grandes que deixa ali para esse fim. Eram pedras do ateliê paterno. O marido ficou perplexo quando ela quis levar pedras comuns em sua viagem para a Inglaterra, estando eles já tão abarrotados de bagagem. Porém, elas serviam como lembranças, talvez mais que qualquer objeto que Levina tenha guardado.

Ela não sente falta de Bruges, apenas do pai. Era a filha favorita e compreendia a decepção que ele sentia por nenhuma das cinco crianças ser menino. Foi Levina que ele levou para seu ateliê, onde, ainda muito pequena, ela ficava maravilhada com as folhas de papel velino que a mão paterna iluminava de maneira tão particular, livros das horas com imagens complexas e texto delicadamente gravado, com cores vibrantes que saltavam aos olhos e dourações polidas como ouro de verdade. É um lugar que ficou marcado em sua memória. Ela ficava horas e horas observando o trabalho do pai, as espirais de vegetação desdobrando-se em ramos em volta das margens da página, num padrão quebrado apenas por um ou outro pássaro ou criatura. Se ele desenhasse uma mosca na margem, ficava tão realista que, embora ela soubesse que era uma pintura, mal dava para acreditar que não voava quando tentava afastá-la com a mão. Era uma ilusão que cativava a menina.

Levina ouve alguém bater na porta. Herói levanta a cabeça, alerta, mas imperturbável. Na mente dela se insinua uma leve ponta de irritação. Estava desfrutando daquele momento de paz, e o desenho quase tomava forma; a interrupção pode ter posto tudo a perder. Ela olha de novo para Marcus. O sol mudou de

posição, lançando sombras cinzentas sobre sua pele, a luz vazando pelas persianas. Levina percebe a musculatura jovem e esguia dos braços do filho, antes moles e gorduchos, como os querubins numa capela florentina. Ela olha de novo para o desenho e se dá conta de que está ruim; não parece nem um pouco com Marcus. Pega o papel, amassa-o e o atira no chão. Herói, achando tratar-se de uma bola, dá um salto repentino, desfazendo a pose. Marcus se espreguiça, semidesperto, e então volta a repousar. Levina ouve George no salão, falando com um serviçal. Ela pega outra folha de papel e começa de novo, analisando as listras no rosto de Marcus, reconhecendo, com uma sensação agradável, as partes do corpo do filho que são suas, as bochechas arredondadas, os olhos bem afastados que herdou do pai, a boca generosa. As orelhas são de George, cópias perfeitas, assim como as mãos grandes e os cabelos escuros, pois os de Levina são pálidos e sem cor como a nata.

Às vezes ela pensa em como foi parar naquela minúscula família de homens, tendo sido criada numa casa abarrotada de mulheres até o teto. Mas na corte encontrou mulheres o suficiente para substituir suas irmãs. As Grey se tornaram tão próximas quanto sua família — ela tem Frances em alta conta, e testemunhar a morte de Jane com ela reforçou ainda mais seus laços de amizade. De início, as duas se aproximaram consolando-se mutuamente depois da morte da primeira mecenas de Levina, Katherine Parr. Para espanto dela, a amizade improvável se aprofundou mais pela dor compartilhada do que por qualquer outro sentimento. Frances e Levina não podiam ter sido criadas de maneira mais diferente: a primeira, neta de um rei; a segunda, uma pintora de Bruges. Mas às vezes a amizade entre mulheres não pode ser explicada pela ordem

natural das coisas.

Levina teme muito por Frances e suas filhas na corte, forçadas a dançar em torno da assassina de Jane. A memória dela permanece em suas tripas como um peso numa balança. Frances é criticada, Levina ficou sabendo, por permanecer na corte depois que a própria filha e o marido foram mortos. Chamam-na de sem coração. Não enxergam a verdade: que ela ficou, e fica, porque a rainha assim exige, mas que também consegue da prima alguma misericórdia, preservando do mesmo destino o que resta de sua família — afinal de contas, Katherine Grey poderia pretender o trono da mesma forma que a pobre Jane.

Agora George já entrou e está em pé atrás da esposa, vendo-a desenhar. Ela nem se vira. É grata pelo respeito que o marido tem por seu trabalho, tentando nunca interrompê-la, e se sente até culpada por um dia ter se incomodado tanto com a presença dele. Cai sobre os olhos uma mecha de cabelo, que ela afasta com um sopro. Ela consegue ouvir a respiração de George. Agora o carvão parece obedecer magicamente a seus caprichos: a imagem aparece no papel como se já estivesse nele e algum tipo de alquimia misteriosa a tornasse visível. Levina para e se vira para George, sorrindo.

“Você conseguiu capturá-lo, Vina”, diz, pousando de leve a mão em seu ombro. Fazia tempo que ela não sentia esse toque; ele estava de vigília na corte, e os dois passaram várias semanas separados. Em meio aos destroços dessa experiência de afastamento, terão agora de reencontrar um ao outro.

“Como está você, George? Parece cansado”, diz ela.

“Não pare seu desenho. Gosto de vê-la trabalhar.”

“Então sente, e vou desenhar você. Ali.” Ela indica um banquinho ao sol, perto da janela.

Às vezes, ao olhar para o rosto do marido, ela tem a impressão de mal conhecê-lo. Nada mais nele a faz lembrar do jovem que se apresentou tão nervoso ao seu pai, tantos anos atrás, vestindo um gibão caro, mas mal cortado, com uma franja reta que lhe conferia um ar de monge. Levina lembra ter receado que, por baixo do bonete, ele fosse tonsurado, o que lhe dera vontade de rir. Era sobrinho de um amigo da mãe dela, e decidiu procurar uma esposa dentre a abundância de filhas da família Bening.

A rigor, não era uma família bem-nascida o bastante para ele, mas George Teerlinc não era uma pessoa comum. Tinha o jeito tímido de um cão acuado e gaguejava tanto que ficava quase impossível ir do início ao fim de uma palavra. Seu cumprimento inicial deixou um silêncio excruciante na sala, enquanto todos esperavam que balbuciasse as reverências de praxe. As irmãs de Levina, principalmente Gerte, olhavam com ansiedade, na esperança de que escolhesse outra. Levina se sentiu desesperadamente mal por ele, e a simpatia devia estar estampada em seu rosto, pois foi a escolhida.

Da boca para fora, o pai de Levina era tranquilo — sabia que um dia a perderia para o casamento, embora se dependesse dele sua filha nunca sairia de perto. Mas Levina já estava com dezessete anos, o que já faz outros dezessete; com que surpresa ela constata a passagem do tempo. Quem cuidou do assunto foi sua mãe, e George Teerlinc a desposou mesmo sem dote, o que era incomum.

“Por que tanta tristeza?”, Levina se lembra da mãe perguntando ao pai. “Você ainda tem quatro filhas.” Ele virou e saiu da sala sem dizer uma palavra.

Levina foi atrás dele, alcançando-o no jardim coberto de folhas. “Não vai ser tão ruim, papai.”

“Mas, Vina, você é minha favorita”, respondeu ele.

“Shhh”, ela recorda ter respondido. “Alguém pode ouvir.”

“E você acha que elas não sabem?” O pai estendeu os braços para a filha preferida, enlaçando-a neles, e Vina ficou feliz por não ter de ver seu rosto incomodado.

“Não acha suspeito”, Gerte dissera naquela noite, “Teerlinc tomá-la como esposa sem um dote? Mesmo com aquela terrível deficiência na fala, ele vem de uma família muito melhor que a nossa. Talvez não consiga fazer *aquilo*.”

“Aquilo” era um dos assuntos favoritos das irmãs. Levina ficava contente por se livrar de Gerte, mesmo se o preço fosse se casar com o esquisito George Teerlinc.

A irmã se casou pouco tempo depois com um comerciante de roupas suficientemente rico — até para o gosto dela —, mas morreu no primeiro parto. Levina foi para a corte inglesa a convite da rainha Katherine Parr, que ouvira falar de seu trabalho. O estranho George Teerlinc a acompanhou, e a ele foi oferecido um cargo na Guarda Real. Levina aprendeu a amá-lo, sobretudo porque ele tolerava sua arte, coisa que a maioria dos homens não faria. A gagueira de George foi diminuindo com o tempo, mas às vezes ressurgia sem aviso, em geral nos momentos de emoção exacerbada, de grande alegria ou temor. Ele nunca confessou, mas Levina suspeita de que isso lhe traga dificuldades em meio aos guardas — os homens podem ser tão cruéis quanto as mulheres. Mas é, de longe, um emprego bom para ele, porque requer paciência e silêncio, duas das maiores qualidades de George.

“Pronto”, diz ela, deitando o último pedaço de carvão e entregando ao marido o esboço. “Que tal?”

“Fiquei velho”, responde. “Estou realmente assim?”

“Desde quando você é vaidoso, George?” Ela ri, e ele põe os braços à sua volta, apertando-a num abraço. “L-Levina”, o marido suspira, e ela se lembra de quanto o ama, da ternura que se desprende dela, borrando as fronteiras que os separam. Ele a arrasta para o outro quarto. Levina olha para trás, mas Marcus dorme, alheio, com Herói novamente a seu lado, agora refestelado sobre suas costas. A porta se fecha e, desajeitados, eles desfazem mutuamente seus laços, com a respiração curta e apressada, arrancando as roupas um do outro. Quando o vestido de Levina cai no chão, ela sente o próprio volume, dando-se conta dele subitamente, talvez com medo de que George não goste do peso que ganhou nos últimos tempos. Mas ele nem parece notar enquanto afunda o rosto em seu ventre, inspirando fundo, como se quisesse capturar a essência dela.

Depois que cearam e Marcus foi para a cama, George pega uma resma de esboços de Levina e começa a observá-los.

“De quem são estas mãos?”, ele pergunta.

Ela atravessa o quarto para olhar por cima do ombro dele, que se inclinou para perto da vela para enxergar melhor. George tem nas mãos o desenho que ela fez das mãos de Jane Grey tateando às cegas por sua pedra.

“De ninguém. Inventei.” Ela não quer contar como foi; não quer se lembrar daquele horror. É incapaz de recriar toda aquela cena.

“É Lady Mary Grey, não é?” Ele pôs o esboço no final da pilha e agora examina outro.

“É, sim.” Levina a desenhara de costas, sentada, do peito para cima. Fez dezenas de esboços de Mary, tentando imaginar o corpo pequeno dela debaixo das roupas e a coluna torta. Levina

se lembra do dia em que o pai a levou a uma câmara mortuária e ela viu o cadáver de um anão. Ele a fez desenhar várias vezes o corpo. Era uma aula de anatomia. “Você não pode supor que o corpo humano tem uma forma única”, o pai dissera. “Observe cada linha separadamente, e como ela se relaciona com o restante.” Na época, ela era jovem o bastante para ficar impressionada com a peculiaridade das proporções do homenzinho, as pernas curtas, o tronco alongado, a cabeça achatada. Mary Grey é diferente. Tem as proporções perfeitas, mas em miniatura, como uma marionete; o rosto é dominado por um par de olhos redondos e úmidos e uma boca o tempo todo sorridente, quer ela esteja contente ou não. Mas Mary é deformada, e de uma forma desumana, e é isso que fascina Levina, a perfeição e a imperfeição justapostas.

“Não consigo imaginar como deve ser para ela”, murmura George. Levina se pergunta se ele está falando das deformidades da moça ou de sua situação.

“Mary é mais forte do que parece”, diz Levina. “É com a outra irmã que eu me preocupo mais.”

“Lady Katherine?”

Ela assente. “Olhe.” Levina toma dele os desenhos e folheia um por um até encontrar um retrato de Katherine.

“Você capturou a fragilidade dela”, diz ele. “E a beleza.” George esquadrinha o desenho, segurando-o perto da luz. “Nunca tinha notado o quanto parece com o pai.”

“Ela tem o carisma dele”, diz Levina. E é verdade; quando jovem, Henry Grey atraía muitos olhares.

“Na sala dos guardas, ouvi uma conversa sobre *ela* no trono, em vez de Elizabeth.”

“Deus a ajude.” Levina tenta imaginar a caprichosa Katherine

Grey como rainha da Inglaterra. Parece impossível, mas não é, porque ela não carrega a mancha da ilegitimidade, como Elizabeth, e é ela, que tem sangue Tudor em abundância, o próximo nome na linha sucessória elaborada pelo finado rei. “Mas a rainha espera produzir um varão e resolver esse assunto.” George volta os olhos para a mulher, com ar de enfado.

Ele continua a examinar em silêncio os desenhos dela até que um retrato de Frances, que fizera de memória, chama a atenção de Levina. Nele, a mulher sorri. Faz tempo que não vê esse sorriso. “Por que tantos retratos dos Grey?”, George pergunta.

“Frances está fazendo uma galeria em Beaumanor. Ela quer que eu pinte todos eles para pendurar os quadros ali.” As propriedades dos Grey deveriam ter sido perdidas para a Coroa quando o duque foi executado, mas a rainha lhes devolveu a maior parte pouco tempo depois; menos Bradgate, tão querida por Frances. O alívio da mulher havia sido palpável, pois o gesto era bem mais importante que as terras ou as casas; significava que havia recuperado um pouco dos favores da rainha. Mesmo assim, ela e suas duas filhas continuavam no fio da navalha. Seu suposto catolicismo era perscrutado; Frances disse a Levina sentir os olhos de Susan Clarencieux o tempo todo sobre ela; os mínimos detalhes devem ser relatados à rainha — o que comem, com quem se correspondem, com que frequência fazem suas orações. Não admira que queira se cercar de imagens de sua fragmentada família.

“Mais retratos!” A voz de George o trai. Talvez ele preferisse uma mulher em casa parindo bebês uma vez por ano.

“Isso não”, diz ela.

“O que você quer dizer?”

“Quero dizer que você não tem o direito de reclamar das minhas pinturas. Vivemos principalmente do que ganho.” Ela abre os braços para indicar que quase tudo ali — a salva de prata que enfeita o aparador, os vidros nas janelas da frente — veio em grande parte de seu ofício. Levina tem ciência de que não é muito gentil lembrá-lo de suas deficiências. Ela sabe que a maioria dos maridos já a teria disciplinado com o chicote muito tempo atrás.

“É verdade que Frances Grey quer se casar com seu cavaleiro?”

“Você não tem nada melhor a fazer a não ser fofocar na sala dos guardas?” O incômodo na voz dela é palpável. Levina sabe muito bem que George tem ciúme da amizade dela com Frances, e ele sabe que ela odeia a ideia de que todos opinem sobre o marido escolhido pela amiga. “Stokes é um homem bom e gentil, e esse casamento vai representar uma vida longe da corte, para ela e as meninas.” Levina já está quase gritando a essa altura. “Só que ninguém mais enxerga as coisas assim. É como se o mundo virasse às avessas só porque uma duquesa vai se casar com um plebeu.”

“Eu não quis dizer...”, começa a se explicar George.

“Perdão”, diz ela. “Eu sei.” Levina está *sinceramente* arrependida. Não suporta brigar, sendo tão raro os dois ficarem a sós.

“É só que eu me preocupo...” George faz uma pausa e leva a mão à frente. “Receio que seus vínculos com essa família possam causar problemas para nós.”

“Não sou amiga só nas horas boas, George. Eu não abandonaria Frances. Ela sempre foi boa comigo.” Levina pensa em quão pouco os homens entendem a amizade entre mulheres.

“Além disso, ela caiu nas boas graças da rainha.” Levina sabe que está agindo como uma tola, mas não consegue se conter. Já está envolvida na briga e não há como voltar atrás.

“A rainha adorava Lady Jane, você mesma disse, mas isso não a impediu...”

“Chega!”, diz ela, erguendo a mão como se criasse uma parede invisível entre os dois e sentindo a raiva crescer de novo, mesmo sabendo que ele tem razão.

“Tenho medo das con-con-con...” Até George vomitar o resto da palavra parece transcorrer um tempo interminável. Levina conviveu tanto tempo com a gagueira do marido que hoje mal a percebe. Mas a raiva continua a fermentar por conta daquilo que ele quer dizer. “As con-con-consequências dessa nova união, Vina.” Ele se refere à rainha e a seu príncipe Felipe da Espanha. Não é o único que receia os católicos; muitos dos devotos da fé reformada fugiram para o estrangeiro, onde podem praticá-la em segurança.

“Se está com medo, se não é homem o bastante, então volte para Bruges.” Na mesma hora ela dá um tapa na própria boca, recriminando-se por sua língua afiada. “Eu não quis dizer... não fui justa.”

Ela dá a volta por trás dele para massagear seus ombros. George fica imóvel e inflexível, e por alguns momentos os dois permanecem em silêncio, até que ele diz: “Somos felizes, não é, V...V...V...”.

“Sim, George”, ela murmura.

“Está com frio?”, ele pergunta. Com a noite, o tempo mudou. “A essa hora a rainha já estará casada”, ele diz, enquanto junta o necessário para acender a lareira. “Só Deus sabe que mudanças virão. Temo que acendam fogueiras. Hoje, mais cedo, houve

uma disputa em Smithfield. Pior que de costume.” George está curvado diante da lareira com a pólvora.

“Católicos contra reformadores?”, pergunta Levina, embora saiba que é desnecessário, pois tem sido cada vez mais o caso. Quase todo dia há algum tipo de altercação entre os grupos religiosos.

“Bonner deu uma surra em um homem que não ergueu os olhos para a hóstia durante a missa. Foi assim que começou a confusão.”

“Bispo Bonner.” Ela forma uma imagem dele na cabeça, a figura redonda e a expressão infantil que ocultam uma série de crueldades de proporções monstruosas. “Esse é um homem que vai estar em primeiro lugar na fila para o inferno.” Já parece tão distante o tempo em que eles podiam praticar abertamente a própria fé, sob o jovem rei Eduardo; a Inglaterra ainda se ressentia da abrupta mudança para o catolicismo com a nova rainha.

“Vina, existe algo que possa nos condenar aqui dentro de casa?”

“Alguns panfletos. Uma Bíblia.” George nunca se envolveu muito em assuntos religiosos, mas Levina descobriu que a fé reformada estava incrustada nela de forma indelével, como a gema de ovo que faz secar a tinta para sempre. Ela sabe que é perigoso possuir uma Bíblia em inglês. “Enquanto formos vistos assistindo à missa e erguermos os olhos para a hóstia...” Em meio à pilha de objetos, ela procura um panfleto que lhe fora entregue no mercado, dias antes. “Aqui.” Ela o entrega ao marido.

“Não parece muito perigoso”, diz ele, lendo-o rapidamente e, em seguida, jogando-o no fogo mesmo assim. “Mas nunca se

sabe.” Levina mostra outro panfleto, que vinha usando como marcador de página em um de seus cadernos de esboços anatômicos. As coisas mudaram nos últimos anos, e de tempos em tempos eles tomam todas as precauções.

“Esses aqui não criariam problema, criariam?” Ela abre o caderno na página de um desenho de cadáver dissecado. “Seriam considerados profanos, talvez?”

“No dia em que isto aqui for heresia, Vina, é hora de voltarmos para Bruges.” Ele a aperta com carinho. “E a Bíblia?”

“George, você quer que eu a queime?”

“Melhor queimar isso que queimarem você.”

“Não!” Levina mal pode crer na sugestão dele. “É a palavra de Deus.”

“É”, diz George. “E Ele certamente nos perdoaria. Temos um bom motivo.”

“Você está indo longe demais.”

“Então dê a mim, para que eu a esconda fora de casa. Vou enterrá-la em lugar seguro.”

“A coisa chegou mesmo a esse ponto?”, pergunta ela.

“Ainda não, mas vai.”

Levina tira a Bíblia de um baú de madeira, beijando-a antes de entregá-la, surpresa por se sentir mais leve ao fazê-lo. A precaução do marido a protege, e ela compreende o quanto os três são mais fortes juntos do que separados. Pensa em Frances, abandonada, presa no ambiente hipócrita da corte, tentando manter as filhas longe do perigo. Não admira que escolha desposar o próprio cavaleiro.

“Gosto tanto de você, George”, diz ela.

“Eu sei”, responde ele.

Novembro de 1554, Whitehall

Mary

A mão da rainha é como uma garra. Prende-se a meu ombro e só me resta fazer força para não sacudi-la. A outra está em concha sob a barriga, acariciando-a em movimentos circulares, para o caso de alguém esquecer que ela carrega uma criança. Está radiante, em êxtase, fitando o marido com olhos arregalados.

Meu desprezo por ela é como um demônio escondido atrás de meu sorriso. Ainda sou seu macaquinho de estimação, sempre às ordens, para esfregar seus braços doloridos, ler, fazer pequenos serviços. Parece que já esqueceu que assassinou minha irmã. Não sei se tem consciência ou como consegue viver depois do que fez. Ela acha que agradou a Deus. Não posso acreditar em seu Deus, a quem esse tipo de coisa agrada. Mas corro o terço por entre os dedos quando oramos — a bem-comportada Mary Grey.

Seu espanhol está ao lado dela, pouco à vontade, reclinado para a frente, como fazem as pessoas quando estão sentadas ao meu lado — sim, sei detectar uma expressão de desgosto melhor do que ninguém. A rainha toca a manga da camisa dele e o espanhol se encolhe. Posso ver o quanto está decepcionado com ela e quão pouco a rainha se dá conta disso. O olhar de Felipe é o mesmo de Katherine quando lhe dão um presente de que não gosta, mas é obrigada a disfarçar. Agora que o espanhol chegou, em todo o seu esplendor e altivez, as pessoas parecem mais satisfeitas; ele tem jeito de rei. Atribuem grande importância à aparência, disso eu sei bem.

Estamos na tribuna da pista de equitação de Whitehall, onde todos vamos assistir a uma demonstração de nossos visitantes, de alguma espécie de esporte de combate espanhol. Tenho observado os ingleses nos últimos meses, fazendo o seu melhor para não se deixar impressionar pelos estrangeiros, e hoje não é diferente. Alguns dos nobres espanhóis menos importantes saltitam pelo terreno, travando uma batalha de faz de conta, sacudindo seus floretes, mas ninguém presta muita atenção. O céu está carregado de nuvens, e o ar, frio e úmido, com uma garoa que ameaça se transformar em chuva. Estamos envoltos em peles, debaixo de um toldo, protegidos do mau tempo, enquanto os homens no terreno se arrastam tristemente, sem dúvida desejando voltar para o sol de sua terra.

Eles não gostam da Inglaterra e reclamam a todo instante do tempo, da comida e das damas de companhia. Dizem que nos vestimos mal, que somos muito animadas e simples demais. Isso não os impede de manter os olhos em minha irmã e Jane Dormer como cães famintos. Feria, que é o mais próximo do rei e o mais cavalheiresco deles, parece estar muito interessado em Jane Dormer. Katherine diz que ela daria uma ótima esposa para um homem como ele, por ser boa, meiga e gentil. Sei que é a obediência que faz uma boa esposa, ou pelo menos é o que diz a sra. Poyntz — não para mim, claro, pois todos sabem que nunca me casarei. Preciso lutar para ser dócil, porém, de modo a compensar meus defeitos. Mas imagino o que isso significa para Katherine, que não tem um fio de cabelo de obediência.

Felipe cochicha alguma coisa para a rainha, tão de perto que nem mesmo eu, ainda sentada no colo dela, consigo ouvir. Enquanto fala, seus olhos desviam na minha direção, e pela posição de sua boca posso notar claramente o nojo que sente.

“Mary, querida, nosso joelho dói. Levante-se e sente ao nosso lado.” A voz da rainha tem um tom de desculpas. Ela não sabe o quanto odeio ficar sentada no colo dela, muito menos quanto a odeio. Pede a Jane Dormer que ceda espaço para mim ao lado dela, mas o marido intervém com outro cochicho. Jane Dormer volta para junto da rainha, enquanto sou relegada ao outro lado de Jane, perto de Magdalen Dacre — onde o espanhol pode fingir que não existo. Magdalen faz uma careta e, dando as costas para mim, se esgueira para o mais longe possível, resmungando alguma coisa para a prima Margaret, que contém um acesso de riso. Faço de conta que não me importo. Estou acostumada, mas me importo, sim; só não posso me permitir pensar nisso.

Olho para o outro lado da tribuna, para o lugar onde minha irmã deveria estar, se não tivesse saído de fininho. Procuro pela pista e avisto o vestido escarlate sobressaindo atrás da grande sebe de teixos. Ela provavelmente está com o jovem Herbert. Meia dúzia de espanhóis a cavalo, Feria entre eles, adentra a pista com estrondo, para a vibração do público que aguarda. O rei se levanta, aplaudindo com as mãos acima da cabeça. O restante o acompanha, mas as palmas são ocas. Os cavaleiros estão vestidos como se fossem para a batalha, com couraça no peito e botas, bonetes de formato esquisito com pena e capas negras e volumosas. Cada um deles faz absoluta questão de jogar a ponta da capa por cima do ombro oposto. Em vez de lanças, carregam varas compridas. Alguém grita “Não é grande coisa como arma!”, o que faz a plateia rir, mas não sei qual é a graça. Podem não estar muito bem armados, mas seus cavalos são muito bem cuidados, brilhantes como madeira polida, com pescoços curvados, narinas infladas, a capa balançando, freios e

arreios tão complicados quanto as joias da rainha.

Os cavalos trotam em formação, ziguezagueando, levantando as patas bem alto e sacudindo a cauda, enquanto os cavaleiros atiram as varas uns para os outros, agarrando-as no ar com destreza.

Da multidão vem um grito: “Isso é o melhor que vocês conseguem fazer?”.

“Não conheço essa dança”, diz outro, com a voz esganiçada para imitar uma mulher, despertando gargalhadas.

O maxilar de Felipe se contrai. Ele batuca na cadeira com a unha do indicador. Ficamos todos em silêncio. As zombarias e provocações continuam. Toc, toc, toc. A rainha pega a mão do marido. Ele a repele. Ela balbucia algum comentário sobre a “espetacular” apresentação. O rei reage bufando e virando para o outro lado. As damas mais próximas da rainha, Susan Clarencieux e Frideswide Sturley, que estão atrás de nós, começam a bater palmas, fingindo entusiasmo. O rei se vira e as fuzila com o olhar, paralisando as mãos das duas. A rainha acaricia a barriga. Um dos cavalos, um baio castrado, dá um coice, quase derrubando o cavaleiro, cujo elmo sai voando.

O rei dá risada, até que alguém grita “A mocinha perdeu o chapéu?”, o que faz seu maxilar se contrair novamente e seus olhos borbulharem de ódio.

Seja lá o que os espanhóis estejam fazendo na pista, parei de prestar atenção. Meus olhos se fixam numa cena ao longe, para além da sebe, envolvendo minha irmã. O pai de Harry Herbert, que é o conde de Pembroke, arrasta o filho pelo colarinho. Ao lado deles, está Katherine; perto de Pembroke, ela parece pequenina como uma boneca, e pela inclinação de sua cabeça percebo que está dando alguma explicação. De longe, rezo para

que segure a língua, porque sei muito bem que é daquelas pessoas que falam primeiro e pensam depois. Mas Katherine não consegue se conter.

Ainda segurando a nuca do filho, Pembroke dá um passo largo na direção dela e, com a mão livre, dá-lhe um tapa bem dado no meio do rosto. Katherine tomba na grama, as saias vermelhas se espalhando por cima dela. Mal posso acreditar no que acabo de ver: aquele homem gigante levando embora o filho e batendo daquele jeito na minha irmã. Ele dirá que ela fez por merecer, mas coisas assim são imperdoáveis.

Pergunto a mim mesma o que Jane faria, e sei a resposta antes mesmo de concluir o pensamento. Peço licença à rainha e desço correndo da tribuna, sem avisar *maman*, porque chamar a atenção para o incidente só pioraria as coisas. A reputação de Katherine está por um fio.

A garoa se transformou numa chuva forte, e quando alcanço Katherine minha touca já está úmida e pesada. Ela ainda está sentada na grama. O vermelho do vestido escureceu nas partes molhadas, e ela treme e soluça sem parar.

“Venha, Kitty”, digo, tentando parecer mais velha do que me sinto e tentando imaginar o que Jane diria. “Vamos lá para dentro trocar essa roupa molhada antes que você fique doente e morra.” A touca dela caiu e a franja está grudada em seu rosto. Na bochecha há a marca vermelha no formato da mão daquele homem. Ela ainda está soluçando, com os ombros curvados, e só então percebo que o laço da touca está desfeito, obrigando-a a segurá-lo.

Ela me deixa atar a touca e levá-la em silêncio para os aposentos de *maman*, que ficam bem longe da pista de equitação. De tão pesadas, minhas roupas dificultam a caminhada, de modo

que ao chegar estamos completamente exaustas. Agitados, dois dos cachorros de Katherine vêm nos receber; ela se agacha para fazer carinho neles, dando a impressão de ter esquecido por um instante o sofrimento.

“Stan, Stim, onde estão os outros?”

“*Maman* os deixou com um dos cavaleiros. Os filhotes estavam comendo as roupas penduradas.”

“Hércules também?”

Confirmo. Minha irmã tem um enorme carinho por seu macaquinho de estimação. Às vezes acho que ela sente tanto amor que não sabe o que fazer com esse sentimento. Os bichos são loucos por ela. Fico imaginando como deve ser extravasar assim as emoções. Sou tão comedida. Isso não quer dizer, porém, que eu não sinta nada.

Chamo um dos serviçais, que chega com um balde de carvão incandescente para acender a lareira. Em pouco tempo nos livramos das roupas molhadas e sentamos diante do fogo. Katherine veste seu melhor penhoar de seda e o bonito xale de *maman*, enquanto fico enrolada em um cobertor de lã. Dividimos um chá quente, passando a xícara uma para a outra, bebericando, com medo de queimar a boca.

“Você precisa desistir dele”, digo.

Katherine ignora aquilo. “Ele é meu marido.”

“Não é *não*, Kitty. Você nunca vai ganhar essa.” Sei que o casamento dela foi parte do complô de Northumberland, pois no mesmo dia casaram Jane com Guildford Dudley.

“Mas nós nos amamos.”

“Isso não faz a menor diferença”, aponto. O rosto dela está desfeito em lágrimas.

“Pembroke disse que fiquei maculada pela traição de meu pai

e minha irmã, e que não vai deixar que isso manche seu nome.”

Não sei o que responder, mas outra parte da história de minha família começa a ficar clara. Pembroke deve ter virado a casaca para salvar a própria pele quando a rainha afastou Jane, e é por isso que ele não quer nenhum vínculo com os Grey — nós somos a prova de sua deslealdade.

“Pelo menos papai teve a coragem de morrer por aquilo em que acreditava”, acrescenta ela, limpando com a manga o nariz.

Não estou tão certa de que meu pai fosse o homem que Katherine pensa que era. Ele se juntou aos rebeldes contra a Coroa e foi pego fugindo. Isso foi o que *maman* contou. Mas ficar repetindo isso não vai abrir os olhos de minha irmã, porque Katherine o idolatrava. Lembro-me de uma coisa que *maman* disse uma vez, sobre como a mácula da traição era a única coisa que poderia impedir Katherine de se ver carregada até o trono.

“A posição da rainha é frágil, *chérie*”, *maman* disse. “E não faltam reformadores que gostariam de vê-la derrubada.”

Mas minha irmã não está pensando no trono nem no perigo que nos ronda em silêncio. A ideia de estar apaixonada domina todo o seu ser, não deixando espaço para mais nada. Acho que todos nós temos um jeito próprio de esquecer, de evitar a verdade.

Maman acredita que se casar é uma saída. “Vai afastar o perigo”, ela nos diz. Mas por enquanto não haverá casamento, porque é cedo demais, e de toda maneira a rainha nos mantém sob constante vigilância. Ela escondeu Elizabeth em Woodstock, na esperança de que seja esquecida por todos. Mas não há como esquecê-la, todos cochicham a respeito dela, e isso é bom para nós, porque enquanto os reformadores estiverem concentrados em Elizabeth, nós, as Grey, ficamos em segundo plano. Ou pelo

menos é o que diz *maman*.

“Venha, Kitty, vamos nos vestir, porque logo todo mundo vai voltar.” É uma tentativa de afastar os problemas da cabeça dela. “O que vai pôr? O vestido azul? Fica muito bem em você.”

Ajudamos uma à outra a se vestir, atando nós, apertando as mangas, endireitando o cabelo e colocando-o dentro da touca. Gosto quando Katherine me ajuda a me vestir, porque está acostumada com minha forma anormal e toca em mim o mínimo possível. Nem mesmo a gentil Peggy Willoughby, que normalmente me auxilia, é capaz de conter a curiosidade, e dá para notar o esforço que faz para não ficar reparando em meu corpo estranho.

“A prima Margaret vai se casar”, anuncia Katherine, como se estivesse pensando em voz alta. Eu tinha ouvido falar que Margaret Clifford estava prometida, mas não quis contar à minha irmã, receando incomodá-la. “Henry Stanley”, diz, bufando. “O menino não consegue ficar com a mão parada. Para ela, está ótimo.”

Não digo nada; quando Katherine desanda a falar, não há nada que a impeça.

“E *maman*!” Ela dá um soco no próprio joelho, e o que resta do chá derrama no chão, fazendo Stan e Stim correrem para lambar. “O que será que ela viu em *Stokes*? *Quem* é ele, afinal de contas?”

“É um bom homem”, digo, e na mesma hora me arrependo por tê-la atido.

“*Bom*”, diz Katherine, como se a palavra tivesse um sabor amargo. “Ele não é nem...” Ela resolve não terminar a frase.

“Adoraria que você aceitasse isso, Kitty, porque vai acontecer, quer você reclame ou não. Além disso, *maman* anda mais feliz,

você não acha?”

“Hunf!”, exclama ela, puxando Stan para o colo, segurando o focinho contra o rosto e dizendo, com voz de bebê: “Você também não gosta dele, né, Stannie?”.

Eu me levanto e vou até a janela. “Parou de chover.” Faço um rabisco com o dedo no vidro embaçado.

Katherine continua se queixando. “*Além disso*, Ratinha, o tal de Fera, você o viu, o espanhol... o bonitão... Ele está de olho em Jane Dormer. Não que *ela* tenha reparado... *Todos* querem se casar com Jane Dormer. Thomas Howard fica o tempo todo em cima dela.” Ela se livra do vestido, deixando-o cair no chão, e escolhe outro, enfiando-se nele e alisando-o. Em seguida escolhe um dos colares de *maman* e o coloca no pescoço, então pega um espelho para se admirar com ele, virando a cabeça para lá e para cá e apertando os olhos. Depois diz, suspirando: “Todas as damas da rainha vão se casar, e eu vou ficar esquecida na prateleira”.

“Você só tem quinze anos. É difícil chamá-la de velha. Além do mais, *eu* vou sobrar com você. Então não vai estar sozinha.”

“Desculpe, Ratinha”, diz, empurrando Stan para o chão. Katherine corre para o batente da janela e se senta no parapeito para ficarmos na mesma altura, então oferece o dedo mínimo para que eu o segure. “Falei sem pensar; não é muito gentil da minha parte me preocupar tanto com meu próprio sofrimento quando...” Ela não termina, mas o que quer dizer é: *quando você é deformada demais para atrair quem quer que seja*.

Katherine tira a aliança e diz: “Toma”. Então ergue minha mão carinhosamente e a enfia no meu dedo médio. “Suas mãos e seu rosto são lindos. Você pode ter baixa estatura, mas sua inteligência é enorme; pode ser aleijada, mas é doce e bondosa.” Katherine faz uma pausa, e consigo ver as lágrimas brotarem de

novo no canto dos seus olhos. “*Eu não sou doce nem boa. Você vale por dez de mim.*”

Quando ela me diz isso, sinto um nó na garganta. Não sou dada a chorar, mas o carinho de minha irmã me entenece.

“*Além disso*”, ela acrescenta, “tem Cláudia, que foi rainha da França. Não ouviu falar dela? Era corcunda como você, mas se casou com o rei François... e ainda era vesga de doer.”

Balanço a cabeça, respirando fundo para reprimir meu sentimento. Não sei se quero ouvir falar de Cláudia da França, porque saber de uma rainha corcunda me deixa mais insegura dentro de meu corpo recurvo.

“O que aconteceu com ela?”, pergunto.

“Não sei”, responde ela. “Mas foi mãe do rei seguinte, e deram o nome dela a um tipo de ameixa.”

“Uma ameixa”, repito, pensando no quanto essa fruta é ordinária. “Que fruta será que vai ter meu nome? Teria de ser uma amarga e cheia de espinhos como eu.”

“Ratinha! Você não é assim.”

Mas na minha cabeça *sou* assim.

“Seus olhos são perfeitos. Está vendo? Nem tudo está perdido. E você tem sangue azul, como a rainha Cláudia, então...” Ela deixa as palavras soltas no ar e abre os braços, como quem mostra que o mundo inteiro pode ser meu.

“É, Kitty”, respondo, apenas para agradá-la, disfarçando minha mágoa. “Nós duas temos sangue azul.” Isso a faz sorrir, e quando minha irmã sorri é como se o sol tivesse aparecido. Ouvimos os passos das pessoas voltando da pista de equitação. “Estão vindo cear. É melhor voltarmos, antes que deem pela nossa falta.”

Caminhamos juntas, unidas pelos mindinhos, até o salão onde as mesas foram postas. Todos estão chegando. Observo minha

irmã esticando o pescoço, à procura de Harry Herbert. Apenas seu pai está ali, e percebo a decepção no corpo retesado de Katherine. *Maman* está em cima do estrado, onde o rei e a rainha recebem os comensais, chamando nós duas. Respiro fundo e Katherine me ajuda a subir, porque os degraus são altos demais para mim. Fazemos reverência diante de Suas Majestades, e o fato de que trocamos de roupa, enquanto todos os demais vieram direto das justas, desperta comentários. Felipe se desloca de onde os homens estão reunidos e a rainha dá um tapinha no próprio colo — a deixa para que eu me sente nele, voltando a desempenhar meu papel de macaquinho de estimação.

Fevereiro de 1555, Smithfield/ Whitehall
Levina

O cavalo de Levina abre caminho em meio à multidão. A presença do cavaliário, logo à frente, é motivo de alívio para ela, porque o clima é de violência. Eles avançam na direção oposta do mar de gente que vai para Smithfield, onde ela acabou de ir buscar pigmentos novos com seu fornecedor, numa lojinha escondida atrás da igreja St. Bartholomew. Levina é esperada em Whitehall, onde o cardeal vai posar para ela. Receia chegar atrasada e cair em desgraça, mas a multidão fica cada vez maior e mais agitada. Horas antes, Levina passou pela praça do mercado e viu a estaca instalada no meio dela, esperando o prisioneiro que viria para ser amarrado e queimado. É o destino que aguarda o prebendeiro da catedral St. Paul, que se recusou a negar sua fé. Levina cruzava com ele às vezes na cidade. Sempre lhe pareceu um homem sensato, de modos corteses. Ela tenta

não pensar nisso, mas conjectura se é uma coincidência que as fogueiras tenham começado tão logo o cardeal voltou de seu prolongado exílio em Roma, além de terem sido restituídas as antigas leis contra a heresia.

O cavalo se assusta com um grande alarido e empina, quase atingindo com os cascos desgovernados a cabeça de um homem, que grita “Controle essa maldita fera!”, brandindo o punho e arreganhando os dentes como um vira-lata.

Levina tem dificuldade com sua nervosa montaria, ainda mais agitada pela gritaria, e fica feliz quando o cavaleiro segura a rédea, aproxima-se e sussurra algo ao ouvido do cavalo, acalmando-o.

Outra algazarra começa na praça. “Oh, Deus!”, ela grita, deixando as palavras escaparem sem querer da boca. Provavelmente o prisioneiro está chegando. Levina tinha esperança de evitar a cena, mas ficou presa em meio à multidão que se acotovela em busca de um lugar para assistir ao espetáculo. Ela reza para que tudo termine rapidamente, aliviada pelo vento forte que ajudará o fogo a queimar bem, e espera que alguém tenha dado ao homem uma bolsa com salitre, para que queime ainda mais rapidamente. Levina sente um peso nas tripas — um homem tão pacífico chegando ao fim dessa forma. Nunca assistiu a uma fogueira, nem quer.

Ela olha para trás, para conferir se Herói conseguiu acompanhá-los; as orelhas dele estão apontando para trás e dá para ver o branco dos olhos. Até o cachorro tem a sensação de que vem algo ruim pela frente, além da turba enfurecida. Ele sente a sede de sangue. Levina ouve um grito torturado, vê um rolo de fumaça subindo e deseja não ter virado. Sopra na direção deles, entra pelas narinas, o cheiro da madeira queimando e

aqueles gritos terríveis, que a atingem no coração. Então, vem um cheiro de porco assado, que perversamente faz sua boca salivar. Enojada pela reação do próprio corpo, Levina sente os olhos arderem e aperta um lenço contra o rosto para não deixar o cheiro passar. Felizmente a massa começa a dispersar e eles podem acelerar o ritmo.

O cardeal Pole está sentado diante dela, com as mãos nos joelhos. Ele não pronunciou uma palavra sequer; é como se Levina não existisse. Talvez não aprecie ser retratado por uma mulher. Mas é uma encomenda da rainha. Portanto, não tem voz na questão. O cardeal evita encará-la. Os olhos fundos e castanhos passam uma impressão de doçura, mas Levina tem certeza de que é enganosa. Ela não consegue tirar da cabeça aquele cheiro terrível, que ficou impregnado em suas roupas. Receia nunca mais se livrar dele e ser amaldiçoada pelo som daquele urro angustiado, ecoando para sempre dentro de sua mente.

Cinco outros prisioneiros aguardam o mesmo destino na semana seguinte, e esse é apenas o começo. O arcebispo Cranmer foi preso. Eles querem transformá-lo num exemplo — *ele*, que anulou o casamento de Henrique VIII com a mãe da rainha, transformando Mary Tudor em bastarda. Agora, a rainha terá sua revanche. Levina gostaria de saber até que ponto tudo isso é obra do homem sentado diante dela, até que ponto é do rei e até que ponto é da rainha. Ela passou a assistir à missa todos os dias, mesmo quando está longe da corte, pois nunca se sabe quem pode estar olhando, e o bispo Bonner tem olhos espalhados por toda parte. George fez bem em se livrar da Bíblia em inglês.

Ela abaixa o pincel para olhar mais atentamente para seu modelo, notando os jogos de luz na pedra do anel e estendendo distraidamente a mão para acariciar a orelha de Herói. Pole tem uma barba abundante, que obscurece seus traços, tornando mais difícil capturá-los. Ela tenta desvendar o olhar daquele homem que jamais a encara. Precisa se esforçar para retratá-lo. Por isso, concentra-se na reprodução da cor de suas vestes e mistura uma pasta de pigmento vermelho, observando com cuidado como o cetim escarlata tem um brilho quase branco e escurece nas dobras, adquirindo a cor do sangue.

Levina quebra um ovo, deixando a clara escorrer pelos dedos sobre uma tigela e enrolando na palma da mão a gema mole, para que seque um pouco e fique com uma textura mais espessa. Ela pega a faca e corta a membrana da gema, fazendo-a gotejar sobre o pigmento e mexendo rapidamente, até que atinja a consistência exata. Olha de novo para as vestes do cardeal e adiciona uma pitada de cádmio. Tem usado pouco a têmpera a ovo, mas este retrato, com tanto púrpura, a exige. Ela ouve a voz paterna: “Daqui a mil anos ainda vai brilhar”. Ele dissera isso em mais de uma ocasião.

Levina começa a aplicar a cor em minúsculas pinceladas cruzadas. O cardeal suspira profundamente, remexendo-se no assento. Isso muda a posição do seu hábito, o que a irrita, porque achava estar a ponto de conseguir alguma coisa com seus pigmentos vermelhos. Um dia Levina viu um gato morto que pendia de uma forca, no caminho do mercador de velino, em Cheapside. Alguém tinha vestido o bicho com os hábitos do cardeal. Depois de seis anos de reforma constante, sob o menino rei Eduardo, ninguém podia achar que a transição da Inglaterra de volta à fé católica seria tranquila. O povo não é tão maleável,

e Levina começa a acreditar que tinham razão aqueles que temiam que os espanhóis trouxessem a Inquisição. Há um sentimento palpável de medo em toda a cidade, e ela também se pergunta se o povo começou a lamentar a escolha de Mary Tudor; talvez comesçassem a maldizer o dia em que rejeitaram Jane Grey.

Os ingleses estão em busca de alternativas; receiam virar um apêndice da Espanha católica. Aventa-se o nome de Elizabeth, assim como o de Katherine Grey. Muita gente gostaria de ver uma das duas de imediato no trono. Não admira que Frances tenha adoecido de preocupação. Levina gostaria que houvesse algo que pudesse fazer para ajudar. O rei quer que Elizabeth se case com o duque de Savoia, primo dele, e seja enviada em segurança para o continente. Mas a jovem reluta, e a vontade dela parece mais forte que a de todo o conselho privado junto. Por isso, ela apodrece em Woodstock, longe do perigo e atentamente vigiada. Enquanto Elizabeth não se casar e permanecer nestas terras, há menos perigo para Katherine. O herdeiro católico que a rainha traz no ventre ainda pode salvar os Grey, sobretudo se for um menino. De cabeça, ela faz a conta: seis meses inteiros desde o casamento — o bebê já deve estar meio encaminhado. Ela guarda a tinta púrpura, limpando o pincel num pedaço de pano.

As mãos do cardeal formam uma ligeira garra, as juntas amareladas como uma noz descascada. Levina observa uma vez mais a inconstância dos olhos dele, a forma como se recusam a encontrar os dela. O que se esconde por trás daquela barba, daquele risco rosado que é sua boca? Ela pega um pincel mais fino para retratar a grosseira cabeleira castanha, tecida em tranças duras. É uma tentativa de encontrar a verdade nos

detalhes. Concebe um estilo mais solto, sugerindo um cenário ou uma pessoa em vez de buscar verossimilhança. É algo que sempre discutia com o pai: a forma como existe algo, uma essência, um movimento, que, por mais que pareça com a vida, não se pode capturar. Levina sente, toda vez que tenta ser realista, que precisa reproduzir não apenas o que vê, mas também o que não pode ser visto. Subitamente, a luz diminui e ela olha pela janela, onde se formam nuvens pesadas, escuras como lama, que esmaecem o tom da pele do cardeal e adquirem um matiz cinzento e pouco atraente. Ela se surpreende pensando que felizmente a chuva não caiu pela manhã, pois a madeira molhada teria tornado ainda mais demorada a morte do pobre homem. De repente, Levina se dá conta da ironia do próprio pensamento — não há nada de feliz nisso, no máximo insignificamente melhor.

“Receio que a luz tenha acabado, Vossa Eminência”, diz ela. “Posso solicitar uma hora a mais de seu tempo amanhã?”

Finalmente ele olha para ela e diz “Mostre-me”, esticando uma mão na direção da pintura.

Em geral, Levina não permite que seus modelos se vejam inacabados, exceto quando os conhece bem, mas o tom do cardeal a impede de recusar. Por isso, ela tira do cavalete o retrato, que não é dos maiores: menos de meio metro de ponta a ponta. Segurando-o cuidadosamente pelas bordas, para não borrar a tinta fresca, Levina o apresenta. O cardeal estica o pescoço.

“Mais perto.” Ele fala com ela como quem manda um cachorro realizar um truque. Levina se aproxima, sente o cheiro de incenso impregnado na roupa dele e vê com mais clareza o rosto cadavérico. O cardeal observa a pintura durante algum

tempo em silêncio, aparentemente satisfeito, o que para ela é um alívio, pois não tentou embelezá-lo, como faz com alguns. Então ele estica um dedo na direção da cuidadosa reprodução de sua barba. “O detalhamento”, diz, mais para si do que para ela. Mas, ao falar, ele se estica demais e toca a pintura, destruindo os pelos finos que Levina passara quase uma hora inteira retocando e deixando uma marca avermelhada no próprio dedo. “Oh... Eu... Eu não...” Ele parece incapaz de expressar um pedido de desculpas, embora esteja claramente envergonhado pela própria obtusidade. Por uma fração de segundo adquire o ar de um homem idoso e desajeitado, e ela pensa ser gentileza ou algo parecido o que enfim enxerga naqueles olhos.

“É fácil refazer, Vossa Eminência”, diz ela, entregando-lhe um pano para limpar a mão. Pelo menos agora o cardeal não pode se recusar a posar de novo. Levina começa a limpar os pincéis, esfregando o excesso de tinta com um pano e destampando a garrafa de álcool. Isso lhe atíça os olhos e faz um cheiro acre invadir a sala inteira. Com o canto do olho, ela vê o cardeal estalar os dedos com força para chamar o pajem. Levina quer examiná-lo quando não se acha observado, tentando descobrir um pouco mais do homem através de brechas ocasionais por trás do verniz. Enquanto o rapaz o ajuda a levantar do assento, os joelhos artríticos do cardeal parecem ranger como as dobradiças de uma porta velha. Os dois atravessam o cômodo, com o cardeal pesadamente apoiado no menino. Levina faz uma reverência profunda quando eles passam, e ele a surpreende ao parar e dizer com um sorriso indecifrável: “Foste abençoada com um dom, sra. Teerlinc. É um sinal de que tens os favores de Deus”.

“Muito agradecida pelas gentis palavras, Vossa Eminência.” Ela

nota que o cardeal percebeu, com um aceno quase imperceptível, o terço que pende de sua cintura. É antigo, relíquia da avó, e as contas de madeira estão desgastadas pelo uso. Imagina que ele veja no desgaste um sinal de sua fé — nesta terra, de um jeito ou de outro, todos dissimulam.

“A rainha pode arrumar um posto de dama de companhia para ti”, diz ele.

“Eu não aceitaria tamanha honra, Vossa Eminência, não sou nobre de nascença.”

“Nobre de nascença”, repete ele. “Muitas damas bem-nascidas não têm as maneiras tão finas.” Ele para, pousando os olhos nela, então acrescenta: “Ela precisa de outras como ti em seu entorno”. Tendo dito isso, inclina-se para dar um tapinha na cabeça de Herói e sai, ainda apoiado no pajem, enquanto Levina pondera se ele ainda vai considerá-la tão abençoada quando descobrir sua relação tão próxima com as Grey. Mas talvez agora que a família foi quase inteiramente dizimada e Frances e as meninas convenceram a todos de que estavam de volta a seu devido lugar, a conexão não seja tão prejudicial quanto antes.

Depois que ele sai, Katherine Grey entra, esgueirando-se pela porta. Seus olhos estão inchados e ela aperta um lenço na mão. Levina tem visto a moça chorar um bocado por causa do filho de Pembroke. Ela tenta se lembrar de como é lamentar um amor perdido, mas é um sentimento difícil de conceber — nunca foi dada a grandes paixões. A moça, no entanto, parece dominada por elas.

“Há algo que eu possa fazer por você, Katherine?”, pergunta Levina.

“O cardeal está com um ar muito soturno”, diz Katherine, olhando para o retrato.

“Você não acha que ele é um tanto soturno?”

“Imagino que sim. Deve ser de tanto rezar.” Ela pega na caixa um pote de pigmento, tira a rolha e a segura contra a luz. “Qual é o nome deste?”

“Amarelo de estanho”, diz Levina.

“É da cor do limão-siciliano. Bem alegre.” Enquanto ela diz isso, seu rosto parece prestes a se desfazer.

“Venha aqui, Katherine.” Levina abre os braços e a moça se deixa envolver por eles. “Outros virão”, ela murmura, acariciando os cabelos da jovem.

“Mas meu coração dói. Eu me sinto como uma donzela de poema, partida ao meio.”

Levina tem vontade de dizer que isso passa, que um dia ela vai olhar para trás e não sentir nada, mas sabe que Katherine não vai acreditar, pois nada altera os sentimentos de uma moça. Então ela apenas a abraça em silêncio por algum tempo, até Katherine dizer: “*Maman* está procurando você”.

Frances está em seus aposentos com uma costureira, examinando vários pedaços de pano pendurados em fileira contra a parede.

“Vina, *ma chère*”, diz ela com um sorriso simpático, “como é bom vê-la. Ninguém entende tanto de cores como você. Mary precisa de um vestido novo para o casamento da prima Margaret.”

Levina percebe o rosto de Katherine contraído ao ouvir a menção ao casamento — o que não surpreende, dada a maneira como foi arrancada de seu jovem esposo. Frances estende um retalho de tecido adamascado rosa profundo, junto com um quadrado de crepe cetim. “O que acha destes dois juntos?”

“Acho que é muita coisa de um tom só. O crepe fica melhor com isto.” Levina pega um rolo de veludo azul-escuro. “As cores combinam mais.”

“Você tem razão, sempre tem.” Frances vira para a costureira, orientando-a a fazer a parte da frente com o crepe e um vestido de gola alta com o veludo, explicando precisamente como disfarçar o aleijão de Mary ao fazer a costura de trás de um jeito e o colarinho duro na nuca, com uma pequena gola engomada para encobrir os ombros curvados. “O ideal seria tirar as medidas dela, mas Mary está com a rainha e não sei se vai dar tempo. Use isto.” Frances lhe entrega um vestido velho da filha.

“Por Deus, é menor que um vestido de boneca”, exclama a mulher, atraindo um olhar severo de Frances. “Perdão, milady, eu estava apenas...”

“Eu sei”, interrompe bruscamente Frances, afastando-se da mulher e se aproximando da filha. “Agora, Katherine, você não deveria estar nos aposentos da rainha, *avec ta soeur*?” Então ela se dirige a Levina: “Vamos dar um passeio enquanto a sra. Partridge junta as coisas dela. Temos assuntos a tratar”.

Pobre sra. Partridge! Toda apressada e intimidada diante da firmeza e eficiência de Frances. Para quem não a conhece bem, pode ser bastante amedrontadora; há quem se assuste somente com sua fama, mas é verdade que a frieza de pedra dos seus modos esconde a gentileza e a lealdade profundas que traz consigo, e Levina é uma das poucas pessoas que enxergam isso.

Frances passa-lhe uma estola de pele de esquilo. “Está frio lá fora, mas a galeria está cheia de ouvidos atentos. Você se incomoda, Vina?”

“Um pouco de ar não cairia mal”, responde Levina, enquanto ambas se enrolam em suas peles.

“Je peux imaginer...” Você estava pintando aquele homem. O ar deve ficar irrespirável com ele na sala.”

“É verdade”, diz Levina. “Mas tenho a impressão de que pode haver algo além das aparências.”

“Duvido”, diz Frances, com um muxoxo. “O fanatismo pela fé corre pelas veias dos Pole como os veios correm pela madeira.” Ela faz uma pausa. “Parece que a rainha gosta dele, mas até aí nada mais natural; o cardeal devolveu a Inglaterra ao papa.”

Ela sai primeiro, pelos fundos, descendo a estreita escada em espiral que leva dos quartos para a entrada leste. No jardim, acabou de chegar um mensageiro, completamente enlameado, descomposto e atirando as rédeas para um dos cavaleiros antes de subir os degraus de três em três. Levina se pergunta que notícia estará trazendo; algo relacionado à guerra do imperador contra os franceses, supõe. O rei anseia por sangue em sua espada, mas o que se comenta é que permanecerá na corte até que nasça o bebê.

As árvores do pomar formam uma silhueta escura contra um céu de fevereiro espesso como um caldo. As toupeiras destruíram metade do gramado, deixando enormes montes de terra que duas mulheres tentam consertar. Levina consegue imaginar a umidade penetrando em seus calçados. Por fim, elas chegam a um pavilhão. De um lado, ele é aberto, descortinando uma vista do palácio; no alto, há um pombal, onde são realizados eventos quando o tempo ajuda, com o aroma das flores do campo e o arrulhar dos pombos servindo de serenata. Hoje está úmido e com um leve odor de urina, mas não incômodo o bastante para obrigá-las a procurar lugar melhor. As duas se instalam num banco frio. No chão, há um monte de penas brancas espalhadas de forma assustadora — uma raposa

deve ter apanhado um pombo.

“É bom sair daquele lugar”, diz Frances. “Às vezes tenho a impressão de que as paredes vão me esmagar.” Levina olha para a amiga. Ela está magra e pálida, com olheiras escuras como hematomas.

“Quando você vai se casar?”

“Na primavera, creio. Terá feito um ano que o duque...”

Levina balança a cabeça, compreendendo que ela impôs um período de tempo respeitável desde a execução do marido para se casar com outro.

“Tudo vai ser feito sem alarde.”

“E você será a sra. Stokes.” Levina ri ao dizer isso. As duas riem, na verdade, por saber que, embora vá perder sua posição na corte, todos ainda pensarão em Frances como a duquesa de Suffolk, prima em primeiro grau da rainha, mesmo que casada com um plebeu.

“Açam que ele está atrás de meus bens, mas, por mim, pode ficar com tudo o que tiver sobrado. É um preço baixo a pagar para me tirar dessa *folie*.” Ela sorri, e Levina enxerga brevemente em seu rosto o fantasma de Jane.

“As meninas vão com você?”

“É sobre isso que eu queria falar, Vina”, responde ela. “A rainha disse que as quer na corte, pelo menos Katherine.”

“Ela tem medo de outra insurreição”, diz Levina, pensando em voz alta. “De que uma facção reformadora queira colocar Katherine no trono.” Ela imagina, como faz constantemente, a moça como rainha. Soa um tanto ridículo, mas até aí tudo que a maioria das pessoas quer é uma princesa com sangue azul e um útero em bom funcionamento.

“A rainha se sente segura com aquele bebê no ventre, e eu

acho que está certa.” Frances abre e cerra os punhos no próprio colo. “Não chegou a dizer nada, mas deve ser esse o motivo.”

“As pessoas acreditam mesmo que Katherine voltou a ser católica, não acreditam?”

“Acreditam, *grâce à Dieu*; todos eles agora nos veem como bons papistas. Mas sabe como é.” Levina sabe, de fato, como é. “Eu a convenci a me deixar ficar com Mary”, prossegue Frances. “Ninguém pensa nela como uma ameaça. Por isso, vai comigo para Beaumanor e só será solicitada ocasionalmente. Katherine vai ter aposentos próprios.”

“Assim não fica nos quartos das damas, sob o olhar severo da sra. Poyntz.” Levina fica pensando se é uma boa ideia dar tanta liberdade à moça.

“Eu sei. É uma honra.”

“Eu diria que é mais um mal do que uma bênção.”

Frances concorda. “Você vai ficar de olho nela, Vina? Temo que, longe de mim, ela se meta em Deus sabe que tipo de confusão. Katherine é tão impulsiva!”

“Claro que vou. Você sabe que suas meninas são parte da família. Vou cuidar dela como se fosse minha filha.”

“Essa história toda com o jovem Herbert tem me preocupado muito. Pembroke veio falar comigo.”

“Oh, não”, diz Levina. Ninguém nunca apreciava o que Pembroke tinha a dizer.

“Ele mandou o rapaz embora. Acho que logo, logo vai lutar contra os franceses. Isso vai tirá-lo da órbita de Katherine. Preciso me dedicar a achar outro par para ela, embora atualmente seja difícil encontrar alguém disposto a se unir aos Grey.”

Levina pensa em Harry Herbert. Deve ter a idade de Marcus,

tão longe ainda de ser homem de verdade. Não pode deixar de pensar em todos os rapazes ingleses, filhos de membros da corte, sendo preparados para combater na guerra do imperador. Ela os vê, às vezes, na pista de equitação, brincando como cachorrinhos, rindo, com seus jovens rostos ainda imberbes, braços e pernas esbeltos, a falta de jeito da juventude, testando a própria coragem como quem prova uma roupa nova. Para ela, é insuportável pensar nas coisas que vão ver, em como vão sofrer. “Vou me certificar de que Katherine fique longe de confusão, Frances. Prometo.” Para reforçar suas palavras, ela a encara.

“Tem mais uma coisa”, diz Frances, baixando o tom de voz, embora não haja mais ninguém que possa escutar. Ela tira da manga uma folha de papel dobrada e a entrega a Levina. “Leia.”

“O que é isso?”, a outra pergunta, abrindo o papel e pondo os olhos em uma página de texto cuidadosamente redigido. *Enviei-te, Katherine, minha boa irmã, um livro que, embora não seja folheado a ouro por fora, por dentro vale mais que uma pedra preciosa...* “É a carta de Jane.” *Há de ensiná-la a viver e a morrer.* A lembrança daquele momento retorna indomável à mente de Levina: Jane procurando às cegas onde apoiar a cabeça e o jorro púrpura. “Oh, Frances”, diz ela, com uma voz vacilante.

“Copiei do Novo Testamento em grego de Jane.” Ela faz uma pausa. “Vou lhe pedir uma coisa, Vina, mas saiba que pode recusar se quiser. Não vou condená-la. Sua amizade me é muito cara.”

“Peça”, diz ela. “À vontade.”

“Você conseguiria, de algum jeito, enviar isto a Bruges? Talvez pudesse seguir escondido em um pacote para sua família. Posso pedir para pegarem e enviarem a Genebra. Lá existe um homem, Foxe, que cuidará de imprimir.”

A emoção toma conta de Vina, e ela não consegue responder com nada além de um aceno de cabeça.

“*Merci*. Do fundo do meu coração, obrigada.” Frances puxa a amiga para abraçá-la. “Não vou deixar que seja esquecida. Ela vai brilhar como um farol para a nova fé. Assim como os católicos têm sua Virgem, a Igreja reformada terá sua mártir em Jane Grey. Não posso me manifestar, mas a voz de *Jane* cantará no além-túmulo.”

Levina dobra o papel com cuidado e o esconde sob o vestido. Apesar de todo o risco que possa correr se envolvendo nisso, sente-se na obrigação de realizar o desejo de Frances — assim a morte daquela pobre menina fará algum sentido.

Abril de 1555, Hampton Court

Katherine

“Harry Herbert, Harry Herbert, Harry Herbert.” Esfrego o pedaço de fita cinzenta nos meus dedos; já está quase em farrapos agora, e faz meses que não o vejo nem recebo uma carta. Guardo a fita e reprimo meus pensamentos. Se ficar pensando demais nele, vai começar de novo a choradeira, e acabei de me recompor.

Elizabeth está conosco, graças a Deus, porque estávamos todas enlouquecendo de tédio à espera do bebê da rainha, que parece não querer nascer. Não tem dança, não tem música; ela repousa em seu leito e todas aguardamos em silêncio a maior parte do dia. Mesmo quando o tempo está bom lá fora e poderíamos andar a cavalo ou passear pelos jardins, temos de ficar neste quarto sombrio, forçando a vista à luz da vela, bordando um pedaço de pano que vai enfeitar o berço da criança ou rezando

para que o parto seja seguro.

Mas a presença de Elizabeth nos proporciona um assunto: a forma como o rei, em pessoa, insistiu para que ela viesse à corte; a viagem que fez de Woodstock e como o vento forte a obrigou a se proteger sob uma cobertura para ajeitar a touca, que quase foi pelos ares; como ficou inchada com o excesso de líquido e mal podia aguentar duas léguas por dia em sua liteira; como, ao chegar aos arredores da cidade, toda de branco e acompanhada por duzentos cavaleiros, uma enorme multidão foi saudá-la. Quando a rainha soube disso, fez com que a vestíssemos com seu melhor vestido folgado e postou-se de perfil no balcão para que a massa lá embaixo pudesse ver sua enorme barriga.

Era como um jogo de cartas: Elizabeth tinha uma boa mão, mas a da rainha era ainda melhor. Afinal, o que pode superar um bebê real? No entanto, agora parece que é a rainha que se recusa a jogar; ela não quer que sua irmã atraia a atenção. Elizabeth está confinada em seus aposentos, que são melhores que os meus, com vista para as fontes do jardim. Ninguém tem autorização para visitá-la, mas a prima Margaret parece desesperada para pôr os olhos na prisioneira. Finjo não me importar, mas, a bem da verdade, tenho tanta vontade quanto a prima Margaret de dar uma espiada em Elizabeth, pois até hoje só a vi de longe.

“Não vejo nenhum motivo para não podermos lhe fazer uma simples visita”, digo.

A prima Margaret responde, horrorizada: “Nenhum motivo? A rainha proibiu, Katherine”.

“Você tem medo?”, pergunto, sabendo muito bem que não suporta essa acusação.

“Claro que não”, ela retruca, sacudindo a cabeça.

“Então vai me acompanhar.”

Margaret hesita um pouco; está pensando se é uma boa ideia, mas eu a coloquei contra a parede sem não ter como escapar. “Certamente”, diz ela, com um olhar que nem de longe aparenta certeza.

Então eu a pego pela mão e a conduzo até o corredor oeste, onde ficam os aposentos de Elizabeth. Na porta há uma dupla de guardas, mas por sorte conheço um deles, que foi pajem de meu pai em Bradgate durante algum tempo.

“Humphrey”, digo, com meu melhor sorriso.

“Milady”, responde ele, as bochechas ficando coradas como vinho derramado em uma toalha branca, indicando que meu sorriso teve o efeito desejado. Pouso minha mão brevemente sobre a manga de sua camisa. Ele cora ainda mais. Seu colega parece mais constrangido que ele; são homens acostumados a ser invisíveis para moças como nós, e a prima Margaret, obedecendo minhas instruções, fica olhando para eles por mais tempo do que seria decoroso.

“Humphrey, você consegue guardar um segredo?”, pergunto.

“Se for vosso segredo, milady, então estará em segurança comigo.”

“Muito bem”, digo. “Então vai permitir que entremos para ver Lady Elizabeth e não dirá uma palavra a ninguém.”

“Mas, milady...”, ele começa.

“Humphrey”, digo, em tom de falsa bronca, batendo de leve os cílios. “Espero que não me decepcione.”

“Morreria antes de vos decepcionar, milady.” Tenho a sensação de que pode haver um fundo de verdade no que ele diz. “Mas”, prossegue, “Lady Elizabeth tem visitas.”

No instante em que ele pronuncia essas palavras ouve-se uma

batida na porta. A prima Margaret e eu saímos correndo para uma canhoneira. Ali, segurando o riso, escancaro a janela e olho para fora, como se estivesse muito distraída contemplando o cercado onde as éguas prenhes pastam a grama primaveril.

A porta se abre para fora, e, com o canto do olho, vejo o bispo Gardiner e meu tio Arundel saírem a passos largos com mais duas pessoas cujo nome não recordo. São todos membros do conselho, é só o que sei.

“... criatura impossível”, ouço meu tio dizer. Suponho que esteja falando de Elizabeth. Eles se aproximam. Saímos de perto da janela e nos curvamos, em educada reverência.

“Ah, um par de sobrinhas”, diz Arundel, virando-se para um dos homens, que à luz creio ser Shrewsbury. “Como é mesmo que você disse que é o coletivo de parentes do sexo feminino?”

“Se fossem esposas, eu diria ‘suplício’”, brinca ele. “Mas sendo tão belas quanto estas, então provavelmente é um dueto.” Isso faz os dois rirem. Gardiner e o outro sujeito se remexem, impacientes, como se tivessem coisa melhor a fazer que passar parte do dia com duas moças.

“E o que fazem as damas nesta ala do palácio?”, pergunta Arundel.

Receio que Margaret nos entregue, com o olhar culpado em seu rosto, por isso digo rapidamente: “Estamos observando a égua da rainha, que acabou de parir. É a única janela do palácio que tem uma boa vista do cercado”.

Os dois homens se inclinam e eu aponto para o lugar onde de fato está uma égua, que poderia, como qualquer outra, ser da rainha, com um potro muito jovem apoiando-se trôpego em pernas finas como palitos.

“Encantador”, diz Shrewsbury.

“De fato”, diz Arundel. “Esperamos que Sua Majestade venha a parir em breve.”

Todos nós esperamos que isso aconteça, porque o bebê está muito atrasado, e o humor da rainha um tanto alterado por conta da espera e do desconforto. As parteiras afirmam que há um engano em relação à data — vá saber. Eu não sei nada de partos, embora agora entenda um pouco sobre como se faz uma criança, ou como não se faz, pois as damas mais velhas cochicham esse tipo de assunto à noite.

Gardiner pigarreia, impaciente, e eles vão embora. Puxo a prima Margaret pela manga, de volta à porta onde o obediente Humphrey aguarda. Tudo que preciso fazer é dar outro sorriso para a porta se abrir, apenas o suficiente para nos esgueirarmos.

Entramos tão silenciosamente que ninguém percebe nossa presença. Não reconheço nenhuma das mulheres do grupo, a não ser a própria Elizabeth. Ela usa um vestido negro bastante simples, num enorme contraste com a indumentária exagerada da rainha. Duas damas desatam suas mangas e as puxam pelo pulso; outra abre o vestido, tirando-o pelos ombros e deixando-a apenas numa camisola vermelha, que ressalta a brancura luminosa de sua pele. Vestida assim, com olhos negros faiscantes, ainda de touca e com o queixo altivamente erguido, parece uma deusa Atena de capacete. A seu lado, as damas, mesmo as mais bonitas, ficam em segundo plano.

Elizabeth está dizendo: “Acho que sou tola o bastante para confessar participação na revolta de Wyatt. Como são tolos por pensar assim. Não terei o destino de minha prima Jane Grey”.

Ao ouvir nos lábios dela o nome da minha irmã, eu engasgo, e o quarto inteiro vira em nossa direção. Engulo em seco, porque até mesmo eu fico intimidada em tal companhia; todas são uma

década mais velhas e nos olham com um ar tão ameaçador que sinto vontade de ir embora. A prima Margaret segura minha mão com tanta força que tenho medo de que corte minha circulação. Mas reúno coragem e me ajoelho, aliviada por estar usando meu vestido mais novo e o colar de pérolas de *maman*.

Elizabeth parece não me reconhecer. Por isso digo: “Milady, somos vossas primas. Sou Katherine Grey e esta é Margaret Clifford, que se tornou recentemente Lady Strange. Viemos dar-vos boas-vindas a Hampton Court”.

Meu sorriso parece não ter surtido efeito algum sobre elas, menos ainda sobre Elizabeth, que pergunta bruscamente: “Foi minha irmã quem as enviou?”.

“Viemos de nossa própria iniciativa, milady.” Ainda estamos de joelhos e ela não faz o menor sinal para nos erguermos.

“Não sei por que acreditam que eu teria qualquer interesse em vê-las”, diz, sentando-se e pegando um livro.

Reviro a cabeça em busca de uma resposta, mas, a bem da verdade, essa minha prima me deixa desacorçada. Ela começa a batucar as unhas no livro, impaciente, e as mulheres nos encaram como se fôssemos medusas.

“A senhorita vem de uma família de traidores, Katherine Grey.” Tum, tum, tum. “Seu pai e sua irmã acabaram de ser executados por traição. Por que acha que eu buscaria consórcio consigo?”

“Quem tem telhado de vidro precisa tomar cuidado com as pedras.” A frase sai da minha boca antes que eu possa evitar, como um sapo gordo pulando em cima da mesa. Tento me conter, mas é tarde demais.

“Vá embora!” Não foi Elizabeth quem disse isso, mas uma das mulheres, que caminha na nossa direção, colocando-nos em pé

e nos dando um empurrão sem cerimônia em direção à porta. Elizabeth volta para seu livro, como se absolutamente nada houvesse ocorrido.

Enquanto somos arrastadas para fora eu a ouço dizer: “Essas Grey acham que o trono um dia será delas. Cuidarei para que não seja”. Isso não passa de bobagem, pois quem ficará com o trono é o bebê metade espanhol que a rainha tem na barriga. Além disso, não quero o trono. Jane tampouco queria, pensando bem.

Sinto vergonha de dizer, mas Elizabeth me deixa absolutamente intimidada. Não posso deixar de admirar seu caráter, e uma parte de mim tem vontade de vencer o desafio de conquistá-la, embora no fundo saiba que isso é impossível, porque ela é, de longe, mais difícil até mesmo que a rainha. Fico arrasada quando me dou conta de que, na verdade, consegui transformá-la em inimiga antes mesmo de nos conhecermos. Tenho esperança de que seja mandada embora de novo, de volta a Woodstock, e que não a tragam mais. Ou, melhor ainda, que seja enviada para mais longe, para desposar o duque de Savoia.

“Sabe, ela tem razão”, diz a prima Margaret, enquanto atravessamos o comprido corredor. Mal a ouço, porque a maior parte do que diz não faz sentido. “Sua família abriu mão do direito à sucessão.”

Sinto a raiva crescer em mim. Penso em meu pai assassinado e em minha pobre irmã Jane, cuja vida foi ceifada tão cedo. Sinto um grande nó na garganta, que me impede de dizer o que quero, para colocar a prima Margaret em seu lugar e defender minha família.

Ela continua a falar. “Por causa disso, sou *eu* que venho depois de Elizabeth na linha sucessória.” Não consigo me conter: agarro

o braço dela com a mão esquerda e dou-lhe um tapa no rosto com a direita.

A prima Margaret geme como um bicho no abatedouro, o que é um pouco exagerado. Para início de conversa, ela é bem grandinha, e eu mal chego à metade da sua altura. O estrago que minhas minúsculas mãos poderiam fazer às suas fornidas bochechas é mínimo. No rosto dela não há a menor marca, mas, como sempre, estou do lado errado da briga, porque, quando falarem disso, eu é que vou parecer um monstro. A prima Margaret sai correndo a toda a velocidade pela galeria, ainda gritando, como se estivesse sendo perseguida por um urso. Ela vai ser mimada. Vão fazer o maior escarcéu a respeito, e eu vou levar a culpa.

Sabe Deus o que acontecerá comigo; no espaço de uma única hora consegui transformar tanto Elizabeth quanto a prima Margaret em inimigas. Mais do que nunca, gostaria de que *maman* e Mary não tivessem ido para Beaumanor, porque sempre acabo me metendo em confusão quando me deixam sozinha neste lugar. Coisas assim nunca aconteceriam a Jane, e por um instante eu gostaria de ser mais parecida com ela: mais suscetível a pensar em Deus e menos em mim mesma.

Julho de 1555, Beaumanor

Mary

Uma das pontas de um cordão de margaridas está na minha mão; a outra, na mão de Peggy Willoughby. Estamos sentados na grama, na beira do lago. Um cisne, que batizamos de Afrodite, tomou posse desse pedaço da água. Há meia dúzia de cisnezinhos tardios, e Peggy e eu fazemos questão de vir todo

dia, depois de nossas aulas, para nos certificar de que nenhum deles foi apanhado por uma raposa durante a noite.

Hoje é o primeiro dia sem chuva em várias semanas. O tempo anda tão ruim que os fazendeiros temem perder suas colheitas e os aldeões receiam que, chegando o inverno, não terão o que dar de comer às famílias. Muitos culpam a rainha, por ter nos arrastado de volta à antiga fé, afirmando que Deus está irritado. Toda semana ficamos sabendo de novas prisões. Os serviçais comentam sobre elas o tempo todo. *Maman* diz que não vai ser só o clero. Em breve vão começar a achar razões para começar a deter os leigos. Mesmo aqui em Beaumanor, no meio do nada, cercadas apenas por amigos, temos de cuidar para ouvir as orações em latim e erguer os olhos para a hóstia.

“Lá está ela”, grita Peggy, apontando para Afrodite quando aparece deslizando. Nas costas, carrega três de seus pequenos, mal dando para ver as cabecinhas fofas e cinzentas por cima da asa, e há dois outros na água, seguindo sua cauda. “Está faltando um”, diz Peggy, lendo meu pensamento, mas, assim que diz isso, o retardatário surge em meio ao capinzal da margem. Nós nos levantamos e os acompanhamos. Afrodite gira a cabeça para nos observar com o canto do olho, avaliando se somos ou não uma ameaça. Mais adiante, onde o chorão se curva na água e os capins são mais espessos, Afrodite sai do lago desajeitada, perdendo toda a sua elegância ao se debater até o ninho, com os filhotes saltitando atrás.

Deitamos debaixo da árvore, contemplando a cúpula folhosa que nos cobre como o arco de uma catedral. As folhas filtram a luz, que cai em listras prateadas no barro úmido e lança um brilho esverdeado ao rosto de Peggy. Ela começa a cantar a música que passamos a manhã inteira aprendendo com o

professor.

*Ai, o que eu faria por amor?
Por amor, ai, o que eu faria?*

Eu me surpreendo dedilhando as notas num alaúde imaginário, pensando o tempo todo na satisfação de estar aqui, em Beaumanor, e não na corte, esperando o bebê da rainha chegar. Alguns dias atrás foi feito o anúncio de que um menino havia nascido; os sinos das igrejas tocaram durante quatro horas, mas quem quer que tenha feito essa proclamação se enganou. Os sinos pararam de tocar e a espera prosseguiu.

*Desde já tão próxima,
A ti eu sinto,
Para, ai, a meu lado manter.*

“Quando os poetas falam de amor”, reflete Peggy, “por que será que eles sempre parecem sempre tão tristes?”

“Talvez seja o temperamento do artista”, respondo. “*Maman* está claramente apaixonada por Stokes e nenhum dos dois parece triste.” Isso é verdade; Stokes parece venerá-la de uma forma que nunca vi com papai. Não creio que tenha sido assim feliz, embora certo dia eu a tenha surpreendido me observando com os olhos embaçados e, quando lhe perguntei o que a fazia sofrer, *maman* disse: “De certos ângulos você parece com Jane”.

“Estou contente de estar aqui com você, Mary, longe da corte.” Peggy rola na grama para olhá-la de frente, com olhos brilhantes e um sorriso leporino.

“Eu também”, digo.

Estamos a dois dias de cavalgada de Hampton Court, mas *maman* tem dois pares de mensageiros indo de um lado para o outro, de modo que sempre sabemos todas as novidades. Embora aqui sejamos uma família bastante grande, nem de longe se compara ao falatório da vida palaciana, e isso me deixa muito contente. “Queria poder viver para sempre nessa calmaria.”

“Humm”, concorda Peggy, perdida em seus próprios devaneios.

Imagino Katherine em Hampton Court. Agora ela tem seus próprios aposentos. Posso concebê-los, um caos de roupas jogadas, bichos de estimação fazendo bagunça, os pobres serviçais correndo para lá e para cá atrás deles enquanto Katherine recebe uma revoada de amigas — toda essa gente sob suas ordens. É uma honra e tanto ter seu próprio espaço e não ficar com a sra. Poyntz e as outras damas do dormitório. Ela há de gostar disso.

Fosse eu, estaria me perguntando o motivo de ter merecido tamanha honra e qual o preço a pagar. Mas Katherine não é desconfiada como eu. Envia cartas cheias de fofocas, rabiscadas de maneira descuidada. Ela conta como o rei olha para as damas, garantindo que encostou Magdalen num canto e que ela ficou toda sem jeito por causa disso (intimamente me agrada a ideia de ver Magdalen sem jeito). Também revelou que conseguiu dar uma espiadela em Harry Herbert certo dia, enquanto ele cavalgava na pista de equitação. Mas a maior parte do tempo fala da rainha, de como, depois de dez meses e meio, até mesmo Frideswide Sturley, uma das suas damas mais próximas, acredita que se equivocou e não está esperando criança alguma. Katherine diz que a rainha se senta curvada, com os joelhos

quase tocando o queixo, balançando para a frente e para trás a maior parte do dia, em um quarto escuro. Todos comentam que uma mulher no estado dela não teria condição de se sentar daquela maneira. Eu me recordo do quão desesperadamente a rainha queria aquele bebê e de como falava comigo a respeito.

“Mary”, disse ela, na véspera de minha partida, acariciando o ventre com as costas da mão. “Deus está me mostrando Sua gratidão pela minha fé, por restaurar a verdadeira religião na Inglaterra. Saber que um príncipezinho presenteado por Deus está germinando em mim me traz mais alegria do que sou capaz de descrever.”

Não consigo sentir nenhuma simpatia por ela; acabou no dia em que Jane foi condenada à morte.

Maman, porém, reza pelo bebê, mesmo sendo espanhol, porque, segundo ela, isso nos deixará um degrau mais longe do trono. Mas a rainha certamente está enganada, pois bebê nenhum demora tanto tempo para vir — até eu sei disso. *Maman* se preocupa com Katherine na corte, assim como eu, pois em suas cartas há sinais de que as coisas não estão tão tranquilas. Ela brigou com a prima Margaret, mas até aí nada de novo. O pior está implícito em uma linha de sua carta mais recente: *O rei está encantado com Elizabeth, o que deixa a rainha com o humor muito instável. Ela mal cumprimenta a irmã. E, quanto a Elizabeth, não vejo o menor sinal de amizade nela, considerando que somos primas.* Mais que isso Katherine não disse, mas foi o suficiente para atizar a preocupação de *maman*.

“Eu a conheço desde que ela era bebê, e Elizabeth não costuma ficar do lado errado”, *maman* me disse. “Espero que Katherine não tenha aberto a boca em um momento equivocado, porque ela não vai ganhar nenhuma disputa contra

a garota.”

Tenho a impressão de que *maman* não é nem um pouco entusiasta de Elizabeth, mas não diz mais nada além disso.

Ouvimos barulho da chuva caindo nas folhas acima de nós; uma gota isolada atinge meu pescoço, mas nossa cúpula esverdeada nos protege do pior da chuvarada. Penso nos pobres fazendeiros, receosos em relação à colheita, que deviam estar tão felizes com um dia de sol finalmente, até que a chuva voltou a cair. Vai ter gente passando fome neste inverno, embora nada possa interromper os banquetes na corte, os frangos assados, os pães sem fim de primeira qualidade, as guloseimas de marzipã, os barris de vinho.

“Fico pensando na injustiça deste mundo”, digo.

“Do que está falando?”, pergunta Peggy.

“Imagine a colheita com essa chuva toda.”

“Os pobres estão mais perto do céu”, diz Peggy, girando uma folha seca nos dedos.

“Não estou certa de que a rainha ache isso”, digo, pensando na Bíblia — o homem rico e o buraco da agulha. “A maioria das pessoas adapta suas crenças para encaixá-las na própria vida.” *Maman* sempre dizia isso.

“Mas com a rainha é diferente.” Peggy se ergue nos cotovelos. “Todos temos de aceitar a vontade de Deus. Deus nos fez assim e nos pôs neste mundo por Seus próprios desígnios. Não podemos questionar.”

“Por que, então, você acha que Deus lhe deu um lábio leporino?”, pergunto.

“Não foi *Deus* quem fez isso”, ela exclama, um tanto aborrecida por eu não saber uma coisa dessas. “É a marca da garra do Diabo, quando Ele tentou me tirar do ventre.”

“Foi o que sua mãe lhe disse?”

“Ela nem precisou. Todo mundo sabe.” Peggy toca o lábio superior com a ponta do dedo. “Significa que fui marcada como coisa do Diabo e que Deus me salvou.”

“Suponho que Deus tentou me puxar pelos ombros, então”, digo.

“Claro que sim”, ela responde. Sinto inveja da simplicidade do mundo de Peggy, enquanto minhas próprias dúvidas e ideias se misturam.

“Isso quer dizer que no fundo somos más, como o terceiro Ricardo?” Estou lendo a história do rei malvado que era aleijado como eu, escrita por Sir Thomas Morus.

“Oh, não”, exclama ela, bem alto. “Somos melhores, porque Deus se deu ao trabalho de nos salvar.”

“Isso é tranquilizador, Peggy”, digo. “É a Bíblia que diz?” Com medo de estragar a visão perfeita que ela tem das coisas, não menciono que só consigo pensar no Levítico, que diz que nenhum pecador pode se aproximar do altar.

“É uma coisa sabida”, ela diz. De certa forma eu a amo ainda mais por isso, por não ser invadida pelas dúvidas como eu. Não é de Deus que duvido, mas da ideia que o homem faz d’Ele. Como posso explicar isso a Peggy ou a quem quer que seja? Só mesmo com Jane seria capaz de falar sobre essas coisas.

“Parou de chover”, diz Peggy, olhando para o alto. Meus olhos a acompanham e enxergam raios piscantes de luz dourada por entre as folhas. Fico pensando se Peggy vê nisso um sinal de que Deus nos abençoa. Ela se levanta e me ajuda, guiando-me pela mão até onde Afrodite está aninhada com seus filhotes. Espiamos por cima dos juncos. O grande cisne se vira para nós, com olhar furioso, então abre o bico rosado e solta um grasnido

agudo, que nos põe para correr pela grama molhada, de volta para casa, morrendo de rir.

“Um cisne tem força para quebrar o braço de um homem, se achar que a ninhada corre perigo”, diz Peggy, sem fôlego.

“Qualquer mãe faria...” Paro de falar ao lembrar que Peggy não tem mãe para protegê-la. Mudo de assunto. “Você acha que a rainha vai ter esse bebê?”

“Uma coisa é certa: se ela não tiver, vai querer *você* de novo na corte.”

Setembro de 1555, Greenwich

Mary

“Cardeal Pole”, diz a rainha, instando-o a se aproximar. Estou sentada no colo dela, no lugar do bebê que nunca apareceu. Peggy tinha razão ao achar que eu seria chamada de volta à corte. O cardeal se aproxima lentamente, e seu hábito balança com seu passo manco. “Sente-se, sente-se.” Ela dá um tapinha no assento vazio a seu lado. É o lugar do rei, e o cardeal hesita. “Estamos a sós”, acrescenta ela, com um aceno de incentivo. Seus olhos estão vermelhos, e o rosto, inchado — faz dias que ela chora, desde que o rei partiu para os Países Baixos e para a guerra. Dá para ouvi-la gemendo e soluçando em seu quarto, à noite, e em sua presença todos pisam em ovos, com medo de uma crise.

O cardeal não fala nada, mas seu olhar vagueia pelo recinto, onde há pelo menos meia dúzia de damas, ocupadas com isto ou aquilo. Nenhuma delas olha em sua direção. “Além disso, nosso esposo nos abandonou pela sua campanha no estrangeiro.” Enquanto diz isso, a rainha desce o punho até o braço da

cadeira, bufando com força, como um touro. “Sente-se!”

O cardeal, ligeiramente intimidado, instala finalmente seu enorme traseiro no assento ao lado. A rainha esfrega e dá tapinhas em minhas costas, como se fosse uma ama de leite fazendo um bebê arrotar, e eu reviro a cabeça pensando em qualquer desculpa que possa encontrar para me livrar dos cutucões de suas mãos e ficar longe da órbita de sua ira.

Já faz uma semana que voltei para a corte. O bebê real nunca chegou a existir. A história toda está envolta em mistério e a ordem é não tocar no assunto, certamente não na presença da rainha.

“Então é isso”, disse Katherine a respeito. “Toda aquela espera silenciosa, no quarto escuro, para nada.”

Os rumores eram de que a rainha havia sido enfeitiçada, ou que era só vento; a maioria achava que ela sofrera um aborto e não dissera nada. Eu não devia saber dessas coisas, supostamente sou jovem demais, mas sei. O que quer que tenha ou não tenha sido, o sofrimento a deixou bastante confusa. Isso significa que tenho de ser novamente sua válvula de escape. *Maman* pediu que eu não ficasse mais de um mês, mas, nesse meio-tempo, a rainha me acaricia, cutuca, abraça e aperta como se eu fosse o próprio bebê desaparecido, e cada cutucão só faz aumentar meu desprezo.

É claro que, agora que não surgiu um herdeiro do corpo da rainha, é grande a agitação na corte, e as conversas sussurradas sobre a sucessão não terminam. Muitos pensam em Elizabeth e fala-se do casamento dela com Edward Courtenay, um jovem plantageneta que desapareceu no estrangeiro. A prima Margaret está convencida de que *ela* é a próxima na linha sucessória, embora seja a única que acha isso. Alguns pensam em

Katherine. Só consigo pensar em Jane e no que aconteceu com *ela*. Maman orientou Katherine a ser discreta e não atrair atenção para si; fico pensando se isso é possível.

“Posso ser útil a Vossa Majestade?” As mãos do cardeal, com seus dedos retorcidos, borboleteiam diante dele.

“Pelo amor de Deus, se não pudermos deixar de lado as formalidades quando estamos a sós com você, com quem, então? Chame-me ‘senhora’, se quiser insistir em outro tratamento além do meu nome de batismo.”

Tenho vontade de gritar: *Vocês não estão a sós: eu, Mary Grey, estou aqui*. Mas é claro que não faço isso.

“Senhora”, diz ele, com um aceno servil da cabeça.

A rainha põe a mão na própria cabeça e abaixa o tom de voz para um sussurro. “Deus não está contente conosco.”

“Senhora, não pode ser, com toda a sua devoção...”

Ela o impede de terminar. “Não! Ele tomou nosso bebê, o presente que tinha nos dado. Estamos em falta com Ele.” O sussurro soa como o grasnido irritado de Afrodite. “Temos de demonstrar nossa fé ainda mais profundamente. Precisamos do seu auxílio.”

“Talvez uma peregrinação?”, sugere o cardeal.

“Não, isso não.” A resposta é sussurrada com firmeza e sinto o calor de seu hálito na minha nuca. “Só peregrinamos em agradecimento. Deus quer que demonstremos nossa fé, como Abraão.”

Eu me pergunto a que episódio de Abraão ela faz referência. Só há um que eu consigo lembrar bem — Abraão e Isaque. Em Hampton Court há uma tapeçaria onde o jovem Isaque, com a boca aberta de terror, olha para o pai, que brande um punhal.

“Quando os mosteiros forem reabertos...”, começa o cardeal.

“Sim, isso mesmo”, interrompe ela. “Mas primeiro temos de banir todos os hereges do nosso reino. Então Deus ficará satisfeito conosco e há de nos enviar um herdeiro.”

O cardeal não diz nada, mas em seu rosto está escrita a pergunta: “Como?”.

“Queremos que todos sejam aprisionados”, prossegue ela, falando com tanta força que uma chuva de cuspe me acerta a bochecha. “Aqueles que demonstrarem o menor sinal de heresia que seja. E quem não se retratar há de ser queimado.” A rainha aperta com tanta força a mão do cardeal que suas juntas viram uma fileira de pedras brancas.

Ele parece horrorizado. “Deus ficaria contente, senhora, ao vê-la mostrar clemência.”

“Clemência!” De novo, o grasnido de Afrodite. “Agora não é o momento para isso. Queremos que Cranmer, Latimer e Ridley queimem, e isso servirá como advertência. Então vamos nos livrar do resto.”

“Se for o desejo de Vossa Majestade...”

“É mais que nosso desejo. É nossa ordem. Ordenamos que fale com o bispo Gardiner... e com Bonner. Esse, sim, é um homem que compreende nossa causa.”

“Ele é um dos fiéis, senhora.”

Muito tem se comentado ultimamente sobre o arcebispo Cranmer. As pessoas conjecturam o que a rainha planeja fazer com ele. São nomes que conheço. Latimer foi capelão da mãe de meu padrasto; lembro-me dele de quando era bem pequena. Ridley também visitava Bradgate constantemente. São homens próximos à minha família. Levo meu dedo à testa, depois ao peito, daí a um ombro e por fim ao outro.

“Ah, Mary”, diz a rainha. “Também és uma das fiéis, agora que

nos livramos do traidor de seu pai e...” Ela não completa a frase, mas suponho que sua intenção fosse acrescentar Jane à lista de pessoas sem as quais o mundo ficou melhor. A rainha olha para mim com um sorriso que parece uma careta. Não ousa falar, com medo de deixar escapar a verdade — que sua fé é pervertida e cruel, e que não me importo nem um pouco com ela. Mas consigo recuperar o sorriso e inclino a cabeça, no que espero que pareça concordância. “Tu és uma das fiéis, não?”

Sinto os olhos dela sobre mim, como se pudesse enxergar através de minha alma reformada. Não ousa falar, temendo que uma vacilação na minha voz me denuncie. Por isso, balanço a cabeça, apertando meu terço.

“Em torno de nós, cardeal, há muitos que parecem uma coisa e, no entanto, são outra. Acha que a Mary aqui é uma dessas pessoas?” Ela cutuca meu ombro com força. Eu me contraio. “*Ela* e sua família de traidores. Veja como está assustada. Do que você acha que ela tem medo?”

Faço força para respirar. Meu coração bate com tanta força que tenho certeza de que ela consegue ouvi-lo. Penso naquilo que Jane faria — teria dito a verdade e morreria por ela.

“Será que devo pedir a Bonner que a interrogue, cardeal? Ele consegue arrancar confissões até de uma pedra.”

“Senhora”, diz o cardeal, pousando a mão em sua manga. A rainha olha para a mão, depois para o rosto dele, depois para a mão novamente. “Com todo o respeito, ela ainda é uma criança. Quantos anos tem, Mary?”

“Dez.” Mal consigo colocar para fora essa única palavra.

“É idade suficiente”, murmura a rainha.

O sino da capela do palácio dobra. Sinto minhas orelhas queimando. O cardeal se remexe na cadeira e a rainha me

cutuca, dizendo: “Agora corra daqui, Mary. Queremos que o cardeal ouça nossa confissão antes da missa”.

Saio atabalhoada de seu colo e me dirijo à porta.

“Mary, mais uma coisa.”

Eu me viro, com o coração parado na garganta, apertando as mãos com muita força para que não veja o quanto tremem. Seu olhar é frio e sem vida como o vidro de uma janela.

“Estou de olho na senhorita.”

Faço uma reverência, pensando que dentro de poucos instantes estarei fora do quarto. Agarro-me a esse pensamento.

“Talvez o cardeal devesse escutar sua confissão. Ele tem jeito para separar o joio do trigo, não é?”

A ideia de me confessar com aquele homem, que certamente enxergará as heresias que carrego em meu coração, faz meu corpo arder de medo. Mantenho firme em minha mente a imagem de Jane, penso no conselho que ela me daria — *Seja firme, Ratinha* — e de alguma forma encontro a coragem para falar.

“É uma honra que não mereço, Vossa Majestade.”

“É mesmo? Por quê?”

“Seria desperdiçar comigo a imensa sabedoria do cardeal.”

“Ora!” Ela acena com a mão, como quem espanta uma mosca. É o sinal para que eu saia.

Teria mudado de ideia? Não sei dizer.

Corro para os aposentos de Katherine o mais rápido que posso. Minha cabeça ainda rodopia diante da ideia de ser amarrada numa pira e queimada viva. Tento recordar o caminho pelos corredores labirínticos do palácio de Greenwich. Ao chegar, topo com um dos pajens, que tenta reunir para o passeio matinal a superagitada matilha de Katherine. Depois que ele se

vai eu me livro da peça que cobre meu vestido e me deito em silêncio, tentando controlar a respiração, prestando atenção nos raios trêmulos de luz que entram filtrados pelos galhos de uma árvore do lado de fora, concentrando meus pensamentos nisso para não ter de encarar o que acabou de acontecer.

Sinto um objeto duro embaixo do travesseiro e, passando a mão, encontro um livro. É o Novo Testamento em grego de Jane. Aperto-o contra o peito, pensando nas palavras de minha falecida irmã. Subitamente, porém, me dou conta de que pode ser usado contra nós, pois Jane diz nele que ser católica é uma heresia. Minha cabeça começa a girar de novo, enquanto penso em quantas coisas mais pode haver aqui que nos condenem — coisas aparentemente inocentes. Abro o grande baú e enfio o livro bem no fundo, embaixo das roupas e dos lençóis, decidida a levá-lo a Beaumanor quando for embora, o que espero não tardar muito.

Katherine chega e, ao me ver, diz: “Algo errado, Ratinha? Está branca como um fantasma. Por que sofre?”.

Tento explicar o que aconteceu. As palavras brotam confusamente da minha boca. Ela engancha o dedo mindinho no meu, murmurando: “Não foi nada, não foi nada, pequenina”, como se eu fosse um bebê.

“Mas isso é importante, Kitty”, digo, tirando meu dedo. “Estamos correndo perigo. Vão queimar homens próximos de nossa família.”

“Não fique tão incomodada”, responde ela, segurando um bocejo. “Eles vão queimar como mártires. Não vão se converter. A escolha foi deles, Mary.”

“Igual a Jane?”, rebato, e vejo a expressão de dor que atravessa o semblante de Katherine. “Não é preciso tanto esforço da parte

deles para ver que estamos fingindo em matéria de fé. Você sabe tanto quanto eu das coisas que são capazes de fazer para arrancar a verdade de alguém.”

“Oh, Ratinha”. Ela sacode levemente a cabeça, como se quisesse afastar aquelas palavras. “Não enquanto estivermos indo à missa. Mas leve o livro de Jane para Beaumanor, se quiser. Talvez faça com que se sinta melhor.” Uma diminuta satisfação toma conta de meu coração pela ideia de que o precioso livro de Jane agora está em meu poder, como se fosse meu. Mas esse pensamento submerge diante da sensação de que minha cabeça está sendo moída em uma máquina.

“Há alguma coisa em meio a seus bens que possa nos incriminar?”, pergunto.

“Não sei. Creio que não.”

“Mas...” Paro, porque não adianta tentar descrever o olhar que vi nos olhos da rainha nem a força de suas palavras. Fico zangada com a inconsequência de Katherine; não quero que ela “creia que não”. Quero que *saiba* que não. Quero que diga que vai me ajudar a repassar cada pequeno objeto que possuímos, só para garantir. Mas não falo mais nada, porque não há como mudar minha irmã.

Uma das minhas memórias mais precoces de Katherine, e até hoje tenho em minha mente essa imagem, é dela tampando os ouvidos com os dedos, mantendo os olhos bem fechados, derramando lágrimas e cantarolando bem alto, enquanto o chefe dos cavaleiros de Bradgate, ele próprio com olhos vermelhos, dava a ela a notícia da morte de seu pônei favorito.

“É melhor não pensar nisso”, diz minha irmã.

II

MIOSÓTIS

Janeiro de 1558, Ludgate
Levina

“V-V-Vina.” Os olhos de George estão caídos como os de um cão farejador. “Tenha bom senso!” É mais um apelo do que a ordem que Levina imagina que o marido esteja querendo dar.

Ele torce uma folha de papel nas mãos, até virar uma bolinha bem apertada. É um panfleto que adverte para uma das fogueiras de livros do bispo Bonner. Quando não são os livros que queimam, são as pessoas — desde que a Inglaterra foi devolvida a Roma, há dois anos, cerca de duzentas e cinquenta almas arderam em chamas. O país inteiro está sufocado pelo cheiro de porco assado. Primeiro foram os religiosos; ela se lembra de quando ouviu pela primeira vez que Latimer e Ridley iriam para a estaca. A dor lhe provoca um nó na garganta, mesmo depois de tanto tempo.

Levina conheceu Latimer quando foi a Bradgate pela primeira vez retratar os Grey. Deve ter sido cinco anos antes; o tempo passa rápido, sem aviso. Ela ficou um tanto seduzida pela sutileza de sua inteligência, e ele tinha uma suavidade de espírito que a deixou totalmente desarmada. Conversaram muito sobre Calvino — era ainda o reinado do jovem Eduardo, quando se falava abertamente dele, de Lutero e até de Zuínglio, que eram vistos como visionários em vez de hereges. Que diferença! Ela ainda pode sentir a empolgação que essas ideias

despertavam nela: a explicação tão somente pela fé, a natureza simbólica dos sacramentos, um sentimento de descoberta espiritual pessoal, como se fosse Cristóvão Colombo descobrindo o Novo Mundo.

Tinha vivenciado seu encontro com Latimer como uma atração inesperada, com os sentimentos que isso desperta, um fascínio autêntico pelo homem e por suas ideias. Ainda hoje, quando pensa nele, sente alguma coisa física, uma espécie de arrepio, embora o período tenha sido de absoluta castidade. Levina joga na lareira a bola de papel e a observa, imaginando como deve ser queimar vivo. É impossível conjurar a sensação. Ela sente uma ânsia de segurar um dos carvões incandescentes para experimentar, em pequena escala, a natureza precisa dessa sensação.

“V-V-Vina, diga alguma coisa.” George toca seu braço; ela observa o delta de veias grossas azuis que corre pelos seus dedos e uma mancha escura que não havia notado antes. Em poucos anos, seu marido será um idoso. Ela se dá conta de que a velhice de Hugh Latimer, um período de calma e contemplação, foi encerrada de forma tão cruel. Isso enche seus olhos de tristeza.

“Marcus poderia ir para a casa dos seus pais em Bruges”, ela diz, mas ainda tem na cabeça Hugh Latimer, e na memória as palavras que teria pronunciado quando a fogueira foi acesa: *Devemos neste dia acender esta vela que creio que jamais apagará.* Tanta fé, tanta coragem — era um verdadeiro crente. Ela gostaria de ter metade dessa fé, mas seu coração está cheio de dúvida e de um instinto de autopreservação. Levina *fez* sua parte para manter a vela acesa: enviou documentos a Genebra, testemunhos, para que fossem publicados e todos conhecessem os atos monstruosos tão comuns no reino da católica Mary

Tudor. Ela os mandou junto com alguns desenhos, especialmente o da mulher de Manx, que deu à luz amarrada à estaca. Levina nunca esteve nessa ilha, nunca tinha ouvido falar dela, mas nos últimos tempos assistira a fogueiras suficientes para imaginar a cena: a multidão em volta do fogo, as chamas lambendo as pernas da pobre mulher, a boca congelada num uivo. Só de pensar, ficava horrorizada. O representante da Igreja jogando o bebê na pira, para que queimasse com a mãe. As lágrimas borraram a tinta e ela teve de reiniciar mais de uma vez o desenho.

“E onde se encontra Marcus?”, pergunta George, de maneira trivial, como se tivesse esquecido que estavam no meio de uma briga. Nos últimos tempos, os dois pareciam estar sempre no meio de alguma briga.

“Foi para a corte com a jovem Carruth. Levando as flores dela.” Ao pensar no filho cortejando alguém, Levina sente um aperto no coração. Ainda é difícil acreditar que ele se tornou um homem de dezenove anos — idade suficiente para a maioria das coisas, como ser alistado para lutar na guerra do rei contra os franceses. Ela imagina um campo de batalha coalhado de corpos se contorcendo em convulsão, rostos deformados de sofrimento; é como uma cena de Bosch. Sim, pensa, Marcus estará melhor em Bruges, fora do caminho. Levina chega a duvidar até de que Bruges seja um lugar seguro. Afinal de contas, está sob domínio imperial. Mas nenhum lugar pode ser tão ruim quanto este.

“Tem coisa pior que Alice Carruth”, diz George. Só então, como se de repente se recordasse do motivo real da briga, acrescenta: “E quanto a nós, Vina? Poderíamos ir para a casa dos meus pais junto com ele”. Já tiveram essa conversa várias vezes.

“Não”, é só o que ela responde. Levina não consegue afastar da

mente as cenas monstruosas. Mas não é apenas no campo de batalha que os inocentes tombam. Nenhum lugar é seguro. As coisas nunca estiveram tão ruins na Inglaterra. Até mesmo nos últimos anos do reinado de Henrique VIII, quando a corte pisava em ovos de tanto medo e ninguém sabia em quem deveria acreditar, não era como agora. Até a mais leve sombra de suspeita se tornou suficiente para queimar alguém. Não se pode confiar nem nos melhores amigos. E Deus lhe guarde de ter uma discussão com um vizinho, pois basta uma mera insinuação de que não se tem assistido à missa ou de que se lê a Bíblia em inglês... Briguinhas e rixas terminam na estaca, e todos sabem aonde um dedo apontado vai dar. Mais de dois anos de terror. George tinha razão, eles *estariam* melhor longe desse lugar.

“Sou seu marido”, diz ele. “Você está condicionada à minha vontade.” Mas seu tom de voz traz a dúvida.

“Fiz um voto.”

“Sim, sim, eu sei do seu voto. M-m-mas pense nisso, Vina. A mãe está viva. Ela não pode tomar conta de si?” Ele está falando de Frances e de suas filhas. Levina jurou manter as meninas longe do perigo.

Ela balança a cabeça em silêncio, sem conseguir explicar o quanto se sente ligada às Grey, como gosta das moças e da mãe, a forma como a execução de Jane — o fato de tê-la presenciado — criou um elo inquebrável entre elas. Não pode deixá-las; tem a sensação de que precisa salvá-las do abismo, em especial Katherine. A indomável e querida Katherine, agora com dezoito anos, madura para ser colhida. De cabeça, Levina faz uma contagem regressiva e se dá conta de que Mary deve ter treze anos. Já faz algum tempo que não tem oportunidade de visitar a garota e Frances em Beaumanor.

Dias atrás, Levina testemunhou quando a rainha interrogou Katherine a respeito de uma miniatura de Jane. A misteriosa Susan Clarencieux a descobriu em meio aos pertences da moça — metendo o bedelho onde não era chamada.

“Não é nada além de uma lembrança de minha irmã”, argumentou Katherine, na presença de Levina, que rezava para a moça segurar a própria língua.

“Ela era uma traidora”, retrucou Susan Clarencieux.

“Não precisamos ser lembradas disso”, disse, em voz alta, a rainha. “Queime, Susan.”

Graças ao Senhor, Katherine teve a presença de espírito de se manter calada naquele momento. Ela ficou olhando para o chão enquanto o retrato da irmã era consumido pelas chamas. A cópia fora feita pela própria Levina. Naquela ocasião, a desconfiança da rainha se foi assim que o fogo concluiu seu trabalho, mas ela anda cada vez mais imprevisível, e nunca se sabe se Katherine não vai dar com a língua nos dentes na hora errada.

“Está me escutando, Vina?” A pergunta do marido a arranca subitamente de seus pensamentos. “Frances Grey ou Frances Stokes, qualquer que seja o nome dela hoje...” Ele não consegue disfarçar o tom de voz petulante. “Ela tem os favores da rainha. São primas.”

“Isso nunca salvou ninguém”, diz bruscamente Levina. “Se você estivesse lá para ver aquela menina no cadafalso, como eu estive... Se pudesse enxergar o fio da navalha em que a irmã dela caminha na corte.”

Ele faz uma cara consternada.

“De qualquer maneira”, acrescenta Levina, “agora sou uma das damas de companhia da rainha e não tenho a liberdade...”

“Um cálice envenenado”, resmunga George, mas uma batida seca na porta surpreende e silencia os dois. Herói, ao pé da lareira, levanta a cabeça, alerta. George se mexe para abrir a porta, empurrando-a apenas pela metade, de modo que Levina só consegue ver a silhueta de um homem e um par de mãos que gesticulam. De repente suas tripas reviram, quando ela reconhece o anel ornado de granada que pertence ao sacristão da St. Martin — um homem de Bonner.

Um dos esboços preliminares, borrado de lágrimas, da fogueira de Manx repousa na grande mesa no centro do salão, e ela pragueja intimamente contra si mesma por ter sido tão descuidada por deixá-lo exposto assim. Esticando o braço, reza para que George mantenha o enviado de Bonner do lado de fora pelo maior tempo possível. Eles estão conversando, mas Levina só consegue compreender uma ou outra palavra em meio ao nervosismo que faz suas orelhas queimarem. Ela joga o papel na lareira, observando-o enrolar e queimar, então lembra que o retrato de Jane teve o mesmo destino. Por fim, não resta mais nada dele, a não ser pedacinhos que flutuam plasticamente chaminé acima, como borboletas negras.

A porta se abre por completo e o homem de Bonner fica em pé na entrada, com os traços obscurecidos pela luz que vem de trás. Herói se ergue.

Levina saúda o homem. “Que enorme satisfação.” Sua voz está mais alta que o normal, pois está interpretando um papel. Não se recorda do nome dele e teme insultá-lo se não o pronunciar. O homem segura a mão que ela estendeu, apertando-a com firmeza demais nas suas, então a ergue até seus lábios, plantando nas juntas um beijo molhado. Seus olhos encontram os dela e ele dá um sorriso simpático, que revela uma fileira de dentes

pequenos e alinhados. Levina já o viu várias vezes na igreja. Com seu hábito negro e suas mãos esguias, ele a faz lembrar um corvo, mas nunca o tinha visto sorrir antes. George fica esperando. Ela verifica, olhando para fora, que o sacristão veio sozinho, e sente um aperto na garganta ao imaginar a si mesma levada num carrinho para a prisão de Fleet. Se derem uma busca na casa vão encontrar um rolo de papel escondido atrás das roupas penduradas no quarto, relatos de atrocidades que serão enviados a Genebra com seus desenhos. Só isso já bastaria para mandar todos à fogueira. Sua respiração fica curta, e Levina teme que seu medo se faça notar no arfar do peito e nas gotas de suor que sente se acumulando na testa.

“Byrne veio conversar conosco, Levina querida”, diz George. Ela fica impressionada com a calma dele e grata por ter mencionado o nome daquele homem. Byrne, como pôde esquecer? George fala sem o menor vestígio de gagueira, e Levina se lembra do motivo que a faz amá-lo, sentindo-se imediatamente mais tranquila. “Peça ao menino para trazer cerveja bem gelada, por favor.”

No caminho, ela se apoia por um instante na parede fria para recuperar o fôlego, grata por essa oportunidade de se recompor. Levina recoloca os fios de cabelo soltos dentro da touca antes de chamar o serviçal e voltar para o salão, onde George e Byrne se instalaram em cadeiras de lados opostos da lareira. Herói vigia tudo, como um falcão de olho numa lebre. O acompanhante de Byrne, que ele não se deu ao trabalho de apresentar e que, pela aparência de suas roupas, trabalha como carrasco ou é algum tipo de serviçal, aguarda no escuro, apoiando-se ora num pé ora no outro. Levina senta-se em um banquinho ao lado do marido, fingindo estar ocupada alisando a saia e ajeitando as mangas,

tudo para evitar encontrar o olhar de Byrne.

“Espero que seus entes queridos não tenham sido atingidos pela gripe”, diz ela, como forma de puxar assunto educadamente. Só se fala disso, a gripe que assola o país, levando almas às pencas.

“É a vingança de Deus pela heresia”, afirma Byrne. “Fico grato que minha família tenha sido poupada.”

“Deus também nos poupou”, diz George, fazendo o sinal da cruz.

Byrne os observa com um olhar maroto. “Creio que conhecem a família Carruth”, diz ele, com uma voz suave e casual, como se estivesse falando de amigos em comum, para passar o tempo, mas em seu tom há alguma coisa disfarçada, uma ameaça ou acusação.

“São nossos vizinhos”, diz George. “Nós os conhecemos um pouco. Eles foram atingidos?”

O serviçal entrega uma caneca de cerveja a Byrne, que a cheira antes de tomar um gole e estalar os beiços. “Coisa boa, Teerlinc. Você faz aqui ou compra?”

“Eu trago de...”

Byrne o interrompe antes que consiga concluir. “Você disse ‘vizinhos’?”

“Isso mesmo”, diz Levina, tentando dar a impressão de que é uma conversa normal, tentando não olhar para os dentes pequenos e perfeitamente alinhados de Byrne, numa tentativa de afastar o pensamento — repentino e impróprio — de que vai ser mordida por eles. “Nosso menino se interessou por uma das filhas deles.” Sua mente gira como um moinho, pensando que, se os Carruth foram atingidos, Marcus corre perigo. Em meio a seus pensamentos, uma ponta de medo se instala.

Mas aparentemente Byrne não está mais falando da gripe. “Sim”, diz ele. “O bispo está ciente dessa relação.”

“Não acho que se possa chamar de relação”, diz Levina, procurando manter a voz tranquila e não demonstrar sua ansiedade com o rumo que a conversa toma. “Nós não incentivamos.” Ela troca olhares com George, que assente muito ligeiramente.

“Pois deveriam”, anuncia Byrne. Eles ficam à espera da explicação. “Sabe, o bispo quer que vigiem os Carruth. Parece que estão...” Ele para e roda o anel no dedo. “Como direi? Parece que têm se comportado de uma maneira que despertou a desconfiança do bispo.” Ele alonga a palavra “desconfiança”. “Caso seu menino esteja cortejando uma das filhas, isso nos daria um ponto de vista perfeito de onde observar a família.”

“Infelizmente”, diz George, “Marcus está na iminência de partir para Bruges. Meu pai está adoentado.” Ele se ajoelha uma vez mais e coloca uma das mãos no colo, sobre a outra. Levina movimenta o terço preso à cintura. “É provável que todos nós viajemos para lá.”

“Bruges”, diz Byrne, lentamente, como se estivesse tentando localizá-la no mapa, dando por fim um leve aceno de aprovação. Para alívio de Levina, a região está sob o domínio católico. “Lamento por saber da saúde debilitada de seu pai”, diz ele, insincero, “mas estou certo de que encontrará uma forma de manter o bispo *au courant*.” Byrne sorri mais uma vez do mesmo jeito perversamente malicioso. Ele esvazia a caneca de cerveja e se levanta, sacudindo as vestes. “Receio que o bispo Bonner lamentará perdê-los. São tão poucos e esparsos aqueles de verdadeira fé.”

Levina está certa de ter percebido sarcasmo nas palavras

ritmadas, questionando se Bonner está testando sua fé, e não apenas a dos Carruth. Diante disso, a ameaça da gripe não parece nada, tendo sido substituída por algo muito mais sinistro. Ela sabe que os Carruth são reformadores; talvez Byrne tenha feito a mesma visita a eles — a probabilidade é grande. O homem se dirige à porta e, depois de latir “Fique alerta!” ao serviçal, vai embora.

Levina se vira para George, que a observa como se aguardasse um pronunciamento, mas evita encará-lo e começa a recolher as canecas de cerveja.

George a segura pelo pulso. “Deixe que o empregado o faça. É para isso que o pagamos.”

Que *eu* pago, ela pensa em dizer, mas se segura.

“Você ainda quer ficar?”, ele pergunta. Não há nenhuma doçura em seu tom de voz.

“Não podemos partir agora. Levantaria suspeitas.”

“Se você não tivesse...” George para e enterra o rosto entre as mãos. É um gesto de desespero que provoca uma imensa dor no coração dela. “Se não tivesse insistido em mandar todos aqueles papéis para Genebra”, balbucia ele, “não nos encontraríamos sob suspeita agora.”

Levina tem vontade de gritar com ele, recordá-lo de seu próprio amor pela nova fé, acusá-lo de hipocrisia, mas contém a língua. Não adianta queixar-se com George, que a ama. Ele está com medo. Levina percebe a ironia: seu marido e guardião está mais amedrontado que ela. “Eu amo você, George”, ela sussurra. Ele não responde, e pela primeira vez Levina se pergunta se seu amor diminuiu, sentindo uma fenda abrir-se em seu coração.

“E quanto a Marcus?”

“Não sei, George.”

“Por enquanto é melhor ele continuar cortejando a moça, suponho.”

“Podemos passar informações a Byrne. Coisas sem importância, por algum tempo, enquanto tentamos encontrar...” Ela não consegue pensar numa maneira de colocar o filho em segurança.

A porta se abre de repente e Marcus aparece, como se fosse sua deixa. Sua mandíbula está cerrada, como se reprimisse alguma coisa, raiva ou decepção, e ele passa correndo pelos pais em direção à escada, resmungando um cumprimento. George estende um braço para barrá-lo.

“O que foi, Marcus?”

Como resposta, ele apenas sacode a cabeça. Levina percebe que tem medo de abrir a boca e se deixar levar pelas próprias emoções; parece uma barragem a ponto de romper. Ela conhece cada palmo do caráter do filho. Lembra-se dele aos seis anos de idade, passando por todos os altos e baixos da infância, o jeito como mordida o lábio inferior trêmulo, o corpo todo retesado no esforço para conter as lágrimas. Levina sabe que não deve tentar consolá-lo, que precisa lhe dar um pouco de espaço. Mas George o segura pelos ombros. “O que há de errado?”

“Você deve estar sabendo”, solta Marcus. “Ela se foi.”

“A menina?”, diz George.

“Não, não ‘a menina’... Alice, pai; o nome dela é Alice, e eles foram embora — a família Carruth inteira — só Deus sabe para onde. Ela não me contou.” Agora ele está gritando; as lágrimas vencem a batalha e escorrem pelo rosto.

George olha para Levina como quem pergunta “E agora?”. Mas Marcus se desvencilha do domínio do pai e sobe correndo as escadas, jogando no chão um papel amassado. Ela pega a folha,

abre e a aproxima da janela para enxergar melhor. É uma carta de Alice Carruth contando pouco mais que o dito por Marcus. A mãe sente a pontada de dor da primeira decepção amorosa do filho.

“E então?”, pergunta George.

“É tarde demais”, responde ela, entregando-lhe o papel. “Você pode levar isso para Byrne mais tarde. Mas espere até se distanciarem o bastante, para que Bonner não possa enviar seus cães.” George concorda e ergue os olhos para o teto, como quem reconhece a mão de Deus. “Desta forma”, prossegue Levina, “os Carruth estarão em segurança e ninguém poderá dizer que os Teerlinc não fizeram o que foi pedido.” George parece se dar por satisfeito, mas ela sabe que é apenas uma questão de tempo para que volte a argumentar em favor da partida.

Na rua, começa uma algazarra. Da janela, ela percebe uma turba que se forma na esquina. “Oh, Senhor, outra fogueira não!”, diz.

“Hoje cedo passei pelo mercado”, comenta George, aproximando-se da janela. “Não havia nenhuma estaca. Não ouvi nada.” Ele a enlaça com um braço e Levina aninha a cabeça em seu ombro, fechando os olhos por um instante e tentando se desligar do mundo. “É melhor eu ir descobrir o que está acontecendo.” George não se mexe, porém, e os dois ficam parados, desfrutando da proximidade.

“Eu vou com você”, diz ela.

“E Marcus?”

“Vamos deixá-lo a sós com sua dor.”

Eles vão até a porta. Levina oferece a mão, mas George não a segura ao sair no frio do mês de janeiro. A rua parece uma tela de Brueghel, fervilhando de gente que se apressa na direção de

Smithfield para descobrir o motivo de tanta comoção. Uma carroça foi largada na beira da rua, sinal de que a maré humana se espreme por um gargalo. O empurra-empurra provoca pânico. Homens erguem os filhos nos braços para protegê-los e jovens trepam no parapeito das janelas próximas, subindo no alto dos muros e nos telhados mais baixos como se fossem gatos. Levina sente Herói em seus calcanhares enquanto a massa os carrega. Por fim, vão dar na praça do mercado, onde um homem em cima de um caixote grita para a multidão.

“O que ele está dizendo?”, pergunta a uma senhora a seu lado.

“Calais foi perdida!”

Levina leva a mão à boca. “Não!”

A notícia da derrota corre pela multidão, e a cabeça dela se enche de imagens de todos aqueles jovens, a rigor ainda meninos, que via brincando de lutar na pista de equitação. Enxerga seus rostos imberbes desfigurados pela dor, seus corpos contorcidos e mutilados. Pensa nas mães e não consegue imaginar a dor de perder um filho numa guerra sem sentido de outra pessoa. É o conflito de Felipe, e Calais, último reduto inglês do território continental conquistado com muita dificuldade, caiu nas mãos dos franceses. A multidão fervilha. Alguém coloca um panfleto na mão de Levina. Nele, há uma imagem da rainha, feia e enrugada, e sob ela as palavras: *Uma terrível destruidora de seus próprios súditos, uma amante de estrangeiros, uma madrasta incomum tanto para eles quanto para a Inglaterra.*

Ouve-se um estrondo; uma gangue de jovens derrubou uma carroça de mercadorias. O barulho aumenta. Alguém trepou na carroça virada e começa a gritar de ódio, socando o ar. A massa começa a se acotovelar e Levina sente a mão do marido

firmemente agarrada a seu ombro.

“Venha”, diz ele. “Vamos embora daqui.”

Março de 1558, Whitehall

Katherine

Miosótis anda de um lado para o outro da gaiola, fazendo pequenos ruídos com o bico. O frio deixou minhas mãos roxas; junto-as e sopro ar quente nelas com a boca. O tempo está anormalmente ruim para o mês de março, e o céu, visto da janela, parece branco, carregado e vazio. Nem os pássaros se aventuram lá fora, como se tivessem medo de congelar e cair das alturas. Pelo menos é o que diz Lady Jane Seymour (ou Juno, como todos a chamam, porque a corte está cheia até o teto de Janes). Ela está entre nós faz um ano, e é uma bênção divina que tenha chegado, porque a prima Margaret anda insuportável e não há como arrancar Jane Dormer do jugo da rainha. Além disso, Dormer vai se casar em breve com Feria, e um dia deixará o país para virar uma condessa espanhola. É um par perfeito, considerando que é uma das católicas verdadeiras entre nós. Não é como eu ou Juno; não nos importamos nem um pouco se existe ou não um purgatório, se a hóstia se converte ou não em corpo na missa, e tentamos não ficar pensando muito no que acontece quando morremos; teremos muito tempo para isso quando formos velhas, e nesse meio-tempo há outras coisas em que pensar.

Juno e eu somos constantemente confundidas. Qualquer um que se der ao trabalho de nos olhar de perto, porém, verá que nossa semelhança é apenas superficial, ligada à cor da pele e à altura. Enquanto meus olhos são azuis e bem claros, os dela são

escuros. Meu rosto é fino e o dela é oval. Sua boca tem forma de arco, a minha parece um botão de rosa. Mas, ao longo do último ano, passamos tanto tempo juntas que acabamos pegando os trejeitos, tiques de fala e gestos uma da outra. Isso nos propicia todas as vantagens das irmãs gêmeas — o fascínio dos homens, a impressão de estarmos em dois lugares ao mesmo tempo, a capacidade de criar confusão — e nenhuma das desvantagens, como não ser únicas e ter de compartilhar tudo.

A rainha, cuja visão anda piorando, não consegue nos distinguir, e às vezes trocamos de vestido, o que cria o caos e causa arrepios na odiosa Susan Clarencieux, para nossa enorme diversão. Juno é meu único raio de sol neste lugar lamentável, onde todo mundo pisa em ovos, cochichando sobre quem virá a suceder a rainha. Mas ninguém ousa dizer isso em voz alta, com medo de irritá-la, como se já não fosse a pessoa mais irritada do mundo. Além disso, pensa de novo que carrega um bebê, embora só *ela* acredite nisso.

Há quem queira que eu a suceda, ainda que a maioria ache que será Elizabeth. Às vezes penso em ser rainha, com tudo a que se tem direito — as joias, os vestidos, os aposentos esplêndidos, o obséquio dos homens; mas nem *eu* sou tola o bastante para supor que seja apenas prazer; tenho visto a atual rainha esmagada pelo dever, a ponto de ter virado uma pessoa quase inteiramente diferente. É uma ideia grandiosa demais para disputar com os outros pensamentos em minha mente, ligados à lembrança da minha irmã Jane. Por isso, tento não pensar. Além disso, a rainha desconfia da minha fé. Sei disso porque posso sentir seus olhos em mim quando estamos na missa, como se suas preces fossem menos importantes que se certificar de que não há nenhuma herege entre as damas. Se pudesse ler meus

pensamentos, eu morreria queimada na fogueira. De qualquer maneira, cheguei à conclusão de que Elizabeth é mais adequada para o papel de rainha. Em breve retornará à corte, e *maman* me aconselhou a reatar a amizade com ela — tarefa, receio, não muito fácil.

Jane Dormer canta baixinho. Juno e eu costuramos pequenos discos folheados a ouro num par de mangas, um serviço bastante chato. A rainha está esparramada de lado em sua cadeira, dormindo. Ninguém acredita de verdade que esteja esperando um bebê, mas a única que expressa sua dúvida é Frideswide Sturley. Segundo contam, desde criança a rainha a conhece, e só ela tem coragem de dizer o que pensa. O restante de nós, até mesmo Susan Clarencieux, tenta agradá-la. A rainha deve ter algum problema de saúde, porque a barriga está inchada como uma bexiga e ela sente dores, a julgar pelo escândalo que faz quando colocamos o vestido nela. Todas a ouvimos vomitando à noite e temos de limpar as poças de bile que põe para fora. Quando Jane Dormer para de cantar, a rainha se vira e ronca, acordando com um susto. Juno me cutuca e dá um sorrisinho, e eu prendo a respiração, apertando os lábios para reprimir o riso. Levina, que se senta um pouco apartada de nós, com o galgo a seus pés, está fazendo um esboço da cena. Na ausência de *maman*, o fato de Vina estar sempre por perto para consertar as coisas é bastante tranquilizador.

“Céus!”, grita a rainha sorrindo, como se ainda estivesse sonhando. “O som dos anjos.” Talvez ela tenha se imaginado morta e diante do Criador. Então o sorriso desaparece e a rainha subitamente adquire um ar de velha, como se todas as dores do mundo pesassem sobre seus ombros. “Calais”, diz ela, levando as costas da mão à testa. “Quando eu estiver morta e me abrirem,

encontrarão Felipe e Calais no meu coração.” Noto que Frideswide Sturley, costurando no outro canto da lareira, troca olhares com Susan Clarencieux, a seu lado. Elas mal conseguem disfarçar a inquietação. A rainha anda falando muito de morte ultimamente.

“Calais, Calais, Calais”, grita Miosótis, balançando em seu poleiro.

Jane Dormer oferece à rainha um elixir, murmurando frases de conforto: “Não vos inquietais, Majestade, vosso marido retornará muito em breve. Vosso bebê há de ser a cura...”. A mão da rainha desce ao ventre, e um esboço de sorriso aparece em seus lábios. É sua única alegria, o bebê imaginário. Ela toma alguns goles da tigela e sussurra alguma coisa a Jane Dormer, que começa a cantar de novo. Então volta a dormir quase tão rapidamente quanto despertou.

A corte tem sido um lugar horrível nos últimos meses. Desde que o rei se foi, no ano anterior, a rainha mergulhou num desespero profundo. Ele partiu acompanhado pela duquesa da Lorena, sua amante — aquilo era claro como o dia pela forma como ele a olhava, parecendo um cachorro que baba por um osso. E a duquesa é uma criatura esplendorosa. Quem visse as duas lado a lado e não as conhecesse diria que ela é rainha, com as joias refinadas e a postura perfeita, e que a rainha de verdade, com o rosto comprido e o corpo diminuto e curvado, é apenas uma triste dama de companhia ou coisa parecida.

De qualquer forma, a duquesa partiu meses atrás, quando o rei foi fazer sua guerra, levando consigo todos os mancebos do reino. Pelo menos essa era a impressão. Ficaram para trás só os velhos, como o cardeal, arrastando-se pela corte, e não sobrou ninguém com quem dançar — não que haja oportunidades de

diversão ultimamente. No entanto, depois da queda de Calais os homens têm voltado aos montes; exceto, é claro, os que perderam a vida. Meu pensamento muitas vezes volta aos rapazes com quem dancei e que não estão mais entre nós. Durante um mês inteiro no ano passado, depois da batalha de St. Quentin, fomos inundados por ondas sucessivas de notícias terríveis: este foi ferido e provavelmente nunca mais poderá andar; aquele foi capturado pelos franceses; ninguém sabe o paradeiro daquele outro.

Não consigo esquecer o que senti no dia em que a prima Margaret veio correndo em minha direção no jardim, gritando: “Harry foi morto!”.

Foi como se alguém tivesse se apossado do meu coração, partindo-o como uma peça de carne. Um gemido animal saiu de minha boca, um som que eu nunca tinha ouvido antes, e tive de me apoiar nela para não cair desmaiada no chão.

“Não sei por que você sente necessidade de fazer um escândalo desses”, a prima Margaret disse. “Você mal o conhecia. Ele era *meu* amigo.”

“E meu marido!”, gemi, incapaz de me conter, sentindo-me sem chão, o mundo rodando e se afastando de mim.

“Não Harry *Herbert*, sua boba. Harry Dudley”, disse ela.

“Não foi Harry Herbert?” Só então o mundo começou a voltar para o devido lugar.

“Foi o que eu disse, prima.” Havia um ar triunfante no rosto dela, o que me fez perceber que tinha me confundido de propósito.

“Eu não o conhecia”, disse, recompondo-me. “Mas Guildford, irmão dele, foi casado com minha irmã Jane.”

Em minha mente, fiz as contas e concluí que Harry Dudley

era apenas um ano mais velho que eu. Isso me encheu de tristeza, pensar em mim mesma, que mal deixara de ser menina, e nele, frio e embaixo da terra — como minha irmã Jane, que tinha apenas dezessete anos quando foi morta.

“Quanto menos falarmos desses traidores, melhor”, resmungou Margaret. “Além disso, Harry Herbert não é seu marido.” Enquanto a prima Margaret dizia isso, girava no dedo a própria aliança, feliz como um porco na lama. “Harry Dudley passou um verão conosco em Skipton”, acrescentou, puxando um lenço e secando os olhos. Não falei nada, mas sabia que os Clifford não visitavam Skipton desde que Margaret era bebê.

A voz de Jane Dormer soa pura como um poço de água límpida. O tempo escoa e a impressão é de que nunca vamos terminar esses adornos dourados — parece que faltam alqueires e alqueires de mangas para costurar. Por isso, quando ninguém está observando, jogo dentro da bolsa os discos que faltam. Jane me dá um cutucão e abre um sorriso maroto enquanto esconde a bolsa debaixo do vestido, onde sinto o contato áspero de um papel. É uma carta de Harry Herbert, que chegou dos Países Baixos naquela manhã.

Minha querida Kitty,

Parto destas plagas desoladas para a Inglaterra dentro de um mês, e hei de retornar à corte, onde enfim poderei deitar meus olhos no meu doce amor. Aqui, no campo de batalha, vi muita coisa; horrores e baixezas que me fazem temer mais do que tudo (mais que a ira de meu pai, mais até que a ira de Deus) perder um único momento da tão preciosa vida longe de minha amada Kitty. Meu intento é que vivamos, quando do meu retorno, uma vez mais como homem e mulher. Na minha imaginação, Kitty, somos duas cerejas destinadas a viver

unidas no ramo da vida. Escreva-me por favor um bilhete, minha querida, para que eu guarde-o junto ao coração até que possamos estar uma vez mais unidos...

Da primeira vez que li, tive a impressão de que ia transbordar de saudade, mas descobri que não conseguia formar em minha mente a imagem de Harry Herbert — ela tinha ficado embaçada e se misturara a outras: a boca de Thomas Howard, as mãos de Robert Dudley, os olhos... os olhos ainda eram de Harry, verdes como o jade, felinos, sorridentes. Mas a voz não era a dele; tinha o “r” característico de um pajem de Leicestershire de quem eu gostava. Um pensamento incômodo ganhou corpo dentro de mim nas últimas horas, enquanto eu ficava sentada ao lado da rainha com quase nada a fazer a não ser pensar e costurar. Apesar do fato de que ainda trago sob minha roupa de baixo aquele fragmento de fita cinzenta, parece que minha afeição por Harry Herbert deixou de ser tão ardente como foi um dia. Quando penso nele não fico mais excitada até a alma. A afeição existe, é certo, mas talvez tenha virado mais o hábito de amar que o amor em si. Afinal de contas, são três anos inteiros em que mal pus meus olhos em sua pessoa, sem contar a espiadela na pista de equitação no verão passado, nos derradeiros dias antes de sua partida para a luta.

Frideswide Sturley ergue os olhos para mim, levantando as sobrancelhas, e solta: “Parou de costurar?”.

Pego a caixa e a viro de cabeça para baixo, para mostrar que os discos acabaram. Ela dá de ombros; então a rainha repentinamente se senta ereta, como se tivesse acordado de um pesadelo.

“Livrai-vos dele!”, ela grita, como se estivesse olhando

diretamente para mim. Meu estômago revira enquanto tento descobrir o que fiz de errado. Fico pensando se disse algo que tenha me incriminado. Lembro-me de uma anedota sobre o papa que contei faz pouco tempo que fez até Frideswide Sturley pegar o lenço para enxugar os olhos. Talvez alguém tenha contado à rainha.

“Não posso aguentá-lo olhando para mim”, prossegue a rainha, apontando para o imenso retrato do marido, em sua armadura completa de batalha, pendurado na parede atrás de mim.

Solto o ar, relaxando os ombros.

“Livrai-vos dele”, remeda o periquito.

“Vossa Alteza”, diz Frideswide, baixinho. “Não vos atormentais.”

Viro-me para olhar a pintura do rei, que está me observando. Antes que tenha tempo de me dar conta do que acontece, a rainha pula da cadeira, apossa-se de minha tesoura de bordado e começa a apunhalar o retrato, até que enormes pedaços se desprendam dele. Todas acompanhamos perplexas, à exceção de Frideswide, que agarra seu pulso e arranca a tesoura de seus dedos, devolvendo-a a mim. A rainha se joga em seus braços, chorando, tossindo e gaguejando, enquanto Susan Clarencieux e Jane Dormer andam de um lado para o outro. Levina arranja forças para pedir a um dos pajens que tome providências para a retirada do quadro. Enquanto a rainha é carregada para seu quarto, olho para Juno; ela está pálida como a morte, apoiada contra a parede.

“Juno”, digo. “O que foi?” Ela olha para o nada e sua pele adquire um brilho úmido. Toco sua testa. Está pelando.

“Preciso me deitar”, ela murmura.

Afrouxo seu vestido e passo seu braço por cima dos meus ombros, suportando seu peso para deitá-la perto da janela. Levina coloca um travesseiro sob sua cabeça e chama um serviçal, orientando-o a dar a notícia à mãe de Jane, em Hanworth. Meus olhos pousam sobre o desenho que Levina não terminou. Não é um retrato da rainha, como eu imaginara; é meu e de Juno. Ela nos representou em um momento de riso reprimido, com as cabeças unidas, inconsequentes, plenas de possibilidades. Mas, quando vejo mais de perto, percebo nos olhos de Juno um brilho indicador de febre. Enquanto minha mão direita flutua suavemente no ar, a esquerda, parcialmente escondida nas dobras da minha saia, está cerrada como um botão de rosa que pode se partir se for aberto. Não sei por que, mas ao ver isso sinto um peso mortal no coração.

Março de 1558, Solar Hanworth
Katherine

“Gripe”, anuncia o médico. “Sem dúvida.”

Ele mal olhou para Juno antes de fazer o diagnóstico. Nem era preciso, porque já sabíamos. Não faria diferença se o médico tivesse ficado em casa, porque suas mãos estão atadas. Mesmo assim, ele prepara uma tintura e explica como ministrá-la.

Mal consigo me dar conta do que ele diz, de tão arrasada que estou diante da ideia de perder meu raiozinho de sol. Se Juno se for, será como perder uma parte de mim mesma. Às vezes tenho a impressão de amá-la mais do que amei qualquer rapaz. Dormimos abraçadas à noite, tão apertadas que perco a noção de onde meu corpo começa e onde termina o dela. Senti sua respiração no meu rosto e o calor de seu corpo contra o meu,

provocando um inexplicável desejo dentro de mim. Mas por enquanto acabaram-se as noites enlaçadas, porque Juno luta pela própria vida.

Aceno com a cabeça e o médico parece se satisfazer com isso, pois me entrega um frasco com um líquido esverdeado. Nos últimos tempos, mais de mil almas foram atingidas pela gripe; há quem diga que ela mata mais que a doença do suor e que não há cura para ela. A pele de Juno adquiriu um triste tom cinzento e seu olhar está vazio, como se já estivesse morta. Sinto vontade de chorar, mas vejo que sua mãe, a duquesa, está totalmente imóvel e muda, com as mãos cobrindo a boca e terror no olhar. Uma de nós precisa ser forte e, embora em geral seja eu a que desmorono, ela parece não me dar muita escolha.

O médico nos deixa sussurrando algumas palavras: “Ela está em plena crise. Se sobreviver a esta noite, tudo ficará bem”.

Tento não pensar muito nisso e me ocupo ajeitando a roupa de cama. Peço à camareira que atice o fogo, espalhe ervas finas e peça um caldo na cozinha. Juno caiu num sono agitado; a respiração não passa de um chiado superficial. Limpo sua fronte com um pano frio; preciso me manter ocupada para afastar os maus pensamentos.

Viro para a duquesa, que quase não se mexeu, e digo, no tom imperativo de uma enfermeira: “Precisa dormir, milady. Vou ficar em vigília por Juno esta noite”.

Ela sai dócil como um cordeiro, levada pelo braço por sua serviçal — o que é uma surpresa, considerando que tem fama de ser bem ranzinza. Suponho que o sofrimento a tenha deixado assim.

Ao sair, a duquesa vira para mim, com o semblante desolado, e pergunta: “Por que é que coisas ruins acontecem com pessoas

boas?”.

Levanto os ombros, mas não digo nada. Não sei o que responder. Minha irmã Jane teria dito algo parecido com: *Não temos como conhecer o que o Senhor planejou para nós; pense em Jó*. Minha irmã Mary teria falado: *Coisas boas e ruins acontecem a todos, não cabe a nós tentar entender por quê*. Mas o que eu penso? Não sei por que coisas ruins acontecem a pessoas boas. Nunca pensei nisso.

Volto-me para Juno e a descubro tremendo, numa palidez mortal. Deve estar sonhando, pois murmura palavras ininteligíveis, e um sorriso passa rapidamente por seus lábios, o que me faz acreditar que talvez sejam, pelo menos, sonhos bons. Fico pensando se estou neles. Toco sua testa; a pele está fria e úmida, e não posso evitar o pensamento de que deve ser essa a sensação de tocar um cadáver. Afasto a ideia da mente e puxo os lençóis para cima, envolvendo-a. Deitada assim, parece frágil como uma folha seca. Dentro de mim tudo revira, de medo de nunca mais ver Juno acordar, cheia de uma saudade mais profunda, mais triste e desesperançada do que parece possível. Procuro bem no fundo meu costumeiro otimismo, mas não o encontro em parte alguma.

Fico deitada na cama, tomando cuidado para não acordá-la, ouvindo sua respiração e casando o ritmo da minha com a dela para me sentir mais próxima. Então as lembranças invadem minha mente. O dia em que Juno chegou à corte e Susan Clarencieux, que é tão míope quanto a rainha, a confundiu comigo, ralhando com ela por um de meus pecadilhos. Fiquei olhando de longe enquanto Susan balançava o dedo e latia: “Katherine Grey, um de seus cachorros fez as coisas dele no quarto da rainha. Vou me livrar daquelas criaturas infernais se

“você não assumir o controle delas”.

Em vez de apontar o equívoco de Susan, Juno pediu um milhão de desculpas, prometendo que aquilo nunca mais aconteceria e os cães seriam mantidos distantes dos aposentos da rainha, até que a outra se deu por satisfeita. Em seguida, veio me procurar.

“Você é Lady Katherine Grey, não é?”, perguntou, encarando-me de uma maneira corajosa que me desarmou.

“Sim. E você?”, respondi, já prevendo confusão.

“Sou Lady Jane Seymour. E você me deve um favor.” Ela disse isso com um enorme sorriso. “Sinto que temos potencial para sermos amigas, Katherine Grey. Temos muito em comum.” Juno fez uma pausa e deu um passo para a frente, para cochichar. “Tanto seu pai quanto o meu foram executados por traição, e tanto eu quanto você somos primas em primeiro grau da realeza.” Ela parou, e eu me lembro de como fiquei fascinada por seus olhos vívidos e pela delicadeza de seus traços. “Creio que sua mãe, assim como a minha, é uma duquesa que se casou com alguém de posição inferior.”

“*Maman* se casou com o cavaleiro”, respondi sorrindo, para minha própria surpresa, pois odiava que me lembrassem desse fato.

“Meu padrasto trabalhou como nosso mordomo.” Juno riu ao dizer aquilo, como se nenhum problema do mundo pudesse incomodá-la, e eu senti um frio na barriga, parecido com a sensação de ser cortejada por um rapaz do meu agrado. “De fato, nossas vidas são tão parecidas que seria quase impossível não nos tornarmos melhores amigas ou piores inimigas.” Encostando a boca na minha orelha, ela acrescentou: “E acho que o feliz acaso de nossa semelhança física pode ensejar

algumas deliciosas travessuras”.

Fiquei encantada na mesma hora — encontrar uma alma tão ávida por travessuras quanto eu era, de fato, estimulante. Estendi a mão nessa hora, mas, em vez de apertá-la, Juno agarrou meu pulso, pôs a palma de sua mão contra a minha e, pressionando-as e casando as pontas dos dedos, disse: “Veja, são idênticas!”.

“Idênticas”, repeti, como se fosse incapaz de usar minhas próprias palavras.

“Minhas amigas me chamam de Juno.”

“E suas inimigas?”

“Não sei e pouco me importa”, foi a resposta dela. Nossa amizade estava selada.

Agora, a mesma mão repousa mole contra os lençóis amarrotados, e estou arrasada com a ideia de que meu outro eu, minha cópia perfeita, pode não sobreviver à noite.

Abril de 1558, Hampton Court

Mary

Um andorinhão pia no céu. Olho para cima e meus olhos o encontram, como uma letra W escura, bem alto no azul, anunciando a primavera. Passei a maior parte dos últimos quatro dias olhando para as costas do carregador da minha liteira: retas, fortes e musculosas. Imagino minha própria forma e fico pensando o que será que rapazes como ele sentem ao me ver. Pena, suponho, ou asco; é sempre uma coisa ou outra. Este foi gentil ao extremo, eficiente ao me ajudar a subir em meu assento, ajeitando as almofadas, fugindo cuidadosamente do meu olhar, talvez constrangido pela minha anormalidade.

Depois, porém, já segurando as varas, virou-se e me ofereceu um sorriso amplo e caloroso. Talvez estivesse contente pelo pouco peso da carga que teria de carregar de Hampton Court até Beaumanor, pois, embora eu tenha completado treze aniversários, não sou maior do que era há três anos.

Maman fez marcas numa parede de Beaumanor para medir a minha altura e a de Peggy. “Como recordação”, dizia ela. Peggy estava partindo para a residência de Elizabeth em Hatfield. Com um metro e cinquenta e dois de altura, Peggy tinha ficado uma boa dúzia de polegadas mais alta que eu e precisava de vestidos novos, porque não podia ser vista no séquito de Elizabeth com a barra batendo na canela. Desde que se mudou, recebi uma carta dela descrevendo a vida por lá. *Toda a grandeza da corte e muita alegria, que não convém à minha compleição, com damas pouco gentis. Elizabeth, conta ela, me ignora a maior parte do tempo e é uma força da natureza*, o que cria na minha mente a imagem de uma moça no topo de uma montanha alta, insuflando o vento.

A liteira avança. A viagem parece interminável; meu corpo dói, e, se não mantiver meu olhar fixo à frente, a náusea tomará conta de mim. Fico olhando para o lombo castanho do cavalo de Levina, avançando num passo ondulante atrás do par de cavaliários, que vão à frente para nos proteger. À frente de todos, entrevejo pela primeira vez as torres vermelhas e chaminés de Hampton Court, e uma sensação incômoda penetra em mim diante da ideia de ficar novamente perto da rainha. Não sei se serei capaz de manter a fachada de moça católica devota sob seus olhos, quando me lembro do que aconteceu da última vez que estive na corte. Não aconteceu nada, mas o medo permanece. É a primeira vez em três anos que sou chamada de volta. *Maman* vinha conseguindo me manter à distância, a ponto

de eu achar que felizmente tinha sido esquecida. Mas, de maneira inesperada, a rainha expressou necessidade de mim na falta de minha irmã, que está em vigia por Juno Seymour. Por isso, Levina foi a Beaumanor para entregar alguns retratos e me acompanhar de volta. Ao nos despedirmos, *maman* se esforçou para sorrir, mas não conseguiu me enganar.

“Estamos quase lá, Mary”, grita Levina, virando-se em sua sela e apontando para o palácio. O cavalo sacode e bufa. Presa ao ombro, Levina traz uma bolsa de couro, que toca de tempos em tempos, como que para confirmar se continua ali. Eu me pergunto que item tão precioso guarda.

Os guardas fazem sinal para passarmos, e entramos ruidosamente em Base Court, um lugar que, nas minhas lembranças, é vibrante. Hoje, porém, está vazio, e o barulho dos cascos dos cavalos nos paralelepípedos ecoa nas paredes. Levina desce de sua montaria, entregando o animal a um cavaleiro. Um carregador se oferece para levar sua mala, segurando-a pela alça, mas ela a retoma na mesma hora, apertando-a contra o corpo.

Sou ajudada a descer da liteira, erguida pelas axilas e colocada no chão. Agradeço aos homens, entregando uma moeda a cada um, e sigo Levina na escuridão do edifício, subindo os degraus de pedra que vão dar no salão principal. Nele, porém, tampouco há vitalma, a não ser por dois serviçais atiçando o fogo e criados da cozinha tirando os restos do jantar.

“Onde foi parar todo mundo?”, pergunto. “Parece um necrotério.”

“Muitas pessoas pegaram a gripe, e outros, como sua irmã, estão cuidando delas”, responde Levina. “A maioria...” Ela para de falar enquanto espera um pajem passar, então retoma em um

tom de voz mais baixo: “A maioria ficou contente por ter uma desculpa para ir embora”.

O medo começa a tomar conta de mim. Ela deve ter lido isso no meu rosto, pois acrescenta, em tom animado: “Enquanto estiver aqui, vamos continuar a fazer seu retrato. Isso vai lhe proporcionar uma distração agradável”. Caminhamos até a galeria, em direção aos aposentos da rainha. “Devo avisá-la”, Levina sussurra, “de que encontrará a rainha bastante debilitada fisicamente. Ela não anda bem.” Respondo com um aceno de cabeça. “Ela ainda acha que está esperando uma criança. Se disser a você qualquer coisa a respeito, concorde e sorria. É o melhor a fazer.”

Quando chegamos aos aposentos da rainha, um grupo de conselheiros está de saída. Meu tio Arundel pergunta por *maman* e pelo marido dela. Ele pronuncia o nome Stokes parecendo enojado. *Maman* não daria a mínima para a reprovação dele; ela costuma dizer que Arundel é “insuportavelmente arrogante e não muito inteligente”. Os homens desaparecem galeria abaixo, e um guarda que não reconheço nos anuncia.

A rainha está mesmo fraca, mais magra do que nunca, com a pele fina e enrugada e os olhos inchados. Susan Clarencieux e Frideswide Sturley estão ao lado dela, e no recuo da janela há uma ou duas damas de companhia, não mais que isso. Até mesmo Jane Dormer está ausente. Susan ergue os olhos de seu bordado parecendo assombrada e aponta com a cabeça em nossa direção.

“Nossa pequena Mary Grey”, diz a rainha, voltando repentinamente à vida e estendendo os braços. “Estamos felizes que tenha voltado.” Ela dá um tapinha no joelho e sou obrigada a montar nele, como costumava fazer, embora agora tenha treze

anos de idade. Sinto, em meio ao medo, crescer de novo o que restava de ódio, como a fumaça num incêndio na floresta. “Que notícias traz de sua querida *maman*?”

Engulo meus sentimentos e começo a contar de Beaumanor e da felicidade de *maman*, que esteve com barriga poucos meses atrás, mas perdeu o bebê precocemente e já se recuperou por completo. A rainha fica pensativa, colocando a mão na própria barriga. Por um instante, temo que comece a chorar e fico preocupada por tê-la recordado de algo que preferiria esquecer. Mas sua atenção é desviada pelo anúncio da chegada do cardeal Pole.

Ele avança trôpego em nossa direção, com uma bengala. Em apenas três anos, dá a impressão de ter envelhecido uma década. A rainha enxota as outras mulheres e eu fico abandonada no colo real, pensando em como minha vida gira em círculos, tal qual um motivo bordado numa tapeçaria. O cardeal se joga no assento ao nosso lado, soltando um suspiro forte e chiado, e toma a mão da rainha nas suas.

“Suponho, cardeal, que nosso conselho privado instou-o a discutir a indicação de nosso herdeiro.” Ela fala com voz baixa, para que a conversa não caia em ouvidos alheios, embora nenhum dos dois pareça levar em conta os *meus* ouvidos. Sou como uma marionete de madeira. “Eles acham que é o mais indicado para arrancá-la de nós, não é?”

“Senhora...”, o cardeal começa a falar, mas a rainha encobre sua voz.

“Será que vai ser nossa irmã, que parece ter metade da Inglaterra na palma de sua mão de herege, ou a irmã dela?” A rainha me dá um tapinha na cabeça. “A filha de um traidor... Ou será que você prefere aquela prima escocesa, que se casou com

um francês?”

A fragilidade da rainha me impressiona. Não tinha me ocorrido antes que seus dias estão contados. Não é tão velha, mas seus olhos parecem fundos e fantasmagóricos. Embora *maman* sempre tenha falado da posição arriscada em que minha irmã se encontraria caso fosse indicada como herdeira, especialmente agora que a popularidade de Elizabeth é tão grande, só agora começo a entender o verdadeiro perigo da situação, e o fato de que a história pode muito bem estar a ponto de se repetir. Quero dizer alguma coisa, mas nada me ocorre. O que Jane diria? *Não devemos questionar os desígnios de Deus.*

“Senhora”, diz uma vez mais o cardeal. “Não foi a questão sucessória que me trouxe aqui. Foi Bonner. Ele decidiu queimar uma dúzia de hereges em Smithfield amanhã.”

O rosto da rainha se ilumina. “A Inglaterra vai ficar mais pura.” Ela sacode a mão do cardeal para cima e para baixo numa demonstração do que só pode ser empolgação. “Havemos de ser salvos. Havemos de ser salvos.”

“Tenho medo do povo, senhora. Houve distúrbios na cidade e temo que este...” Ele faz uma pausa. “Este evento público e tantos outros...” O cardeal para e passa uma mão sobre os olhos, lentamente, como se doessem. “Podem desencadear algo impossível de conter. O povo — seu povo, senhora — está em cólera.”

“Não!” Os olhos da rainha agora estão bem abertos, refletindo o fogo da lareira, o que lhe confere um ar sombrio que provoca um calafrio em mim. “Não havemos de perdoá-los, se é por isso que veio, cardeal. Começaremos a conjecturar se *você* mesmo não é um herege. Há rumores...” Ela deixa a frase no ar, e entre

eles se instala um silêncio embaraçoso. Não posso deixar de me contentar por ver a suspeita dela direcionada ao cardeal, e não a mim.

“Senhora”, diz ele por fim, com uma voz tão dolorida que parece à beira das lágrimas, “*minhas* crenças estão fora de suspeita, posso lhe assegurar. É a fé católica que professo; trabalhei por ela toda a minha vida.”

“*Você* não deve se colocar no caminho da salvação da Inglaterra, cardeal. Quanto mais testemunhas das fogueiras, melhor. A Inglaterra será depurada do pecado, e Deus, em seu contentamento, vai nos dar um herdeiro. Agradecemos todos os dias por Bonner. Ele é o único homem da nossa Igreja que tem temperamento.”

Percebo que o cardeal quer dizer mais alguma coisa, mas a rainha já não está de frente para ele, ajeitando os fios de cabelo que escaparam da touca. O homem parece abalado. Ela começa a cantarolar; é um salmo, mas não consegue acertar o tom. Por fim, o cardeal põe um joelho no piso e beija sua mão, antes de se escusar e sair. Enquanto falavam, notei uma espécie de discussão do outro lado do quarto. As poucas damas que continuavam ali se juntaram num círculo, olhando alguma coisa. Por fim, Susan Clarencieux deixa o grupo e se aproxima.

“Vossa Alteza”, ela diz, com ar grave. “Receio que Miosótis esteja... Ele está...”

“Desembuche, Susan”, diz a rainha.

“Ele está morto, Vossa Alteza. Foi envenenado.”

“Oh!”, diz a rainha, olhando as próprias mãos. “Envenenado? Como assim?”

“Encontramos pedaços de raiz de beladona no meio do alpiste.”

“Ganhamos essa ave de presente trinta anos atrás”, diz ela, afundando-se na cadeira. “Deve ser alguém que nos odeia enormemente.”

Tudo o que *eu* penso é que não deve ter sido uma existência muito interessante. Trinta anos encarcerado numa gaiola e levado de carroça de palácio em palácio, naquela prisão dourada, com apenas a arte de repetir para divertir-se — uma vida digna de um dos círculos do inferno de Dante.

Susan me enxota do colo da rainha e, esgueirando-se para seu lado, segura-a como uma criança, balançando-a para a frente e para trás enquanto ela soluça. Queria saber como pode sentir tanta dor pelo pobre periquito e ainda assim ser capaz de condenar tanta gente, com tanto fervor, a queimar na fogueira. A fé parece tê-la enlouquecido. Vou até o canto onde Levina cuida para que o periquito seja levado.

“Venha”, ela me diz, enquanto um dos pajens pega a pequena carcaça do infeliz. “Reservaram-me uma câmara onde a luz é boa e posso fazer alguns esboços seus.”

Levina

A luz de abril recai sobre o vestido negro de Mary, revelando cores surpreendentes. Como a plumagem de uma gralha, toques brilhantes de azul e púrpura surgem na superfície do cetim escuro. Levina e Mary estão já há algum tempo em silêncio, perdidas nos próprios pensamentos. Levina tem certeza de que deram uma busca em suas coisas depois que foi para Beaumanor. Ela deduz isso pelo desenho da poeira no chão e pela sensação de que seus objetos foram cuidadosamente deslocados. Por sorte, teve a boa ideia de carregar consigo o

último conjunto de papéis. Ela toca a bolsa que leva a tiracolo, mais tranquila ao sentir o volume dentro do couro — mais relatos e imagens dos terríveis atos cometidos em nome da Igreja católica, um catálogo de horror aparentemente sem fim. Sua mente gira, pensando em uma forma de entregá-los a um mensageiro. Não podem ficar, é perigoso demais; ela está sendo observada.

Mary sai ligeiramente do lugar e a luz a atinge de outra forma. O esboço se recusa a tomar forma. A cabeça de Levina está cheia demais. Ela imagina como George e Marcus estão se saindo em Bruges e se lembra da briga que teve com o marido na noite anterior à partida. Já faz um mês; ele tinha reservado uma passagem para os três e jogava isso na cara dela.

“Você é minha esposa. Está sujeita a mim!”, gritou George quando ela se queixou de que ele não tinha o direito. Levina simplesmente se recusou a ir, e os dois trocaram insultos até que ele explodiu, dizendo: “Como você pode colocar uma família de traidores à frente da sua?”.

Desde então as palavras reverberam em sua mente, e Levina oscila entre a fúria e a compreensão. Como ela não dormiu, pôde escutar quando ele chegou no meio da noite. De manhã, encontrou-o esparramado na cama, desmaiado, ainda de roupa e fedendo a cerveja.

Levina tentou fazer as pazes na hora da despedida, mas George mal a olhou. Ela se lembra dele de costas, na soleira da porta, enquanto abraçava Marcus, sentindo a dor da separação comum a toda mãe quando um filho vai embora, mas feliz ao mesmo tempo, por saber que ele estava indo para um lugar mais seguro. Levina pegou seu braço e caminharam pelo jardim. George subiu em sua égua e a tocou para que partisse, sem nem sequer

dizer adeus. Na noite anterior, com o coração cheio de dúvida, Levina havia escrito uma longa carta pedindo desculpas sinceras. Ele nunca respondeu, embora ela se console pensando que, por causa da guerra, tem havido atrasos na correspondência vinda pelo Canal da Mancha. Dentro de Levina abriu-se um vazio, rapidamente preenchido pelo arrependimento.

Sem eles, a casa de Ludgate parecia vazia e cavernosa. Ela vagueava, pequena como uma formiga. Byrne estava o tempo todo vigiando, verificando se ia à missa, dando indiretas quando menos se esperava, observando-a na igreja com aquele incômodo sorriso.

“Para onde você disse que seu marido foi?”, ele havia perguntado na última vez que se encontraram. “Genebra?”

“Bruges, nossa terra natal.” Levina sabia o que ele estava fazendo. Era para Genebra que os papéis iam.

“Por que não vai se juntar a ele? Sem a proteção de um homem, uma mulher corre risco.” Byrne prolongou o som do “s”, como quem lança gás venenoso no ar.

“Fiquei para servir Sua Majestade”, ela respondeu, com um sorriso forçado no rosto.

A resposta pareceu satisfazê-lo, e ele sugeriu que orassem juntos. Por um instante, mas apenas por um instante, Levina sentiu alívio de seu medo permanente. Tinha esquecido como é viver sem medo e ficou feliz por ser chamada de volta à corte. Embora o palácio seja lúgubre, pelo menos ela não tem de passar a noite ouvindo cada grito na rua ou cada ranger da madeira, imaginando que os lacaios de Bonner vão buscá-la e levá-la para Newgate ou coisa pior. Mas agora ela tem certeza de que alguém fez uma busca em suas coisas. Logo, não se sente segura em lugar nenhum.

Mary se move de novo e diz: “Vina, quanto tempo acha que vou ter de passar na corte?”.

“Não sei, querida. Mas tenho certeza de que, quando sua irmã retornar, vão lhe dar licença para voltar para sua mãe.”

“E Katherine vai ser indicada como herdeira?”

“Espero que não, Mary”, responde ela, na esperança de tranquilizar a moça. A verdade é que ninguém sabe, embora esperem que a sombra da traição de seu pai a salve.

Elas ficam de novo caladas por algum tempo, e os pensamentos continuam a ir e vir nesse silêncio — como Levina queria poder se entregar totalmente ao trabalho. Sabe como quer compor o retrato, mas as proporções lhe parecem erradas e não consegue passar para a tela o ar pensativo de Mary e seu semblante. Não apenas os olhos, mas a posição do maxilar, a postura. Levina não consegue retratá-la. Guarda o carvão, suspirando, e pega outra folha de papel.

“Você pintou muito a rainha?”, pergunta Mary.

“Uma ou duas vezes.”

“E você a pinta como ela é ou... como gostaria de ser?”

“Tentei ser fiel à essência dela. Mas receio que se a mostrasse como está, tão frágil, tão esquelética...” Levina evita reconhecer que não ousa mostrar a rainha como é de fato.

O silêncio cai de novo e Mary parece mergulhada em pensamentos, como se as complexas engrenagens de um relógio girassem em sua cabeça. Por fim Mary tem uma ideia. “Gostaria que você me desenhasse como realmente sou — minha deformidade, minha feiura... Quero que a mostre, pois qualquer outra coisa não seria eu.”

“Tem certeza?”, pergunta Levina, compreendendo subitamente aquilo que não consegue capturar na imagem

diante dela — a verdade.

“Absoluta.” Mary parece empolgada. Seus olhos brilham. “Se eu tirasse meu avental, você conseguiria me ver melhor.” Ela começa a soltar a parte da frente do vestido, tirando-o pelos ombros. Depois, desata o corpete e desamarra as fitas que unem as mangas, puxando até soltá-las, para então ficar à frente de Levina apenas numa peça branca de linho, com o resto das roupas amontoado a seus pés. Ela ainda se remexe, tirando daqui e dali uma peça, algum tipo de armação, e jogando-a para um canto do cômodo.

Levina esboça essa cena. De uma hora para outra, as linhas de carvão ganham vida através de seus dedos. Ela esquece por um momento o conteúdo de sua bolsa de couro. “Perfeita, você está perfeita”, murmura ela, mais para si mesma do que para Mary.

“Ninguém nunca me disse isso.”

Não há a menor pitada de autopiedade nela — ou talvez apenas esconda bem. Levina continua seu esboço, deleitando-se nas malformações do corpo de Mary, tentando resolver como as partes dela se encaixam por baixo da camisola, imaginando sua coluna. Isso a faz pensar na pintura de Adão e Eva sendo expulsos do paraíso, na parede da igreja que frequentava com a família quando era criança. Sempre reparava que os seios de Eva eram montículos duros e empinados, bem diferentes dos globos pesados e flácidos da mãe. Levina agora pensa no artista há muito esquecido, talvez algum religioso que provavelmente nunca vira uma mulher despida. Isso lhe dá vontade de desenhar Mary nua. O pensamento a faz sorrir, pois a jovem já está beirando os limites da decência ao se oferecer desta forma, sabendo que ninguém jamais verá as imagens.

“Aqui, Mary”, diz ela, levantando-se e se colocando perto da

enorme lareira. “Experimente ficar em pé aqui, para que eu possa mostrar sua pequenez como realmente é.”

Mary atravessa o cômodo, parando para dar uma olhada na pilha de esboços. “Oh, Vina!”

Levina ergue os olhos, temerosa de que Mary fique perturbada com as imagens, mas ela está hipnotizada, segurando os desenhos contra a luz para examiná-los melhor. Só então vai para perto da lareira. “Que tal?” Ela apoia uma das mãos no lintel de pedra e vira o corpo, olhando por cima do ombro. Depois, com a outra mão, desfaz os laços na nuca, deixando a camisola frouxa e expondo as costas e a coluna. Há marcas vermelhas profundas deixadas pela armação, dando a impressão de que foi chicoteada.

“Excelente”, diz Levina, sentindo estar diante de algo empolgante. “Este é o seu retrato.” Ela revira seus materiais em busca do frasco de tinta. Depois de encontrá-lo, alinha os pincéis e pega o velino. Um cheiro de animal se desprende. Ela o coloca no cavalete e começa a imaginar, com um arrepio repentino, as linhas que vai desenhar na superfície virgem.

“Sabe que nunca me deixaram ter um espelho? Acham que, escondendo de mim a verdade, ficarei melhor.” Mary faz uma pausa. “Não é o caso. Estão cheios de boas intenções, mas...”

“Você está falando de seus pais e suas irmãs?”

Mary assente. “Eles tentavam me proteger da realidade.” Ela faz outra pausa, agora com ar pensativo, antes de dizer: “Sinto o que qualquer jovem sente. Às vezes olho para um rapaz e fico pensando como seria... Na casa de *maman* tem um escriba: Percy. Às vezes imagino como ele seria. Percy nem olha para mim”.

Levina não diz nada, deixando Mary falar e sentindo que é um privilégio que lhe confie seus pensamentos mais íntimos.

“Ando lendo Platão, o *Simpósio*. Você leu?”

“Não.” Levina sente uma ponta de vergonha por aquela jovem ser versada em Platão quando ela própria, com quase quarenta anos, nunca leu os clássicos.

“Ele fala de amor. Tem uma ideia de que no começo éramos círculos, com quatro braços, quatro pernas, girando mundo afora, e por algum motivo nos partimos em dois. Nosso destino é procurar a outra metade. É uma besteira, é claro, mas é um pouco como a história da queda do homem, não é?”

Levina concorda e sorri, surpreendendo-se com a força com que Mary diz: “Você acredita que haja no mundo uma metade torta de círculo que combine comigo?”.

Isso a deixa profundamente tocada, mas Levina não sabe como reagir. Apenas palavras vazias de conforto lhe vêm à cabeça. Por isso, ela fica em silêncio enquanto Mary prossegue: “Todo mundo acha que carrego minha cruz como uma santa. Mas não é verdade — às vezes sinto ódio de Deus por ter me feito assim”.

“Você tem o direito de sentir raiva, Mary, até mesmo de Deus.” Levina por fim encontrou o que dizer. “Mas vale por mil dessas menininhas de beleza comum.”

“A beleza comum é algo que nunca vou conhecer.” Ela levanta uma das mãos. “E não vá dizer que sou bonita por dentro.”

“Consolá-la com frases banais? Nunca faria isso.”

“Eu sei.” A voz dela ficou mais suave. “Você é a única pessoa com quem eu posso ser franca.”

“Isto aqui é franqueza.” Levina põe a mão em seu desenho. “Mesmo que ninguém jamais veja.”

Elas recaem num silêncio profundo. Levina está fascinada pelo que tem diante de si e pela imagem que ganha forma na página. Agora enxerga a verdade no olhar de Mary, que mais

que uma máscara de fortaleza é cheio de raiva e paixão ciosamente reprimidas. Ela mergulha na mecânica de seu ofício, erguendo o pincel com o braço esticado, medindo aquilo que vê, fazendo marcas diminutas no velino, observando até identificar as coisas que de início não estão aparentes, o espaço vazio diante dela.

Passado algum tempo, Mary diz: “Obrigada, Vina, por isso... por fazer isso.” Ela para e um sorriso surge em seus olhos. “A verdade é tão importante. Você não acha?”

“É a única coisa que há.” O cadáver do anão no necrotério de Bruges vem à memória de Levina com força. Pode ouvir a voz do pai a orientá-la enquanto fazia vários esboços daquelas estranhas proporções, até ele considerar que havia aprendido a lição — de que nada é como achamos que é. Levina se dá conta de que ainda está aprendendo.

Ela enxerga Mary com outros olhos: a indiferença permanente, como ela estivesse sendo observada através de um vidro defeituoso em uma janela; os olhos arredondados com uma gravidade austera, disfarçando a cólera apaixonada; suas mãos, frágeis como borboletas; a tonalidade peculiar de seu cabelo castanho-escuro, que traz consigo a memória da irmã falecida e também de Frances, três mulheres na verdade tão parecidas — e tão diferentes de Katherine, que puxou inteiramente ao pai.

Ela evita se deixar levar pelos próprios pensamentos, voltando sua atenção de novo para aquilo que está diante de si, para como a luz esculpe as linhas do rosto de Mary, para como as curvas são obscurecidas pela sombra. Inteiramente cativada pelo que vê, trabalha quase em transe — o tilintar do pincel no vidro, o cheiro metálico da tinta, o batimento nervoso do coração — e

agora encontra a composição que insistia em fugir-lhe, quase alheia ao escurecer do dia. De quando em quando se afasta para avaliar o próprio trabalho; então, pegando o pincel de esquilo mais delicado, com três pelos, acrescenta os detalhes mais finos, fios de cabelo, um motivo de hera bordado na camisola, as meias-luas perfeitas das unhas pequenas.

“Se um dia eu me tornar uma grande artista”, diz Levina, “terá sido você, Mary, a responsável.”

“Quem acreditaria?” Mary exclama, com um riso irônico. “A anãzinha inspirando tanta grandeza.”

“Anãzinha é um termo cruel”, diz Levina.

“Mas é a verdade.”

O sino da capela dobra, anunciando a missa e interrompendo-as. Elas reagem sem pensar. Levina tira o avental e procura a touca, atando-a sob o queixo, em seguida joga um pano sobre o cavalete, com cuidado para não borrar a tinta fresca. Quando se volta para Mary, percebe, horrorizada, que a moça tirou o rolo de papéis de sua bolsa.

“O que é isso que você anda guardando com tanto cuidado?”, pergunta ela, desenrolando-os e correndo os olhos por eles. A cor desaparece de seu rosto. “Por que tem essas coisas? Corre risco de vida com isso aqui.”

A porta abre parcialmente e as dobradiças rangem de leve. “Tem alguém aí dentro?”, grita uma voz de homem.

“De que se trata?”, pergunta Mary.

“Temos ordens para dar busca nestes aposentos, milady.”

As duas mulheres se entreolham, assustadas. Levina engole em seco.

“Não entrem!”, grita Mary, com uma firmeza autoritária. “Estou despida.” Ela enfia os papéis dentro da camisola e coloca

a armação por cima deles, atando os laços. Em seguida, enfia-se no avental, prendendo-o nos ombros.

Quando Mary ergue os olhos, Levina balança a cabeça, mas a moça faz um aceno petulante, dizendo, com voz alta o bastante para ser ouvida do outro lado da porta: “Pode fazer a gentileza de me passar meu corpete e meu vestido, sra. Teerlinc?”.

Levina obedece, ajudando-a a entrar na roupa e socando os desenhos sob as camadas.

“Agora podem entrar”, grita Mary.

Dois homens aparecem. Levina reconhece um deles da véspera, quando chegou. Tinha mostrado um excesso de solicitude para pegar a bolsa, o que despertou sua desconfiança. O outro, nunca tinha visto.

“Venha, sra. Teerlinc, vamos deixar estes homens fazerem seu trabalho, ou chegaremos atrasadas à missa”, diz Mary.

Enquanto a moça se esgueira para fora do quarto, Levina sente-se como uma criança diante de tanta coragem e se recrimina por dentro, horrorizada por ter sido tão descuidada com seu material. Num único instante, Mary se trai, dando um suspiro profundo quando as duas chegam à extremidade oposta do corredor.

Levina pensa que não é apenas na cor do cabelo e nos traços do rosto que ela lembra a irmã Jane.

Maio de 1558, Solar Hanworth

Katherine

Minha Juno voltou. Faz seis semanas que passei com ela aquela noite a que ninguém acreditava que ia sobreviver. Parece mais tempo. Agora a cor voltou às maçãs do rosto dela. Aqui em

Hanworth os dias demoram a passar e há pouca coisa a fazer além de passear à beira do lago com os cães quando faz tempo bom, embora Juno ainda não possa caminhar muito. A duquesa só permitiu que eu trouxesse dois animais para cá. Todos os outros, inclusive Hércules, ficaram em Beaumanor. Deixa-me contente que Stim e Stan me façam companhia durante as longas horas de repouso de Juno. Passeio com eles nos jardins, onde caçam coelhos e latem para os cervos, fazendo muito barulho. Dou um jeito de me manter ocupada. Há música e um professor de dança relativamente bonito, que vem duas vezes por semana, mas sinto falta da agitação da corte, onde sempre há um escândalo de uma espécie ou outra para animar.

Aqui, o mais interessante são as noites, quando ficamos na cama bem fechadinhas atrás da cortina, enroscadas para nos aquecermos, e eu e Juno exploramos o corpo uma da outra, nos revezando no papel de menino. Às vezes, a meia-luz, quando vejo o loiro prateado de seu cabelo e a curva do seu rosto, imagino que ela sou eu e eu sou ela. Corro a ponta da língua pelo seu pescoço, saboreando o gosto salgado de sua pele, e me encosto em Juno, envolvendo-me em seu perfume peculiar, de água de rosa e algo mais profundo que lembra o mar, sentindo a pegada firme de sua mão na minha coxa e ouvindo apenas o som de nossa respiração. Nunca imaginei que um prazer como esse fosse possível.

Enrolada em peles apesar da temperatura amena, Juno segura meu braço enquanto passeamos pelos jardins. Imito a sra. Poyntz, enviando ordens como se fossem flechas, o que arranca dela uma risada. Ouvi-la de novo me enche de alegria, mas o esforço lhe provoca um acesso de tosse, e precisamos parar em um banco para que recupere o fôlego.

“Quer que eu mande trazer água morna com limão para você beber?”, pergunto, esfregando seus ombros.

“Acho que sim”, responde ela, com um sorriso débil.

Corro para dentro da casa, onde encontro o sr. Glynne, um criado, e lhe transmito o pedido. No caminho de volta, topo com a duquesa no salão.

“Katherine”, exclama ela. “Ande!” Ela me dá a ordem como se eu fosse uma égua desgarrada.

“Sim, milady”, sussurro, parando diante dela e fazendo uma reverência.

“E arrume sua touca.”

“A senhora viu como o dia está bonito lá fora?”, pergunto, tentando aliviar o clima.

“Juno faz questão de sua presença, mas não vamos fazer de conta que somos amigas, Katherine. Quanto antes a senhorita voltar à corte, melhor.” Ela aperta os lábios e sai como um navio que desliza nas águas do Tâmis, antes que eu tenha tempo de formular uma resposta coerente. Desde a noite da crise de Juno, quando pude observar o outro lado de sua personalidade, a duquesa tem me tratado com cada vez mais desprezo. Suponho que lamente o fato de ter me proporcionado a visão de seu ponto fraco e preferiria que minha presença não a recordasse disso o tempo todo. Posso ser pequena e frágil, mas sou cascuda. Se ela pensa que pode me atingir com sua língua ferina, está enganada.

Enquanto cruzo o fosso que separa o edifício do jardim, percebo ao longe uma dupla de cavaleiros e me detenho por um instante a observá-los enquanto sobem a estrada, ainda longe demais para que consiga distinguir seus traços. Vejo, porém, que montam bons cavalos, bem diferentes dos pangarés cansados

que a duquesa separou para meus passeios. Deduzo que são nobres. Uma das montarias parece indócil, saltitando e sacudindo a cabeça, mas o cavaleiro está bem montado. Alguma coisa me prende nos degraus, observando-os. Talvez o que tenha provocado um leve arrepio em mim seja a ideia de uma companhia masculina para quebrar a monotonia.

Corro para perto de Juno, gritando: “Temos visita!”.

“De que tipo?”, pergunta ela.

“Masculina, tenho certeza.”

“Oh, espero que não seja o tio Richard. Mamãe disse que ele anda ameaçando vir. Já vou avisando, é um homem terrivelmente chato. E não fique a sós com ele. Tem a mão boba.” Juno escorrega a própria mão em volta da minha garganta e desce até meu peito, rindo.

Também dou risada, mas sinto uma ponta de decepção. Tinha permitido que minha imaginação ganhasse asas por um instante, criando a possibilidade de um flerte sem compromisso neste lugar estéril. Juno tira a mão quando um pajem se aproxima trazendo o copo de água morna com limão e entregando-o com uma mesura.

“Melhor assim”, diz ela, dando um gole.

Stan percebe um esquilo e o persegue gramado afora, ganindo de empolgação. O animalzinho trepa na árvore mais próxima e Stan espera embaixo, dando latidos altos e frenéticos. Stim se junta à barulheira. Tento chamá-los, inutilmente.

“Vamos caminhar um pouco, eles virão atrás de nós”, sugere Juno, esvaziando a xícara.

“Tem certeza de que não está muito...”

“Veja bem”, interrompe ela, levantando-se e abrindo os braços. “Saiu o sol e finalmente me sinto quase um ser humano.

Estou bem. Não se preocupe.” Ela me estende a mão e, quando levanto, dá um beijo na minha bochecha. “Você tem sido uma amiga tão boa. Sou-lhe eternamente devedora, Kitty, pela forma como cuidou de mim nestas últimas semanas. É a amiga mais doce e mais gentil do mundo inteiro — e a mais divertida”, acrescenta, com um sorriso.

“Não, você que é”, digo, enlaçando seu braço e tomando a direção do lago, com os dois cães finalmente seguindo obedientes atrás de nós.

“Não, *você* é.”

“Não, *você* é.”

“Então vamos combinar o seguinte. Nós duas somos as *mais* divertidas, as *mais* doces, as *mais* gentis do...”

“Mundo”, completamos em uníssono.

“Do universo, diria eu”, afirma uma voz vinda de trás de nós. Viramos as duas juntas.

“Você!”, grita Juno, libertando-se do meu domínio e correndo para os braços de um jovem salpicado de lama.

“Vai sujar seu vestido”, diz ele, rindo e girando-a no ar. “Achei que estivesse à beira da morte, Juno. Vim ver como está.”

“Eu estava, eu estava”, diz ela, rindo. “Mas agora estou melhor. Muito, e mais ainda por ver você.”

“Nota-se.” Ele a segura pelos ombros e dá um passo para trás, para avaliá-la. “Apesar de ser meio difícil ter certeza debaixo de tanta pele. Está parecendo uma condessa velha e gorda.”

Os dois começam a rir e eu me sinto incomodada de ver que é Juno quem está nos braços daquele homem, e não eu. Mas acima de tudo me choca que ela nunca tenha me falado a respeito dele. Achei que confidenciássemos tudo uma à outra. Fico pensando em todos os segredos que contei a respeito de

Harry Herbert, e sinto o ressentimento tomar conta de mim. Finjo me distrair jogando pedaços de pau para os cães enquanto observo com o canto do olho o namorico dos dois.

“Juno, você está esquecendo suas boas maneiras”, diz então o rapaz, acenando na minha direção. “Não vai apresentar sua encantadora companhia?”

O “encantadora” faz minha cabeça zumbir. Um par de olhos faiscantes me encara, por trás de um topete loiro como a palha. Retribuo o olhar e cometo a ousadia de examiná-lo de cima a baixo. Ele está um nojo; a calça, antes branca, está quase preta da graxa da sela, e a roupa está coberta de lama; até o rosto tem marcas, e as unhas estão sujas como as de um ferreiro. Não consigo tirar da cabeça a ideia daquelas mãos imundas entrando por baixo da minha saia.

“Desculpe, você tem razão. Como sou grosseira.” Juno está quase sem fôlego de tão empolgada. “Ned, esta é minha queridíssima amiga Lady Katherine Grey.”

“Lady Katherine.” Ele se curva. “Tenho a impressão de que devo ficar de joelhos.” Pelo tom de sua voz, fica absolutamente claro que ele não tem a menor intenção de fazer isso.

“Deixe de ser bobo, Ned”, diz Juno.

“Acho que já nos encontramos antes, Lady Katherine.” Quebro a cabeça tentando me lembrar de quando, porque com certeza lembraria um espécime tão raro. “Mas você só tinha sete anos na época”, ele prossegue, “e eu estava no esplendor dos meus oito anos. Era tão bonita naquela época quanto agora.”

“Verdade?”, digo, olhando para Juno, que, para minha surpresa, está sorrindo, em vez de fazer cara feia para o namorado — o namorado *secreto* — que me elogia.

“Kitty”, diz ela, “este é meu irmão, Edward, futuro duque de

Somerset, ou, no mínimo, conde de Hertford. De qualquer maneira, todos o chamam de Hertford, não de Seymour, certo, Ned? Se não fosse por aquele monstro do Northumberland...”

Agora tudo se encaixa.

“Ele se livrou de nosso pai”, revolta-se Juno, imagino que para mim, embora eu conheça bem o caso. “Mandou-o para a Torre; mamãe também. E tomou o lugar dele como lorde protetor.” Com os dedos, ela enumera cada um desses itens.

“Esqueça isso”, diz Ned, interrompendo a irmã, que continua a listar todas as injustiças pelas quais Northumberland fez os Seymour passar.

“Executou papai como traidor; confiscou nossas terras...”

O olhar de Hertford está grudado em mim. Agora consigo notar a semelhança entre os dois; ele tem a boca de Juno, na forma perfeita de um arco, o rosto oval, o tom de pele claro — são como duas gotas d’água.

“Você não veio com tio Richard, veio?”, pergunta Juno, com uma expressão exagerada de nojo.

“Claro que não!”, responde ele, deixando por fim de me olhar. “Vim com John Thynne.”

“John Thynne! O pai ou o filho?”

“O filho.”

“Ficarei feliz em vê-lo.”

Agora sou eu que mal consigo tirar os olhos dos dois enquanto conversam.

“Devo mandar buscá-lo?”

“Onde ele está, afinal?”, pergunta Juno, dando o braço ao irmão e fazendo sinal com a cabeça para que ele me dê o outro braço. Ele obedece com firmeza, puxando-me para si a ponto de eu sentir o cheiro de suor e de cavalo nele.

“Está nos estábulos, examinando sua égua, que manca.”

“Juno”, digo, “tem certeza de que é prudente ficar tanto tempo ao ar livre? Não deveríamos entrar? Seu irmão pode levar esse John Thynne para nos ver mais tarde em nossos aposentos.” Estou de fato preocupada com a saúde dela, mas o que quero mesmo é uma desculpa para tirar o vestido simples para o dia a dia, sob meu avental, e colocar algo mais apropriado.

Nosso quarto fica na parte velha da casa, em cima do salão medieval, e no passado deve ter sido um solar, porque tem espaço suficiente para uma cama de quatro colunas separada por cortinas do restante. Assim que chegamos, livro-me do vestido e da touca, e vasculho minhas coisas à procura de meu traje de cetim azul-claro. Resolvo deixar a cabeça nua, para mostrar melhor meu cabelo.

“Posso pegar um pouco da sua cochonilha?”, peço a Juno, apoderando-me do potinho de gordura de ganso com corante carmim. Encosto o espelho no parapeito da janela em busca do ângulo ideal e passo um pouco no rosto. “O que acha?”, pergunto, mostrando a Juno como ficou.

“Parece que você está com febre. Tire um pouco.”

Pego um lenço e sigo seu conselho. “Melhor assim?”

“Muito.” Ela sorri para mim como se soubesse de algo que não sei. “É por causa de meu irmão?”

“Talvez”, digo, sem conseguir disfarçar uma careta.

Juno junta as mãos. “Isso é perfeito, Kitty. Tive medo de que fosse muita ousadia conjecturar a respeito.”

“Quer dizer que você já tinha pensado nisso e nunca falou?”

“Talvez.”

“Você não vai contar, vai? Prometa”, digo, ajudando-a a

colocar a touca, enrolando a echarpe de lã fina em volta do pescoço e beijando seus lábios com força. Ela me pega pela nuca, aperta-me firme e enfia a língua na minha boca.

“Isso é pecado, Kitty?”, sussurra ela, ao me soltar.

“Nada bom assim escapa ao pecado”, respondo.

“Você não vai fugir com meu irmão e me esquecer para sempre, Kitty Grey.” Algo em seu tom de voz não condiz com o jeito casual com que Juno diz isso.

“Impossível. Gosto demais de você.” Acaricio o rosto dela. “Estou falando sério.”

“Espero que mamãe não encontre um par para mim a léguas daqui. Ela estava conversando com os Percy em Yorkshire, mas ou o rapaz morreu ou a coisa desandou por algum motivo. Imagine ir para lá. É tão longe!”

“Eu não suportaria”, digo, sentindo de uma hora para outra o peso do mundo sobre nós. Logo, logo ambas estaremos casadas. Queria que o tempo parasse e continuássemos aqui, juntas. “Quer um pouco?” Estendo o pote de cochonilha.

“Acho que não”, diz Juno.

“Então você está interessada nesse John Thynne?”

“Nem por todo o ouro do Vaticano.”

“É mesmo? O que há de errado com ele?”

“É filho de um antigo criado de meu pai; eu o conheço há muito tempo. Além disso...”

“O quê?”

“Ah, você vai ver. Passe o baralho. Vamos jogar enquanto esperamos por eles.”

Mergulhamos no jogo, comprando e descartando com dedos velozes em silêncio. Por falta de fichas, saqueamos uma caixa de contas para fazer as apostas, e vou acumulando um estoque bem

razoável. Sou melhor gastando que contando, e, se no xadrez jamais superei a inteligência de Juno, nas cartas dou a ela bastante trabalho. No entanto, não estou concentrada como de costume. Fico atenta aos passos na escada. Quando os ouço, meu coração dá um pequeno salto. É só o candeeiro com velas novas, mas, enquanto ele passa pelo quarto com o círio, a porta se abre de repente e entram a passos largos Hertford e um homem que só posso imaginar ser John Thynne.

O que há de mais notável na figura do segundo é o fato de não ser nem um pouco magro; o primeiro pensamento que me ocorre é que não admira sua égua estar mancando, tendo carregado tamanho peso no lombo. Quando estou prestes a cutucar Juno e dizer-lhe isso, eu me detenho, sentindo-me terrível com o pensamento tão indelicado a respeito de um homem que não tem culpa da maneira como Deus o fez. Mas Hertford só fica mais atraente, alto e esbelto em comparação com o amigo a seu lado. Está vestido de forma bastante simples, com lã escura e uma gola de pele de coelho, como se não precisasse fazer força para agradar, o que me faz gostar dele ainda mais.

“Lady Jane”, diz Thynne. “E Lady Margaret, que...”

“Não, Thynne”, interrompe Hertford com uma risadinha. “Esta não é minha irmã Margaret; permita-me apresentar-lhe Lady Katherine Grey.”

“Eu... eu sinto muitíssimo, Lady Katherine, Vossa... ééé... Vossa...” Ele está evidentemente encabulado e hesita, gaguejando um pouco. Ajoelha-se e, olhando para baixo, tira o bonete da cabeça, segurando-o nas mãos trêmulas.

“‘Lady Katherine’ basta, sr. Thynne. Ainda não fui indicada herdeira da rainha”, digo. “E provavelmente nunca serei.”

Juno e o irmão fazem uma careta, que me esforço para não olhar, ou vou sucumbir ao riso.

“Perdoe-me, milady”, pede Thynne. “A senhorita parece tanto com uma Seymour que me levou ao engano.” A papada treme enquanto ele fala, mas a expressão pesarosa de vergonha acaba por me conquistar.

“Está perdoado”, digo. “Vou encarar como um elogio.”

“Ponha-se de pé, homem”, diz Hertford. “Não temos necessidade de cerimônia aqui, não é, Lady Katherine?”

O pobre Thynne fica com uma cara absolutamente desolada, o que me leva a dizer “Fico tocada” e lhe dar um sorriso antes de mudar de assunto. “Estamos jogando cartas.”

“Quem está ganhando?”, pergunta Hertford.

“Kitty, como sempre”, diz Juno.

“Pois então tem talento para as cartas, Lady Katherine?”

“Eu não chegaria a afirmar tanto”, digo, mal olhando para ele. Sinto que gostou da minha roupa de cetim azul e de minhas bochechas coradas, pois parece incapaz de tirar os olhos de mim, o que era meu objetivo.

“A viagem foi longa, sr. Thynne?”, pergunto, virando de costas para Hertford enquanto falo com seu amigo.

“Extremamente árdua”, diz ele. “Mas que recompensa ao final, desfrutar de tão agradável companhia.”

“Sabe jogar?”, pergunto, ignorando o elogio e mostrando o baralho. “Quanto mais gente, melhor.”

Puxamos dois banquinhos para perto da mesa e jogamos algumas rodadas até que Thynne se escusa para ir olhar sua égua, enquanto Juno avisa que está exausta e precisa se deitar. Suspeito tratar-se de um complô para deixar Hertford a sós comigo, ou mais ou menos a sós, porque Juno só se distanciou

até nosso leito, atrás das cortinas.

Hertford arrasta seu banco para perto do meu, mais do que seria decoroso. Finjo me ocupar guardando o baralho e jogando as contas de volta na caixa sem olhar para ele.

“Minha mãe me advertiu para ficar longe de você”, diz ele, baixinho. “Ela garante que não passa de encrenca, e que nossa família não precisa de mais uma.”

“Sua mãe disse isso?” Eu me afasto um pouco e tento manter a compostura, mas fico ofendida com o comentário da duquesa.

“Mas eu disse a ela que formaria minha própria opinião.”

“E já formou?” Eu o encaro, sem esboçar qualquer sorriso. Sinto vontade de perguntar que outras calúnias sua mãe lançou contra mim. “Acha que deve levar a sério o conselho dela?” Faço o possível para exibir indiferença e não deixá-lo perceber que meu coração bate depressa. Mas só consigo pensar em qual seria a sensação daqueles lábios arqueados, tão parecidos com os de Juno, apertados contra os meus.

“Um conselho materno é sempre bem recebido, mas...”, diz ele, inclinando-se em minha direção como se fosse tomar minha mão. Em suas unhas, ainda há um resto de poeira, o que desperta em mim uma sensação indefinível de carinho, mas ignoro seu gesto, pondo-me de pé, virando e caminhando até a janela. Começou a chover, e fico olhando as gotas correndo uma atrás da outra no vidro. Sinto-o se aproximar atrás de mim. “Encrenca não é *necessariamente* uma coisa ruim.”

Hertford me ganha com isso; é o tipo de coisa que eu mesma teria dito.

“E quem é você para dizer o que é ruim e o que não é?”, respondo, ainda sem virar.

“*Touché!*” Vejo, pelo reflexo do vidro, que ele faz um pequeno

gesto de estocada com o dedo e dá um passo para ainda mais perto. “Você não era... não era a garota de Harry Herbert?”, murmura. Sinto cheiro de sabão, mas não consigo deixar de pensar nele imundo horas antes, ainda fedendo a suor e cavalo. Quero me apoiar nele, deixá-lo me tomar nos braços, mas me afasto.

“Fomos casados”, digo, sem dar qualquer explicação. Afinal de contas, todos na corte conhecem a história da anulação de meu casamento; Hertford teria de estar em outro planeta para não ter ouvido falar dela.

“Não sou muito entusiasta dos Herbert”, diz ele, com um muxoxo, dando a impressão de ter esquecido que está me cortejando. “Implorei pelo auxílio de Pembroke quando Northumberland estava tentando afastar meu pai. Era o único com poder o bastante para fazer alguma coisa. Ele recusou, o f...” Hertford dá um soco na própria coxa, suponho que para impedir a si mesmo de soltar um palavrão na frente de uma dama, e fica olhando pela janela.

“Sei o que é perder um pai no cadafalso”, digo, pois posso ver claramente, em seus ombros contraídos, que a dor dessa memória ainda o assombra, assim como a mim. Ele se vira, olhando-me com ar perplexo, como se tivesse se esquecido de que eu estava ali.

“Sim”, diz Hertford, e sua postura volta a ficar mais descontraída. Ele sorri. “Então?”, acrescenta, hesitante, dando um passo para mais perto de mim. “Você ainda o ama?” Quando pergunta isso, o espelho que eu tinha deixado apoiado no parapeito da janela escorrega e cai, estilhaçando-se.

Nós dois nos abaixamos para catar os pedaços, colocando-os cuidadosamente sobre o parapeito. Uma mancha vermelha

aparece no chão e, ao abrir a mão, vejo que cortei o dedo. Ficamos ambos olhando a gota vermelha crescer e depois deslizar pela palma da mão. Não sinto dor. Hertford leva meu dedo à boca e chupa o sangue. Isso me faz engasgar e puxar a mão de volta. Ele fica olhando para o chão, como se estivesse envergonhado, e oferece um lenço, ainda sem olhar para mim. Eu o pego e enrolo bem apertado no dedo.

Hertford repete: “Você ainda o ama?”.

Eu me recomponho. “O senhor está esquecendo suas boas maneiras ao me fazer uma pergunta tão íntima.” Olho firme nos olhos dele e vejo que algo se acendeu neles — ele é um peixe no anzol, o meu peixe. Meu dedo começa a pulsar. Sir Edward Seymour, Ned, Somerset, Hertford, qualquer que seja o nome que ele dê a si mesmo, será meu. Ao pensar nisso, o desejo provoca um calor entre minhas pernas, mas reprimo o pensamento. “É melhor que o senhor saia.” Digo isso com firmeza. “Não é correto que permaneçamos desacompanhados.”

“Muito bem”, diz Hertford, virando e fixando os olhos nos meus ao sair. “Mas a senhorita continuará em Hanworth por ora?”

“A rainha deve me querer de volta em breve. Disso não há dúvida. E Juno está recuperada...”

“Fique por algum tempo. Sempre é possível encontrar uma desculpa.”

“Talvez eu goste da corte”, digo, sabendo que permanecerei ali por pelo menos mais alguns dias.

Novembro de 1558, Beaumanor

Mary

Acordo desorientada, com o barulho de uma pancada forte. A camareira senta-se ao pé da cama, com um gritinho: “Lady Mary, o que foi isso?”.

Levanto e tateio na escuridão em busca de uma vela, achando o toco da noite anterior e acendendo-o com as brasas ainda vivas da lareira.

Dá para ouvir os dentes da moça baterem, mas não sei dizer se é de frio ou de medo. “Cubra-se”, digo a ela, atirando-lhe um vestido. As pancadas recomeçam. É alguém à porta.

Na ponta dos pés, chegamos até o topo da escadaria e vemos o mordomo, bêbado de sono e brandindo uma tocha, trocar as pernas até a entrada.

“Tenha paciência, seja quem for!”, grita ele.

Maman aparece ao nosso lado, com os olhos cansados, e diz: “A esta hora da noite, só pode ser má notícia”. Stokes percorre as escadas de dois em dois degraus, empurrando o balbuciante mordomo para abrir caminho.

“Sou eu, Katherine”, diz uma voz que vem do outro lado da porta. “Estou com Levina e Juno. Deixe-nos entrar.” Todas descemos às pressas enquanto Stokes puxa a enorme maçaneta e a porta se abre.

“*Chérie!*”, grita *maman*, puxando para si minha irmã. “O que aconteceu para trazê-la aqui a uma hora dessas?”

“A rainha...”, começa Levina.

“Ela se foi?”, pergunta *maman*. Katherine e Juno se apoiam, exaustas, no banco de madeira.

“Não, mas creio que não tardará”, responde Levina.

A voz de Katherine tem um tom de urgência, e suas feições estão exauridas pelo cansaço. As três devem ter cavalgado muito rápido. “Ela desmaiou na antecâmara. As unhas estavam roxas.

Susan Clarencieux ficou ao seu lado, gemendo e choramingando.”

“O conselho ainda não decidiu o que vai fazer e metade da corte se dirige para Hatfield”, diz Juno.

“Por Elizabeth?”, pergunto.

“Sim, Ratinha, por Elizabeth. E oremos aos céus para que ela seja escolhida. Considerando a peregrinação, parece ser o desejo da maioria.” *Maman* começa a ajudar as duas a tirar o vestido, e novamente penso na terrível possibilidade de a história se repetir. O país inteiro está enamorado de Elizabeth; Deus nos livre de Katherine ser escolhida, pois isso faria a caixa de Pandora se abrir. Parece que todas nós pensamos a mesma coisa, pois daria para furar com uma seta a tensão dentro do quarto.

“Você está gelada”, diz *maman* a Katherine, esfregando as mãos dela para aquecê-la.

“Saímos sem permissão”, diz Levina. “Temí pela segurança desta aqui.” Ela põe com firmeza o braço nos ombros de minha irmã.

“Você fez bem, Vina. Se a rainha se recuperar, é um risco, mas quem sabe o caos que virá se morrer sem indicar uma herdeira. Kitty seria...” Ela não termina a frase, mas pergunta: “Ou ainda não indicou ninguém mesmo?”.

Stokes encontrou algumas chamas na grande lareira e conseguiu reacendê-la fracamente, trazendo um pouco de calor e luz ao quarto. Eu não tinha pensado na possibilidade de a rainha não indicar *ninguém*.

“Até a hora que saímos, não.” Não posso conter o sentimento que começa a nascer em mim — não exatamente felicidade, sendo muito mais complicado que isso, misturado ao medo que sinto por minha irmã. Mas fico contente ao ouvir que a rainha

está morrendo. Acho que me sinto parcialmente vingada. “Ela repetia o tempo todo: ‘Nenhum menino, nem um só menino, se houvesse um menino eu o indicaria. Só tenho meninas para escolher’”, diz Levina.

“E deu alguma pista?”, pergunta Stokes.

“Não. Achei melhor tirar Katherine dali em vez de esperar para ver.”

“Você fez bem”, repete *maman*. Ficamos em silêncio por um tempo que parece interminável até que ela diz: “Subam para a cama, meninas”.

“Está vindo uma carroça com nossas coisas”, diz Katherine. “Meus cachorros.” Ela parece mais jovem, falando dos bichos, como se mal tivesse saído da infância. “Você vai deixá-los ficar aqui dentro conosco quando chegarem?”

Subimos lentamente os degraus, deixando *maman*, Stokes e Levina junto à lareira. Eles devem ter assuntos a tratar que não querem que escutemos. Chegando ao quarto, Peggy e eu ajudamos minha irmã e Juno a tirar as roupas, que, só agora vejo, estão imundas da viagem. A ama puxa a cama de baixo e nós três subimos na outra, mas estou sem sono. Por isso, fico sentada vendo Katherine e Juno nos braços uma da outra, de um jeito natural, muito à vontade. Eu, que mal consigo suportar segurar a mão de alguém por mais de um instante, não consigo conceber tanta proximidade.

Os pensamentos que giram em minha mente me mantêm bem acordada. Por isso, escorrego da cama e me agacho para escutar a conversa lá embaixo.

Levina está falando de um tal de Byrne, e de como está “chegando perto” dela. Fico pensando se tem algo a ver com os desenhos que encontrei. Imagens terríveis de gente sendo

queimada viva, tão reais que eu quase escuto seus gritos. Assisti à missa inteira com o papel contra a minha pele, como se fossem cartas de amor. O toque áspero me recordava de todo o meu desprezo por uma fé que abençoa esse tipo de coisa. Depois, Levina veio comigo até o rio. Enrolamos os papéis em pedras, jogamos tudo no lago e olhamos afundar.

“Você acha que Katherine corre um risco grande?” É Stokes quem faz a pergunta.

“Parece improvável. As coisas mudaram”, diz Levina. “Não é igual a...”

“Lembre-se de Jane”, diz *maman*.

Tento me lembrar do tempo em que não sentíamos medo. Meu pensamento recua bastante, até Bradgate, e recordo o verão em que aprendi a ordenhar — meus dedos pequenos no úbere quente e inchado da vaca. Quando fecho os olhos, consigo sentir a satisfação daquele primeiro jorro fino de leite quente. Que idade eu tinha — sete, oito anos? Não tenho certeza, mas aqueles dias eram como o paraíso antes da queda.

Já faz vários dias que Katherine está conosco, mas não está agindo como ela mesma. Fica sentada na janela, com o olhar vazio, os pés apontando para cima, as mãos envolvendo o próprio corpo. Não sai do lado de Juno, agarrando-se a ela como se fosse a única tábua flutuando em um oceano tempestuoso. Juno folheia um livro de xilogravuras e tenta distrair Katherine apontando para imagens de feras mitológicas, tudo em vão.

“Onde está seu irmão?”, Katherine cochicha para ela. “Por que não vem?”

“Ele não pode, Kitty. Precisa ficar na corte para o bem de nossa família. Você sabe disso”, responde ela.

É bem cedo ainda e estamos reunidas nos aposentos de *maman* — uma coleção de rostos cansados e com olheiras escuras, já que nenhuma de nós dormiu muito nos últimos dias. *Maman* e Levina estão sentadas lado a lado, perto da lareira, falando em voz baixa.

“Você nunca sabe o que acontece depois da morte de um monarca”, *maman* não para de repetir.

Eu me lembro de quando meu primo, o jovem rei Eduardo, morreu. Nossa família inteira ficou num estado de agitação e empolgação porque Jane seria rainha. Fui deixada sozinha em Bradgate com minha enfermeira, tentando entender por que, enquanto crescíamos, ninguém dissera que Jane sucederia o rei. Não entendia na época o significado dos laços de sangue que unem famílias — que uma parte de sangue Tudor poderia levá-la ao trono, querendo ou não. Agora sei bem mais.

Vou até a cadeira perto da janela, perto de minha irmã, e olho para fora. O jardim virou uma paisagem cintilante de geada, com folhas enclausuradas nas frondes geladas das árvores e a grama coberta por uma camada estaladiça. Mais ao longe é possível ver o lago envolto em névoa, e o céu atrás dele, branco como o solo. Logo virá o Advento, e passaremos semanas comendo peixe dessalgado. O Natal deste ano será triste. Um cervo solitário cavouca o solo duro com o casco, farejando à procura de algo comestível. É o único ser animado na paisagem inteira, embora haja uma trilha de minúsculas pegadas de três dedos ao longo do parapeito exterior, evidenciando a presença de um único pássaro. Isso faz com que eu me lembre de espalhar um pouco de alpiste.

Sinto Katherine um pouco tensa atrás de mim, erguendo-se ligeiramente nos joelhos, como um cão levantando as orelhas.

Sigo seu olhar e vejo uma sombra indefinida se mexendo devagar na direção da casa, em meio ao nevoeiro matinal. É um cavaleiro solitário.

“Alguém chegou”, digo. “Talvez um mensageiro, ou um visitante.” *Maman* envia o criado para recebê-lo. Nós nos juntamos perto da janela para ver o homem desmontar, tentando dar uma espiada em seu rosto.

“Hertford”, sussurra Katherine, e vejo um pequeno lampejo de seu antigo eu.

Ele está de costas para nós, envolto em uma capa volumosa; é impossível dizer quem é.

“Acho que não, Kitty”, diz Juno. “Eu reconheceria o cavalo.”

Sinto Katherine desanimar de novo, e observamos o criado saudá-lo, percebendo então que se trata de um mensageiro.

“Notícias”, diz *maman* enquanto assistimos ao criado caminhar lentamente de volta à entrada, com um pedaço de papel nas mãos. Ficamos sentadas em silêncio, ouvindo a grande porta bater ao fechar e o chiar do ferrolho de volta a seu lugar. Os passos do criado ecoam nos degraus à medida que ele sobe, o que parece levar uma eternidade. A porta do quarto range quando ele entra.

Maman pega a carta de suas mãos, examina o selo e diz “Do palácio”, antes de se virar de costas para nós. Ela a abre espalhando lascas vermelhas de cera, desdobra o papiro grosso e o segura contra a luz. “A rainha indicou Elizabeth.” *Maman* dá um longo suspiro, como se estivesse colocando para fora um mês inteiro de ar. “Graças a Deus.”

Em seguida, com um acesso de riso, aperta com tanta força o terço preso à cintura que quebra o cordão, esparramando as contas pelo chão. Elas caem nas tábuas de madeira fazendo um

barulho parecido com o da chuva forte.

“Não vamos precisar mais delas.” *Maman* agarra as duas mãos de Levina e elas rodopiam pelo quarto; Juno também bate palmas e ri, e os cães de Kitty se misturam à confusão, saltitando em volta e latindo, o que só aumenta a barulheira.

Não cheguei a conhecer Elizabeth, mas as pessoas falam dela o tempo todo. Por isso, sei bem da inteligência pela qual é conhecida. Embora *maman* sempre dissesse que Jane era mais instruída que ela, e embora eu ouça dizer que não é bela, chama de tal modo a atenção que parece ser, ou pelo menos é o que Katherine diz a respeito dela. Peggy me contou algumas coisas em suas cartas, e eu me lembro do comentário que fez, sobre como era uma força da natureza. *Será que isso é bom?*, penso. A julgar pela reação de *maman*, certamente. Ela conhece Elizabeth desde criança; portanto, deve saber do que fala.

Juno arranca o próprio terço, jogando-o no chão, e Stan se apodera dele, sacudindo-o como faria com um rato que tivesse caçado. Sou a única que nota que Katherine está curvada na cadeira perto da janela, com as mãos no rosto? Eu me sento ao seu lado.

“Você não queria ter sido escolhida, queria?”, pergunto.

“É claro que não”, responde ela, levemente engasgada, como se estivesse reprimindo o choro. “Seria uma rainha inútil... Imagine. Iam cortar minha cabeça em questão de dias.” Ao dizer isso, uma risada amarga escapa de sua boca. Nós duas ficamos em silêncio por um instante. É claro que penso em Jane, e suponho que ela também o faça.

“Então você está em segurança”, digo, depois de algum tempo, tomando brevemente a mão dela na minha. Faz frio e eu me sinto frágil como o pintassilgo morto que um dos gatos deixou

na minha cama pela manhã.

“Mas Elizabeth me despreza. Eu mal a conheço e já consegui transformá-la em minha inimiga.”

“Então não retorne à corte”, digo.

“Você não me conhece mesmo, não é, Mary? Se eu ficar aqui, vou murchar até morrer.” Ela se esgueira para fora do quarto, fazendo cara feia.

Maman não se deu conta de que tem alguma coisa errada. Ela, Levina e Juno estão de cabeça colada, planejando um banquete para a mesma noite.

“Precisamos de confeitos”, sugere Juno.

“E marzipã à beça”, acrescenta *maman*, mandando o criado buscar o cozinheiro. Mas nesse momento há uma batida na porta e um dos pajens entra, postando-se diante de nós enrubescido, olhando para as próprias mãos contorcidas. Ouço o sino de uma igreja dobrar, e em seguida outro, mais distante.

“O que foi, Alfred?”, pergunta *maman*. “Tem algo a nos dizer?” Outros sinos adicionam-se ao ruído, agora mais perto; provavelmente da igreja do vilarejo.

“Sim, milady.” Ele parece ter dificuldade para fazer as palavras saírem, e todas o observamos torcendo as mãos até balbuciar, com o rosto corado: “Mensagem de Londres. A rainha morreu. Deus cuide de sua alma”. Outro mensageiro deve ter trazido a notícia, na rabeira do primeiro. Alfred faz o sinal da cruz e por um momento eu me pergunto se é um católico verdadeiro ou se está tão acostumado a encenar, como todos ficamos, que isso virou parte de sua natureza.

“*Mon Dieu!*”, exclama *maman*. “Então acabou.”

Ficamos todas em silêncio. Fazia dez dias que esperávamos pela notícia.

“Graças ao Senhor”, murmura Levina. “Não haverá mais fogueiras.”

“Mary e eu crescemos juntas, sabem?” *Maman* fica parada, como se voltasse no tempo. “Não sinto uma gota de tristeza. Não depois de Jane. Como o poder corrompe...” Ela se joga numa cadeira, repousando o queixo na palma da mão. “Todas essas almas...” Não termina a frase, mas sabemos que está falando das fogueiras.

O pajem está em pé, torcendo o bonete nas mãos. “Ai, Alfred”, diz *maman*, lembrando-se repentinamente da presença dele. “É melhor pedir ao capelão para tocar os sinos.”

“Milady, há mais uma coisa”, balbucia ele, olhando para os pés.

“Pois não?”, diz *maman*.

“O cardeal Pole... ele também se foi.”

“O cardeal? No mesmo dia?”

“É o que me pediram para anunciar, milady.”

“Estranho”, diz *maman*, balançando a cabeça. “Suponho, então, que estejam juntos. Obrigada, Alfred; pode sair e providenciar para que toquem os sinos.”

Fico imaginando onde a rainha e o cardeal estarão juntos, se queimando nas chamas do inferno por terem rejeitado a nova fé ou no purgatório, porque era nisso que acreditavam. Tento pensar num mundo onde a verdade seja aquilo em que você mais acredita.

Alfred gira nos calcanhares balbuciando um “Sim, milady”, satisfeito, creio, por poder sair.

“Onde está Kitty?”, pergunta Juno abruptamente, rompendo o silêncio.

“Ela estava aborrecida. Acho melhor ir vê-la”, digo.

“Por que não me disse?” Juno parece genuinamente preocupada. Ela passa a mão no cachorro favorito de Katherine e sai do quarto.

“O que vai fazer, Vina?”, pergunta *maman*. “George e Marcus vão voltar agora? Você *precisa* ficar na Inglaterra?”

“Aqui é meu verdadeiro lar, Frances”, responde ela. “Foi onde me fixe; e a corte é onde vivo. Elizabeth me conhece bem, da época em que moramos juntas nos domínios de Katherine Parr.”

“Você pode tirar partido disso”, diz *maman*.

“De fato”, responde ela. “Cecil já me sondou para saber se pretendo permanecer na corte.”

“Folgo em sabê-lo”, diz *maman*. “Eu não suportaria perdê-la, Vina. Suponho que Cecil será o principal conselheiro da rainha.”

“Sem dúvida”, diz Levina.

“Ele é como um primo para mim. Um primo distante, pelo matrimônio. Já foi empregado dos Seymour, sabia?”

“Também tirarão partido disso então.”

“Fico feliz em saber que não serei chamada à corte”, diz *maman*. “Meus dias de envolvimento acabaram, *finis*. Agora tenho Stokes, que me trouxe para um lugar melhor.” As duas sorriem juntas. “E Mary.” Ela ergue os olhos e encontra os meus. “Você não vai querer ir para a corte, vai, Ratinha?”

“Não, *maman*”, respondo. Penso na vida tranquila que levaremos aqui, em Beaumanor, ou até em Bradgate. “Acha que Bradgate nos será devolvida agora?”

“Improvável.” Percebo que é um assunto em que *maman* não quer tocar. Em minha mente, formo a imagem de Bradgate, mapeando seus corredores e atravessando seus enormes salões. Jane está ali, indelével na minha memória, lendo sentada perto da janela, passeando no parque, ajoelhada na capela. Sinto um

arrepio de tristeza subindo pela minha pele.

“Que cara é essa?”, pergunta *maman*.

“Nenhuma”, digo, forçando um sorriso de novo. “Nada me daria mais satisfação que ficar onde quer que você esteja, *maman*. Sabe que eu sou mais feliz longe da corte.”

“Vamos tentar convencer Katherine a permanecer conosco”, diz ela. “Embora eu tema que vá ter de velar a rainha. Afinal de contas, era uma das damas dela.”

“Disso ela não vai gostar”, diz Levina. “Você soube do jovem Hertford?”

“O irmão de Juno? Katherine sempre tem algum jovem que a acompanha.”

“Acho que a coisa é bem séria.”

“Suponho que se vier a ser mesmo”, diz *maman*, pensativa, “não seria *tão ruim* assim. Ele é de uma linhagem bastante boa. Você o conhece, Vina?”

“Já o vi algumas vezes. É muito parecido com a irmã — poderiam passar por gêmeos, embora eu ache que não sejam.”

“*Dela* eu gosto. Se seu temperamento for um pouco parecido com o da irmã, vai ficar tudo bem.”

“Ele tem fama de ambicioso”, acrescenta Levina.

“Todo moço precisa de uma pitada de ambição”, diz *maman*, “ainda mais um como ele, cuja família sofreu uma queda. Mesmo assim, é algo a levar em conta. Afinal, Katherine não é uma moça qualquer. Eu não gostaria que ela caísse numa armadilha se casando com um pretendente que queira apenas ascender.” *Maman* parece pensar em voz alta. “Nosso sangue Tudor pode ser uma maldição, em vez de uma bênção. Só que Hertford já é suficientemente importante, tem ele próprio um pouco de sangue azul, e tenho certeza de que Elizabeth vai

restituir seus títulos. Ela sempre teve um fraco por aquela família.”

Levina tem um acesso de riso que contagia *maman*. Parece que há nas entrelinhas algo que não me foi contado. “*Eu* teria de aturar a mãe dele se os dois se casassem. Ela é uma criatura venenosa, absolutamente insuportável. Demos a ela o apelido de Carroça, que a mulher abominava.” Levina acrescenta: “Ouvi dizer que anda muito mais afável.”

“Ela casou com o criado, não foi? Isso deve tê-la feito descer um ou dois degraus.” As duas riram. “Na verdade, não descemos todas? Bem, talvez você não, Vina.”

Vendo as duas fofocarem alegremente, dou-me conta de que nunca tinha visto *maman* tão contente. Um sentimento de carinho me invade por fazer parte disso.

III

A RAINHA ELIZABETH

Janeiro de 1559, Torre de Londres
Katherine

Já era ruim o bastante ter de passar noite após noite ajoelhada na capela St. James, com o corpo da rainha morta e o cheiro dos unguentos dos embalsamadores fazendo meus olhos arderem. Era para rezarmos pela alma dela, para que ela não passe muito tempo no purgatório, mas, segundo *maman*, esse lugar não existe e não há necessidade de fingir o contrário. Mesmo assim, lá estava eu, e minha obrigação era rezar com as demais damas da rainha. Causa-me calafrios tamanha proximidade com uma pessoa morta. Tive de me concentrar muito para evitar pensar no que acontece quando deixamos este mundo. A simples ideia me dá vontade de fechar os olhos, tampar os ouvidos, cantarolar uma melodia alegre e fazer de conta que não existe essa coisa de morte.

A capela estava fria como um túmulo. Quando não fingíamos orar pela alma da rainha, fazíamos de conta que uma boneca de madeira, toda paramentada com as roupas de Sua Majestade, era ela. Tínhamos de lhe servir comida, fazer-lhe reverência, vesti-la, dar-lhe banho e até entoar-lhe salmos. Depois, veio o interminável funeral, com o cadáver em seu caixão e a boneca sentada ao lado, com a coroa na cabeça de madeira.

Foi ruim, mas isto é ainda pior. Fui conduzida com uma turba de cortesãos para a vigília na Torre, para celebrar a entrada

triunfal da nova rainha em Londres. Faz tanto frio que não consigo mais sentir meus pés, e rajadas de neve sopram no meu rosto, fazendo minhas bochechas doerem. Coloquei meu melhor vestido verde-esmeralda, mas ninguém pode vê-lo, porque estou encasacada em virtude do tempo e não ousou abrir sequer uma polegada da minha capa para mostrar meu colo repleto de joias, por medo de morrer congelada.

Seria mais suportável se Juno estivesse comigo, mas ela foi convocada para ser uma das damas de Elizabeth. Nunca a vejo, de tão ocupada que está com seus deveres nos aposentos da rainha, onde não sou mais bem-vinda. Quando Juno é liberada, não consegue ficar acordada por tempo o bastante para ouvir as histórias do meu dia, que são tão poucas e tão aborrecidas que mal vale a pena contar. Agora, ela está na Torre Branca, preparando-se para assumir seu posto na dianteira da procissão. Seu irmão também está lá. Tampouco o tenho visto muito. Nem mesmo *maman* está aqui. Se *ela* estivesse, certamente estaríamos no lugar que nos é de direito, como primas mais próximas da rainha. Mas *maman* está doente, embora eu suspeite de que não passe de fingimento para ficar longe daqui, e Mary sequer foi convidada. Por isso, aqui estou, acotovelando-me com estranhos, à sombra da Torre. Rumino pensamentos sobre meu pai e Jane: fico imaginando se algum dia pisaram no local onde me encontro agora, se este é o ponto onde Jane perdeu sua vida cinco anos atrás. De que janela papai olhou para fora, imaginando uma fuga? Será que pensou em mim enquanto refletia sobre sua morte?

Livro-me desses pensamentos, porque sinto lágrimas no canto dos meus olhos. A multidão avança e me obriga a recuar, fazendo-me pisar numa poça de água gelada com meus sapatos

de seda. Imagino que a rainha saiu e a procissão vá começar, mas não consigo enxergar nada por cima das cabeças. Tento imaginar Juno em sua roupa nova. Quem é seu par? Será que ela queria que fosse eu?

“Seu cabelo é como cobre torneado”, grita alguém. Deve estar falando da rainha. É verdade, seu cabelo é bonito, e suponho que o deixe solto para causar melhor impressão. É o que eu faria, se estivesse entrando em procissão em Londres para aceitar a coroa. Sei o que ela está vestindo, pois fomos Juno e eu que tiramos o vestido da coroação de Mary Tudor da boneca de maneira e o entregamos à costureira para que o alterasse.

Só consigo ver o topo da liteira coberta em que está sentada. Atrás dela, Robert Dudley, que é para todos os fins meu cunhado, sobe em seu cavalo. Uma vez montado, seu rosto esculpido e seus cachos negros são fáceis de distinguir por cima das cabeças. Ele tem um ar triunfante e uma arrogância de quem sabe de alguma coisa que todos os demais desconhecem. Mas até aí todos os Dudley são assim. Eu me lembro de Guildford no dia em que desposou Jane — o dia em que eu desposei Harry Herbert. Tinha a mesma expressão no rosto; e o pai deles também. Todos dão a impressão de serem os donos do mundo. Na minha mente, passa a ideia de que, se eu ainda fosse casada com Harry Herbert, estaria lá em cima, no cortejo da rainha. O cavalo de Dudley sacode a cabeça. Não admira, considerando sua esplêndida aparência, que Elizabeth tenha feito de Robert Dudley seu mestre-cavaliário. Os Dudley transbordam ambição.

A multidão me obriga a recuar para o muro da Torre, e ali encontro um degrau que me permite uma visão melhor; posso ver um cavalo branco, da rainha, suponho. Dudley o segura por

um halter, com o freio brilhando de tanta cera, a crina do cavalo franzida. Consigo espiar Elizabeth propriamente dita; ela olha para Dudley por mais tempo do que deveria, avaliando-o de alto a baixo. Conheço esse olhar, que traduz desejo. Há um mar de vermelho — todos os pajens e cavaleiros ajudando as damas da rainha a subir nos cavalos. Trinta e nove damas. Sei disso porque todos comentam; é um número enorme — e *eu* não estou entre elas. Pergunto-me como vão fazer com um número ímpar, se no final da procissão haverá um trio ou uma dama solitária. Elas sobem em suas selas de veludo vermelho e entram em forma atrás de Dudley. Reconheço Juno e aceno, mas ela não me vê; estou invisível no meio da massa.

Tendo os cavaleiros seguido atrás da liteira da rainha, o restante de nós é conduzido para uma fileira de carruagens. A minha, pelo menos, dispõe de uma almofada, enquanto alguns sacodem sobre os paralelepípedos com nada para sentar a não ser uma tábua de madeira. Leva um bom tempo, mas finalmente seguimos, passando pela impressionante multidão, o povo alinhado nas ruas, pendurado nas janelas, trepado nos muros para dar uma olhada na nova rainha.

“Ela pegou um bebê e deu um beijo na bochecha dele”, gane Lady Não-Sei-o-Que a meu lado. Nenhum de nós consegue ver nada, nem Lady Não-Sei-o-Que, nem a filha gorducha dela, nem o velho à minha frente, cuja barba é tão espessa que impede que eu veja sua boca. “Apertou a mão de um alfaiate e aceitou um vidro de alecrim de um pedinte.” Lady Não-Sei-o-Que está irritadíssima.

“Imodestamente popular”, resmunga o homem barbudo. Talvez ele preferisse a rainha anterior. A julgar pelo júbilo da multidão, seria o único. Em meio à massa e à algaravia, nunca

me senti tão solitária. Queria que Mary estivesse comigo, porque pelo menos com ela ao lado eu sentiria menos pena de mim.

“Ao Lord Mayor ela disse que derramaria com prazer o próprio sangue pela segurança de todos nós”, grita alguém mais à frente.

“Nunca pensei que fosse ver esse dia.” É Lady Não-Sei-o-Que quem diz isso, enxugando os olhos com um lenço de algodão. A filha, sentada do meu outro lado, olha para as próprias mãos, para a multidão, para qualquer lugar menos para a mãe.

Quase não me dou conta de nada disso, pois estou tentando ver Hertford em meio à turba. Na véspera, ele me encontrou nos aposentos de Juno, lugar onde tenho dormido, pois não tenho mais meu próprio quarto na corte.

“Meu título me foi restituído”, anunciou ele. “Agora sou novamente o conde de Hertford, Kitty.” Ele estava exultante e eu queria me sentir feliz, mas de certa forma tinha a sensação de que sua ascensão dependera da minha queda e que Hertford em breve ia se cansar de mim. De que adianta ter mil litros de sangue Tudor se não se é autorizada sequer a entrar nos salões públicos do palácio?

“Estou contente por você.” Tentei colocar um sorriso no rosto, mas então ele disse que “nossa *coisa*” — sim, foi assim que ele chamou, e não “nosso amor”, nem mesmo “nosso carinho mútuo”, mas “nossa *coisa*” — devia ser mantida fora do conhecimento da rainha.

“Não é bem uma *coisa*”, retruquei. “Dito assim, soa... muito mais do que foi.” Lancei mão de todas as minhas forças para fingir indiferença, usando propositalmente o passado para tratar de algo que tinha uma presença tão premente, tão ardente. Eu estava remoendo o fato de que desde que me tornara ninguém

— apenas a filha desgraçada de um traidor executado — Hertford perdera o interesse. Tudo o que ele queria era se ligar a uma moça de sangue azul para melhorar sua posição — mas agora ela tinha perdido seu brilho.

Enquanto avançamos na rabeira da procissão sob a neve, dou-me ao luxo de pensar nos momentos que tivemos no verão passado. Flertamos no pavilhão ajardinado de Hanworth e no pomar de Whitehall, e vez por outra em meus aposentos na corte, enquanto os serviçais estavam na missa, quando eu caía em seus braços e o ouvia sussurrar: “Eu sei o que é, Kitty, perder o pai amado de maneira brutal. Entendo-a mais que qualquer pessoa jamais conseguirá, pois passei pelo mesmo. Somos como uma pessoa só”. E então, com beijos, ele me fazia esquecer a dor. “Você e eu fomos feitos um para o outro.” Meio ano para esse amor florescer — agora suas pétalas caíram e ele não passa de uma *coisa*.

O mais provável é que ele saiba que, sem mim, pode ascender mais facilmente. Talvez todas aquelas palavras fossem ocas. Talvez tenha me achado livre demais, passível de ser seduzida. Começo a me perguntar se Juno lhe revelou as coisas que ela e eu fazíamos sob os lençóis à noite — não, não Juno, ela jamais contaria. Então penso em algo que não me ocorrera antes, que Juno poderia estar com ciúmes — que aquilo que lhe parecera uma boa ideia de início talvez tenha se transformado numa fonte de arrependimento.

“Na verdade, não foi nada além de uma atração passageira”, eu disse, da forma mais ligeira possível. Acreditei perceber uma gota de sofrimento em seus olhos, e era essa minha intenção. Mas então não pude suportar e apertei meus lábios com força contra os dele, entrando e saindo com minha língua até sentir

meu ventre fervilhar de desejo. Quando ele reagiu, eu o empurrei para longe, dizendo: “Harry Herbert me enviou uma rosa. Veja, ela não é linda? É de seda, claro, pois nem mesmo um mágico conseguiria pôr as mãos numa rosa de verdade em janeiro”.

Harry Herbert de fato me enviara uma rosa de seda. Em resposta à minha carta, em que eu lhe dizia que era impossível ficarmos juntos. Ele respondeu com um poema sobre uma rosa com espinhos, encerrando a flor dentro do envelope. Embora não o ame, preendi-a no meu corpete, no lugar onde poria uma joia ou uma flor de seda de Hertford, se ele tivesse decidido me mandar uma, o que não fez. Portanto, no fim das contas não é uma *coisa* — é um *nada*, e eu sou *ninguém*. Mesmo assim, mesmo estando no fundo do poço, não consigo criar coragem para ir ao priorado de Sheen, Tâmis a abaixo, onde *maman* e Mary estão morando.

Um dos cavalos da procissão mais à frente manca, e pedem para nos apertarmos com o intuito de acomodar a dama que o monta em nossa carruagem. Já estou bem apertada entre Lady Não-Sei-o-Que e a filha, minha cabeça dói de tanto ouvir os gritinhos de prazer a cada fita que é presa na carruagem, a cada malabarista que atira uma bola ao ar, e meus pés estão úmidos e congelando. Mas, para minha satisfação, vejo Jane Dormer entrar em nosso veículo — finalmente um rosto conhecido. A filha de Lady Não-Sei-o-Que é passada para o assento da frente e Jane se aperta a meu lado. A última vez que a vi foi na abadia, no funeral da rainha; depois disso, ela se casou com Feria.

“Devo chamá-la de condessa agora?”, pergunto, provocando-a, aliviada por ter um momento de descanso com uma conhecida. “Como ele é? E como é?” Tenho tantas perguntas para minha

amiga recém-casada que mal consigo me conter.

Jane fica corada. Faz “shhh” com um sorriso envergonhado e diz em voz muito baixa: “Gosto dele”.

“Gosta?”, repito, e ela assente, mas fica claro que não vai me ofertar segredos do leito conjugal. Penso em Fera e em como Jane deve se sentir segura em seus braços, pois é um homem feito, e não um menino como Hertford. “E Durham House?”

“É um lugar muito animado, Kitty. Fico feliz em estar longe do palácio agora que...” Ela faz uma pausa. “Você sabe.” Suponho que queira dizer “Agora que a rainha morreu”, pois Jane era como uma filha para ela.

“E vai partir para a Espanha?”

“Ainda não. Meu marido”, diz ela, e enrubesce de novo ao pronunciar essa palavra, “tem de continuar como enviado aqui. No entanto”, ela abaixa a voz, “ele não gosta dessa aí.” Imagino que ela esteja falando de Elizabeth. “Mas e você, Katherine? Por que não está com as outras?”

“Desde que foi para debaixo dos lençóis com seu novo marido”, digo, sussurrando, para não deixá-la ainda mais constrangida, “eu me vi rebaixada à antecâmara. Parece que ‘essa aí’ não gosta de mim.”

“Mas isso não é possível, você é a prima mais próxima dela.” Ela para e observa o desfile. “Oh, não... Esse é...” Um jovem com ar tristonho está sentado em um monte de terra encimado por uma árvore, e a seu lado está um sujeito maravilhosamente vestido, numa luxuriante paisagem verde, com um grupo de belas pastorinhas em torno dele, recitando algo que não conseguimos ouvir, por causa do barulho do público.

“A conclusão é evidente”, diz ela. Poucas vezes vi Jane Dormer tão irritada, mas não tenho certeza do que quer dizer. Suponho

que seja uma metáfora. “Pasto verde.” Ela está furiosa. “Não é justo retratar assim o reinado da antiga rainha. É falta de respeito.”

Agora que compreendo o significado do quadro vivo, penso que há um fundo de verdade nele — os últimos anos foram tão repletos de medo e fome que não admira que as pessoas esperem algo melhor. Dizem que Elizabeth não pretende condenar ninguém por sua fé, e isso com certeza é algo bom. Não falo o que estou pensando, pois isso aborreceria Jane, considerando quão próxima era da rainha. Imagino que, de perto, fica difícil ver os defeitos de alguém.

“Mas, Katherine”, continua Jane, depois de passarmos o quadro vivo de Cheapside, “o que você pretende fazer? Vai continuar na corte?”

“Creio que sim. Juno Seymour vai me deixar compartilhar seus aposentos.”

“Mas...”, começa ela, para depois parar. Ficamos sentadas em silêncio, cercadas pelo barulho da multidão, enquanto Lady Não-Sei-o-Que continua a vibrar de prazer.

“Veja como as pessoas amam a nova rainha”, ela repete.

Por fim chegamos a Westminster e descemos para o jardim, onde nos juntamos à multidão. Jane desaparece para encontrar o marido, e eu não sei bem onde ficar. Por estar tão acostumada a que me digam onde ficar e o que fazer, quase sinto falta da autoritária Sra. Poyntz berrando ordens para mim. Fico imaginando se terei oportunidade de encontrar Levina, que me colocaria de bom grado sob a asa dela. Mas anda ocupada preparando cenários para um baile de máscaras e deve estar em algum lugar supervisionando os trabalhos. A multidão de cortesãos se encontra agora em transe, pois as grandes portas do

castelo estão se abrindo. Sou arrastada com a massa que tenta dar uma espiada na nova rainha e seu cortejo enfeitado de joias. Consigo me desvencilhar e abrir caminho na direção do arco ocidental, próximo aos estábulos.

Quando adentro a escuridão do arco, feliz por finalmente estar sozinha, uma mão agarra meu pulso. Engasgo, com o coração batendo como o martelo de um ferreiro, imaginando a mim mesma violentada ou coisa pior por algum bêbado que se infiltrou na corte.

“Kitty”, diz uma voz resfolegante, que só posso imaginar que seja do dono daquela mão.

Meu coração desacelera; minhas pernas fraquejam. “Hertford”, sussurro.

Seus lábios se juntam aos meus na escuridão. Ele me pressiona contra a parede, segurando meus pulsos sobre a cabeça. Uma perna está entre as minhas, empurrando-me até eu perder o controle de mim mesma. Minha cabeça roda; tudo o que quero é levá-lo até os aposentos de Juno e oferecer-me até a última polegada. Mas então me lembro da *coisa* e a ideia de que ele veio buscar diversão fácil com a leviana Kitty toma conta de mim.

Desviando meu rosto, digo: “Tire as mãos de mim, Hertford”. Ele me solta e vou para longe de seus braços.

“Mas, Kitty!” Ele me segue por alguns passos, e fujo dele correndo, com os calçados molhados, deixando pedacinhos do meu coração se soltarem e caírem pelo caminho.

“Deixe-me”, grito de volta na escuridão.

“Mas...”

Estou sem fôlego quando chego aos aposentos de Juno, caindo prostrada no chão ao lado da lareira. Aí as lágrimas vêm, e eu

me penitencio por ser tão infantil, mas a verdade é que sinto medo dos sentimentos que Hertford desperta em mim. Receio não os controlar, e se eu não puder fazer isso só Deus sabe a que profundezas serei arrastada. Então me pego pensando que isso, essa sensação terrível, esse sentimento de estar prestes a sucumbir, essa beira de precipício deve ser o amor propriamente dito, e o que eu senti por Harry Herbert não passou de uma pálida cópia ou alguma outra coisa. Eu daria tudo para ter de volta aquele sentimento de carinho e segurança em vez de estar sob as garras dessa outra coisa, incontrolável.

Tento atizar o fogo agonizante e atiro um tronco na lareira, observando a brasa acender, cuspidando chamas azuis da casca, soltando pequenas faíscas chaminé acima. Só então me sobrevém a exaustão e, puxando um travesseiro da cama, deixo minha cabeça afundar nele, cansada demais até para tirar meu vestido molhado. Entrego-me ao calor, mas, por mais que tente afastá-los, os pensamentos sobre Hertford transbordam pelas fronteiras da minha consciência, perturbando meus sonhos.

Dedos acariciam meu rosto; uma voz suave murmura “Kitty”. Entreabro os olhos. É ele. Balanço o corpo para acordar; sento de repente, apenas para descobrir que não se trata de Hertford coisa nenhuma, mas Juno, que está acendendo velas nas arandelas da parede com um longo círio, enchendo o quarto de uma luz amarelada. “Por que está dormindo de capa no chão?”, pergunta ela.

“Eu estava tão cansada, Juno, e...” Não sei bem como explicar a mistura de sentimentos que estou remoendo.

“Venha, suba na cama.” Ela me ajuda e começa a me despir, desatando minhas mangas e meu avental de modo que eu os

deixe escorregar e me enfie numa camisola limpa. Juno também tira seu próprio vestido. “Aqui, você consegue desfazer isto? Está muito apertado.” Ela tem dificuldade para alcançar os próprios laços. Solto o nó, e ela deixa escapar um suspiro de alívio quando a livro da indumentária pesada. Juno tira a touca da cabeça, fazendo cara feia porque alguns fios de cabelo ficaram presos numa das joias. A touca deixou marcas em suas têmporas. De repente, sua beleza me surpreende, como se a estivesse vendo pela primeira vez.

“Deixe-me ajeitar seu cabelo”, digo, começando a desfazer suas tranças. Em seguida pego a escova e a passo lentamente por suas madeixas claras, com cuidado para não puxar.

Ficamos em silêncio por algum tempo, até que ela o quebra e diz: “Kitty, senti sua falta”.

Afundo minha testa em seus cabelos longos como uma cachoeira. “Eu também”, sussurro. “Não consigo suportar como as coisas estão. Nunca vejo você e, quando vejo, está cansada demais para... Está com ciúme, Juno? É isso?”

“Ciúme de quê?” A voz dela é tão doce, tão reconfortante, tão livre de malícia.

“Do meu, do meu...” Não sei qual palavra usar, por isso aproveito a palavra maldita de Hertford. “Da minha *coisa* com seu irmão.”

“Ah, Kitty.” Ela se vira para me encarar e parece prestes a rir. “Como poderia ter ciúmes *disso*? Nunca imaginei que pudesse ficar com você para mim, e meu irmão é o que há de mais próximo.” Invejo Juno por sua clareza, pela forma como enxerga o mundo. Por fora, podemos ser parecidas, mas por dentro somos como água e fogo. “De qualquer forma, você é que perdeu o interesse em mim.”

“Hummmmm”, murmuro, incapaz de expressar meu turbilhão interior, pois se o traduzir em palavras receio que tenha ainda mais poder sobre mim.

“Você a viu hoje?”

“A rainha? Mal a entrevi. Estava muito atrás.”

“Pobre Kitty.” Juno acaricia meu rosto. “Ela vai mudar de opinião, tenho certeza. Posso lhe afirmar uma coisa: nunca vi um vestido igual.” Ela traça formas no ar com as mãos, num esforço para descrevê-lo. “Mais de trinta jardas de tecido dourado e prateado, recoberto por laços folheados a ouro e todo bordado.”

“Não era o vestido da outra rainha?”

“Não, esse é para amanhã — a coroação.”

“A coroação”, repito, com a impressão de que minha humilhação não terá fim e ficarei plantada em um canto bem afastado da abadia, longe dos olhares. Não consigo suportar a ideia de ser invisível — só quero esquecer isso tudo.

“Acho que não conseguiria aguentar isto aqui, Juno, se não fosse por você e...” Faço uma pausa, porque me dou conta de meus verdadeiros sentimentos. “Estou com medo. E se ela encontrar algum motivo para me trancafiar na Torre como... como minha irmã?”

“Não!”, diz Juno, mas as duas sabemos que qualquer pessoa tão próxima do trono quanto eu que se vê caída em desgraça pode muito bem ir parar do lado de lá do rio, na companhia de guardas armados. “Você poderia ir embora depois das festividades para ficar com sua mãe e sua irmã. Elas estão no priorado de Sheen agora, não é?”

“Estão. Elizabeth se livrou do prior e deu a propriedade a *maman*. Parece que ela fará qualquer coisa por ela, menos me

perdoar. Acho que *maman* gostaria de ficar mais perto de mim. Beaumanor é tão longe.”

“Sheen fica bem perto.”

“Mesmo assim...” Como eu poderia ir para lá e deixar Hertford aqui? Eu ficaria de coração partido. “Mas *ele* eu consegui ver. Dudley”, digo, para mudar de assunto.

“E como não vê-lo? É uma figura e tanto”, ri Juno. Ela aproxima o rosto do meu. “Você acha que os dois estão fazendo aquilo?”

“Você ouviu algo nesse sentido?” O clima subitamente passa a ser de fofoca.

“Não”, diz ela. “Mas vendo os dois juntos parece inevitável.”

“Talvez estejam fazendo”, digo. “Talvez deem uma fugida para cavalgar e...”

“Talvez usem o outro lado dela, para que continue virgem.”

“Juno! Uma imundície dessas saindo de uma boca tão linda.” Mas, quando olho para sua boca, vejo a de Hertford. “Vem”, digo, puxando-a para a cama. Os cabelos dela caem no meu rosto; têm perfume de água de rosas. Pego uma mecha, encosto-a nos meus cabelos e não consigo ver a diferença. Eu me aninho em seu pescoço, sentindo seu cheiro, então a encaro, encosto meu olho no dela e deixamos nossos cílios se tocarem, dando beijos de borboleta.

Março de 1559, Whitehall

Levina

Levina está em pé, num balcão, examinando as linhas do rosto da rainha. Elizabeth está sentada sob a melhor das luzes, folheando uma resma de papéis. São gravuras de Foxe, em

Genebra, cópias impressas dos desenhos de Levina das fogueiras. Como as coisas mudaram. Tudo mudou. Bonner e Byrne desapareceram, e o palácio se transformou. Acabou-se o silêncio solene nos quartos; agora a música e a alegria ecoam por toda parte, e os novos favoritos dançam em torno da rainha. O medo, como sempre, espreita em algum lugar na corte, mas por enquanto ninguém sabe ao certo o que temer.

Há novos rostos em toda parte. Ao pé do fogo, a velha companheira de Elizabeth, Kat Astley, que, dizem, é como uma mãe para ela. Ao seu lado, Lady Knollys, Dorothy Stafford e Blanche Parry, costurando e conversando em voz baixa. No extremo oposto do cômodo, enfileiradas diante do novo professor de dança italiano, estão as damas do quarto. Peggy Willoughby, a de lábio leporino, e a discreta Frances Meautas parecem duas margaridas no meio de um arranjo de lírios. Juno está ao lado de Lettice Knollys, formando um par de belas moças, e ao lado delas há outra dupla de jovens bonitas, as Howard. A nova rainha cercou-se de primas — as Howard e as Knollys, pelo lado materno — e de velhas amigas.

Elas assistem à demonstração que o professor de dança faz dos passos para acompanhar no alaúde um rapaz esquisito, de cabelos compridos e olhos esbugalhados. Katherine deveria fazer parte desse grupo, sendo herdeira por direito de Elizabeth. Mas, aparentemente, a rainha se aferra ao espírito vingativo que tem desde criança, pois a pobre moça não pode mais ir além da antecâmara. Claramente Elizabeth não deseja a concorrência de alguém cuja beleza excede a sua e que, para alguns, tem tanto direito ao trono quanto ela.

Levina receia por Katherine. A jovem anda com o olhar vazio e parece à beira de sucumbir. Ela se recusa a ir encontrar a irmã

e a mãe em Sheen, embora a distância seja pequena. Levina começou a pintar um retrato dela como pretexto para manter a proximidade. Mas grande parte de seu tempo anda tomada pela elaboração de miniaturas das favoritas de Elizabeth, todas querendo reproduções de si mesmas para dar umas às outras e pendurar na própria cintura ou colocar embaixo do travesseiro. Coisas assim andam na moda, o que é bom para Levina, pois é disso que ela vive. Hoje está pintando a própria rainha.

O pincel está pronto, mas ela ainda não fez nenhuma marca na carta. É o ás de copas. Elizabeth pediu este, em especial, e Levina ficou pensando, enquanto esticava cuidadosamente a pele fina do velino, sob qual travesseiro pararia — muito provavelmente o de Dudley. Ela tinha passado uma mão de rosa muito claro, e foi uma boa escolha, pois a pele da rainha parece, pelo menos sob esta luz, ter o mesmo tom. Suas bochechas têm um rubor rosado, forte, levemente febril, que Levina suspeita ser natural dela.

Levina quer reproduzir o olhar peculiar de Elizabeth, de quem já viu tudo e ficou blindada. Também quer mostrar que sua turbulenta história não deixou marcas nas linhas suaves de seu rosto, embora esteja presente em seus olhos bem abertos, que, se observados com atenção suficiente, revelam uma profunda tristeza.

Com um movimento quase imperceptível da mão, a rainha chama um criado.

“Estamos com sede”, diz ela ao rapaz, que fica ruborizado do pescoço até o rosto. “Sra. Teerlinc, bebe conosco? Traga-nos algo fresco. Qualquer coisa servirá, desde que esteja fresco.”

Levina agora se pega olhando para as mãos da rainha. Elas são finas, com dedos compridos — mãos de músico. Surge em sua

memória a lembrança de Elizabeth criança, tocando virginais, cheia de entusiasmo, querendo ser a melhor de todas. Sempre foi. Herói se espreguiça aos pés de Levina, bocejando e dando voltas no mesmo lugar antes de se reacomodar sob um raio de sol.

“Eu me lembro do seu cachorro. Era um filhotinho quando você me pintou pela última vez. Não gosta mais de mim.” Ele resmunga baixinho e revira os olhos para Elizabeth. Ela ri. “Na verdade, nunca gostou, não é, rapaz?” Ignorando os caninos expostos, a rainha começa a acariciar suas orelhas como se ele fosse um pequeno e dócil spaniel. Herói, agora completamente seduzido, olha para ela como um jovem apaixonado. “A senhora se lembra de como costumava rosnar para mim?”

“De fato”, responde Levina, notando como a rainha alterna facilmente entre o singular e o plural quando se refere a si mesma. Diferente da irmã, que insistia no plural mesmo com suas damas de companhia mais chegadas, como quem se aferra a todo custo à própria posição. “Faz muitos anos que pinte Sua Majestade. Muita coisa aconteceu desde então.”

“Hummmm”, diz a rainha, com lábios apertados que dão a entender desaprovação, ou talvez que as duas ultrapassaram a fronteira do aceitável no território da conversa. Levina se pergunta se ela também se lembra do caso com Thomas Seymour, uma década atrás, que quase trouxe sua ruína. A maioria das mulheres não teria sobrevivido ao escândalo — ele era marido de Katherine Parr, seu padrinho, ou praticamente isso. Mas Elizabeth conseguiu escapar da infâmia como a água do óleo. Seymour perdeu a própria cabeça e levou o segredo para o túmulo. Talvez seja melhor que Elizabeth não se recorde de que Levina estava ali na época.

A rainha estende a palma da mão para Herói lambe o gosto salgado e diz: “Aqueles que parecem ser os mais ferozes são, no fundo, os mais doces. É com os outros que é preciso tomar cuidado”.

Levina fica imaginando o que aquilo quer dizer.

“Todos querem me casar”, diz Elizabeth, de súbito. “Veja Cecil”. Ela pronuncia o nome de maneira afetada. “Está desesperado para vir me mostrar sua coleção de retratos. Todos os meus pretendentes...” Ela acena com a cabeça na direção de Cecil, que efetivamente a ronda, louco para chegar perto. Mas a rainha evita seu olhar e sussurra, fazendo uma cara marota: “Fingirei não tê-lo visto esperando”.

“Imagino a dificuldade, com tantos pretendentes”, diz Levina.

“Case-se com um e desagradará outro. Veja a que levou o casamento de minha irmã. Ela perdeu o amor do povo. E depois perdeu Calais entrando na guerra do marido; isso foi o pior. Nós, mulheres...”, começa Elizabeth, parando para olhar em volta. “A senhora é casada e é uma mulher vivida, que tem sua própria vida. A instituição do matrimônio lhe convém?”

Levina pensa em George. Desde que voltou, ele anda distante, e o ressentimento em relação ao trabalho dela continua a afetá-lo. “Tem lá suas complicações.”

“Sim. Mas e quanto a não sentir o que é parir uma criança?” Elizabeth parece divagar, e a tristeza se intensifica em seus olhos. Levina começa a pintar, vendo agora a imagem se formar como se fosse obra não da sua própria mão, mas um desígnio invisível sobre o qual não tem controle.

“É um poderoso atrativo o trono da Inglaterra.”

“De fato, senhora.”

Elizabeth volta a olhar para os desenhos em seu colo e, depois

de algum tempo, diz: “Esta aqui é Jane Grey, não é?”.

Levina levanta os olhos, subitamente assaltada pela imagem da moça às cegas, tateando em busca de onde colocar a cabeça, do jorro carmesim do sangue. É tão real que a faz se encolher. “Sim”, responde ela, cuidando para manter um tom neutro. Não conviria exhibir suas opiniões.

“Coisa terrível. Eu a conhecia bastante bem. Uma moça de fé.” Levina tenta discernir em seu semblante o que a rainha quer dizer, mas seu olhar é opaco. “A senhora é próxima da mãe dela, creio.”

“Sim. Somos velhas amigas.” Levina gostaria de saber o caminho que a conversa vai tomar.

“Também gosto de Frances. Ela é minha prima. Mas aquela filha, Katherine...” Sua boca se contorce brevemente de desgosto. “E o pai dela também. Era o verdadeiro traidor da família. Todos foram conspurcados por ele. Um homem fraco, Henry Grey.” Involuntariamente, Elizabeth leva uma mão ao pescoço. “E a outra irmã, a aleijada, como é?”

“Mary é incrivelmente inteligente, senhora, e quietinha. Bastante submissa.”

“Tem de ser mesmo, suponho. Se for tão deformada quanto dizem, terá de trabalhar ainda mais duro para ser boa em sua tentativa de convencer a todos de que não é obra do Diabo.” A rainha deixa escapar um curto espasmo de riso, que Levina interpreta como irônico. “Mas, se é inteligente, deve saber disso, não acha?”

“Lady Katherine também é submissa, à sua maneira.” Levina acha que vale a pena pelo menos tentar mudar a opinião da rainha sobre a moça.

“Eu não diria isso; ela não passa de encrenca — do pior tipo.”

Agora a rainha acena para Cecil se aproximar. “Receio que terei de lidar com isso, sra. Teerlinc.”

Levina começa a arrumar suas coisas, perguntando a si mesma o que Elizabeth quis dizer com “do pior tipo” e observando Cecil subitamente começar a revelar miniaturas que trazia escondidas, como um ilusionista. “Este”, diz ele, balançando uma sob o nariz de Elizabeth, “é o arquiduque Karl.”

“O Habsburgo, Cecil?”, pergunta ela, em um muxoxo. “Acha que vai se opor ao nosso primo escocês, que quer reivindicar *nosso* trono para os franceses, casando-nos com um Habsburgo?”

“Ela se refere a Mary, rainha da Escócia, que é casada com o delfim francês”, sussurra a sra. St. Low, que se sentou ao lado de Levina.

“É verdade, a França iria à guerra para colocar essa moça escocesa no trono inglês”, responde Levina. Ela imagina a Europa como um imenso tabuleiro de xadrez onde as duas rainhas ainda não caíram.

“Eric, da Suécia.” Cecil está apresentando outro retrato.

Elizabeth o arranca da mão dele e parece à beira das gargalhadas. “Ele é um pouco mais bem-apessoado, este aqui.”

“Acredito, Vossa Alteza, com todo o respeito...”, começa Cecil.

Elizabeth o interrompe. “Estamos brincando, Cecil, apenas isso.”

Ele mal consegue disfarçar a impaciência. “Tanto a Saxônia quanto Holstein apresentaram pretendentes”, diz.

“Mostre-me”, pede Elizabeth, estendendo a mão.

“Ainda não foram feitos retratos.” Cecil está claramente no limiar da exasperação.

“Você não pode esperar que arranjemos um par sem no mínimo uma imagem. Talvez devamos recusar todos.”

Cecil dá um risinho educado, como se ela tivesse contado uma piada. Para Levina, é mais sério do que parece, embora seja impensável que uma rainha reine sem um rei — talvez seja menos impensável, e certamente inédito, com esta rainha em especial, conjectura.

No extremo oposto do quarto há uma movimentação. As portas se abrem de forma repentina e um porteiro adentra o cômodo, fazendo uma reverência. “Lord Robert Dudley”, ele anuncia. A rainha se ilumina como fogos de artifício, e Levina percebe que Cecil aperta os lábios em sinal de desaprovação. *Esta* cena ela gostaria de pintar — dois homens se erguendo, levantando-se diante de sua rainha. Cecil revira os olhos, como um sapo que observa uma mosca. Sua testa redonda lhe empresta um ar acadêmico, e a barba ruiva é dividida em dois — um visual que esteve na moda alguns anos antes. Levina se pergunta se é proposital, para dar a impressão de que não se importa com coisas superficiais como a moda. Mas quem não perceberia o tecido refinado de suas vestes, tão negro que suga a luz, as agulhetas folheadas a ouro que brotam das costuras, as precisas dobras brancas de linho em seu pescoço ou seus sapatos delicadamente trabalhados — tudo muito, muito discreto.

Mas todo o quarto observa o outro homem.

A sra. St. Low se inclina para murmurar: “É com *esse* que ela quer se casar”.

“Ela já está casada”, responde Levina.

Dudley, ao contrário de Cecil, transpira uma elegância que salta aos olhos; *nele*, de discreto não há nada. Seu gibão é feito de fio de prata cortado, entalhado e adornado com joias, cobrindo o cetim branco com gola alta em estilo espanhol. Sua capa, vermelha e curta, bordada em ouro, pende de um ombro

enquanto avança pelo cômodo com suas pernas compridas, cobertas por meias escuras. Em seu rosto atraente há um leve ar de ironia. Levina se lembra dele pouco tempo atrás, usando um gibão que antes pertencera ao pai, remodelado — cheio de retalhos costurados —, e com calçados tão gastos nos calcanhares que dava para ver a pele aqui e ali. Robert Dudley vem gastando bem seu salário recente de mestre-cavaliço — mil marcos, dizem, fora as gratificações.

Ele pediu que Levina o pintasse, mas ela ouviu rumores de que ele é um daqueles que pagam suas dívidas apenas quando absolutamente necessário e suspeita que vai inventar alguma desculpa: Robert Dudley não gosta de pagar; “A semelhança não está clara; as cores estão erradas”. Então Levina ganhou tempo dizendo que precisava pintar a rainha primeiro.

Dudley faz uma reverência diante de Elizabeth, tirando o bonete, o que faz seus cachos caírem. Ele os joga para trás para mostrar os olhos — um gesto afetado para exibir seus belíssimos cabelos, negros e ondulados, com tons avermelhados. Seus olhos têm um traço incomum de índigo, uma cor parecida com a que Holbein escolhia como fundo para alguns de seus retratos. Ali está um homem que claramente tem consciência de seus predicados.

“Vossa Majestade”, diz ele, erguendo as sobrancelhas como se estivesse se dirigindo a uma camareira com quem está dormindo.

Do alto de seu comprido nariz, a rainha o observa de cima a baixo, em silêncio, tentando manter um ar imperial, mas é traída pelo ligeiro sorriso no canto da boca.

“Acabo de cruzar com Katherine Grey na antecâmara”, diz Dudley. “Não sei por que a mantém escondida. Ela é uma

pequena joia. A rainha certamente quer ter as de maior qualidade em sua coroa.”

Levina mantém os olhos no chão e os ouvidos ligados.

“Não a consideramos...”, começa a dizer Elizabeth, então faz uma pausa. “Apresentável.”

“Isso me causa surpresa”, diz Dudley. “A mim ela parece bastante simpática.”

“A você? Bem, claro que sim. Por que todos querem que favoreçamos aquela concubina?” A boca de Elizabeth faz um esgar de desprezo, o que, por um breve instante, deixa-a feia.

Ele a observa e, erguendo o indicador na direção do teto como Jesus aponta para o céu em tantas pinturas italianas, pronuncia a palavra “ciumenta”.

Elizabeth então se inclina, aproximando a palma da mão da orelha de Dudley, num gesto que por algum motivo parece mais íntimo até que um beijo, então sussurra alguma coisa. Cecil faz cara de quem está chupando limão, equilibrando-se ora num pé ora no outro, visivelmente incomodado.

Dudley recua com um sorriso conspiratório. “Não!”

Elizabeth balança a cabeça, claramente satisfeita com a reação dele, então se volta para Cecil e diz: “Mais alguma coisa?”.

“Creio que não, senhora”, responde ele com uma mesura reverente antes de virar para sair.

“Há uma coisa”, diz ela, como se o flerte com Dudley tivesse interrompido seu raciocínio e ela agora voltasse a se recordar de suas responsabilidades. “O senhor não nos mostrou toda a correspondência. Há coisas que estão passando adiante sem termos olhado.”

“São apenas negócios sem importância, senhora. Assuntos de que não precisa se ocupar. Processos menores e coisas desse

tipo.”

“Cecil.” Ela põe uma mão com firmeza na manga negra da camisa dele e baixa o tom de voz. “Vamos ser claros. *Toda* a correspondência precisa da nossa autorização.” Ele balança as mãos, como se fosse distribuir cartas de baralho, mas nada diz, embora seja evidente que quer falar. Levina o observa. Conhece Elizabeth bastante bem. Ela sempre teve uma autoridade impressionante; já com dez anos, ninguém ousava contradizê-la a menos que tivesse absoluta segurança de si.

“Ficou claro?”, pergunta ela, com um sorriso frio como pedra.

Ele assente e sai andando de costas, lentamente, com a cabeça baixa de um monge em oração. Dudley o observa, com uma expressão de desagrado na boca.

“Tira-me para dançar?”, pergunta Elizabeth, transformando-se numa fração de segundo e voltando a fazer charme. Ela desliza pelo cômodo como se estivesse sobre rodas, parando para observar o retrato que Levina está pintando, debatendo com ela pequenos detalhes que gostaria de incluir e fazendo gracinhas para Herói.

Dudley espreita, observando-a como uma ave de rapina. O professor de dança aguarda em pé as instruções, com o tocador de alaúde postado em seu banquinho. Todos os presentes assistem à rainha, que brinca com o cachorro e conversa com a humilde artista em tom informal, como se fosse uma pessoa comum passando o tempo com um parente qualquer.

Então ela se vira e diz: “O que todos estão esperando? Para a antecâmara”.

As damas de companhia se apressam a recolher seus pertences e aguardam que Elizabeth dê o sinal para que a sigam pela porta. Levina guarda seus papéis, desejando partir sem ser notada, mas

ultimamente seu tempo não lhe pertence. Ela sente o focinho úmido de Herói encostar nas costas de sua mão enquanto aguarda com as demais para seguir a rainha.

As portas se abrem, revelando uma intensa atividade no cômodo adjacente, e, quando Elizabeth entra, todos se ajoelham diante dela. Levina identifica Katherine no canto oposto, agachada como os outros, mas não em reverência: ela está atando um laço azul no pescoço de Stan, seu spaniel. Assim que Elizabeth andou em círculos e demarcou seu território, Levina chega mais perto da moça. Os dois cães a farejam, como uma espécie de cumprimento. Stan rola no chão, mostrando o ventre rosado e deixando o outro, maior, farejá-lo por inteiro. Outros músicos aparecem e começam a tocar uma gavota.

“Não suporto isso”, cochicha Katherine.

“Por que não vai com eles? Você dança tão bem. Talvez isso a faça mudar de opinião.”

“Pelo contrário. Se eu fosse aleijada, como Mary, ou tivesse o pé torto, talvez tivesse mais chance.”

Levina ignora o comentário amargo. “Você poderia escrever para ela. Uma carta sentida junto com um presente...”

“Acho que não. *Maman* sugere isso o tempo todo, mas...”

“Mas o quê?”

“Não vou me humilhar, Vina. Posso estar com medo do que vá fazer comigo e tenho ciência de que talvez esteja sendo teimosa, mas sou prima dela e deveria ser tratada como tal, sem que eu tenha de rastejar no chão para isso. Veja só como Lady Knollys faz parte da turma, e eu sou no mínimo parente tão próxima quanto ela, e *muito* mais nobre. Posso estar sendo orgulhosa, mas aqui o orgulho é tudo, não é? É a ordem natural das coisas. Não fui criada para desistir ao primeiro sinal de

problema.”

Ela tem razão, pensa Levina. “Mas as coisas não podem continuar desse jeito, com você no limbo, esperando que a rainha se renda.” Pela primeira vez ela enxerga resistência em seu caráter, e isso, deixando de lado a tolice e a superficialidade, mostra que é uma Grey tanto quanto os demais.

“Bom, suponho que ela não vá mudar de ideia.”

O professor de dança distribui instruções com um forte sotaque, batendo palmas o tempo todo: *Doublez à droite, pieds joints, petit saut*. Ouve-se um estrondo quando os dançarinos pulam e aterrissam todos juntos. Elizabeth ri. Os olhos de Dudley a seguem.

Marquez pied gauche croisé; marquez pied droit croisé; à grève droite croisée et petit saut. Os pés batem no solo uma vez mais. Os vestidos das damas se movem como sinos tocando. Katherine observa Juno enquanto torce as luvas nas mãos. *Pieds joints; capriole*. Todos se lançam ao ar e tentam cruzar os pés à frente e depois atrás antes de aterrissar. Só Elizabeth consegue; os demais tropeçam e caem desajeitadamente, dando risada.

“Jane Dormer me convidou para ficar em Durham House. Acho que vou. Pelo menos estarei longe daqui, sem ficar presa em Sheen”, diz Katherine, ainda admirando Juno, com o rosto corado por causa do esforço.

“Acho que é uma boa ideia”, diz Levina. “Pelo menos lá você estará em segurança. Embora a rainha talvez não goste.”

“Pode até ser”, responde ela, fazendo uma breve careta. Os olhos de Levina capturam uma cena do outro lado do salão. É Hertford que chegou, com um grupo de rapazes. A rainha faz grande alarde, rindo alto de alguma coisa dita por ele, enquanto Dudley os observa sem sorrir. Katherine vira as costas e olha

pela janela.

“*Et puis la volte*”, ordena o professor de dança. Dudley aproveita a oportunidade para puxar a rainha para o centro do salão, segurando suas mãos e forçando-a a prestar atenção nele de novo.

“Estamos bastante cansados”, diz ela. “Dançamos o suficiente por hoje.” Elizabeth vai até a porta, deixando o salão de novo de joelhos, à exceção de Mary Sidney, Kat Astley e Lady Knollys, que a seguem até a saída. Chama a atenção de Levina a diferença entre essas damas, com seus vestidos cintilantes, e as tristonhas companhias da rainha anterior. Então Elizabeth vira brevemente. “Venha, Dudley.” Ela acena para ele como se fosse um cão, e o homem também entra em forma atrás das damas.

Juno se desvencilha dos dançarinos, que estão formando um círculo, agora com a companhia de Hertford e seus amigos. Ela se aproxima, agarrando a mão de Katherine e empurrando-a para o centro da sala, ignorando seus apelos para que a deixe em paz e entregando-a ao irmão, que sorri como um gato que acabou de capturar um peixe. Katherine olha com frieza para o horizonte enquanto lhe dá a mão. Os dois começam a acompanhar os passos da dança, e ela continua a evitar seu olhar. Hartford a toma pela base do corpete para erguê-la.

Enquanto giram em sentido contrário, Levina nota que começaram a conversar. Logo em seguida os pares são desfeitos e Hertford passa a dançar com a irmã. Outro rapaz está erguendo e rodando Katherine, que agora é só sorrisos. Levina se espanta com a semelhança entre os três, Katherine, Hertford e Juno, que poderiam ser irmãos, e se pergunta como nunca se deu conta disso antes.

“Daria um belo quadro, não acha?” É a sra. St. Low. “Minhas

meninas dançando com rapazes tão galantes. Imagino que esteja louca para pegar seus pincéis.”

“Realmente”, responde Levina, pensando no quanto a sra. St. Low é diferente da antecessora. A sra. Poyntz estaria rondando com olhos de águia, certificando-se de que as mãos dos rapazes não estavam em lugar indevido. A sra. St. Low começa a falar das festividades recentes, elogiando Levina pelo cenário que criou para o baile de máscaras da véspera da coroação e analisa em detalhes o papel desempenhado por cada uma das moças e como se comportaram. É pena que Katherine não esteja sob os cuidados dessa mulher, Levina pensa, pois a menina certamente teria muito a ganhar com isso.

Katherine volta a dançar com Hertford. O rosto do rapaz parece deformado e ele sacode a cabeça quando ela diz alguma coisa. Em seguida, Hertford se afasta do círculo e sai abruptamente, perseguido pela irmã. Katherine finge que nada ocorreu e, com um pulinho, pega o par abandonado por Juno. Ela termina a dança antes de fazer uma breve mesura para o rapaz, que, a julgar pelo olhar abobalhado no rosto, cedeu a seus encantos.

“Devo dizer, Lady Katherine, que é uma dançarina extremamente graciosa. Minhas moças poderiam aprender um ou dois truques com a senhorita”, diz a sra. St. Low quando ela se aproxima.

Katherine sorri, dizendo: “Agradeço pela gentileza”.

“É uma pena que não tenha muitas oportunidades.”

“Sim”, responde ela, com seu sorriso mais simpático. Assim como o rapaz no círculo de dança, a sra. St. Low ficou evidentemente fascinada.

“Que história foi aquela com Hertford?”, pergunta Levina em

voz baixa, depois que a sra. St. Low se foi.

“Ele ficou bravo porque vou para Durham House. Acha que em três tempos vão me arrumar um marido espanhol.”

Abril de 1559, Durham House

Katherine

“Foi exatamente aqui que eu me casei”, digo a Jane Dormer.

Assim que entrei em Durham House, minha mente foi invadida por lembranças daquele dia, seis anos antes, em que eu e minha irmã Jane nos casamos, assim como Katherine Dudley, todas com vestidos emprestados, devido à pressa com que tudo fora arranjado. Era parte dos planos de Northumberland — suponho que quisesse criar um vínculo forte entre sua família e a nossa antes que o rei morresse. Por mais triste que *eu* estivesse naquele dia, minha ama estava ainda mais.

“Doze anos é jovem demais, até para uma moça da nobreza”, disse ela, e discutiu com *maman* por me deixar ir morar sem ela sob o teto dos Herbert, no castelo de Baynard. *Maman* disse que era para meu bem, mas eu a encontrara chorando no quarto na véspera, embora tenha tentado disfarçar, garantindo que as lágrimas eram de alegria.

“Está falando do casamento com Harry Herbert?”, pergunta Jane Dormer, embora saiba muito bem que só me casei uma vez.

Eu concordo. “Achava que estava verdadeiramente apaixonada por ele.”

A capela tem um cheiro bom. O incenso parece ter impregnado até nas pedras, e vejo minha irmã murmurando seus votos em meio a uma nuvem de fumaça perfumada; Guildford Dudley pegando sua mão direita e ela tirando-a,

pressionando-a contra a mão esquerda numa oração, com os olhos bem fechados. *Eu* não consegui tirar meus olhos de Harry Herbert, que, embora tenha sido arrancado do leito onde convalescia para se casar comigo, parecia, com seus olhos de jade e seus cabelos negros, o rapaz mais bonito que já tinha visto.

“E já o esqueceu?” Jane Dormer faz a pergunta sem conseguir esconder a curiosidade na voz, e eu fico me perguntando o que estaria tentando arrancar de mim.

“Completamente”, respondo.

“E quanto a Hertford — ele não pediu uma vez permissão para cortejá-la?”

“Isso já faz algum tempo...” Penso em dizer “Foi antes da morte da rainha”, mas me contenho em nome dos sentimentos dela. “Também o esqueci.”

Fico pensando se deixo transparecer o quanto Hertford me destruiu por dentro — sinto-me como um campo de batalha. Acho que ela não notou, pois só responde “Que bom”.

Gostaria de lhe perguntar o que quer dizer com isso; não é o tipo de conversa íntima que as moças costumam ter quando falam de amor. Talvez Jane Dormer não esteja acostumada a esse tipo de prosa. No entanto, parece estar divagando, pois passa a olhar para a imagem da Virgem na janela. O sol lança um brilho azul através do vitral, sobre sua pele clara. Ela se apoia no genuflexório, fechando os olhos e correndo as contas do terço entre os dedos. Sigo seu exemplo, mais por educação que qualquer outra coisa, e espero que esteja orando pela *minha* alma desgraçada. Fico feliz por ter pensado em trazer meu terço, uma gentileza para com meus anfitriões católicos. Entre meus dedos, parece um corpo estranho; nos últimos meses, perdi o costume.

Meu olhar vagueia. Perto da imagem da Virgem, há outra que me assombra, a de uma mulher vestida como uma freira — uma santa, suponho. As maçãs do rosto são descarnadas; os pulsos, finos como gravetos; mas ela tem o olhar em transe de uma donzela apaixonada.

Jane abre os olhos e começa a se levantar com certa dificuldade, apoiando-se com força na beirada do genuflexório, pois a criança dentro dela já está grande. Amparo-a pelo cotovelo, ajudando-a a ficar em pé.

“O bebê se mexeu enquanto eu orava”, murmura, com beatitude no olhar. “Deus está olhando por essa criança.” Em seguida, ela segura minha mão, passando-a por baixo do avental e colocando-a em sua barriga arredondada. “Mexeu de novo.”

Sob meus dedos, sinto uma ondulação. “Nossa!”, digo, só então compreendendo por inteiro que ali está de fato uma criatura viva. Em seguida, me ocorre que terá de sair dali. “Não lhe dá medo?”

“Nem um pouco”, sorri. “Ela está olhando.” Jane ergue os olhos para a Virgem do vitral. “E se Deus decidir levar um de nós ou os dois”, ela se ajoelha novamente, “esse será Seu desígnio.”

Eu concordo, pensando em como alguém consegue crer com tanta convicção, o que me faz lembrar de novo de minha irmã falecida, cuja fé, embora bem diferente da de Jane Dormer, tinha a mesma força. Vem-me à cabeça um pensamento tolo, de que talvez o próprio nome Jane traga consigo certa convicção, certa capacidade de acreditar. Mas então me recordo de Juno, que é mais parecida comigo e acredita no que vê em seu entorno, nas coisas que pode sentir com os dedos. Não que eu nunca pense em Deus. Mas isso traz consigo a ideia da morte, e não posso

conceber a ideia de não estar mais neste meu corpo sem me sentir mal e assustada.

“Fico contente em ver que não abandonou a verdadeira fé”, diz ela, tocando com o indicador meu terço, “ao contrário de tantos outros.”

Sorrio, feliz por ela não perceber que só o estou usando por educação.

“É um êxodo”, acrescenta Jane, suspirando.

“Quem é?”, pergunto, achando melhor mudar de assunto e apontando para a imagem da freira em transe.

“Catarina de Siena. Você deve saber quem é. Deus a impediu de se alimentar de qualquer coisa, exceto os sacramentos. Por isso, quando chegou sua hora de estar ao lado d’Ele, estava inteiramente purificada.”

“Ah, sim”, respondo, como se me lembrasse de Catarina de Siena, quando na verdade nunca ouvi falar dessa mulher que morreu de fome em nome de Cristo. Em casa, não estudávamos a vida dos santos. “Catarina de Siena.”

“Talvez ela olhe por você — afinal de contas, tem o nome dela.”

“Acredito que sim”, digo, embora saiba que não ganhei esse nome por causa da freira famélica, e sim por causa de Katherine Howard, que era a rainha quando nasci e foi decapitada pouco tempo depois, por ter um amante. Dizem que ela assombra o corredor comprido de Hampton Court. Fico pensando se olha por mim.

Ao deixar a capela encontramos Ferial no salão, recém-chegado da corte. Ele está andando para cima e para baixo, com o cenho franzido de cólera. Um pajem, com uma pilha de papéis, sai correndo atrás dele.

“*Esta mujer*”, está dizendo ele, “*será mi muerte.*”

“*Mi estimable esposo*”, diz Jane, e acrescenta, justo na hora em que me pergunto como vou me virar nesta casa sem saber uma palavra de espanhol: “No meu idioma, por favor”.

“Perdoe-me”, diz ele, num inglês com forte sotaque, tão surpreso como se tivesse acabado de notar minha presença. “A senhorita é muito bem-vinda, Lady Katherine.” Ele toma minha mão e a aperta, erguendo-a até seus lábios. “Muito bem-vinda. Peço desculpas por... como se diz *genio*, Jane?”

“Seu temperamento, meu senhor.”

“Isso, meu temperamento. Estava falando da rainha.” Ele diz “a rainha” em tom de zombaria, mas não soa engraçado. “Ela se recusa a cogitar o arquiduque sem antes vê-lo em...” Ele fica à procura da expressão.

“Em carne e osso?”, diz Jane.

“Em carne e osso”, repete Feria. “Não é possível que o arquiduque se preste a esse papel, como um cavalo em leilão. Não é digno.” Os punhos de Feria estão cerrados e há raiva em seu olhar. “Ele é o filho do imperador, e ela... ela é... *Nada más de una bastarda.*” Ele volta a caminhar. “E esse Dudley. Todos dizem que ela quer se casar com ele, mas o homem já é casado, com uma mulher que ninguém nunca viu, dizem que é doente. Ou... foi envenenada.”

“Querido”, sopra-lhe Jane, de leve, segurando uma de suas mãos cerradas e abrindo-lhe os dedos, um por um. Dou-me conta de que eles parecem mais pai e filha que marido e mulher. “Não é bom dizer esse tipo de coisa. Dudley pode não ser...”, ela procura a palavra exata, “o ideal. Mas não envenenaria a própria mulher diante de toda a corte.” Ela entrelaça seus dedos nos dele. “Gómez, querido, nosso bebê se mexeu de

novo.”

Ele se derrete ao ouvir isso. “*Mi ángel.*” Pousa a mão no ventre dela e um sorriso desponta em sua boca, fazendo-o esquecer Elizabeth por completo, e a mim também; os dois mergulham em seu mundo particular.

Fico vendo, imaginando alguém falar comigo com tanta ternura, recordando as ocasiões em que Hertford e eu não estávamos ansiosos arrancando a roupa um do outro. Aqueles momentos, em que eu aninhava a cabeça em seu braço e ele sussurrava coisas como *Minha querida, minha joia preciosa, não há ninguém nem coisa alguma mais cara para mim, meu amor.* A emoção perpassa meu corpo como um mergulho em águas quentes, fazendo nascer uma saudade vinda do fundo de mim. Mas nessa hora eu me lembro da *coisa* e respiro fundo para afastar esses pensamentos.

“Vamos encontrar um par maravilhoso para você, milady.” Sou lançada de volta ao presente quando me dou conta de que é comigo que Feria está falando. “A realeza espanhola tem muitos jovens encantadores, de sangue azul Habsburgo.”

“Estou em suas mãos, milorde”, digo, sorrindo forçado e imaginando, por um instante, duas mãos espanholas no meu corpo. Ele teria um cheiro diferente, como as especiarias que chegam à cozinha em tigelas de cerâmica, e seria um homem, como Feria, e não um menino. Teria cabelos negros, pele morena e um queixo másculo. Mas minha mente volta a ser ocupada pelos cabelos lisos de Hertford, por sua pele clara, por suas mãos macias ansiando por mim. Posso ouvir sua voz: *Minha querida, minha joia preciosa.*

“Prometa, milady, que não ouvirá nenhuma proposta de casamento sem me consultar primeiro.” É difícil interpretar a

expressão facial de Feria, mas fica claro que ele está falando sério, e por um instante me pergunto por que se importa tanto com quem vai se casar comigo. Mas, claro, tenho sangue Tudor e ele é o enviado do imperador, o confidente de Felipe da Espanha. Esse é o motivo — posso não ser tão inteligente quanto minhas irmãs, mas conheço meu próprio valor no mercado matrimonial. E por que não me casar com a realeza espanhola? Eu teria a proteção da maior família da Europa, e aqui não sou querida, nem por Elizabeth nem por Hertford. Estou começando a gostar de meu educado catolicismo de faz de conta, porque graças a ele essa gente vai me colocar sob sua asa. É um pensamento que me tranquiliza e me dá uma sensação de segurança.

“Sim”, acrescenta Jane, como se tivesse lido minha mente. “Agora tomaremos conta de você. Está em boas mãos, Katherine. Vamos lhe garantir um par ilustre.”

Passa pela minha cabeça a lembrança do meu pai dizendo exatamente a mesma coisa: *Vamos encontrar um par ilustre para você, minha pequena e bela Kitty; espere e verá os belos exemplares que farão fila.*

Mas, na hora da verdade, não houve escolha — nem para mim nem para Jane. Tento não pensar na minha irmã e sorrio para Feria. “Isso me traria grande contentamento.”

*Maio de 1559, Ludgate
Levina*

“Quantas rainhas você já retratou, Vina?” Numa das mãos George segura uma representação inacabada de Elizabeth, enquanto conta com os dedos da outra. “Katherine Parr, Mary,

Elizabeth... Você não pintou Katherine Howard também? Isso sem esquecer os reis: Edward, você fez o retrato dele, não fez? E de quantas duquesas?”

Levina não sabe se ele está dizendo isso para elogiá-la ou criticá-la. “Chega”, diz ela. “Não teríamos nenhum desses objetos caros nem vidro nas janelas se não fosse pelas...”

“Eu me orgulho de você, Vina, não poderia me orgulhar mais.” Ela sente que há algo de errado com ele. Desde que voltou de Bruges, está diferente, mais distante, alheio, louvando o próprio casamento como se fosse apenas por obrigação. Agora tem em mãos um esboço de Katherine Grey. “E este, então, que maravilha.” George parece hipnotizado por algo que não passa de linhas apressadamente desenhadas. Levina acha provável que seja a beleza de Katherine, mais que seu próprio talento, que o fascina.

“Sabe quem é?”

O quarto está abafado. Por isso, ela abre a janela, deixando entrar o barulho da rua: alguém dá um grito de alerta e esvazia ruidosamente o conteúdo de um balde; um cachorro late; alguém assobia uma melodia; ouvem-se trechos de conversas. A brisa carrega todos esses sons. Levina percebe uma carroça descarregando bagagens na casa dos Carruth. As persianas foram abertas. Eles devem ter voltado do estrangeiro. Com suas esguias patas dianteiras, Herói sobe no parapeito para olhar lá fora, respondendo ao latido do cachorro. “Silêncio, rapaz”, diz ela, esfregando seu focinho e notando como embranqueceu com a idade, o que lhe causa tristeza por um breve instante, ao pensar que um dia não estará mais com ela. “Desce daí.” Ele obedece e sai trotando para a cama, batendo com as unhas no chão de pedra.

“Claro que eu sei quem é. Você desenha as filhas dos Grey desde que elas eram crianças”, diz George. “Sei tudo a respeito de Lady Katherine Grey e como ela caiu em desgraça.” Seu tom de voz é desagradável, e Levina fica sem entender por que tocou no assunto. “Acha que um guarda pode não saber das coisas, Vina?”

“Mas não foi isso que eu disse. Não acho que não saiba...”

Ele não a deixa terminar. “As fofocas também chegam até nós. Além disso, quando você fica de pé diante de uma porta, em silêncio, com a alabarda, acaba ouvindo mais do que deve.”

Levina não se dá conta de que ele pertence à corte tanto quanto ela, de tão discreta que é sua presença, com o uniforme. Prefere imaginar que George não foi contaminado, como ela, pelo veneno das intrigas daquele lugar; que não sabe ou não se importa em saber quem é quem.

Tirando a coifa e começando a desfazer uma trança apertada demais, ela se põe a falar. “Tem uma coisa...” Então muda de ideia e para. Tem *uma* coisa, uma informação que chegou ao seu conhecimento e com a qual ela não sabe o que fazer; mas George está aborrecido com ela, por ter sido lembrado do elo que a une aos Grey — “o veneno da vida dele”, como gosta de chamar. “Conte-me o que o Marcus escreveu na carta dele”, diz Levina, para mudar de assunto. A correspondência do filho deve ter chegado enquanto ela ainda estava em Durham House, pois está sobre a mesa, já com o selo rompido.

George a pega e abre. “Ele foi a Florença e ficou muito impressionado com a estátua de Davi. Você sabe quem é o artista. Marcus não disse. Sempre esqueço o nome.”

“Michelangelo.”

“Isso. E ele anda estudando com um homem chamado Vasari,

que o acolheu em seu ateliê.”

“Mas que notícia maravilhosa, George. Vasari. Imagine só, nosso filho estudando com um grande artista. Por que não me contou?”

“Estou contando agora.”

“Está, sim!” Ela ri.

“E mais recentemente ele esteve em Roma. Diz que nunca viu nada parecido com o Coliseu.”

“Deixe-me ler.” Levina arranca a carta das mãos dele e corre os olhos pela página. A letra do filho a enche de ternura. “Ele diz que a comida é tão boa que está engordando e que teve de pedir a um alfaiate para alargar o gibão. Bem que podia ficar mais cheinho.” Quando pensa no filho, um menino conhecendo o mundo e tornando-se homem, tem a impressão de que vai explodir de orgulho. Mas a informação em seu poder ainda a incomoda. “Precisamos pensar num par para ele, George.”

“Acho que sim. Mas é bom deixá-lo viver um pouco.” Ele fecha a janela. “Não está tão quente, Vina.”

Ela se dá conta, com um calafrio, de que o marido tem razão, e joga o xale nos ombros. George o ajeita para ela e lhe dá um beijo no cocuruto, como um pai, dizendo: “Que tal uma partida de xadrez antes de nos recolhermos? Faz muito tempo que não jogamos”.

Levina pega o tabuleiro na prateleira, soprando a poeira que se formou na superfície e tirando as peças de uma bolsa de pano. Ela começa a arrumá-las em uma mesinha perto da janela, para aproveitar ao máximo a luz do entardecer, enquanto George vai buscar duas cadeiras. Ela chama a serviçal, pede um pouco de cerveja e um prato de aperitivos, e os dois começam a jogar em silêncio.

Estão acostumados a esse ritual, e quase podem adivinhar o lance do outro. O problema que inquieta Levina continua a incomodá-la, como um cachorro pidão, mas ela não sabe se deve tocar no assunto com o marido. Confia nele, mas não tem certeza de que compreenderia. Os dois continuam a jogar, mal se dando conta da luz cada vez mais fraca, mexendo silenciosamente as peças de madeira no tabuleiro. Mas Levina não está concentrada, e George está em vantagem.

“Estou preocupada”, diz ela, sentindo por fim a necessidade de tirar o peso de seus ombros, ele entendendo ou não. Mas justamente nessa hora a camareira entra para acender as velas. Levina não diz nada, esperando que a moça passe pelo quarto com o círio na mão. Quando termina, pergunta se deve acender a lareira.

“Sim”, diz George.

“Não”, diz Levina ao mesmo tempo. Sua preocupação só faz aumentar. Com a presença da moça, ela não pode falar. “Cuidarei disso.” Levina se levanta e começa a colocar um avental. “Não precisa ficar acordada.”

A moça vai embora e, curvada perto da lareira, Levina arrasta ruidosamente o cesto de lenha. Com todo o cuidado, ela empilha os troncos em forma de pirâmide, enfiando um chumaço de estopa em um espaço no topo e cuidando de acendê-lo.

“Mande a serviçal trazer uma chama”, diz George.

“Eu resolvo mais rápido.” Ela esfrega o sílex contra o fuzil, sem produzir faísca. “Estou preocupada com Katherine Grey”, diz, sem erguer os olhos para o marido.

“Ah, Vina, d-d-de novo não.”

“Não, George.” Fazia semanas que não o ouvia gaguejar, e

Levina fica triste ao saber que está causando aquilo. “Desta vez eu preciso que você me escute. É sério.” Ela o encara.

Ele deve ter notado alguma coisa em sua expressão, pois diz: “Prossiga. Estou escutando”. Agacha-se junto a ela perto da lareira, tirando o sílex de sua mão e produzindo uma faísca quase na mesma hora. O algodão carbonizado pega fogo.

“Meu temor é que ela esteja envolvida em algum tipo de conspiração sem querer”, sussurra.

“O que você quer dizer? Que tipo de conspiração? Como sabe disso?” A chama pega e cresce, e o brilho reflete em seus rostos.

“Quando fui visitar Katherine hoje, em Durham House, entreouvi uma coisa que o embaixador da Espanha estava conversando com Feria.” Na mente dela, forma-se uma imagem do lugar, antigo e imponente, com uma imensa e mal elaborada pintura da Anunciação na capela. A perspectiva está errada, o que resulta numa Virgem de proporções desequilibradas e num anjo canhestro. O local estava cheio de gente, na maioria nobres católicos. Levina contou quatro Dormer, três Jerningham, Susan Clarencieux e o prior recém-expulso de Sheen para dar lugar a Frances.

“O que *ele* acha de *você* estar aqui?”, sussurrou Levina para Katherine, em um momento em que a surpreendeu sozinha.

“Todos acham que *maman* me rejeitou por ter aderido à antiga fé”, respondeu Katherine, dando levemente de ombros. Considerando a conversa que Levina tinha escutado mais cedo, aquilo a deixou ainda mais alarmada, e ela esteve a ponto de alertar Katherine de que corria perigo. Mas um grupo de mulheres apareceu para levá-las a um passeio nos jardins e dali em diante não tiveram um momento sequer a sós. De qualquer maneira, o que poderia ter dito?

“Por que essa moça está em Durham House, e não na corte, ou com a família dela?”, pergunta George. Sob a aparência de preocupação, ela consegue sentir a irritação dele.

“Bem que eu queria saber.” Mas para Levina está claro o motivo da presença de Katherine ali, pois ela é tratada como uma princesa, com todos obedecendo-a e desdobrando-se para atender suas vontades. Apesar disso, não é nem sombra da moça de antes; naquela tarde, Levina teve a impressão de um toco de vela derretido, com a chama vacilante — sendo que Katherine sempre queimou com ardor.

“Eles estavam discutindo a ideia de levá-la para fora do país”, continua Levina, agora com total atenção de George. “Estão pensando em casá-la com um Habsburgo espanhol, sem que Elizabeth saiba. Existe um plano de utilizar várias pequenas embarcações no Tâmis. Para levá-la às escondidas.” Ela ouviu isso assim que chegou, enquanto esperava a chegada de Katherine na antecâmara. Feria e o embaixador não sabiam que estava lá, pois falavam sem nenhum embaraço.

“Oh”, diz George. “E você tem certeza de que ela não tem conhecimento disso?”

“Com toda a sinceridade, acredito que não. Mas parece que os Feria a convenceram e — bem, eles podem um dia querer usá-la para depor Elizabeth, principalmente se ela *ficar* noiva de um Habsburgo.”

“E por que iam querer isso? Por que a Espanha se importaria tanto?”

“O rei Felipe teme — e eu os ouvi dizendo isso com muita clareza — que o rei na França invada a Inglaterra em nome de sua nora, a rainha da Escócia, para que *ela* assuma o trono.”

“Mary”, diz ele. “Entendi. Se a França fincar um pé aqui,

Felipe teria de fugir. Vina, é melhor não se meter nessa politicagem. É perigoso demais.” George põe a mão sobre o ombro dela e o aperta, como que para sublinhar as próprias palavras. Ela sente o calor do fogo, quente demais contra a pele. Volta a sentar-se perto do tabuleiro, sendo seguida pelo marido.

“Talvez, mas preciso alertar aquela moça. Ela se envolveu em algo que não compreende.”

“Acho que você pode contar alguma coisa a ela. Mas, Vina, eu falo sério, se não tomar cuidado pode acabar do lado errado do punhal, seja ele espanhol *ou* francês. Talvez até inglês, aliás.” Ele levanta as duas mãos e passa no rosto, como se o estivesse lavando. Levina se dá conta de seu ar envelhecido; tantos anos com medo parecem ter cobrado um preço. A carta de Marcus repousa na mesa, ao lado do tabuleiro; ela tenta pensar no filho, afastar da cabeça o problema, mas não consegue.

“Tudo o que vou fazer é alertá-la”, responde ela. “Não vou contar nada a Frances.”

“Nem a ninguém.” George segura brevemente a mão dela. “Para mim já basta, Vina.” Ele se levanta. “Podemos continuar a partida amanhã. Acho que vou me recolher.”

“Vou com você.” Levina se ergue, sentindo-se subitamente exausta e pensando se também tem o ar envelhecido do marido. Supõe que sim, afinal de contas, no próximo ano fará quarenta.

“Vou dormir sozinho esta noite.”

Ela sente uma pontada de decepção. Desde que voltou de Bruges, ele não visitou sua cama.

Levina se empoleira em um dos barcos que levam todo tipo de gente de um lado a outro do Tâmis. Sua bolsa de materiais de pintura está escondida embaixo do banco; ela reza para que o

casco do barco seja impermeável e que não haja sentina que possa molhar seus pergaminhos, mas a seus pés tudo parece seco. Ela teve de dar uma moeda ao barqueiro, além de pagar a passagem, para que ele parasse nos degraus próximos a Durham House, pois ele pretendia fazer a travessia para Lambeth em vez de navegar rio acima. A correnteza os arrasta a uma boa velocidade, e ele até parece contente, pois assobia uma cançoneta enquanto rema.

O dia está agradável, com uma brisa quente e pouco mau cheiro emanando das águas. Uma família de patos passa boiando, uma fileira de filhotes fofos deslizando atrás da mãe, que vez por outra dá um rápido mergulho. Um menino bem pequeno, sentado no colo do pai, grita de contentamento, tentando alcançá-los com sua mãozinha rechonchuda. Duas mulheres, ambas carregando enormes cestos, conversam alegremente sobre a rainha e quem ela há de escolher como marido. Desde que Elizabeth chegou ao trono, há um clima de otimismo no ar. Mas Levina se sente esmagada pelo peso das coisas que sabe, e imagina se um dia vai acabar toda essa intriga, todo esse sentimento permanente de medo. Levina chega a se questionar por permanecer na corte agora que Katherine já foi embora; mas é ali que ganha seu sustento, e ela e George se acostumaram com as coisas boas da vida. De que outro jeito Marcus poderia viajar pelo continente e se instruir?

O barco se aproxima do ancoradouro e o barqueiro, sorridente, ajuda Levina a desembarcar. Ela fica por um instante observando a embarcação se afastar rio afora, enquanto se prepara para a visita a Durham House. Como desculpa para ir até lá, trouxe seu material de pintura, na esperança de que isso lhe dê uma oportunidade de ficar sozinha por algum tempo com

Katherine. Talvez também possa propor fazer um rápido esboço de Jane Dormer. As pessoas sempre estão dispostas a posar para um retrato, até mesmo meninas que não têm a menor vaidade, como Jane Dormer.

Na entrada do castelo que dá para o rio há um espanhol, que a saúda num inglês trôpego, abre a porta e manda um criado buscar a dona da casa. Levina aguarda num salão vazio, imaginando onde estará todo mundo. Um relógio faz um tique-taque áspero. Levina anda pelo salão, examinando os entalhes de madeira, a maioria representações assustadoras do inferno, muito bem-feitas. Depois de algum tempo, Katherine chega sozinha.

“Vina!”, diz ela. “Duas vezes em dois dias! A condessa está fazendo suas orações. Tenho certeza de que não tardará.”

“Talvez eu possa desenhá-la enquanto esperamos.” Ela baixa a voz para dizer: “É você que eu vim ver; tem uma coisa que quero lhe contar em segredo. Onde podemos falar?”.

“O jardim é mais iluminado, e o tempo está bom”, responde Katherine, interessada. Ela adora uma intriga, embora, em geral, prefira as de gênero romântico. Katherine sai na frente, pedindo a um criado que informe a condessa do paradeiro delas quando as orações terminarem.

As duas acham um local com vista para o rio. Katherine senta-se num banco de pedra, enquanto Levina arruma seus materiais, pregando no cavalete um pergaminho novo. Há luz até demais, esculpindo o rosto de Katherine com sombras bem marcadas, mas é o cenário silencioso que convém à intenção de Levina.

“O conde e a condessa têm falado de casamento com você, Katherine?”, pergunta ela, tentando adotar um tom inocente.

“Quase não falam de outra coisa. Querem me casar com um espanhol, um Habsburgo. O que acha disso?” O rosto dela adquire um brilho presunçoso.

“Acho”, Levina diz baixando a voz, “que você precisa tomar cuidado.”

“Não creio, Vina. Os Feria são tão gentis comigo; eles só querem meu bem, ao contrário de Elizabeth. Além disso, o conde vai embora amanhã para o continente. Tem assuntos a tratar com o imperador. Tenho quase certeza de que também vai tomar providências em relação a mim.”

“Katherine”, diz Levina, com a voz firme. “Lembre-se do que aconteceu com sua irmã.” Ela fica pensando se a partida de Feria é uma boa ou má notícia.

“Jane?” A jovem parece arrasada, como se estivesse desmoronando. “E papai.”

Levina concorda. Ela vê Jane Dormer atravessando o jardim e acenando. Acena de volta. Katherine se vira para ver quem é.

“O que você quer dizer?”, cochicha.

“Não considere se casar com alguém sem que a rainha autorize. Não pense que está tão protegida aqui”, sussurra Levina. Mas Jane Dormer já chegou.

“Sra. Teerlinc”, diz ela, tomando com um sorriso a mão de Levina, que começa a levantar. “Não, não pretendo perturbar seu desenho. Quero poder vê-lo à noite.”

“É claro. Talvez eu também possa desenhá-la”, diz Levina.

“Será um prazer, principalmente enquanto estou esperando uma criança. Vai ser uma lembrança agradável.” Ela se inclina na direção de Levina. “Mas o que vocês estavam discutindo com tanta veemência? Pareciam bastante...”, ela faz uma pausa, olhando de uma para a outra, “... cúmplices.”

“Estávamos falando dos planos para a viagem de verão da rainha. Ela expressou o desejo de incluir Lady Katherine em seu cortejo.” Levina acha a viagem uma boa oportunidade para tirar Katherine de Durham House. Frances poderia escrever uma carta pedindo que Elizabeth levasse sua filha. A rainha não teria como recusar e seria um pequeno triunfo seu perante os Faria — tirar a prima das garras deles. Mas um pensamento vem à mente de Levina: *Da frigideira para o fogo*.

“Ah”, diz Jane Dormer, fazendo uma pausa e girando várias vezes um bracelete no pulso. “E isso a agrada, Katherine?”

“Posso pensar em coisas mais agradáveis. Mas se a rainha pedir, não hei de recusar.”

“É verdade”, diz Jane Dormer.

“Veja”, diz Levina, apontando para o rio, aliviada por poder mudar de assunto. “Lá vai a barcaça de Dudley. Veja como está enfeitada.” Ela pensa na ideia de que talvez seja melhor que Katherine não saiba de nada, considerando sua tendência perversa a escolher sempre o menos recomendável. Levina vai fazer de tudo para que a jovem seja chamada para a viagem, ganhando pelo menos tempo assim. Talvez Katherine também devesse ir visitar a mãe em Sheen; Frances poderia enviar uma carta dando a notícia de que está doente e dizendo que perdoa a filha nas questões de fé, o que daria ainda mais autenticidade. Levina consegue imaginar Jane Dormer lendo aquilo e dizendo: “Se ela está doente, você *precisa* visitá-la, Katherine querida”. Não seria preciso preocupá-la demais. A cabeça de Levina gira; são tantas providências a tomar...

“Deus do céu”, diz Jane Dormer. “Nunca vi uma barcaça tão decorada e ornamentada.”

“Dezoito remadores!”, exclama Katherine.

Aqueles mil marcos serão inteiramente gastos até o final do mês, pensa Levina.

“Esse homem é uma tragédia”, diz Jane Dormer. “Sei que é pecado criticar assim, mas...” Ela não termina a frase. O país inteiro concordaria.

*Agosto de 1559, Palácio de Nonsuch
Katherine*

Minha amada Kitty,

Parece uma eternidade desde que estivemos juntos, um mês atrás, em Sheen. Sua visita foi curta demais. Foram dias deveras agradáveis, embora não inteiramente para você, pois receio, querida irmã, que estivesse cheia de uma melancolia que, como sempre, estava bem disfarçada sob sua aparente animação. Conheço-a muito bem, Kitty, e me é penoso testemunhar seu sofrimento, por mais competente que seja em escondê-lo. Tenho as maiores esperanças de que as coisas estejam melhores agora e que a rainha a esteja tratando com um pouco mais de gentileza. Maman me contou que ainda lhe recusam os privilégios que se esperam na sua posição. Sei o conselho que Jane lhe daria: permaneça firme e lembre-se de que Deus tem Seus desígnios para nós. Guardei o livro dela, que na verdade é seu, debaixo do meu travesseiro. É fonte de grande consolo e me dá a sensação de que nossa irmã tão pranteada está perto de nós. Penso em Jane o tempo todo, e imagino que você também. Aqui nos jardins de Sheen as rosas estão florescendo, o que me faz lembrar dela. Você se recorda de como gostava das brancas? Todos os dias corto algumas para colocar em meu quarto e desfrutar de seu aroma.

Aguardo ansiosamente que você se junte a nós. Sheen é um lugar tão agradável e não fica tão longe de Beaumanor. O rio passa como que

nos lembrando o tempo todo de que você está em algum lugar mais adiante, embora atualmente esteja viajando, e eu não saiba onde esta carta vai alcançá-la. A terra aqui é verde e exuberante, e os campos estão salpicados de flores. É bom para caminhar e, embora este lugar seja tranquilo demais para seu gosto, eu gostaria que me acompanhasse em breve. Causa-me grande contentamento testemunhar a mão de Deus na natureza, vendo as aves que fazem seus ninhos à beira do rio e ficam esperando os ovos chocarem. Ontem vi dois martins-pescadores brigando. É impressionante como criaturas tão pequenas podem ser enérgicas. Um deles segurava o outro embaixo da água com o bico. Às vezes a brutalidade da natureza surpreende, mas o fato é que o homem, que deveria ser superior por ter o Senhor a guiá-lo, é capaz de coisa pior. Fico pensando naquilo que nos diferencia das feras, além da nossa fé.

Quase todos os dias uma garça vem pescar na parte do rio que consigo ver do meu quarto. Todas essas aves me fazem lembrar do pobre e velho Miosótis. Lembra-se dele, Kitty? Suponho que agora esteja livre para voar para onde bem entender. Minha bezerra favorita pariu gêmeos na semana passada — um milagre e tanto. Os dois sobreviveram e estão ficando fortes. Não vou mais aborrecê-la com meus assuntos interioranos, mas queria tanto compartilhar esses prazeres simples com minha querida irmã.

A sra. Teerlinc esteve conosco na semana passada, mas acredito que já tenha voltado à corte, e pode ser até que já esteja com você. Ela deixou um retrato seu deveras bem-feito. Maman o pregou em cima da cama. Ela não andou muito bem, mas agora parece estar recuperada, e Stokes é um exemplo de marido, totalmente obsequioso.

Disseram-me que Jane Dormer, ou a condessa de Feria, como deveria chamá-la agora, partiu para os Países Baixos, acompanhando o marido. Sei do apreço que tem por ela, Kitty, e que há pouco tempo

buscou proteção junto a essa família, mas devo dizer que folgo em saber que os dois se foram. Sei do casamento que vêm tentando arranjar para você e não tenho palavras fortes o bastante para expressar o quanto me causa incômodo. Por mais ponderada que Jane Dormer seja, Kitty, é sua fé que a define, sua fé e seu marido, e é uma fé que você não compartilha, então tome cuidado. Causaria grande descontentamento à rainha descobrir que arrumou um par conforme os desejos deles, ou qualquer par que ela não tenha autorizado. Não se deixe seduzir pela impressão de que Feria se importa com seu bem-estar; ele enxerga em você uma vantagem política e fará o que for necessário para obtê-la.

Minha intenção não é causar alarme, cara irmã, nem creio que estivesse inconsciente de tudo isso, mas fico mais tranquila agora que a situação mudou. Com a redução da ameaça francesa, o imperador, que, não esqueçamos, é quem manda em Feria, está menos propenso a ganhar espaço aqui, mas...

Rasgo em pedaços bem pequenos a carta de Mary e ergo a mão para o céu, deixando a brisa levar embora os fragmentos e vendo-os se espalhar como flores de cerejeira.

“O que está fazendo?”, pergunta Juno, sentada numa pedra acima de um recuo do rio, com as pernas balançando. Escapamos dos demais; na viagem da rainha tanta coisa acontece que não é difícil dar uma fugidinha sem ser visto. O dia está tão esplêndido que é quase um pecado ficar trancado, desempacotando seus pertences.

“Minha irmã mais nova já quer mandar em mim.” Fico vendo os fragmentos de papel flutuando até cair na água.

“O que ela disse?”

“Está me alertando contra um casamento espanhol. Todo

mundo está.” Fico pensando desde quando minha irmã se interessa tanto por assuntos de Estado.

“Ela tem razão, e você sabe disso.”

“Não comece a me dizer também o que devo fazer. Não sou tão boba a ponto de não ter noção do meu valor.”

“Eu sei que você não é boba”, ri ela, deitando e abrindo os braços, como em um convite. “Estou tão feliz por você ter voltado, Kitty.”

Tiro meus sapatos e meias, sentindo o calor da pedra sob meus pés descalços, e me livro da touca e das roupas de cima, deixando o cabelo cair sobre os ombros. “Queria que você fosse uma moça comum, livre para se casar com quem bem entendesse.” Eu me desloco até a beira da pedra, olhando para o verde da água embaixo de mim, imaginando o quanto deve estar fria.

“Meu irmão chega hoje”, diz Juno.

“Seu irmão.” Tento conter a excitação na voz. “Ele tem me tratado mal.”

“Meu irmão quer vê-la. Diz que é louco por você.”

“Antes de eu ir embora certamente não se portou como alguém com...” Hesito. “Sentimentos.”

“Ele receava que fossem casá-la com um espanhol.”

“De novo, não! Todo mundo parece ter medo disso. Não aguento mais essa preocupação indevida.”

“Kitty, não seja tão amarga. Temos uma à outra.” Juno se levanta e senta comigo na beira da pedra.

“Pule comigo. Prove seu amor”, digo.

“Não, Kitty. Você não sabe o que tem lá embaixo. A água pode estar suja. Pode ter pedras escondidas.” Juno pega meu pulso e me puxa para trás.

“Está com medo?”

“Não sou idiota.”

Eu me livro dela e pulo, sentindo o vento soprar em todo o corpo. A emoção me pega pela garganta, fazendo com que eu solte um gemido de prazer, que é seguido pela surpresa da água gelada. Perco o fôlego de tanto rir.

Observo Hertford com o canto do olho. Ele está sentado ao lado de Juno, um pouco adiante na mesa. Estou bem longe da cabeceira, como sempre — já me acostumei a ser esnobada por Elizabeth. Seus cabelos estão mais curtos, e ele está vestindo um gibão de cetim com gola alta que eu nunca tinha visto antes. Não tem muita graça comer onde estou, e bem atrás de mim ficam músicos barulhentos o bastante para tirar o apetite de qualquer um; independente disso, mal tenho vontade de dar uma mordida. Atribuo isso à presença de Hertford e seu irresistível penteado novo, e ao fato de estar sentado ao lado da bela Mary Howard, que conversa animadamente com ele.

Quando Hertford passou por mim ao entrar no salão fez uma breve mesura. Reagi com uma reverência imperceptível, mas meu coração batia tão forte que tive a impressão de que ia atrapalhar as damas que estavam lendo na extremidade oposta do cômodo. Ele tentou me encarar várias vezes e, embora por dentro me derreta, resisti bravamente a encontrar seu olhar.

“O que você diria do novo rei da França, Lady Katherine? Soube que ele só tem quinze anos de idade.” Minha vizinha de mesa tenta iniciar uma conversa, mas não estou prestando muita atenção.

“Não tenho opinião formada sobre o assunto”, respondo.

“Dizem que a esposa dele é de grande beleza.”

“Mary da Escócia? Nunca a vi.” Dou um sorriso e balanço a cabeça, fazendo-me de tola. Assim a vida fica mais fácil.

“Ela afirma que o trono da Inglaterra lhe pertence.”

“Mas nunca será dela”, diz um homem sentado em frente. “Não agora que o sogro morreu e Mary só tem o pusilânime do marido para lutar por ela.”

Eles conversam sobre a morte do velho rei da França, entrando nos mínimos detalhes sobre a lança que perfurou seu olho e chegou até o cérebro, e sobre as várias semanas de agonia. Fico observando os serviçais, levando para cima e para baixo pratos monstruosos, para o pasmo dos convivas — o traseiro de alguma grande ave com a parte da frente de um porco. Nem a mitologia poderia conceber algo tão grotesco, e fico aliviada de pensar que a comida não chegará a um canto tão distante da mesa como o meu. Tio Arundel, nosso anfitrião, está sentado ao lado da rainha, fazendo “ahhhs” e “ohhhs” bem altos. Elizabeth não parece impressionada, mas inclina levemente a cabeça, elogiosa, antes de olhar atentamente para um malabarista que pegou três copos de cristal e está prestes a jogá-los para o ar. Por trás do sorriso, Arundel parece furioso, sem dúvida preocupado com seu melhor cristal italiano. Não posso evitar lançar olhares para Hertford, que agora está contando uma piada para Mary Howard. Ah, como riem!

“O que está olhando?”, pergunta Levina, sentada do meu lado. Nada lhe escapa. Ela diz que é o olho do artista que lhe permite ver coisas que os outros não veem. Eu diria que é mais como se estivesse espionando para *maman*, certificando-se de que me comporto.

“Nada”, digo, mas, mesmo apertando os lábios, não consigo esconder o sorriso.

“É o apelido de Hertford?”, pergunta ela, fazendo-me rir. “Ele é um sujeito muito bonito.”

“Você acha?” Finjo indiferença, mas Levina me conhece bem, às vezes melhor que eu mesma.

“Quer que eu fale com sua mãe sobre ele?”, ela pergunta bem baixinho, de modo que ninguém possa ouvir. Não que seja necessário, já que estão todos hipnotizados pelo malabarista, esperando ansiosos pelo barulho do cristal estilhaçando contra a pedra.

“Não há nada a dizer.”

“Eu poderia falar com ela mesmo assim.”

“Fique à vontade”, limito-me a dizer, como se não desse a menor importância para isso.

Hertford cochicha alguma coisa no ouvido de Juno. Em seguida, ambos olham para mim — ele, muito brevemente, voltando logo os olhos para a comida, enquanto Juno acena. Sorrio para ela, sentindo o olhar de artista de Levina sobre mim. A *coisa* continua a rodar na minha cabeça, deixando-me insegura em relação a como agir, mas a atração que Hertford exerce é impossível de negar. Eu sempre soube como me comportar, como fazer todos, tanto meninos quanto homens, comerem na palma da minha mão, mas agora um turbilhão de emoções contraditórias me deixa perplexa.

Uma cópia de Nonsuch em marzipã está sendo trazida para a mesa, fazendo o salão irromper em aplausos. Até a rainha fica impressionada, pois não falta nenhum detalhe nem os complexos baixos-relevos em estilo italiano nem os leões de pedra empoleirados nos torreões, portando estandartes. Tio Arundel está orgulhoso como se tivesse feito tudo aquilo com as próprias mãos. Na véspera, Juno e eu confeccionamos alguns

detalhes. Levina nos ajudou a fazer moldes em gesso das frutas que colhemos no pomar de Nonsuch: peras, pêssegos, maçãs e damascos, raros como diamantes — mas nos jardins de Arundel nada é demasiadamente raro. A partir delas, criamos formas brancas perfeitas de açúcar. Em seguida, usamos beterraba, cenoura e capim para produzir tintas. Sob as ordens de Levina, as formas brancas se transformaram em frutas tão convincentes que era quase impossível distingui-las das verdadeiras. Havia muito que eu não fazia aquele tipo de coisa, desde Bradgate, quando a vida era outra. *Maman* tinha nos ensinado a esquentar cuidadosamente o açúcar numa panela de barro, colocando poucos carvões em brasa embaixo, para depois transformar a pasta quente em todo tipo de criação artística.

Agora, nossa bandeja de frutas de mentira está sendo ofertada à rainha, que cumprimenta Juno com um sorriso. Todos sabem de seu gosto por doces. Ela pega um damasco e gira-o na mão, apreciando-o com as sobrancelhas erguidas. Em seguida me procura com os olhos, fazendo um ligeiro aceno de reconhecimento. A menos que seja minha imaginação, os cantos de sua boca se elevam ligeiramente, formando algo que quase pode ser interpretado como um sorriso. Levina me cutuca com o pé. Eu me levanto e me inclino, em reverência. Isso parece contentar Elizabeth. Talvez ela esteja amolecendo um pouco, mas minha cabeça está ocupada demais com Hertford para pensar nisso.

Por fim, a rainha se vai, em meio a um grande alarido, seguida por Dudley, Arundel, Ceci, Norfolk, todas as damas de companhia que ficam nos seus aposentos particulares e seus vinte e tantos favoritos, entre eles Juno e Hertford — mas não eu. Logo em seguida saem os músicos e uma série de serviçais,

levando os doces. Nossas frutas de açúcar são levadas com o resto das bandejas, todas carregadas de iguarias coloridas em imensas pilhas para a mesa de banquete do jardim.

Fico sozinha enquanto tiram as mesas à minha volta. Aqueles que não foram convidados para o banquete se reúnem em grupinhos, mas de mim ninguém se aproxima. Minha situação causa desconforto. Bem na hora em que estou começando a desejar voltar para debaixo da asa dos Feria, um pajem surge diante de mim.

“Lady Katherine Grey”, diz ele.

“Sim?”, respondo, achando que traz alguma notícia ruim de *maman* ou Mary — a notícia da doença de uma delas, ou algo pior. Mas o olhar tranquilo em seu rosto não parece anunciar uma tragédia.

“A rainha demanda vossa presença, milady.”

“Minha presença?”, repito, duvidando da limpeza de meus próprios ouvidos.

“Sim, milady”, diz ele. “Devo levá-la até ela.”

Faço um sinal com a cabeça, num raro momento sem palavras, e vou com ele, mais mansa do que nunca, até o lado de fora. O jardim está decorado com imensos lençóis de algodão branco e iluminado por engenhosos mecanismos que lançam sobre as paredes silhuetas de deuses romanos. Um guardião me anuncia, mas poucas pessoas se viram em minha direção. Juno está no extremo oposto, com Hertford, cujo olhar procuro evitar. Ajoelho-me em profunda reverência diante de Elizabeth, que, depois de deixar-me nessa posição mais tempo que o estritamente necessário, pede que me erga e acena para que me aproxime.

“Estamos estudando aceitá-la nos aposentos particulares.” Seu

sorriso é forçado e frígido, e sua voz fica ainda mais baixa quando acrescenta: “Um privilégio que mal faz por merecer, Lady Katherine”. Posso sentir todos esticando o pescoço, tentando ouvir o que está sendo dito.

“Não sei como expressar minha gratidão, Vossa Majestade...”, começo a dizer, mas ela me interrompe.

“Estamos *estudando*, veja bem; ainda não foi decidido. Veremos.”

Então ela está brincando comigo. Elizabeth gosta desse tipo de jogo, em que pode demonstrar seu poder, como quando deixou a pobre Jane Dormer, com a barriga tão grande que mal podia se manter levantada, esperando de pé durante uma hora por uma audiência. Os espanhóis ficaram furiosos, e isso quase provocou um incidente diplomático. Juno contou que foi um castigo porque os Feria tinham se apossado de mim. Fico pensando se o bebê de Jane Dormer já nasceu.

Ofereço à rainha um agradecimento humilde e apropriado, e ela me dispensa, enxotando-me com um movimento do pulso. Recuo, cuidando de manter os olhos no chão, mas apesar da bajulação sinto-me eufórica. É como se tivesse tirado uma carta boa no baralho — a dama — quando minhas mãos vinham sendo as piores possíveis, com no máximo um dois ou três. Ouço Kat Astley resmungar alguma coisa, mas não me importo com o que pensa de mim, independente de ser uma favorita da rainha; já lidei com mulheres piores. Noto as pessoas no salão perguntando umas às outras o que a rainha me disse.

Uma pequena bandeja é posta em minhas mãos. “Vire”, diz Margaret Audley, a nova duquesa de Norfolk, ao lado de quem me encontro. “Veja a inscrição que me deram.” Ela me mostra a parte de baixo da bandeja dela, onde há uma inscrição em latim.

“*Moribus et forma conciliandus amor*”, gaguejo, desejando, não pela primeira vez, ter me dedicado mais aos estudos de latim em vez de ficar contemplando pela janela os pajens do meu pai praticando arco e flecha.

Felizmente Margaret Audley cuida da tradução: “O caráter e a beleza conquistam o amor”.

“A rainha a tem em alta conta”, digo. Com o canto do olho observo a conversa de Hertford com Frances Meautas.

“É o que parece”, diz ela. “Porém, existe discórdia entre meu marido e aquela *criatura* dela.” Margaret segura o leque de penas mais perto da boca para esconder dos outros suas palavras. Só posso imaginar que está falando de Dudley. “Norfolk”, prossegue ela, “é de opinião de que esse arrivista é um obstáculo a um casamento real apropriado. Meu marido apoia a pretensão dos Habsburgo. Qual é sua opinião?”

“Tendo a concordar”, digo. Para ser franca, não parei muito para pensar em quem a rainha deve desposar, embora esse pareça ser o assunto de todas as conversas; isso me faz lembrar meu próprio casamento e da carta de advertência de Mary.

“Mostre-me a sua”, diz ela. Na hora não consigo entender do que está falando e hesito, até que ela tira a bandeja de minhas mãos, virando-a e lendo: “*Amicos tuos prope et inimicos tuos propius tene*”. É um latim incompreensível para mim.

“Não é um ditado romano”, prossegue ela. “Deveria ser. É Maquiavel, não é? Ou talvez algum romano tenha dito isto antes. Mas não pode ser para *você*. Devem ter lhe dado a bandeja errada.” Em seguida, olhando por cima do meu ombro, ela acrescenta: “Norfolk está acenando. Com sua licença, Lady Katherine; meu marido não gosta que o deixem esperando”. Fico sozinha, sem entender.

Procuro Juno e mostro a inscrição. “O que significa?” Ao ler, sua testa se enrugando e ela balança ligeiramente a cabeça. “O que está escrito?”

“Mantenha seus amigos perto...”, ela começa.

“... e seus inimigos ainda mais perto”, sussurro. “Ah, não faça essa cara de preocupação, Juno.” Envolvero seus ombros com o braço. “Sabemos que entre mim e Elizabeth não há propriamente um amor eterno. Mas ela *disse* que pode me recolocar nos aposentos particulares. Claro que há uma enorme probabilidade de que esteja só brincando comigo.”

“Então foi isso que ela disse. É de fato uma boa notícia, Kitty.” Juno sorri, ainda que muito brevemente. “Mas *inimigo* é uma palavra forte.”

“É só um jogo, Juno. Ela está me alertando para que me comporte, apenas isso.” Mas fico pensando se a rainha ficou de algum modo sabendo do meu futuro casamento e se estaria brincando comigo antes de atacar. Afasto esse pensamento e fico observando o bochicho se espalhar pelo salão — as mãos em concha nas orelhas, as sobrelhas erguidas. “Do que estão falando?”, pergunto a Lettice Knollys, à minha direita, que acabou de ouvir a fofoca de Frances Meautas.

“A inscrição de Dudley dizia: *Audax ad omnia femina...*”

“Traduza, Lettice”, peço. “Por favor.”

“A mulher que ama ou odeia é capaz de tudo.” Ela ri. “Acredita nisso?”. Lettice acrescenta em tom de conspiração: “Dizem que a mulher de Dudley tem uma doença em um dos seios e que estão esperando...”

“Ouvi falar”, digo, antes que ela termine.

Não consigo suportar pensar na pobre Amy Dudley e em sua doença, com o marido e Elizabeth só esperando que morra para

se casar. As pessoas dizem que *eu* sou cruel — Harry Herbert disse, e não foi o primeiro —, mas nunca conseguiria fazer uma coisa dessas.

Os músicos começam a tocar uma galharda, de início apenas com uma flauta e um tambor. Dudley oferece a mão à rainha, que surpreende a todos ao aceitar. Norfolk e Cecil trocam olhares no lado oposto ao meu, enquanto Dudley conduz Elizabeth ao centro do salão. Todos recuamos para abrir espaço. Eles começam a executar os passos, olhando-se nos olhos. Dudley parece um galo no galinheiro, com seu gibão prata e meias pretas, mantendo um sorriso afetado no rosto. Percebo a maneira como suas mãos tomam conta do corpo dela, escorregando por sua nuca, acariciando seu rosto, apertando sua cintura — todos devem estar notando, pois ele não faz nenhum esforço para esconder. Ela tampouco parece preocupada, mantendo um ar relaxado. Cecil não mexe um músculo do rosto.

Fico de olho em Hertford, observando-o enquanto fala com Norfolk; os dois fazem um brinde, como se estivessem comemorando alguma coisa. Em seguida ele sai pela porta. Sinto um frio de decepção na barriga, que fica pesada como se eu tivesse engolido uma pedra. As pessoas se juntam a Dudley e à rainha para dançar, e Juno puxa minha mão, mas o peso nas tripas impede que eu me mova, e não tenho coragem de perguntar aonde seu irmão foi. Imagino que deva ter algum compromisso romântico sob as estrelas dos jardins de Nonsuch.

“Não quer dançar?”, pergunta Juno.

Sacudo a cabeça, com medo de perder totalmente a compostura se abrir a boca naquele instante.

“Amantes pelo menos eles devem ser”, cochicha Juno,

acenando com a cabeça na direção de Elizabeth e seu pululante parceiro.

“A rainha Virgem”, digo, tentando manter a compostura e agir normalmente.

“No buraco de baixo!”, exclama ela. As duas temos um acesso de riso, e por um breve instante meu estômago fica mais leve.

Então sinto um puxão na manga. Viro e deparo com Hertford.

“Mas...”, começo a dizer, tentando entender como reapareceu tão de repente na minha frente, como um gênio saído da lâmpada.

“Vamos lá para fora”, diz ele, tão baixo que mal consigo escutar. Sinto-me derreter por dentro. Juno já está dançando com um rapaz de Norwich e gargalha quando ele a joga para o alto.

“Para quê?”, é tudo o que consigo dizer para não cair em seus braços.

“Para conversar.”

“Conversar? Você acha que sou idiota?”

“Não, estou falando sério.” Hertford então se inclina e sussurra. “Só quero conversar com minha preciosa Kitty.”

Perco totalmente o autocontrole, como se estivesse montada num cavalo bravo. Deixo-me conduzir pelos jardins, onde o lago brilha como se a lua tivesse caído na terra. Não há quase brisa e se ouve ao longe a música do banquete na noite calma. Hertford toma minha mão; não ousa olhar para seu rosto, com medo de ter cometido um erro e ser outro o rapaz que me tentou a ir com ele para o escuro. Mas acabo olhando e encontro diante de mim a silhueta de que tanto gosto; mal posso conter a ânsia de esticar o braço e tocar sua pele, para ver se é de verdade. Sentamos em um banco debaixo de um salgueiro e ficamos em

silêncio, ouvindo o coro noturno do coaxar dos sapos.

“Senti tanto a sua falta”, diz ele por fim, com a cabeça baixa. “É como se...” Hertford para e tenho a impressão de ouvir os pensamentos girarem em sua cabeça. “É como se tivessem me rasgado em pedaços, como se meu mundo inteiro se despedaçasse. O tempo todo, enquanto você estava em Durham House, fiquei com medo de que... de que...” Ele parece incapaz de terminar.

“Medo de quê?”, é só o que consigo dizer para impedir que minhas próprias emoções transbordem.

“De todos os rumores...” Hertford vacila, então solta de repente: “Medo de você se casar com outro”.

“Mas não me casei”, digo.

“Graças a Deus, Kitty. Graças a Deus.”

“Você não se comportou como deveria.” Tento parecer séria.

“Tem razão, meu tesouro. Coloquei minha posição na corte acima de meu amor por você. Pensei que pudesse controlar meus sentimentos, mas...”, ele aperta minha mão, deixando-me quase louca de desejo, “... não consegui. Preferiria morrer a sentir que não mereço seus favores.”

“Elizabeth não pode saber.” Penso na ironia; agora sou eu que faço questão de segredo. Minha mente me interrompe ao pensar no casamento espanhol, mas afasto a ideia. Não há necessidade de pensar em nada disso agora, com os Férias longe. “Estou na corda bamba com Elizabeth. Se ela vier a pensar...”

“Eu sei”, interrompe ele. “Não a colocaria em risco, minha doçura. Não direi uma só palavra.”

“Só para Juno”, digo. Estou prestes a contar a ele sobre minhas esperanças de promoção para os aposentos particulares da rainha, mas me impeço. Quero que me ame independentemente

do fato de estar nas boas graças da rainha. Tampouco menciono a inscrição na minha bandeja, porque é verdade o que Juno disse: *inimigo* é uma palavra forte, e tenho medo de assustá-lo.

“Só para Juno”, Hertford ecoa. Sinto seu braço deslizar pelo meu ombro e me aninho em seu corpo enquanto ele acaricia meus cabelos. Acho que não me sentia tão contente, tão segura, desde que meu pai me pegava em seus braços e me dava um abraço de urso, cochichando que eu era sua favorita e me fazendo cócegas com suas suíças. “Eu me casaria amanhã com você, Kitty Grey”, Hertford sussurra.

E eu me casaria com você. Não digo isso, mas penso. De repente estamos um em cima do outro, desatando nós, ganchos, fitas, com dedos apressados ansiosos para sentir pele contra pele. Vem-me o pensamento de que, se me casasse com ele, Juno seria minha cunhada. A boca de Hertford procura a minha. Mergulho no beijo como se fosse meu primeiro; em seguida, levantando as saias em desalinho, subo para montar nele, sem me importar em arranhar meus joelhos na pedra áspera do banco. Enquanto Hertford se atrapalha com os próprios laços, deslizo minha mão pela sua nuca, sentindo o toque suave de seu cabelo recém-raspado, e por baixo da pele o pulsar de seu sangue.

“Só para conversar?”, suspira ele em meu ouvido.

“Estamos conversando, não estamos?”

Novembro de 1559, priorado de Sheen
Mary

Leio a carta de Katherine para *maman*. “Fui readmitida nos aposentos particulares. A rainha finalmente cedeu.”

Maman junta as palmas das mãos, como que agradecendo a Deus. “Nunca pensei que isso fosse acontecer. Devo dizer que é um grande alívio... um bom sinal. *Tu crois que c’est un bon signe?*” A voz de *maman* sai áspera, apesar de sua alegria com a notícia. Nas últimas semanas ela anda mal, e parece que não consegue se recuperar. Estamos sentadas o mais próximo possível da lareira sem nos queimarmos, e *maman* está enrolada em peles. O tempo é o pior possível, ao mesmo tempo frio e úmido, com uma chuvinha gelada que nos impede de sair. As aves do verão se foram em busca de um clima mais quente e as do inverno começaram a chegar. Na semana passada encontrei um bando de tordos catando bagas das árvores — o que é sinal de noites compridas e frias pela frente.

“Acho que é um bom sinal, *maman*. Vai tirá-la das garras de Feria e livrá-la do casamento secreto que ele estava tentando negociar.”

“Só Deus sabe a malícia que se escondia atrás disso.”

“Alguma notícia a respeito?”, pergunto. “Levina ouviu mais alguma coisa?”

“Não, *Dieu merci*. Feria continua no continente. Ultimamente os franceses têm ameaçado menos. Mas não dá para saber o que os espanhóis são capazes de inventar. Ouvi dizer que eles tinham um barco ancorado no Tâmis para levá-la escondida durante a noite.”

“É possível que tivessem mesmo um plano para levá-la à força?”

“Os rumores davam conta disso. Mas, enquanto ela estiver debaixo do nariz da rainha, não vai acontecer.”

“Às vezes fico pensando se o perigo não a atrai.”

“Quando sua irmã era pequena, sempre fazia aquilo que

diziam para não fazer. Houve uma época em que perdi as esperanças nela, Ratinha. Ao contrário de você, que sempre foi uma menina de ouro, como Jane...”

“Gostaria que ela viesse para cá, *maman*. Aqui estaria segura.”

“Você conhece Katherine.” *Maman* solta um suspiro alto. “Não consegue ficar quieta.”

Continuo a ler: *A rainha me chamou até ela, na frente de todo mundo, em seus aposentos particulares, e disse: “Lady Katherine, seus privilégios foram restaurados”, então me advertiu para me comportar de forma impecável, o que tenho feito, maman, garanto à senhora. Ela tem sido gentil comigo da forma mais incomum.*

“De fato, parece uma boa notícia. Mas com Elizabeth nunca se sabe.”

“Katherine está pedindo que mandemos os cachorros e o macaco.” Estamos cuidando de seus animais, e tem sido o caos. Eles comem os tapetes e mordiscam os pés das camas. Hércules chega a roubar comida da despensa. *Maman* confinou o macaco nos estábulos. A alternativa, vê-lo preso por correntes, era pior.

“Ah, Ratinha”, disse então *maman*. “Você não consegue suportar nem que tirem a liberdade de um macaco.”

Nos estábulos, pelo menos, o animal pode correr solto, e os cavaleiros gostam de brincar com ele, o que deve tornar sua vida menos enfadonha. Passei a gostar de um dos spaniels, Eco, que dorme na minha cama e deu para me seguir como uma sombra. Vou escrever para minha irmã perguntando se ele pode ficar comigo em Sheen.

Katherine conta, em detalhes minuciosos, quais as damas da rainha que usam os vestidos mais bonitos, de que tecidos são feitos, em quais cores, com quais peles, qual a riqueza das rendas; quem ganhou joias novas, quais são as pedras, como

foram incrustadas e como são usadas. Ela também dá notícias de Peggy, que vai se casar com um dos primos Arundel no início do ano que vem. *Está exultante com a ideia*, escreve minha irmã.

A própria Peggy me escreveu mencionando como isso a consola um pouco pela dor da perda do irmão, que morreu de maneira um tanto repentina no verão. Fico feliz por ela e uma parte de mim pensa que, se Peggy consegue se casar, então posso ter esperança. Mas um lábio leporino não impede de parir bebês saudáveis. Para que serve uma mulher que provavelmente não pode gerar um filho, pergunto a mim mesma, embora tente não ficar pensando em minhas deformidades. Jane sempre disse que essa era minha cruz e que ela me tornaria uma pessoa melhor, mais próxima de Deus. Se ainda estivesse conosco, teria gerado sobrinhos para mim. Às vezes tenho a impressão de poder ouvir os gritos e pulos das crianças pela casa.

Katherine também conta extensamente as fofocas sobre a fixação da rainha em Robert Dudley. *Ela lhe deu aposentos ao lado dos seus. Kat Astley está pasma; Cecil, apoplético. O enviado de Eric, da Suécia, ameaçou deixar a corte, ofendido, e o embaixador dos Habsburgo está ressentido*, diz minha irmã. Mas mesmo aqui em Sheen já sabemos das peripécias de Dudley e da doença de sua pobre mulher — não há língua na Inglaterra que não esteja falando disso.

“Elizabeth é como a Penélope de Homero, com todos os seus pretendentes”, diz *maman*, em tom seco. “Fico feliz de não me envolver mais com isso. E por você tampouco se envolver, Ratinha.”

“Não nasci para a vida da corte.”

“Houve uma época, *quand j'étais jeune...*” Ela parece divagar. “Houve uma época maravilhosa, Ratinha, quando eu era jovem.

No tempo em que seu pai estava me cortejando.”

“Você foi apaixonada pelo papai?”, pergunto. Sei muito bem que, na época em que ele encontrou a morte, *maman* não o amava e o culpava — por sua ambição e tolice — pelo destino de Jane.

“Não era uma paixão louca, como algumas de que se ouve falar. Mas gostava bastante dele. Seu pai era audacioso e atraente, dado a gestos grandiosos. Quando se é jovem, dá-se importância a essas coisas.” Ela olha para mim e em seguida acrescenta: “Suponho que você não seja tão superficial, Mary. Vê as coisas de outro jeito, sempre viu. Mesmo quando era bem nova, já tinha ideias — *comment dire?* — bem profundas.”

“Talvez eu dê essa impressão”, digo. “Porque sempre supõem que eu não seja vaidosa e superficial. Mas na verdade, *maman*, eu *penso* nessas coisas, penso em romance, como qualquer moça da minha idade. Minha forma só me torna diferente por fora.” Lembro-me do notário Percy, que foi serviçal de *maman*. Ele despertava alguma coisa em mim. Há muito tempo se foi e na verdade nunca chegou a prestar atenção em mim. “Mas é verdade que não sou como minha irmã.”

“Sim, Katherine, ela se deixa levar pelas emoções. Puxou totalmente o pai.”

“*Maman?*”, chamo.

“Sim, querida?”

“Se Katherine a preocupa tanto, por que a senhora não lutou para permanecer na corte e ficar de olho nela?”

“Você está perguntando por que me casei com seu padrasto?”

“Suponho que sim.”

“As chances de sermos felizes na vida são muito poucas, Ratinha. Às vezes é preciso agarrá-las com as duas mãos. Eu

tinha a esperança sincera de que Katherine viesse viver conosco um dia.” Ela faz uma pausa. “Uma vez passadas as loucuras da juventude.”

“Acho que as loucuras de Kitty não vão passar com a juventude.”

Ela ri com o que digo, mas isso lhe desperta uma dolorosa ânsia de vômito, que a faz gemer e tossir, perdendo o fôlego. Eu a acalmo e atijo o fogo para evitar que o quarto esfrie. “E as outras coisas, o pacote e... isso?” Ela aponta outra carta que chegou da corte, com a de Katherine. “O que é?”

Eu a abro e leio. “É de Peggy. Ela ganhou uma licença da corte e gostaria de vir a Sheen.”

“Pobre menina, deve estar sofrendo com a perda do irmão. É mais duro quando a morte vem antes da hora. Você se lembra dele?”

“Muito vagamente. Eu era muito nova quando vivia conosco em Bradgate.”

“De qualquer maneira, fiquei feliz com seu noivado, e fico contente por vir nos ver aqui. Pode responder a ela, Ratinha?”

Também fiquei contente com a ideia de ter minha companheira perto de mim. À nossa volta sempre temos diversos primos e parentes, mas não gosto de nenhum deles como de Peggy, com seu jeito simples e direto.

“E o pacote?”, pergunto. “Devo abri-lo?”

“Deixe-me ver.” *Maman* estica a mão para pegar a caixa. “É de Vina.” Dá para sentir a satisfação em sua voz. Ela o abre. “Olhe, é o livro de Foxe. Em latim. Você sabia que foi Vina quem contrabandeou os documentos para este livro?” Eu me recordo do rolo de papéis que escondi sob minhas vestes naquele dia. Parece tanto tempo atrás, no reinado da antiga rainha, embora

faça apenas um ano. *Maman* folheia rapidamente o livro, à procura de algo, que enfim encontra e me mostra. “Veja, Mary.”

Dou uma olhada, reconhecendo instantaneamente as palavras tão conhecidas, gravadas em meu coração: *Há de ensiná-la a viver e a morrer*. Um arrepio corre pelo meu corpo diante da ideia de que pouco a pouco vou me esquecer dela e restarão apenas palavras.

“Sinto falta dela, *maman*.”

Uma batida na porta interrompe nossos pensamentos silenciosos a respeito de Jane. É um dos pajens.

“A senhora tem uma visita do conde de Hertford, milady”, diz ele, incapaz de disfarçar a preocupação em seu rosto ao ver *maman* tão pálida de cansaço.

“O jovem Ned Hertford”, exclama ela, levantando-se. “Imagino que tenha vindo perguntar se pode fazer a corte a Katherine. Mande-o entrar.” O pajem sai. Eu aliso a roupa de *maman* e acaricio seus cabelos. “Poria fim às maquinações de Fera, se Katherine casasse com ele.” Ela para de falar quando a porta se abre e Hertford entra, tirando o bonete e fazendo uma reverência profunda.

É um rapaz de boa aparência, com cabelos cacheados claros e pele fina como a de um pêssago e lisa como a de uma moça. A estrada manchou um pouco suas botas elegantes e a ponta do nariz ficou vermelha de tanto cavalgar no frio. *Maman* se mexe na cadeira, encolhendo-se. “Lord Hertford”, diz ela, “como o senhor deve estar contente por ter recuperado seu nome.”

“Deveras contente, milady.”

“Esta é a irmã de Katherine, Lady Mary”, diz ela, tomando minha mão e colocando-a em seu colo.

Hertford se vira para mim e diz: “É um verdadeiro prazer

conhecer qualquer irmã de Lady Katherine”.

Doces palavras, penso. Fico à procura de desprezo ou nojo em seu semblante, mas não encontro, por menor que seja. Talvez Katherine o tenha alertado a meu respeito, preparando-o para minha forma estranha. De qualquer forma, ele me dá um sorriso radiante e senta-se no banco diante de nós, como indicado por *maman*.

“Então?”, diz *maman*, recuperando um pouco da cor nas bochechas.

“Hum... eu... eu...” Hertford fica sem palavras, o que me faz apreciá-lo ainda mais.

“O senhor está tentando me perguntar se pode fazer a corte à minha filha?”

“Estou, milady.” Ele sorri de novo, aparentemente aliviado por não ter de se explicar, e eu consigo perceber o que minha irmã enxerga no rapaz. Hertford parece tanto com ela.

“Suponho que o senhor esteja ciente de que Lady Katherine não é uma moça comum.” *Maman* se esforça para parecer séria, mas deixa escapar um esboço de sorriso, embora Hertford esteja tão nervoso que provavelmente não o perceba.

“Estou, milady. E espero que a senhora não me considere indigno. Éramos primos em primeiro grau do último rei Eduardo, e do lado materno descendemos do...”

“Terceiro Eduardo”, interrompe *maman*. “Sim, eu sei tudo a seu respeito e a respeito da linhagem de sua família. Conheci muito bem seu pai e sua mãe. Como anda ela? Disseram-me que está em Hanworth.”

“Está, sim, e com boa saúde, milady.”

“E qual é a opinião *dela* a respeito de sua intenção de fazer a corte à minha filha?”

Hertford pega um fio de seu gibão e puxa, arrancando um brilhante. “Ela... ainda não está ciente disso.”

“Ah, então você acha que não aprovaria?”

“Acho que...” Ele faz uma pausa, passando o brilhante entre os dedos. “Acho que não, milady.”

“Bem, não se importe com isso”, diz *maman*, agora com um sorriso de verdade. “*Eu aprovo. Mas gostaria de ouvir a opinião da minha filha a respeito. O senhor só poderá fazer-lhe a corte se ela mesma quiser.*”

“Ah, Lady Katherine quer, milady.”

“Prefiro ouvir isso dela mesma, se não se importa. Por isso, quando retornar à corte, faça a gentileza de pedir que venha me ver. Se Katherine assim desejar, será sua. Suponho que a rainha tampouco esteja sabendo.”

“De fato.”

“Ela deve estar demasiado ocupada com seus próprios assuntos para perceber que alguém pôs os olhos em uma de suas damas.”

Todos sabemos que quando ela diz “assuntos” quer dizer “Dudley”.

“Só temos de nos preocupar com a rainha quando a hora chegar”, prossegue *maman*. “Eu mesma devo abordá-la. Conheci-a bem quando era menina. Mas nesse meio-tempo o senhor deve ser discreto — não queremos nenhuma confusão.”

Hertford se atira a seus pés, tomando suas mãos nas dele. É um gesto excessivamente dramático para a ocasião, mas tem seu charme. “Você acha que ela dará sua permissão?”

É como um garoto num poema, implorando pela mão de seu amor. Katherine deve se deliciar com suas maneiras exageradas.

“Tenho confiança de que tudo sairá bem”, diz *maman*. “Mas

sugiro que tente persuadir quantos puder no conselho para que favoreçam sua forma de pensar; apenas aqueles em que o senhor confia, claro. Isso vai ajudar.”

“Assim farei, milady. O que for preciso.”

“E diga a Lady Katherine que ela pode levar seus animais quando vier. A menos que o senhor queira transportá-los para ela.”

Menos de uma semana depois da visita de Hertford, Katherine chega com a querida Peggy. Minha irmã não tem como disfarçar o choque ao ver *maman*, cuja saúde piorou e que está com uma aparência de insuportável fragilidade. Sinto enorme receio por ela — mal consegue ingerir o mais leve dos caldos e está tão fraca que precisa se esforçar para sair da cama. Stokes é um esteio; vela por ela noite após noite; ministra-lhe tinturas e segura sua mão, lendo para distraí-la enquanto lhe fazem sangrias. Mas o médico é um companheiro sombrio quando vem nos visitar, e sabemos que é só uma questão de tempo. Ele diz que é uma paralisia do baço e lhe dá um remédio para a dor, às vezes tão forte que *maman* grita como uma mulher no parto. Ela começou a contar histórias do passado, dos dias em Bradgate, e fala muito de Jane e de como nos deixava até envergonhados com tanta instrução. Também fala de arrependimento. É como se tivesse voltado ao passado e decidido ficar por lá.

Tento imaginar o mundo sem ela, mas é como pensar no oceano sem sal. Dizem que na Terra Santa existe um mar tão cheio de sal que não dá para se afogar nele. *Maman*, para mim, é como esse mar; ela me manteve boiando, à tona, e tenho dúvida se consigo flutuar sozinha. Quando penso em nossa família, tão

diminuída, um grão de medo é plantado em meu coração — vamos sobrar apenas Katherine e eu, sem ninguém entre nós e Elizabeth. Não resta dúvida de que serei chamada de volta à corte, suponho que para cuidar da rainha.

Fico observando Katherine conversando com *maman*. Ela está descrevendo um baile de máscaras em que foi uma das musas. Tenho admiração pela forma como consegue ser tão leve, tão divertida, e vejo o prazer silencioso de *maman* ao ouvir suas histórias. Fico me perguntando por que a dor me pesa tanto, a ponto de não conseguir distrair *maman* de seu sofrimento contando histórias agradáveis.

“Fui Terpsícore”, diz Katherine, pulando e apresentando alguns passos de dança para ilustrar seu papel. “E Margaret Audley foi Erato, que era o melhor papel, enquanto a coitada da Peggy pegou Clio. Você teve de recitar um texto interminável sobre a história da Inglaterra, não foi?”

“Mas gostei de fazer Clio”, diz Peggy a meu lado, elevando a voz enquanto borda.

“Eu ia gostar de ver”, diz *maman*. Um pouco de vida reaparece em suas maneiras — ver Katherine despertou seu ânimo.

Quando Katherine e Peggy chegaram, fui recebê-las à porta e alertei-as para o estado de *maman*.

“Ela vai ficar boa, eu sei disso”, disse Katherine.

“Não, Kitty”, eu disse a ela. “Temos de nos preparar.”

“Você é sempre pessimista.”

Eu não disse mais nada. Talvez seja mais fácil para ela acreditar que as coisas vão melhorar.

Maman assiste sorridente à dança de Katherine, que cantarola e saltita quarto afora. Minha irmã é cheia de vida, às vezes dando a impressão de que vai explodir de tanta energia. Ver

maman sorrir me faz bem, mas penso na companhia triste que sou. Decido me animar, tomando emprestado o estilo da minha irmã para encher de alegria os últimos dias de *maman*.

“Venha sentar aqui, Kitty, está me deixando tonta”, diz *maman*, dando um tapinha na cama. Minha irmã fica ao seu lado e dá um beijo em sua testa. O gesto é estranhamente invertido, como se ela fosse a mãe e *maman*, a criança.

“Você quer perguntar sobre Hertford”, diz Katherine.

“Ele veio aqui, como você sabe.”

“Sim, eu *quero* me casar com ele, *maman*, de verdade.”

Stokes aparece na fresta da porta. “Será que eu incomodaria, Franny querida, se me sentar com vocês?”

“Nem um pouco”, diz *maman*, e posso perceber em seus olhos o carinho que sente por meu padrasto. Ele se senta ao seu lado.

“*Venez ici*, Ratinha, Peggy”, diz *maman*. “Esta cama tem espaço suficiente para todos nós. Estão vendo, cabemos todos, como filhotinhos num cesto”, acrescenta, enquanto nos ajeitamos em torno dela. Uma pequena parte de mim gostaria que *maman* partisse desta vida neste instante, em que parece tão satisfeita por ter a família à sua volta. Não consigo suportar a ideia de uma decadência lenta e sofrida até o fim. “Pois bem, estávamos falando de Hertford.”

“Ele é... ele é...” Katherine não consegue encontrar as palavras. “Ele é perfeito, *maman*.”

Ao dizer isso, noto que Peggy aperta os lábios e sacode levemente a cabeça, mas ninguém mais percebe — talvez nem a própria. Quando estivermos a sós, vou querer saber o que há de errado.

“A rainha precisa dar permissão”, diz Stokes. “Isso é fundamental. Não vou deixar você se jogar num abismo,

Katherine.”

“Abismo”, repete ela, pensativa. “Não.”

Não posso conter o pensamento de que essa ideia é extremamente atraente para Katherine.

“Elizabeth é mais maliciosa que a irmã”, diz *maman*. “Eu a conheço desde criança. Sei coisas a seu respeito que ela preferiria que eu não soubesse.”

“Talvez você pudesse escrever para ela, Franny.”

“Sim”, diz *maman*. “Duvido que me negasse. Posso lembrá-la do tempo em que morávamos juntas na casa de Katherine Parr. Vai incentivá-la a lhe dar sua bênção.”

Isso arranca um acesso de riso de Stokes; eu, por minha vez, olho para Peggy e Katherine. Ambas parecem perplexas com o que está sendo dito — ou com o que não está. Ao que tudo indica, porém, *maman* tem alguma influência sobre a rainha.

“Sim, vou escrever a ela. Vai dar tudo certo. E Kitty...” Ela se vira para minha irmã. “*Pas de bêtises!* Nada de besteiras!” Todos nós rimos. Gostaria de guardar para sempre este momento, preservando-o numa garrafa como se faz com as frutas no verão. “Agora”, diz *maman* quando paramos de rir, “me conte como andam as coisas com Levina na corte. Ouvi dizer que seus retratos têm sido muito procurados.”

“Têm, sim, *maman*”, diz Katherine. “Ela já retratou quase todo mundo. E pintou a rainha mais vezes do que posso contar nos dedos. Levina também fez seu retrato, não foi, Peggy?”

“Fez.” Peggy procura alguma coisa numa bolsa presa à cintura e puxa um pacotinho. “Isto é para a senhora.”

Ela o entrega a *maman*, que me repassa, dizendo: “Receio que meus dedos não andem tão ágeis ultimamente. Você abriria para mim, Ratinha?”.

Tiro o papel de presente e vejo um minúsculo retrato de Peggy. *Maman* sorri e o toma nas mãos. “Que bela ideia. Fico muita agradecida, querida.”

“A senhora tem sido boa como uma mãe para mim”, diz Peggy, sem conseguir disfarçar a voz embargada. De repente o clima no quarto fica pesado, insuportavelmente pesado, pesado demais para que possamos continuar.

Por fim *maman* diz, com voz enfraquecida: “Acho que vou cochilar um pouco agora”.

Pela fresta da cortina, consigo ver o brilho fraco da manhã — apesar da corrente de ar, gosto de deixar a janela aberta, para olhar para fora quando acordo no meio da noite. Daqui, sempre vejo nas noites claras uma estrela especialmente brilhante, bem no meio de um dos vidros. É algo constante, em que posso fixar meu pensamento para acalmar as ideias noturnas que tendem a fugir do meu controle. Em momentos de maior fantasia fico pensando que aquela estrela é Jane, olhando para mim lá de cima.

Sinto o focinho molhado de Eco encostar em meus dedos, pedindo carinho. De um lado, Peggy dorme em silêncio; do outro, Katherine repousa com o braço esticado acima da cabeça, formando uma silhueta escura no travesseiro branco. As duas têm o sono profundo, ao contrário de mim. A maior parte do tempo, perguntas sem resposta me mantêm acordada, os porquês deste mundo, coisas que a fé responde com facilidade. Mas uma parte de mim não gosta de respostas fáceis para as coisas; quero, para tudo, uma explicação que não exija o salto de imaginação que Deus exige de nós.

Em seguida, recordo-me da careta que Peggy fez ontem,

inserindo em meus pensamentos uma pitada de dúvida em relação aos planos matrimoniais de minha irmã. Perguntei a ela o que realmente achava de Hertford quando fomos nos deitar, antes de Katherine entrar.

“Você não acha que ele é...” Ela parou e ficou mexendo no próprio colar. “Não sei. Ele parece...” Peggy não chegou a terminar a frase, porque Katherine apareceu e mudamos de assunto, passando a falar no vestido que usaria no casamento. Tentei parecer animada, mas não conseguia tirar da cabeça as dúvidas dela.

Tenho consciência de que o pessimismo tomou conta de mim. Ideias contraditórias se sucedem umas às outras. Não dá para ignorar o fato de que qualquer um que se envolva com minha irmã vá adquirir uma boa posição. Pode até ser arriscado, mas grandes riscos produzem grandes recompensas — e Hertford sabe disso melhor que ninguém. De um ponto de vista estritamente sucessório, segundo o testamento do antigo rei, Katherine é a herdeira de Elizabeth, ainda que a rainha se recuse a reconhecer. Fico pensando no Hertford gaguejante que conheci faz pouco tempo. Será que há mesmo uma afeição sincera nele? Espera-se que um rapaz como ele ajude a família a recuperar o prestígio perdido. Imagino que carregue nos ombros a esperança de todos. É sabido que durante o reinado de Edward os Seymour sofreram um tombo. Eu era bem pequena, mas me lembro dos comentários: o pai de Hertford, o duque de Somerset, foi para o cadafalso, enquanto a duquesa apodrecia na Torre. Os pensamentos que gotejavam passam a jorrar na minha cabeça, e sou inundada por memórias de minha falecida irmã. Os Seymour não foram os únicos a cair.

Desço da cama com Eco nos braços, cuidando para não

acordar Katherine e Peggy. Tateio em busca de minha camisola. Faz um frio terrível, tanto que sinto uma pressão forte na cabeça, como se fosse um pintinho tentando sair do ovo. Dou uma olhada na lareira, para ver se as brasas ainda estão vivas, e encontro algumas manchas brilhantes. Pego um punhado de gravetos, coloco-os com cuidado e sopro levemente para reacender a chama. Uma por uma, as brasas se apagam. Não sou dada a superstições, mas não consigo deixar de pensar que é um sinal, e o medo de que *maman* tenha partido se apodera de mim.

Corro até o quarto, com Eco atrás de mim. Por baixo da porta vê-se uma leve luz alaranjada. Sinto um nó na garganta e imagino o médico, chamado com urgência durante a noite, de pé ao lado dela, como uma sombra na escuridão do alvorecer. Abro a porta em silêncio, entro e deparo com luz e calor. O fogo parece bem forte e *maman* está sentada na cama, com Stokes a seu lado. Nenhum dos dois percebe minha presença, pois estão rindo de algo que ele lhe mostra num livro. Repentinamente, sinto-me tola por meus receios e meu pessimismo. Katherine tem razão; ela está melhorando.

“*Maman!*”, a palavra sai de dentro de mim. Os dois tiram os olhos do livro, cheios de saúde e bom humor, e eu corro até eles, subindo desajeitada na cama alta. “A senhora está melhor.”

“Estou, minha doçura, *beaucoup mieux*. E é graças a todo o seu carinho. Vocês dois me trouxeram de volta à vida.”

É uma meia verdade. Foi a visita de Katherine que melhorou seu ânimo — e a ideia do casamento por vir. Quando penso a respeito, imagino que tenha adoecido de preocupação com ela. Agora vai se casar com o jovem Hertford, e *maman* pode garantir que obtenha permissão para isso, o que vai mantê-la longe do perigo. Eu me acostumei tanto a me preocupar com Katherine

que encontro problemas até onde não existem.

Maman vira-se para Stokes. “Estou morta de fome. Acha que tem alguém acordado na cozinha?”

Ele não tem como tirar a expressão de felicidade do rosto. “Vou até lá verificar, minha querida Franny”, diz. “O que você gostaria? Algo que desça com facilidade?”

“Na verdade”, diz ela, com um sorriso maroto, “o que desejo mesmo é um doce.”

Ouvir isso me enche de alegria.

“Então doce é o que terá, milady”, diz Stokes ao sair.

“Acho melhor começar minha carta para a rainha. Ratinha, você pode ir buscar meu material de escrita? Acho que está ali, perto da janela.” Faço o que ela pediu, aproveitando para abrir as cortinas de modo que a luz suave de novembro chegue até ela. Também levo o candelabro, aproximando-o o máximo possível sem atear fogo aos lençóis. “Começarei com uma reminiscência de nosso tempo juntas no lar de Katherine Parr.” Ela para, dando a impressão de estar perdida em pensamentos, passando a ponta sem tinta da pena pelo lábio inferior.

“O que aconteceu lá?”, pergunto.

“Ah, por Deus, Ratinha. Não sei se...” *Maman* vacila. “Digamos apenas que Elizabeth se comprometeu e tenho certeza de que é algo que ela preferiria que as pessoas esquecessem.”

“*Maman*, a senhora desperdiçou sua vocação para diplomata.”

“Talvez não.” Um sorriso indefinível percorre sua boca. “Ser a duquesa de Suffolk demandou esse meu talento com bastante frequência.”

“Mas eu gostaria de saber... A senhora sempre diz que conhecimento é poder. Talvez um dia os segredos da juventude da rainha me sejam úteis.”

Ela me olha com um sorriso irônico. “Se eu lhe contar, precisa jurar que nunca dirá nada a Katherine. Ela não tem seu talento para a discrição.”

Balanço a cabeça solenemente. “Juro, *maman*.”

“Muito bem. Aconteceu quando Elizabeth tinha uns catorze anos...”

“Minha idade”, interrompo.

“Meu Deus, é verdade. Como o tempo passa.” *Maman* acaricia meu rosto com um dedo fino como uma folha de papel. “Foi uma indiscrição envolvendo Thomas Seymour.” Ela para e em seguida acrescenta, como quem acaba de se dar conta: “Ele era tio do jovem Hertford, casado com a rainha-mãe, Katherine Parr”.

“Que era sua amiga íntima, não era?”

“Sim, é verdade. Naquela época sua irmã Jane estava morando na casa dela. Por acaso eu estava em visita quando Elizabeth foi mandada para longe em nome da própria virtude.”

“*Virtude?*” Não consigo acreditar no que estou ouvindo.

“Sim. Ela estava se comportando da maneira mais inapropriada com Seymour. Uma vez deparei com eles um nos braços do outro, mas não disse nada. Não queria causar confusão. Mas não tardou que descobrissem.”

“E mesmo assim a mulher dele a hospedava?” Tudo o que eu sempre soube a respeito de Elizabeth se transforma na minha mente, forçando um rearranjo para acomodar a informação. Dá para entender por que ela não ia querer que *maman* falasse a respeito.

“Era sua anfitriã e madrasta. Imagine só! É claro que na época ninguém podia imaginar que Elizabeth se tornaria rainha. As coisas acontecem do jeito mais inesperado.”

“E ela foi...”

“Eu já disse o suficiente. Não me pergunte mais nada. Lembre-se apenas de que Elizabeth não é totalmente digna de confiança.”

Maman mergulha a pena e começa a escrever. Suas mãos marcam o papel como uma linha de costura preta.

Stokes volta, empurrando a porta com o pé para abri-la. Traz uma bandeja repleta de todo tipo de iguaria, incluindo doces. A carta é deixada de lado.

Parece uma festa. Nós nos enchemos de doces na manhã escura de novembro, ouvindo a serenata dos tordos ao amanhecer.

Dezembro de 1559, priorado de Sheen

Levina

Levina remexe o baú à procura de seu melhor vestido de fustão. Ela o encontra e o segura pelos ombros, dando-se conta de que as traças o atacaram, então pensa se alguém teria tempo de cerzi-lo. Deve ter sido guardado úmido, pois está muito amarrotado. Exala um leve cheiro de mofo e tem uma pequena mancha branca acima da bainha, que ela espera conseguir tirar com uma escova de pelo duro. Levina enrola o vestido e toma o rumo da lavanderia, para ver se alguém consegue dar um jeito nele a tempo. O funeral de Frances é amanhã.

A ideia de que sua amiga não existe mais dá um nó nas tripas de Levina, um nó de sofrimento que nunca poderá ser desfeito. Ela não tem muitas amigas; não que não seja respeitada, mas sempre foi vista com desconfiança pela maioria, incapaz de entender sua profissão — e sua condição de estrangeira. Mas

Frances era diferente; elas tinham a fé em comum, é verdade, mas, mais do que isso, compartilhavam uma afinidade simples e rara que desafiava qualquer explicação. Às vezes uma amizade surge do nada, como uma flor exótica que vinga inesperadamente. Foi o caso com Frances. Desde a primeira vez que visitou Bradgate para pintar os retratos da família, formou-se um elo. Mais do que tudo, Levina gostaria de ter podido se despedir direito.

Quando o mensageiro chegou a Whitehall com a notícia, ela partiu imediatamente, com a bênção da rainha. Elizabeth sempre respeitou Frances, apesar de sua decisão de se casar com alguém inferior, ou talvez por causa disso. A curta viagem de barco até Sheen parece durar uma eternidade. Levina mal prestou atenção na chuva incômoda e forte — já se sentia dormente. Ao se aproximar, reconheceu a silhueta solitária e escura de Mary, de pé no cais, cercada pelas árvores secas de novembro, vendo a barcaça se aproximar. Em terra firme, Mary pegou sua mão sem dizer uma palavra, balançando levemente a cabeça e olhando para baixo, e as duas correram para dentro da casa e subiram as escadas. Só quando chegaram à porta do quarto de Frances foi que Mary falou.

“Ela perdeu a consciência uma hora atrás.”

Pelas manchas no rosto pálido da moça, Levina podia ver que havia chorado. Mary esticou-se ao máximo para abrir a porta e dizer, como se nada tivesse mudado: “*Maman*, Vina está aqui”.

Frances estava deitada, apoiada em travesseiros, com a cabeça pendendo para um lado, as maçãs do rosto afundadas, os lábios arroxeados e ligeiramente abertos, um fio de saliva escorrendo de um canto. Levina pegou o próprio lenço e enxugou-o com carinho, só então se dando conta, com tristeza, de que a amiga

praticamente não estava mais ali. Acariciou seu rosto, sentindo o toque gelado de sua pele, mal conseguindo conter as lágrimas. Ela quase não tinha notado as outras pessoas no quarto, até que Stokes falou.

“Dizem que a última coisa que se perde é a audição. Fale com ela, Vina, sei que pode ouvir.”

Ela ergueu os olhos e o viu ao pé da cama, ao lado do capelão, envolvendo o ombro de Katherine com o braço. A moça tinha um ar sofrido, um olhar vazio, e segurava uma folha de papel frouxamente. Peggy Willoughby estava por perto, meio encoberta pelas cortinas da cama. Levina tem dó da menina, que havia perdido o irmão pouco tempo antes e precisava passar por aquilo.

“Frances, querida”, Levina começou a dizer, sem saber como continuar. Quis falar de lembranças felizes, mas tudo em que conseguia pensar era em Jane e naquela manhã terrível de ventania na Torre. “Logo você estará com ela.”

Mary passou um pedaço de pano na fronte da mãe e Levina acreditou ter percebido um leve movimento por trás das pálpebras, um diminuto sinal de vida. Quis perguntar como sabiam que a audição era a última coisa que se perdia. Então teve uma epifania, que revelou aquilo que Frances gostaria de ouvir. Ela chegou mais perto, o bastante para ver o buraco vazio na orelha da amiga, onde antes havia um brinco pendurado, visão que lhe provocou uma onda de dor, e disse: “Vou cuidar das suas filhas. Prometi isto antes e prometo agora. Vou garantir que não façam mal a elas”.

Pode ter sido imaginação, mas Levina teve a impressão de ouvir algo parecido com um suspiro, como se Frances tivesse escolhido aquele momento para deixá-los. Stokes deitou-se na

cama ao lado dela e pegou-a nos braços, cedendo a um soluçar arfante e sufocante. As moças ficaram pálidas e Katherine quase desmaiou nos braços de Levina.

Isso ocorreu duas semanas atrás. Desde então, Levina permanece em Sheen, e amanhã o corpo de Frances será levado de barco até Westminster, onde lhe serão concedidas todas as honras de Estado e um enterro na abadia. Elizabeth está muito feliz em reconhecer o prestígio da prima depois de morta, quando já não representa uma ameaça. O pobre Stokes está tão abalado que mal consegue agir. Levina assumiu a organização de tudo, o que ela até gosta, pois a mantém ocupada.

Levina bate de leve na porta do quarto das moças, abrindo-a um pouco. Todas estão na cama, examinando o que parece ser uma carta.

“Seus vestidos já estão preparados para amanhã?”, pergunta ela. “Estou levando o meu para lavar. Querem que eu leve algo de vocês?”

“A camareira cuidou das nossas roupas”, diz Mary. “Obrigada, Vina.”

“O que é isso?”, pergunta Levina, apontando a carta. “Pêsames?”

“Não”, diz Mary. “É uma carta. Bem, na verdade, meia carta. De *maman* para a rainha.”

“O que ela diz?”

“Ela ia escrever pedindo permissão para meu casamento”, diz Katherine. “Mas mal conseguiu preencher três linhas de preâmbulo, com reminiscências. Nada a respeito do meu casamento. Nada.”

“Em breve Hertford estará aqui, querida”, diz Levina, acariciando a cabeça da jovem. Ela se sente dura e frágil como

uma flor seca. “Tenho certeza de que vai lhe trazer boas notícias.”

“Ele não obteve nada do conselho”, diz Katherine. “Odeio todos eles, um por um, e a odeio ainda mais.” Ela se levanta e caminha até a janela. “Hertford diz que querem esperar que decida a respeito do próprio casamento.” A moça soca o peitoril da janela com tanta força que a faz se encolher. “Elizabeth não pode suportar a ideia de alguém se casar e ela não. Eles não vão nem cogitar. *Maman* tinha razão; ela é mais maliciosa que a irmã. Quero minha *maman* de volta.” Katherine começa a soluçar.

Levina fica ao lado dela, acariciando o cetim preto que cobre o alto de suas costas. Ela consegue sentir os ossos por baixo, de passarinho. “Katherine, faremos tudo o que estiver ao nosso alcance. Agora você está de luto; é natural que tudo pareça ainda mais desesperador. Outro dia entreouvi uma conversa de Cecil. Acho que ele pode ficar do seu lado. Sem dúvida acredita que merece ser tratada como a próxima na sucessão. Ele é um primo distante seu, não é?”

“Próxima na sucessão! Isso eu não quero. Veja o que aconteceu com...” Por um breve instante, ela parece uma mocinha assustada. “Até *eu* sei que não dá para confiar em Cecil.”

Ela tem razão, pensa Levina. Existe nele alguma coisa indefinivelmente sombria. “Não se preocupe”, diz Levina. “Elizabeth vai parir os próprios herdeiros. E os favores de Cecil não podem lhe fazer mal.”

Katherine parou de escutar. Está pressionando o rosto contra o vidro irregular da janela, procurando alguma coisa.

“É ele”, grita, animando-se. Katherine se vira, enxuga os olhos na manga e começa a revirar uma pilha de roupas até achar um

manto revestido de pele, que joga sobre os ombros. Depois de aparentemente procurar outra coisa e não encontrar, sai correndo do quarto.

“Seus calçados, Katherine”, grita Levina, indo atrás dela. “Você não pode sair descalça em dezembro, ou vai ser a próxima a enterrarmos.” Mas ela já se foi e logo em seguida pode ser vista correndo a toda a velocidade pelo jardim, com o manto esvoaçando atrás dela como se fosse um par de asas. Katherine chega ao cais antes mesmo de amarrarem a barcaça e começa dar pulinhos e acenar, como se fosse uma garotinha. Todas a observam pela janela: Peggy, Mary e Levina. Sua alegria tem algo de contagiante. Levina pensa que só Deus sabe o quanto precisam de um pouco de alegria, algo que permita que sobrevivam até o dia seguinte, quando a moça de pés descalços lá embaixo precisará ser forte o bastante para liderar o cortejo fúnebre.

“Juno está com ele”, diz Peggy.

“Isso vai animá-la em dobro”, diz Levina.

Agora Hertford está de pé na barcaça, que balança, prestes a virar. A irmã puxa-o pela mão, numa aparente tentativa de fazê-lo sentar, enquanto os pobres remadores se esforçam para manter o barco flutuando. No momento em que ele toca no cais, Hertford pula para fora e Katherine se atira em seus braços. É algo que vale a pena ver. Ajudam Juno a descer e ela se amontoa com eles. Quando se soltam, Hertford pega Katherine nos braços e a carrega de volta para casa, com Juno ao seu lado.

Depois de deixar seu vestido na lavanderia, Levina junta-se aos outros, reunidos ao pé da lareira. Stokes parece ter recuperado um pouco do ânimo. Eles compartilham taças de

vinho quente com especiarias, o que faz Levina lembrar que em breve será Natal. Faz um ano inteiro desde que Elizabeth ascendeu ao trono.

“Alegre-nos, Hertford”, diz Stokes. “Dê-nos notícias da corte.”

“O assunto que todos estão comentando é Mary da Escócia. De alguma forma a rainha descobriu que ela usou as forças francesas para aquartelar as inglesas.”

“É assim que ela pretende obter o trono aqui. É um gesto audacioso. O rei, aquela pequena rã, não pode estar planejando uma invasão”, ri Stokes. “Quantos anos ele tem, catorze?”

“Acho pouco provável”, diz Hertford. “Mas os tios de Mary Stuart, os Guise, talvez estejam. Em nome da Escócia. A rainha está furiosa.”

“Não admira”, diz Katherine. O vinho a fez corar e deixou sua voz um pouco pastosa.

“O conselho está pegando fogo”, acrescenta Hertford.

“Dá para imaginar.”

“E quanto a Dudley...”

“Dudley e Norfolk quase chegaram às vias de fato outro dia”, diz Juno, “e o boato é que um homem foi mandado para a Torre por tentativa de assassinato.”

“De Dudley?”, pergunta Stokes.

“Sim. Há quem se pergunte se ele vai durar até o Natal. Cecil sente tanto desprezo por ele quanto Norfolk. Mas a rainha...”

“Não consegue tirar as mãos dele”, interrompe Juno.

“Se pelo menos decidisse logo com quem quer se casar, então...” Katherine não termina a frase e o silêncio se instala por algum tempo.

Ao ouvir as notícias da corte, Levina se sente feliz por ter ficado longe durante algumas semanas, embora a razão que a

traz até ali seja lamentável. A ausência de Frances a persegue como uma sombra.

“Ah”, diz Juno, rompendo o silêncio. “Esqueci-me de lhe entregar isto.” Ela passa uma carta a Katherine. “Da embaixada da Espanha.”

“O que *eles* querem?”, pergunta Hertford.

“Que importa?”, retruca Katherine com a voz esganiçada, esvaziando sua taça e pedindo para enchê-la de novo. Ela coloca a carta no colo e toma outro gole. Hertford e a irmã sorriem um para o outro.

“Mas, mudando para um assunto menos desagradável”, diz Hertford, “a rainha pretende demonstrar sua amizade com sua mãe querida por meio de um enterro com honras de Estado. Talvez este seja o momento de presenteá-la com a carta. Não acham? Depois de todos os trâmites, claro.”

A sala fica em silêncio. Levina observa Hertford com outros olhos, enxergando a juventude e a ambição que dele transbordam, e pensando se o jovem não teria, no fim das contas, alguma outra motivação. Todos sabem que qualquer varão produzido pelo matrimônio com Katherine poderia pretender o trono com mais direitos que todas as moças da realeza reunidas. Mas não, ela se lembra do encontro apaixonado a que assistiu da janela pouco antes — se Hertford não estiver apaixonado, então ela não sabe quem pode estar.

“É o que sua mãe queria.” Agora há dúvida no tom de Hertford. Ele prossegue, tentando preencher o silêncio incômodo. “Seria apropriado...”

“Não existe carta”, afirma Stokes, interrompendo-o.

“Como assim?”, pergunta Hertford. “O que você quer dizer com isso?” Seus olhos passeiam de um lado para o outro, e a

impressão é de que de uma hora para outra ele perdeu toda a confiança.

Com muito tato, Stokes pede a Hertford para ajudá-lo a levar os cachorros para fora, passando o braço nos ombros do jovem. Ele o tira do quarto e dá um assovio para que a pequena matilha os siga.

Levina vê a outra carta, que escorregou do colo de Katherine sem que ela percebesse.

“Vamos subir”, balbucia Katherine, esvaziando uma vez mais as últimas gotas da taça e puxando Juno pela manga. Elas se levantam. Katherine está um pouco trôpega e precisa se apoiar na amiga.

“Fique de olho nela”, sussurra Levina para Juno. “Está um pouco embriagada.”

Tanto Mary quanto Peggy continuam pálidas de sofrimento e cansaço, e Levina não sabe como vão se sentir na hora do enterro. “Não querem que eu peça à cozinha que mande algo para cear no quarto? Amanhã será um longo dia.”

Mary estaca enquanto os demais saem da sala.

“O que foi?”, pergunta Vina.

“Preciso ir para a corte? Não posso ficar aqui com Stokes?”

“Receio que tenha de ir, Mary. É um pedido da rainha.” A moça baixa os ombros de tristeza, e o instinto inicial de Levina é envolvê-la em seus braços, num acesso de amor maternal. Ela se contém, lembrando que Mary não suporta ser tocada. “Eu estarei lá. Peggy também. E Katherine. Você estará entre amigas e parentes, pelo menos. Mas não pode desafiar a rainha.” Aparentemente Elizabeth quer ficar de olho nas primas.

Depois que todos se vão, Levina pega a carta esquecida e hesita antes de rasgar o selo e abri-la. É de Jane Dormer: *Estamos*

progredindo, querida Katherine, nos planos de encontrar um par. D. Carlos é o filho do rei Felipe. Ainda é jovem, mas seria um marido apropriado a uma mulher de sua estatura...

Levina torce o papel e atira-o ao fogo, sem pensar. Era inevitável, imagina ela, que Feria se voltasse para Katherine, já que os franceses voltaram a criar confusão. Agora ela consegue enxergar tudo. O espanhol barraria Mary da Escócia e a pretensão do rei da França, casando o próprio filho com Katherine Grey. Ela conjura a imagem de Cecil esfregando suas mãos enebadas diante de uma ideia como essa, e um calafrio de medo percorre seu corpo. De repente Hertford, qualquer que seja sua motivação, parece de longe a melhor solução. Mas o amor e a ambição não formam um bom casal. Ela sente o peso da responsabilidade sobre seus ombros e receia ter de lutar para manter as moças longe do perigo, sem Frances.

IV

KITTY E A RATINHA

Setembro de 1560, Hampton Court

Mary

“De onde veio isso, Lady Katherine?”, diz Kat Astley, apontando para as luvas decoradas que minha irmã desembrolha. Estou no canto da antecâmara, costurando com Peggy e a sra. St. Low, que caiu no sono e ronca levemente. A tarefa da sra. St. Low é cuidar das camareiras da rainha, inclusive eu. Ela é uma mulher forte, gentil e do tipo maternal, mas nem de longe preenche o enorme vazio que surgiu dentro de mim quando *maman* morreu. Faz quase um ano. Nossa família reduziu-se a duas pessoas; não passa de um arremedo do que era. Fico olhando Katherine, no extremo oposto da sala, com Juno e Kat Astley, de quem passei o ano passado inteiro fugindo ciosamente. De todas as damas, ela é a mais próxima da rainha, e não parece gostar muito de nós, as Grey.

“Não sei, sra. Astley”, diz Katherine. “Esse pacote me foi entregue por um dos pajens.” Minha irmã tenta parecer respeitosa, mas por baixo de suas palavras há uma pitada de insolência. É mais forte que ela. “Um presente para Sua Majestade, foi o que disse o mensageiro.”

“Mostre-me! Dê aqui.” Kat Astley a intima com um gesto da mão. “Veio com alguma carta?”

“Não vi nenhuma.” Katherine começa a explorar a embalagem, até que um papel dobrado é imediatamente

arrancado dela.

“O tratado com a França e a Escócia foi assinado há poucas semanas, e Marie de Guise está morta”, diz Juno.

Imagino que ela insinue com isso que não há mais necessidade de suspeitar das coisas que são ofertadas à rainha. Passamos meses queimando presentes — frutas em calda, luvas com joalheria, lenços perfumados, livros de poesia ricamente trabalhados e galões de perfumes exóticos foram dados aos pajens para serem jogados nas latrinas — desde que chegou o boato do complô dos Guise para envenenar Elizabeth.

“Cuidado nunca é demais”, diz Kat Astley, que leu o bilhete, mas não nos contou do que se trata. “Joguem na lareira.”

“Mas não há fogo”, diz Katherine, com um sorriso maroto. Kat Astley olha para a lareira vazia com os lábios apertados.

“Deem-me.” Ela estica a mão, mas em seguida a recolhe, parecendo confusa. “Não, não me deem. Embrulhem e *só então* me deem.”

“Então você não se importa que Lady Katherine seja exposta ao tecido envenenado, só você?”, pergunta Juno, pegando uma das perigosas luvas e sacudindo-a perto do rosto horrorizado da outra.

Troco olhares com Peggy; ela ergue os olhos para o teto. Nós duas sabemos que não convém contrariar Kat Astley. Mas uma parte de mim admira a ousadia de Juno — ela não vai contar nada a ninguém.

“Desista, Lady Jane.” Juno solta a luva, que cai no chão. Kat Astley soa como o trovão.

“Deixe-as de lado”, diz Juno, pegando minha irmã pela mão. “Vamos nos atrasar.”

“Ela tem razão”, diz Katherine. “É melhor a senhora não nos

atrasar para caçar com a rainha.”

Ela fica roxa de cólera.

“Onde está sua irmã?”, grita. “Preciso da ajuda dela para terminar de costurar o ornamento...”

“Estou aqui, sra. Astley”, digo. Peggy se agita, arqueando as costas como um gato e soltando um pequeno gemido; em breve ela terá de deixar a corte para parir. Não consigo suportar a ideia de que vai embora. Katherine se aproxima de mim e planta um beijo na minha bochecha. Ela cheira levemente a limão, e fico pensando se seriam vestígios do bálsamo usado por Hertford. Eles vêm se encontrando em segredo — mas não existe segredo que minha irmã consiga esconder de mim. “Nós estamos fazendo os pássaros ornamentais.” Como prova, ergo meu bordado.

“Pois estão”, diz Kat Astley.

“Seu bordado tem detalhes belíssimos, Ratinha”, diz Katherine. “Quase consigo imaginar esse tentilhão voando sozinho. Você é, sem dúvida, a costureira mais hábil da corte.” Kat Astley faz cara feia. Acha, como bem sabe Katherine, que o elogio deveria ser para ela mesma.

“Ninguém discordaria”, acrescenta Juno, pegando a mão de minha irmã e caminhando em direção à porta.

Quando Kat Astley tenta, hesitante, pegar do chão as luvas ameaçadoras, protegendo a mão com um pedaço do papel de presente, ouço-a resmungar: “E pensar que fizeram dela dama do quarto de dormir — não falta mais nada”. Kat Astley não fez nenhuma questão de esconder sua desaprovação pela aparente melhora do humor da rainha em relação à minha irmã, tendo lhe conferido mais esse privilégio.

Um casal de periquitos gorjeia numa gaiola perto de mim, os

dois amarelo-ovo, com a cabeça rosada — presente de Dudley à rainha. “Fico surpresa por ela não ter nos mandado queimá-los também”, cochicho para Peggy, que cobre a boca para disfarçar o acesso de riso. Pego um pouco de alpiste com a mão em concha, despejando-o por entre as grades, e me vem a tentação de libertá-los de sua prisão. Fico pensando se sabem que existe uma vida melhor do que a que levam.

A porta do outro lado do cômodo é aberta e a rainha faz sua entrada, vestindo roupas de equitação e sendo seguida por um cortejo de conselheiros. A sra. St. Low é arrancada subitamente de seu cochilo por um cutucão de Kat Astley. Nós nos inclinamos, mas a rainha está entretida em uma conversa com Cecil e nem olha em nossa direção. Por fim, Kat Astley, que se esforça para parecer ocupada, faz um sinal em silêncio para que continuemos nosso bordado.

“Você *tem* de fazê-la assinar”, diz a rainha. “Ou será uma indicação clara de que continua a acreditar que tem direito ao nosso trono. Com ou sem tratado de paz, isso significa que a Escócia continua a ser nossa inimiga. Todos os bons serviços prestados serão perdidos, Cecil.”

Suponho que estejam falando da rainha da Escócia, que tem teimado na crença de que o trono inglês lhe pertence.

“Vossa Majestade, fiz tudo o que estava ao meu alcance. Não devemos perder de vista que ela é uma...” Cecil faz uma pausa. “Não temos como *obrigá-la* a fazer isso.”

“Sim, sim, uma rainha ungida. Ah, Cecil, por favor.” O tom de Elizabeth é sardônico. “Você tem alguns truques escondidos na manga. Todos temos certeza disso.”

Fico pensando como deve ser a sensação de alguém o tempo todo nos seus calcanhares, como acontece com ela, e como deve

endurecê-la.

“Pode parar de ciscar”, diz a rainha, dando um leve safanão em Kat Astley, que tentava prender a touca de equitação real e prendendo-o ela mesma. “Agora, meu mestre-cavaliário.” Ela diz isso de olho em Cecil, que parece desaprová-la, como era de esperar. Todos sabem que não suporta Dudley. Parte de mim admira a maneira como Elizabeth faz todos esses homens comerem na palma de sua mão. Ela sabe exatamente o que está fazendo, como uma titereira, e não tem nenhuma das dúvidas que a irmã tinha.

“Vossa Majestade”, diz Cecil, “a cunhagem...”

“Eu sei, eu sei”, interrompe ela. “Deixe Northumberland cuidar disso.”

“É uma medida dispendiosa, Vossa...”

“Da cunhagem depende nossa reputação. É nosso rosto que está ali, e não o vosso. Não poremos nosso rosto numa moeda tão desvalorizada. Que tipo de mensagem passaríamos ao mundo?”

Cecil faz uma leve careta e os conselheiros acenam ligeiramente em concordância enquanto caminham pelo salão. Depois que todos se vão, o silêncio se instala. Satisfeita, penso que teremos um dia inteiro de tranquilidade, já que a maioria partiu com o grupo de caça. Sinto muita falta de ficar sozinha e tem sido difícil ultimamente, mesmo à noite, quando todas as damas são amontoadas juntas num único cômodo, como peixe salgado em um barril. Sinto falta da paz do meu quarto em Sheen, e de poder mergulhar num livro sem que ele seja arrancado das minhas mãos e jogado para longe, o que muitos consideram uma brincadeira divertidíssima.

Katherine

O jardim está tomado pelo odor de estrume fresco e pelo alarido das pessoas. Cavalariços correm para um lado e para o outro, trazendo necessidades de última hora, apertando barrigueiras, afrouxando estribos, ajudando os cavaleiros a subir em sua montaria. Dudley trota para lá e para cá em um cavalo negro chamado Bellaface, gritando ordens e atribuindo os animais.

“Delicate está pronta para Sua Majestade?”, ele grita a um dos cavaleriços. “Patas inspecionadas?”

“Sim, milorde.”

“Casco engraxados?”

“Sim, milorde.”

“Crina pregueada?”

“Sim, milorde, e decorada.”

“Vibrissas aparadas?”

“Sim, milorde, jamais vi égua de aparência tão bela.”

“Traga-a, então, para que eu possa examiná-la.” O rapaz sai correndo. Embora haja pelo menos duas dúzias de cavaleriços que pudessem fazer isso, Dudley prefere inspecionar pessoalmente a montaria da rainha. Observo-o por um momento. Ele é muito bem apessoado, e impressiona a maneira como doma o difícil Bellaface, emitindo pequenos sons para acalmá-lo e mantendo a rédea frouxa, enquanto outros poderiam deixá-lo mais nervoso puxando a boca para trás. Dudley percebe que o observo.

“Gosta do que vê?”, pergunta.

“Gosto do seu cavalo.”

Ele ri. “Eu lhe dei Gentle hoje, Lady Katherine.”

“É mesmo?” Gentle é um de seus favoritos e me desacostumei desse tipo de favor.

“De fato”, diz ele, com um esgar. “Sua Majestade fez questão de pedir que lhe dessem um dos melhores cavalos.” Agora posso ver Gentle sendo trazido. É um animal castanho castrado, de temperamento tranquilo, com uma estrela branca entre os olhos.

“Fico honrada”, digo, coçando a estrela. Gentle abre as narinas, contente, soltando o bafo quente no meu pescoço. Acaricio a ponta aveludada do focinho e dou-lhe um beijo.

“Vou ganhar um também?”, brinca Dudley.

“Não seja bobo”, digo. Ele é sempre assim comigo quando a rainha não está por perto. É um flerte inofensivo, apenas uma indicação de que está do meu lado. Ou pelo menos é o que imagino. Fico pensando se esses novos favores que recebo de Elizabeth não têm algo a ver com sua influência. Falou-se até que ela poderia me adotar. Não me disseram isso diretamente, mas as pessoas me contam as coisas, e o que é discutido nas reuniões do conselho acaba vazando, de uma maneira ou de outra. Cecil acharia interessante, estou certa, que a sucessão fosse garantida dessa forma; afinal de contas, ele é até certo ponto meu parente. Talvez tenha sido sugestão *dele*. Juno acha que faz campanha em meu favor. Segundo ela, é porque Cecil faria qualquer coisa para impedir Mary da Escócia de instalar seu dorso católico no trono da Inglaterra. Aliso uma tira de couro torcida na rédea de Gentle.

“Deixe a cabeça dele solta”, diz Dudley. “E não abuse do chicote. Não vai precisar de muito incentivo.” Ele vira e me deixa com o cavaleiro, que me ajuda a montar.

Juno já subiu em seu cavalo e aponta para os dois irmãos do

outro lado do jardim. “Vamos para perto deles.”

Apontamos nossos cavalos na direção de Hertford e Henry, o mais novo. A simples visão do primeiro mexe com minhas entranhas, e sou invadida por pensamentos de nossos momentos roubados, juntos e a sós — tem sido um maravilhoso ano de encontros secretos.

“Seremos acompanhados pelas maiores belezas de toda a corte”, diz Henry, à guisa de cumprimento.

“Eu não diria isso em voz muito alta”, brinco. “Alguém poderia não gostar.”

Como se fosse sua deixa, a rainha aparece. Dudley a ajuda a montar, e esse é seu dever — é o único homem que tem o direito de tocar o corpo de Elizabeth, e é como se tivesse se apossado dela, a julgar pelo rosto dele. Ela faz um sinal para que Dudley se coloque ao seu lado enquanto acelera o trote, passando por baixo do arco. Todos aceleramos para acompanhá-los. Hertford cavalga a meu lado. Nossas pernas se tocam em meio à confusão, e ele deixa sua mão encostar na minha. A sensação é a mesma da primeira noite em Hanworth, em que fingi não lhe dar a mínima. Sorrio para mim mesma ao lembrar. Nossos olhos se encontram. Ele pisca e eu lhe sopro um beijo, sem me importar se alguém está olhando. Nosso “segredo” é bem conhecido, pelo menos entre nossos amigos, e a rainha está tão ocupada com sua própria paixão que parece inteiramente cega à nossa.

Tio Arundel esgueirou-se para o lado de Juno. Ele está vestindo um gibão exageradamente decorado, bastante inadequado, com uma esvoaçante capa bordada em ouro, dando mais a impressão de que está saindo para um banquete que para uma caçada.

“Lady Jane”, diz ele. “Seria uma honra se permitisse que eu cavalgue a seu lado.”

“Milorde”, diz ela, “prometi a Lady Katherine que a acompanharia.”

“Então acompanharei ambas.” Juno e eu trocamos olhares e tentamos não rir. Hertford e Henry já *estão* rindo.

Arundel não esconde o fato de que deseja a mão de Juno, embora tenha quase cinquenta anos e ela apenas dezenove. Arundel lhe deu um retrato seu em miniatura, vestido como imperador romano, com os cabelos miraculosa e abundantemente restituídos à cabeça, e as rugas apagadas da pele. Não foi pintado por Levina; ela não levaria a bajulação a tais limites.

“Achando graça em alguma coisa, milordes?” A pergunta se dirige a Hertford e Henry, que estão corados de tanto rir. “Pensam que sou um velho tolo, como no conto de Chaucer, não?”

Os dois rapazes ficam desconcertados e Hertford começa a formular um pedido de desculpas, mas Arundel prossegue.

“O senhor deve pensar melhor na direção de seus insultos, Hertford. Um dia pode precisar de minha influência.”

“Eles não tencionavam mal algum, tio”, digo, com a voz mais suave possível, tocando sua manga. “Eles apenas invejam sua...” Quase digo “masculinidade”, mas me contenho, pois me ocorre que poderia ser interpretado como uma continuação da troça. “Sua opulência e autoridade.”

“Ah!”, bufa ele, aparentemente satisfeito, murmurando “opulência e autoridade” bem baixinho com uma espécie de sorriso no rosto e estalando o chicote no dorso do cavalo.

Quando enfim chegamos ao campo, iniciamos um galope leve.

Afrouxo a cabeça de Gentle, como Dudley me pediu, e sinto sua força e sua satisfação. Os cascos dos cavalos batendo no chão duro do verão soam como um milhar de tambores. Tomada pela empolgação, animo Gentle a galopar, sentindo o riso e o prazer brotarem em minha garganta. A rainha já vai bem longe com Dudley, que tem dificuldade em acompanhar tanto ela como a matilha de veadeiros ao seu lado. Um deles indica com um ganido que farejou algum odor. Elizabeth grita “Eia!” e aumenta ainda mais a velocidade.

Hertford está ao meu lado, em sua égua ruã. Observo os músculos das pernas dele, ondulando ao pressionar os flancos do animal. Olho para trás para ver se Juno e Henry estão vindo.

“Vejo que se livraram do velhote”, grito, mais alto que o ruído em torno.

“O cavalo dele estava manco, teve de pedir outro.”

“Parece que Deus está do seu lado, irmã”, grita Hertford, o que nos faz rir.

O campo está seco; a maior parte da colheita já foi feita, deixando um restolho e pontuando a paisagem com montes de palha. O rio, ao longe, parece uma fita de prata. Os cães correm em sua direção, formando um círculo. A rainha, como sempre, cavalga como se estivesse possuída. Ela se vira e grita alguma coisa para Dudley, que está um corpo atrás. O vento desfez o laço no meu cabelo, que sinto esvoaçar atrás de mim. O esforço me deixa ofegante, mas Gentle ainda tem bastante energia dentro de si. Chegamos perto de um pequeno bosque. Dudley e a rainha reduziram o ritmo para um trote, e os cães latem alto à beira do arvoredor. O veado deve ter se escondido ali.

“Encontrem-no! Entrem!”, grita Dudley, incitando os cães, que desaparecem entre os arbustos. Todos os cavaleiros se

amontoam perto da beira do bosque, na esperança de uma morte rápida.

“Esta é sua hora”, diz Juno, batendo no meu braço. “Escape antes que o bicho desentoeque.” Ela chama seu serviçal. “Sr. Glynne, poderia acompanhar Lady Katherine de volta ao palácio?”

Meu olhar cruza com o de Hertford, que veio para o meu lado. “Vá na frente, minha doçura”, ele cochicha. “Vou encontrá-la nos aposentos de Juno em alguns minutos.” Ele aponta vagamente na direção do palácio. De dentro do bosque ouve-se um alarido; por um momento sinto pena do animal, na escuridão, cercado.

Ao voltar, cruzo com tio Arundel, numa nova montaria. Digo a ele que estou me sentindo um pouco adoentada e aponto para o lugar onde se encontra o resto do grupo.

“Folgo ao saber que a senhorita tem alguém a acompanhá-la”, diz ele, apontando genericamente na direção do sr. Glynne. “Gostaria que eu mandasse chamar meu médico?”

“Minha irmã e a sra. Astley estarão lá e cuidarão de mim. Acho que preciso mais de descanso que de médico. Não perca a caça por minha causa, tio.” Ele parece aliviado por não ter de desempenhar o papel de cavalheiro.

“Se estiver certa disso.”

“Estou, tio.” Ponho o cavalo a galope leve, aumentando o ritmo apenas depois que Arundel sai de vista. Espero que não cruze com Hertford seguindo na mesma direção que eu. Penso na enorme cama dos aposentos de Juno, em me jogar nela, nos braços esguios de Hertford apertados em volta de mim. Mas, por trás da ansiedade, sinto outra coisa. Estou cansada de subterfúgios, de ter sempre que cuidar para não pegar criança.

Não aguento mais pensar na bola de lã embebida de vinagre, nas tinturas de arruda e cenoura, no medo mensal de que minhas regras não venham. Ainda que Elizabeth tenha seus próprios problemas, uma hora vai resolvê-los. Desejo passar uma noite inteira nos braços de Hertford, mas sei que nem isso seria o bastante. Já estou com vinte anos e, por direito, deveria estar casada. Mas não há vivalma que ouse tocar no assunto com Elizabeth. Talvez *eu* devesse abordá-la. Se ninguém mais tem coragem, por que não?

Quando chego ao quarto de Juno, fico surpresa ao descobrir que Hertford já está ali à minha espera, refestelado na cama com o gibão aberto e as botas jogadas no chão.

“Por que demorou?”, pergunta. Sorrio, mas ele não retribui. Segura alguma coisa que não consigo ver.

“Como chegou aqui tão rápido?” Fecho a porta atrás de mim, apoiando-me nela. Vejo alguns pelos loiros onde afrouxou os laços de sua camisa de linho.

“Vi Arundel falando com você e peguei um atalho, para evitá-lo.” Em silêncio, ele me olha de alto a baixo. “O que é isso?” Hertford acena com um pequeno relicário de prata, contendo um frasco de um líquido ferruginoso, supostamente o sangue de São Francisco. “Anda flertando com superstições papistas?”

“Não é nada. Apenas um presente do embaixador da Espanha”, digo.

“E o que ele acha que vai fazer com isso?” Hertford cerra a mandíbula e joga o relicário contra a parede do outro lado do quarto. Ele se abre e o frasco se estilhaça, criando uma pequena poça escura no chão.

“Não sei. As pessoas me dão presentes o tempo todo. Você sabe como esses espanhóis são com as relíquias deles.” O que

não conto é que Jane Dormer escreveu mais de uma vez para contar novidades do casamento espanhol.

“Tranque a porta”, Hertford ordena. Obedeço, passando a tranca pelo fecho. “Não quero que você aceite coisas assim. Mande de volta.”

“Está quebrado. Não posso devolver. Você sabe que nem gosto dessas bugigangas.”

“Não sou totalmente cego, Kitty”, diz ele, fazendo uma careta. “Sei que alguns gostariam de vê-la casada com um espanhol.”

“Mas não vou me casar com um espanhol. Vou me casar com você”, digo, vendo o ódio desaparecer de seu rosto.

“Agora venha aqui.” Sua voz vira um rugido. “A cor dessa sua roupa de equitação não cai bem em você; acho que precisa ser tirada.”

*

Eu acordo, momentaneamente confusa com um barulho de batidas ansiosas na porta. O sol do fim de tarde brilha através da janela, e por um instante me pergunto onde estou. As batidas recomeçam. Sento na cama, tentando despertar, e vejo o corpo nu de Hertford esparramado a meu lado. Minha boca se curva num sorriso involuntário.

“É Juno. Deixe-me entrar.” Arrasto-me para fora da cama, enrolo um lençol no corpo e tiro a tranca, abrindo a porta. “Você demorou”, diz ela, esgueirando-se para dentro do quarto. “Cubra-se, Ned”, ela pede, ao ver o irmão. Hertford tateia em busca das calças, então as veste e senta na beirada da cama, esfregando os olhos. Sento ao lado dele e encosto o nariz em seu ombro, sentindo seu perfume. Meu cheiro está impregnado

nele, o que faz minha mente voltar à intimidade de uma hora atrás.

“O que foi, irmã? Algo errado?”

Só então percebo o olhar de pânico reprimido nos olhos de Juno.

“Aconteceu uma coisa”, diz ela. Ficamos ambos olhando para Juno, à espera de que prossiga. “A mulher de Dudley morreu.”

“Todos esperavam que isso acontecesse. Ela estava doente”, diz Hertford.

“Não. Quer dizer, sim, mas...” Juno para, como se estivesse pensando no melhor jeito de transmitir a informação. “Ela foi assassinada. Fizeram com que parecesse um acidente.”

“Oh!”, suspiro, pensando na pobre Amy Dudley, que não conheci, mas em quem pensei muito, por causa do marido o tempo todo cortejando a rainha. Sempre falavam dela, sem que nunca fosse vista.

“Suponho que estão achando que foi feito por ordem de Dudley”, diz Hertford.

“Sim. Um inquérito foi aberto. Ele abandonou o palácio e a rainha não está recebendo ninguém, a não ser, evidentemente, Lady Knollys, Kat Astley e Cecil.”

“Como ocorreu?”, pergunto.

“Só sei o que me contaram, mas está na boca do povo. De manhã, Amy Dudley enviou todos da casa para a feira. Quando voltaram, encontraram-na com o pescoço quebrado no fim de alguns degraus.”

“Então poderia facilmente ter sido um acidente”, diz Hertford.

“Eram só dois ou três. Como alguém poderia quebrar o pescoço caindo de dois ou três degraus?”

“É verdade”, concorda ele.

Não posso deixar de pensar na pobre mulher e em sua vida miserável. Talvez fosse melhor estar morta mesmo. Imagino o que deve ter sido viver como ela, sabendo que a rainha gostaria de ver seu fim para ter seu marido apenas para si. Mas, como sempre, também penso em mim mesma. A morte suspeita de Amy Dudley frustra meus planos de falar sobre casamento com a rainha.

“Você acha que ela tirou a própria vida?”, pergunto.

“Há quem diga isso. Mas a maioria considera assassinato.”

“Agora a rainha não pode se casar com Dudley”, digo. “Não quando pensam que ele é um assassino.”

“Você tem razão, Kitty”, diz Hertford. “Os dois nunca vão poder se casar sem parecer culpados. Cecil é quem mais sai ganhando com essa história. Ele teria feito qualquer coisa para impedir que a rainha desposasse Dudley.”

“Está dizendo que isso é coisa de Cecil?”, pergunta Juno, batendo na própria boca, como que se autocensurando.

“Não estou dizendo nada, nem você deve dizer”, responde Hertford. “É melhor não desagradar a Cecil.” Ele levanta e começa a se vestir. Antes de sair, adverte: “Tomem cuidado. Não sei qual será o desfecho de tudo isso. Sabe-se lá se a rainha sobreviverá ao escândalo”.

Juno e eu nos vestimos rapidamente e vamos para a antecâmara, que foi arrumada para a ceia. Mary se encontra ali, branca como uma mortalha. Na verdade, todas parecem horrorizadas com a notícia, e nos sentamos em silêncio, apenas as damas de companhia da rainha e ninguém mais. A própria Elizabeth não aparece, mas Kat Astley chega, desfigurada de preocupação, com cada um de seus sessenta anos de vida no rosto. Ela pede a um dos serviçais que prepare uma bandeja de

comida e a leva embora, sem cerimônia, voltando apenas para buscar uma jarra de cerveja e fechando a porta atrás de si em silêncio.

Eu me lembro das luvas e penso em todo o receio que tivemos de que alguém pudesse tentar envenenar Elizabeth. No fim, foi a pobre Amy Dudley quem encontrou a morte fora de hora. Dizem que se casou por amor contra o desejo do pai. Só se faz algo assim quando se ama. Isso me faz pensar em Harry Herbert, o que me causa um acesso de tristeza, porque eu acreditava sinceramente amá-lo, e de repente o sentimento acabou como uma bolha que estoura. Fico pensando, ao mesmo tempo, se foi o que aconteceu com o amor de Dudley por Amy. Decido nunca deixar de amar Hertford, e não deixar *nossa* bolha estourar — meu estômago fica embrulhado só de pensar nisso, ou, pior, de pensar que o amor dele por mim pode sumir.

Mary parece exausta, carregando olheiras escuras, e a sra. St. Low sugere que eu cuide dela no quarto das damas. Enquanto caminhamos pelo corredor, minha irmã fica em silêncio. Ao abrir a porta, ela diz: “Vazio, graças a Deus. Posso ter uma cama só para mim por alguns minutos”.

Depois que Mary termina de se despir, ajudo-a a subir na cama e ficamos deitadas lado a lado, com os dedos mínimos entrelaçados. “Gostaria que Vina estivesse aqui”, diz.

“Ela não vai tardar a retornar.”

“Queria saber como é sua casa.”

“Vina mora em Ludgate, não mora?” Percebo que nunca me ocorreu pensar na vida real que leva longe da corte.

“Ela tem marido e filho”, diz Mary.

“Eu não sabia.”

“Sim, o rapaz se chama Marcus e foi morar no continente. O

marido, George, pertence à guarda da rainha.”

Eu me penitencio por dentro por não saber nada disso, apesar de Levina ser nossa amiga tão querida, por nunca ter perguntado, por me preocupar tanto com meus próprios problemas que me esqueço de pensar nos outros.

“Você sente falta de *maman*?”, pergunto.

“É claro que sinto.”

“Eu também”, digo, mesmo sem me dar conta do quanto até o momento em que pronuncio essas palavras. É como se nós duas estivéssemos à deriva, numa pequena jangada no meio do oceano, sem um irmão ou parente sequer que carregasse nosso nome. “Melhor para Vina”, acrescento.

“Se casar com Hertford”, diz ela, baixinho, “acha que vai se instalar em alguma casa onde eu possa morar com você? E com os cachorros e Hércules. Vina pode nos visitar e posso ajudar a criar seus filhos. Seríamos novamente uma família normal, Kitty. Eu poderia montar uma boa biblioteca, e as pessoas viriam de toda parte para procurar volumes raros.” É como se ela estivesse contando uma história.

“*Quando* nos casarmos”, respondo, mas tudo parece tão intangível, tão distante, pois nós dois estamos aqui, presas na corte, à disposição da rainha. É um tipo de prisão, agora que penso a respeito. Com o escândalo, tudo está prestes a mudar de novo, afastando meu sonho de me casar para cada vez mais longe. “Farei o melhor possível para que isso aconteça, Ratinha.”

Outubro de 1560, Greenwich

Mary

Estamos reunidas, bem juntas, em torno da lareira, bordando

sob o brilho amarelado das velas. Levina e a sra. St. Low conversam em voz baixa do outro lado da sala. Estou contente com a volta de Levina à corte, porque sem ela me sinto um tanto perdida. Katherine não se encontra em nenhuma parte, e fico pensando aonde foi, pois não apareceu desde a refeição do meio-dia. Embora sejam um pouco mais de quatro horas, o palácio está encoberto por uma treva de outono. Ouço o grasnar dos gansos que voam e passam perto da janela, mas não consigo vê-los. É um sinal inegável de que o outono está quase acabando. A luz do dia é um bem cada vez mais raro, e posso sentir o inverno se aproximando, com a triste sequência de meses frios e tenebrosos que nos aguarda. Já receio o dia em que estará frio demais para sair, pois dar um passeio nos jardins é a única forma de ter privacidade. A dor da perda de *maman* ainda é forte, como se tivessem esfolado minha pele, e eu definho lembrando a gloriosa simplicidade da minha vida anterior. Esses momentos preciosos de silêncio me propiciam a oportunidade de pensar nela.

Na corte, raramente tenho um momento sozinha. Preciso seguir atrás do grupo de criadas rancorosas, que, quando não estão fofocando sobre as desventuras de Dudley, falam apenas sobre com quem vão se casar, quem as atraí, quem beijaram ou querem beijar, *ad nauseam*. Fiz quinze, chegando à idade de me casar, o que é uma grande ironia. Mas pelo menos tenho Juno e minha irmã para me defender, embora Katherine passe mais tempo em suas escapadelas com Hertford sempre que a rainha vira as costas.

Cecil entra na antecâmara, desfilando com seu cortejo e ignorando o vaivém de suplicantes tentando conquistar sua atenção. Seus olhos vagueiam, dando a impressão de que nada

escapa a ele, e algo em sua roupa de tecido adamascado, cortada de forma refinada, cuidadosamente bordada e com toques discretos e dispendiosos de ouro aqui e acolá — uma fivela, um anel, uma fileira de botões —, confere a ele um ar dissimulado. Desde o banimento de Dudley, Cecil assumiu o ar de um cão que marca, triunfante, seu território, traído pela discrição de seu traje.

Tiramos os olhos de nossos bordados para vê-lo passar, mas Cecil não olha para nós antes de chegar à extremidade da sala, quase na entrada dos aposentos particulares. Só então vira brevemente e com lentidão poussa o olhar sobre nós como se estivesse fazendo uma contagem antes de desaparecer porta afora. Quase dá para ver uma nuvem de fumaça atrás dele. Cecil é um dos poucos que a rainha recebe desde o escândalo com Dudley. Ninguém tem permissão para falar desse assunto, mas todos falam, especulando pelos cantos quem poderia estar por trás do assassinato. Em minha mente, não há dúvida de que se trata disso, embora o termo oficial seja “acidente”. Os homens de Cecil são deixados esperando do lado de fora, encostados nos lambris, admirando as mulheres na sala e falando em voz baixa. Um deles pisca para Lettice Knollys, que está sentada a meu lado.

“Quem é aquele?”, pergunta-lhe Juno, sussurrando.

“Ah, ele. Já trabalhou para meu pai.”

“E por que estava piscando para você?”, ela insiste.

Lettice, que tem uma impressionante semelhança física com a rainha, embora na minha opinião seja bem mais bonita, levanta uma só sobrancelha.

“Lettice Knollys...”, diz Juno.

“Na verdade, ele é uma boa fonte para fofocas.” Ela sorri, com

ar conspiratório. “Contou-me uma coisa sobre Mary da Escócia.” Lettice se inclina e todas as mulheres fazem o mesmo. “Ela disse que Elizabeth está para se casar com o cavaleiro que assassinou a própria mulher para abrir espaço para ela.”

“O quê, em público? A rainha está ciente de que Mary da Escócia disse isso?”, pergunta Frances Meautas.

“Se não estiver, estará em breve”, diz Juno.

“Ela vai se exasperar com tamanho insulto”, diz Frances.

“A rainha da Escócia só está dizendo aquilo que metade da corte pensa”, murmuro, mais alto do que me dou conta, pois Frances se vira em minha direção com o semblante mais amargo que folhas de dente-de-leão.

“Você pode pensar isso, Mary Grey, mas eu não.” Ela aponta para mim, fazendo um movimento de punhalada.

“Claro que não penso”, digo, asperamente. “Dudley não seria tão tolo a ponto de mandar matar a esposa, sabendo que as suspeitas recairiam sobre ele.”

Frances solta um suspiro alto, erguendo o nariz em direção ao teto. “É errado outra rainha dizer isso em público, mesmo que seja em tom de troça.”

Lizzie Mansfield, que é relativamente nova na corte e se ligou a Frances Meautas, lança-me um olhar que faria o inferno congelar. Faço questão de encará-la até que desvie os olhos. Estou aprendendo a me comportar neste lugar.

“Já cansei dessa história”, diz Frances. “Ninguém fala de outra coisa desde que aconteceu. Além disso, sem Dudley por perto este lugar fica muito sem graça. Você acha que vamos voltar a ter música ou dança algum dia?” Ela solta um suspiro dramático.

“Não se depender de Cecil”, diz Juno. “Acho que se ele vir

alguma coisa próxima de alguém se divertindo vem correndo estragar.” A frase provoca risos contidos.

“Dançar”, deixo escapar, embora não quisesse. Faz muito tempo que penso nisso, desde que aprendi alguns passos.

“*Você* preocupada em dançar?”, vomita Lizzie. “Mal consegue caminhar em linha reta.” Ela olha em torno, em busca do apoio de outras. Frances corresponde, e Lizzie troca um rápido aceno de cabeça com duas ou três outras.

Na mesma hora minha mão entra em ação, com a agulha presa entre o polegar e o indicador fazendo um contato agudo com a pele do pulso de Lizzie.

“Ai!” Ela solta um grito agudo, como o de um porco no abate, encolhendo a mão e levando o pulso à boca.

Frances suspira, indignada. “Não pode fazer isso!” Com o braço, ela protege Lizzie, que agora se entrega a um choro ofendido.

Minha cabeça fica rodando. Até eu fiquei chocada com o que acabei de fazer, pois em geral consigo manter um controle rígido sobre minha raiva. Deformada como sou, as pessoas esperam uma virtude redobrada de mim, como prova de que não sou criação do Diabo. Mas é como se um pequeno demônio tivesse tomado conta do meu coração, pois a dor de Lizzie me causa prazer, e vejo que Juno e Lettice são minhas aliadas, cobrindo o rosto com o bordado para esconder a risada.

“O que está acontecendo?”, pergunta a sra. St. Low, aproximando-se.

“Ela me picou com a agulha”, guincha Lizzie, apontando para mim.

“Foi sem querer”, informa Juno. “Não foi, Lettice?”

“Foi”, ela concorda.

“Lamento, querida Lizzie”, digo. “Eu me assustei quando um pedaço de lenha caiu na lareira e me sobressaltei.” Fico um tanto surpresa com a facilidade com que digo a mentira. Gosto mais do que deveria.

“Tente tomar mais cuidado”, diz a sra. St. Low.

“Mas...”, soluça Lizzie.

“Ela pediu desculpas, e ninguém nunca morreu de uma picadinha.”

Lettice tem um acesso de riso, que tenta disfarçar com um espirro.

“Saúde!”, diz Juno, apertando com força os lábios, para evitar rir também.

Tenho esperança de que isso ponha um fim ao assédio constante de Frances e Lizzie. De certa forma, é uma vitória para mim, e até sinto certo calor no peito. Vem-me à mente a ideia de que Jane ficaria horrorizada com o que acabei de fazer. Sinto sua desaprovação a me incomodar. Fico feliz que Peggy não tenha visto, porque posso imaginar o olhar em seu rosto. Ela não tem tanta raiva reprimida quanto eu.

No mês passado, Peggy deu à luz um menino. A rainha recusou meu pedido de visitá-la, mas escrevo cartas diariamente e dou graças ao Senhor por minha amiga ter sobrevivido ao parto, pois muitas não sobrevivem. Procuro a linha azul, desenrolo e corto, molhando a ponta com saliva para enfiá-la na agulha. O azul é para uma fileira de periquitinhos que Levina desenhou como borda de algumas cortinas da rainha. Lembro-me de Miosótis e fico pensando como é que minha vida se tornou parecida com a dele, ciscando de um lado para o outro numa gaiola dourada, repetindo o final das frases dos outros, então tenho outro acesso de raiva.

Levina vem sentar-se a meu lado, esgueirando-se pelo banco de madeira para se afastar das outras e puxando-me para junto dela. No meu colo, desenrola um desenho novo — mais aves exóticas para a cama da rainha. “São lindas”, digo. E são mesmo, voando por todo o papel em sua plumagem brilhante. Encosto a cabeça na parede e fecho os olhos por um instante, desfrutando da escuridão. Adoraria ir morar em Ludgate, com Levina e o marido, mas minha irmã e eu não podemos nem espirrar sem a autorização da rainha, e nos últimos dias ela tem nos mantido desconfortavelmente perto.

“Onde está Katherine?”, pergunta Levina, baixinho.

“Com Hertford, suponho.”

“Isso me preocupa. Se a rainha ouvir falar disso — ou, pior, se Katherine pegar criança...”

“Eu sei. Também me preocupo com isso.” Subitamente, sinto-me muito cansada — cansada de ver as pessoas próximas a mim sendo perseguidas pelo perigo. “Quem me dera Kitty pudesse...” Estaco, sem saber direito o que dizer.

“O quê?”

“Ser ela mesma.”

A porta dos aposentos particulares se abre e Cecil reaparece, fazendo os suplicantes se agitarem de novo e reunindo em torno de si seu cortejo. Ele fala em voz baixa. Katherine entra correndo no quarto, sem fôlego, com Eco nos braços e dois de seus outros cães trotando atrás deles. Está toda desgrenhada, com a touca caindo, o cabelo aparecendo e o cenho franzido de preocupação.

“Lady Katherine”, diz Cecil, virando-se na direção dela. “Por onde andou?” Por trás de sua voz firme há um tom de ameaça que me faz sentir um leve aperto por dentro.

Katherine respira, como se estivesse se recompondo, e, procurando ficar o mais ereta possível, diz: “Tive alguns problemas com meu macaquinho de estimação, milorde. Hércules mordeu um dos pajens, tirando sangue. Fui resolver isso”. Ela dá um sorriso que deixa o homem desarmado e então abraça Eco apertado. Foi dela, então, que puxei meu talento para mentir — é claro, Katherine é especialista nessa arte.

Cecil faz um aceno lento, que nada revela, e depois vai embora, sumindo como uma sombra, com seu cortejo atrás.

Katherine se joga no banco ao nosso lado, soltando um suspiro. Coloca Eco no colo e sussurra: “Não é o que vocês estão pensando”.

“O que aconteceu, querida?”, pergunta Levina, inclinando-se por cima de mim para pegar sua mão.

“Hertford desapareceu.” Só agora percebo que ela vem tentando reprimir o choro. “Tínhamos marcado um encontro no portão do rio e ele não foi.”

“Tenho certeza de que deve haver uma explicação simples para isso”, diz Levina.

“Há, sim.” Noto um lampejo de raiva atravessá-la. “Vi Harry Herbert na grande galeria. Ele me disse que Cecil advertiu Hertford para se afastar de mim.”

“Harry Herbert? Deve ser maldade dele. Será que não está com ciúme?”

“Não sei.” Ela enterra o rosto nas mãos em concha.

Com o canto do olho, percebo que Frances Meautas puxa alguma coisa do vestido; é uma carta. “Se está à procura de Hertford”, diz ela com um sorriso maroto, “ele foi para sua casa em Canon Row.”

“Como é que *você* pode saber?”, corta Katherine.

“Ele me enviou isto.” Com uma expressão de triunfo, ela entrega o papel dobrado.

Katherine pega-o e abre-o, ansiosa. “Um poema! *Ele* enviou um poema *a você?*” Ela não consegue esconder o nó em sua voz e segura longe do corpo, entre o polegar e o indicador, o pedaço de papel que a desagrada. Consigo ler o título: “O extenso amor que reina em meu pensamento”. É de Wyatt, que atualmente está bastante em voga.

Frances toma o papel de volta, dobrando-o cuidadosamente e enfiando-o de novo no decote. Faz isso olhando diretamente para Katherine, e me pergunto como é possível que Hertford possa querer enviar um poema a uma moça que é atraente como um nabo. Se fosse Lettice, eu entenderia, mas Frances Meautas não tem encanto ou doçura. Juno chega mais perto de nós, ficando de pé entre Katherine e Frances, que se vira para Lizzie Mansfield e sussurra algo em seu ouvido, despertando risadinhas. Ainda bem que usei a agulha. Usaria de novo com toda a alegria.

“Você sabia disso?”, pergunta Levina a Juno.

“É claro que não”, sussurra ela. “Faz alguns dias que não vejo meu irmão. Teria contado se soubesse.” Ela parece tão incomodada quanto Katherine. “Vamos, Kitty. Vamos para meus aposentos. Está escuro demais para bordar.” Ela estende a mão, Katherine a toma e as duas saem juntas, em silêncio.

Encontro-as mais tarde, nos aposentos de Juno. Katherine sucumbiu às lágrimas, a julgar pela vermelhidão de seus olhos. Mas parece ter se recomposto, e as duas estão jogando baralho na cama, usando pedrinhas como fichas.

“Juno me contou que você picou Lizzie Mansfield com uma

agulha.” É a primeira coisa que minha irmã diz, olhando-me de cima. “Parabéns, Ratinha! Ela estava fazendo por merecer.”

Mas não quero pensar na minha cólera e no quanto me satisfez exprimi-la daquela maneira.

“Quer jogar, Mary?”, pergunta Juno. “Fica bem melhor a três.”

Mergulhamos no jogo, virando cartas e deitando as fichas em silêncio. O tempo todo fico pensando nas ocasiões em que ajudei Katherine com seu coração partido. Imagino por que o amor deixa as pessoas tão tolas. Suponho que pelo menos disso fui poupada. Lembro-me dos círculos de Platão, divididos ao meio, em busca da outra parte, e me pego conjecturando de novo se metade de mim está por aí, mas reprimo a ideia, que não leva a lugar algum.

“Você devia escrever para ele”, diz Juno, e eu suponho que esteja se referindo a Hertford. “Diga que vai perdê-la. Não acredito nem de longe que goste de Frances Meautas.”

“Mas o que devo dizer?”

Juno escorrega da cama e começa a procurar algo numa pilha de bugigangas sobre a mesa, encontrando pena, papel e tinta, colocando à frente de Katherine e sugerindo: “Diga o que pensa dele”.

Katherine esquece o jogo e começa a carta, lendo as frases em voz alta à medida que escreve: *Você não é quem eu pensava. Quando você vier a se arrepender de seus atos, já estará esquecido. Meu amor morreu. Não se inquiete sobre meu futuro, pois há mais homens decentes interessados em minha mão do que você jamais poderia imaginar. Há um casamento ilustre à vista para sua doce Kitty...*

“Você não acha que está exagerando?”, digo. “Não é melhor ficar em silêncio?”

“Ratinha, você não entende dessas coisas. Sei o que faz a

atenção de um homem voltar para uma mulher. Um pouco de ciúme não vai lhe fazer mal.”

Uma batida na porta revela Lettice Knollys. “Você não vai acreditar em quem voltou”, diz ela, mal conseguindo conter a empolgação. “Dudley!”

“Graças a Deus”, diz Juno. “Talvez agora tenhamos alguma diversão.”

“Ele já está fazendo os preparativos para três dias de banquete e um torneio.”

Juno dá um grito de contentamento e bate palmas.

“E...”, acrescenta Lettice, “ela está pensando em torná-lo conde.”

“Acha que pretende enobrecê-lo para poder se casar com ele?”, pergunta Juno.

“Parece difícil acreditar, considerando o escândalo”, digo. “Mas nunca se pode ter certeza das intenções dela.”

“É verdade”, responde Lettice. “Você tinha que ver a cara de Cecil. Parecia que tinha chupado limão.” Ela dá um cutucão em Katherine, que ainda está escrevendo sua carta.

“Ela joga esses dois homens um contra o outro com uma facilidade incrível”, digo.

“Ah, e eu coloquei um sapo na cama de Frances Meautas”, diz Lettice, o que faz Juno puxar uma rodada de aplausos.

“Coitado do sapo”, diz Katherine.

Novembro de 1560, Westminster

Levina

Parece que o céu está explodindo. Levina está na porta do ateliê, assistindo aos fogos de artifício pipocando em cascatas

douradas, no aniversário da ascensão da rainha ao trono. Ela se arrisca a se afastar um pouco mais, na direção do rio, de onde pode discernir claramente a flotilha de barcas aprumadas na água de cor metálica. A cada estouro ou chafariz de luz, a multidão grita maravilhada, com o pescoço esticado enquanto as faíscas posteriores caem em silêncio. Levina observa a forma como o brilho roça a beirada das coisas, inundando-as momentaneamente de luz na escuridão. Se tivesse que pintar uma cena do inferno, seria aquela sua paleta de cores. Na sua cabeça, forma-se uma imagem do inferno de Bosch, que ela viu muito tempo atrás. Nela, não havia beleza, apenas distorções grotescas, medo e sofrimento perpétuo.

Levina pensa nas moças que estão lá embaixo, no coração do inferno, na barca da rainha, e conjectura até que ponto pode realmente protegê-las, como prometeu no leito de morte de sua mãe. Ela se surpreende com a clareza com que se recorda de Frances, e o sentimento que vem com essa memória traz consigo uma ligeira pontada no coração e a ameaça de lágrimas. Frances a alertara a respeito de Elizabeth, mas Levina nem precisava disso, pois conhecia bem aquela mulher. A rainha anda feliz, agora que livraram Dudley de qualquer suspeita — pelo menos publicamente. Ele voltou a pavonear-se como antes, gozando de seus favores. Porém, nunca vai se livrar da sombra da suspeita; está grudada nele como a têmpera de ovo adere às paredes das igrejas antigas. Mas o humor de Elizabeth pode mudar de uma hora para outra — nisso ela puxou verdadeiramente ao pai.

Levina retorna ao ateliê, onde um exército de artistas vem pintando durante o dia o cenário para um enorme baile de máscaras. Ao tirar a tocha do candeeiro, ela percebe a imensa

silhueta de Keyes, o sargento-porteiro, com seu mais de metro e oitenta de altura, do outro lado do jardim, verificando se as portas estão trancadas. Ela acena para ele, avisando que vai recolher seus pertences antes de sair.

“Não se demore, posso prendê-la por engano”, brinca o homem.

“Como anda sua esposa?”, pergunta ela, recordando-se de que a sra. Keyes não estava bem.

“Vai melhorar, tenho certeza.”

Ela percebe que seus ombros se curvam um pouco ao dizer isso.

“Estou certa de que vai”, repete, enquanto o homem vai embora para dar prosseguimento à sua ronda.

Levina entra no ateliê, segurando a tocha para inspecionar as imagens. É uma cena de florestas, com árvores engalanadas e veados indolentes, um centauro aqui e acolá à espreita atrás da vegetação. As criadas dos quartos usarão fantasias de ninfas e dríades, que foram acertadas naquela tarde pelas costureiras, com a boca cheia de alfinetes, apertando cinturas, dando pontos, erguendo bainhas, enquanto as moças ensaiavam suas falas.

Ela ouve um ruído em meio à treva profunda — uma respiração pesada, como se alguém estivesse escondido no escuro — e sente um arrepio na pele e um peso no estômago. Tenta encostar na parede, em busca de uma solidez que a tranquilize, mas o que encontra é um pedaço falso do cenário, que balança ao ser tocado. Sua respiração está alta e agitada. Recomponha-se, diz para si mesma, esticando o braço com a tocha para lançar luz na escuridão. A porta se fecha batendo atrás dela, e Levina se sobressalta. Seria Keyes, achando que ela já foi embora? Ela ouve o som da tranca sendo passada e

pretende gritar que está ali, mas nesse instante, sente um leve toque no ombro.

Engasgada, Levina vira, brandindo a tocha, pronta para usá-la como arma. Só então vê a confusão de cachos negros do jovem Hilliard. Ele é filho de um ourives, amigo de Foxe. Voltou recentemente do exílio em Genebra e tem ajudado a pintar cenários.

“Você!”, diz ela.

“Sra. Teerlinc, perdão se a assustei.”

Ele só podia ter a intenção de assustá-la, Levina pensa, se fechou a porta sem avisá-la de que estava ali. Ela se desvencilha dele para correr até a porta, aliviada por encontrá-la destrancada, então a abre totalmente.

“O que está fazendo?”

“Caí no sono.”

“Dormindo aqui você vai acabar pegando uma doença e morrer. Não trouxe nem um cobertor.” Talvez ele esteja dizendo a verdade. Ela pode ter perturbado o sono dele e o vento quiçá tenha feito a porta bater. Mas no sorriso dele há alguma coisa que a incomoda. Talvez o Hilliard goste de assustar as pessoas — alguns são assim.

“Eu sei”, responde ele. “Mas me deixei levar...” A luz recai sobre uma área da pintura atrás dele. Levina se aproxima para examiná-la melhor. É um grupo de sátiros em uma conversa animada. Os detalhes são espantosos. Cada rosto tem suas próprias características, que as aproximam de um membro do conselho privado. Ali se encontra Arundel, em tamanho natural, as mãos nos quadris, barrigudo, em pose de discurso; e também Cecil, suave, com pelagem escura, chifres recurvos e brilhantes, malícia no olhar, segurando o bastão branco de seu ofício como

se fosse uma arma.

“Este trabalho está excelente, Nicholas”, diz Levina, chegando mais perto para ver os detalhes e recriminando-se por dentro por ter se deixado levar pela imaginação. É só um menino com paixão pela pintura. Foi isso que o fez ficar depois que todos os demais partiram. “Quantos anos você tem?” Ela toca as costas da mão dele. Estão geladas.

“Catorze.”

“Bem, você tem um talento raro para alguém tão jovem. Não vou permitir que corra o risco de desperdiçar esse talento pegando friagem. Junte suas coisas e venha comigo a Ludgate. Onde reside?” Ela se sente tola por ter sentido tanto medo.

“Sou pajem na casa dos Bodley, sra. Teerlinc, em Cheapside.”

“E Richard Bodley permite que ofereça à rainha seu talento de pintor?”

“Ele diz que para ele é uma satisfação servir Sua Majestade, de qualquer modo que seja.”

“Bem, Cheapside fica perto de Ludgate, do outro lado da catedral. Vou mandar meu serviçal acompanhá-lo até sua casa. O sr. Bodley deve estar sentindo sua falta a esta hora.”

Quando eles estão saindo, Levina percebe que as festividades passaram para dentro do palácio. Keyes acena dos degraus, desejando-lhes uma jornada segura, e o som da música vai enfraquecendo à medida que seguem rumo ao leste e seus olhos vão se ajustando à escuridão. Há um fluxo de pessoas voltando para casa, vindas da beira do rio, onde estavam reunidas para assistir aos fogos. Algumas carregam tochas, jogando manchas ocasionais de luz amarelada na escuridão. Levina começa a sentir as horas de trabalho ininterruptas e, ao pensar na própria cama, sente vontade de acelerar o passo, mas os cavalos têm de

achar o caminho cuidadosamente em meio aos caminantes, pois entre suas patas crianças e cães correm sem noção do risco.

De tempos em tempos o cavaleiro grita: “Olá! Cuidado com as costas.” Nicholas está montado atrás dele, na garupa, agarrado à sua bolsa de couro de material de pintura como se fosse a coisa mais preciosa que possui — e provavelmente é. Levina se lembra de sua primeira bolsa, que seu pai lhe dera; ela não devia ter mais que doze anos. Sua irmã Gerte a importunava por dormir com ela, para acordar no meio da noite, enfiar o nariz nela e sentir o cheiro maravilhoso dos pigmentos esmagados e o odor forte da goma-arábica. Esses odores ainda a fazem lembrar o pai, e a memória desperta nela uma onda de saudade, mesmo depois de tantos anos.

“Sra. Teerlinc?”, chama o menino, timidamente.

“O que foi, Nicholas?” Parece que ele está preocupado com alguma coisa; talvez esteja imaginando a ira de Richard Bodley com seu atraso.

“Eu estava pensando...” Ele faz uma pausa. “Esqueça.”

“Pode falar.” A curiosidade de Levina foi despertada.

“Eu queria... A senhora poderia cogitar me ensinar a arte do retrato? Acho que me atrai fazer impressões em miniatura.” Agora que ele começou, parece não conseguir parar. “Meu pai quer que eu trabalhe com ouro, como ele. Em breve farão de mim aprendiz do ourives da rainha, e embora goste de trabalhar com metal, tenha olho para montagens e seja um bom negócio, tenho muito interesse em ser retratista, ainda que não deseje desafiar meus pais.” Ele engole em seco.

“E o que o atrai tanto nisso?”, pergunta Levina.

“É o mais próximo que imagino de conseguir enxergar a alma dos homens.”

“Vou escrever ao seu pai.” Levina está pensando naqueles sátiros, a forma como ele infundiu tanta personalidade neles, a delicadeza das pinceladas. Sente certa empolgação com a ideia de passar adiante suas habilidades, como seu pai fizera com ela. O menino lhe parece muito promissor. “Certamente você leva jeito para isso. Talvez possamos fazer algum tipo de acordo com seu pai e o sr. Bodley.” Ela pensa enquanto fala; ele poderia ajudá-la a preparar as telas para a pintura, passar goma no velino, pintar os tons de escarlate, até preencher os detalhes menores das roupas. Por dentro, ri por ter sentido tanto medo mais cedo — o menino não representa ameaça alguma, mas ela tinha se transformado em uma pessoa desconfiada.

Além disso, sente falta de Marcus, agora que se estabeleceu em Roma. Em sua carta mais recente, ele anunciava a intenção de se casar com uma moça de lá. Fazia inúmeras menções a ela, “Letitzia” para lá e “Letitzia” para cá, e Levina sentiu a emoção que as mães sentem quando têm de deixar os filhos partirem e os entregam a outra mulher — no caso, uma estrangeira. É uma espécie de ciúme. Ela sempre imaginou que ele voltaria para casa e se casaria com uma das filhas das famílias que agora não param de voltar do exílio. Chegou a discutir com George a possibilidade de mandar Marcus voltar, forçando-o a romper com a tal Letitzia. Mas nenhum dos dois teve coragem.

“Serei seu eterno devedor”, diz Nicholas, olhando encabulado para ela, mas sem coragem de encará-la. Constrangido, provavelmente, supõe ela, pelo favor que pediu.

“Por enquanto não posso lhe prometer nada. Seu pai tem de estar de acordo.” Levina se vê na esperança de que o homem mostre boa vontade, e já começa a imaginar as coisas que vai ensinar a Nicholas, no lugar onde dormirá em Ludgate. Num

lampejo de divagação, pensa em Katherine e Mary morando com eles também — como uma família. Põe de lado a ideia, ciente do quanto é improvável. Mas em sua cabeça permanece a preocupação com as moças, a dificuldade da pobre Mary de se acostumar com a corte e com a perversidade da maioria das mulheres ali. E Katherine — os rumores sobre a Espanha são cada vez mais fortes. Ela não consegue afastar do pensamento o antigo plano de sequestrar a moça para tirá-la do país e entregá-la nos braços de um príncipe espanhol. Imagina se voltaram a acalentar a ideia, agora que o ruído das espadas dos franceses voltou. Além disso, ainda há Hertford, mordendo e assoprando. A pobre menina está em meio a tanta confusão.

Agora a multidão se dispersou, permitindo que eles aumentem o ritmo até se encontrar dentro dos muros da cidade. As ruas ficam tão estreitas e sinuosas que os obrigam a reduzir o trote. Em pouco tempo, eles chegam à residência de Ludgate e Levina pede ao cavaliário que leve Nicholas de volta a Cheapside. Há um brilho fraco de luz de vela do outro lado da janela, e ela torce para que George esteja ali, não apenas a criada fazendo a limpeza antes de dormir. Tenta se lembrar dos seus horários de guarda, para saber se está na ronda noturna esta semana. Depois de desmontar, leva o cavalo por baixo do arco até o estábulo nos fundos, então ouve George chamá-la.

“É você, Vina?”

“Sim.” Ela vai conversar com o marido sobre o menino, cujo pai ele conhece bem. Em horas como essa se dá conta da sorte que teve no casamento. Enquanto a maioria das mulheres mal consegue aguentar o marido depois de tantos anos, Levina gosta mais dele hoje do que quando era moça. Repentinamente, a tristeza a atinge, ao pensar em todo o tempo que passaram

distantes; ela na corte, em busca de encomendas, nunca presente quando ele chegava em casa. Não admira que George ande tão distante. Mas ela vai se redimir.

Novembro de 1560, Whitehall

Katherine

“Ele chegou”, diz Juno, pressionando o nariz contra a janela. Ela bate no vidro e acena. Ouvimos a porta fechar lá embaixo.

“Não sei se é uma boa ideia”, digo.

“E desde quando você se preocupa com isso? Até onde sei, adora uma confusão, e gosto de você ainda mais por causa disso. Encontre-o apenas desta vez, nem que seja por ser meu irmão querido.”

Juno sabe tanto quanto eu que me é impossível negar esta visita, e ao ouvir os passos subindo a escada meu peito se aperta, deixando-me sem fôlego. Eu me pergunto por um instante onde anda a velha Katherine: aquela que pulou de uma pedra alta nas águas do rio, excitada pelo perigo; aquela que faz todos comerem na palma de sua mão; que nunca se sentiu insegura na frente de um rapaz. A porta se abre com um leve rangido. Fico mole só de vê-lo. Nas mãos, segura uma espécie de pacote, e o receio perpassa seu rosto. Em saudação, meus cães o cercam, mas seguro Stan com força em meus braços, como um aliado, embora se contorça e choramingue — eles gostam tanto de Hertford quanto eu, aparentemente.

“Ned!”, grita Juno, correndo para abraçá-lo. Ele me olha por cima do ombro dela, com um ar irresistível de cachorrinho abandonado, testa enrugada e olhos de vira-lata.

“Lord Hertford”, digo, tentando me conter, sem entregar a

tempestade que se abate sobre mim. Uma força enorme me atrai para ele, e temo não conseguir resistir. “Que surpresa.”

De dentro de sua capa, ele tira uma maçã verde e, abrindo sua faca de bolso, corta uma fatia, que entrega a Hércules, preso no parapeito da janela.

“Comida para o mico, irmão”, diz Juno. “E para nós, trouxe alguma coisa?” Ela aponta para o pacote nas mãos dele. “Tem doce aí dentro?”

“Não, doce não”, responde ele, ajoelhando-se e abrindo o pacote enquanto observamos, intrigadas. Hertford tira o que parece ser um punhado de costeletas de carneiro, e Stan, ao farejá-las, se debate para sair do meu controle e juntar-se à confusão em seu entorno. Ele faz todos os cães se sentarem primeiro, então cada um realizar um truque, rolando, oferecendo a pata, implorando por comida. Fico tocada por ele lembrar qual é o melhor truque de cada um deles, e assistir à cena me deixa toda derretida.

Depois que os cães se esparramaram pelos cantos da sala para mastigar seus ossos, Hertford, ainda de joelhos, ergue para mim os olhos desejosos. “Pelo amor de Deus, levante-se do chão”, digo, fingindo severidade.

“Kitty”, ele suspira, “achei que a tivesse perdido.”

“E quem disse que não perdeu?” Eu me afasto dele, indo em direção à lareira, contente por recuperar um pouco do meu antigo eu. Juno está sentada, massageando os próprios braços. Desde que pegou a gripe, ficou particularmente sensível ao frio, e adoece com facilidade. Pego uma das peles e cubro-a com ela, então atijo o fogo até ficar bem aceso. Juno estica o braço para pegar minha mão e ficamos olhando as chamas em silêncio por algum tempo.

“Talvez”, ela diz ao irmão, apertando meus dedos num gesto de solidariedade, “você pudesse explicar seu comportamento. Por que você foi embora de Hampton Court sem dizer uma palavra?”

Ainda não consigo olhar na direção dele, mas sinto seus olhos em mim.

“Foi Cecil”, diz Hertford. “Ele disse algumas coisas.” Eu me viro e o encaro.

“Coisas?”

“Ele me colocou contra a parede nos estábulos e ficou estalando as juntas, enquanto um de seus homens me segurava pela garganta. Disse que, se eu não abandonasse você, cuidaria para que algum acidente ocorresse comigo. Mandou que eu ficasse longe da corte. Afirmou que era a vontade da rainha. Não tive escolha, Kitty, uma vez que foi ela quem me banuiu.”

“Isso não são *coisas*”, diz Juno. “É uma ameaça pura e simples. Eu achava que Cecil estivesse do lado de Kitty.”

“Ele faz o que a rainha lhe pede”, digo. “Não eu.”

“Cecil está do lado de Cecil antes e acima de tudo”, concorda ela.

Hertford estende as mãos para que eu as pegue. Vacilo, tomada pela sensação de que, se tocá-lo agora, se sentir sua pele contra a minha, não haverá volta. Por isso, continuo a segurar Juno e estendo a mão livre apenas para tocar de leve sua manga. “Você está tremendo”, murmuro.

“Então a rainha ordenou que você deixasse a corte. Não é perigoso voltar agora?”, pergunta Juno.

“Eu *tive* de vir. Pensei que ia perdê-la, Kitty. Sua carta...” Ele tropeça nas próprias palavras. “Você parecia destinada a um casamento espanhol. Eu não teria suportado.”

Sinto meu coração se entregando, depois recordo. “E Frances Meautas?” Ao dizer o nome dela, vem-me a imagem da moça brandindo aquele poema, como se fosse um troféu conquistado no campo de batalha.

“Isso. E quanto a Frances Meautas?”, repete Juno.

“Não sei.” Ele se joga no banco ao lado da irmã, deixando-me de pé e sem saber onde ficar. Tocando a mão de Juno, Hertford diz: “Você está fria”, e começa a esfregá-las entre as suas. Esse gesto carinhoso me comove.

“Você não se explicou”, diz ela.

“Tentei convencer Cecil de que tinha desistido de você”, responde ele. “E sabia que Frances Meautas não ia ficar de boca calada, que em poucas horas todo o palácio estaria comentando.”

“Nisso você tem razão”, digo, sem saber se devo acreditar nele. “Mas Frances Meautas!”

“Achei que você ia saber, Kitty”, diz ele, “que eu nunca faria a corte a uma garota como aquela. Pensei que fosse imaginar que havia algo por trás.”

“Seria melhor escrever um bilhete”, diz Juno, com dureza na voz. “Cecil aterrorizou você tanto assim?”, pergunta ela, agora num tom mais suave. O irmão assente com um gesto lento, então ouvimos a porta do andar de baixo sendo aberta e fechada. Nós nos entreolhamos. “É Glynne ou o merceeiro”, sussurra ela. “Talvez o criado com mais lenha. É melhor se esconder, Ned. Fique atrás das cortinas.” Ele se esconde no momento exato em que a porta é aberta. É Lettice Knollys.

“Achei que ia encontrá-las aqui”, diz ela. “Vocês perderam toda a diversão.”

“Que diversão?”, pergunto.

“Uma briga. Entre os homens de Pembroke e os de Dudley.”

“Alguém se feriu?”, pergunta Juno.

“Um monte de olhos roxos e um pouco de sangue escorrendo do nariz; nada sério, mas a rainha está irada, porque os criados de Cecil se recusaram a tirar o bonete outro dia quando Dudley passou.” Claramente Lettice está adorando a fofoca. “Ela berrou com Cecil e, embora a porta estivesse fechada, deu para ouvir palavra por palavra. Mandou que entrasse na linha e dedicasse a Dudley o respeito que merece. Era possível escutar um alfinete caindo no chão nos aposentos particulares.”

Com o canto do olho, percebo que Stim está farejando as cortinas onde Hertford está escondido. Assovio para que volte, mas ele se recusa, teimosamente.

“Bom. Deixa para lá”, prossegue Lettice. “Sentiram a falta de vocês e mandaram que viesse buscá-las. É melhor pensarem numa boa desculpa.” Ela faz um gesto de pescoço sendo cortado. “Astley está de bom humor.”

“Diga a ela que fui pega desprevenida por coisas de mulher e que Juno estava me ajudando a trocar de roupa. Estaremos lá num instante.”

“Não demorem, ou também vou estar encrocada.” Ela sai.

Da janela, vejo-a caminhar jardim afora e entrar pela porta que leva aos apartamentos da rainha; só então vou ao lugar onde Hertford está escondido. Puxo a cortina e digo: “Ela se foi”.

Ele pega meu pulso e, antes que eu me dê conta do que está fazendo, descubro que tenho um anel com um diamante pontudo no dedo. “O que é isso?”

“Com este anel eu me comprometo com você, Kitty. Juno, pode servir de testemunha?” Ele olha para a irmã, que sorri como se estivessem pedindo sua própria mão.

“Oh, Ned”, diz ela. “Mas e Cecil?”

“Eu mesmo falarei com ele, se for preciso.” Apesar das palavras, noto uma ponta de dúvida, mas finjo não ter percebido. “Ele quer ainda menos que eu que Kitty se case com um espanhol.”

“E se eu não aceitar?”, pergunto.

“Então serei o homem mais triste do mundo.”

Mal consigo olhar para a cara de desamparo que ele faz.

“É claro que aceito.”

Por fim permito que me envolva em seus braços e, fechando os olhos, aninho meu nariz em seu pescoço para sentir seu cheiro. Ocorre-me que isso poderia trancafiar nós dois na Torre de Londres, e me vejo de novo sobre o rio, atirando-me no ar, plena de emoções.

“Assim que você descobrir um jeito de abandonar a corte, venha me encontrar em Canon Row. É lá que vamos nos casar. Juno vai me avisar.”

“E a rainha?”, pergunto.

“Ela vai aceitar; aliás, Kitty, você goza dos favores dela atualmente. Como Dudley voltou, seu humor deve estar melhor. Com a ascensão dele, quem perde é Cecil. Você ouviu o que Lettice afirmou; ele caiu em desgraça.” Agora Hertford parece todo confiante, como se suas dúvidas tivessem desaparecido inteiramente.

“Sim”, diz Juno, “e você é a prima mais próxima da rainha.”

“Não diga isso”, solto de maneira áspera, pensando repentinamente em minha irmã Jane.

“Temos de ir, antes que comecem a procurar por nós.” Juno se vira em seguida para o irmão, dizendo: “Você consegue sair sem ser notado?”.

“Partam”, diz ele, pressionando seus lábios rapidamente contra

os meus, o que me faz flutuar novamente. “Hei de protegê-la, Kitty”, sussurra. “Não vou deixar lhe fazerem mal algum.” Em seguida, quando começo a me separar dele, Hertford me puxa de volta, tomando o anel de meu dedo. “É melhor não expor isto aqui.” Ele tira uma corrente que estava usando e, colocando o anel nela, prende-a ao meu pescoço, depois me ajuda a escondê-la sob o corpete. Sua mão se demora por um instante em meu peito e seus olhos encontram os meus, do jeito semicerrado que faz nascer um calor dentro de mim.

“Vamos”, diz Juno, puxando-me pela mão. “Boa viagem, Ned, darei notícias em Canon Row quando chegar a hora.”

Enquanto eu e Juno corremos em direção aos aposentos da rainha, uma sensação de calma recai sobre mim, como se tudo estivesse entrando nos eixos. Preferiria arriscar tudo me casando com Hertford a vê-lo com outra. Além disso, as coisas às vezes se resolvem sozinhas, e Elizabeth pode até gostar de seus joguinhos de poder, mas não é sedenta de sangue como a irmã — até hoje não ordenou uma única execução.

“Não conte isso a Mary”, diz Juno.

“Mas por quê? Confio na minha irmã.”

“Pode colocá-la em perigo.”

“Acho que tem razão.” O segredo me causa uma agitação, como se eu estivesse carregando uma bolsa de salitre e precisasse tomar o maior cuidado para não passar perto demais de uma chama.

Nós nos esgueiramos nos aposentos particulares, escusando-nos. A sra. St. Low cisca à nossa volta, perguntando se preciso de alguma coisa. Dou continuidade à farsa, oferecendo um sorriso agradecido, mas apropriadamente abatido, e ponho a mão sobre o ventre. Vejo que Frances Meautas e Lizzie Mansfield estão

cochichando em um canto, como se fossem ladrões, lançando olhares em minha direção. Sorrio para elas e aceno, levando meus dedos à corrente em torno do pescoço, a prova física do meu segredo. Frances parece desconcertada com minha amabilidade, respondendo com um sorriso amarelo e uma expressão de perplexidade. Fico pensando se ainda está com o poema escondido no decote, e se ainda espera outro do homem que vai se tornar *meu* marido.

Sento ao lado de Mary, que está sozinha à janela, lendo. A rainha, que está sentada na parte mais quente do quarto, ouvindo Lady Knollys recitar poemas, ergue os olhos e nos saúda com um sorriso.

Ela dá um tapinha no assento ao seu lado, dizendo: “Venham se sentar conosco, moças. Lady Knollys está lendo poemas de Wyatt. Gosto deles em especial”.

Eu me acomodo no assento e Mary pega uma almofada a meus pés. Sinto a tensão no maxilar retesado de minha irmã; nenhuma de nós está acostumada ao tratamento amigável da rainha, e eu me recordo de que devo tomar cuidado com o que digo.

“Todas aqui somos primas, não é?”, diz ela, com uma animação pouco característica.

“Isso é verdade”, diz Lady Knollys.

“Minhas primas Bolena e minhas primas Tudor”, continua Elizabeth.

Se os rumores forem verdadeiros, todas somos Tudor, pois dizem que Mary Bolena foi amante de Henrique VIII antes de ele trocá-la pela irmã dela, Ana, e que Lady Knollys seria filha dele. Mesmo que eu não soubesse de nada disso, é verdade que ela e Lettice se parecem fisicamente com os Tudor.

“Chame Lettice”, exclama a rainha. “Queremos nos cercar de nossos parentes mais próximos.”

Lady Knollys olha para a filha, que se destaca do grupo de mulheres costurando a um canto, inclina-se em reverência e se instala ao lado de Mary.

“Ah, sim, família”, suspira a rainha. “Mandaremos a sra. Teerlinc pintar um conjunto de retratos para nós antes que a senhorita nos deixe para se casar com Devereux, Lettice.”

“Você vai se casar?”, sussurro, sentindo uma onda de empolgação. Se a rainha deu permissão a Lettice, é um sinal de que sua aversão ao matrimônio de suas damas de companhia deve estar passando. Então também há esperança para mim.

“Tive notícias recentes de outro complô”, diz a rainha. “Agora parece que Huntingdon gostaria de se ver no meu trono. Parece que um respingo de sangue Plantageneta é suficiente. Sempre haverá *alguém* querendo tomar meu lugar. Vejam, moças, como nossa família precisa continuar unida.” Ela então se vira para Lady Knollys, calma como um lago, como se não houvesse conspirações, disputas, luvas envenenadas ou quaisquer receios, dizendo: “Você ainda não terminou de ler o poema”.

“Recomeço?”, a outra pergunta, erguendo o livro encadernado com veludo bordado, desgastado aqui e ali pelos dedos que já o seguraram.

“Não, só o final. É a parte de que gosto mais.”

Lady Knollys começa a recitar numa voz cristalina como água:

*E a frase em diamante gravada,
Em torno da bela nuca escrita:
Noli me tangere — a César dada,
Tenho o ar manso, mas sou indomada.*

Há um momento de silêncio antes de a rainha falar. “Isso foi escrito para minha mãe. Wyatt a amou antes de meu pai se casar com ela.”

“É bonito mesmo”, digo.

“Por causa de seu amor, ele foi parar na Torre. Sabia disso?” A pergunta parece dirigida a mim, pois Elizabeth me encara com seus olhos escuros, mas ela não espera que eu responda, pois continua de imediato. “Ele escapou da execução, ao contrário de outros.” Há uma tristeza inegável em sua voz. “Todos perdemos algum ente próximo.”

Fico pensando se seria uma tentativa de criar um elo comigo e Mary, para nos trazer verdadeiramente de volta a seu grupo, pois todas perdemos algum parente para o machado. Eu me permito imaginar que podemos ser perdoadas pelo acidente de ter sangue Tudor, o que pode até ser visto como uma sorte, e surge em mim outra chama de esperança em relação ao casamento. Mais uma vez toco a corrente no pescoço, para me lembrar do anel escondido em contato com minha pele, sentindo a lembrança do calor da mão de Hertford ao tocá-la.

“Que período terrível deve ter sido.” Quem diz isso é Mary, e mais uma vez me dou conta de que ela sempre parece estar preocupada com o sentimento alheio, enquanto sempre penso em mim antes de tudo.

“Sim”, responde a rainha. “Mas não tenho recordação disso. Eu era muito pequena na época.” Só agora me dou conta de que está usando a primeira pessoa do singular, e não do plural — outro sinal, tenho certeza, de seu desejo de demonstrar intimidade.

“Ainda assim”, diz Mary, “uma perda grande como essa deixa

uma cicatriz mesmo nos mais jovens.”

“Que idade você tem agora, Mary?”, pergunta a rainha.

“Quinze.”

“Tem ideias profundas para alguém tão jovem.” Ela estica a mão para passá-la nos ombros tortos de Mary. É um raro gesto de carinho, e eu sou a única que percebe minha irmã se encolher ligeiramente. Ela continua a odiar ser tocada. “Pode ser que ninguém jamais queira se casar com você, Mary”, prossegue a rainha. “Os homens não gostam de mulheres com pensamentos muito profundos.” Elizabeth parece se divertir, ignorando completamente a própria crueldade, e preciso me conter para não sair em defesa de minha irmã.

Mas Mary não precisa de ajuda, pois responde: “Uma mulher inteligente sabe parecer superficial”.

Tanto a rainha quanto Lady Knollys explodem em gargalhadas. Não estão rindo *dela*, está claro — estão impressionadas. Troco olhares com Lettice, cheia de orgulho da minha irmãzinha.

“Profundidade e bom senso”, diz Lady Knollys, quando consegue parar de rir.

“Se não tivesse nascido em tão boa família, Mary, eu faria de você meu bobo da corte.” Quem diz isso é a rainha. Fico na dúvida se é um insulto ou um elogio.

“Lamento meu nascimento, então, pois seria uma rara honraria ser o bobo da rainha”, brinca Mary.

“Mas seu nascimento a torna minha prima. Não acha melhor ser prima da rainha que seu bobo?”

“Tudo o que peço é a oportunidade de servir minha rainha.”

Elizabeth parece satisfeita, pois dá um tapinha nos ombros de Mary e diz: “Parece que você herdou a inteligência dos Tudor”.

Só então noto a presença de um pajem com uma resma de papéis nas mãos. Lady Knollys sinaliza para que se aproxime, e o homem faz uma medida, tirando o bonete desajeitadamente. A rainha pega os documentos, começa a folheá-los e dispensa o homem.

“Vocês conseguem adivinhar o que é isto?”, pergunta Elizabeth, batendo em um dos papéis. “A carta patente do condado de Dudley. Pretendo lhe dar Leicester. Alguns vão torcer o nariz com isso.” Seu semblante nada revela, exceto pelos olhos, que brilham como joias de várias facetas. “O que pensa a respeito?”

A questão foi dirigida a mim. Gostaria de ter a presença de espírito de Mary para bolar alguma resposta inteligente a respeito de Cecil, cujo nariz é provavelmente o primeiro a que ela se refere, mas tudo o que digo é: “Lord Dudley é inteiramente merecedor”. Ela parece moderadamente satisfeita com a resposta, pois acena em concordância. Mas penso que, uma vez Dudley feito conde de Leicester, a rainha vai desposá-lo — afinal de contas, é um título geralmente reservado aos filhos da realeza. Isso vai deixar o nariz de Cecil torcido o suficiente para tornar totalmente inócuas suas ameaças a Hertford. Então a rainha ficará contente em me ver casada. Estou certa disso.

Ficamos sentadas em silêncio, enquanto ela examina o restante dos papéis. Um deles parece atrair sua atenção. Elizabeth o ergue e lê mais uma vez, com um sorriso ameaçador nos cantos da boca. “Parece que o jovem arrivista François está doente, e que é sério.” Suponho que esteja falando do rei da França. “Então talvez minha prima escocesa não seja rainha da França por muito tempo.” Ela se reclina na cadeira, com um suspiro de satisfação. “Seria um grande prazer se os planos

franceses de saltitar sobre minha cova fossem interrompidos. Eles acham que sou fraca por ser mulher. Deixe-os pensarem isso.”

“De fato”, diz Lady Knollys.

Eu me pergunto se não seria uma boa ideia capitalizar o bom humor da rainha e pedir-lhe permissão para me casar, mas uma coisa que Juno me disse reverbera na minha cabeça: *Pedir permissão, receber uma recusa e me casar mesmo assim, ou seja, desobedecer uma ordem direta, será um crime bem maior do que simplesmente me casar sem que ela saiba.* Juno tem razão, é claro.

Dezembro de 1560, Whitehall

Mary

“O senhor teria a gentileza de me conduzir ao alojamento do sargento-porteiro?”, peço a um dos pajens de plantão na sala em frente à câmara de vigília.

“É preciso caminhar um tanto”, responde ele. “A senhorita tem certeza de que consegue...” O homem para, olhando-me de alto a baixo, como se nunca houvesse visto tal criatura, parecendo surpreso por eu saber falar sua língua.

“Posso ser corcunda, mas minhas pernas funcionam perfeitamente”, digo, de um modo um tanto brusco. Ele só estava tentando ser gentil, mas estou cansada da compaixão tanto quanto do desprezo, e não me importo mais de ofender.

O homem me conduz à comporta de Westminster e por uma escadaria estreita em espiral, que lembra uma concha por dentro, então bate a uma porta no alto. Uma voz abafada nos pede para entrar e me vejo diante da imponente figura do sargento-porteiro. Já o vi muitas vezes, de longe, no palácio, mas

neste pequeno espaço, tão de perto, parece de uma altura sobre-humana. A primeira coisa que penso é em como consegue subir e descer uma escada tão estreita. Ele tem uma barba espessa e, só agora percebo, a pele em torno dos olhos rosada, como se ele tivesse chorado.

“Lady Mary”, diz, inclinando-se numa reverência desajeitada. Fico me perguntando como me conhece, mas suponho ser a notória prima aleijada da rainha — certamente ninguém me confundiria com outra pessoa.

“O senhor é Keyes, o sargento-porteiro?” Não sei por que fiz a pergunta, pois sei muito bem quem ele é, mas me sinto pouco à vontade diante da tristeza que claramente está se esforçando para esconder.

“Sim, milady. Em que posso servi-la?” A essa altura tenho certeza, pelo som rouco de sua voz, de que aquele homem está reprimindo as lágrimas, e me pergunto que tipo de sofrimento poderia reduzir alguém como ele àquele estado.

O pajem fica à espera na soleira, apertando o nariz contra a janela, de onde se veem o rio e os barcos que passam.

“A sra. Astley pediu que eu lhe entregasse isto. Em mãos.” Entrego uma folha de papel dobrada e selada. “Veio da rainha, embora não esteja a par do conteúdo.” Provavelmente tem algo a ver com a investidura de Dudley, que está marcada para hoje. Talvez Elizabeth preveja confusão e esteja pedindo uma maior atenção de Keyes.

Ele a abre e começa a ler. Eu deveria me retirar, mas alguma coisa na tristeza do homem me comove.

“Sr. Keyes, o que lhe causa tanta dor?”, pergunto em voz baixa, para que o pajem não ouça.

“Não é nada, milady.” Mas uma lágrima escorre pelo nariz, o

que parece incompatível com um homem como ele.

“Não se preocupe. Pode me contar. Compartilhar os males pode ser bom.”

“Mi-minha esposa está doente”, Keys gagueja. “E meus deveres aqui me impedem de ficar com ela.” Ele puxa um lenço e assoa o nariz ruidosamente.

Ao observá-lo, lembro-me um pouco de Stokes, outro homem parrudo extremamente dedicado à mulher. “Ela tem um criado, ou alguém que tome conta dela? Os senhores têm filhos?”

Ele responde positivamente. “O mais velho está com ela agora.”

“Nesse caso estou certa de que sua esposa preferirá que o senhor cumpra seus deveres perante a rainha. Ela ficaria ainda mais incomodada, creio, se não o fizesse.”

“Talvez a senhora tenha razão, milady. Peço desculpas por lhe proporcionar tão lamentável espetáculo.”

“Não há por que se desculpar, Keyes, e tenho certeza de que ela vai se restabelecer.” Sinto-me tola ao dizer isso — afinal de contas, não passa de uma platitude.

Retornando ao jardim, entrego ao pajem uma bolsa com moedas, dando-lhe instruções para visitar o boticário e obter uma lista de remédios, além de algumas comodidades e alimentos. Peço-lhe que descubra o endereço da esposa de Keyes e entregue tudo a ela. Fico profundamente tocada pela situação daquele homem, talvez por lembrar tanto meu padrasto, o que, por sua vez, me leva a pensar na querida *maman*, por ele tão pranteada. Já faz um ano inteiro que nos deixou; um ano passado na corte. Não posso me permitir pensar nela, pois temo chorar como Keyes e arrebentar as fixações de minha coluna.

Chego até a câmara de vigília, onde Juno e Katherine estão

ensaiando com o professor de canto. Elas não deveriam estar nesse espaço tão público, mas a rainha se reúne com os conselheiros nos aposentos particulares, já que a sala do conselho está sendo decorada. Levina, com o pincel nas mãos, observa atentamente Lettice, que está sentada em um banco perto do parapeito da janela, aproveitando ao máximo a luz da manhã. Levina está com um jovem assistente, que não consegue evitar ficar olhando para Katherine, como se nunca tivesse visto alguém como ela — e talvez nunca tenha mesmo. Minha vida inteira vi os rapazes reagirem dessa forma com minha irmã, e me diverte ver como ele fica desconcertado diante da sua beleza. Para Katherine, porém, o rapaz é invisível, apesar dos cachos pretos e dos olhos brilhantes. Eu, por minha vez, sou invisível para ele, apesar de todo o alarde que Levina faz quando o apresenta como seu pupilo. Ele tira o bonete, mas é para minha irmã que olha, por cima do ombro.

Como estamos todas vestidas com nossas melhores roupas para a investidura de Dudley, Levina acresce os retoques finais na série de retratos que a rainha lhe encomendou. Ultimamente ela tem sido extremamente simpática comigo e com Katherine. Depois de nossa conversa de dias atrás, tem solicitado com certa frequência que lhe façamos companhia enquanto come nos aposentos particulares, e a expectativa é que eu a divirta com minhas espirituosas acrobacias verbais. Elizabeth resolveu até mesmo que quer minha companhia quando sai para cavalgar, e para esse fim fez Dudley arrumar um diminuto pônei. Sygnet é o tipo de animal dócil em que as crianças aprendem a cavalgar, e não me causa nenhuma dificuldade. Gozar dos favores da rainha tem seus benefícios, pois faz com que aqueles que se divertem me atormentando se deem conta de que me tratar bem

é do seu interesse, pelo menos publicamente. Mas isso também despertou certo ciúme, a que não estou tão acostumada quanto minha irmã.

Eu me acomodo por perto, sem conseguir me livrar da imagem de Keyes reprimindo sua dor. Um homem grande e rude como ele, encarregado da segurança de todos dentro dos muros do palácio, tão pleno de gentileza, está deslocado num lugar como este, onde qualidades como as suas não são tidas em alta conta. Nele distingi um lampejo de um espírito aparentado ao meu, embora talvez seja minha imaginação que acredite que, com sua querida esposa, preferiria levar uma vida mais simples longe da corte. Puxo uma carta de Peggy que já reli várias vezes. Com dedos hábeis, Levina espalha um pouco de azul vivo numa concha vazia, e o cheiro de tinta chega até mim: um odor forte de resina e de pigmento de calcário. Vez ou outra ela pede ao rapaz que faça isto ou aquilo: *Mexa o cavalete um pé em direção à janela, por favor; passe-me o dourado; junte um pouco de cádmio e uma medida de resina.*

Ele percebe que o estou observando e rapidamente volto meus olhos para a carta de Peggy. *Fui purificada*, escreve ela, *e a ama de leite está ajudando o bebê a crescer.* Peggy conta que seu marido anda taciturno e que gostaria que eu estivesse lá, pois às vezes não sabe como agir com ele, se o deixa sozinho ou o incomoda. Nada parece contentá-lo, ou pelo menos é o que ela conta — pobrezinha. Sinto sua falta, e espero que esteja de volta à corte em breve, em vez de ser obrigada a ficar no mato com aquele marido. Eu me pergunto se a maternidade a transformou, e por um instante me domina a tristeza de pensar que nunca saberei o que é parir uma criança, criar uma vida. Mas rapidamente afasto meu sentimentalismo e me permito imaginar que um dia serei

tia da ninhada que certamente minha irmã vai gerar.

Os periquitos amarelos da rainha tagarelam na gaiola pendurada na janela. Acho que talvez seja uma tortura ainda pior para eles poder ver o que estão perdendo — o imenso céu que se abre sobre o rio, por onde passa um grupo de gaivotas — do que não ter vista alguma. Ontem, ao entardecer, uma revoada de estorninhos subia e mergulhava, formando uma imensa nuvem escura no céu, em movimento constante. Eles assumiam formações variadas, numa comunhão silenciosa, cada um por si, e, no entanto, todos se movendo como um só. Tentei imaginar o tipo de sensação que deve dar a corrente de ar por baixo das asas abertas. Agora estou admirando a manhã de dezembro, de tempo encoberto, com barquinhos lutando contra a corrente para subir o rio. Talvez neve e as pessoas se divirtam, jogando bolas e fazendo bonecos, os rostos brilhando de frio. Mas depois virá a lama e a sensação gelada das bainhas úmidas batendo nos tornozelos, o ar congelante e as frieiras nos pés.

“Ratinha? Mary? Está sonhando?” A voz de minha irmã se infiltra em meus pensamentos. Seu toque leve em meu ombro me traz de volta. “Vai nos acompanhar nas virginais?”

“Mas e os retratos?”

“Por ora não vou precisar de vocês”, diz Levina.

Alguém traz um par de almofadas macias, e uma é colocada sobre a outra no suporte do instrumento. Eu me equilibro em cima delas, mal conseguindo alcançar a altura das teclas. O menino me observa com um sorriso surpreso. A impressão é de que, fosse outra a companhia, estaria rindo. Suponho que me ache parecida com um mico amestrado. As moças me cercam, tirando-o do meu campo de visão. “‘Triste pássaro’?”, pergunto, enquanto meus dedos pairam sobre as teclas.

“Essa não, é deprimente demais”, diz Juno.

“A velha’?”, sugere Lettice.

“Sim”, diz Juno. “Uma de cada vez.”

Começo a tocar, e Katherine canta o primeiro verso.

“Era uma velha que morava no pé do morro.”

As outras a acompanham:

“Falala, lalalalalala”

“Se ela não morreu ainda mora lá.”

“Fala o, falalo, falalalalalalo.”

“Um belo jovem a cavalo apareceu.”

Percebo Harry Herbert reduzindo o passo para apreciar a cena e tenho a impressão de detectar em seus olhos verdes um olhar saudoso para minha irmã. Conheço bem aquele olhar. Agora que gozamos com tanta clareza dos favores da rainha, é provável que Pembroke mude sua opinião em relação ao casamento dos dois. Mas não posso esquecer o tapa que aquele bruto lhe deu. Calculo quando aconteceu, contando de cabeça, de trás para a frente: seis anos atrás. Lembro-me como se fosse ontem da marca vermelha na bochecha de Katherine. Ela merece algo melhor que um agressor como sogro. Toco cada vez mais rápido até que meus dedos começam a doer e as palavras se misturam, atropelando-se, o que nos faz cair para trás de tanto rir.

“Estou pronta, Kitty”, diz Levina, diante do cavalete, gesticulando para que minha irmã se acomode no assento perto da janela.

Katherine se empoleira numa bela pose, brincando, fazendo caretas, piscando e mostrando a língua para nos fazer rir. O auxiliar de Levina não consegue tirar os olhos dela. Ele fica corado como uma beterraba quando vê que o surpreendi fitando-a, então muda de lado em relação a Levina, fingindo

estar ocupado organizando os pigmentos, do mais claro ao mais escuro.

“Não sei se Sua Majestade apreciaria um retrato seu com a língua de fora”, diz Levina, embora sorria. Todas gostamos do senso de humor irreprimível de Katherine, mas eu, em particular, fico feliz por ver que parece ter superado seu sofrimento, supondo que sua empolgação seja um sinal de um desejo renovado de alguma maneira.

Sorridente, Levina ajeita o rufo de Katherine e alisa os fios debaixo da touca, acertando, em seguida, seus colares. “O que é isso?”, pergunta, ao puxar uma corrente do espartilho. Não consigo ver, mas a expressão curiosa no rosto de Levina me faz pensar a respeito.

“Nada!”, responde Katherine, com firmeza, colocando-a de volta sob o vestido e encerrando o assunto.

Enquanto Levina pinta, observo as idas e vindas. Pessoas começam a chegar para a investidura de Dudley, e a câmara de vigília vai ficando repleta de grupos de cortesãos com suas melhores roupas, esperando, jogando cartas ou dados, apostando fichas que não querem perder, fofocando, estudando uns aos outros.

Um mensageiro, com os lábios azulados de frio, passa andando e é detido por dois guardas na porta dos aposentos particulares.

“Notícias importantes da França”, afirma ele, apresentando uma carta, que um dos guardas observa antes de fazer um sinal ao colega. Lady Knollys é convocada para vir à porta e também a lê, antes de acenar para que o mensageiro entre no quarto.

“O que acha que é?”, pergunto.

“Notícias da França. Talvez Mary da Escócia tenha insultado novamente a rainha”, diz Lettice. “Quando mamãe voltar,

perguntarei a ela.”

Quando Levina se dá por satisfeita com Katherine, é minha vez. Fico sentada em silêncio, observando seus dedos trabalharem rápido. Depois de algum tempo, ela para, aproximando-se para mostrar meu retrato, o que me surpreende, porque em geral não gosta que seus modelos vejam uma obra inacabada. Meu rosto repousa num leito azul brilhante. Embora ainda faltem detalhes, certamente é a pessoa que eu vejo de tempos em tempos no espelho de minha irmã. Meus olhos castanhos e redondos sob a testa alta, meus lábios pequenos em forma de coração, meu vestido de colarinho alto com mangas bufantes. Mas não sou eu, pois não há nenhum sinal de minha verdadeira forma, nenhuma corcunda ou curvatura nos ombros, nenhuma postura incomum do pescoço. Olho para Levina, com ar de indagação, lembrando os esboços que fez de mim, de camisola, tanto tempo atrás.

“Eu sei”, diz ela. “A rainha me pediu. Desculpe.” Por um momento fico pensando que termos Elizabeth teria usado. *Faça com que ela pareça normal, sra. Teerlinc*, talvez.

“Sei que neste lugar temos de fazer as coisas como nos mandam.” Dizer isso em voz alta aumenta ainda mais a saudade de minha liberdade. Eu me sento e ela pinta em silêncio. A borda engomada do meu rufo começa a irritar minhas bochechas. O menino começa a fazer um esboço, suponho que de alguma outra moça, pois seu olhar se dirige a elas de tempos em tempos.

As portas dos aposentos particulares se abrem, e por um momento vejo Lettice de joelhos na entrada, falando com a mãe. O mensageiro sai agarrado a uma bolsa cheia de moedas — deve ter trazido notícias que agradaram a rainha. Lettice se esgueira

de volta em nossa direção, sentando-se perto da janela, tirando e colocando distraidamente o anel de noivado do dedo.

“E então?”, indaga Juno.

“O rei da França morreu”, anuncia Lettice. Ficamos em silêncio, e tento entender se isso é uma coisa boa para a Inglaterra ou não, concluindo que provavelmente é, pois significa que Mary da Escócia não é mais senhora dos franceses. É bom para a rainha, certamente. Eu me lembro bem de como reagi à notícia da doença dele.

“Esses reis franceses não duram”, diz Katherine, com sua ligeireza característica. “Ele só tinha dezesseis anos. Quantos tem o irmão?”

“O novo rei tem dez anos”, diz Lettice. “Charles. E me pediram que avisasse que a rainha deseja caçar amanhã — em Eltham. Ela quer a presença de todas.”

“Até a minha?”, pergunto.

“Principalmente a sua. Minha mãe fez questão de dizer isso.”

Percebo a troca de olhares entre Juno e minha irmã; é a mais breve possível, mas por trás dela há alguma coisa que me intriga, e quando puder vou perguntar a respeito. Nesse instante, porém, chega Lord Chamberlain, e somos levadas ao salão principal para assistir à cerimônia de Dudley. Ele está vestido como um pavão. Um de seus homens carrega sua capa de arminho, o diadema e toda a parafernália de regalias dos condes. Dudley se ajoelha diante da rainha, que tem no rosto uma expressão de agrado, como se estivesse participando de uma brincadeira. Em compensação, Cecil, do outro lado do salão, cercado por sua trupe vestida de negro, parece ter acabado de tomar uma jarra de cerveja estragada.

Dudley inicia seu discurso, mas não presto atenção, porque

Katherine balança o corpo para a frente e para trás, segurando um lado do rosto e gemendo baixinho. Ao pé do ouvido, peço a Lizzie Mansfield, que está entre nós duas, que descubra o que está acontecendo, mas ela continua olhando para a frente como se eu não estivesse ali. Então, para meu horror, Katherine cai desmaiada no chão. Dou um salto para ajudá-la, assim como Lettice e Juno. Uma delas segura sua cabeça, e a outra passa a mão em seu rosto, sussurrando: “Kitty, Kitty, que mal a acomete?”. Mas Katherine está desacordada. Dudley continua a recitar suas palavras, parecendo não ter percebido.

A rainha se vira para a sra. St. Low, ordenando com um aceno que vá ver o que está acontecendo. Sem fazer barulho, a mulher chama um pajem, que toma Katherine nos braços e a leva para fora do salão. Juno é enviada para acompanhá-la e outro pajem sai para chamar um médico. Tudo isso é feito com tanta celeridade que as pessoas do outro lado da sala mal parecem ter se dado conta do que ocorreu. Tento chamar a atenção de Levina, mas ela está longe de mim, ocupada em fazer um esboço da cena, e não me vê. Estou prestes a pedir à sra. St. Low que me deixe sair também, mas ela retornou a seu posto, e a cerimônia prossegue como se nada houvesse ocorrido, deixando-me enlouquecida de preocupação com o estado de minha irmã.

Quando Dudley, que ficou o tempo todo de joelhos, termina, a rainha ordena que se levante e caminha em direção a ele, pedindo que lhe tragam a papelada. Elizabeth segura as folhas entre o indicador e o polegar, esticando o braço, como se temesse que a tinta ainda pudesse manchar seu vestido. O selo real pende dos papéis em uma fita que quase toca o rosto de Dudley, virado para o teto.

“Cecil”, diz ela. “Seu canivete.”

Ele vem esbaforido, tropeçando na própria roupa, e saca uma pequena lâmina, dizendo: “Suas penas não foram apontadas, Vossa Majestade? Cuidarei disso”.

“Dê-me o canivete, apenas”, diz ela. Ele o entrega e se afasta. Seus olhos seguem uma trajetória triangular, entre Dudley, os papéis em sua mão esquerda e o canivete na mão direita.

Então a rainha dá um passo na direção de seu favorito, oferecendo-lhe um sorriso seco.

“Lord Robert”, anuncia ela, inclinando ligeiramente a cabeça. “Somos ou não uma mulher?”

“Vossa Graciosa Majestade é, em verdade, a mais bela mulher da terra”, responde ele.

“E, como mulher, decidimos exercitar nossa prerrogativa de mudar de ideia.”

O salão se agita e acompanha, espantado, enquanto ela rasga várias vezes as folhas de papel, reduzindo-as a tiras. Por fim, o selo cai com um ruído, espatifando-se no chão. Todos prendem a respiração e Dudley dá a impressão de que não conterà a ira, enquanto noto que Cecil se esforça para reprimir um sorriso irônico.

“Acho que não convém”, prossegue a rainha, “elevar à nobreza alguém que descende de três gerações de traidores. Se eu não aprender com a história, com o que aprenderei?”

Dudley abre a boca como quem vai dizer alguma coisa, mas Elizabeth ergue a mão para impedi-lo. “Veremos o senhor amanhã em Eltham, Lord Robert. Esperamos que providencie nossos melhores cavalos.” Ela está sorrindo, como se tudo aquilo fosse algum tipo de brincadeira complicada. Enquanto Dudley sai pelo outro lado da câmara tenho a impressão de ouvir

alguém assoviar para ele, como o público via o demônio em um baile de máscaras.

“Qual o sentido de tudo isso?”, pergunto a Levina depois que saímos, caminhando lentamente pela galeria com a multidão.

“Só posso supor que seja algum tipo de teste. Elizabeth é exatamente como o pai; ele adorava testar os mais próximos. Não era uma brincadeira.”

“Kitty foi levada passando mal. Preciso descobrir o que ela tem.”

A preocupação transparece na voz de Levina. “A rainha pediu para ver meus esboços, e não posso deixá-la esperando, mas você precisa me dar notícias assim que puder, se for algo sério.”

Quando chego aos aposentos de Juno, o médico está de saída. As cortinas da cama estão puxadas e o quarto é iluminado apenas pelo fogo que queima na lareira. Juno me puxa para um canto, sussurrando: “Uma infecção dentária grave. Ela não vai poder ir a Eltham amanhã”.

Abro um pouco as cortinas para ver a silhueta do corpo adormecido de minha irmã, e consigo apenas divisar seus cabelos claros espalhados no travesseiro. “Katherine implorou que eu fique com ela”, prossegue Juno. “Você faria a gentileza de pedir que a rainha me escuse da caça, Mary?”

“É grave?”, pergunto.

“Acho que não. Mas ela precisa de repouso.”

Mesmo assim, ao voltar para os aposentos da rainha sinto-me ansiosa, porque quando uma infecção se instala pode se espalhar e então... não suporto nem pensar.

Quando volto, a rainha está de ótimo humor, com os olhos brilhando, e provoca Lettice a respeito de suas núpcias iminentes. Ela se vira para mim sem cerimônia, perguntando:

“Como anda sua irmã, Mary?”.

“Está dormindo, com um dente infeccionado. O médico ordenou-lhe repouso e Lady Jane pediu sua permissão para ficar ao seu lado.” A rainha balança a cabeça.

“Ela foi sangrada?”

“Acredito que não.”

“Convém fazê-lo quando há infecção. Pedirei a meu médico que cuide disso. E sim, Mary, pode comunicar a Lady Jane que tem permissão para ficar.”

“E eu, Vossa Majestade? Posso ficar também?”

“E perder a diversão? Seria uma pena. Deixe Lady Jane cuidar de sua irmã. É só uma dor de dente, não é a peste.” Ela se vira para Kat Astley, que está por perto. “Ah, Kat. Quero que você...”

Nossa conversa foi formalmente encerrada. Por isso, retiro-me, curvando-me em reverência, embora a rainha não esteja olhando para mim.

Na antessala estão Cecil e Dudley, cada um deles cercado por seus homens. Os do primeiro estão animados e não tentam esconder isso, enquanto os de Dudley estão inquietos, amontoados em silêncio. Subitamente eu me dou conta do objetivo do comportamento da rainha: dividir para reinar. Ela precisa dos dois homens, mas não pode deixar um ficar mais poderoso que o outro. Enxergo, também, que nunca vai se comprometer com Dudley; seu poder na Europa reside em ser capaz de jogar a França contra a Espanha, fazendo com a Europa o mesmo que faz com Cecil e Dudley. Isso exige um enorme descortino. Ela é uma mulher que sabe que seu poder consiste em sua hesitação.

Um dos homens de Dudley caminha na direção do seu grupo, com a mão na empunhadura da espada. Dirijo-me rapidamente

à porta. Não quero me ver no meio de uma rixa violenta. Algumas palavras ásperas são trocadas e um dos homens de Dudley é arrastado para um canto por dois companheiros. “Deixe”, dizem. “Ele não merece.” O ar está carregado de cólera. Desapareço.

É uma manhã feia e desagradavelmente fria. Vejo o desenho formado pela geada na janela e me aninho ainda mais nos cobertores. Dois cachorros de Katherine estão enroscados em mim, um nos meus joelhos e o outro na minha barriga. Por causa da doença da minha irmã, recebi permissão para dormir nos aposentos de Juno, na cama de baixo, ao pé do leito maior que as duas compartilham. Desde que a sangraram, ontem, ela parece melhor, e os risinhos e cochichos vindos da cama na noite passada acalmaram meus receios em relação à sua saúde.

Ocorre a mim, ao lembrar o olhar que as duas trocaram na véspera, que tudo isso pode ter sido um truque para evitar o desconforto de uma viagem em dezembro a Eltham, que não é o mais agradável dos palácios. O sino de Westminster soa às seis horas; eu me arrasto para fora do casulo quente dos cobertores, sentindo o ar gelado atravessar o tecido fino da camisola e abrindo os braços para aliviar a dor nas costas. Espiando em meio às cortinas, vejo Juno e Katherine dormindo profundamente lado a lado. Para ser sincera, fico um pouco incomodada por não terem me incluído em seu truque, pois a ideia de um dia de cavalgada em um frio de rachar, para terminar em um local antigo e gelado, não me agrada nem um pouco. *Seja firme, Mary*, imagino Jane me dizendo. Pelo menos não esperam que eu participe da caçada, pois meu pônei é pequeno demais para acompanhar o ritmo, e a rainha fica

impaciente quando há retardatários.

Sinto-me tentada a acordá-las e esfregar na cara delas meu infortúnio, mas de nada adiantaria, e as duas têm um ar tão tranquilo e angelical que decido ir para o quarto das criadas. Ali encontro a sra. St. Low agitada, tentando fazer todo mundo acordar e vestir as roupas de equitação. A fofoca geral é sobre Dudley, sua humilhação pública e que significado teria. Cheguei à conclusão de que os favores da rainha mudam conforme seus caprichos e que é impossível prever para que lado o vento vai soprar, nem que seja amanhã.

“Houve uma briga por causa disso”, diz alguém.

“Não surpreende. Depois de colocá-lo no lugar dele na frente de todos daquela forma...”, diz outra.

“Como ele vai conseguir levantar a cabeça de novo?”

“Chega de conversa fiada”, ordena a sra. St. Low. “Isso não é assunto de vocês.”

“Só mostra que você nunca pode contar com os favores da rainha”, diz Frances Meautas, bem baixinho, claramente dirigindo a mim seu comentário.

Eu a ignoro, deixando a conversa de lado enquanto jogo as coisas de que precisarei em meu baú, antes que os carregadores venham buscar a bagagem.

“Mas por que *você* vai, afinal de contas?”, Frances pergunta a mim. “Não sabia que caçava.”

“A rainha gosta da companhia dela”, diz Lettice.

“A rainha gosta da companhia dela”, macaqueia Frances.

“É melhor que a de uma cretina como você.”

“O que ela vai fazer quando você se casar e não estiver aqui para defendê-la?”, pergunta Frances, dirigindo-se a Lettice, mas apertando os olhos em minha direção.

“Posso cuidar de mim mesma perfeitamente, Frances.”

“Sim, você é boa com a agulha, não é, Mary?”, acrescenta Lettice, piscando, o que faz Frances ir para o canto oposto do quarto amuada, a passos largos.

Lettice e eu ajudamos uma à outra a entrar nas roupas e as atarmos.

“E quanto à sua irmã?”, Lettice é a única a perguntar.

“Vai sobreviver.”

“Ela estava fingendo?”

“Digamos que não é tão ruim quanto parecia de início, e que o médico operou sua mágica.”

Uma vez no jardim, encontramos nossas montarias. Mesmo enrolada em minha roupa revestida de pele, sinto o incômodo vento de dezembro. Conduzo Sygnet a um lugar abrigado, para aguardar a rainha, já sentindo meus dedos queimarem de frio e sem saber como vou suportar a viagem. Quando ela finalmente chega, está de mãos dadas com Dudley, contando piadas como se nada houvesse ocorrido. Todos observam ansiosos enquanto ele a ajuda a montar e suas mãos se demoram em sua cintura, ajustando a barrigueira e erguendo suas saias para facilitar. Vejo os cochichos se espalhando; ninguém parece saber o que pensar dessa cena feliz. Não há sinal de Cecil, mas, até aí, ele nunca vai à caça, embora alguns de seus homens estejam presentes e eu reconheça um deles da confusão na véspera. Eles analisam a cena, os olhos indo e vindo entre Dudley, a rainha e os colegas.

Fico pensando de que maneira um homem como Dudley consegue engolir o orgulho, e me ocorre que talvez goste verdadeiramente da rainha. Os dois foram amigos de infância, afinal de contas, e ele a conhece bem o suficiente para ter ciência de seus joguinhos e de quando está sendo testado. Caso

se importe mesmo com ela, é o único. Todos os demais fingem gostar de Elizabeth para abocanhar um pouco de poder. Há muita coisa que não compreendo, mas, quando se trata do que ocorre entre um homem e uma mulher, gosto de pensar que tenho faro para o sentimento genuíno. Observando-os eu me recordo, como de costume, dos seres divididos de Platão procurando a outra parte de si mesmos, então me dou conta da solidão de ser rainha.

“Lady Mary.”

Viro e encontro Keyes a meu lado. “Sargento-porteiro”, digo. Ele está segurando a rédea de Sygnet e dando-lhe um pedaço de cenoura com a palma da mão. “Como anda sua esposa? Melhor?”

“Ela me deu notícias de sua gentileza, milady. Diz que o médico lhe trouxe grande alívio.”

“Folgo em saber.” Com o canto do olho, vejo o olhar de desprezo de algumas criadas. Suponho que estejam pensando por que dou atenção a um homem de tão baixa posição. Não importa; ele vale por dez delas.

“Não sei como poderei agradecer sua gentileza.”

“Não busco agradecimento”, digo. “Sua amizade é tudo o que peço.” Ele faz menção de falar, mas prossigo. “E não se preocupe com posições. Não me importo com isso.”

“Seria uma honra chamá-la de amiga.” Ele sorri. É a primeira vez que o vejo assim, e isso produz certa transformação em seu rosto.

“Envie a sua esposa meus votos de pronto restabelecimento.”

Então Dudley monta, ágil, sua égua; ela se agita, empina e dá um giro. Ele a acalma, dando uma impressionante demonstração da arte da equitação, enquanto a rainha observa com ar de aprovação. Em seguida, os dois partem, liderando o grupo e

dando toda a impressão de que são próximos como irmãos.

Dezembro de 1560, Whitehall

Katherine

“Kitty, acorde. Kitty.”

Abro os olhos e vejo a face da morte; quero gritar, aterrorizada, mas som algum sai de minha boca. Alguém me traz à realidade com uma chacoalhada, dessa vez de verdade. Dou um soluço forte e encontro Juno reclinada sobre mim, sacudindo levemente meu ombro.

“Não se assuste, Kitty, é só um sonho.”

Meu braço está dormente. Ao esticá-lo, encontro uma ferida, meio roxa, meio amarelada, que corre do lado de dentro do antebraço até a dobra do cotovelo, o que em meio a meu estado de confusão me faz lembrar a sangria pela qual passei na véspera. “Aquele médico era um carnicheiro”, digo, só então lembrando que dia é hoje. Juno está sem fôlego e empolgada, como se fosse o casamento dela, e não o meu.

“Você é muito corajosa, Kitty”, diz ela, dando um beijo leve na ferida.

Não posso deixar de pensar no brilho do sangue caindo, gota a gota, na tigela. Atraída por aquela visão, pus-me a imaginar que a sangria era uma espécie de ritual de purificação para o casamento. Lembrou-me da maneira como Jane Dormer gostava de falar longamente sobre Cristo, como a maioria das moças fala de amor. Suas histórias de freiras, jovens que receberam sua visita noturna e se alimentaram do sangue de suas chagas, eram contadas de forma tão vívida que até hoje me acompanham. Na minha mente ficou gravada uma imagem de Catarina de Siena,

só pele e osso, com um sorriso beato, da capela de Durham House. Fiquei pensando nas freiras enquanto via meu próprio sangue pingar. Nossa mentirinha funcionou um pouco bem demais; Juno sentou-se comigo ao pé do fogo, enrolada como um bebê, enquanto eu tomava um elixir tão forte que queimou minha língua. Na hora que o médico chegou eu estava tão corada que parecia, de modo convincente, que tinha febre.

“Esse é o sangue dos Tudor”, dissera Juno, quase tão fascinada quanto eu. Chegou tão perto de mim que o médico não a ouviu cochichar: “Quando você se casar com meu irmão e fizer uma criança, vai misturar seu sangue Tudor e o meu sangue Seymour”. Ouvi-la dizer isso fez surgir uma imagem em minha mente de mim carregando um bebê nos braços, o que me enterneceu. “Seremos, finalmente, irmãs”, acrescentou ela.

“Você deu notícias a ele?”, pergunto, já totalmente desperta e com o temor repentino de que Hertford não tenha se aprontado e tudo não passe de uma fantasia nossa.

“Não se inquiete, Kitty, está tudo preparado.”

“Quero que as coisas entre nós continuem como estão”, digo, entrelaçando meus dedos nos dela, atacada pelo medo de que meu casamento venha a alterar irremediavelmente nossa amizade, se é que pode ser chamada assim.

“Pare de se preocupar.” Ela abre as cortinas e acrescenta, com um sorrisinho: “Irmã”. Lá fora o céu está carregado e branco, como se fosse nevar. Busco com as mãos o anel em meu pescoço.

“Ponha no dedo”, diz Juno, esticando o braço para abrir a corrente. “Só por hoje.” E isso me faz lembrar que temos de manter em segredo o casamento, o que me deixa embrulhada por dentro, estragando minha animação.

“Você acha que a rainha não vai aprovar?”, pergunto, com a voz fraca.

“Acho que quando chegar a hora deve contar, e ela vai gostar. Notou o quanto ela tem favorecido você ultimamente? Anda com medo de que os espanhóis te casem com um deles. Deu a entender isso mais de uma vez. Você sabe de tudo isso.”

Afasto meus receios. É verdade, Elizabeth me incluiu em seu grupo. Todos acham que quer me indicar como sua sucessora, mas prefiro não pensar nisso. “Hoje à tarde serei a condessa de Hertford”, digo.

Então Juno me segura pelos ombros e me olha nos olhos, rindo. “Eu sei!” Isso lhe provoca uma crise de tosse. “Não consigo me livrar disso”, ela consegue dizer entre dois acessos.

“Agasalhe-se, Juno. Não quero que ponha sua saúde em risco por minha causa.”

Ajudamos uma à outra a nos vestir. Troco três vezes de vestido, sem conseguir decidir qual usar. Tenho o tempo todo em mente meu casamento anterior, nas roupas emprestadas e consertadas às pressas, e na minha irmã, que se foi há sete anos. Mas não posso pensar em Jane agora.

“Ele não vai se importar com qual vestido você vai estar, apenas se é fácil de tirar”, diz Juno, arrancando risadas de mim. Ela me faz comer um pedaço de marzipã, embora eu não tenha apetite algum, e me entrega uma enorme capa negra de veludo com capuz, que me cobre da cabeça aos pés, e dá um passo para trás para me inspecionar. “Está parecendo um monge biruta”, diz, rindo.

Remexo nas minhas coisas e encontro a melhor capa de pele de raposa de *maman*. Envolvero-a nela e ato-a bem apertada no pescoço. “Isso vai proteger você do frio.”

Juno sorri e acaricia lentamente meu rosto, com um olhar distante que me desperta um momento inesperado de tristeza.

“E os bichos?”, pergunto, só então me dando conta de que não estão por perto.

“Eu os entreguei ao sr. Glynne. Disse que você estava doente e precisava de repouso.”

Parece que Juno pensou em tudo. Eu me pergunto se esse casamento ocorreria se não fosse por ela.

Whitehall está silenciosa como uma catedral quando tomamos o rumo da escadaria estreita que dá para o pomar. Do lado de fora, no frio, nossa respiração solta jatos de vapor, e a grama molhada umedece nossos sapatos e sobe pela bainha das saias antes mesmo de chegarmos ao muro. As árvores frutíferas que cresceram junto a ele estão alinhadas, sem folhas, como uma rede contra um céu branco-acinzentado. Na primavera este lugar é um paraíso, mas agora está frio, úmido e tomado pelo odor das frutas maduras do outono, coberto de folhas mortas. No extremo oposto há um pequeno portão cercado de sempre-vivas; chego até lá primeiro e tento abrir, mas está trancado. Olho para Juno, sentindo o primeiro gosto de derrota, pensando por um instante que tudo não passou de uma brincadeira excêntrica para nos distrair e que não haverá casamento; talvez Hertford nem esteja sabendo de nosso plano. Ela remexe dentro da capa até que encontra uma chave, sacando-a do corpete como quem desembainha uma espada, afastando assim minha decepção.

“Juno!”, exclamo. “Como?”

“Não faça perguntas”, diz ela, com olhos faiscantes. Fico de novo com o coração na boca.

Os degraus estreitos estão cobertos de vegetação e

perigosamente escorregadios. Agarro-me ao corrimão de metal, tão gelado que me queima a pele. Na pressa, esqueci as luvas. Mas o medo de cair é bem maior que de queimaduras de frio. Além disso, meus sentidos ficaram embotados por causa da expectativa que fervilha dentro de mim. Até que chegamos à beira do rio, uma enorme área aberta de areia escura, pontilhada aqui e ali por uma ou outra elevação de origem misteriosa, exposta pelo recuo das águas. Há uma brisa desagradável, vinda da água, e as bainhas úmidas de nossas saias ficam pesadas de sujeira e areia acumuladas. Aperto junto ao corpo as pontas esvoaçantes da minha capa, segurando o capuz para impedir que o vento o arranque. Passam vários barcos, mas ninguém parece se importar com nossa presença ali, duas figuras disformes enroladas em mantos, caminhando pela margem do rio. De longe, poderíamos ser qualquer pessoa catando moluscos, procurando moedas, pegando um atalho para ir à feira. Com certeza nada em nossa aparência indica que sou a prima da rainha da Inglaterra, indo ao meu casamento secreto.

Dezembro de 1560, Ludgate
Levina

Levina observa o trabalho de Nicholas com o pincel fino. Ele fez uma cópia da sua iluminura de Katherine, captando com precisão sua leveza, como se a moça pudesse se desfazer ao vento como um dente-de-leão. O menino tem um talento incomum para desenhar olhos, fazendo-os encarar o observador, como em desafio. Os olhos de Katherine são azuis como a flor da escovinha, e ele uniu a leveza da postura à solidez do olhar direto, em um retrato perfeito dela. É como se a conhecesse

bem, embora só a tenha visto uma vez; na ocasião, Levina percebeu como seus olhos a seguiram. Katherine tem esse efeito nos homens, mesmo nos mais velhos, que deveriam se dar conta disso.

Nicholas aplica um minúsculo toque de branco, quase imperceptível, a cada uma das pequenas pupilas, e em seguida acrescenta uma pincelada a uma mecha de cabelo, criando a impressão de movimento e dando vida ao conjunto. O menino está adquirindo estilo próprio, bem diferente do dela. Enquanto Levina gosta de impressionar, usando o exagero para dar ênfase a um detalhe e borrando os contornos para sugerir suavidade, as linhas de Nicholas são definidas ao máximo, com uma precisão quase matemática. Ela imagina o dia em que ele será um artista bem mais reconhecido, pois tamanha verossimilhança e detalhe está entrando em voga, e seu trabalho carece inteiramente disso. Levina se pergunta se está com inveja — e talvez esteja. O estilo dele certamente chama a atenção; quanto a isso, não há dúvida.

Ela volta a se concentrar no próprio trabalho, pingando uma medida de castanho, outra de ocre e misturando-as. Pincela um pouco da cor resultante numa tira de velino, segurando-a contra a luz e tentando se lembrar do tom exato dos cabelos da rainha, que lembram cobre polido. Balança a cabeça, insatisfeita com a mistura, e se volta para os traços do rosto. Propositalmente, fez a pequena rainha parecer mais jovem e inocente, de olhos arregalados, mas também lhe conferiu uma rigidez no maxilar que sugere a força de seu caráter. Sem sombra de dúvida, Elizabeth é uma mulher de boa aparência, mais elegante que bonita. Levina se lembra do primeiro encontro com ela, ao chegar à residência de Katherine Parr. No trono estava o rei Henrique, e Elizabeth era só um pouco mais velha que Nicholas

hoje. Ela sempre teve um ar de extrema resistência. Na época, ninguém imaginava que ela, filha mais nova de uma rainha que caiu em desgraça, assumiria o trono.

Nicholas amassa seu papel, jogando-o no cesto de lixo enquanto diz: “Mais material para atizar o fogo”.

“Por que fez isso?”, pergunta ela.

“Não consigo acertar.” Ele não esconde o aborrecimento.

“Achei que estava indo bem.”

“Não, faltava o jeito caprichoso dela. Não consegui capturar o que estava armando com a amiga. Vi o brilho nos olhos dela, mas não consegui reproduzir.”

“Armando?”

“Notei que algum segredo estava sendo compartilhado.”

“Aquelas duas sempre estão tramando alguma travessura inocente.” Levina fica impressionada com a precisão do resumo de Katherine, mas não diz isso, com medo de que Nicholas fique cheio de si e sua tendência à arrogância se torne insuportável.

“Não consigo acertar com ela.”

“Você é perfeccionista demais.”

“O perfeccionismo não é o cerne daquilo que fazemos, sra. Teerlinc?”

Levina se pergunta se aquilo é uma crítica velada. Mas não vai defender seu estilo mais solto de pintura diante de um principiante, por mais talentoso que seja. Nicholas ainda tem de aprender bastante até aperfeiçoar sua arte.

“Talvez”, diz ela. “Agora tenho de voltar para Whitehall para ver se Lady Katherine está melhor.”

“A senhora é muito próxima das Grey”, aponta ele.

“Sim”, concorda ela. “Eu tinha a mãe delas em alta conta.”

“Bodley diz que Lady Katherine provavelmente será nomeada

sucessora da rainha. É verdade?”

“Só Deus sabe”, diz Levina, abruptamente. “Duvido. A rainha vai se casar e gerar seus próprios herdeiros.”

“E a aleijadinha?” Ele não faz esforço para disfarçar o desdém por trás do tom de sua voz.

Levina sente a raiva crescendo dentro dela. “Não vou permitir que se refira a Lady Mary desta forma, mestre Hilliard.” Ela encerra a conversa com firmeza, afastando-se para fechar os frascos de pigmento e guardá-los nas prateleiras. Essa mudança súbita de humor o deixa incomodado. Em silêncio, Nicholas arregaça as mangas e começa a limpar sua bancada.

Depois que ele vai embora, Levina junta seus pertences, ordena à criada que troque a roupa de cama e caminha até a porta, onde topa com George, chegando de sua ronda noturna. “Aonde vai?” Seu tom é ligeiramente acusatório.

“Não demoro”, diz ela. “Tenho algumas coisas para fazer.” Para não irritá-lo, Levina não explica que está indo ao palácio visitar Katherine. Ele não gosta de ficar em segundo plano quando se trata das Grey. Ela desliza a mão pelas dobras do próprio vestido, sentindo a forma sólida do vidro de óleo de cravo para a dor de dente de Katherine.

“Você está cheirando a tinta.”

“Novidade”, responde ela. “Não cheiro sempre ao ateliê?”

“Sim.” Ela ainda tem a impressão de discernir uma ponta de incômodo, mas então George diz: “Posso andar um pouco com você, Vina?”.

Por um instante ela sente que ele se reaproxima, o que a amolece por dentro.

“Acompanhe-me até a descida para o rio”, diz. “Vou gostar da sua companhia.”

Eles andam de braços dados, como antigamente, com Herói ao lado, fustigando-os. O cão avança com dificuldade, tendo perdido a agilidade da juventude, o que faz Levina pensar na passagem do tempo e calcular a idade dele — deve estar com pelo menos treze. Eles cumprimentam Henry Carruth, que está na porta de casa vendo a vida passar, e conversam sobre as novidades: o novo rei da França, filho de uma Médici, que pôs a família Guise em seu lugar; a malograda investidura de Dudley; o reinício da cunhagem da moeda desgastada. À medida que caminham, Levina se dá conta de que já faz dois anos que não vivem mais com medo, com aquele monstruoso Bonner fungando no pescoço deles. Como o tempo passa. Agora, é só uma lembrança vaga, até mesmo o medo de precisar mudar por causa dos tumultos.

“Finalmente vivemos tempos de paz”, diz ela.

“E que continuem assim por muito tempo”, responde George.

À medida que se aproximam do rio, as casas vão ficando menos espaçadas, como uma boca que tem dente demais. Os andares de cima se apoiam uns nos outros, permitindo a passagem de pouca luz para a rua. Herói para na escuridão e começa a latir para alguma coisa, nervoso. Os dois se aproximam e descobrem que é um duelo com um rato, que parece estar defendendo uma pilha de trapos. George pega um tijolo de uma obra ali perto e o atira no roedor, que desaparece em um monte de estrume. Herói avança, enterrando o focinho nos trapos, incomodado com alguma coisa. Só então Levina vê, prendendo a respiração de repente, uma mão humana caindo no chão.

“Oh, Senhor!”, diz, engasgada, enquanto George vira o monte de pano e descobre um rosto que pertenceu a um jovem e cujo

nariz já foi parcialmente comido pelos vermes.

“Deus dê repouso a esta pobre alma”, diz George. “Faz algum tempo que não via algo assim nestas redondezas. Não desde que a peste atacou a vila pela última vez. Siga em frente, querida; preciso cuidar disto.”

Dentro da barcaça, ela não consegue tirar da cabeça a imagem daquela pobre alma, conjecturando se seria o filho ou irmão de alguém. Isso a leva a pensar em Marcus, longe, em Roma, onde os verões duram mais, os invernos são mais amenos e, por isso, a peste é menos comum. Levina se detém. São pensamentos que não fazem bem a ninguém — deixar a imaginação solta pode enlouquecer alguém de preocupação. Ela olha rio abaixo, na direção das torres e bandeiras do Palácio de Whitehall, que se erguem para além dos extensos terrenos arenosos cobertos de detritos. Mal se vê uma pessoa, exceto duas mulheres ao longe, encapotadas para se proteger do frio, com capas ondulantes e laços que voam de um jeito bonito à medida que caminham pela margem. Percebe algo familiar na postura de ambas, e a impressão de intimidade física a faz se lembrar de Katherine e Juno. Algumas gaivotas voam em círculos em torno de uma carcaça de peixe, fazendo barulho. Outra balsa passa na direção oposta, levantando ondas e fazendo seu barco adernar, molhando sua saia.

Quase chegando ao cais de Whitehall, Levina vê as mulheres sumirem ao subir as escadarias de Westminster. Tem vontade de pintar a cena, captando os tons vivos da paleta de inverno e as formas negras de suas capas. Ela forma uma imagem mental da cena, guardando-a para outra ocasião. Tendo pago o barqueiro e descido da balsa, toma o rumo do palácio, caminhando pelo pátio vazio e entrando pela escadaria dos fundos, que leva aos

aposentos femininos.

Faz um silêncio de morte. Levina bate suavemente na porta dos aposentos de Juno, onde é mais fácil encontrar Katherine, mas ninguém responde. Por isso, empurra a porta, encontrando as últimas brasas da lareira ainda acesas e uma confusão de roupas jogadas para todo lado, mas nenhum sinal nem das moças nem dos bichos de Katherine. Sua intuição lhe diz que há algo errado e sua mente é invadida pela imagem do momento em que a moça foi carregada passando mal, e logo depois pela visão dos dois vultos sumindo na escadaria de Westminster. As palavras de Nicholas ressoam em sua mente: *armando*. O quê? Levina procura pistas, remexendo nos montes de roupa e na cama, sem saber o que busca. Deixa as ideias vaguar, e sua inquietação vai aumentando até tomar conta dela. Abre um livro de poesias e encontra escrito nele: *Sempre seu, Hertford*. Em seguida, rabiscado apressadamente, como se fosse uma ideia posterior, num tom de tinta diferente: *em breve seu marido*. Vem então à lembrança de Levina o anel que Katherine levava preso a uma corrente, e a maneira como o puxou de volta quando ela perguntou o que era. “Nada!”, a moça dissera, de um jeito que significava evidentemente o contrário. Uma pergunta se infiltra na cabeça dela: teria Katherine arquitetado um plano para se casar com o jovem Hertford?

Levina sai correndo, dando voltas pelos corredores tão conhecidos, descendo de dois em dois os degraus até o pátio e quase se chocando a toda a velocidade com a imensa figura do sargento-portador.

“Ah, Keyes, que bom vê-lo”, diz ela. “Estou à procura de Lady Katherine Grey e da amiga dela. O senhor cruzou com elas esta manhã?”

“A senhora não vai encontrá-las aqui, sra. Teerlinc. Todas as damas da rainha foram caçar em Eltham.”

“Mas as duas ficaram para trás. Lady Katherine estava sofrendo de dor de dente.”

“Puxa vida”, diz ele, coçando a barba, “Lady Mary não fez nenhuma menção a respeito quando a comitiva saiu. Em todo caso, ela não é uma criatura comum.” Ele faz uma pausa, em aparente reflexão, e Levina se prepara para defender novamente Mary, sentindo sua raiva crescer: *criatura uma ova*. “É de uma gentileza fora do normal, tão diferente da maioria das donzelas da nobreza. Certo dia comentei que minha esposa estava doente e Lady Mary lhe enviou algumas comodidades.”

“É bem a cara dela”, diz Levina, contente por ouvir algo assim dito a respeito de Mary, que geralmente desperta tanto desdém. Mas está mordida de impaciência. “O senhor não viu Lady Katherine?”

“Ela não passou por aqui, nem pelas comportas. Eu teria ficado sabendo.”

“E Hertford? Você o viu? Ele estava na comitiva?”

“Faz tempo que não vem à corte, sra. Teerlinc.”

Ela tenta se lembrar do nome da rua onde Hertford tem residência em Londres. Certa vez foi até lá pintar seu retrato. Seria Canon Row?, pergunta a si mesma. “Espero que perdoe minha grosseria, Keyes, pois preciso encontrar o rastro daquelas jovens antes que se encontrem em dificuldade.”

“Se eu puder ajudar em algo...”, grita ele, mas Levina já saiu correndo.

Uma vez além dos portões, ela toma o rumo de Canon Row. Chega esbaforida, sem conseguir lembrar qual é a casa de Hertford. Caminha para cima e para baixo, arfando e com a mão

no baço dolorido, em busca de algo que refresque sua memória. Preocupada, imagina com o que vai deparar ao encontrar a casa. É então que reconhece uma limeira em frente a uma porta, com uma pequena praça de paralelepípedos em frente, e o estilo distinto de alvenaria em espinha de peixe que cerca as janelas da residência de Hertford.

Ela bate com força na porta, mas ninguém responde. Espia pela janela, e o lugar parece deserto. Não há criados ou vivalma ali. Sentindo-se tola, Levina se recrimina por ter se deixado levar pela imaginação. O mais provável é que Hertford esteja em Hanworth com a mãe, e certamente as moças saíram para um passeio pela grande galeria do palácio, sem saber da sua preocupação desnecessária. Deveria estar feliz por saber que Katherine melhorou e saiu da cama, em vez de sair correndo feito uma louca, permitindo que inquietações se apoderassem dela — aquele cadáver deve ter influenciado seu estado de espírito. Mas a preocupação continua a incomodá-la, e Levina volta a bater na porta, com tanta força que chega a machucar as juntas.

Dezembro de 1560, Canon Row

Katherine

Ouvem-se batidas fortes na porta. Viro para Hertford. “Quem é?” Ele não responde. Apenas balança a cabeça, aperta os lábios e segura minha mão com um pouco mais de força.

“Onde está todo mundo? Por que seu criado não atende?”, pergunta Juno.

“Dei folga aos serviçais, para que tivéssemos privacidade”, diz Hertford.

“Até Barnaby?”

“Todos.”

O capelão — um sujeito de corpo roliço usando uma batina de lã negra puída, com uma cruz grosseira de madeira pendurada num cordão de peltre no pescoço — parece incomodado, como se tivesse algum outro compromisso. Eu me pergunto onde Juno e Hertford foram arrumá-lo. Talvez em meio a dezenas como ele, que caminham esses dias pelas ruas de Londres, de volta do exílio e procurando trabalho, agora que sua fé não é mais proibida.

“Quem bate?”, pergunto de novo.

A ansiedade deve estar evidente em minha voz, pois Hertford diz: “Não se assuste, Kitty. Neste cômodo não podemos ser vistos da rua”.

“Você pensou em tudo, irmão”, diz Juno.

Por fim, o barulho para.

“Estamos prontos?”, diz Hertford, dirigindo suas palavras ao capelão, que folheia seu livro de orações usando uma lupa que o deixa estrábico.

“Ah, sim, milorde.” Ele ergue os olhos para nós, esfregando-os. Parece demorar a encontrar o foco.

“Devemos nos ajoelhar?”, pergunta Hertford.

“Se assim desejar, milorde.”

Enquanto ficamos de joelhos, tento pensar em Deus e na santidade do matrimônio, mas parece que tudo o que tenho em mente são as lembranças de meu casamento anterior — o esplendor de Durham House; o enorme agrupamento de nobres que presenciou nossas núpcias; meu vestido, mais suntuoso que qualquer coisa que eu já havia vestido ou vesti desde então. Evito pensar em Jane. Olho para baixo, para minhas roupas

manchadas de lama, a areia grudada na saia e a poeira sob minhas unhas, mas, em vez de sentir tristeza, isso desperta em mim uma risadinha. Eu me apoio na nuca de Hertford e sussurro “Amo você”, então ele toma minha mão para beijá-la. Um pensamento ocupa minha cabeça: *Amo você demais*.

“Quando se trata de amor, Kitty, nunca é demais”, diz ele, e só então me dou conta de que disse as palavras em voz alta. Apesar de suas garantias, não estou tão certa, pois tenho a impressão de estar escorregando no gelo, e não sei se vou cair sentada ou deslizar com a beleza dos patinadores flamengos. Concentro todos os meus pensamentos em sua mão apertando a minha, firme, e a inquietação diminui um pouco.

A barulheira na porta da frente recomeça, deixando-nos em silêncio e imóveis. Olho para Hertford; seu maxilar se contrai e descontraí. Juno começa a tossir. Ela tenta se conter, e o esforço a deixa vermelha. Felizmente, as batidas param.

“O que a incomoda, irmã?”, pergunta Hertford.

“Não é nada”, diz ela, depois que o acesso para.

O capelão pega de novo o livro e o folheia, examinando as palavras e começando a ler, com dificuldade de segurar a lupa e virar a página ao mesmo tempo. Ele não parece estar muito acostumado a cerimônias de casamento. Meu olhar encontra o de Juno e sorrimos uma para a outra. Se não fosse meu próprio casamento, estaríamos rindo juntas do religioso tão incompetente.

Repetimos os votos, um após o outro, e sinto como se meu coração fosse pular do peito e subir ao céu. Hertford pega uma bolsa de dentro de seu gibão e a balança no ar diante de mim, como quem oferece uma iguaria ao bichinho favorito. Ele a abre, segura minha mão com a palma para cima e deixa cair nela

um anel. É feito de cinco aros dourados entrelaçados.

“Leia a inscrição”, sussurra ele.

Ergo os olhos para o capelão, para saber se ele permite esse tipo de coisa no meio da cerimônia. O homem balança a cabeça, autorizando, e leio as letras minúsculas gravadas em torno do anel.

*Como a arte cinco círculos uniu e à vista mostra um anel só,
Os corações fiéis a confiança une com a força secreta de um nó.*

“Oh!”, suspiro, tonta de amor, e Hertford o coloca em meu dedo, perto do diamante, enquanto repete as palavras do capelão.

E pronto. Estamos casados.

Subitamente, Hertford parece atarefado, entregando ao homem uma bolsa e apressando-o porta afora. Manda-o sair pelos fundos e insiste que não fale a pessoa alguma o que ocorreu, causando-me tristeza por dentro ao pensar no que fizemos. Mas esse sentimento de tristeza não se compara à sensação que toma conta de mim, de ter criado asas e levantado voo.

Depois que o capelão vai embora, Hertford se vira em minha direção. Afrouxa o colarinho e se livra do bonete, soltando os cabelos, que caem no rosto. Então diz: “Só tem mais uma coisa. Este casamento precisa ser consumado, condessa”.

Ele me toma nos braços com um sorriso e caminha em direção à porta. Juno sorri quando passamos por ela, e um pensamento momentâneo atravessa minha mente — talvez deseje um marido para si, embora sempre tenha me dito que não. *Aprecio minha liberdade*, afirmou mais de uma vez.

Sou carregada até o quarto e atirada na cama. “Vamos fazer um herdeiro para o trono”, murmura ele, desfazendo os laços do meu vestido. Mas não é o que quero ouvir. Por isso, concentro-me no sangue que me sobe às orelhas e nos gemidos e suspiros ansiosos que soltamos. Seu cheiro, sua proximidade e sua presença me deixam tão embriagada que sinto que vou flutuar.

Março de 1561, Whitehall

Mary

Quase tropeço em Hertford ao chegar aos aposentos de Juno.

“Lady Mary”, diz ele, educadamente, tirando o bonete e curvando-se numa reverência formal. Seus olhos parecem evitar os meus. “Eu estava saindo neste instante.”

“O senhor tem se encontrado aqui com certa frequência, milorde”, comento.

“São os aposentos da minha irmã.”

“É bem verdade.” Não que eu me incomode com ele — há homens bem piores. Mas Katherine tem sido descuidada com seus encontros, e as pessoas comentam. Não posso deixar de pensar se a rainha já ficou sabendo do flerte. Talvez não se importe muito, já que coisas assim acontecem o tempo todo na corte. Além disso, provavelmente está ocupada demais com Dudley para se preocupar. “Minha irmã está?”

“Sim.” Ele torce o bonete como se fosse tirar água dele. Ficamos um instante em silêncio; não sei o que lhe dizer, a não ser pedir que deixe Katherine em paz, e Hertford claramente não tem nada a falar. Ele acena com a cabeça, tartamudeia uma desculpa, põe o bonete todo torto e amarrotado de volta na cabeça e passa por mim para descer os degraus rumo ao pátio.

Quando entro, os cães levantam a cabeça e vêm me saudar, dançando a meus pés com o rabo balançando. Acaricio as orelhas de Eco e, ao olhar para cima, vejo Katherine deitada na cama com as mãos entrelaçadas sobre o peito, como se estivesse morta. Ela está totalmente imóvel e não reage nem à balbúrdia do carinho dos cães nem à porta fechada por mim com estrondo nem a meus passos atravessando o quarto em sua direção. Meu único pensamento é que Hertford a matou. O medo me invade, causando um nó na garganta. Mas, quando me aproximo, vejo que pisca, e o alívio toma conta de mim. Jogo-me na cama ao lado dela, cobrindo-a de beijos e dizendo: “Kitty, graças a Deus!”.

“Ratinha! O que está fazendo?” Ela se senta na cama, dando-me um safanão.

“Achei que você estivesse morta.”

“Eu *queria* estar morta”, diz ela, cobrindo o rosto com as duas mãos, como um bebê que acha que fazendo isso vai ficar invisível.

“O que ele fez?” Sei que Hertford é a causa disso.

“Ele? Nada”, diz minha irmã com a voz azeda como limão. “*Cecil* vai mandá-lo para o estrangeiro, para visitar todas as cortes, em deveres de Estado. Hertford vai conviver com todas as belezas que a Europa tem a oferecer. Ouvi dizer que a França tem belas princesas, e que os Países Baixos estão repletos de potranças nobres, e quanto a...”

Aperto sua boca com os dedos para fazê-la parar de falar. “Kitty, o que é isso? Ele vai viajar durante alguns meses. Depois volta. Não é o fim do mundo.” Na minha cabeça, é até bom que Hertford vá.

“Você não entende.” Ela tira os olhos de mim, observa o bordado das cortinas e depois as mãos, examinando as unhas.

Espero em silêncio por uma explicação. “É Cecil quem o está mandando. Ele não tem escolha.”

“Não tem nada de mais nisso, Kitty. Não é uma honra ser enviado ao estrangeiro para negócios de Estado? Temos de fazer o que nos mandam. Nenhum de nós tem escolha quando se trata de...”

“Mas...” Ela agarra meu pulso e acrescenta, em voz baixa: “Temo que Cecil queira se livrar dele e mande alguém envenená-lo quando estiver longe de vista.” Minha irmã me encara com olhos marejados, cheios do tipo de medo e tristeza que não costumo ver nela, sempre tão otimista.

“Você se preocupa demais”, digo, puxando meu lenço e enxugando suas lágrimas. “Não consigo pensar numa única razão para que Cecil queira se livrar de Hertford. É parte da instrução de um jovem visitar as cortes no estrangeiro, não? De que outra forma ele vai conhecer o mundo?”

“Você não entende.” Katherine rói uma das unhas até tirar sangue. “Cecil já o ameaçou antes.” Pego sua mão, trazendo-a ao meu colo para que não se machuque mais. Ela faz uma cara de surpresa. Não está acostumada a me ver segurando sua mão assim.

“Tenho certeza de que seus receios são infundados. Cecil está preocupado demais com a rainha e com Dudley para se importar com o que Hertford está fazendo ou deixando de fazer. Eu apostaria que, quando voltar, até você vai ter se esquecido dele.” Katherine puxa de volta a mão e fico com medo de ter dito algo errado e piorado as coisas.

“Ele é meu marido”, solta ela. “Desde dezembro.”

“Vocês se *casaram*?” Fico estupefata com a notícia, nem tanto pela surpresa de Katherine ter sido tão temerária a ponto de se

casar em segredo, tampouco porque deixou de me confidenciar o fato, mas porque não me dei conta de algo tão importante — eu, que percebo tudo, deixei passar, durante três meses inteiros, todos os sinais do casamento clandestino de minha irmã. Também fico irritada ao recordar como as pessoas comentam a ambição de Hertford, achando que só pode ter o intuito de se autopromover; mas também é verdade que testemunhei alguns momentos de ternura genuína entre eles. Uma vez na vida, não sei o que achar, mas sei que a rainha não vai ficar contente. Só de pensar, meu estômago revira. “Desde dezembro.”

Ela confirma, e seus olhos começam a lacrimejar de novo.

“Por quê?” Não consigo entender o motivo pelo qual minha irmã se colocaria em tamanho risco. Ela pode se fazer de tola, mas *sei* que não é assim.

“Eu o amo, Ratinha.”

Faço menção de falar, querendo perguntar o que é o amor para ela, que disse tantas vezes estar apaixonada, mas algo em seu semblante me faz entender. Talvez não seja uma paixão passageira como as outras.

“Eu tive minha pequenina chance de felicidade. Por isso decidi agarrá-la. Talvez a rainha nunca me desse permissão. Poderia ter sido forçada a ficar como dama de companhia, a serviço dela, para sempre. Juno acha que seria bem pior desafiar uma recusa de permissão que...” Ela para, puxa o ar e solta num longo suspiro. “Ele poderia ter casado com outra, Ratinha.”

“Ah, Kitty”, digo. Minha intenção não é repreendê-la. Mas, é claro, estou pensando no que aconteceu a Jane quando ela caiu em desgraça junto a outra rainha.

“Ah, Kitty”, repete ela. “Como poderia saber o que é sentir o que sinto?”

Fico ofendida. É claro que nunca vou entender. Meu destino é fazer aquilo que ela está arriscando a vida para evitar: ficar a serviço da rainha, para sempre como dama de companhia.

“Para a aleijadinha Mary Grey, não há nenhuma possibilidade de amor.” Não tenho como esconder minha cólera. “Para *mim*, não existe outro caminho.” Ela se encolhe como se eu tivesse dado um tapa em sua cara. “Não ocorreu a você que Hertford possa estar perseguindo seus próprios objetivos?”

“Não. Mas não me peça para explicar como sei. Apenas sei. Ele está morrendo de medo de Cecil, e mesmo assim...”

“Hertford tem muito a ganhar.”

“E a perder!”

Ela tem razão, é claro. “Quem mais sabe disso?”, pergunto.

“Só Juno.”

“Deve ter havido um religioso.”

“Era um capelão qualquer, que já sumiu. Ah, Ratinha.” A voz dela fica fraca e sem vida. “O que foi que eu fiz?”

O sangue da unha manchou o cetim do vestido. “Você não...?” Dou uma olhada na barriga dela, voltando a sentir compaixão.

“Não!” Mas Katherine parece insegura. “Pelo menos acho que não. Outro dia sangrei, mas tem acontecido esporadicamente.” Ela hesita, mexendo nos dedos. “E pouco.”

“Bem, isso é porque você está muito magra.” Pego seu pulso, e até *eu* consigo envolvê-lo facilmente com a ponta do dedo mínimo e do polegar. “Todas sabemos que se você não comer direito suas regras param.” Katherine nunca foi um bom garfo — ela dá mais aos cães, por baixo da mesa, do que põe na boca.

“É”, suspira ela, curvando os ombros. “Não tinha pensado nisso.”

“Está vendo? Não é tão ruim quanto você pensa.” Nem eu

nem ela estamos muito tranquilas, porém. Penso, e certamente ela também, no que a rainha fará se — ou *quando* — descobrir o casamento sem autorização. Ela começa a brincar com algo pendurado na corrente em torno de seu pescoço, então percebe que estou olhando.

“Olhe.” Katherine me mostra um par de alianças, uma com um diamante pontudo e outra composta por cinco anéis entrelaçados.

“Dele?” Eu me inclino para examiná-los. Ambos são muito bem-feitos; não se trata de bijuterias fabricadas apressadamente. Aceito, relutante, que as intenções de Hertford são sérias.

“Você foi louca”, digo. “Devia ter esperado.” Só penso em mim mesma, vendo desintegrar-se meu sonho, a esperança de morarmos juntas, de sermos uma família. “Estou cansada da sua impetuosidade, Kitty. Nunca pensa nas consequências que seus atos podem ter para os outros.” O que quero dizer, na verdade, é que ela nunca pensa em mim.

“Mas...” Katherine parece totalmente abatida, destroçada pela minha raiva, e eu passo a me sentir mal por tê-la feito ver isso num momento em que está tão vulnerável.

Ouve-se um ruído no andar de baixo.

“A porta do térreo”, diz ela, enfiando os anéis de volta dentro da roupa. Ouvimos passos pesados subindo os degraus.

A porta se abre e Hertford aparece com Juno nos braços. Ela está mais pálida do que eu julgava possível um ser humano ficar. Uma expressão de absoluta dor toma conta do rosto dele. Katherine pula da cama e puxa as cobertas, abrindo espaço. Eu me afasto para deixar Hertford passar e colocar o corpo flácido de Juno cuidadosamente sob os lençóis. Minha irmã a cobre com uma pele, que ela enrola no pescoço.

“Ela está fria, Hertford. Gelada!”, Katherine diz em um fio de voz.

“Fique com ela”, pede ele. “Vou buscar o médico.”

Juno está imóvel, a não ser pelos olhos, que de tempos em tempos se entreabrem e mexem antes de se fecharem de novo; a respiração é fraca, vinda da garganta, horivelmente rouca, como se ela não conseguisse levar ar suficiente aos pulmões para continuar viva. Jogo outro pedaço de lenha no fogo, atijando-o, então pego uma pedra quente com a tenaz e a jogo entre as brasas, sem saber o que mais fazer durante a interminável espera. O céu fechou lá fora, e ficamos sentadas no limbo, ouvindo apenas o barulho da chuva batucando na janela.

Pego a pedra quente do fogo e jogo-a numa panela de cabo longo, fechando com cuidado e arrastando-a para embaixo da cama. Em seguida, acendo uma vela e subo na cama no meio das duas, fechando as cortinas à nossa volta para impedir a friagem de entrar. Katherine canta baixinho, mas tem dificuldade em manter o tom. Suas bochechas úmidas brilham à luz da vela, como se fossem folheadas a ouro.

“Faz meses que ela está tossindo”, sussurra minha irmã. “Não achei... não achei... Eu estava enrolada em minhas próprias coisas. Oh, meu Deus, Ratinha. Quem sabe se...”

Ponho a mão em seu braço, interrompendo-a. “Nada poderia ter evitado isso, Kitty. Ela vai ficar boa; é só esperar.”

Mas são palavras vazias, e Katherine sabe disso tanto quanto eu. Juno não vai ficar boa. Já vimos muita gente às portas da morte; sabemos que cara tem.

“Ontem mesmo ela estava saltitando.” A voz de Kitty agora se enche de esperança. “Dancei uma pavana junto com ela.”

Eu estava lá, vendo-as dançar, e me lembro agora de como

Juno parecia fraca e exausta, de como teve de parar por causa de um acesso de tosse que tomou conta com tanta força de seu corpo frágil que temi que fosse se partir em duas.

“Ontem mesmo ela estava dançando”, repito. Espanta-me a forma, mesmo agora que Katherine tem vinte anos e eu apenas quinze, como sempre que há uma crise sou eu que assumo o comando. Tem sido assim desde que Jane foi tomada de nós.

O médico chega, enfim, e eu abro um pouco as cortinas da cama. Ele é um sujeito grande e sombrio, que traz junto ao peito uma mala de couro grande e dura. Atrás dele, Hertford observa, com o olhar assustado de um pônei selvagem.

“Pois bem, qual seria o problema?”, pergunta o médico, cuja papada balança como geleia quando fala.

Minha vontade é sacudi-lo e gritar: “Não é *qual seria*, e sim qual é!”. Mas fico apenas olhando enquanto ele faz “hummmms” e “ahhhs” verificando o corpo inerte de Juno.

Acho que sou a única que percebe quando ela para de respirar e a vida se esvai de seu corpo.

Katherine segura a manga do médico e implora que ele salve a amiga, num pedido desesperado. Ele tenta se livrar dela. Ver isso me corta o coração.

“Kitty”, digo, pondo as mãos em seu rosto e forçando-a a olhar para mim. “Kitty, ela se foi.”

“Não!”, grita ela. “NÃO!”

Hertford também está chorando.

O médico procura seu pulso, pressionando os dedos em seu pescoço, então tira a mão e balança a cabeça. Começa a tagarelar sobre a causa da morte e manda chamar um capelão. Gostaria que nos deixasse em paz. De que adianta um capelão agora?

Katherine sobe de novo na cama, ao lado de Juno, e cochicha

em seu ouvido como se ainda estivesse viva e pudessem dividir segredos, como sempre.

Hertford reúne forças o bastante para pedir ao médico que nos deixe a sós com nosso luto, conduzindo-o com sua enorme maleta pela porta e fechando-a atrás dele.

Eu me volto para a cama. Katherine segura Juno pelos ombros, sacudindo-a. “Volte”, diz, soluçando. “Volte, meu amor.”

É uma visão de cortar o mais duro dos corações.

Por fim, ela se vira para Hertford e diz: “Agora você não pode me deixar”.

Olho para ele; seu rosto está deformado pela dor — nunca vi irmãos tão próximos. Dou-me conta de que Juno era o pivô em torno do qual girava o amor recíproco de Katherine e Hertford. Ele faz menção de dizer alguma coisa, mas nesse momento percebo algo em seus olhos que parece ser medo, e Hertford parece mudar de ideia com um movimento quase imperceptível da cabeça, simplesmente estendendo a mão para acariciar silenciosamente as costas de Katherine.

Junho de 1561, Ludgate

Levina

O céu está escuro e manchado com pinceladas furiosas de rosa. Tudo parece imóvel, como se Deus estivesse prendendo a respiração; até os pássaros estão em silêncio. Então o vento, de início um sussurro que roça a copa das árvores, vai ganhando força, e as rajadas começam a soprar, fazendo todos buscarem abrigo à espera da chuva. Levina observa os relâmpagos à distância, os lampejos iluminando tudo, contando os batimentos

cardíacos até o trovão ressoar, para calcular a distância — uma légua por batida — pela diferença entre o som e a luz. O raio anuncia sua chegada com um risco entalhado que rasga o céu, causando um arrepio em Levina. Uma trovoadá simultânea arranca um grito da nova criada, Ellen, e faz o pobre Herói correr para se esconder embaixo da mesa.

Ela assiste à chuva que passa rumo ao sul. Mas o vento continua a uivar, pontuado aqui e ali por trovões. Com a ajuda de Ellen, fecha as persianas, torcendo para que o vidro das janelas não quebre. A pobre criada está petrificada, com medo demais para conseguir dormir — embora ninguém consiga mesmo fazê-lo com tanto barulho. Por isso, as duas ficam sentadas juntas, Ellen encolhida ao pé do fogo, balançando para a frente e para trás, cantando uma canção de ninar.

Levina leva uma vela até a mesa e começa a separar alguns papéis. Ela precisa responder correspondências, fazer contas e coisas do tipo. Desde que George viajou para Bruges, quase um mês atrás, para cuidar do testamento do pai, Levina quase não fez nada disso. Mal consegue lembrar a última vez que os dois se sentaram à mesa, mal consegue lembrar o último momento de carinho em comum — seu casamento anda abandonado como um túmulo esquecido. Mas ela diz a si mesma que George a ama, por não ser como as outras esposas, por ter uma profissão, por ganhar dinheiro para pôr vidro nas janelas. Ela sabe, porém, que o oposto também pode ser verdade — que tudo isso o tenha deixado ressentido, assim como todo o tempo perdido longe dele, levando a própria vida.

Levina pega um panfleto de um grupo de puritanos. Eles não estão contentes com a postura em cima do muro da rainha; acham que ela deve levar adiante as reformas da Igreja e

reprimir mais duramente os católicos. Houve um tempo em que concordaria com eles, mas lhe resta pouca energia, e ela se contenta simplesmente em poder praticar sua fé sem receio de perseguições. Isso a faz pensar em todos os riscos que correu durante o reinado da rainha anterior, todos os desenhos, os documentos contrabandeados. Uma imagem — o nauseante jorro carmesim — aparece em sua mente como se tivesse sido ontem, e não, percebe com espanto, sete anos atrás.

Um barulho forte do lado de fora faz Ellen saltar, com um soluço de medo.

“Não se inquiete, querida”, diz Levina, tentando acalmá-la. “Provavelmente caiu o letreiro de alguma taberna. Nunca os colocam direito. Por que você não vai fazer uma bebida quente para nós? Assim ocupa sua mente com outras coisas.”

A moça se levanta e vai colocar uma panela sobre o fogo, enquanto Levina retorna à sua papelada. Quase no fundo da pilha encontra uma carta fechada, endereçada ao marido. Alguma coisa desperta sua suspeita; certo floreio da caligrafia, que a faz pensar em uma mulher. Levina ergue a carta à altura do nariz para cheirá-la. Não tem nenhum odor especial, nenhum resíduo de perfume. O selo está manchado e ilegível. Ela a põe sobre a mesa e continua a selecionar o restante dos papéis. Ellen coloca uma xícara fumegante ao lado dela, e Levina pergunta se não poderia separar seus frascos de tinta, mais para distraí-la com alguma coisa do que por achar necessária a tarefa. Beberica, queimando ligeiramente a boca. Seu pensamento volta o tempo todo à carta, que a incomoda. As curvas meticulosas da letra desconhecida de mulher despertam sua desconfiança. Por fim, é vencida pela curiosidade.

Foi escrita em holandês, o que a surpreende. Por um instante,

acha que pode ser da mãe de George, supondo que ela a tenha enviado depois que ele partiu para Bruges, sem saber que já estava a caminho. Mas não, a mãe não assinaria uma carta com: *Para sempre seu verdadeiro amor, meu coração lhe pertence, Lotte*. Ela se afunda na cadeira, agora desejando não ter aberto a carta, desejando nunca ter sabido dessa Lotte e das saudades dela, desejando poder retornar à alegria da ignorância. Pergunta-se quando isso começou, e supõe que desde que ele foi a Bruges durante o reinado da antiga rainha, quatro anos antes.

Levina é espicaçada pela raiva: ele manteve o segredo durante quatro anos. Ela pensa retrospectivamente, compreendendo agora sua frieza, seu ar de respeito distanciado. Sempre supôs que George a amava muito mais que ela a ele, e durante todo esse tempo estava apaixonado por outra. Ela se recrimina por tê-lo negligenciado, por todo o tempo que passou na corte. Examinando os próprios sentimentos, encontra um pouco de ciúme, um pouco de raiva, um pouco de culpa, mas o sentimento que prevalece é o arrependimento, vendo que apenas agora que seu casamento acabou se dá conta do quanto era precioso. Sente um vazio abrir-se dentro dela, como uma espécie de luto.

Sem pensar, pega uma folha de papel e tira a rolha que tampa o frasco de tinta preta, então aponta uma pena e começa a escrever à rainha um pedido para deixar a corte e viajar a Bruges. Ela não vai perder George sem lutar, e as Grey não parecem estar em perigo iminente. FERIA parou de conspirar desde que a situação com a França mudou, e Elizabeth parece estar favorecendo as jovens primas. Ela se lembra do pânico de quando tolamente chegou a imaginar algum plano de casamento secreto de Katherine, meses antes. Agora Hertford estava no

estrangeiro e ficaria lá durante a maior parte do ano.

Pensa em sua promessa a Frances. Tem sido fiel à amiga, e as moças estão em relativa segurança. A pobre Katherine está de luto por Juno. Levina não consegue tirar da mente o rosto abatido da jovem no enterro, como se toda a alegria tivesse sido arrancada dela para todo o sempre. Mas Katherine tem a irmã para consolá-la. Levina se lembra do que sentiu no dia em que Frances morreu, uma saudade intensa e dolorosa, que diminuiu com o passar dos meses, mas nunca vai deixá-la. Teria preferido a amizade ao próprio casamento? Acha que talvez sim. Na época, não lhe pareceu uma escolha, não depois do horror da morte de Jane. Mas agora tudo isso é passado. Sim, ela partirá assim que conseguir uma passagem, na esperança de recuperar um futuro junto ao marido.

Alguém bate à porta. “É Henry Carruth. A senhora está aí?”, gritam de fora.

“Já vai.” Ela abre a porta, sentindo o vento cortante entrar.

“Um raio caiu em St. Paul”, diz ele. “O coruchéu da catedral está em chamas. Estamos assistindo do nosso telhado. É uma visão e tanto. Achei que gostaria de ver. Quer se juntar a nós?”

“A catedral. Oh, meu Deus.” Ele tem razão, ela gostaria de ver um espetáculo tão terrível. “Vou levar minha criada, se o senhor não se importar. Está assustada demais para ficar sozinha.”

Levina pega um xale e, segurando Ellen pela mão, segue Henry Carruth pelos escassos degraus entre a porta de sua casa e a dele. Os três vão subindo pelas escadas até chegar ao último lance, mais estreito, por onde só passa uma pessoa por vez. Depois de chegar ao topo, passando por um alçapão, eles veem Anne Carruth de pé com os filhos, uma fileira de silhuetas escuras contra um céu manchado por um vermelho alaranjado.

Ela grita um cumprimento e Levina se junta a eles, que assistem ao incêndio num silêncio espantado. Ellen aperta com força a mão de Levina, tremendo como um bicho encurralado. Eles sentem o calor no rosto. As chamas brilham, lambendo o céu bem acima do coruchéu, transbordando do teto; o fogo estala ruidoso, cuspidando faíscas como fogos de artifício.

“Isso é obra de Deus”, diz Anne Carruth. “Ele quer que este lugar se livre para sempre dos católicos.”

Levina faz um aceno, mas pensa que os católicos terão sua própria versão dos eventos — dizendo que o Deus deles também está em cólera. Ela tem certeza de que a rainha encontrará um jeito de fazer esse acontecimento servir aos seus próprios propósitos. As pessoas, diminutas formas escuras bem mais abaixo, formam uma fila que parte do rio, passando baldes e molhando o restante do edifício para evitar que as chamas se alastrem. É uma tarefa inútil, diante de tamanha conflagração. Levina chupa o dedo e o ergue contra o vento.

“Está indo na outra direção”, diz. Pensa, então, em todas as almas que moram no leste, em casas empilhadas umas sobre as outras, feitas de madeira e argamassa, equilibrando pavimentos acrescentados para acomodar cada vez mais pessoas neles — essa é a Londres atual. Alice Carruth solta um grito quando os enormes sinos desabam na torre sul, com um terrível estrondo. Ela é uma jovem bonita, mas ainda não se casou. Levina pensa em Marcus, desejando que estivesse lá, ainda a cortejá-la, e de maneira inevitável sua mente retorna, com uma pontada de dor, a George, no aconchego de Bruges com Lotte. O vento muda, tomando a direção deles, causando um alarido de pânico. Logo depois vem a chuva, torrencial, obrigando-os a entrar. Eles se sentam ao pé da lareira, tomam um chá quente e esperam a

notícia do fim do incêndio.

No dia seguinte, ao descer, Levina encontra a sala vazia. Sua mente ainda está povoada por imagens do incêndio. Sua imaginação corre solta, com impressões que gostaria de traduzir com tinta. A tempestade limpou o ar e um raio de sol atravessa a janela, iluminando as tábuas do chão. Levina percebe que o piso não foi devidamente varrido e que a poeira se acumulou nos cantos. Quando olha em torno, percebe que os móveis estão em mau estado e que a casa inteira tem um ar de desamor. Só agora notou isso: negligenciou a própria casa, o próprio casamento, George. Não admira que tenha ido buscar o calor de outro corpo.

Ela continua decidida a viajar a Bruges, mas à luz fria da manhã lhe sobrevêm dúvidas quanto ao que tal viagem pode levar. Na noite anterior estava certa de que, se fosse até ele, George voltaria, afinal, são casados aos olhos de Deus. Mas agora ela teme que o marido não queira voltar. O que haveria ali para ele, se Marcus foi embora e seu amor recaiu sobre outra? Mas quem não chora não mama — então ela vai.

Julho de 1561, Greenwich
Katherine

“Lady Katherine, onde estão as roupas de cama da rainha? É preciso empacotá-las. Voltaram da lavanderia?” A voz de Kat Astley martela meus ouvidos. Estamos nos preparando para partir em excursão.

“Não as vi, sra. Astley.” Ela olha, desgostosa, enquanto ponho

um pouco de água para meus cães, que arfam lânguidos no calor. A sra. Astley não gosta dos bichos. Abano um leque, mas tudo o que consigo é agitar um pouco o ar pesado.

“Bem, encontre-as!”, diz a mulher.

É a mesma grosseria da rainha. Uma vez mais perdi os favores reais. Suspeito que contaram a Elizabeth a respeito do flerte com Hertford, embora, para ser justa, eu pouco tenha feito para escondê-lo. Ela não tem como saber do meu casamento, porém, pois apenas três almas vivas têm ciência disso, fora eu mesma. Um simples flerte, comentado no momento errado, é o suficiente para desagradá-la, e não faltam espíritos vingativos entre as damas. A sra. Astley fala comigo como se eu fosse uma camareira comum — suponho que, na visão dela, o desfavor da rainha permita isso. Não adianta reclamar — não há *a quem* reclamar. Levina viajou para Bruges, para resolver alguma coisa. Não que pudesse fazer algo para me ajudar. De todas as pessoas de quem eu verdadeiramente gosto — e são apenas sete — seis se foram: papai, Jane, *maman* e Juno para o paraíso; Hertford, para Deus sabe onde; Levina, para Bruges. Não fosse por Mary, eu estaria completamente à deriva.

Ela faz o melhor que pode para me animar, mas é uma tarefa inglória; meu coração está devastado. Em público, a rainha destila sua ironia perversa, elegendo-me para impiedosas descomposturas sempre que tem a oportunidade.

“Ave canora?”, riu ela quando Cecil elogiou meu talento para o canto ontem. “Aquela taquara rachada?” Desde então tem me chamado de Lady Taquara Rachada. Elizabeth tem bom faro para pontos fracos e compraz-se em repisá-los — os meus parecem estar escritos na minha testa. A dor pela perda de Juno me esvaziou, então Hertford também se foi. Ele se despediu com

um beijo, quatrocentas coroas, um testamento em que me nomeia sua beneficiária e a promessa de que voltará de imediato se eu estiver esperando uma criança. Sinto-me abandonada e assaltada pelo medo, que me revira por dentro, de que ele nunca volte, de que algo lhe aconteça. Amaldiçoo Cecil por tê-lo enviado ao exterior.

Cecil me chamou de lado no dia da partida do meu marido.

“Essa *amizade* que criou com o conde de Hertford tem de acabar.” Ele sorriu, expondo uma fileira de dentes grandes e amarelados como pedras de calcário, e fiquei pensando o quanto sabia. “A senhorita não é uma moça qualquer, que pode ter namoricos aqui e ali, prima. Seria sensato seguir minha orientação nessa questão.”

“Sua orientação?”, repeti. “O senhor tem um par para mim?” Minha ideia era desviar o assunto de Hertford.

“Sei que tem havido tratativas secretas sobre um marido espanhol.”

“Onde o senhor ouviu uma coisa dessas?” Eu já tinha quase esquecido por completo aquela história.

“Não há nada que eu não fique sabendo, Lady Katherine.”

“É mesmo?” Pensei que ele não sabia de meu casamento com Hertford, e isso me deu um sentimento indevido de triunfo. De que adianta guardar um segredo se não tem como obter nada com ele?

“Se Feria entrar em contato, quero saber. Fui compreendido?”

Assenti, mas disse: “Ele não vai”.

“Somos agregados.” A palavra “agregado” foi dita no tom que um capelão usaria para pronunciar “pecado”. Em seguida, ele acrescentou, em voz tão baixa que não sei se ouvi direito: “Estou do *seu* lado, milady”. Fiquei com vontade de perguntar o que ele

queria dizer com aquilo.

“Mande para longe aquela rapazola pelo qual a senhorita tem um fraco, para seu próprio bem”, prosseguiu Cecil. “E, talvez, quando chegar a hora... Tudo é uma questão do momento certo.”

Não consegui encará-lo. Mantive o olhar fixo nas três verrugas que decoram um dos lados de seu rosto.

“Com o casamento certo”, ele disse, passando uma mão pegajosa pelo meu rosto, “aprovado por Sua Majestade. Bem, não gosto de dizer isso, mas a pretensão escocesa poderia ser completamente descartada.”

Em seguida, Cecil segurou meu queixo, como se eu fosse um bebê, e disse: “A senhorita está com bom aspecto, prima. Eu diria que nunca estive tão bem”. Então virou, deixando-me a pensar que planos estaria arquitetando tendo Kitty Grey como peça central.

Estou exausta de tanto pensar. Antes podia simplesmente bloquear as ideias, mas não sou mais a mesma. Quando a rainha me cutuca de forma mais aguda, em vez de dar o tipo de resposta espirituosa que me ajudaria a recuperar seus favores, fico apenas segurando as lágrimas. E Elizabeth fareja a fraqueza — é como carniça para ela. A menina sem medo que pulava no rio não existe mais. É como se tivesse sido enterrada viva com Juno — na verdade, sonho com isso à noite. Em memória dela, mexo no anel com o rosto da morte que estou usando, trazendo-o a meus lábios para beijá-lo. Está frio mesmo neste dia quente. Frio.

“Não temos o dia inteiro.” A voz brusca de Kat Astley interrompe meus pensamentos. “E que diabos está fazendo vestida desse jeito num tempo assim? Não espere que eu me

compadeça se sofrer uma insolação.”

“Não estou com calor”, minto, enrolando-me em meu frouxo vestido negro. Ele é pesado e insuportavelmente quente, mas não vou tirá-lo, e espero que todos achem que o faço em respeito a Juno.

Vou até a lavanderia, com os cachorros me seguindo, contente por encontrar uma desculpa para sair dos aposentos particulares. No frio e úmido corredor do andar de baixo, onde é mais fresco e não há ninguém por perto, eu paro, encostando-me contra a fria parede de pedra. Afrouxo um pouco meu corpete e seguro a barriga, com a sensação inconfundível de que algo se estica dentro dela, como um gato se espreguiçando. É o bebê.

Deixo-me invadir por um sentimento de felicidade, que por um curtíssimo momento me faz esquecer a tristeza. Mas nada pode afastar meu pensamento das cartas em tom de súplica a Hertford, sem resposta. Nem uma palavra. Nada. E isso porque ele me prometeu, tão empolgado com a ideia de fazer um bebê comigo. Posso ouvi-lo sussurrar “Um herdeiro para a Inglaterra” e sentir seu hálito contra a pele da minha nuca enquanto dizia essas palavras. Minha saudade é insuportável como o suplício do desmembramento, como a tortura de anjinhos. *Você foi abandonada*, diz uma voz em minha mente. Dentro de mim, persiste um medo sombrio de perder completamente a cabeça e ir parar em St. Bethlehem, com os lunáticos.

Ao ouvir pegadas, enrolo-me de novo em meu vestido solto, perguntando a mim mesma como é possível que ninguém tenha percebido. Mary, que é a única pessoa a quem contei, me diz que não dá para ver, que parece no máximo que engordei um pouco. Em breve, porém, não vai dar para esconder — e essa

ideia é como uma corda no meu pescoço, que me aperta o tempo todo. É melhor não pensar nisso, nem me deixar levar pela ideia de que Hertford me abandonou. Poderia haver outro motivo para o silêncio dele? Não pense nisso; não pense nisso; não pense nisso.

Caminho em direção à lavanderia, pegando um atalho pelo pátio do estábulo, onde vejo de longe Pembroke desmontando e entregando a montaria a um dos cavaleiros. Ele me procurou menos de um mês atrás e sugeriu, fazendo muitos circunlóquios, que as coisas entre mim e Harry Herbert podiam se “reacender” — essa foi a expressão que usou. “Contaram-me que a senhorita conta com os favores da rainha”, disse ele. Fiquei olhando para suas mãos, grandes e avermelhadas, lembrando-me do tapa que me deu na cara, mas por dentro ria ao vê-lo me bajular.

Fiquei tentada a contar-lhe que chegou atrasado, se a intenção era usar meus privilégios em vantagem própria. “Bem, o *seu* tom mudou”, foi o que eu disse, sem me importar com os modos, vendo-o controlar a raiva diante da minha insolência. Sem dúvida gostaria de me dar outro tapa.

“Muita coisa mudou”, disse Pembroke. “Pense um pouco nisso. Escreva para Harry em Baynard’s. Ele gostaria de ter notícias suas.”

Agora ele me vê do outro lado do pátio, levanta o bonete e acena. Se soubesse que estou esperando uma criança e me casei em segredo, não seria tão educado. Pembroke não pode descobrir que carrego o filho de um homem desaparecido e que não tenho como provar que me casei, pois a única testemunha está morta e o capelão — bem, só Deus sabe onde ele foi parar; não sei sequer seu nome. Pior ainda, consegui perder o

testamento que Hertford elaborou antes de ir embora. *Você foi abandonada*, sussurra a voz em minha cabeça. O ar está tão abafado que não consigo respirar. Melhor não pensar nessas coisas.

Ignoro Pembroke e, descuidando dos lençóis da rainha, vou atrás de Mary nos aposentos das damas de companhia. Encontro-a sozinha, vestida apenas de camisola, lendo um livro na cama. Deito ao lado dela e pergunto: “Como você escapou?”.

“Fingi uma dor de cabeça”, responde ela. Livro-me das minhas camadas de roupa. “Um raro momento juntas a sós”, diz minha irmã, ajudando-me a tirar o vestido.

“Sinto falta do quarto de Juno”, digo.

“Sim.” Ela sabe o que quero dizer: que sinto falta de Juno.

Levo as mãos à barriga, esticando o tecido da camisola para mostrar a ela minha forma. “São *nove* meses, não?”

“Do começo ao fim? Acho que sim.”

“Mas quando você começa a contar?” Tento pensar em quando o bebê foi plantado em mim, mas poderia ter sido em mil ocasiões diferentes.

Mary dá de ombros. “Ninguém nunca me falou dessas coisas.”

“Nem comigo. Talvez eu deva contar a partir de quando ele se mexeu pela primeira vez. Não parece certo?”

“Talvez.” Ela parece em dúvida.

“E pensar, Ratinha, que eu sabia de tudo sobre como não pegar criança... Nunca pensei em me informar sobre o outro lado da coisa.”

“O mais triste é que você não tomou...”

Eu a interrompo antes que diga o óbvio. “Sou casada. Não precisava.”

Mary está decepcionada comigo, dá para ler isso em seus

olhos. E não tem como ajudar, pois sabe ainda menos que eu. Não há uma pessoa sequer em quem eu confie para perguntar a respeito.

“Só estou dizendo que é uma pena você se encontrar assim.” Ela pega minha mão e aperta. “Queria poder ajudá-la, Kitty.”

Eu me lembro da antiga rainha e de todo o alarde em torno de sua gravidez. Vi crescer a barriga de damas casadas, nos aposentos particulares, e vi quando foram embora para o parto, voltando alguns meses depois, novamente magras como meninas. Mas às vezes elas não voltavam. Essa é outra coisa em que não devo pensar.

Subo minha camisola, mostrando a barriga nua. Sim, ela está redonda, mas ainda é pequena. “O que acha, Ratinha? Moderadamente roliça?”

Ela toca minha pele com sua mão diminuta. Aquilo desperta as lágrimas nos meus olhos.

“Esse é meu sobrinho ou minha sobrinha”, Mary murmura.

“Pare de sonhar acordada em virar titia e me diga se acha que ainda dá para esconder.”

“Sim. Você ainda não está parecendo com Mary Sidney quando ela foi embora para ter o bebê.”

“Como você sabe?”

“Eu a ajudava a se vestir quando ficou gorda demais até para fechar os sapatos. Eu a vi de camisola quando faltava um mês.”

“E não estava parecida comigo?”

“Nem um pouco. A barriga dela ficou grande e esticada como um tambor.” Com as mãos, Mary desenha uma forma redonda, como se estivesse abraçando uma pessoa invisível. “Mas Kitty...” Ela não diz mais nada, mas sei que está pensando no que será de mim.

Tudo aquilo em que não posso pensar volta a ocupar minha mente. Fico sem ar e corro para a janela, deixando-a bem aberta, tentando respirar. Embaixo, vejo o pavimento liso e duro. Imagino minha cabeça abrindo ao chocar-se com ele, explodindo como um melão.

Sinto o toque de Mary em meu ombro. “Nas piores horas, peço a orientação de Jane.”

“Jane? *Nossa irmã?* Como assim?” Ainda estou pensando no pavimento liso e duro lá embaixo.

“Às vezes é reconfortante”, diz Mary, levando-me gentilmente para longe da janela. “Fico pensando no que ela faria.”

“Eu sei o que Jane diria. Que provoquei isso a mim mesma, com minha própria loucura.”

“Ela diria que você tem de aceitar os desígnios de Deus.”

De que adiantam os desígnios de Deus quando tem um bebê crescendo dentro de mim?, fico pensando. Mas não posso dizer isso em voz alta.

Julho-agosto de 1561, Essex/ Suffolk

Mary

Estou exausta ao chegarmos à residência de Lord Rich, em Wanstead. Sygnet, meu pônei, pode ser dócil, mas meu corpo curvado não foi feito para um dia inteiro de cavalgada. Sinto dores terríveis nas costas, o que dificulta andar depois de desmontar. Ouço um tordo cantando em algum lugar e fecho os olhos por um instante, apoiada na parede para escutar enquanto Katherine vai buscar os cães na carroça das malas, soltando-os para correr e fazer suas necessidades antes de entrarmos. Sinto muito receio por minha irmã; durante a viagem inteira, mal

abriu a boca, e parece mais exausta que eu, como se tivessem roubado a luz que existia dentro dela. Lentamente, nós nos arrastamos escada acima; os cães vão pulando na frente, suas unhas fazendo barulho nos degraus de pedra.

Quando adentramos a antessala que foi reservada para servir de quarto particular, chega uma encomenda, trazida por Henry Seymour, irmão de Hertford.

“Para Sua Majestade”, diz ele, e tenho certeza de vê-lo piscar para Katherine. “Da França.” É um cesto de madeira, de cerca de meia jarda de comprimento, amarrado com um cordel.

“Entregue a mim”, diz Kat Astley com seu jeito rude habitual. Ela pega a caixa e, sempre temerosa de algum truque, inspeciona-a minuciosamente, cheirando-a e pedindo que Henry Seymour a erga para poder ver a parte de baixo. “Da França, o senhor disse, milorde?”

“Do meu irmão”, responde ele. Então é por isso que deu a piscadela. Finalmente Hertford fez contato. Olho para Katherine e vejo um fio de esperança começar a nascer dentro dela.

“Ah, a joalheria encomendada por Sua Majestade”, diz Kat Astley. “Por que não a abre, Lady Katherine, e nos livra de nossa curiosidade? É certo que a senhorita precisa se animar, porque faz semanas que sua cara anda feia como um saco de aniagem.”

Katherine se ajoelha no chão, ao lado do pacote, e nós a rodeamos para vê-la abri-lo. Alguém lhe entrega uma faca para o cordel. Kat Astley acompanha mais de longe, olhando por cima de nossas cabeças, como se fosse uma caixa de pólvora que pudesse explodir. Minha irmã ergue a tampa com um brilho nos olhos e tira, um por um, uma dúzia de pacotes. Todos têm um nome pregado, e são distribuídos entre as damas. O maior deles é pego por Kat Astley e levado para o quarto da rainha. Nós os

abrimos, erguendo o conteúdo com alegria: um par de braceletes dourados para cada uma. Até para mim há um conjunto, pequeno como o de um bebê. Seguro-o perto da luz das velas para apreciar melhor o refinado trabalho do ourives francês, cuja marca está gravada na parte de dentro.

Noto que Katherine não abriu o dela, guardando-o embaixo da saia. Tenho muita vontade de saber o que tem dentro. Um bilhete, talvez, anunciando a volta iminente de Hertford. É minha esperança sincera, pois representaria que o fim da angústia da minha pobre irmã está à vista, embora ainda persista o obstáculo de informar à rainha que carrega uma criança. Quando Hertford voltar, poderá explicar e tudo vai ficar bem. Se tivermos sorte, ela nos dará permissão para morar longe da corte — o que seria, na verdade, uma bênção.

“Kitty, querida, faria o favor de me acompanhar à casa de restauração?”, peço, como pretexto para ficar sozinha com ela.

“É claro, irmã”, responde ela.

A empolgação toma conta de Katherine; suas bochechas ficam coradas e seus olhos brilham. Atravessamos o corredor a passos largos, sem saber direito aonde ir, já que nenhuma de nós conhece a casa. Por fim, acabamos dando em uma pequena sala de música, onde acenderam velas ao lado de um conjunto de virginais.

Katherine segura o pacote diante dos olhos, sentindo seu perfume como se dentro houvesse um pedaço de Hertford. Então, sorridente, com dedos apressados, rasga o papel que o recobre. Dentro, há um par de braceletes, idêntico a todos os outros.

“Ah!”, diz ela, enquanto o sorriso desaparece do rosto. Katherine pega a embalagem descartada, examinando-a para ver

se deixou de notar a carta que certamente deve ter vindo junto. Sem nada achar, ela deixa os braceletes caírem no chão com barulho e enterra o rosto nas mãos.

“Tenho certeza de que foi apenas cautela dele, caso outra pessoa abrisse. Não se desespere. Henry Seymour deve ter uma carta para você. Venha, Kitty, vamos atrás dele.” Ela não diz nada, mas se levanta e anda até a porta, deixando os braceletes no chão. Eu os entrego a ela. “Você tem de parecer normal. Se não usá-los, as pessoas vão perguntar por quê.”

Minha irmã estende a mão como uma criança e eu coloco os braceletes em seus pulsos. Recolho a embalagem e a examino, olhando cuidadosamente cada pedaço para ver se ela deixou alguma coisa passar. Mas Katherine tem razão, não há nenhum bilhete de Hertford.

Quando retornamos, Henry Seymour ainda está cercado pelas damas da rainha, e flerta com uma delas. Eu o chamo de lado, perguntando discretamente se teria algo para minha irmã, mas ele sacode a cabeça e vira as palmas da mão abertas para o teto, murmurando “Nada” como quem pede desculpas.

Cogito explicar a situação a ele, pedir que tente falar com o irmão, pois talvez as cartas de Katherine tenham sido extraviadas. Mas, quanto mais penso, mais isso me parece impossível, pois ela escreveu várias vezes. Como todas poderiam ter se perdido? A explicação mais provável é que Hertford mudou de ideia — ele não seria o primeiro a abandonar uma moça dessa maneira. Resolvo que é melhor não dizer nada, pois, quanto mais gente souber, maior o risco de descobrirem. Embora todos vão descobrir, em algum momento, queiramos ou não.

Viajamos de Wanstead a Havering, desfazendo a cama da rainha e empacotando com cuidado todas as joias, entregues aos cuidados de um dos guardas. Os pobres periquitos amarelos, sofrendo com o calor, são trazidos de dentro da casa, e a gaiola é pendurada em um gancho numa das carroças, onde balançarão para lá e para cá em mais uma etapa da jornada. É o mais perto da liberdade a que jamais chegarão. Embora extremamente cansada das noites insones em esteiras de palha que me dão coceira, não consigo nem imaginar como Katherine se sente. Mas ela não diz nada a respeito — só abre a boca quando lhe fazem uma pergunta direta e, ainda assim, quando pode, responde apenas balançando a cabeça para dizer “sim” ou “não”. A rainha adora viajar e ser vista; esbalda-se com as multidões que se alinham na beira da estrada para dar uma olhada nela. As pessoas oferecem pequenos buquês de flores do campo, potes de geleia, doces, pães, dos quais mal podem se dar ao luxo de se desfazer; vez por outra, até crianças doentes são apresentadas, na esperança de que o toque da rainha cure seus males.

Somos como um grupo de fantasmas, com nossas legiões de guardas e serviçais, nossas belas roupas e nossos rostos protegidos da poeira e do sol, deixando apenas os olhos à mostra. A maioria das damas mal esconde a empolgação com a excursão, pois atravessamos lugares desconhecidos, o que significa que são menos vigiadas e as oportunidades de romance são maiores. Não sou tão entusiasta de me arrastar pelo interior sob um calor de rachar; em nome da minha sanidade, fico imaginando que estou de volta a Beaumanor, à beira do lago, lendo ou contemplando Afrodite deslizar. Às vezes recito mentalmente conjugações latinas, o que me ajuda a parar de pensar em coisas sobre as quais nada posso fazer. *Amo, amas,*

amat, amamus, amatis, amant. Observo Katherine, que cavalga indiferente a meu lado. Ela tem um olhar vazio e mantém um silêncio de pedra. Parei de pedir conselhos a Jane: nesta situação, o sussurro de sua voz d'além-túmulo nada tem a dizer. Está além de sua experiência.

Em meados de julho chegamos a Pyrgo, residência de meu tio Lord John Grey, irmão do meu pai. Dudley chegou com um exército de serviçais, todos em roupas verdes novinhas. Ele voltou a gozar de todos os favores da rainha, tendo sido esquecida, aparentemente, aquela intrigante investidura fracassada. Suponho que seja nosso cunhado, considerando que seu falecido irmão era casado com minha falecida irmã. Por isso, talvez aqui, cercada por uma espécie de família, Katherine possa encontrar uma maneira de solicitar a ajuda dele e de tio John. Não consigo pensar num plano melhor. Todos desmontamos e sacudimos a poeira da roupa no pátio. Faço a sugestão a minha irmã em um cochicho enquanto nos mostram o caminho para os aposentos da rainha.

“Mas tio John me mete tanto medo”, responde ela.

“Ele é grosseiro”, digo. “Mas é nosso parente. E está começando a dar para notar. Outro dia ouvi Lizzie Mansfield comentar como você engordou. Kitty, você precisa fazer alguma coisa.”

Na hora do jantar, ficamos sentadas perto de tio John, e ele é bastante gentil conosco, o que me enche de esperança. Mas, quando chega, a rainha faz Katherine mudar de lugar, para mais adiante na mesa, longe dela. A partir desse instante é como se minha irmã não existisse, pois tio John, que leu corretamente a situação, cuida de ignorar a sobrinha em desgraça. Ele sabe dançar conforme a música. Para dar tamanha mostra de

hospitalidade, deve ter quase ido à falência, e imagino que não esteja disposto a desperdiçar o investimento. Enquanto tento comer, fico observando-o, congratulando-se com Dudley e a rainha, com um sorriso falso de orelha a orelha. Tento chamar sua atenção, mas meu tio faz questão de não me notar.

Quando deixamos Pyrgo, nada mudou, exceto a barriga de Katherine, que parece maior a cada hora. Ela continua usando o vestido solto mesmo sob um calor intolerável. Mal consegue respirar, e receio que vá desmaiar e cair do cavalo em plena estrada. A maioria das damas se reveza para viajar sentada nas liteiras, protegida do sol pelas coberturas, ou na nova carruagem, quando não é utilizada pela rainha. Mas Katherine está decidida a ficar montada e contraiu o maxilar numa expressão obstinada. Apesar de minha própria exaustão, cavalgo ao lado dela, agradecida pela docilidade de Sygnet, que vai lentamente comigo, sem incomodar.

Passamos o fim de semana em Ingatestone, e depois seguimos para Beaulieu, perto de Chelmsford, onde memórias vagas da minha infância me assombram. Ali costumávamos visitar a prima Mary, muito antes de ela se tornar rainha. Lembro-me do teto abobadado do grande salão e do cheiro peculiar de incenso da capela. Vem à minha mente uma imagem de *maman* com um sorriso radiante. Eram tempos felizes, creio, mas mal consigo me lembrar deles. Fico imaginando um mundo onde Katherine e Hertford estabeleceram residência juntos, e eu ficaria com eles, esperando seu primeiro filho. É um pensamento que me enche de tristeza e desânimo.

No dia em que saímos de Beaulieu, faz tanto calor que só dá para viajar pela manhã; à tarde precisamos encontrar uma sombra. Só se fala do calor insuportável e de como ninguém

conseguiu fechar o olho à noite. Minha irmã nada diz, embora eu saiba que se mantém o tempo todo acordada, revirando-se, pois durmo ao lado dela. Temos a impressão de que virá uma tempestade — o ar está carregado. Mas passamos por Felix Hall e seguimos para Colchester, onde ainda não fazemos pausa, e dali vamos para St. Osyth, vendo o acúmulo de nuvens ameaçadoras à nossa frente à medida que avançamos. Assim que desmontamos e entramos na residência, a tempestade por fim se abate com um poderoso estrondo de trovão que faz todas as damas gritarem. Eco fica petrificado, tremendo em meus braços, e os outros cães se escondem atrás da montanha de malas que carregam os pertences da rainha. Katherine fica sentada no chão, abraçada com eles. Ela parece tão assustada quanto os cães.

Da janela, observo os riscos em zigue-zague dos raios que cortam o céu, iluminando a floresta, e me recordo da recente tempestade que calcinou o campanário de St. Paul. Passamos pela catedral alguns dias depois do ocorrido, e, do rio, vi o toco enegrecido do que antes era o coruchéu que se elevava aos céus. Todos disseram que era um sinal — mas cada um tinha sua própria ideia de quê. Por fim vem a chuva, como um estouro de boiada sobre o telhado, e com ela a temperatura cai, trazendo alívio. Mas ela é torrencial, caindo durante horas em rajadas sucessivas. A água toma conta de tudo, inundando os jardins e obrigando a remover os cavalos dos estábulos, onde chega a seis polegadas de altura. Até mesmo dentro da casa os ajudantes precisam correr para lá e para cá com baldes, por causa das goteiras.

Pouco tempo depois seguimos viagem para Ipswich, uma cavalgada mais amena, ainda que lamacenta, sujando nossas roupas até o cotovelo. A rainha está de mau humor e ralha com

todos. Cecil, que se juntou a nosso grupo em Colchester, fica o tempo todo atrás dela, tentando aplacar sua ira. Até de Dudley ela reclama, o que tem sido raro ultimamente. Elizabeth ficou melindrada com o grande número de pastores casados na cidade. O motivo disso desconheço, já que pertence à nova fé, que permite isso. Mas a rainha é um enigma, impossível de entender direito. Tentamos evitá-la o quanto podemos; só Kat Astley tem coragem de lidar com seu mau humor. Tento manter Katherine longe dela, escusando-me por minha irmã sempre que possível. Já não há como esconder sua barriga, e meu maior medo é que o bebê a surpreenda aqui mesmo, em Ipswich. Não estamos alojadas todas juntas; Katherine, eu e algumas outras, felizmente, fomos colocadas em uma hospedaria a poucos minutos de caminhada dos alojamentos da rainha, o que nos proporciona, pelo menos, um pouco de espaço para respirar.

No meio da noite, ouço cochichos do outro lado do quarto, onde dormimos todas em esteiras.

“Ela está para estourar.” É a voz de Frances Meautas, tenho certeza, e fico ainda mais segura quando ouço Lizzie Mansfield responder.

“Será que acha que não dá para perceber?”

“De quem pensa que é?”

“Hertford?”

“Herbert?”

“Aquele pajem de Dudley que fica olhando o dia inteiro para ela de olhos arregalados?” Ouço uma risada abafada. Minha raiva aumenta.

“Pode ser qualquer um desses parasitas bajuladores da corte.”

“Ela não é propriamente das mais modestas, é?”

Elas riem de novo e alguém faz um “shhh”, que parece vir do

lado da sra. St. Low. Se há alguém capaz de ficar do lado de Katherine, é essa gentil mulher. Ela é firme como uma pedra no oceano, e eu decido convencer minha irmã a contar tudo a ela amanhã, pois já passou da hora de revelar o segredo. Fico acordada, ouvindo Katherine mexer-se e gemer a noite inteira. A coitada parece incapaz de encontrar uma posição confortável. Não admira, considerando seu tamanho.

Os pássaros começam a cantar quando ela se levanta e sai se arrastando do quarto para se aliviar. Sigo até o lado de fora sua silhueta pesada e conto meu plano de pedir a misericórdia da sra. St. Low. Totalmente desgastada mentalmente, Katherine concorda, sabendo que não há alternativa na situação atual. De volta ao quarto, depois que as outras damas se levantaram e saíram para seus afazeres, dou um jeito de deixar as duas a sós e espero do lado de fora, ansiosa como um marido que espera a mulher dar à luz. Não demora muito para a porta abrir e a sra. St. Low aparecer, totalmente fora de si, aflita de uma maneira que não condiz com sua personalidade.

“Quisera Deus eu tivesse sido mantida na ignorância”, lamenta, passando apressada por mim e descendo as escadas. “Isso vai trazer problemas para todas nós.”

Dou com Katherine deitada de lado, branca como um fantasma, olhando para a parede. Os cães estão ao seu lado, assustados; Stan choraminga baixinho, como se soubesse que há algo de errado com sua dona.

“Seria melhor se eu estivesse morta”, diz ela, repetindo a frase várias vezes, como num transe.

“Kitty”, digo suavemente. Pego um pano, umedeço e passo na sua testa. “Você *tem* de se recompor.” Peço a ela que se sente ereta, enquanto tento imaginar todas as atitudes possíveis e

rejeitando-as uma a uma, até que me vem à mente uma que pelo menos faz sentido. “Acho que você pode depositar sua confiança em Dudley; ele é nosso cunhado, afinal. Pode abordar a rainha em seu nome — e você sabe como ela é com *ele*.”

“Dudley?” Katherine olha para mim como se eu tivesse sugerido que falasse com o Demônio em pessoa.

“Se tem alguém que pode convencer a rainha a ser clemente é ele. E”, acrescento, à medida que a ideia me ocorre, “quando ela descobrir que você está com uma criança, pode finalmente achar melhor casar com Dudley e gerar um herdeiro. Lembre-o disso. Seu apoio estará assegurado se ele obtiver aquilo que deseja.”

Não sei como não pensei nisso antes. Começo a achar que, se tivesse nascido homem, seria um político aproveitável.

Depois de mais algum convencimento, Katherine se decide a falar com Dudley antes do final do dia, e vem a calhar, pois quando chegamos para as orações várias das damas estão cochichando com as mãos em concha, olhando para ela por cima dos livros de orações. A notícia já se espalhou o bastante, e não vai demorar muito até que todo o séquito da rainha conheça o segredo de Katherine. Só Deus sabe que tipo de calúnia será inventado e acrescentado à história a cada versão.

Os guardas chegam no final da tarde, quando estamos terminando de cear, prestes a deixar o salão. Katherine voltou dos aposentos de Dudley um pouco antes, mais animada e até otimista — lembrando seu velho eu —, e cheguei a achar que estava perdoada. Mas ali estão eles, meia dúzia de guardas em uniforme completo, suados e de rosto vermelho por causa do calor, armados com alabardas e um deles até com mosquete.

Um guarda a agarra pelo braço, sem cerimônia. Todos olham assustados. Eu me pego desejando, não pela primeira vez, que Levina estivesse aqui, ou o resolutivo Keyes, para dar apoio moral; mas sou eu, sozinha, que devo ficar a seu lado.

“Lady Katherine é prima da rainha”, digo, tentando ficar o mais ereta possível. “Tratem-na com algum respeito.”

Minhas palavras parecem ter algum efeito, pois o guarda a solta e desdobra um papel no qual lê os termos de sua prisão.

As cores desaparecem do rosto de Katherine, e temo que ela caia desmaiada nos paralelepípedos. Por isso, pego sua mão e levo-a para um banco a um canto do pátio. Um guarda faz menção de nos mandar ficar de pé, mas eu lhe dirijo um olhar tão feroz que ele não chega a pronunciar a ordem.

“Para onde vão levá-la?”, pergunto ao guarda com o mosquete, que parece estar no comando.

“Para a Torre”, responde ele. Sinto um tom de lamento em sua voz, mas talvez seja minha imaginação. Pergunto a mim mesma se Katherine está pensando, como eu, em Jane e em nosso pai, e fico conjecturando por que todos os caminhos parecem levar nossa família àquele lugar horrível.

“Preciso acompanhá-la”, digo. “Ela carrega uma criança e tem de ser tratada com cuidado.”

“Tenho instruções...” Ele se detém, incapaz de me olhar nos olhos. Em seguida, deixa de lado o tom oficial e diz em voz baixa: “Ela deve ir sozinha”. O guarda levanta os ombros levemente, com as palmas das mãos abertas, revelando um fio de compreensão que me dá uma pitada de esperança de que pelo menos seja bem tratada no caminho. Ele está agindo sob ordens da rainha e não tem escolha. Sinto a raiva se formar em mim como uma tempestade, dirigida àquela mulher que não tem

dentro de si um grão sequer de compaixão. É como se o tempo tivesse recuado e me levado de volta ao colo de Mary Tudor, ouvindo que Jane ia ser executada. Elas não são tão diferentes, as rainhas irmãs: o coração de ambas é cruel.

Um pequeno grupo juntou-se para ver. Todas a conhecem; são moças que se vestiram, costuraram e caçaram com ela, compartilharam piadas e comida, trocaram segredos. Mas nem uma alma se apresenta com uma palavra de conforto. Por fim, Kat Astley enxota todas. Nunca pensei que fosse encontrar uma razão para ficar agradecida a *ela*.

“Os senhores prepararam uma liteira?”, pergunto, e o homem informa que há uma à espera no jardim. Posso ver agora, claramente em seu semblante, que tem vergonha do dever a cumprir: prender uma jovem prestes a parir. Ele aponta para uma arcada próxima e vejo que, pelo menos, a liteira tem cobertura. Chamo um dos pajens e peço que vá buscar em nossos dormitórios alguns travesseiros e cobertores, além do baú de pertences de minha irmã. “E os cães e o macaco”, acrescento, fitando o guarda, que faz menção de falar, mas depois parece mudar de ideia e assente. Se não posso viajar com ela, que pelo menos tenha o consolo de seus bichos.

Até agora Katherine não disse uma palavra sequer. É colocada dentro do veículo e fica olhando para a frente em silêncio, sem vida como uma estátua de cera.

“Vou fazer um pedido à rainha, Kitty”, sussurro, beijando-a nas duas faces. Ela não reage, como se tivesse sumido dentro de si mesma. É com o coração pesado que vejo os guardas erguerem a liteira e irem embora, com uma carroça e outro grupo de guardas seguindo mais atrás.

Vou imediatamente falar com Kat Astley. “A rainha não vai

recebê-la.” Ela está dobrando lençóis e diz isso sem olhar para mim.

“Imploro que a senhora interceda junto a ela.” Tento não parecer suplicante demais, patética demais.

“Não me causa nenhuma satisfação vê-la sendo levada para aquele lugar em seu estado. A senhorita acha que sou feita de pedra, mas não sou. Já pedi à rainha que lhe concedesse uma audiência, mas a resposta foi ‘não’.” Agora Kat está olhando para mim e deve ter notado minha surpresa com o que disse, tendo corrido o risco de despertar a ira da rainha apoiando as desgraçadas Grey. “As palavras que ela usou foram: ‘Aquele moço é de uma família de traidores e mostrou que não merece confiança, como o pai dela. Não me peça de novo, Kat. Não vou recebê-la, nem sua irmã, então o assunto está encerrado’.”

“Compreendo”, respondo, sentando. Sinto-me oca por dentro, completamente exaurida.

“Ela tinha em mente um par para sua irmã”, diz Kat. “Acho que era o conde de Arran.”

Apenas sacudo a cabeça. Não conheço esse homem, mas suponho que, com um nome como Arran, seja ligado ao trono escocês, outra carta no baralho de Elizabeth. Ela gosta de ganhar.

“A rainha conversou comigo sobre os pretendentes de sua irmã. Talvez não fosse tão frontalmente contrária a Hertford se não tivesse surgido essa história com Arran.” Kat arruma o vestido, puxando com força as mangas, e acrescenta: “Mas agora é tarde demais”.

Ela sai do quarto e fico sozinha com os periquitos, então decido abrir a gaiola. “Saíam, voem. Vocês estão livres.” Mas eles me olham do poleiro, com a cabecinha inclinada para o lado, e não aproveitam a oportunidade de fugir, como tantas vezes

imaginei que fariam.

V

LORD BEAUCHAMP

Agosto de 1561, Torre de Londres
Katherine

O dia está bonito — nem quente nem frio, com nuvens brancas em um céu claro como uma joia. *Um dia para os amantes*, penso, pois tento esquecer que uma companhia inteira de guardas marcha dos meus dois lados, atravessando o pátio diante da Torre Branca. Não sei por que são necessários tantos. Será que acreditam mesmo que eu, que mal posso me arrastar alguns passos sem precisar sentar e recuperar o fôlego, tentaria escapar? Vejo meus pertences sendo retirados de uma carroça e faço de conta que é uma viagem comum, que fui visitar parentes em um lugar desconhecido. Um homem se esforça para controlar meus bichos. Hércules quer se pendurar em seu ombro, mas ele não deixa, gritando irritado; gostaria que o mordesse. Eco me viu e começa a latir. O som atinge meu coração, fazendo-o acelerar.

“Calma”, grito para ele, tentando esconder o tremor em minha voz. “Vamos estar juntos logo.”

Fico chocada ao ver que a sra. St. Low chega com outro grupo de guardas. Ela é levada para dentro e acho que não deveria tê-la visto, pois imediatamente sou levada embora, para longe da vista. Pobre mulher; se eu não lhe tivesse feito a confidência, não estaria aqui. Isso me faz pensar que minha inconsciência, meu desejo de buscar o prazer a todo custo, é como uma pedra

atirada em um lago, formando ondas que se afastam. Se tivesse pensado mais em Deus, tudo seria diferente. Mas, se pensasse mais em Deus, não seria eu mesma.

A capela St. Peter fica em frente. Ao vê-la, dou-me conta de que Jane e meu pai estão enterrados ali, e entendo por completo a gravidade da minha situação. Pensar neles embaixo da terra — meu belo pai, comido pelos vermes — faz minha cabeça explodir, dando a impressão de que meu crânio vai se partir em dois. Minha garganta fica apertada; um ataque de pânico toma conta de mim. O que disse Mary, sobre buscar a orientação de Jane? Eu me lembro de alguma coisa. Fechando os olhos, tento acalmar a respiração, lentamente; inspirar, expirar, inspirar, expirar. Vejo o rosto de Jane com clareza, como se ela estivesse diante de mim. *Hei de ensiná-la a morrer*, sussurra. Eu me pergunto como vou conseguir manter a sanidade neste lugar, sem Mary a meu lado.

Abro os olhos e vejo diante de mim um homem de barba volumosa, sorridente, com Eco se debatendo em seus braços. Ele o oferece para que eu o pegue. Aperto-o contra mim, tranquilizada pela forma como se aninha na dobra do meu braço e lambe minha mão.

“Sir Edward Warner”, diz o homem, fazendo uma medida e tirando o bonete, o que revela uma careca brilhante — é como se todo o cabelo tivesse caído da cabeça e aterrissado no queixo. “Ocorreu-me que seu spaniel pode lhe servir de consolo, milady.” Ele estica o braço e coça a orelha de Eco. “Sei que isso é difícil, e lamento ser seu anfitrião sob tais circunstâncias. Mas minha esperança é de que a senhorita se sinta pelo menos confortável aqui, e de que sua estadia seja curta.”

Consigo dar um sorriso, um pouco menos em pânico. Tento

imaginar que não é tão ruim, afinal. Dou-me conta, então, do que significa o que ele disse, e fico novamente agitada.

“Na Torre do Sino há um quarto agradável”, o homem continua, apontando para o outro lado do jardim. “A senhorita terá algum conforto ali, acredito.”

Uma pergunta se insinua em minha mente. “Minha...” Não consigo completá-la. Warner, ainda sorridente, fica à espera do restante. “Minha irmã ficou lá?”

“Acho que não.” Seu sorriso se foi. “Mas a rainha em pessoa passou alguns meses no local.”

Acredito que ele esteja tentando me tranquilizar ao dizer que a maioria dos que vêm para cá não termina no cadafalso, e constato que de fato fico um pouco mais tranquila. Talvez sejam seus modos gentis; talvez seja o alívio pelo fim da ansiedade terrível das últimas semanas, quando eu não sabia a quem recorrer e o segredo sugava toda a minha energia. Penso em Mary, se intercedeu por mim junto à rainha, como disse que faria; se será trazida para ser interrogada, como a sra. St. Low. Mas minha irmã é esperta o bastante para driblar os inimigos.

“A sra. St. Low...”, começo a dizer.

“Sim, milady?”

“Ela não tomou parte de nada disso.” Aponto para minha imensa barriga. “Só soube quando pedi que me ajudasse. Nunca tentou esconder nada da rainha.” Agora as palavras saem de mim aos borbotões. “Por favor, poupe-a de qualquer sofrimento por minha causa. Ela é uma mulher boa, verdadeiramente leal a Sua Majestade.”

“A sra. St. Low será tão bem tratada quanto a senhorita, milady.”

“E Hertford?” Repentinamente sinto um aperto no coração, de

saudade. “Ele virá?”

“Mandaram buscá-lo, milady. Agora, podemos cuidar de sua instalação?” Warner segura meu cotovelo com firmeza. Deixo Eco pular do meu colo e caminhamos rumo aos alojamentos. “Minha esposa está esperando pela senhorita, e a rainha nos pediu que providenciássemos uma criada, que espero que seja de seu gosto.” Em seguida, ele se inclina e sussurra: “Se não for, encontraremos outra”.

Quando chegamos à entrada, não posso deixar de dar outra olhada na capela. Sei, como todos sabem, que o cadafalso é erguido no jardim diante dela quando necessário. É o local exato onde a corajosa Jane encontrou a morte. Eu me pergunto se terei a mesma coragem — e se precisarei ter. Jane sussurra de novo: *Hei de ensiná-la a morrer*. Tento me lembrar das palavras exatas que me escreveu, mas faz tanto tempo desde que as vi. Não consigo nem lembrar onde está o livro.

Warner me ajuda a subir os degraus, pois me sinto fraca. “Uma dama na sua condição neste lugar”, resmunga ele. “Não é certo.”

A sala principal é redonda e espaçosa, com pequenos espaços para as janelas em intervalos regulares, proporcionando uma vista para o Tâmis. Percebo que por minha causa fez-se um grande esforço, pois foi posta uma cama com cortinas adamascadas, e a uma das janelas há uma cadeira de veludo vermelho, dois banquinhos para os pés e uma almofada roxa. Hércules se acomoda no chão e se lambe, parecendo bastante à vontade.

Sou cumprimentada por Lady Warner, que diz acreditar que eu queira repousar. “Mas talvez queira ver o lado de fora antes”, acrescenta, conduzindo-me até o parapeito, onde um corredor

bastante grande leva a outra torre. “É a Torre Beauchamp”, ela diz, quando pergunto o nome.

“Foi lá que minha irmã foi mantida?”, indago, uma vez mais. Não sei por que, mas sinto necessidade de saber. Lady Warner olha pra mim. Seus modos são um tanto tímidos; ela é uma década mais nova que o marido, diria eu, e tem uma pele delicada do tipo que dá vontade de tocar, como o velino fino usado nas bíblias. Imagino aquela barba enorme arranhando-a.

Lady Warner sacode a cabeça. “Acho que não. Acredito que foi o marido dela que ficou ali, mas não tenho certeza. Não estava aqui na época.”

“Guildford Dudley.” Fazia muito tempo que eu não pronunciava esse nome. Ele também está morto. Lembro-me de quando o vi pela primeira vez, no meu casamento com Harry Herbert; Jane mal conseguia olhar para Guildford Dudley, com toda a sua beleza; e eu não conseguia tirar os olhos de meu próprio noivo. Lembranças daquele primeiro casamento trazem de volta as do outro: a querida Juno e o capelão anônimo, Hertford e eu ajoelhados diante dele, com os dedos entrelaçados, alguém batendo pressuroso na porta. Sou invadida pelas memórias de meu marido: o cheiro de suor e cavalo quando volta de uma cavalgada; as unhas, pretas de poeira; seu olhar de desejo em mim. As lembranças provocam um acesso de saudade, independente do que ele tenha feito ou deixado de fazer. É amor, suponho, e estou em suas garras. O passado gira em minha cabeça, Jane, Juno e papai todos juntos com meu amado, mas eu os afasto. Ficarei bem aqui se não remoer essas coisas. Não posso pensar em ausência, em morte ou nos que partiram; neste lugar, a regra é essa.

“A senhorita precisa de descanso?”, indaga Lady Warner, o

que faz com que me dê conta de que estou sem voz de tanto cansaço, e deve dar para notar. “Deite-se, milady. Vou pedir ao cozinheiro que faça um caldo frio de pepino. Era o que eu gostava de tomar quando estava com barriga. Mandarei a criada trazê-lo. O nome dela é Nan; é uma moça gentil e atenderá todas as suas necessidades.” Lady Warner me coloca na cama e permite que os cães pulem nela e fiquem a meu lado; tem um cheiro bom, de grama recém-cortada.

Eu me afundo na cama, murmurando: “Penas”.

“De fato, milady. Em seu estado, a senhorita merece uma cama de penas.”

Meus olhos começam a marejar, e penso em todas aquelas semanas dormindo numa esteira fina de palha no chão, no temor diuturno de que meu segredo fosse descoberto. Embora esteja neste lugar, nesta casa de pesadelos, meu medo diminuiu. Não vão executar uma mulher com barriga, tranquilizo a mim mesma — mas preciso manter meus pensamentos sob controle.

Ouçó uma chave entrando na fechadura, e Nan vai até a porta. É Warner, com outro homem, que pede que ela saia. Estou sentada à janela, tirando as bolinhas do agasalho de Stan. Warner tirou o bonete, expondo a careca brilhante, e o outro homem se arrasta atrás dele, com ar de desprezo. Tem um nariz comprido e pontudo e usa um gibão mal ajustado. Evita me olhar nos olhos.

“Posso apresentar meu assistente, milady?”

O homem se aproxima e faz uma ligeira reverência levantando o bonete apenas uma polegada, ainda sem me encarar. Ele segura um livro com o cuidado de quem carrega um presente da amada.

“Viemos interrogá-la, milady.” Na voz de Warner há um tom de desculpas. Ocorre-me que a rainha não sabe da gentileza de meu carcereiro; ele certamente perderia o posto se soubesse.

“Por favor, Sir Edward”, digo, como se estivéssemos na grande sala de observação ou em algum outro cenário imponente. “Queira sentar-se.” Indico-lhe um dos banquinhos de madeira, já que só disponho de uma cadeira e não seria apropriado que se sentasse em minha cama.

“Acho que ficarei em pé”, diz ele. O assistente, percebo, está pensando em como vai fazer anotações em seu livro daquela maneira. Indico-lhe o outro banquinho. Ele se acomoda ali, com os joelhos acima dos cotovelos, o que lhe confere a aparência de uma aranha.

“Espero que o senhor não ache falta de modos eu permanecer sentada”, digo. “Meu estado torna um tanto árduo ficar em pé.”

Continuamos durante algum tempo nesse tom cortês, ele perguntando se disponho de tudo que necessito para meu conforto e coisas do tipo, evitando tocar no motivo real de sua visita. Mas por fim Warner pergunta, sem muita fineza: “Faria a gentileza de contar como pegou barriga, milady?”.

Fico tentada a soltar um gracejo nesse momento — *O senhor, um homem casado e pai, deve saber bem como se pega barriga* —, mas, apesar de animada ao ver que não perdi totalmente a presença de espírito, resisto e nada digo.

“Quais são as circunstâncias de seu casamento, se é que houve um e o conde de Hertford de fato é o pai?”

Nada digo a respeito de meu casamento secreto, por medo de isso me deixar em situação ainda pior. Sei que contei à sra. St. Low e a Dudley, mas não nessas circunstâncias, com um homem escrevendo em um livro cada palavra que pronuncio.

Nada do que é dito aqui, na Torre, pode ser retirado. Quanto mais penso nisso, mais enredada me sinto, e não sei dizer se o pior crime é a desonra de esperar uma criança ilegítima ou o casamento sem a permissão da rainha. Mas tenho certeza de que o último é traição. Por isso, não falo nada a respeito daquele dia de inverno em Canon Row; não conto que, das duas testemunhas, uma está no paraíso e a outra está — bem, não sei onde está nem sei exatamente quem é; não conto a respeito do testamento de Hertford, que me nomeou herdeira, embora o tenha perdido.

“A rainha acredita que a senhorita não casou”, diz Warner, piorando minha confusão. Estaria ele usando algum tipo de truque para me forçar a me incriminar?

“É mesmo?” Tento manter minha voz calma, mas, ao pensar em todas as coisas que não digo, sinto um peso cada vez maior no coração, a ponto de achar que vai explodir. Tenho tanto medo de dizer a coisa errada que não falo nada além de “Espero que a sra. St. Low não sofra por minha causa”.

“Eu mesmo vou interrogá-la.” É o assistente que vomita essa frase, observando-me atentamente, à espera de uma reação.

“O senhor vai concluir que ela não sabe de nada”, digo, com os olhos apertados para ele. Em seguida, volto-me para Warner. “Antes de me explicar, esperarei até que Hertford esteja aqui.”

“Ah, meu Deus”, é a resposta dele. O assistente dá um suspiro alto e fecha o livro com uma batida, levantando-se com esforço do banquinho.

“Hertford vai voltar”, digo. “Ele dirá aos senhores tudo o que precisam saber.” Pareço confiante, mas, ao pensar no longo silêncio de meu amado, pergunto-me se ele fugiu e jamais será encontrado.

“Hertford foi chamado de volta, milady.”

Ele se dirige à porta, batendo nela com o cabo da espada. Ela é aberta por Bola — o nome que dei a um dos meus guardiões; o outro, apelidei de Corrente. Sorrio para ele, que retribui brevemente. Acho que tem pena de mim. Warner também, embora eu ache que é muito menor que seu medo da rainha; já o que o assistente pensa de mim está claro como o dia.

“Compreende, milady, que terei de interrogá-la?”, pergunta Warner, ao ir embora.

“De fato”, respondo. “Mas minhas respostas serão sempre as mesmas.”

Mais tarde, Lady Warner chega e senta-se comigo, costurando vestimentas para meu bebê, roupinhas que tocam meu coração, por seu tamanho. Imagino a criança que vira e revira dentro de mim, com suas mãos, seus pés e sua boca em miniatura. Quando concebo uma imagem dele — pois na minha cabeça sempre foi um menino —, seus olhos têm a cor do âmbar e sua pele é dourada como a do pai, e tem uma penugem clara e macia na cabeça que vou beijar com carinho, sentindo o cheirinho de leite.

“Você deve amar muito Hertford”, diz Lady Warner.

“Muito.”

“Conte-me sobre ele. Como foi seu casamento?”

Começo a falar, mas paro imediatamente, ao notar a ansiedade dela. O marido certamente a enviou para arrancar de mim a verdade. “A senhora faria a gentileza de me passar o fio branco, Lady Warner?”, peço.

Setembro de 1561, Westminster

Mary

Observo o Tâmbisa dos aposentos de Keyes, acima da comporta, pensando em Katherine, rio abaixo, satisfeita por estar novamente perto dela. Uma nota rabiscada às pressas me foi enviada às escondidas ontem. Nela, minha irmã descreve seu alojamento e o parapeito de onde vê as embarcações passando. Ela me disse para não me preocupar, porque se encontrava com boa saúde, Hertford estava a caminho e tudo ia ficar bem. Portanto, ela reencontrou seu otimismo. Tive um grande temor de que estivesse recaindo na insanidade, que pudesse atentar contra si mesma ou algo pior, mas sua carta me tranquilizou um pouco. É uma espécie de milagre sua capacidade de esperar pelo melhor. Mas não posso apagar da mente o olhar de desamparo dela ao deixar Ipswich sob escolta, três semanas atrás.

Deixei a corte a caminho do castelo de Hertford, onde a rainha ia receber um enviado da Escócia. Peggy enviou a notícia de que estava retornando a Whitehall. Por isso, supliquei uma licença para juntar-me a ela. Para minha surpresa, foi concedida. Não suportaria uma hora sequer a mais naquela companhia. A rainha parecia magra e cansada, e evitou me encarar; não disse nada, apenas me dispensou com um aceno de cabeça. Não era uma oportunidade para interceder em favor de Katherine.

Ela enviou um grupo de guardas — para minha proteção, ou pelo menos foi o que disseram — e Dorothy Stafford, que pertence a seu círculo íntimo, para me acompanhar. Na verdade, suponho que para espionar a irmã da traidora. Mas Dorothy é uma boa alma, atormentada por uma timidez paralisante, e, embora seja bem mais velha que eu, durante a viagem foi surgindo entre nós uma inesperada afinidade. Não tocamos no nome de Katherine, embora ela tenha povoado meus

pensamentos, e os de Dorothy também, imagino. Um dia, na escuridão de um quarto que dividimos no caminho, ela disse: “Não concordo com o que fizeram”. Falar mais do que isso ou citar nomes teria sido loucura.

A primeira pessoa que encontramos, nos portões do palácio, foi Keyes, e não posso descrever em palavras como meu coração ficou mais leve ao vê-lo. Seu rosto estava cheio de preocupação. Ele claramente havia recebido a notícia. Imagino que o país inteiro tenha conhecimento da grave infração de Lady Katherine Grey e de seu encarceramento na Torre. Se eu não soubesse que é verdade, jamais acreditaria que todos em minha família mais próxima, à exceção de *maman*, parariam num lugar como aquele. Rezo dia e noite para que Katherine não encontre o mesmo destino de Jane e de meu pai — esse pensamento é insuportável.

“Deram ordens para que eu fique de olho na senhorita”, disse-me Keyes ao me ajudar a desmontar. Nessa hora, sorrimos um para o outro. Elizabeth não tem como saber de nossa amizade, o que significa que ainda há um recanto da minha vida que ninguém bisbilhota. Keyes tem me escorado como um pilar, e seus modestos aposentos, a pequena distância a pé de Whitehall, se tornaram um refúgio, longe dos enormes salões reverberantes do palácio. Lá, pelo menos, posso fazer de conta, durante mais ou menos uma hora, que tenho alguma coisa parecida com uma vida comum.

Estamos reunidos naquela parte indolente da tarde em que pouca coisa ocorre, contentes porque a corte continua longe e não temos nenhum dever a cumprir. Peggy e Dorothy se revezam na leitura de um volume de poemas, e o irmão de Dorothy, Walter, dedilha um alaúde. É uma música de que Katherine gostava em especial, e a música nos desperta um

fluxo de lembranças de períodos mais alegres. Quando penso, até os períodos mais alegres eram atravessados por um ou outro tipo de tristeza.

Estou jogando uma partida de xadrez com Keyes perto da janela, mas sem concentração; contemplo os barcos rio abaixo e acima, nas águas escuras, e penso na minha irmã.

“É sua vez, milady”, diz Keyes. Olho para o tabuleiro e troco sorrisos com ele. A esta altura há pouco que eu possa fazer para escapar; desatenta, deixei que colocasse meu rei em xeque.

“O senhor venceu, Keyes”, digo. “Sinto muito por não ter sido uma adversária melhor.”

“Sugiro uma partida de baralho”, diz Peggy.

“Concordo”, diz Walter, colocando o alaúde sobre a mesa. “Vocês ouviram falar que Arundel perdeu quase cem guinéus para a rainha no baralho?”

“Sim”, diz Keyes. “Ele saiu correndo do palácio, de péssimo humor, e abriu um buraco num bloco de montar com um chute. Eu mesmo vi.”

“Arundel não é o único a ter perdido tamanha quantia para a rainha”, diz Peggy, rindo. “Todas nós, damas, somos espertas o bastante para não jogar contra ela. Cria um caso terrível quando perde — por isso, todos se sentem obrigados a deixá-la ganhar.”

“Acabam de joelhos no chão, implorando a ela uma nova propriedade, para poder pagar suas dívidas, suponho”, diz Walter, que consegue até arrancar uma risada minha. Eles fazem o melhor possível para manter meu bom humor.

Nós nos reunimos em torno da mesa e Keyes embaralha as cartas, manipulando-as com a destreza de um malabarista, apesar do tamanho de suas mãos. Vejo que seus olhos calorosos passeiam pelo grupo, às vezes encontrando os meus, e me sinto

agradecida por nos receber com tanta liberdade em seus aposentos. Em breve a corte retornará e seremos obrigadas a passar a maior parte de nossas horas de vigília nos aposentos particulares, então precisarei mais do que nunca desse santuário.

Jogamos rapidamente, sem trocar palavras, a não ser para cantar nossos naipes ou apostar. Peggy, que juntou uma pilha enorme de moedas, acaba sendo proclamada vencedora, então juntamos nossas coisas para ir embora. Há muito a preparar para a chegada da rainha, mas quando estamos nos aprontando para sair, Keyes me faz esperar, dizendo que há uma coisa que precisa me contar.

“Em particular”, insiste. Peço aos demais que vão na frente, sem me importar que não seja inteiramente apropriado que eu, uma donzela, fique sozinha com ele. Ninguém imagina que haja o mais remoto risco de *minha* virtude ser comprometida.

“Se me permite a ousadia, milady...” Ele parece hesitante, como se temesse passar dos limites de seu posto, e eu me lembro de Stokes, que foi um marido tão gentil para *maman*. Não é a primeira vez que percebo uma similaridade, não uma semelhança física, embora ambos sejam homens grandes; mais um jeito especial em comum, uma doçura inesperada. “É sobre sua irmã.”

“Prossiga”, digo. Fico sentada em um banco a seu lado, ambos recostados no parapeito da janela, olhando para fora. Os raios do sol da tarde caem sobre a água, transformando o que antes era profundamente escuro em algo bonito, que brilha com a luz.

“Tenho notícias da entrevista da rainha com o embaixador da Escócia.”

“O que isso tem a ver com Katherine?”

“A rainha insinuou — e me contaram isso de boa fonte — que talvez não se oponha à pretensão da rainha da Escócia. Ela ainda está longe de efetivamente nomeá-la herdeira, mas isso tira o foco de sua irmã.”

“Como o senhor pode saber tanto a respeito?”

“Meu ofício é saber. A segurança deste palácio depende disso. Eu escuto e observo; sendo uma pessoa de importância menor, poucos me notam. Posso ser grande em tamanho, mas sou bastante discreto.”

Dou-me conta de que Keyes e eu temos algo em comum — dominamos a arte da invisibilidade.

“Não vejo como isso possa ajudar Katherine.”

“Sem um herdeiro de seu próprio corpo, a rainha acabará por ter de nomear um sucessor; caso escolha Mary da Escócia, a maior parte do conselho privado vai se unir em torno dela, desejando estabilidade. E isso vai tirar o fôlego de quaisquer conspirações que queiram ver Lady Katherine no trono. Sua irmã está se tornando, rapidamente, a causa dos reformistas.”

“A causa dos reformistas?”, repito, como um papagaio. Fiquei tão envolvida com a gravidez de Katherine, sua transgressão, sua sanidade, o medo da ira da rainha e todos os riscos imediatos, que acabei me esquecendo do que mais poderia estar por trás, ou quem poderia tentar tirar partido da história. “O que o senhor sabe a respeito?”

Ele baixa a voz ainda mais. “Sei que a rainha suspeita que Cecil é o articulador do casamento de sua irmã. Todos sabem que ele faria qualquer coisa para manter a rainha da Escócia longe do trono. É por isso que Lady Katherine está sendo submetida a tais interrogatórios.”

Não me ocorreu que fossem interrogá-la, por acreditar que já

tinha contado tudo o que queriam saber. Mas claro que a interrogariam. É mais do que consigo suportar, a ideia de minha irmã, com uma imensa barriga de grávida, sendo interrogada na Torre. Olho para as águas, lá embaixo, e minhas próprias suspeitas adormecidas começam a despertar; tento pensar no passado, recordar os fatos, mas tudo o que consigo lembrar é de Katherine correndo descalça na grama úmida de Sheen para saudar Hertford e Juno, e depois ele a erguendo nos braços, a própria imagem do amor.

“É um casamento sincero”, digo.

“O que ele *é* de fato pode ser menos importante do que o que *parece ser*, milady.”

“Sim, claro.” Eu devia saber muito bem que as pessoas se interessam mais pela aparência do que pela essência. “Mas não entendo”, digo. “Não sei o que o senhor acha que posso fazer para ajudar.”

“Lady Katherine é prisioneira porque tem direito ao trono, e a rainha está ciente de que, caso sua irmã tenha um filho, sua própria posição estará ameaçada.”

Não sei por que está me contando aquilo que já sei muito bem.

“Talvez a senhorita possa encontrar uma oportunidade”, prossegue Keynes, “de instigar uma discussão com a rainha sobre a primogenitura. Acredito que ela tenha um grande respeito por esse conceito.” Ele coloca uma mão no parapeito; a minha parece minúscula ao lado, uma mão de boneca. “Mary da Escócia não foi considerada na sucessão do rei Henrique”, prossegue, “mas pertence à linhagem principal de sua família.”

“Eu sei, eu sei.” Isso me faz pensar na grande árvore genealógica de Bradgate, com ramos dourados e mulheres

penduradas neles como flores, maduras para a colheita. “Mas Mary da Escócia não é inglesa de nascença e é católica. A rainha nunca seria convencida de que eu, entre todas as pessoas, defenderia uma católica.”

“Não se trata disso, milady.” Keynes junta as mãos, como numa oração. “A senhorita não estaria defendendo o catolicismo, estaria simplesmente do lado da tradição, do direito divino — o que inclui a primogenitura.”

“Com que propósito?”

“Serviria para demonstrar sua própria falta de ambição, e isso só pode ser bom para sua irmã... e a senhorita.” A lógica dele começa a fazer certo sentido.

“É improvável que eu tenha oportunidade; a rainha mal consegue olhar para mim, que dirá me ouvir.” Ao articular essas palavras, a situação parece desesperadora — tudo parece.

“Se aguardar o momento, milady, a oportunidade pode vir a aparecer.”

“Talvez.” Dou de ombros. “Por que o senhor faria isso por mim?”

“Não quero que sofra nenhum mal”, ele diz. Sinto que há alguma coisa a mais por trás de suas palavras que não menciona, algo na maneira desajeitada como acrescenta: “A senhorita... sua família... a senhorita não merece passar por mais...” Keynes parece incapaz de terminar, mas por fim murmura: “Mais tragédias”.

“Tragédias”, repito, enquanto saímos do cômodo. “Nós, os Grey, estamos acostumados com isso.” Minha intenção não é soar cheia de amargura, porque não quero que Keynes pense que sou assim.

Setembro de 1561, Torre de Londres

Katherine

Warner aparece todos os dias, com seu assistente sempre atrás, como uma sombra, e todos os dias digo que não tenho mais nada a declarar. Essa rotina tem se repetido há pelo menos três semanas; meço o tempo pelo crescimento da minha barriga. Sinto a frustração de Warner aumentar enquanto o assistente, ao fundo, parece impaciente — tenho certeza de que *ele* me desmembraria com prazer. Mas não usariam a tortura contra uma mulher grávida. Disso tenho certeza. Lady Warner também vem se sentar comigo todos os dias, mas só uma vez ela tentou arrancar de mim a verdade; nunca mais pisamos nesse território. Por isso, fico sentada bordando com ela, ou conversando com Nan, sempre atenciosa, embora pareça uma moça sem instrução; ou fico no parapeito, vendo os barcos passarem. Não me permito pensar no futuro e tento não imaginar o paradeiro de Hertford ou o que aconteceu com ele, porque se meus pensamentos forem até lá sei que podem nunca mais voltar.

Mas, ao inspecionar as profundezas do meu ser, o lugar silencioso por trás de meus medos, sei que Hertford está vivo, que não estou abandonada. Posso senti-lo se aproximar da mesma forma como a lua puxa as marés. Ele virá, tudo será explicado e ficaremos livres — esse é o único futuro que autorizo em meus pensamentos. O tempo se arrasta lentamente aqui, há pouca coisa a fazer, e gostaria de ter mais inclinação para a literatura, como Mary. Eu poderia me aventurar na poesia, mas descobri que tenho pouco talento para isso. Felizmente, Warner arranhou um alaúde para mim. Toco e canto

com Nan, que tem uma voz fraca que não é desagradável.

Vejo o rio mudar de cor ao longo do dia; às vezes está caudaloso, verde e plano; às vezes, agitado, fazendo os barcos que carrega adotarem ângulos estranhos. No início da manhã, quando o sol está baixo e morno, o rio parece um corte de cetim prateado. Algumas chuvas fortes saúdam a chegada do outono; minha barriga está redonda e esticada, com o umbigo estufado. Queria poder mostrá-la a Mary, deixá-la sentir a curvinha do calcanhar do sobrinho mexendo-se ligeiramente, ou o tremor da mão pequenina. Sinto saudade dela tanto quanto de Hertford, e rezo o tempo todo pela saúde dos dois e para que possamos estar uma vez mais reunidos.

Então, numa manhã igual a todas as outras, Bola enfia a cabeça pela porta entreaberta, oferecendo um ramalhete.

“Bola”, digo, fingindo surpresa, “flores para mim? Seu coração está ficando mole.” Dou-lhe um de meus melhores sorrisos; criei uma espécie de relacionamento com meus dois carcereiros, que às vezes me trazem doces e até informações. Por eles fiquei sabendo que a sra. St. Low foi libertada e está de volta ao convívio com a família, o que deixa meu coração um pouco mais leve.

Bola fica corado. Olha para trás para ter certeza de que estamos a sós antes de balbuciar: “N-não, milady, estas são de seu marido”.

Na minha cabeça estouram fogos de artifício. “Hertford está aqui?”

“Está, milady. Chegou tarde da noite ontem.”

“Posso vê-lo?” Estamos sussurrando, e meu corpo formiga de empolgação ao pegar as flores, levando-as ao rosto e mergulhando o nariz em seu perfume.

“Infelizmente, não. Warner precisa verificar separadamente a história de vocês.”

“Mas onde ele está sendo mantido?”, pergunto.

Bola nada diz, mas inclina a cabeça na direção da Torre Beauchamp, claramente visível pela janela. “Ele estará lá depois. Mas *eu* não lhe disse isso.”

Ponho o dedo na frente dos lábios para demonstrar que guardarei segredo.

“Se alguém perguntar, diga que as flores são minhas.”

Concordo. “Por quê? Por que está fazendo isso por mim?” Nunca antes tivera de perguntar tal coisa a um homem. Sempre soube por que corriam a me prestar serviços. Porém, não agora, com minha barriga enorme e presa na Torre em desgraça.

Bola olha para trás para verificar novamente se não estamos sendo ouvidos. “Porque acredito que a senhora seja a herdeira de direito da rainha, milady. Não gostaria de ver a escocesa católica em nosso trono. E não sou o único a ter essa opinião.”

“Quem mais, então?”

“Outros — não posso dizer.” Ele para e parece prestes a dar o nome de alguém. “Mas a senhora não sabe disso.” Então acrescenta: “Não confie em *ninguém*”.

Ponho o dedo diante dos lábios novamente.

Na escadaria há uma movimentação. É Nan, com uma pilha de lençóis limpos.

“Agradeço pelas flores, Bola, é uma enorme gentileza”, digo. “Elas me recordam que a vida continua lá fora e que os campos estão cheios de flores selvagens.”

Nan sorri para mim, dizendo: “Que amável. Vou buscar uma jarra para elas e descer com os bichos para fazerem suas necessidades”. Ela deixa os lençóis na cama e vai embora,

carregando o macaco no colo como se fosse um bebê e chamando os cães para que a sigam. Ouço o barulho da chave sendo girada por Bola, e fico sozinha com meu ramallete.

Embora não haja bilhete com elas, as flores valem tanto quanto uma carta. O amor-perfeito púrpura diz “Você está em meu pensamento”, enquanto a aspérula diz “amor eterno”. As anêmonas brancas, com o miolinho amarelo, contam mais do que simplesmente a história de uma relação inquebrantável, representando também a verdade. As frondes verdes de cerefólio não precisam de explicação: transmitem sinceridade. A mensagem é tão clara quanto se Hertford estivesse no quarto, falando comigo ele mesmo; está me dizendo que eu posso contar a verdade, já que fará o mesmo e nossos relatos vão coincidir. Ao me dar conta disso, um peso deixa meu coração. Fico mais leve, como se dentro de mim houvesse mais espaço para o ar. Meu bebê se mexe e estou transbordante de amor. Levando as flores ao nariz, inspiro de novo seu perfume, encontrando algo que ainda não havia percebido: alecrim. Ele representa a lembrança, a memória de Juno, e por um instante imagino que sua alma encontrou um novo lar em meu bebê.

O barulho da fechadura me arranca de meus pensamentos. É Nan, com os bichos. Ela arruma as flores em um jarro e o coloca ao lado da cama. “Aí, não”, digo. “No parapeito.” Aponto para a janela que dá para a Torre Beauchamp, de modo que, caso meu querido Hertford olhe para fora quando for levado para lá, veja que recebi sua mensagem. Posso sentir a empolgação tomar conta de mim ao pensar em sua proximidade. É como se o próprio ar que respiro contivesse fragmentos dele.

Mudo minha cadeira para uma posição de onde tenho uma visão clara da Torre Beauchamp, esperando até a hora em que

vejo o brilho de uma vela dentro dela. Fico de pé, segurando minha própria vela para formar uma silhueta de mim mesma, desejando que me procure, pensando se sabe que estou aqui tão perto, a não mais que doze jardas de distância. Não o vejo, porém, e Nan acaba por pedir que eu vá para a cama, mas meu sono é agitado e novamente acordo sobressaltada por aquele sonho com a morte.

Tão logo amanhece saio da cama, enquanto Nan ronca na esteira, e abro a porta que dá para o corredor. Os cães saem correndo com alarde, assustando os pombos. Por um instante fico olhando a porta da prisão de Hertford — tábuas sólidas de carvalho que o tempo acinzentou, pontuadas por pregos negros, idênticos aos da minha prisão. Ele está do outro lado. Não fui abandonada. Percebo Stan choramingando, com o focinho encostado na fresta da porta, e me dou conta, excitada, de que ele sentiu o cheiro de Hertford. Avanço com dificuldade, o mais rápido que minha forma avantajada permite, e, sem raciocinar, jogo-me no chão, levando meu próprio nariz ao pé da porta, imaginando que também posso farejar o meu amor.

“Algo errado, milady?” É Nan, de pé ainda de camisola, meio adormecida e com ar perplexo ao me ver esparramada no chão.

“Oh, não, Nan”, respondo. “Deixei meu anel cair e parece que passou pela fresta da porta.” Sub-repticiamente, tiro o anel de luto do dedo e levanto-o, gritando: “Olhe aqui, achei!”.

Nesse instante tenho certeza de ter ouvido “Minha Kitty, meu amor” por trás da porta.

“Deixe-me ajudá-la a se levantar”, diz Nan. Quem falou comigo já está a caminho. Não ousou lhe responder, temendo que ela suspeite de alguma coisa.

Stim e Stan começam a mexer furiosamente na madeira,

latindo e despertando uma enorme cacofonia nos demais. Agora Hertford certamente saberá quem é seu vizinho na Torre. Apenas para garantir, chamo os cães um por um pelo nome, pedindo que parem com o barulho. Nan segura minha mão, ajudando-me a levantar; deixo-a me conduzir de volta para dentro, e tudo o que posso fazer é conter a empolgação que transborda de mim.

Pouco tempo depois chega Warner, com seu assistente de olhos irônicos, para sua visita diária. Como sempre, ele pergunta: “A senhora está disposta a me contar a história de seu casamento, milady?”.

Ele diz isso de uma maneira que deixa claro que já sabe minha resposta. Por isso, quando digo “Estou”, sorridente, parece que seus olhos vão saltar das órbitas de surpresa. E assim recapitulo o dia do meu casamento em minúcias, repetindo as coisas quando é pedido, de modo que o assistente possa escrever tudo cuidadosamente em seu livro.

Meu interrogatório — por mais gentil que Warner tenha sido, trata-se disso — continua durante três dias. O tempo todo sinto as cordas do meu coração se expandirem como a teia de uma aranha, corredor afora, em direção ao quarto que hospeda meu marido. Fazem-me as mesmas perguntas repetidamente, primeiro Warner e depois seu assistente. Os detalhes são repetidos de maneira diferente, por um ou por outro, para ver se vou tropeçar e me contradizer. Eles arrancam de mim os momentos mais íntimos de meu casamento, como se me despissem e dessem busca em meus recantos mais íntimos.

Quando Warner finalmente anuncia “Isto é tudo, milady. Temos aquilo de que precisamos” e finalmente vai embora, sinto que um grande peso saiu das minhas costas, permitindo que

meu otimismo volte com força.

O assistente fica para trás, fechando seu tinteiro, demorando-se a juntar suas coisas antes de sair. Quase ao chegar à porta, ele se vira para mim, sussurrando: “Seu marido está aqui”.

“Não acredito no senhor”, respondo, temendo um truque. Ele me encara diretamente, com um olhar frio, e tenho a impressão de que ele consegue enxergar as profundezas da minha alma. Fico arrepiada. “Meu coração saberia se meu marido estivesse aqui”, digo. Ele está me testando, para ver se ouvi falar da presença de Hertford, se nos comunicamos para que nossas histórias batessem.

“É a verdade.” O assistente se esforça para sorrir, mas não consegue produzir muito mais do que uma careta, e noto que seus caninos são longos e pontudos, semelhantes aos de um cão.

“Duvido”, digo, mantendo o fingimento.

“Também o interrogamos. Ele nos disse quase palavra por palavra aquilo que a senhora recapitulou.” Ao sair, o homem acrescenta: “Sou seu partidário, milady”.

Tenho a impressão de ter ouvido errado, uma coisa dessas vinda de um sujeito tão macabro. Quero lhe perguntar o que quis dizer, mas não ousar. Ele coloca em minha mão uma pequena bolsa e sai furtivamente, como uma sombra, sussurrando alguma coisa para Bola ao passar pela porta.

Abro a bolsa e encontro uma iluminura de meu Hertford: o rosto, envolvido por um halo azul brilhante; o bonete, com uma pluma negra, meio de lado; um leve sorriso no canto de sua boca arqueada. Foi feito pela mão de Levina, disso tenho certeza. Só de ver sua imagem, na palma da minha mão, meu coração quase não aguenta.

Bola limpa a garganta para chamar minha atenção. Em seu

rosto há um sorriso largo, que só compreendo depois que diz: “A senhora vai se dar conta de que a porta para a Torre Beauchamp está aberta hoje, milady, e de que sua criada está ocupada na cozinha”. Tendo dito isso, ele me tranca em meu quarto.

Corro para o parapeito e ali, encostado na parede como se só estivesse passando o tempo, está Hertford. Fico na porta, sentindo-me repentinamente tímida. Ele também fica imóvel, olhando para mim como se eu fosse uma estranha ou alguém que voltou da tumba.

“Kitty, é você... olhe só você”, diz Hertford agora, por fim, caminhando a passos largos em minha direção. “Seu tamanho.” Ele se detém e cai de joelhos, tomando minhas mãos nas dele, cobrindo-as de beijos e depois erguendo o rosto. Seus olhos estão cheios de lágrimas.

Em seguida, põe as mãos em minha barriga. “Nosso bebê. Oh, Kitty, essa é a visão mais maravilhosa do mundo. Reccei que nunca poria meus olhos nele.” Hertford enterra a cabeça em meu vestido, soluçando. Depois levanta e começa a rir, inundando-me de alegria.

“Venha para a cama”, digo. “Quando me deito ele se mexe e você vai poder senti-lo.”

Deitamos lado a lado, de mãos dadas, olhos nos olhos. Abro meu vestido e ergo minha roupa de baixo para que ele possa ver toda a extensão de meu imenso ventre, então tomo sua mão para colocá-la onde sinto uma perna mexendo.

“Ele se mexe! Oh, Kitty, nunca imaginei.” Hertford beija o ponto onde o bebê chutou. “Não é uma ironia, considerando o nome do meu cárcere, que esse nosso filho vá se tornar Lord Beauchamp? Acha que ele consegue me escutar?”

“Gosto de pensar nisso. Já contei a ele tudo a seu respeito.” Faço uma pausa, porque há coisas que preciso saber, mas tenho medo de estragar este momento maravilhoso. Agora que começo a pensar, um enorme acesso de raiva toma conta de meu corpo e me faz levantar da cama. “Você me abandonou”, digo, fazendo grande esforço para não gritar. “Você me abandonou!” Então, como uma leiteira, eu transbordo, dando socos, tapas e mordidas nele, tal qual uma fera selvagem, gritando sem parar: “Você me abandonou! Você me abandonou!”. Hertford não se mexe para se defender nem tenta me afastar. Permite que eu o ataque até que fique completamente desgastada e caia exausta na cama. Ele se senta, olhando para o chão. “Por que não respondeu minhas cartas?”, pergunto, por fim.

“Fui um idiota — um covarde e um idiota. Sei que você nunca vai me perdoar por deixá-la nessa situação.” Ele escorrega para fora da cama e fica de joelhos, como que suplicando. “Não posso me perdoar.”

“Você me abandonou.” Não consigo pensar em outra coisa a dizer, e ficamos sentados em silêncio por uma eternidade. “Por quê?”, murmuro por fim.

Hertford fala, ainda olhando para o chão, como se tivesse vergonha demais de me encarar. “Cecil mudou de tom; ele mencionou que, se eu o obedecesse, auxiliaria nossa causa. Mas disse que você correria grande perigo se eu mantivesse contato, falou-me de espiões da rainha, de homens que conhecem os segredos do envenenamento...” As palavras saem atropeladas da boca dele. “Ele me recordou de que eu já tinha perdido uma pessoa próxima e certamente não ia querer perder outra.” Ao dizer isso, seu rosto se contorce.

“O que ele quis dizer com isso? Juno...” Eu paro, pois não

posso acreditar. “Não, Juno passou meses adoentada. Ela nunca se recuperou totalmente da gripe.”

“Temi realmente pela sua segurança, Kitty, e acreditei que Cecil apoiaria nossa causa junto à rainha quando o momento chegasse.”

“Bem, ele não apoiou, não é?” Ainda posso sentir a raiva a me corroer.

“Não posso esperar seu perdão, mas me deixe tentar explicar.” Balanço ligeiramente a cabeça e me viro. “Fiquei aterrorizado com a ideia de algo lhe acontecer. Veja, Thomas, o filho de Cecil, estava viajando comigo, e vigiava cada movimento meu. Fiz questão de mostrar a ele que atirava ao fogo suas cartas sem abri-las, para provar minha obediência a seu maldito pai. Ficava pensando por que você escrevia com tanta frequência e temia que alguma coisa estivesse errada. Mas no fim das contas, Kitty, não fui nada além de um covarde sem pulso.”

“O que você quer que eu diga?”, pergunto, lançando sobre ele um olhar petrificado. “Teve coragem para se casar comigo, mas não para enfrentar Cecil — duas vezes.”

“Tudo o que fiz foi por conta de um ou outro tipo de medo: medo por mim mesmo, medo por você, medo de perdê-la para outro. Sou o pior tipo de covarde.” Hertford repete a palavra, dessa vez vomitando-a. “Deixei-me tornar marionete de Cecil. Não tive espinha, Kitty.” Em seguida, ele para, encara-me e, baixando a voz, diz: “Eu *realmente* pensei em abandoná-la, convenci a mim mesmo de que ficaria melhor sem mim. Mas a ideia de viver sem você era insuportável. Não pude fazer isso, e se soubesse...”. Hertford toca meu ventre.

“Quero odiar você, mas vejo que não consigo”, sussurro, incapaz de entender por que subitamente sinto o amor crescer

dentro de mim. “Fico feliz com sua sinceridade.”

“Estou tão envergonhado”, diz ele, numa voz cheia de dor, que machucaria o mais duro dos corações. “Como pode amar um covarde sem espinha como eu?”

“Eu amo. E perdoo você.” Busco dentro de mim algum resíduo de ressentimento pela forma como me tratou, mas não encontro — tudo se foi. “É obra de Cecil. Aquele homem...” Paro de falar. Não há palavras para descrever o desprezo que sinto por ele.

“Lamento tanto, Kitty, que tenha precisado suportar sozinha tudo isso. Você não merecia... Perdão, perdão...”

Encerro suas palavras confusas com um beijo, e deitamos nos braços um do outro, acabando por adormecer. É um sono profundo e sem sonhos, como fazia meses não tinha.

Somos despertados pelo som da chave girando. É Bola, para nos advertir que Lady Warner está subindo. Por isso, Hertford se esgueira pelo corredor até o próprio quarto, a menos de uma dúzia de jardas. É como se fôssemos simplesmente mais um casal, na própria casa. Faço uma prece de agradecimento pelo retorno em segurança de meu querido marido.

“O que é que a senhora fica olhando lá fora toda noite?”, pergunta Nan, depois que Lady Warner foi embora, ao me encontrar contemplando a janela.

“Gosto de ver as luzes das barcas no rio e imaginar para onde estão indo.”

“A senhora acha que um dia permitirão que saiam deste lugar?”

“Se a rainha mostrar misericórdia”, digo, embora não saiba o que vai acontecer. Estou sempre me perguntando como acabará

esta situação. Às vezes ousou me imaginar com Hertford, o bebê e Mary em algum lugar. Às vezes Canon Row, às vezes Beaumanor, às vezes simplesmente um cenário imaginário para nossa família. Nan se aproxima de mim na janela.

“Olhe”, digo. “Veja aquele navio. Talvez venha das Índias.” Observamos a sombra de uma imensa embarcação, que se move como um fantasma sobre as águas, com tochas que lançam círculos de luz amarela no convés e silhuetas de homens se movimentando na escuridão.

“Não consigo imaginar viajar tão longe”, diz ela. “Nunca saí de Londres em toda a minha vida.”

“O quê? Nunca?” De repente me dou conta de como nossa vida é diferente. Nunca me ocorreu perguntar-lhe a respeito, e da minha não falo, por medo de dizer algo errado que vá parar nos ouvidos da rainha.

“Bem, uma vez fui a uma feira em Islington.” Ela diz “Islington” como se fosse outro país.

Eu, que passei meus vinte e um anos viajando de um lugar para outro, não consigo imaginar uma vida assim humilde, na qual Islington parece tão longe quanto as estrelas. Acho que não pode haver mal em lhe descrever alguns dos grandes palácios reais em que vivi. Vejo seus olhos se arregalarem quando rememoro os banquetes e as festas, e como a corte se move de um lugar para outro, com os cavalos mais belos que existem e um exército em uniforme de gala. “Você nunca viu a excursão real passar pelas ruas ou nas barcas do rio?”, pergunto.

“Ah, vi”, responde ela. Seus olhos estão imensos, como se essa memória fosse tão vívida quanto a realidade. “No desfile de coroação eu me vesti como pastora no cortejo de Cheapside.”

“Eu me lembro desse cortejo.”

“Então a senhora deve ter me visto.” A voz de Nan fica ofegante de empolgação.

“E você a mim.” Retribuo seu sorriso, mas fico pensando na humilhação de ficar sentada na carruagem da rabeira do desfile quando deveria estar cavalcando perto da rainha.

“Alguma coisa errada?”, pergunta ela.

Então eu sinto — uma dor como se apertassem um cinto de aço em volta do meu ventre. “Oh, Nan”, digo. “Acho que o bebê está batendo à porta.”

O medo toma conta de mim, pois não consigo imaginar como é possível que a criança saia de dentro de mim. Nan empalidece, como se alguém tivesse jogado um saco de farinha sobre sua cabeça. “Vá buscar Lady Warner”, digo, tentando controlar o tremor em minha voz. “E peça que mande vir a parteira.”

Quando a criada vai embora, fico na porta. “Meu bebê está chegando”, digo a Bola.

O rosto dele se ilumina. “Um bebê é uma bênção onde quer que venha ao mundo, milady, e este pode muito bem vir a ser o próximo rei da Inglaterra.”

Não que eu nunca tenha pensado nisso antes, que poderia ser a mãe de um monarca. Mas nunca levei a sério a possibilidade. Agora penso: por que não? Coisas mais estranhas ocorreram, e a própria Elizabeth não esteve um dia encarcerada neste mesmo quarto?

Dezembro de 1561, Westminster

Levina

“Consegui vê-la, Mary.” As duas mulheres estão num canto do salão, com as cabeças unidas; Levina fala em voz baixa. “Um de

seus guardiões é ex-colega do meu marido e deu um jeito de me fazer entrar durante uma rápida hora. Fingiu que eu era a assistente da parteira e que estava lá para dar remédio para a cólica do bebê.”

“Como você a achou?”

“Surpreendentemente bem. Está tão feliz com seu pequeno Lord Beauchamp que parece ter esquecido onde se encontra. E está confortavelmente alojada de frente para o cárcere do marido. Ela me disse que os guardas permitem que o visite em segredo de vez em quando.”

Levina ficou horrorizada ao saber da prisão de Katherine e desolada por ter demorado tanto até a notícia chegar a Bruges. Voltou de imediato, mas teve de esperar longamente pela travessia, por causa do tempo excepcionalmente tempestuoso para a estação.

“Então ela tem amigos lá dentro.”

“Warner e a esposa são gentis, disse Katherine, e há uma dupla de guardas que apoiam sua causa, assim como o assistente do lugar-tenente. Mas eles a advertiram para não confiar em ninguém, nem mesmo na criada, que, devo dizer, parece totalmente inofensiva. Tive de ficar um longo tempo preparando tinturas para o bebê até a moça sair para dar um passeio.”

“É de pensar que tipo de amigos...” Mary fica pensativa, com ar preocupado. “Se eles têm interesses políticos.”

“Sim, criaria todo tipo de problema se ela virasse o foco de uma pretensão séria.”

“E agora tem um filho. O que *você* acha que a rainha vai fazer?”

“Impossível dizer.” Levina não conta algumas das coisas que ouviu, como a menção à palavra “execução”. Mas só porque as

peessoas dizem uma coisa não quer dizer que seja verdade. Aparentemente a rainha está convencida de que o casamento de Katherine era parte de um complô para derrubá-la. “Qual é a atitude dela em relação a *você*, Mary?”

“Sou mantida à distância”, ela diz, visivelmente murchando, como uma flor que não foi regada.

“Katherine pediu que eu fizesse isto para você. Disse que você queria uma imagem do sobrinho.” Levina tira algo das dobras do vestido, enfiando-o furtivamente na mão de Mary, que a abre ligeiramente. É uma iluminura da irmã com o bebê nos braços. A semelhança com a mãe é impressionante. A mãozinha dele está protegida pela gola coberta de peles — um gesto de intimidade tocante —, e do vestido de Katherine pende uma minúscula iluminura de Hertford, em uma espécie de retrato de família.

Mary contempla a imagem em silêncio durante algum tempo, e Levina dá a impressão de que vai chorar, pois sua cara está amarrotada.

“Foi *você* quem pintou esse ar de serenidade ou ela estava assim mesmo?”, pergunta Mary, por fim.

“Ela estava com esse ar de satisfação.”

“Ah, Kitty — sempre bem humorada”, diz Mary. “E pensar que tenho um sobrinho.”

“Mantenha escondida a miniatura.” Levina fecha a própria mão sobre a de Mary, de modo a ocultar o minúsculo retrato. “A última coisa que queremos é que os reformistas se apoderem dele e usem-no como símbolo de sua causa. Deixaria a rainha eriçada. Já estão falando demais pelas ruas desse bebê como herdeiro de Elizabeth.”

“A rainha nega sua legitimidade. O ideal seria mesmo que

fosse declarado ilegítimo... Oh, Vina, eu não sei. Só quero que saiam daquele lugar. Não consigo tirar Jane da cabeça.”

“Eu sei, eu sei.” Levina pensa em como a Inglaterra esperou por tanto tempo por um herdeiro varão. Agora que ele chegou, legítimo, de sangue real, o próximo na sucessão de acordo com o decreto de Henrique VIII, a rainha faz de tudo para negá-lo. Levina desistiu de tentar entender as atitudes de Elizabeth. Mas os reformistas têm voz e uma causa mais embasada, e farão de tudo para impedir que a católica Mary da Escócia seja indicada.

Ela se penitencia internamente por ter ido embora, por não estar presente quando se fazia mais necessária, pensando que poderia ter encontrado um jeito de fazer alguma coisa. No fundo, sabe que teria sido inútil. Sua viagem foi uma tentativa desesperada. George não quis voltar para ela, e a promessa feita a Frances fora quebrada. Levina não consegue tirar da cabeça o destino de Jane. A história parece se repetir, e ninguém pode fazer nada para impedir.

Dudley, vestido de dourado, entra marchando na câmara com dois de seus homens e um cão malhado atrás deles; as mulheres fazem uma mesura. Levina se lembra, com uma pontada de saudade, de Herói, que morreu em Bruges. Ela sente falta de seu companheiro fiel, mas ele já estava velho. Dudley tem uma nova razão para se animar. Comenta-se que Cecil está por um fio, que a rainha suspeita da sua participação no casamento secreto de Katherine, que teria inclusive sido armado por ele. É bem verdade que parece estranha a maneira como os reformistas se apoderaram do bebê para a própria causa, e Cecil é aquele que menos deseja a indicação da rainha escocesa. Elizabeth se mantém resolutamente em cima do muro, recusando-se a conceder vantagem a qualquer uma das partes. Levina se lembra

do medo que sentiam no reinado de Mary Tudor. Naquela época, pelo menos, sabiam quem era o inimigo. Agora é impossível dizer quem está de que lado, em um mundo onde dois jovens apaixonados, secretamente unidos, podem ser vistos como conspiradores traiçoeiros e correr perigo de morte. Com o apagar da estrela de Cecil, a de Dudley voltou a brilhar, como numa gangorra infernal.

“Maldito demônio”, resmunga Mary, apontando com a cabeça na direção de Dudley. “Ele ainda acha que tem chance.”

“A rainha se casaria com ele?”, pergunta Levina.

“Não. Acho que não vai se casar com ninguém.”

“É mesmo?” Levina não consegue imaginar Elizabeth, a moça arrebatada que conheceu, sem um parceiro de cama.

“Ela não quer compartilhar o poder, creio.”

“Talvez você tenha razão.” Levina fica impressionada com a astúcia de Mary.

“Fique um pouco mais, Vina; sei que Peggy gostaria de vê-la.”

“Ela está de volta à corte?” Levina fica contente com a notícia; isso significa que Mary tem pelo menos uma amiga.

“Chegou há pouco tempo.”

“Bem que eu gostaria, mas tenho de voltar para casa. Já fiquei fora tempo demais e preciso tomar conta de muita coisa. Os criados deixaram o lugar ficar num estado deplorável.”

“Seu marido voltou com você?”, pergunta Mary.

“Infelizmente, não”, responde Levina, tentando não pensar em George e em sua paixão pela tal Lotte. Diante das súplicas veementes de Levina, o marido reagiu com frieza, recusando-se a voltar para ela e irritando-se quando decidiu ir embora por causa de Katherine Grey. Ele disse que só provava que suas queixas não eram desprovidas de fundamento. Ela conseguiu se

conter, evitando apontar que sua licença dos deveres na guarda e seu caso amoroso tinham sido financiados pelos ganhos de seu trabalho, e que a renda dela — a renda deles — dependia de suas relações na corte. Ela mesma não sabe como conseguiu ficar calada nessa hora, pois estava borbulhando de raiva. Agora apenas sente falta dele. Chegou a cogitar aceitar o convite de Mary para ficar um pouco mais, em vez de voltar à casa vazia de Ludgate, onde não terá nem a companhia de Herói. Mas tem de ir.

“Eu a levarei até os portões.”

A entrada principal está apinhada de criados, chegando com pilhas de lençóis e louças para pôr a mesa no salão para o jantar; alguns começam a colocar as mesas e os bancos no centro da sala. As duas decidem passar pelos aposentos privados. No caminho, várias damas cumprimentam Levina, dizendo que fez falta. Mary se afasta, indo para perto da janela, e Levina percebe que ela está dedilhando as barras de uma gaiola com ar maroto.

“O que estava fazendo com aquela gaiola?”, pergunta depois, quando as duas saem pelo corredor dos fundos.

“Eu deixei a porta da gaiola dos periquitos destrancada”, diz Mary. “Não suporto vê-los presos. Pelo menos agora podem voar um pouco pelo palácio.”

Levina ri, dizendo: “Você tem um coração rebelde, Mary Grey”.

“É uma brincadeira. Vi essas pobres criaturas sendo levadas de um canto para o outro nessa gaiola. Quando o verão chegar, meu plano é libertá-los perto de uma janela aberta. O que acha disso?”

“Acho que as pobres criaturas vão acabar virando comida de gaviões, se não sucumbirem antes ao frio, quando o inverno

chegar. Estão muito longe de casa, Mary.”

“Ah, eu não tinha pensado nisso. O mundo é cruel com as criaturas pequenas.”

Levina se pergunta se ela inclui a si mesma entre essas criaturas.

“Bem, pelo menos vão ter um gostinho de liberdade voando entre as vigas do salão, enquanto não forem recapturados.”

Ao chegar do lado de fora, elas cruzam com o sargento-porteiro, que as detém com um cumprimento. Levina se recorda da última vez que viu aquele homem, o dia em que procurou Katherine na casa de Hertford, em Canon Row. Como recriminou a si mesma por sua tolice ao achar o local vazio. Achou que tinha se deixado levar pela imaginação, mas no fim das contas seu instinto estava certo, pois foi nesse dia que Katherine se casou. Levina se recorda das duas figuras ao vento, naquele terreno vago de areia invernal, sumindo nas escadarias de Westminster, pensando em como as coisas poderiam ter sido diferentes caso ela tivesse de alguma forma impedido o casamento.

“Como anda a sra. Keyes?”

“Receio dizer que ela...” O homem para e fita os paralelepípedos.

Mary, chocada, leva as duas mãos ao rosto. “Por que o senhor não disse nada? Ela se foi?”

Ele confirma. “A senhora tinha tanta coisa com que se preocupar, milady.”

“Mas sou sua amiga.” Ela toca de leve seu braço, algo que raramente faz, a não ser com aqueles que lhe são muito próximos. “Sinto tanto. Há alguma coisa que eu possa fazer para...” Mary para e o olha diretamente nos olhos. “O senhor

deveria ter me contado.” Ela parece resignada, como se só agora se desse conta de que nada vai trazer os mortos de volta. “Sou sua amiga, Keyes.”

Chama a atenção de Levina a forma como Mary sempre expressa compaixão pelo sofrimento alheio, mesmo quando o dela mesma é tão grande.

Abril de 1562, Whitehall

Mary

Recebi uma carta, contrabandeada para fora da Torre. Nela, Katherine dá notícias de meu sobrinho, que ela chama de Beech — como ele mama bem; quão encantador e contagiante é seu sorriso. O primeiro dente nasceu, diz ela. Ele já tem sete meses, e eu me pergunto se já terá a boca cheia de dentes quando eu puder conhecê-lo, se é que o conhecerei. Esse pensamento me provoca enorme dor no coração.

Ela também escreve sobre como, de tempos em tempos, sua porta é destrancada, permitindo que continue a encontrar Hertford. *Então não é tão ruim quanto você poderia imaginar, Ratinha.* Fico feliz por saber que seu eterno otimismo continua vivo, apesar de tudo. Mas, por outro lado, ela não sabe dos rumores que chegam a meus ouvidos — todas as fofocas sobre aquilo que Elizabeth pode ou não vir a fazer com o casal que caiu em desgraça. Quanto mais aumenta o apoio à pretensão do recém-nascido, mais fermenta a cólera da rainha.

Aproveito um momento de solidão para ler a carta de novo, na tranquilidade dos aposentos de Keyes, antes que me convoquem aos aposentos particulares, e acabo contemplando imóvel o palácio do arcebispo, do outro lado do rio. Dali vi a

barcaça que transportava Katherine e Hertford rio acima, dia após dia, no mês de fevereiro, vendo-os de longe desembarcar no palácio Lambeth, na margem oposta, para testemunhar diante do conselho eclesiástico. O objetivo desse procedimento, para a rainha, era provar publicamente que o casamento dos dois não tinha validade. Na falta tanto da pobre Juno quanto do pastor que celebrou as núpcias, não era difícil conceder a Elizabeth o veredicto que ela desejava. Meu sobrinho, agora, é considerado oficialmente um bastardo, embora eu saiba a verdade. Fico grata por não ter sido convocada a depor, pois não conseguiria mentir diante de todos aqueles bispos e provavelmente acabaria indo parar eu mesma na Torre por guardar segredos — aparentemente há alguma vantagem em parecer tão insignificante.

Rezo para que esse juízo signifique que minha irmã e seu marido tenham se afastado um passo do cadafalso. A cada dia eu esperava poder divisar a querida Katherine sendo levada para um novo e difícil questionamento. Ao ver seu corpo diminuto — que parecia ainda menor entre os guardas que a escoltavam, todos pelo menos um pé mais altos que ela e tornados ainda maiores pelas alabardas apontadas para cima —, um nó se formava na minha garganta. E ele se recusa a desaparecer.

Ouço a porta rangendo e quando me viro vejo Keyes, solitário.

“Há algo que preciso mostrar à senhora”, ele diz baixinho, fechando a porta e tirando uma miniatura de dentro do gibão. Fico achando que ele quer me mostrar o retrato de uma mulher que está cortejando, para ver se a aprovo; por isso, fico surpresa ao dar com a imagem de minha irmã com o bebê no colo, quase idêntica àquela que trago escondida no vestido. Pego-a e, ao examiná-la mais de perto, constato que é diferente, claramente

uma cópia. A imagem de Levina tem um fundo índigo, enquanto esta é escura, quase preta; até os olhos de Katherine são negros, e não azuis, como deveriam ser, e seus cabelos estão de um vermelho vivo, e não claros como a palha no verão. Mas a intenção é clara de retratar a ela e ao pequeno Lord Beauchamp; sua mãozinha está protegida sob a pele, exatamente como no meu retrato; a mão longa e fina de Katherine porta os dois anéis que me recordo tão bem de ter visto pendurados na corrente em seu pescoço; mas a pintura é falha, precisa demais; falta-lhe a fluidez de Levina, o estilo inconfundível de suas pinceladas.

“Este não é obra da sra. Teerlinc”, digo, tirando minha miniatura de dentro da roupa e segurando-as lado a lado, para que ele veja.

“Não”, diz Keynes. “Quando se veem lado a lado, nota-se claramente que é uma cópia. Receio que haja várias delas circulando entre os reformistas.”

“Onde o senhor deparou com essa?”

“Dorothy Stafford me entregou. Disse que pertencia a uma de suas primas. Ela está preocupada, e achava que a senhora deveria ter ciência disso. Não seria bom se a rainha descobrisse.”

Sinto um aperto nas tripas. “Posso ficar com ela?”, pergunto. “Vou mostrar a Levina. Para ver se sabe como isso ocorreu.” Ele concorda e em seguida faz menção de dizer alguma coisa, mas se contém. Seus olhos cinzentos passeiam pela janela e voltam para mim. “O que foi?”, pergunto.

“Tome cuidado”, ele apenas diz.

Chego aos aposentos particulares antes da rainha. Apesar da presença de um grupo de músicos, consigo escutar uma

discussão acalorada que ocorre para além da porta, onde o conselho está reunido. Ao ver Levina sozinha num canto, fazendo um esboço, vou para perto. Mostro a miniatura de Keyes, que ela examina durante algum tempo, antes de dizer, em voz baixa: “Alguém viu a sua? Ela era a única”.

Toco o local onde a guardo, invisível sob meu vestido. “Vivalma, Vina; fico com ela até quando durmo.”

“Não compreendo.” O rosto dela fica vincado de preocupação. “Há semelhanças demais para ser uma coincidência. Alguém quis dar a impressão de que isto veio do meu pincel. Um olho destreinado acreditaria nisso.” Levina estuda uma vez mais a imagem. “Mas veja as diferenças, Mary. Aqui, a gola é de arminho, a pele da realeza, e a cor dos cabelos dela, em vez de dourada, é ruiva, como os de Elizabeth e os de seu pai.” Ela baixa a voz ainda mais, embora não seja possível nos ouvir onde nos encontramos, no canto mais extremo do aposento. “A conclusão é clara: este bebê é da dinastia real. Da linhagem dos Tudor. E veja aqui a miniatura que Katherine está usando presa no vestido; nela não aparece nenhum rosto. Hertford foi completamente apagado. Isso não me agrada, Mary.”

“Keyes afirma que há diversas circulando.”

“É exatamente o que não queríamos que acontecesse.” Levina fecha o punho em torno da iluminura e dá um soco na palma da outra mão, enquanto toma fôlego. “Sei de quem é esse trabalho.” A voz dela fica ainda mais baixa. “Ele estava no meu ateliê quando eu dava os retoques finais no original.”

“Hilliard?”

Deve ter dado para notar o espanto em minha voz, pois ela responde: “E pensar que confiei nele. Só pode ter sido, Mary. Hilliard tem a mão boa para alguém tão novo, e vem de uma

família de reformistas empedernidos”.

“Como todos nós”, digo. “Talvez ache que está nos prestando um serviço.”

“É exatamente esse o problema: todos acham que é isso que os Grey querem. Suponho que essas imagens estejam circulando por toda parte agora.”

“A única opinião que importa é a da rainha, Vina. Nem uma só pessoa no conselho privado manteria Katherine na Torre não fosse pelo desejo dela.”

Percebo que Frances Meautas nos observa; tenta nos escutar, mas deve estar longe demais para isso. Levanto os olhos e a encaro.

“O quê? Tem uma espinha no meu nariz?”, pergunta ela, levando as mãos a ele numa inocência fingida. Frances é obtusa demais para representar alguma ameaça.

As portas se abrem e os membros do conselho começam a sair atrás da rainha, que se afasta deles, jogando-se em sua cadeira e mandando chamar Lady Knollys para uma conversa particular. Cecil fica por perto, aparentemente na esperança de poder falar a sós com ela. Elizabeth o dispensa com um aceno de mão e ele sai sorrateiramente da sala.

“Onde estão nossas aves amarelas?”, explode a rainha, apontando para a gaiola vazia pendurada na janela, cuja tranca abri discretamente um pouco antes. “Isso já deve ter acontecido uma dúzia de vezes, pelo menos. Já não pedi que a gaiola deles fosse devidamente protegida?” Levina se vira para mim, erguendo discretamente as sobrancelhas. Tento fazer a cara mais inocente possível.

“As aves de Sua Majestade devem ser excessivamente inteligentes, para saber como abrir uma gaiola”, digo. A rainha

lança sobre mim um olhar frio e vazio. “Em inteligência, claramente, imitaram sua estimada dona.”

“Vejo que seu espírito está mais aguçado que nunca, Lady Mary.” Detecto uma ponta da admiração que ela antes tinha por minhas réplicas.

Percebo o par de fugitivos empoleirados bem no alto, arrepiando as penas, escondidos entre os suportes das cortinas; ninguém mais os viu. Sinto um arrepio, como se fosse eu que estivesse pendurada lá em cima, olhando para a rainha e suas damas. Então, guiada pela inspiração súbita de um demônio vingativo, eu me aproximo de esguelha a Kat Astley e sussurro: “Frances é a culpada. Eu a vi soltando-os”. Deveria me envergonhar de tamanha mentira, mas não é o caso. Não posso ser sempre Mary, a boazinha.

Um burburinho de excitação vem do corredor, tirando a atenção dos pássaros. Entra um homem que nunca vi antes, tirando o bonete e mostrando os cabelos negros alisados e reluzentes. Seu rosto brilha de tanto óleo. Ele sussurra alguma coisa a Lady Knollys, que por sua vez informa a rainha, cujo rosto se abre num sorriso ao dizer: “Mande-a entrar, então. Estávamos esperando”.

O homem se retira, voltando quase instantaneamente acompanhado de uma anã, que parece aterrorizada, revirando os olhos. Os cabelos dela são pretos retintos, trançados desde o alto de sua testa quadrada, chegando quase ao chão. Ela olha em minha direção, provavelmente por ser a única pessoa ali com a mesma altura dela. Dou um sorriso e sua boca se contorce no que parece ser uma retribuição, mas vejo que suas mãos estão tremendo e o sorriso não chega a se concretizar. “Permita-me apresentar Ippolyta, a tártara, Vossa Majestade.”

Lizzie Mansfield está estarelecida. Enquanto Ippolyta tenta fazer uma reverência, o que é difícil dado o comprimento de seus membros, Frances Meautas deixa escapar um acesso de riso que se espalha por entre as damas de companhia. O vestido da visitante é incomum, e só posso imaginar que siga o estilo dos tártaros, com saias curtas o bastante para expor as panturrilhas fornidas, cruzadas por laços vermelhos que prendem um par de sapatilhas de dança rosadas. O homem, ainda se curvando e sorrindo de modo afetado, se dirige à rainha.

“Ensinei a ela um pouquinho da nossa língua, Vossa Majestade, mas não é muito dada ao aprendizado... É um tanto selvagem, na verdade...”

“Disseram-nos que tem uma bela voz”, interrompe a rainha. “Cante!”

O homem começa a bater palmas ritmadas e Ippolyta, depois de inspirar profundamente, inflando seu pequeno peito, começa a gorjear uma canção em seu próprio idioma, contorcendo as notas com palavras que nos soam estranhas. A música parece trazê-la à vida, e um sorriso se espalha em seu rosto. É verdade, a voz dela é a mais bela que já ouvi. Cativa a todos e faz esquecer o corpo deformado que momentos antes deixara todos boquiabertos. Até Frances Meautas ouve com prazer, de olhos bem fechados.

Ao terminar a canção, Ippolyta faz outra reverência desajeitada e a rainha começa a bater palmas lentamente, sendo seguida pelo restante de nós. “Que ela se sente a nosso lado.” Elizabeth não fala diretamente com Ippolyta, e sim com seu oleoso acompanhante, que adotou um ar arrogante. “E Lady Mary”, diz ela, virando-se para mim, “a senhorita também vai se sentar conosco. Assim ela se sentirá mais à vontade.”

Duvido que a proximidade de uma baixinha aleijada faça essa pobre anã sentir-se em casa. É provável que a infeliz tenha sido retirada contra a vontade do seio de sua família, e trazida para cá, este lugar distante e desconhecido, para virar um brinquedo da rainha. Mas se houver uma chance de minha presença aliviar um pouco seus receios — percebo que suas mãos voltam a tremer depois que a canção acaba —, então farei isso com alegria. O que também me proporciona uma oportunidade inesperada de conversar com a rainha.

Eu me sento ao lado de Ippolyta com um sorriso bobo, sem saber direito como me comunicar. “Sua canção foi belíssima”, digo, e ela inclina a cabeça, dando levemente de ombro e deixando claro que não compreendeu nada. Então, pega a ponta pendente do cinto da rainha, como uma criança faria, e começa a examinar os objetos que ali estão, um leque decorado com joias, um livrinho de orações, uma miniatura de Dudley folheada a ouro.

O salão prende a respiração, tentando imaginar como Elizabeth vai reagir à audácia dessa moça, que ousa tocar as vestes reais. Ninguém entendeu ainda se Ippolyta é uma espécie de bobo, em cujo caso seu comportamento seria aceitável, se é uma simples curiosidade, ou se é uma nova dama para o quarto — fico rindo por dentro ao pensar em como as outras reagiriam a isso. Afinal, pode muito bem ser uma princesa em seu país. Mas a rainha ri e belisca o queixo de Ippolyta, dizendo “Você não é a única atrás das nossas joias”, então vira para mim e acrescenta, mordaz: “Não é, Mary?”.

“Não, Sua Majestade.” Minha voz é pouco mais que um fio; está claro o que ela quis dizer.

“O que a senhorita acha do comportamento de sua irmã? Não

foi exatamente eloquente na defesa dela.”

Minha garganta fica seca, e engasgo como se tivesse engolido um palmo de tecido. “Acho que ela foi insensata, senhora.” Estou sendo testada, mas não vou deixar essa mulher levar a melhor sobre mim.

“Ela *é* insensata, se acha que vai botar o traseiro no nosso trono.”

“Se me permite dizer”, junto as mãos ao falar para evitar que tremam, “acho que foi insensata por amor, nada mais que isso. Não tem inteligência para enxergar além do próprio nariz.”

Isso faz a rainha bufar, e chego a temer ter carregado demais nas tintas. Então ela me olha diretamente nos olhos e diz: “E o que a senhorita acha que deveríamos fazer com ela, Mary?”

Penso em dizer que não cabe a mim tomar decisões de tal importância, mas num lampejo de inspiração enxergo a oportunidade. “Acho, senhora, que ela tem pouca importância, caso consideremos a primogenitura como base para as crenças nessa questão.”

“A senhorita negaria as ambições de sua família em nome da primogenitura?”

Ela parece perscrutar minha alma com seus olhos negros, mas eu prossigo. “Penso no bem da Inglaterra antes do bem de minha família, pois esta é apenas um pequeno fragmento daquela. Sei muito bem da terrível carnificina do último século, em que a coroa foi passada de um primo para outro, e a linhagem direta foi recusada. Não houve na Inglaterra uma alma que não tenha sido atingida pelo sofrimento.” Não consigo ler o rosto de Elizabeth; está tão impassível quanto nas partidas de cartas — que ela sempre ganha.

“Mas minha prima escocesa não renunciará à sua pretensão ao

meu trono. Parece que ela não quer esperar até eu partir. A senhorita acha que eu colaboraria com tamanha traição?”

A rainha estende a mão e, segurando o babado de meu colarinho entre o polegar e o indicador, diz em voz baixa: “A senhorita não é tola como sua irmã, não é, Mary?”.

Forço-me a encará-la, para mostrar que não estou com medo. Ela sorri. “Não sou mesmo”, digo.

“É uma pena que não seja homem; há uma falta cruel de gente do seu tipo em nosso conselho.” Ela ri, embora já tivesse dito isso em outras ocasiões. Em seguida acrescenta: “Acredito que a senhorita seja a única alma neste lugar infecto que compreende a dificuldade de ser...”. Ela faz uma pausa e por fim sussurra “De ser eu” antes de se reclinar. “A senhorita nunca saberá o que é carregar uma criança.”

Fico pensando se Elizabeth sabe, de alguma forma, que seu destino também é morrer sem ter filhos.

“Não saberei”, respondo.

É um momento de estranha intimidade, e chego a pensar em encontrar uma forma de convencê-la a perdoar minha irmã. Mas a rainha dá um soco no braço da cadeira, assustando Ippolyta, e diz: “E mesmo assim a senhorita é feita do molde dos traidores! Da cabeça aos pés”. Eis então a pedra em seu sapato. Suponho que vai me odiar ainda mais por ter entrevisto um pouco de seu lado fraco.

Em seguida, ela parece se recompor, e fala em voz alta para que todo o salão possa ouvir. “Diga à anã que vamos apelidá-la Pintarroxa por sua voz canora. Mary, encontre trajes apropriados para ela; não podemos deixá-la vestida assim, se não quisermos que seja motivo de riso.”

Pego Ippolyta pela mão, contente por poder sair dali. Pego a

escada dos fundos como atalho para os aposentos das damas. Deparo com Levina e o jovem Hilliard. Ela o cercou nas escadas e está falando em voz baixa, irritada. Eles não percebem que estão sendo vistos.

“Você abusou da minha confiança, Nicholas, insinuou-se em minha vida e agora quer destruir aqueles com quem me importo. Que vergonha!”

“Mas, sra. Teerlinc, com todo o respeito, eu apoio a causa dela.”

“Você não sabe nada da situação dela, seu... seu imbecil!” Levina lhe dá um tapa forte no rosto. Ele vira o rosto e só então nos vê, cuspiendo um pouco de saliva ensanguentada nos paralelepípedos.

“Vina”, digo, gentilmente. Ela se vira; a raiva deformou seus traços, deixando-a quase irreconhecível. “Deixe-o ir.”

Levina dá um passo atrás, aparentemente chocada com a própria atitude. Hilliard sai de fininho, dizendo: “Não tenho de pedir desculpas por nada”.

Outubro de 1562, Torre de Londres
Katherine

Estou brincando de “cadê-achou” com o pequeno Beech na cama; Hércules acha que participa do jogo, mas entende as regras ainda menos que o bebê, e já está entediado, roendo o pé da cama. Meu marido lê novamente a carta de Mary, em voz alta, antes de atirar o papel ao fogo.

“A má notícia é que, com a família Guise provocando tamanha carnificina dos huguenotes na França, a rainha se afastou novamente de Mary da Escócia. Ela não quer que pareça

que apoia atos tão monstruosos; afinal de contas, a rainha da Escócia é metade Guise.”

Não estou prestando atenção. Não quero más notícias e não me importo nem um pouco com o que a rainha está fazendo ou deixando de fazer, a menos que seja nos libertar. Já passei um ano inteiro da minha vida neste lugar, e é o bastante; Elizabeth já atingiu seu objetivo.

“Quando foi que minha irmã passou a se interessar por essa politicagem?”

“Isso é bom para nossa causa, Kitty”, diz Hertford.

“Então por que Mary diz que são más notícias?”

“Parece que ela acha que há mais chance de nos libertarem se... ah, deixa para lá.” Ele suspira, baixando os braços numa atitude resignada.

“Se o quê?”

“Se não formos apoiados pelos reformistas; se não representarmos uma ameaça.”

“Ela tem razão”, digo. “Você não sonha em vivermos em paz, juntos, em algum lugar?”, murmuro, bem perto de seu ouvido. Havia uma época em que eu não suportaria a ideia de morar longe da corte, mas descubro que a maternidade e o amor — além do cárcere, suponho — me transformaram muito. “Imagine como seríamos felizes.” Mas um pedacinho de mim pensa, também, na ideia de ser mãe do rei. Por mais que minha razão diga que não, ela continua lá, provocando meu pensamento.

“Podemos ser bem mais que isso, Kitty”, diz Hertford.

“Talvez.” Olho para o sorriso com covinhas de Beech e a maneira como cobre os olhos com os dedos rechonchudos, para espiar por entre eles. Seguro sua mão gordinha e enfio em

minha boca para fazê-lo rir. O som é contagiante.

“Venha sentar comigo”, digo para Hertford. “Nosso tempo juntos é tão curto e precioso. E de qualquer maneira não há nada que possamos fazer para mudar as coisas. Quero senti-lo perto de mim. Olhe nosso filho. Ele não é irresistível?”

“É você que é irresistível.” A voz de Hertford fica rouca de desejo, e ele desliza a mão pela frente do meu vestido.

“Coração”, rio, “não podemos.”

“Eu sei, eu sei”, diz ele. “Mas um beijo não pode fazer mal.” Seus lábios correm pelo meu pescoço e dali para minha boca, enquanto Hertford aperta minha mão na dele. Beech reclama, tentando separar nossos dedos.

“Ele está com ciúme”, digo.

“Sou *eu* que estou com ciúme”, retruca Hertford. “*Ele* tem você o tempo todo. Dormem juntos toda noite. E eu tenho de ficar com uma cama vazia e uma hora roubada uma vez por mês.”

“Quando nos soltarem...”

“Amo você, minha doce Kitty”, interrompe ele.

“Se me ama de verdade, então deveria desejar uma vida discreta para mim.”

Então eu sinto, como um sapinho nadando na minha barriga, o novo bebê que cresce ali dentro. Desta vez, soube no minuto em que senti a tontura, pensando como podia não ter percebido da primeira. Mas sentir seu despertar — essa era a prova. “Nosso bebê se mexeu.”

“Deixe-me sentir.” Ele pressiona suas mãos contra meu estômago, mas nosso filho parou de nadar. “Ela não vai poder negar a legitimidade deste, agora que juramos nosso matrimônio perante o conselho eclesiástico inteiro, na presença até do

arcebispo.”

“Quem se importa com isso? Tenho você, Beech e esse pequeno desconhecido, e isso basta.” Hertford diz isso apontando para meu ventre. Não vou me deixar dominar pelo local onde estamos, tampouco vou me permitir ficar pensando na rainha.

A chave entra na fechadura e Hertford dá um salto da cama, correndo para o parapeito, mas é apenas Bola.

“O que foi?”, pergunto.

“Tenho uma notícia.” Ele parece agitado, quase sem poder se conter.

“Que tipo de notícia?”, pergunta Hertford, aproximando-se dele. Sinto o bebê se mexer de novo e fico tonta de alegria, a tal ponto que tenho dificuldade de escutar.

“A rainha está às portas da morte.”

Hertford não diz nada, nem eu.

“Varíola”, acrescenta Bola.

Hertford vai até ele, dando-lhe um tapa nas costas. “É mesmo?”

“É.”

“Bem, pode ser que Deus esteja sorrindo para nós. Qual é a gravidade?”

“Dizem que ela pode não passar desta noite.”

O sorriso de Hertford lembra o sol, e me pergunto se é correto sentir-se tão contente com o fato de a rainha estar morrendo e se isso poderia provocar a ira de Deus. Mesmo assim, *estou* contente.

“A criada está subindo, milorde”, acrescenta Bola. “É melhor o senhor ir.”

Ouçõ claramente os passos de Nan antes de Bola fechar a

porta e virar a chave.

“Kitty, nossas preces foram ouvidas.” Hertford se apodera de mim, envolvendo-me em seus braços.

“Vamos ser libertados?”, pergunto, com a voz abafada pelas dobras de sua roupa.

“Mais do que isso”, diz ele, soltando-me e dirigindo-se à porta. Seus olhos brilham de um jeito como nunca vi antes, e por um instante Hertford parece um desconhecido, um estranho, com traços tão alterados que mal consigo reconhecê-lo. Ele então me lança um beijo, de olhos fechados, lábios apertados, palma da mão virada para cima, e se torna novamente meu doce marido diante de mim. Então se vai; sua partida me entristece e eu pego nos braços o pequeno Beech, feliz por sentir o calor de seu corpo contra o meu. Ele começa a brincar com os laços de meu vestido com seus dedos gordinhos, e posso sentir as lágrimas virem — supondo que sejam de alívio.

Janeiro de 1563, Whitehall

Levina

A rainha está fervendo de raiva e o motivo é sussurrado nos aposentos particulares: Katherine Grey está para parir outro bebê. Levina se pergunta como anda a pobre moça, agora que está sendo mantida trancafiada. Sir Edward Warner foi substituído, e dizem que Katherine foi transferida, mas é difícil obter qualquer notícia. Só Deus sabe o que vai acontecer com ela agora. Quantas esperanças nutriram, quando a vida da rainha estava em jogo. Levina não pode deixar de perguntar por que Deus decidiu poupá-la da varíola, lembrando-se claramente de como três meses atrás um silêncio mortal se abateu sobre a

corte enquanto todos só esperavam o anúncio oficial. Mas ela se recuperou — é forte como uma pedra, e desde então está de mau humor. Levina se recrimina em silêncio por permitir que pensamentos tão profanos e traiçoeiros habitem seu corpo.

Mary e Levina sentam-se com um grupo de mulheres perto da lareira, onde Elizabeth cochicha com Lady Knollys. A maioria das damas está bordando; algumas leem, inclinadas perto das velas, enquanto outras fofocam em voz baixa. O tempo está tão frio que de vez em quando uma ou outra se levanta e caminha pela sala, esfregando as mãos para se esquentar um pouco. Levina enrola seu xale bem apertado e olha para a janela, onde há pingentes de gelo de uma polegada do outro lado dos vidros. A luz do inverno é tão fraca que ela tem dificuldade de enxergar direito o delicado bordado. Levina pensa em todos os retratos que pintou, os mínimos detalhes trabalhados com o pincel de três pelos, os minúsculos toques de resina, os sombreados quase invisíveis que a deixaram com olhos de velha. Lizzie Mansfield começa a dedilhar um alaúde, não muito bem; Dorothy Stafford tenta lhe ensinar uma nova melodia, e por fim toma-lhe das mãos o instrumento para demonstrar como tocá-lo, fazendo isso lindamente.

Levina olha as companheiras em torno. Alguns rostos antigos se foram e novos chegaram, mas pouca coisa mudou. Elizabeth exhibe seu mau humor num vestido de veludo, de um índigo vivo que faz ressaltar as madeixas ruivas que escapam de sua touca. Ela está magra e pálida, e fica ainda mais por conta da tinta branca que espalha na pele e dos círculos avermelhados que desenha nas bochechas, criando um efeito ligeiramente cômico. Parece uma paródia canhestra do próprio retrato no dia da coroação. É como se ninguém estivesse preparado para

contar-lhe a verdade. Algumas senhoras até começaram a esfregar na cara o mesmo negócio, numa espécie de homenagem perversa ou demonstração de subserviência — talvez as duas coisas. A varíola cobrou seu preço. Elizabeth perdeu o frescor da juventude, e os traços austeros que ela já tinha mesmo quando criança e que lhe davam um ar de robustez atraente cristalizaram-se em algo que mais parece amargura. Sua boca, agora num permanente esgar, ficou naturalmente arqueada para baixo, e o rosto começou a acompanhar-lhe a forma. Levina conhece bem demais a cara de Elizabeth, analisou cada linha dela, e antecipa o desgaste que o tempo e a pompa continuarão a produzir nela.

Ela conta nos dedos a idade da rainha — este ano fará trinta, menos do que aparenta. Calcula outras idades: Katherine tem vinte e três; Mary logo fará dezoito — meu Deus, ela não é mais uma menina? Como é que o tempo parece se arrastar e de repente você vira as costas e ele já passou? A própria Levina está com quarenta e três, idade que nunca imaginou que alcançaria quando era criança. A rainha continua cochichando com Lady Knollys. Levina tenta ouvir o que está sendo dito, mas está sentada longe demais para escutar direito, para além do som do alaúde. De repente Elizabeth grita, numa voz alta o suficiente para todas ouvirem: “Há algumas que parecem empenhadas em mostrar à Inglaterra o quanto são férteis, com que facilidade conseguem produzir filhos. É um insulto a *mim*, não é?” Está falando de Katherine, isso é bem claro. “Não vou tolerar tamanha desobediência — é traição, eu afirmo.”

Mary se encolhe ao ouvir a palavra “traição” — o que não surpreende — e retoma seu bordado com um ar de desânimo e resignação. Ela deve ter torcido pela morte da rainha mais do

que todas as outras, embora nunca tenha dito isso. Levina observa os dedos hábeis de Mary produzirem um padrão de malvas-rosa numa borda de tecido, indo e vindo eficientemente com a agulha, intensamente concentrada. A moça aprendeu a exibir um rosto neutro para o mundo, o que se tornou sua especialidade.

Mas em seguida ela solta um longo suspiro e sussurra para Levina: “Acho que não consigo mais aguentar isso”. Mary larga o bordado no colo e segura o nariz com o polegar e o indicador, como se estivesse sentindo dor. Em seguida, continua a falar, baixo o suficiente para que ninguém mais ouça: “Eu me lembro, Vina, de que *maman*, antes de morrer, nos advertiu de que ela...”. Seus olhos se voltam rapidamente na direção da rainha. “Qual foi a palavra que ela usou? Que ela era ‘mais maliciosa’ que a irmã. Na época foi impossível compreender. A antiga rainha tinha cometido atos tão monstruosos que era difícil imaginar como poderia ser pior, mas agora compreendo.”

“Sim”, diz Levina. “É inútil tentar imaginar o que ela fará a seguir.” Levina se lembra, ao dizer isso, do velho rei Henrique, no fim de seu reinado — a filha é inconstante do mesmo jeito. Em momentos de clareza, consegue distinguir o medo em Elizabeth — medo de tomar a decisão errada. Seu juízo é turbado por ele, o que a impede de ver que às vezes decisão nenhuma é melhor que uma decisão errada. A rainha chega ao ponto de duvidar do próprio julgamento, e sua confiança se alterna entre Cecil e Dudley, como num jogo de tênis.

“O que acha que vai acontecer com Katherine?”, murmura Mary. “Ah, eu sei, ninguém pode dar essa resposta, nem mesmo ela.” Seus olhos se voltam uma vez mais em direção a Elizabeth, e subitamente ela se sente muito jovem e pequena. Levina se

lembra da promessa que fez a Frances, baseada no laço que as uniu com a morte de Jane, a promessa que destruiu seu casamento, a promessa que a manteve na corte. A sensação de fracasso toma conta dela — como artista, pode ter obtido um razoável êxito, mas isso serve apenas para mascarar até que ponto sente ter fracassado como ser humano.

O livro de Foxe já foi publicado em inglês, atijando ainda mais as chamadas dos reformistas. Levina pensa em sua participação nisso. Como ela disseminou apaixonadamente a palavra da nova religião — todos aqueles desenhos enviados clandestinamente, os riscos terríveis que tinha corrido. Estava tentando entender a aterradora morte de Jane Grey, e a única maneira parecia ser fazer dela uma mártir. Todas aquelas mortes — Latimer, Ridley, Cranmer, Jane, a lista é interminável —, para quê? Não têm sentido. Levina explora sua alma e não consegue encontrar vestígio algum de misericórdia nela. Sua fé pende por um fio, o que a assusta, pois sempre sentiu a presença de Deus em sua vida.

Mary dá um soco no joelho, numa rara exibição de frustração, deixando a caixa de costura cair no chão.

“Se eu não pudesse me refugiar nos aposentos de Keyes, acho que...” Ela se detém.

“Eu sei.” Levina dá um tapinha na mão de Mary. Ela é grata a Keyes, que é um homem piedoso. De início, receou que pudesse ter segundas intenções com sua gentileza em relação a Mary, uma agenda política de alguma espécie, mas ao que tudo indica simplesmente aprecia a companhia dela. Levina o observou cuidadosamente e notou a forma como se anima na presença da moça. Não há nada de estranho; a sensação é de proteção, e Deus sabe o quanto Mary precisa disso.

O sino toca e todos saem para a capela, seguindo a rainha. Levina fica de pé, senta, ajoelha-se, repete as palavras do pastor, ouve o coral e o interminável sermão — sem prestar atenção em nada. Antes, ela achava que o mundo seria perfeito se todos pudessem praticar a própria religião da maneira que quisessem, sem medo de perseguição. Elizabeth proporcionou isso à Inglaterra, mas não pôs fim às manobras perigosas das diversas facções. A rainha gosta de jogar umas contra as outras, sentada em cima do muro que ela mesma construiu. Como Levina foi ingênua ao acreditar que o mundo podia ser simples. Agora ela se sente distante demais da própria fé para entender isso. Olha para a frente da capela, onde Elizabeth está ajoelhada em seu genuflexório; mesmo por trás, pode ver a cólera fervilhando na posição dos ombros da rainha, e fica pensando qual será seu próximo lance. É impossível prever. Hertford será arrastado até o tribunal, sem dúvida. Fora isso, ela não ousa pensar em mais nada.

Agosto de 1563, Torre de Londres
Katherine

Meu quarto tem uma janela só, que dá para um pátio interno. Este tem sido meu mundo nos últimos sete meses: um quadrado de céu, um chão de paralelepípedos, um canteiro de flores onde às vezes brilham alguns amores-perfeitos, um quadrado seco de grama onde vejo meus cães passearem diariamente, quando são levados para se exercitar. Não posso descer até lá, pois sou vigiada de perto. Não sei onde meu marido foi colocado. Não vou me permitir imaginá-lo numa masmorra sem luz ou coisa pior. Prefiro fazer de conta que ele ainda está num quarto de sua

torre redonda, com vista para o rio. Isso tem sido cada vez mais difícil, e meu otimismo caiu a zero nos últimos dias.

Beech anda para lá e para cá, entre meus dois cômodos, usando um antigo barrete meu, imitando um soldado da cavalaria; os cães o seguem, balançando o rabo em cortejo, mas nem mesmo essa cena traz um sorriso ao meu rosto. Isso é tudo que ele conhece, guardas, chaves e uma mãe cuja sanidade está por um fio. Minha mente não para de voltar, contra minha vontade, a Edward Courtenay, que, dizem, passou a juventude inteira trancado neste lugar porque tinha sangue Plantageneta; e aos famosos príncipes de cem anos atrás. São meninos que entraram aqui e nunca saíram; até hoje ninguém sabe o que foi feito deles. Alguns dizem que foram assassinados pelo tio. Seu destino estava escrito em seu sangue, assim como o de Jane, assim como o meu, e eu transmiti essa maldição a meus doces meninos, que nunca souberam o que é a liberdade.

Ouçó Tom chorando no quarto. A ama-seca me chama para amamentá-lo com uma voz educada mas fria, a cortesia apagando toda a emoção. Não tenho ama de leite; suponho que a intenção, ao me fazer alimentar meu próprio bebê, seja me castigar, mas a verdade é que é uma das poucas alegrias que me restam, embora tisonada por outras coisas, mais sombrias. Hertford se foi, Nan se foi, Warner e a mulher se foram, Bola e Corrente se foram, sem nenhuma explicação; nenhuma carta chega ou sai escondida. Um rodízio de camareiras, amas-secas e guardas se sucede, sem me olhar nos olhos. Temo já ter morrido, assim como meus bebês — talvez fosse melhor se morrêssemos mesmo. Às vezes, furo meu dedo de propósito com a agulha, para ver se ainda há sangue dentro de mim. É claro que há, e eu o vejo assumir sobre minha pele o formato de

uma joia. Imagino que sangrei a veia grossa e azul da dobra do braço, como na véspera do meu casamento, até ficar livre de todo o sangue amaldiçoado e poder começar de novo.

O choro de Tom fica mais forte. Não me comove. Não me permitirei amá-lo como amo Beech, porque, quando me apaixonei por meu primogênito, imaginei uma vida plena e perfeita para ele. Mas agora é evidente que isso não ocorrerá, e não aguentarei amar Tom e ver da mesma forma toda a alegria ser sugada de sua vida. Ou, pior, vê-lo arrancado de mim, desaparecendo como aqueles príncipes.

Beech, cansado de andar, cai no meu colo. Levanto o bonete vermelho e afundo meu nariz em seus cabelos macios. Ele tem o cheiro do pai, e sinto como se meu coração fosse partir.

“Bebê chorando, mamã”, balbucia Beech. “Tem fome.” Ele se levanta e puxa minha mão até que eu me levante. Vamos para o outro quarto. A ama está irritada, andando em círculos, sacudindo Tom para cima e para baixo, exasperada pela gritaria. Sento na cadeira destruída, roída e arranhada pelos cães, e abro a camisola. Tom é jogado no meu colo, e na mesma hora sua boca procura meu peito. Ele gruda em mim, puxando o leite e causando assim uma ferroadinha momentânea que me tira o fôlego. Tento não olhar para o bebê, mas não resisto, e sinto meu coração derreter um pouco com esse momento agri-doce de intimidade. Beech assiste a tudo com o canto do olho; sorrio, para lembrar-lhe de que é ele quem amo. Beech brinca com os anéis em meus dedos, o diamante pontudo, a força secreta de um nó, depois procura a iluminura que sempre trago pendurada em volta do pescoço.

“Papá.” Ele toca a superfície do vidro com os dedinhos. Depois olha para mim com a cabeça inclinada de lado e diz: “Mamã

chorando”.

“Não, Beech”, digo. “Não estou chorando. Meus olhos estão inchados, é só isso.” Eu achava que minhas lágrimas tinham secado muito tempo atrás.

Beech sobe no meu colo, arrumando espaço ao lado do irmãozinho, então se estica para dar um beijo molhado no meu olho. “Pá melhorar”, ele diz.

“Sim, já estou melhor”, digo. Tom está cheio e descansa em meus braços, com a boca inchada de tanto chupar. Temo ficar tempo demais com ele e ser vítima de seu feitiço. Por isso, coloco-o gentilmente no berço.

Ouçó do lado de fora as vozes baixas da ama e dos guardas conversando. Então ela entra, olhando-me de soslaio enquanto recolhe a roupa de cama suja. Um cheiro desagradável emana do balde no canto do quarto; hoje ninguém veio buscá-lo, o que é incomum.

“Onde está o rapaz do balde?”, pergunto.

“Peste”, diz a ama. Percebo então que o que eu acreditava ser mau humor em seu rosto era medo.

“Há peste em Londres?” Ela olha para mim como se eu fosse louca. “Aqui não me contam nada”, acrescento.

“Quinze mil almas foram levadas só na cidade.”

“Quinze mil?” Fico horrorizada, não posso crer no que ouço. Penso, então, em Mary e Hertford, imaginando se estão em segurança.

“Meu marido?”, pergunto.

A mulher dá de ombros. Perscruto seu rosto, para ver se esconde algo de mim, mas seu olhar é vazio e nada revela.

Bato na porta, chamando os guardas. Eles abrem e eu pergunto: “A corte viajou?”.

“Meses atrás”, diz um deles. “Todos teríamos partido se tivéssemos para onde ir.”

“Meu marido está bem? Minha irmã foi com a corte?”

A moça sai com sua pilha de lençóis, olhando para mim de soslaio, como se eu fosse lunática.

“Eu não teria a liberdade de lhe dar novas dos seus, ainda que soubesse.”

A porta é fechada na minha cara e fico novamente sozinha. *Certamente eu teria sido informada se minha irmã ou meu marido tivessem morrido*, penso comigo mesma. Minha cabeça roda e sinto o perigo nos rondando. É o dever de toda mãe proteger os filhos, mas não tenho como. Estamos aqui, impedidos de sair, com o rapaz do balde e quem mais atingidos pela peste? Uma das amas, um dos guardas, um dos meus filhos? Talvez fosse melhor que a doença levasse nós três juntos... mas e quanto a Hertford?

Dizem que é o pior tipo de morte, e não consigo evitar me deixar levar pela imaginação, que me mostra imagens do meu marido agonizante, lutando pela vida em uma cela em algum lugar. Minha respiração fica fraca, ofegante, e sinto o pânico crescer em mim como uma chama. Abro as janelas e encho os pulmões de ar, tentando me acalmar. Mas não há como. Parece que outra mulher grita dentro de mim.

“Hertford, meu Hertford, meu Hertford, meu amor.”

Beech, achando que é uma brincadeira, adere. “Papá, papá, papá”, ele diz, caindo no riso quando perde o fôlego de tanto gritar. Olho para baixo e me imagino pegando sua mãozinha e pulando da beirada, voando, caindo — estou acima da água do rio, acima dos paralelepípedos de pedra lisa.

“Milady”, chama uma voz atrás de mim, de um dos guardas.

Continuo gritando até ficar rouca — não consigo parar. Ele pega meu braço; debato-me um pouco, mas sei que não adianta. “O lugar-tenente está aqui para vê-la.”

“Warner?”, pergunto, sentindo uma ponta de esperança se introduzir pelas bordas do meu pânico.

“Não é Warner.”

Ele se foi, claro.

O lugar-tenente aguarda perto da porta do quarto, com uma mulher ao seu lado.

Seguro bem firme a mãozinha suada de Beech.

“A senhora vai ser transferida”, diz ele, sem se importar em me cumprimentar.

“Para onde?” Faço uma lista mental de todos os lugares possíveis: uma masmorra; outro quarto como este; uma prisão domiciliar em algum lugar do interior; de volta à corte — mas ele disse “transferida”, e não “libertada”.

“Não posso dizer, milady. Junte suas coisas e esteja pronta para partir dentro de uma hora. O bebê irá com a senhora, e o menino mais velho ficará com o pai.”

“Hertford está vivo?”, grito.

“Por que não estaria?”, pergunta o lugar-tenente, e eu me pergunto se não estou perdendo a razão, pois me convenci de sua morte como se a tivesse visto com meus olhos. Mas sei agora que Hertford está bem e me vejo diante da outra coisa que me foi dita: Beech será tirado de mim. A mulher o pega pela mão e se dirige à porta.

“NÃÃÃÃO!” Solto um grito agudo e agarro sua manga.

“Mamã.” No rostinho de Beech estão estampados o medo e o espanto. “Mamã vem?”

O lugar-tenente me afasta, segurando-me com força com uma

das mãos e batendo a porta com a outra. Posso ouvir os gritos de Beech ao ser levado escadaria abaixo. Cada nota aguda arranca um pedaço de mim. Eu me jogo no chão soluçando, sentindo toda a dor da perda, como se um grande peso tivesse caído sobre mim e arrancado todo o amor do meu coração.

“Sinto muito, milady”, diz o guarda. “São ordens da rainha.”

Agosto de 1563, castelo de Windsor

Mary

Está escuro como o breu, e posso ouvir a rainha rolando na cama. A corte está em frangalhos por causa da peste, e me pedem com frequência que passe a noite com ela — dever que não me agrada. Fico perplexa com o carinho que Elizabeth demonstra por mim nos últimos meses. Talvez sinta expiar assim o que fez com minha irmã. Mas não sinto nenhum prazer nisso, e não tenho escolha a não ser aceitar sua atenção e suportar as intermináveis noites no quarto real. Pelo menos, isso me deu a oportunidade de interceder por Katherine quando a peste atingiu Londres, pedindo que fosse removida para um local mais seguro. Fui bem-sucedida — e mal posso acreditar nisso. Ela está a caminho de Pyrgo, que certamente é melhor que a Torre, embora eu me lembre bem de como tio John a tratou da última vez que estivemos lá, no terrível verão anterior à sua prisão. Espero que ele demonstre um pouco de simpatia por sua sobrinha menos querida.

Não era para eu saber que a rainha atendeu meu pedido. Será que ela acha que, com o conhecimento de que fui agraciada, vou pedir mais coisas? Não sou tão tola. Foi Keyes quem me trouxe a notícia da transferência: Hertford e Beech vão para Hanworth

e o bebê vai para Pyrgo com a mãe. Embora fique feliz que sejam mandados para longe da área infectada, sei que a separação será uma tortura para Katherine, que nem de seu cão favorito consegue ficar uma hora distante. Penso em meus sobrinhos, imaginando o tempo todo como eles são, tentando formar uma imagem mental; mas habitam minha mente como espíritos, e não consigo lhes emprestar uma substância física.

A carta de Keyes chegou a mim às escondidas, apesar de nada ou ninguém ter autorização para vir de Londres, devido ao medo da infecção. Até as barcaças foram proibidas de passar pelo rio, e os enviados em missão precisam esperar quatro semanas inteiras antes de ser aceitos na corte. Eu me preocupo com Keyes, a quem se pediu que ficasse para trás, em Westminster, embora me garanta que mantém uma distância segura de estranhos. Sinto falta do santuário de seus aposentos, de nossas partidas de xadrez e do precioso tempo livre passado a conversar. Sua presença se tornou um pilar em minha vida. Rezo pela segurança dele e, pelo menos, posso ser grata por Levina estar em segurança conosco, em Windsor.

“Mary? Acorde.” Sinto a mão da rainha sacudindo meu ombro. “Acorde. Não consigo dormir.”

“Estou acordada, senhora. Em que posso ser útil?”

“Vá buscar uma vela.”

Arrasto-me para fora da cama de baixo e tateio em busca de meu vestido, jogando-o por cima da camisola. Sem achar minhas pantufas, vou descalça até a porta. Do lado de fora, os dois guardiões caíram no sono. Estão exaustos por ter de fazer jornada dupla, pois seu número reduziu-se com a peste. Um deles reclinou a cabeça contra a parede, num ângulo desconfortável — está com o queixo para cima, roncando alto. O

outro se esparra em um banco. Seus olhos se abrem um pouco quando apareço, e ele apressadamente fica de pé, alisando o uniforme e ajeitando o bonete.

“O senhor tem um círio?”, pergunto.

Ele faz uma breve medida e procura numa caixa; quando encontra um, acende para mim. Só então percebe meus pés descalços. Fortemente ruborizado, parece surpreso em descobrir que tenho dez dedos nos pés, como qualquer mulher.

De volta ao quarto, ouço a rainha se aliviando no penico. Acendo algumas velas, abro as cortinas do leito e afofo os travesseiros. Quando ela termina, atira-se na cama com um suspiro alto, e percebo à luz fraca o quanto parece cansada, com olheiras tão escuras quanto as de quem levou um soco.

“A senhora não dormiu nem um pouco? Posso trazer uma bebida calmante.”

“Não preguei o olho”, responde ela. “Venha sentar-se aqui comigo, Mary.” Elizabeth dá um tapinha ao seu lado na cama. “E traga aqueles confeitos da mesa.” Pego o prato e subo. Ficamos sentadas por algum tempo, conversando, enquanto ela satisfaz o gosto por doces, jogando os confeitos na boca um por um, como se nunca pudesse se saciar. Não consigo deixar de observá-la, e a rainha deve notar minha desaprovação, pois segura um doce diante dos meus olhos e diz, numa voz cheia de cinismo: “Que outro prazer eu posso ter?”. Pego o confeito, provando com a língua sua superfície doce e cristalina. “Não vou envenená-la”, diz ela. “Permita-se um pequeno capricho, Mary. Talvez até goste.”

“Posso preparar uma tintura para ajudá-la a dormir, senhora.”

“Tentei quase de tudo e nada fez efeito. Minha cabeça está repleta de preocupações de imensa monta. E nunca dormi

direito, desde que era pequena.”

“Acho que ser rainha pode ser uma bênção e uma maldição”, digo, lamentando aquilo imediatamente. Receio tê-la ofendido, pois Elizabeth me olha de soslaio.

Então ela sorri. “É verdade. A maioria não me diria isso, porém. Só ele.” Por “ele”, entendo que quer dizer Dudley. “Fico olhando para todos os meus cortesãos, medindo as palavras com tanto cuidado.” Ela para por um instante, levando à boca outro confeito. “E tem Cecil”, prossegue. “Mas parece que acha que sabe mais do que eu o que é bom para mim. Ele se deixa levar.”

Elizabeth não se explica, nem eu pergunto o que quer dizer, mas fico pensando se está fazendo referência ao casamento de minha irmã.

“Imagino que a senhora gostaria de ficar sozinha”, digo.

“Sozinha... sim”, ela diz, como se isso nunca lhe tivesse ocorrido. “E, no entanto, estou sempre cercada. Acho que o casamento é a resposta.” É difícil afirmar, a partir de seu tom impassível, se quer mesmo dizer isso ou o contrário. “Desde que fui atingida pela varíola, meu conselho passou a pedir que me casasse mais do que nunca. Tenho de inventar maneiras cada vez mais engenhosas de mantê-los à distância.”

“Todos acham que a senhora segue o coração, mas na verdade é a cabeça.”

“Astuta Mary. A senhorita entende tudo, não é?”

“Não *tudo*”, digo rapidamente, dando a entender que entendo quase tudo. Isso a faz rir.

“Se eu seguisse meu coração o navio do Estado já teria afundado.”

Ela pega um estojo folheado a ouro da mesa ao lado da cama, tirando dele alguns pacotes. Quando os desembala, várias

iluminuras são reveladas. Eu já tinha ouvido falar da coleção da rainha, mas nunca a tinha visto. Creio que os retratos que Levina fez de Katherine, de Lettice e de mim foram para ela. Eu me pergunto se o de minha irmã foi retirado da coleção.

Elizabeth segura uma miniatura. “Minha prima escocesa. A senhorita é das que acreditam que *ela* devia ser indicada como minha herdeira, não?” Fico surpresa por ela se lembrar de nossa conversa sobre primogenitura. Desde então muita coisa aconteceu. “Foi graças à senhorita, Mary, que poupei a vida de sua irmã. Havia quem pedisse a execução dela.”

Tenho vontade de lembrar à rainha que minha irmã não foi exatamente poupada; pode estar viva, mas é mantida numa jaula, separada daqueles que ama. Mas mantenho um silêncio respeitoso — a obediente Mary, no bolso da rainha. A amargura toma conta de mim; receio que, se eu morresse e me abrissem, iam descobrir que por dentro estou inteiramente preta.

Elizabeth me passa o pequeno retrato. “A senhorita acha que ela é bonita?”

Sei o que a rainha quer ouvir; devo dizer “Não tanto quanto a senhora”, mas o que acabo falando: “Acho, *sim*. Ela é bonita”.

A rainha aperta os olhos e sua boca se contrai. Eu me preparo para uma explosão de cólera, mas Elizabeth me surpreende dizendo: “A franqueza é uma qualidade que eu admiro muitíssimo. É verdade, ela é bonita”. A rainha pega outra iluminura da cama, esfregando-a entre os dedos. “Tenho planos matrimoniais para minha bela prima. Este é aquele que pretendo colocar em seu caminho.” Ela atira o retrato para mim. Eu o apanho.

“Dudley?” Na palma da minha mão está o rosto dele.

“Uma vez feito conde de Leicester, será um par bastante

adequado para ela.”

“A senhora faria isso?”, pergunto, descobrindo um fiapo de relutante admiração por essa mulher. Ouço as primeiras notas do coro matinal: um chapim canta, acompanhado pelo trinado de uma felosa.

“Foi a senhorita quem disse que sigo minha cabeça, não meu coração. É só em Dudley que confio totalmente. Seria pela Inglaterra.”

“Entendo.” O que vejo, porém, num lampejo de clareza, é que se trata de uma espécie de vingança. Recordo ter ouvido os comentários sarcásticos que Mary da Escócia fez sobre a rainha e seu “cuidador de cavalos”. É a maneira que Elizabeth encontrou de colocar sua ambiciosa prima no devido lugar — casá-la com o “cuidador de cavalos”. Agora um tordo canoro se faz ouvir. Será que ela realmente tem intenção de fazer uma coisa dessas?

A rainha junta suas miniaturas, guardando-as.

“Bem, pelo menos *a senhorita* nunca será uma ameaça ao meu trono, Mary.”

O que ela quer dizer é que tenho uma forma inadequada para a grandeza e não produzirei varões. Eu me pergunto se ela tem a intenção de ser cruel ou se ignora a rudeza de sua língua, pois sorri ao falar isso e acaricia meu braço, como se me houvesse elogiado.

“Apesar de tudo vim a gostar da senhorita, Mary Grey.”

Tento retribuir o sorriso, mas descubro que mal consigo levantar os cantos da boca.

Setembro de 1563, Pyrgo

Katherine

Fui banida para o mais distante interior de Essex. Sei que nosso destino é Pyrgo antes mesmo de ver a casa. Lembro-me do grande carvalho no início do caminho. Eu costumava subir nele quando era criança, nas visitas a tio John e tia Mary. Reconheço o curral onde íamos buscar xícaras do leite fresco e quente das vacas. Reconheço o pequeno bosque onde um dia beijei um dos pajens, e me lembro do tio John trancando-me um dia e uma noite inteiros no armário, para me ensinar uma lição. O pajem teve destino pior, pois levou uma surra e foi dispensado. Tio John não era nem um pouco parecido com papai. Enquanto o último era jovial e bem-humorado, ele era sombrio e severo — talvez por inveja do irmão mais velho.

Meus tios nos esperam na entrada. Devo estar com uma aparência assustadora depois de chorar ao longo de toda a viagem, pois tia Mary engasga quando a cortina da liteira é totalmente aberta. Tio John me ajuda a descer, com uma expressão tensa na boca. Tia Mary faz menção de tirar Tom de meus braços, mas eu o seguro com firmeza. Não vão me separar também dele. Meus tios me apresentam aos criados da casa: três homens, três mulheres e um lacaio. Nunca vi nenhum deles. Agora são meu lar — na verdade, meus carcereiros. Também há uma ama de leite de imensos seios, com um sorriso idiota. Então eles querem tirar Tom de mim de qualquer jeito. Receio que, quando essa moça grotesca, com seus seios balouçantes, vier pegar meu menino, não terei forças para lutar para ficar com ele; por felicidade, não me permiti me apaixonar tanto por Tom quanto por Beech. Pelo menos é o que digo a mim mesma. Mas sou mãe, e toda mãe que sentiu o bebê mamar se apaixona profundamente, queira ou não.

Tio John enumera as regras, com voz dura e fria como uma

pedra de gelo: não posso sair dos meus aposentos, nem para caminhar em volta da casa ou passear nos jardins, a menos que esteja acompanhada; tenho de ir duas vezes por dia à capela pedir perdão por meus pecados; não posso receber correspondência, visitas ou qualquer tipo de comunicação exterior sem que seja previamente examinada; só posso ler material autorizado, e nada que possa instigar “novas emoções lascivas”; o bebê terá de morar com a ama de leite, na ala leste da casa, e será trazido a mim uma vez por dia; por fim, meus bichos vão morar nos estábulos.

“Ah, e mais uma coisa”, acrescenta ele. “Você escreverá à rainha suplicando perdão e demonstrando que entendeu que suas ações estavam equivocadas. Você arrastou nossa família para a lama e fará tudo a seu alcance para se expiar.”

De tão gelado, o rosto de tio John parece a ponto de estilhaçar ao menor sorriso. O da tia Mary não está muito melhor, embora em sua testa haja uma ruga de simpatia. Não falo com eles nem com ninguém, a não ser para informar o rapaz do estábulo dos caprichos de cada um dos meus bichos, já que vai cuidar deles. É o único que sorri para mim.

Sou levada para meus aposentos escada acima, nos fundos da casa. São os quartos que eu compartilhava com Jane e Mary nas nossas visitas. Eu me lembro da árvore que cresceu tão perto da janela que encostava no vidro e nos aterrorizava à noite. Tudo parece distante, como se Katherine fosse outra moça, em outra encarnação.

Há um livro sobre a cama. Ponho Tom, adormecido, ao lado dele, cercando-o de travesseiros para que não role e caia, então pego um livro. Eu o conheço, a encadernação de couro desgastada, as páginas já muito folheadas. É o Novo Testamento

em grego de Jane.

“Foi enviado por sua irmã”, diz tia Mary. “Em princípio você não pode receber nada do exterior, mas achamos que isto não vai lhe fazer mal. É a palavra de Deus. Só pode exercer uma influência positiva.”

Não respondo nem olho para tia Mary; simplesmente me sento na ponta da cama e abro o volume. A mensagem de Jane está ali. É o livro de Jane, os dedos abençoados dela tocaram os lugares que os meus tocam agora; os de Mary também; até os de *maman*. Dentro de mim surge um diminuto fiapo de alegria. Lembrando-me das palavras de Mary a respeito de pedir a orientação de Jane, então aperto o livro contra o peito e deito ao lado de Tom na cama, sentindo sua respiração fanhosa contra a pele do meu rosto e fechando os olhos.

Aguardo que tia Mary vá embora, mas ela se demora um pouco, dizendo às criadas onde pôr minhas coisas. Gente vai e vem, mas não me mexo, conversando com Jane em pensamento. Com os olhos semicerrados, vejo alguém chegar com um prato de comida e deixar na mesa. O cheiro me provoca náuseas. Depois, chega a ama para buscar Tom. Não tento segurá-lo, nem sequer abro os olhos para vê-lo ir embora; vai ficar melhor com a ama de leite sorridente do que comigo. Busco algum sentimento em mim, mas não restou nenhum — por dentro, virei pó.

Depois que todos se foram e fico sozinha, a não ser por uma das criadas, roncando na cama de baixo, acendo uma vela e leio a mensagem de Jane: *Há de ensiná-la a viver e a morrer. E a morrer. E a morrer*. Gostaria de poder ler e aprender como morrer, mas o grego é ainda pior que o latim. Para mim, não passa de teias de aranhas mortas. Tento me recordar das histórias do Novo

Testamento que antes eu conhecia tão bem, mas só consigo pensar no filho pródigo e na história dos dois pães e dos cinco peixes — nada que vá me ensinar a morrer. Em minha memória, busco trechos de sermões, então surge a imagem da crucificação: as mãos de Cristo perfuradas e sangrando, seu corpo ferido, seus olhos repletos de dor e amor.

Essa visão me faz sentir o peso do pecado; para ter acontecido tudo isso comigo — ter arrancada de mim cada uma das almas que já amei — devo ter cometido o mais horrível de todos. Ajoelho e descubro que esqueci como rezar: não sei nem falar com Deus. Quando adormeço com o som da árvore arranhando a janela com suas garras, sonho com Catarina de Siena e me vejo de volta à capela de Durham House, onde Jane Dormer me conta a história de como a santa expiou seus pecados permitindo que passasse por seus lábios apenas a hóstia, e com ela a pureza da graça de Deus.

Acordo com a cortina da cama mexendo. A criada deve estar acordada, arrumando-se. Ela olha para mim e finjo estar adormecida. Ouço o tilintar dos pratos — mais comida, suponho — e então as cortinas são puxadas para trás, revelando o rosto severo de tia Mary.

“Você deve estar com fome, Katherine”, diz ela, antes mesmo de me desejar bom-dia. “Tome.” Minha tia coloca uma bandeja sobre a cama — um pouco de pão, queijo e carne. Eu me sinto como aquele santo que foi tentado no deserto. Ela fica sentada na cama durante algum tempo, falando — na verdade gorjeando — para preencher o silêncio. Não presto atenção.

“Coma, querida”, diz tia Mary.

Não digo nada, mas me pego chorando. Ela me oferece seu lenço, pequeno e delicado, que não basta para enxugar o mar de

lágrimas que sinto jorrar. Tenho vontade de inundar o quarto com elas e me afogar. Dizem que é uma maneira tranquila de morrer, mas como podem saber?

Por fim, tia Mary vai embora. Eu me sento à janela e fico olhando para fora, na esperança de entrever meus cães no parque. Duas criadas vêm fazer a cama e me vestir. Sou como uma boneca. Elas tentam não olhar para mim. Foco no prato de comida na cama.

“Hora da igreja”, diz uma delas. Deixo-me conduzir. Tento escutar a palavra de Deus, procurando entender seu sentido, fazendo de conta que Jane a explica para mim, mas meus pecados pesam, dificultando o raciocínio. Empurro o genuflexório para que meus joelhos repousem na pedra dura. Fico pensando em quem está enterrado embaixo de mim. Abro a boca para a hóstia e salivo. Está na minha língua, na minha garganta, dentro de mim, preenchendo-me com a graça de Deus. Peço Seu perdão — e Ele me ouve. Sei disso porque posso senti-Lo em todo o meu corpo, livrando-me do pecado.

Depois da igreja, tio John vigia enquanto escrevo para a rainha. Duas criadas montam guarda à porta. Molho a pena. O cheiro de vinagre da tinta faz meu estômago revirar. Uma gota cai no papel. Tio John faz um muxoxo alto, arrancando a folha, amassando-a e colocando outra diante de mim. Ele dita, eu escrevo. *Não ouse almejar, Graciosíssima Soberana, o perdão por meu conúbio precipitado e desobediente, sem o consentimento de Sua Alteza. Humildemente suplico que volte em minha direção sua natureza misericordiosa. Reconheço a mim mesma como uma criatura indigna...* Então eu paro, largo a pena e fico sentada em silêncio, chorando novamente.

“Você pode terminar amanhã”, diz tio John, e chama uma das

criadas para me levar de volta a meus aposentos, pedindo à outra que busque na cozinha um prato para mim.

Ela o traz, coloca-o na mesa e limpa a garganta. “Seu tio diz que, se a senhora comer, poderá ver o pequeno Lord Thomas. Caso contrário, ele ficará afastado da senhora.”

Penso no meu doce Tom, seu pequeno punho envolvendo meu dedo, seus longos cílios numa curva perfeita contra a pele clara, suas maçãs do rosto. A saudade dói. Pego uma fatia de queijo e a coloco na boca, mastigo, engulo, depois outra, e mais outra, forçada pela criada como um bebê. “Mais três pedaços e Lord Thomas estará com a senhora.” Quanto mais como, mais sinto que cada bocado me enche de pecado. No momento em que meu filho me é trazido, sinto minha alma enegrecida e mal consigo ver sua mãozinha perfeita, a curva de seus cílios ou as maçãs do rosto rosadas, pois minha perversidade me turva.

Quando ele me é tirado uma vez mais, eu me sento contemplando o prato de comida pela metade, os restos de queijo que transpiram gotículas de óleo, os pedaços de presunto com suas tiras de gordura, os pães doces cobertos de gordura. Meu estômago revira. A única coisa que parece intocada é o pão — branco, limpo, seco. Pego um pedacinho dele e o enrolo num lenço de linho, escondendo-o entre meus travesseiros.

Uma das criadas volta com uma caixa de velas, coloca-as nos candeeiros, acende-as e vai embora. Elas chamejam e tremeluzem, soltando um cheiro de carne pingando gordura. Meu tio John me deu velas de sebo, porque não quer gastar boas velas de cera com sua sobrinha desgraçada, acredito. É um cheiro enjoativo, que penetra nos meus poros. Apago-as e deito na cama, vendo a escuridão cair e ouvindo as garras da árvore arranharem a janela. O peso do pecado parece chumbo em meu

estômago.

Acordo ouvindo Jane, que chama meu nome. *Katherine, estou aqui.* Sinto uma mão encostar em mim e depois um brilho, cada vez maior, tão grande que temo ficar cega, em meio à luz uma chaga. Revelando-se em torno dela, vejo um corpo, mãos transpassadas, sangrando, olhos cheios de amor. Beijo aquelas mãos, aquela chaga, pressiono meu rosto contra o corpo e a carne, e ouço uma voz em minha cabeça. *Abençoo teu pão, que é o meu corpo; podeis comer sem pecado, Katherine.* E então tudo desaparece.

“Tenho notícias de Hertford para você”, diz tio John, com a voz comedida. “Ele está em Hanworth, com Beauchamp. Os dois estão bem e lhe enviam isto.” Meu tio mostra um livro, que eu pego. É um volume de poemas que costumávamos ler um para o outro.

“Nenhum bilhete?” Olho para tio John. Mal trocamos uma palavra durante o mês que passei aqui. Não por falta de tentativa dele. Fui eu quem esqueci como conversar.

Tio John não responde, o que me faz pensar que havia uma carta junto. “Eu me preocupo com você”, diz ele. “Não está comendo.”

Mas eu como; como para poder ver meu filho. “Não é verdade”, murmuro, pensando no pedaço de pão que escondi em minha cama — a única coisa que consigo ingerir sem me sentir pecaminosa.

“Você não come o suficiente”, diz ele, agora caminhando de um lado para o outro do quarto. “Só tiro Tom de você para que coma. Não quero que morra de fome.”

Não respondo, mas imagino que seja verdade.

Ficamos sentados em silêncio até que ele diz: “Nenhuma palavra da rainha”.

Meu tio quer dizer que não há perdão. Agora sei que ela nunca me perdoará. Mas ele teme perder seus favores — está escrito em sua testa. Teme que pense que não conseguiu que eu me arrependa. Não admira, quando ele vê em mim o que acontece com aqueles que deixam de merecer a boa vontade da rainha.

“Escreva para Hertford”, diz ele. “Só desta vez. Garantirei que chegue.” Detecto um leve amolecimento em seu tom. Tio John aponta para a mesa junto à janela, onde há papel e tinta. “Vou deixá-la por um momento.”

Olho pela janela os cervos pastando no parque. Ao longe há um lago, liso como uma moeda de prata. Penso em minha irmã e onde estará, e depois em meu marido, na casa da mãe, lembrando como a duquesa me odiava. Tento imaginar meu precioso Beech ali, correndo pelos corredores da Hanworth de meu passado, e com isso me vêm vagas e belas memórias de Juno. Mas não consigo formar a imagem de Beech naquele lugar nem imaginá-lo nos braços firmes da duquesa. Começo a escrever, e as palavras jorram de mim.

Não é pequena a alegria, meu querido lorde, de saber que está em boa saúde. Rogo a Deus que lhe dê forças e estou certo de que Ele dará. Neste período lamentável não há nada que possa nos consolar mais, em nossa deplorável separação, que pedir, ouvir e saber do bem-estar um do outro. Embora recentemente eu não tenha parecido bem, agora estou bem melhor, graças a Deus. Anseio ser feliz com você, e sei que anseia o mesmo comigo, como éramos quando nossos doces menininhos foram tomados na Torre...

Pego meu lenço e enxugo as lágrimas antes que manchem a carta. Não suportaria que ele achasse que estou sofrendo.

Setembro de 1564, Ludgate

Levina

Um ano inteiro se passou e só agora a cidade está começando a se recuperar da peste. Ainda há dúzias de órfãos com o rosto marcado nas ruas. Eles estendem mãos em concha aos passantes, na esperança de que alguém se apiede e lhes atire uma moeda ou um pedaço de pão. Metade dos ourives de Cheapside ainda tem as janelas fechadas por tábuas, e o mesmo ocorre com os mercadores de tecidos e outros comerciantes. O fornecedor de pigmentos morreu, e com ele sua família inteira, assim como o negociante de pergaminhos, cuja esposa está lutando para recuperar o negócio. Mas o mercado de Smithfield voltou a prosperar, ainda que muitos dos rostos antigos tenham partido.

Levina para na banca de peixes, pondo os olhos sobre a esplêndida variedade exibida sobre o cavalete. Pega duas trutas prateadas e uma caixa de moluscos, e pede ao vendedor que jogue alguns punhados de arenques em seu cesto. Ela conta as moedas e entrega-as, dizendo ao vendedor que guarde o troco, então segue para a banca de aves. Normalmente sua criada é quem faz isso, mas Levina vai preparar algo especial, pois George está voltando para casa. Sua primeira carta chegou um mês atrás, implorando perdão. *E quanto a Lotte?*, perguntou ela. *Um equívoco terrível*, foi a expressão que ele usou, *que lamentarei até o final de meus dias*. Levina respondeu: *Venha para casa e nunca mais falaremos disso*. Então acrescentou no post-scriptum: *Todos*

nós cometemos equívocos. Ela teve tempo mais que suficiente para pensar nos últimos três anos. Podia escolher entre passar os dias lamentando a ausência dele ou alegrar-se com sua volta. Escolheu a segunda opção — a vida é muito curta.

Pelos seus cálculos, o barco deve chegar no começo da tarde. Levina corre para casa com a comida, sentindo a empolgação crescer dentro de si. Ellen está à porta da cozinha quando chega.

“Tem alguém aqui.” Ellen aponta na direção da porta do salão. “Do palácio.”

Levina sente uma pontada no coração. Só pode ser má notícia. “Quem?”

“Nunca o vi antes.”

“Perguntou o nome?”

Ellen balbucia um pedido de desculpas. “Eu estava ocupada com o rapaz. Ele veio aqui, o pintor.” Ela toma os cestos de compras dos braços de Levina.

“Hilliard? O que *ele* queria?”

“Disse que estava partindo para a França e queria se despedir.”

“Despedir?” Hilliard não falava com Levina desde que ela o interpelara a respeito da iluminura copiada, mais de dois anos atrás.

“Ele mandou dizer que lamenta e que a senhora tinha razão. Pareceu achar que a senhora saberia do que se trata.”

Levina sente muito que não estivesse lá para fazer as pazes. Ela gostaria de lhe pedir desculpas também. Seu ataque de ira não era apenas por causa de Katherine; por trás, havia inveja. Ela sempre soube que Hilliard era um pintor melhor. Supõe que vai para a França estudar com François Clouet. É o que ele sempre quis. Admirava o trabalho de Clouet muito mais que o dela. Sob sua orientação, o rapaz vai evoluir.

“Acho que devo...” Ela respira fundo e abre a porta do salão, onde encontra Keyes à espera.

“Sra. Teerlinc.”

“Sr. Keyes! O que o traz aqui?” Levina fica nervosa, temendo o pior. “Lady Mary está doente?”

“Não é Lady Mary”, diz ele, mostrando uma pilha de papéis grosseiramente atados com barbante, sem chegar a formar um livro, mas tampouco um simples panfleto. “Deparei com isto.”

“O que é?”, pergunta Levina.

“Um panfleto de Hale Pé-Torto.” Seu rosto é a imagem da preocupação.

“Nunca ouvi falar dele.”

“É quem investigou a legitimidade da pretensão de Lady Katherine. Está tudo aqui. Ele faz um bom arrazoado.”

“Isso foi publicado?”, pergunta ela.

Keyes confirma, com ar sombrio.

“E a rainha?”

“Ela sabe. Acha que John Grey está envolvido, e Lady Katherine vai ser retirada dos cuidados dele. Vai ser vigiada mais de perto em algum outro lugar. Hale e Grey vão ser enviados para a Torre.”

Levina se joga numa cadeira, desesperançada diante da própria impotência. Voltando no tempo, percebe que houve uma época, no reinado da antiga rainha, em que achava que seus atos poderiam fazer diferença. Mas agora vê que nem mesmo o livro de Foxe mudou coisa alguma; foi a morte de Mary Tudor que alterou o destino de todos. Nada que possa dizer ou fazer mudará as coisas para Katherine agora. Ela se pergunta em que momento perdeu a esperança.

“Não há nada que possa ser feito?” Levina sabe que é uma

pergunta tola. Keyes sacode a cabeça. “Eu poderia pelo menos apelar para que Lady Mary venha residir comigo aqui?”

“Não creio que isso seja possível. A rainha se afeiçoou a ela nos últimos tempos.” A expressão de Keyes e seu olhar distante revelam algo de que Levina suspeitava há muito tempo. Ela já notara a maneira como ele olhava para ela, prestava atenção em suas palavras, fazia de tudo para tornar um pouco menos difícil e triste sua vida. Keyes estava apaixonado.

“Por que o senhor não se casa com ela?”, pergunta Levina, surpreendendo-se com a própria franqueza.

“Não faça troça de mim”, responde ele, virando o rosto como se tivesse levado um tapa.

“Estou falando sério.” Levina se dá conta de que há uma maneira de provocar uma mudança na situação, pelo menos para Mary.

“Ela tem sangue azul; eu não sou ninguém.”

“Exatamente”, diz Levina. “O senhor sabia que a mãe de Mary casou com o cavaleiro em parte para se livrar da corte? Se ela fosse simplesmente a sra. Keyes, nunca poderia ser considerada uma ameaça a ninguém.”

“A rainha não permitiria; além disso, o que haveria num imenso imbecil como eu para atrair alguém tão... perfeita?”, ele completa, depois de vacilar um pouco.

Levina fica profundamente tocada ao ouvir algo assim dito a respeito de Mary; é tão raro alguém enxergar além de sua aparência. “O senhor pode se surpreender”, diz ela, sorrindo.

“Preciso voltar.” Keyes recoloca a touca, ajustando-a cuidadosamente, como se quisesse evitar que as emoções represadas transbordassem, e sai pela porta.

Levina sabe que ele não vai pedir a mão de Mary, mas a ideia

a agrada.

Dando-se conta da hora, sobe correndo as escadas para trocar o vestido comum, calculando o tempo que vai levar para chegar ao cais, de novo empolgada com a volta de George. Procurando em meio às roupas, ela cantarola uma música que ouviu no mercado, uma balada de amor, então ri de si mesma, uma mulher de quarenta e quatro anos se comportando como uma moça apaixonada por causa da volta do marido que a tinha abandonado. Levina troca a touca de linho comum por uma bordada e depois para uma de seda amarela. Então tira o vestido escarlata que acabou de vestir, trocando-o por um adamascado; ela se recorda, com uma pontada de tristeza, de Katherine, que sempre trocava várias vezes de roupa até escolher uma.

Levina está metade dentro do vestido metade fora quando a porta range e se abre ligeiramente. Ela para de cantarolar. “Ellen?”, pergunta ela. “Por que está aí fora? Entre, você pode me ajudar com os laços.”

Lentamente, a porta se abre e George aparece diante dela, com um pouco mais de rugas em torno dos olhos e de cinza na barba, mas mesmo assim ele.

“V-V-Vina”, é tudo o que consegue dizer.

Eles ficam olhando um para o outro, cada qual de um lado do quarto. Levina segura o vestido ainda desatado, sentindo o coração bater forte no peito. Ele se tornou ao mesmo tempo um conhecido e um estranho para ela, que não sabe o que dizer.

“Eu estava indo encontrar você”, diz Levina, ao recuperar a voz.

“Chegamos cedo.”

Ela caminha em sua direção, com a mão aberta, e pega seus dedos.

“Eu-eu-eu-eu.” Levina espera que as palavras dele tomem forma. “Eu estou perdoado?”

“Inteira­mente”, sussurra ela, agora bem de perto.

George leva sua mão aos lábios, beijando um dedo de cada vez. “Você está cheirando a tinta.”

“Sempre”, diz ela, rindo.

“É um cheiro maravilhoso”, diz George.

O vestido de Levina caiu. Ela se sente pouco à vontade, com medo de que a flacidez de suas coxas não o agrade, então tenta puxá-lo para cima.

“Deixe”, diz George.

Mais tarde, eles se sentam à mesa para comer, e Levina o ouve contar como o pai morreu. “Um homem pode perder um pouco a cabeça quando isso acontece.”

“Eu sei”, responde ela.

“Conte-me, então, as notícias da corte.” George parece estar querendo mudar de assunto, como se pretendesse fechar a tampa do frasco que é seu período em Bruges. Levina busca sinais de ressentimento ou sarcasmo nele, sem encontrar nem um nem outro, tampouco quando lhe conta do pedido de Katherine Grey. Ele pega a mão dela e dá um apertão, dizendo: “Sinto tanto, Vina. Sei o quanto aquelas moças são importantes para você”.

“E suponho que tenha ouvido falar que Dudley foi feito conde de Leicester”, diz ela.

“Então finalmente aconteceu.”

“Sim, e ela está tentando negociar o casamento dele com a rainha dos escoceses.”

“Parece que a corte está de cabeça para baixo, como sempre.

Por que a rainha ofereceria o homem que ama à própria prima?”

“É a política, George”, diz Levina. “Elizabeth sempre deixa a emoção em segundo plano, mas nos espantamos cada vez que faz isso. Ela quer a Escócia no bolso, e que maneira melhor de fazer isso que casando sua rainha com seu fiel favorito?”

“E o que a escocesa acha?”

“Dizem que está considerando, mas apenas sob a condição de ser nomeada herdeira de Elizabeth.”

“No estrangeiro todos ainda dizem que a rainha vai desposar o arquiduque Charles.”

“*Eu* acho que ela não vai se casar com ninguém. Elizabeth *diz* que vai, mas nunca chegará às vias de fato. Mary Grey sempre disse isso.”

Eles ficam sentados em silêncio por algum tempo. Ocorre a Levina que ela mesma só compreendeu que para Elizabeth a política vem antes de tudo depois de dizê-lo. É assim que deve ser para a rainha reinante: as paixões precisam ser trancadas numa caixa enterrada bem fundo. Isso faz Levina pensar na antecessora de Elizabeth, Mary Tudor, que tinha tanta dificuldade em entender essa ideia, e ela se surpreende sentindo uma pitada de simpatia por essas mulheres, obrigadas a inventar uma face fria e inflexível para apresentar ao mundo.

“Meu pai me deixou mais do que eu esperava”, diz George depois de algum tempo.

“Então não preciso mais pintar por dinheiro?”

“Nunca lhe pedirei para parar de pintar, Vina. É parte de você, tanto quanto...” Ele não termina a frase.

Julho de 1565, castelo de Windsor

Mary

“A mais velha é Penelope.” Lettice nos fala das filhas enquanto preparamos docinhos para animar a rainha, que acaba de perder sua companheira mais próxima subitamente. Kat Astley era boa como uma mãe para Elizabeth. Um cheiro de caramelo queimado enche a cozinha. “Ela dá um trabalhão à pobre ama”, prossegue Lettice.

“Ela é difícil?”, pergunta uma das mulheres.

“Um pouco teimosa.”

“Você faria bem em cortar isso”, acrescenta alguém.

“Sinto falta das minhas queridas”, diz Lettice. “Acho que vou retornar a Chartley. Elas crescem tão depressa.”

Frances Meautas pigarreia ostensivamente. Todas nós sabemos que Lettice não tem o poder de decidir retornar a Chartley: foi a rainha quem a banuiu de lá. Por “saracotear” com Dudley, usando o termo de Frances. Não procurei saber mais; não é assunto meu o que Lettice faz ou deixa de fazer. Mas fiquei surpresa, porque dizem que está com barriga, embora não dê para notar. Lettice lembra um pouco Katherine, sempre lembrou. Ela é daquele tipo que mantém em torno de si um ar de escândalo. Já faz quatro anos que não vejo minha irmã, e um ano que perdi as esperanças. Depois que o livro de Hale foi publicado e Katherine foi transferida para Pyrgo, eu sabia que nunca mais nos encontraríamos.

“As duas têm olhos escuros e cabelos dourados”, prossegue Lettice.

Não consigo deixar de pensar em meus sobrinhos, que nunca conheci. Um ano atrás, chegaram uma ou duas cartas de Katherine, antes de sua transferência. Rigorosamente falando, ela não tinha permissão para escrever. Tio John tinha amolecido,

ficado “mais compadecido”, escrevera ela. Em minha lembrança, ele sempre foi severo, e se ficou compadecido suspeito que não tenha sido pelo bem de Katherine, mas em nome de seu sangue Tudor, tentando ajudar a si mesmo. Mantive-me cética, mas isso não deveria ser motivo de surpresa. As cartas dela seriam tristes o bastante para partir meu coração, se ele já não estivesse partido — circunlóquios confusos, referências a Jane, ao Espírito Santo e ao corpo de Cristo. Apenas em alguns trechos Katherine se parecia com ela mesma. Temo que tenha perdido completamente a razão. Agora tio John faleceu e minha irmã continua trancafiada, sendo vigiada de perto em outra casa. Não haverá mais cartas.

Tento imaginar meus sobrinhos de rosto redondo, ou então comprido e magro; talvez eles tenham mãos gordinhas, talvez não. Na minha imaginação, Beech é a cara da mãe — ideia que vem da iluminura que ainda levo escondida comigo, em que estão tão parecidos. Quanto ao irmão dele, decidi imaginar que puxou a Jane, com cabelos e olhos castanho-escuros, com base no que Katherine escreveu uma vez. Anseio o tempo todo pela reunião dos fragmentos espalhados da minha família. Em breve Beech terá quatro anos e o irmão, três — o tempo que escoou desde que fui arrastada de castelo em castelo, tratando bem minha impetuosa prima —, tique-taque, tique-taque: esse é o ruído da minha vida. Não fui feita para isso, para o ir e vir constante, para os altos e baixos. Tudo o que peço é licença para viver em paz em algum lugar, mas as garras de Elizabeth estão sobre mim, e o máximo que posso esperar é envelhecer aqui, entre esses cortesões venenosos.

Quando meu desespero fica mais profundo, ainda pergunto a mim mesma o que Jane faria. Ela teria enfrentado o destino com

firmeza. Por isso, é o que faço: junto meus cacos, aperto com força meus ricos vestidos, ignoro a dor profunda em minha coluna torta e faço o que esperam de mim. Mas, embora fosse isso que Jane faria, ela teria visto tudo como desígnio de Deus. Eu não, pois minha fé não é tão profunda. Aprendi há muito tempo que, para aceitar Seus desígnios, tenho de reconhecer que, apesar da nova fé e da nova teologia, ainda sou vista como obra do Demônio.

“Mary, você está sonhando acordada”, diz Peggy à porta. Ela me pegou olhando para o vazio, com a colher parada no ar e o açúcar queimando no fogo. “Estava a milhas daqui.”

Frances Meautas ri em silêncio. Em breve ela irá embora da corte para se casar, e ficarei feliz de vê-la pelas costas. Tiro a panela do fogo, segurando-a com minhas mangas para proteger as mãos.

“Você estragou tudo”, diz Frances. “Não consegue fazer *nada* direito?”

Encarando-a, pego um jarro d’água e, bem devagar derramo um pouco em sua panela. A água ferve, lançando gotas de açúcar quente sobre a mesa. “Oh, querida, parece que o seu estragou também.”

Frances engasga, indignada. Lettice ri. Fico pensando como descí a esse nível de baixaria rancorosa. Gostaria de conseguir ficar acima disso, mas um demônio vingativo ainda fervilha dentro de mim. Sim, é bom que Frances se case, mas sempre haverá outra mulher para substituí-la, que olhará para mim e verá algo inferior ao humano. Peggy faz um sinal e, quando chego perto o bastante para escutar, ela sussurra: “Keyes quer encontrá-la no herbário”.

“Keyes?”, pergunto. “O que ele está fazendo aqui em

Windsor?”

“Ele não disse, mas está lá à sua espera.”

“Seriam notícias de Katherine?”

Peggy dá de ombros. “Você vai ter de descobrir isso sozinha... Eu penso em alguma desculpa aqui. Vá. Ande logo.”

Enquanto caminho em direção ao jardim, minha mente rodopia pensando no que poderia ter feito Keyes vir de um lugar tão distante quanto Westminster. Pode ser algo bom, mas é mais provável que seja ruim — não consigo me lembrar da última vez que me deram uma boa notícia. Penso em todos os infortúnios que podem ter se abatido sobre minha irmã ou seus filhos, e meu corpo vai ficando cada vez mais pesado. Ao chegar aos jardins sinto-me como um peso morto, e o esforço de colocar um pé diante do outro parece impossível.

Não há ninguém por perto, apenas um ou dois jardineiros agachados sobre os canteiros no jardim inglês, que eu atravesso, passando sob o perfumado arco de jasmims que conduz ao herbário. Keyes está esperando num banco de pedra, à sombra de uma cerca viva de teixo. Ele não me vê, então fico parada por um momento, aterrorizada por aquilo que virei a ouvir. Keyes brinca com uma lavanda, arrancando as pontas azuis, rolando-as na palma das mãos e depois levando-as ao rosto nas mãos em concha para cheirar com os olhos fechados. Um grupo de tentilhões gorjeia e esvoaça em torno da cerca, e fico maravilhada com a cena diante dos meus olhos, o que diminui um pouco meu receio — certamente este não é o cenário para uma má notícia.

Dou uma leve pigarreada e Keyes olha em minha direção. Seu rosto se ilumina, e ele então se levanta, abrindo os braços. “Lady Mary”, diz. “Obrigado por ter vindo até aqui.”

Enquanto avanço na sua direção, examino-o em busca de pistas daquilo que vai me dizer, mas ele está inescrutável. “O senhor tem notícias?”

“Não, não é isso”, diz ele, o que me deixa confusa. “A senhora quer se sentar?”

Keyes me oferece a mão para me ajudar antes de sentar ele próprio. Ficamos ali em silêncio por algum tempo. Olho para a dobra dos joelhos dele, parecendo indicar que o banco é pequeno demais para ele. Enquanto seus pés estão firmemente plantados no solo, os meus balançam como os de uma criança. “Então?”, digo.

“Milady”, começa Keyes.

“Mary”, corrijo, reiterando o que sempre digo: que pode me chamar pelo nome, o que ele nunca faz antes de pedir permissão.

“Mary.”

“Sim?” Percebo que contorce as mãos, aparentemente nervoso. Mas Keyes não é do tipo nervoso, e isso me deixa novamente preocupada.

“Você gostaria de ir embora da corte?”

“Adoraria.” Meu interesse é despertado. “E tem ciência disso, sr. Keyes.”

“Thomas”, diz ele.

“Thomas”, repito, já sorrindo.

“Acho que há um jeito.”

“Qual?”

“Sua...” Ele hesita, dando a impressão de estar tentando concatenar as ideias. “Sua mãe casou com alguém de nível inferior, e foi assim que ela deu um jeito de se livrar da vida na corte, não foi?”

“Sim...”, começo a dizer. “Mas Stokes era apaixonado por *maman*, e ela por ele.”

“E se alguém a amasse?”

“O que está querendo dizer, Thomas? Seja direto.” Observo um esquilinho que corre pelo caminho e trepa numa árvore próxima.

“Não sou ninguém”, diz ele. “E acho que... que... Mary, você entrou no meu coração e não consigo pensar em mais ninguém.”

“Está sugerindo que eu me case com *você*?”

Keyes balança a cabeça, ruborizado, com uma expressão de desânimo.

“Sinto muitíssimo. Fui longe demais...”

“Não!”, digo, pousando minha mão sobre a dele. Keys se curva, como um boneco sem enchimento. “Não foi. Mas por que se casaria *comigo*? Não posso lhe dar uma criança.”

“Tenho filhos crescidos. É *você* que eu quero.” Ele faz outra pausa, olhando para mim, e eu passo minha mão por baixo da dele, deixando-o segurá-la. Algo desperta em mim, um sentimento que não sei reconhecer. “Acha que poderia vir a amar um simplório como eu, mesmo que só um pouco?”

Surpreendo-me olhando para ele de outro jeito, percebendo pela primeira vez a maneira como os fios de sua barba formam pequenas espirais, como o lábio superior adquire uma forma de coração, e seu jeito de olhar, que não consigo descrever, um misto de honestidade e compaixão. Eu me pego pensando não naquilo que Jane, mas Katherine faria — afinal de contas, ela é a especialista nas coisas do amor. Vejo-me inundada por essa nova emoção, tonta por causa dela, e começo a entender as motivações de Katherine durante todos esses anos.

“Acho que sim”, digo. Então, de repente, eu nos enxergo como um estranho enxergaria — ele, um homem gigante; eu, pequena como um passarinho ao seu lado; somos um tanto ridículos, um casal incongruente de um baile de máscaras. Mas minha mente se recorda de Heráclito, que me lembro de ter traduzido do grego em aula: *Do conflito entre os contrários é que nasce a mais bela harmonia*. E me pergunto se Keyes não seria a outra metade do meu círculo, e se seu tamanho compensa minha pequenez, de modo que juntos formamos uma unidade perfeita. “Está pedindo minha mão, Thomas?” Fico surpresa com minha própria ousadia.

“Estou, minha... minha Mary.” Ele parece anormalmente tímido, e me dou conta de quanta coragem fazer-me esse pedido exigiu.

“Então minha resposta é sim.”

Thomas emite um ruído, não uma palavra, mas uma espécie de “ahhh” que deve ser o som da felicidade em estado puro.

“E quanto à rainha?” Não quero estragar sua alegria, mas é preciso que isso seja dito.

“Ela nunca dará permissão. Vai me enxotar da corte às risadas”, diz ele, com um suspiro abatido, como se isso não lhe tivesse ocorrido antes.

“Então nos casaremos *sem* a permissão dela.” Em minha mente, forma-se uma imagem de Katherine sorrindo e aprovando. “E eu serei a sra. Ninguém.” Parece o plano perfeito. “A rainha dificilmente poderá se opor. Não há nenhuma ameaça ao trono nisso. Talvez seja até o contrário.”

Mas então vem o choque de realidade, ao pensar em meu corpo grotesco, que momentaneamente esqueci, e a sensação de felicidade desaparece com uma rapidez brutal. “Mas...”, digo.

“Mas?” Vejo que a alegria começa a se esvaír dele, como se aquilo o tivesse furado e Thomas desinflasse como um balão.

“Minha forma”, digo. “Ela não é feita para...” Ele me interrompe, passando a mão pela minha coluna. Tudo o que eu sempre senti foram mãos práticas de mulheres forçando meu corpo desobediente dentro de roupas cujo formato não me convinha. Raramente pude suportar o mais leve toque.

“Mary, a meus olhos você é perfeita por dentro e por fora.” Dizendo isso, ele pega um anel do dedo mínimo e o coloca na palma da minha mão. “Agora estou prometido a você. Esta é a prova.”

Pego o anel, levando-o aos lábios e beijando a pedra rosada. Então, sentindo o impulso de uma força lasciva, desato o vestido, deixando-o cair dos meus ombros, e desfazo o rufo alto do meu colarinho. “Toque-me”, sussurro, olhando-o nos olhos, mal acreditando que sou eu quem está dizendo tal coisa.

Seus dedos se insinuam por trás do meu pescoço, descendo até a parte de mim que é corcovada, formando uma espécie de nó apertado na nuca; eles descem então por baixo de minha camisola, até a parte mais disforme do meu corpo. Suas mãos me libertam milagrosamente de meu corpo deformado; sou uma ostra que se libertou da concha. Não sou mais a corcunda Mary Grey, e logo serei a sra. Ninguém.

A rainha sai precipitadamente da sala do conselho, cercada por um grupo de conselheiros bajuladores, todos pisando em ovos. “Darnley? Darnley?”, diz ela, quase gritando. “Aquela mulher vai acabar comigo!”

Eu estava me preparando para tocar no assunto do casamento, mas parece que não é o momento.

“Não quero mais saber disso. Vamos ouvir um pouco de música.” Assisto à maneira como os homens se espalham pelos cantos do salão, enquanto a rainha se acomoda em uma cadeira ao centro. Cecil fica à espreita, um pouco afastado dos demais. Um alaudista começa a dedilhar uma melodia antiga e conhecida, que lembro ter ouvido *maman* cantarolar quando eu era criança. O passado ressurge.

“Darnley casou com a rainha da Escócia”, sussurra Peggy. Então é disso que se trata. A escocesa conseguiu levar a melhor. Os planos de Elizabeth de uni-la com Dudley malograram, e a união com o católico Darnley pode muito bem representar graves incômodos para a Inglaterra. Não admira que a rainha esteja de tão mau humor. Lembro-me da noite em que me contou do plano para casar Dudley. Na época não acreditei que faria isso.

“Mary Grey, vamos vê-la tocando virginais. Gosto do seu estilo mais do que desse dedilhar sem graça. Algo mais animador.”

Subo no banquinho e começo a tocar uma melodia frívola.

“Assim está melhor”, diz a rainha, que começa a bater o pé e cantarolar. A tensão começa a sumir da sala. Fico observando Frances Meautas, que está num canto, conversando com Cecil, e percebo a forma como vez por outra desvia os olhos em minha direção. Está falando de mim. Era só uma questão de tempo para que descobrissem, e Frances é sempre a primeira a saber. Os pelos na minha nuca se eriçam. Não consigo adivinhar nada pela reação de Cecil. Erro uma nota, depois outra. Ele se aproxima da rainha, que o enxota com um movimento da cabeça, mas Cecil persiste. Tento me concentrar ao máximo na melodia que estou tocando, tão inapropriadamente alegre,

considerando o que parece estar acontecendo. Cecil insiste tanto que a rainha acaba cedendo e escuta o que ele sussurra em seu ouvido. Posso imaginar o conteúdo. Continuo tocando, nem sei como; quando a melodia chega ao fim, recomeço. Alguns batem palmas junto com a música. Fico observando, à espera.

A rainha pede que Frances se aproxime e lhe pergunta alguma coisa. Ela balança a cabeça como uma boneca de pano. Minha respiração fica ofegante. Tento não pensar no que está para acontecer. Penso, em vez disso, no dia do meu casamento, na noite de núpcias, em deitar-me nos braços de meu querido marido. Enquanto meus dedos continuam a tocar, penso em cada um dos catorze dias e noites em que fui esposa de Keyes, em cada pequena gentileza dispensada, em cada momento de enlevo. Temo que meu momento ao sol tenha terminado.

Frances se aproxima de mim. “Sua Majestade gostaria de lhe falar.” Em outras circunstâncias, eu arrancaria a expressão de ironia da cara dela.

O salão fica em silêncio e todos começam a se perguntar o que está acontecendo, lançando olhares inquisitivos. Ajoelho diante da rainha, com a cabeça baixa e o olhar no chão.

“Olhe para mim, Mary”, diz ela.

Levanto a cabeça. O semblante dela é inescrutável.

“A senhorita casou-se?”

Confirmo.

“Com o sargento-porteiro.” Não sei se seu olhar de desgosto é mais pelo fato de eu ter me casado sem seu consentimento ou pelo fato de Keyes estar tão abaixo de mim — talvez as duas coisas.

Posso sentir o peso da atenção toda do salão voltada para mim.

“Teria eu uma única prima que não me tenha traído?”

É como se o salão estivesse em suspenso, à espera de uma explosão. Consigo ouvir as batidas de um pica-pau pela janela aberta. É verão lá fora. Quando a rainha volta a falar, está bastante calma, o que é ainda pior, porque eu não esperava isso.

“A senhorita me desafiou. O que acha que devo fazer, Mary?”

É nessa hora que decido que não vou cair com o rabo entre as pernas, como uma boa menina — Mary Grey, a boazinha, a que vale ouro. Não vou renunciar à minha liberdade sem lutar.

“Vossa Majestade”, digo, tentando manter a calma na voz, “não sou uma ameaça. Não posso parir um filho que pretenda vosso trono. Mal chego a ser uma mulher.” Abro os braços como quem diz: *olhe para mim, olhe para este meu corpo inútil*.

Vejo que Elizabeth passa a mão pela testa e aperta os lábios. Acredito ver uma gota de compaixão nela.

“Com este casamento, eu me transformei em ninguém”, prossigo. “Gostaria de ter uma chance de ser feliz. Eu não faria mal algum.”

Ela fecha os olhos e reabre-os lentamente. Chego a imaginar que a tranquilizei.

“Eu imploro, não me faça sofrer pelos pecadilhos da minha irmã.”

Elizabeth respira fundo e fala em voz muito baixa. “Se ao menos fosse possível, Mary.” Em seguida, mais alto, de modo a que todos os presentes possam ouvir, ela diz: “Se eu permitir isto, então o mundo achará que pode me desafiar e ser perdoado”.

“Mas Vossa Majestade também cometeu pecadilhos na juventude...” Isso sai inesperadamente da minha boca. Sinto o medo, como um nó, dentro de mim. A rainha não vai apreciar ser lembrada das próprias fraquezas — disso eu sei melhor que

ninguém.

“Levem-na embora!”, ela ordena, sem me olhar.

Um guarda se apodera de meu braço e me arrasta câmara afora. Virando a cabeça para trás, eu grito: “Espero que apodreça em sua real consciência a infelicidade que lançou sobre nós, os Grey!”.

Janeiro de 1568, Cockfield Hall

Katherine

O médico perfura a pele fina da dobra do meu cotovelo. Penso na chaga de Cristo, uma flor vermelha abrindo-se em seu lado branco, e pétalas caindo. Vejo a cor do rubi preenchendo lentamente a tigela — todo o amaldiçoado sangue Tudor esvaindo-se de mim. Fecho os olhos e tento me agarrar à imagem que vi ontem da janela, de Tom nos jardins, em disparada, rindo, montado numa vassoura transformada em cavalo de brinquedo, com os cães correndo atrás dele como se fossem uma matilha caçando um veado.

Em minha cabeça, é verão, mas pelos desenhos que o gelo forma nos cantos das janelas sei que é o auge do inverno, o que me faz pensar em quando foi mesmo que vi Tom nos jardins. Constato que não consigo guardar as coisas na cabeça, e às vezes acordo pensando que estou de volta a Pyrgo ou à Torre, com meu Hertford a apenas algumas jardas de distância. Vem, então, o susto de lembrar que ele não está aqui, e a surpresa de me encontrar em um lugar desconhecido. Preciso perguntar a uma das criadas onde estou. A imagem se esvanece e o som da risada gostosa de Tom fica tão distante que mal consigo ouvi-lo.

“Shhh”, digo à criada, que faz barulho carregando a bacia.

“Não consigo ouvir meu menino.”

“Lord Thomas está dormindo, milady”, diz ela.

“Não está nos jardins?”, pergunto, tentando desembaralhar meus pensamentos, lembrando agora que é inverno e que eu só o estava vendo na imaginação. Percebo que o médico foi embora e que meu braço está enfaixado. “Oh, Deus, estou confusa de novo. Diga-me, Lucy, onde estamos?”

“Eu não sou Lucy, milady. Sou Maud. Estamos em Suffolk, em Cockfield Hall, sob os cuidados de Sir Owen Hopton.”

“Maud”, digo. Lembro-me de que gosto dela, mas fora isso não consigo atinar para todo o resto. “Achei que estivéssemos em Ingatestone.”

“Não, milady, fomos transferidas de lá para Gosfield Hall faz algum tempo, e depois para cá.”

“Sou a mãe do rei.”

“Não existe rei, milady.” Ela fala com uma voz suave. “Quem está no trono é a rainha Elizabeth, já faz quase dez anos.”

“Ela é minha prima.”

“Acredito que sim, milady.”

“E Tom, onde está?” Sinto o pânico aumentar.

Maud senta a meu lado e pega minha mão. “Não se inquiete por Lord Thomas. Ele está dormindo profundamente no quarto ao lado.”

Subitamente sinto medo de que o tempo esteja pregando alguma peça em mim. “Quantos anos já passaram, Maud?”, perguntando, tentando me lembrar dos lugares de que ela fala, tentando lembrar quantos anos tem Tom. “Qual é a idade do meu menino?”

“Ele tem cinco anos, milady. E que menino bonito e robusto é!”

“Cinco? Quem roubou os anos?”

Ela pega uma xícara. Vejo o vapor saindo dela. “A senhora aceita um pouco de caldo?”

Agora sinto o cheiro — um odor de bicho, que revira meu estômago e parece me encher de pecado. Sacudo a cabeça lentamente.

“Só um gole. A senhora vai se sentir melhor.”

“Maud”, digo, agarrando seu braço. “Prometa que vai tomar conta dele...”

Posso sentir, pelo olhar compadecido em seu rosto, que ela sabe, tanto quanto eu, que não vou durar muito neste lugar.

“Prometo”, ela diz.

Sou tomada por um terror repentino. Preciso encarar minha própria destruição. Jane sussurra para mim: *Há de ensiná-la a morrer... há de ensiná-la a morrer... há de ensiná-la a morrer...* Penso em Cristo — Sua pele branca como pérola, luminosa, as pétalas vermelhas caindo eternamente ao Seu lado. Ele sorri para mim.

“Ajude-me a chegar ao genuflexório, Maud.” Ao dizer isso, pergunto-me onde encontrarei forças para arrastar minha carcaça da cama até lá. Sinto seus braços fortes em torno da minha cintura enquanto cambaleio por algumas jardas, caindo de joelhos no apoio. Balbuciando uma oração, pego o naco de pão que escondi dentro do vestido e, com os olhos bem fechados, mantendo a imagem do Cristo firme em minha mente, coloco-o na língua. O pão incha com a saliva, até ficar maior que um punho; maior que um melão; maior que minha barriga enorme de grávida; grande como a própria Terra. Engulo e me sinto preenchida. “Ouve, Senhor, a minha oração, dá ouvidos à minha súplica; responde-me por Tua fidelidade e por Tua justiça...”

“Vou pedir ao capelão que venha orar com a senhora, milady”, sussurra Maud.

No quarto, há pessoas rondando como sombras. Jane está entre elas, ao pé da minha cama, esperando por mim, com a mão estendida para pegar a minha. Alguém se aproxima. É Sir Owen. Sinto as palavras se acumulando dentro de mim, coisas que preciso dizer.

“Como a senhora está?”, ele pergunta.

“A caminho de Deus.” As palavras fluem para fora de mim como um rio. “Eu lhe suplico que me prometa uma coisa: que o senhor, de sua própria boca, faça o seguinte pleito perante Sua Majestade a rainha, vindo de uma mulher morta: que ela olvide seu descontentamento junto a mim, que seja boa para meus filhos e não lhes impute qualquer falta, e para meu marido, pois sei que a notícia de minha morte vai lhe causar grande pesar...” *Ela vai libertá-lo agora*, penso, pois depois que eu me for não haverá razão para mantê-lo trancafiado. “Maud”, digo, “passe-me a caixa onde está guardada minha aliança.”

A caixa é pesada como um caixão. Exige toda a minha energia levantar a tampa. Tateio à procura do diamante pontudo. Entrego-o a Sir Owen, dizendo: “Entregue a meu marido. É o anel que ele me deu quando me prometi a ele”.

“Sua aliança de casamento?”, ele pergunta.

“Não.” Tiro o outro anel e entrego-o também. “Esta é minha aliança.”

Owen o examina minuciosamente, lendo a inscrição. ““A força secreta de um nó””, murmura. “Então é verdade. Por que a senhora não o mostrou à comissão eclesiástica?”

“Eu mostrei.”

Sinto que Sir Owen solta um grande suspiro. Não quero ter de me lembrar de tudo isso, de como eles decidiram não acreditar em mim, antes mesmo de pôr os pés no palácio arquidiocesano. Tiro outro anel da caixa, aproximando-o bem dos olhos para conseguir enxergá-lo. É o anel com a face da morte, que usei por causa de Juno; seus olhos ocos me encaram. “Entregue todos a Hertford. E isto...” Tiro de debaixo do travesseiro o Novo Testamento em grego de Jane. “Isto é para minha irmã Mary.”

Fecho os olhos, totalmente desgastada, sentindo esvaírem-se de mim os últimos vestígios de vida. Consigo ouvir bem claramente Lady Hopton sussurrando a alguém que, se eu apenas comesse alguma coisa, minha vida seria poupada. Mas não consigo deixar Jane esperando. Deus a enviou para me buscar.

As imagens percorrem minha mente, e vejo-me de volta aos jardins de Nonsuch, com a música infiltrando-se, vinda do salão de banquete, eu montada em Hertford, meu rosto enfiado em seu pescoço, sentindo seu cheiro; estou na Torre, e lá está ele, no parapeito, esperando por mim como se fosse um dia comum; estou deitada na cama ao lado de Mary, sua mãozinha encostada na minha barriga, esperando que o bebê dê um chute; estou me deleitando com o sorriso de covinhas do meu querido Beech; nino o pequeno Tom, com sua boca grudada em mim; estou nos braços de *maman*, eu mesma um bebê; estou de pé na beira do rio em Nonsuch, Juno me olhando enquanto me jogo no ar como se tivesse asas. Olho para Jane; ela não está sozinha: Juno e *maman* flutuam, cada uma de um lado, acenando para mim.

Uma silhueta vem em minha direção. É meu Tom. Toco seu rosto delicado. Está molhado — como um pêssego encharcado pela chuva.

“Não chore, meu tesouro. Vou para a casa do Senhor. Ele está à minha espera.” Tom ergue os ombrinhos para dar um beijo doce e molhado na minha face, e sinto se enfraquecerem os laços que unem meu coração ao seu — um empurrão a mais e eles vão se partir.

Setembro de 1571, Bishopsgate
Mary

Um melro canta do lado de fora da janela e uma brisa levanta as bordas das minhas folhas de papel. Estou escrevendo para meu marido. Penso nele no castelo de Sandgate, do qual agora é guardião, conforme atribuição da rainha. Fecho os olhos e por um instante imagino que estou lá, à beira-mar, com ele — o sopro do ar salgado solta os laços do meu cabelo, as gaivotas voam em círculos, gritando umas com as outras, a força do vaivém das marés lança conchas na praia, como se fossem pedras preciosas; caminhando de mãos dadas com meu marido na areia molhada, descalça.

Tenho uma pilha de cartas dele, atadas com uma fita que antes prendia o cabelo de minha irmã Katherine. É uma das duas coisas que guardo dela. A outra é o Novo Testamento de Jane. Foi-me entregue com a notícia de sua morte, três anos atrás. *Então, eu sou a última*, lembro-me de ter pensado. Mas não sou, pois restam seus filhos, meus queridos sobrinhos, que nunca vi. Talvez chegue o dia em que... Tenho pensado muito nos últimos tempos.

Um par de chapins bica as migalhas que espalhei no parapeito, esvoaçando num staccato encantador. As cartas de Keyes relatam seus dias na prisão de Fleet. Tinha uma cela tão

pequena que não conseguia ficar de pé. Ele conta como pensando em mim evitou desistir da vida. Também relata sua soltura e a alegria de reencontrar os filhos. *É só você, queridíssima esposa, que falta em minha vida. E muito em breve, estou certo disso, estaremos juntos de novo. Veja como recebi o favor deste posto. Não é um sinal, meu amor?* Não preciso ler suas palavras, pois as sei de cor. Mas não estou tão esperançosa. As palavras que vomitei para a rainha ao ser levada embora, ainda me assombram. *Ela* não terá esquecido isso, mesmo seis anos depois. Elizabeth não esquece uma ofensa.

O que não pode ser tirado de mim, porém, são as duas semanas maravilhosas que passei com meu marido. Recapitulo-as em minha mente, lembrando seu toque, em como me transformei sob o domínio de seus dedos. Volto para minha carta, molhando a pena, desfrutando do som agradável que produz em contato com o papel. *É extremamente fácil enganar a si mesmo, pois o homem geralmente acredita no que deseja*, escrevo, citando Demóstenes. Os clássicos me serviram de grande consolo nos momentos em que me senti abandonada por Deus. Demóstenes, em especial — quem pode discordar dele quando diz: *Aquilo que é vantajoso para todos é o que prevalecerá?*

Estou sempre com os meus livros neste quarto. Não me falta tempo para ler. Observo os pássaros e, uma vez por dia, desço para caminhar no jardim do claustro, onde posso sentir o murmúrio apressado da cidade do outro lado dos muros. Não é uma vida tão ruim, e às vezes me sinto como uma freira de tempos idos, que decidiu se enclausurar a serviço de algo maior que si.

Procuro não incomodar os Gresham. Anne não é de humor agradável e serve como minha carcereira a contragosto, não por

ser uma pessoa gentil, mas porque minha presença lhe é incômoda. Eu a ouço brigando com o marido por minha causa. Noto claramente o desgosto que Anne Gresham sente por mim. Eu o reconheço. É o mesmo asco de Frances Meautas, e o mesmo, pensando num passado ainda mais distante, de Magdalen Dacre. Sempre haverá aqueles que vão me ver como uma aberração. Não combino com o ambiente perfeito que Anne Gresham quer criar para si mesma aqui em Bishopsgate, sua recém-construída casa palaciana em Londres, onde cada objeto foi escolhido por sua beleza e até os moços que trabalham na cozinha parecem querubins. Não sou um objeto bonito em sua casa nova, e quando há visitas sou mantida à distância. Melhor assim.

A rainha esteve aqui em janeiro. Ela veio conhecer o novo empreendimento de Gresham; dizem que é um polo de comércio. Ele se tornou outro homem. Tudo o que diz respeito aos Gresham mudou. Anne passou meses empolgada por causa da visita da rainha, gritando o tempo todo com os serviçais. Naquela noite, ela trancou minha porta, temendo que eu pudesse causar algum tipo de problema em seu banquete. De vez em quando joga uma pitada de sal no vinho dela. Mary Grey não perdeu totalmente sua personalidade.

Alguém chega lá embaixo. Ouço o som dos cavalos e os gritos dos cavaleiros. A imensa porta se fecha com um estrondo e há vozes e passos nos degraus. Uma batida e minha porta se abre. É Anne Gresham, com o mesmo olhar de sempre, como se tivesse sentido cheiro de algo podre vindo do meu quarto.

“Alguém chegou para vê-la.”

“A mim?”, pergunto. Fico genuinamente surpresa, pois não me são autorizadas visitas.

“É o dr. Smith.” Não conheço ninguém com esse nome, e ela não me dá nenhuma explicação. Fica à espera, vigilante, enquanto cubro meus cabelos com a touca e ajeito a saia. Fico me perguntando o que esse senhor poderia querer. Não estou doente.

“Milady”, diz ele, tentando sorrir, mas sem conseguir.

“O que posso fazer pelo senhor?”, pergunto, levantando da cadeira para recebê-lo.

“Por favor, não precisa se levantar por minha causa, milady.”

Continuo de pé, à espera de que fale. Ele parece inseguro, passando as luvas de uma mão para a outra, e um silêncio incômodo envolve o quarto, pontuado apenas pelo tique-taque do relógio. Anne Gresham espreita perto da porta, e vejo que seu marido também está ali, na soleira. Tique-taque, tique-taque.

“Dr. Smith”, começo, mas sou interrompida na mesma hora.

“Trago notícias, milady.”

Alguma coisa está errada. Sinto os pelos dos meus braços arrepiarem.

“É seu... é Keyes.”

“Meu marido?”, pergunto.

“Ele se foi.”

“Para onde?”, perguntou, momentaneamente desorientada. Mas as mãos entrelaçadas do homem e os olhos voltados para baixo me dizem o que preciso saber. É como um soco repentino no estômago. Tento me lembrar dele, dos dias que passamos juntos, mas não consigo me agarrar a lembranças que momentos antes pareciam tão sólidas. Elas se fragmentam; eu me fragmento.

“Não”, digo. “Isso não pode estar certo.” Mas olho os rostos

diante de mim e até a insensível Anne Gresham parece condoída.

Todos aqueles que amei e perdi passam à minha frente como um relâmpago: primeiro Jane, depois papai, *maman*, Katherine e agora meu amado Keyes morreram — esse pensamento é como uma sombra tão negra que obscurece tudo.

“Ele não pode ter morrido.”

Daqueles que amo, apenas Levina e meus sobrinhos habitam este mundo comigo. Tudo a que posso me agarrar é a essa ideia, embora nem conheça os pequenos. Penso neles para não pensar naquilo que está devastando meu coração. Preciso forçar minha mente a ficar naqueles que estão vivos, Tom e seu irmão mais velho, Beech, que daqui a poucos dias completará dez anos. As poucas informações que tenho a respeito deles não bastam para formar uma imagem. Tento conjurar algo onde encaixá-los, mas tudo de que disponho é a iluminura de Beech ainda bebê e algumas palavras escritas por minha irmã; o resto tenho de inventar. Sinto um aperto na garganta, que dificulta a respiração. “É extremamente fácil enganar a si mesmo”, digo, mas minha voz sai embargada pelas lágrimas. “Ele está morto!”

“Milady?”, chama o dr. Smith, mostrando preocupação na voz; suponho que eu não esteja escondendo muito bem minha dor. *Seja firme, Mary*. Mas meus ombros tremem incontrolavelmente e começo a soluçar sem querer.

Epílogo

Junho de 1572, Beaumanor
Levina

Mary Grey está sentada à janela, equilibrando um livro no colo. Explica em termos simples a Bess Throckmorton, um dos treze enteados de Stokes, a alegoria da caverna de Platão.

Levina está diante de seu cavalete, bem perto, tentando retratar em carvão a dança delicada das mãos de Mary enquanto descreve à menina fascinada as chamas da fogueira do filósofo. Uma luz suave colore de um ouro bem pálido os contornos das duas.

“Você acha, então”, pergunta Bess, “que é uma sombra na parede da caverna, distorcida como toda sombra, e que se pudesse ver existiria uma versão perfeita de você do lado de fora?”

“É uma maneira de ver”, responde Mary, sorrindo. Levina a conhece o suficiente para saber que ficou satisfeita ao ouvir a menina falando com tanta franqueza. “Minha irmã Jane descrevia assim...”

Mary menciona o passado como se fosse ontem. Faz dezoito anos que Jane morreu. Tanto tempo e, mesmo assim, Levina ainda sente o horror quando se lembra da menina no cadafalso, como se os anos não tivessem passado e ela estivesse de volta àquele lugar. Pensa na promessa que fez a Frances, tendo chegado à conclusão de que não teria como alterar as coisas. O

máximo que pôde fazer por elas foi ser uma amiga fiel.

“O céu é o mundo para além da caverna, que nós, meros mortais, só podemos olhar brevemente”, prossegue Mary.

Os traços aparecem na folha de Levina como se o carvão estivesse na mão de outra pessoa. Vê-se uma garotinha, cuja face arredondada revela a doçura da infância, olhando concentrada para uma mulher sorridente de vinte e poucos anos, cujos olhos sugerem algo entre a gentileza e a coragem. Mary é assim.

Levina sente que George a observa por cima do ombro.

Quando ela finalmente repousa o pedaço de carvão, ele diz: “Você capturou essa cena com precisão, Vina”. Quantas vezes o marido disse isso antes. Levina pega a mão dele e George a envolve com os dois braços. Ela se reclina e eles ficam de pé, em silêncio, durante algum tempo, olhando do desenho para a cena e de volta ao desenho.

“Meu George”, murmura Levina, pensando nos anos de solidão. De alguma forma aquela separação, por mais dolorida que tenha sido, serviu para deixá-los mais fortes.

Rufo, seu galgo vira-lata, se contorce dormindo num pedaço de chão banhado pela luz do sol. Mexe as patas como se estivesse sonhando que corre, e choraminga um pouco.

“Rufo está caçando coelhos”, diverte-se Bess.

“Vamos levá-lo lá fora, senhorita?”, sugere George. “Queria esticar as pernas e tenho a impressão de que estas duas velhas amigas gostariam de ter um tempo para colocar a conversa em dia.”

Depois que eles saem, Levina e Mary sentam uma ao lado da outra, num silêncio tranquilo. Alguma coisa chama a atenção da primeira: um pequeno objeto num canto da sala, quase escondido onde o rodapé encontra o piso. Curiosa, ela se inclina

para pegá-lo. É uma conta de madeira.

“O rosário de *maman*”, diz Mary. “Lembra, Vina?”

“Como poderia esquecer?” Ainda está viva em sua memória a imagem de Frances arrancando o rosário e das contas se esparramando, como se fosse ontem. “Esta casa está repleta de lembranças.” Sua mente é assaltada por imagens da amiga querida.

“Meu nome ainda está inscrito na porta de meu antigo quarto; o de Katherine também. Achei algumas marcas que *maman* fez na parede da despensa, para medir nossa altura. Stokes foi gentil de me receber por enquanto, desde que...” Levina supõe que ela quer dizer desde que foi libertada, semanas antes. “Hertford ainda está em Wulfhal?”, Mary pergunta.

“Acho que sim. Ele não está mais em confinamento, mas leva uma vida bem discreta e nunca vai à corte.”

“Ele a amava de verdade”, diz Mary.

“Acho que sim”, responde Levina.

“Nunca saberemos se havia alguém manipulando os cordéis. E os meninos, continuam em Hanworth com a avó?”

“É o que dizem.”

“Queria saber...” Mary fica em silêncio, com uma expressão indecifrável. Só depois de alguns minutos ela fala: “Você disse que encontrou uma casa adequada para mim”.

“Sim, na paróquia St. Botolph, em Aldgate.”

“Uma casa para mim.” O sorriso volta a seu rosto. “E eu ficarei perto de você. Sabe, Vina, tudo o que sempre quis foi uma vida simples.” Levina supõe que ela esteja pensando em Keyes, porque acrescenta, como se falasse consigo mesma: “Ter conhecido o amor basta para mim”. O silêncio volta a envolvê-las, até que Mary diz: “Conte-me do seu garoto”.

“Marcus? Ele voltou para Londres com a mulher. Os dois têm um bebê.”

“Você é avó? Por que não contou?”

“Estou contando.” Elas riem e Levina pensa na criança, seus braços e pernas gordinhos, sua risada gostosa. “É um lindo menino.”

Elas conversam sobre como a vida será e Levina descreve a casa que encontrou para Mary: “Tem uma sala de tamanho razoável, com painéis de madeira entalhados e vista para a igreja”.

“Não possuo os meios para muita coisa, Vina”, diz Mary. “A rainha me mantém sob rédea curta. Ela não liberou quaisquer fundos do espólio de minha mãe. Mas terei o suficiente para uma criada.”

“Não é uma casa grande, mas você terá conforto, e vai poder me ver com frequência. Quase nunca vou à corte”, diz Levina. “Lembra-se do menino, Hilliard? Suas iluminuras têm tido alta demanda ultimamente.”

“Claro que me lembro dele. Hilliard pintou as cópias disto.” Mary remexe em seu vestido, tirando o retrato de Katherine com o filho dela. “Tinha talento.”

“E paixão pela nova religião, mas pouca cabeça.” Levina para e fica pensando se Mary recorda o tapa que deu nele. Ela nunca sentiu tanta raiva, antes ou depois daquilo. “Como iluminador Hilliard é bom; melhor que eu”, diz ela. Então acrescenta com ironia: “Ele vai ser lembrado por sua obra; eu talvez não. Com a idade vem a consciência de si”.

“Isso é verdade. E a rainha ainda está se livrando dos primos.” Mary se refere a Norfolk, que foi executado naquela mesma manhã por ter conspirado para casar a rainha da Escócia. *Ela*

também é prisioneira de Elizabeth, desde que Darnley morreu — outra prima. “Lembro que *maman* disse uma vez, a respeito da antiga rainha, que o poder corrompe. Pensei muito a respeito, e me parece que o que corrompe é o medo de perdê-lo.” Ela faz uma pausa e suspira. “Afinal de contas, um dia Mary e Elizabeth Tudor foram simples meninas, não muito diferentes de minhas irmãs ou de qualquer outra menina. Foi o medo que as transformou.”

Levina sente a pressão de uma coisa que nunca disse, o peso da culpa que carrega consigo há sete anos. “Tem uma coisa...”, ela começa.

“Uma coisa?”, repete Mary.

“Fui eu quem coloquei a ideia na cabeça de Keyes, de se casar com você. Fui eu quem levei à sua porta todo aquele sofrimento, Mary. Ele nunca teria tido a coragem de pedir sua mão se eu não tivesse...”

“Não, Vina. Você não me causou sofrimento.”

“Mas...”

“Não vou permitir isto. Foi graças a você que tive meu momento ao sol.” Mary toca de leve a mão da amiga. “No plano maior, o importante não é quanto as coisas duram, e sim seu impacto. Meu casamento, a vida de Jane — são memórias que não se vão.”

Levina se espanta, como aconteceu tantas vezes ao longo dos anos, com a profundidade das ideias da outra e a forma como nunca se contenta em ver apenas a superfície das coisas. Mary é como uma pintora tentando decifrar o coração de seu modelo. “Esqueci: trouxe uma coisa para você”, diz, remexendo em uma bolsa que está a seus pés e entregando a Mary um rolo de papéis.

A moça puxa as pontas da corda que os amarra, deixando-os desenrolar; são desenhos muito antigos. Há um de Frances e vários de Katherine: o sorriso irresistível de Katherine; Katherine rindo; Katherine amuada, no amuo mais charmoso que já se viu; Katherine cochichando alguma coisa para Juno.

Mary folheia um a um, chegando enfim a um retrato de Jane. Ela está ali em poucos traços: a tranquilidade firme, o esboço de sorriso, a profundidade.

“Você foi testemunha de tudo, Vina, dos grandes e dos pequenos momentos. Acho que esse é o papel de um pintor. Nunca pensei de verdade a respeito... São esses momentos destilados no tempo.” Ela fica por alguns instantes fitando a imagem da irmã mais velha e sua expressão indecifrável. “Posso guardar esta?”

“São todas suas. É sua família, seu passado.”

“Você acha que se nós — minhas irmãs e eu — soubéssemos o que ia acontecer teríamos podido mudar o curso das coisas?”

Levina não dá uma resposta imediata, refletindo a respeito primeiro. “Não”, termina por dizer. “Foi o sangue Tudor de vocês que amaldiçoou sua família. Mary, da Escócia, também está cheia dele, e por isso foi encarcerada, como você e suas irmãs foram. Ela vai acabar pagando o preço mais alto, se a vontade de Cecil prevalecer.”

“O preço mais alto.”

“A rainha hesita. Mary da Escócia, afinal de contas, é uma rainha ungida. Mas Cecil... em geral ele acaba conseguindo o que quer.”

“Você tem razão, Vina, nossa vida estava definida antes mesmo de virmos ao mundo. Se uma de nós fosse homem...”

“Um homem, sim! Aí poderia ter sido diferente.” Ela faz uma

pausa e as duas olham pela janela, na direção do lago. Um cisne desliza, ereto, pela água, batendo as asas furiosamente e dispersando uma flotilha de patos. É uma cena cômica, deselegante, totalmente diferente do que se espera de um cisne, e faz as duas rirem.

“Quem será que está chegando?”, diz Mary. Um grupo de cavaleiros desmonta na estrada, aproximando-se. “Nesta casa sempre tem gente indo e vindo.”

Como se fosse sua deixa, a porta bate forte no andar de baixo; é o ruidoso retorno de George e Bess.

As duas reiniciam a conversa, planejando o futuro que terão em comum.

A porta abre levemente e a cabecinha de Bess aparece.

“Tem gente aqui para vê-la, Lady Mary.”

“Ver a mim?”

A porta se abre mais, revelando dois rapazes vestidos de maneira idêntica, com gibões de brocado azul e bonete de estilo moderno, com copa alta. Neles há algo de familiar, um eco do passado.

“Viemos de Hanworth visitar Lady Mary Grey”, diz o mais velho, timidamente, tirando o bonete. O outro o imita.

Levina percebe agora que o mais velho parece com a mãe: os cabelos da cor da palha e os olhos brilhantes de safira. O mais novo... bem, ele é a imagem cuspida de Jane.

Mary levanta abrindo os braços, o rosto maravilhado. É o mesmo semblante de alegria e espanto que Levina viu certa vez no rosto de uma mulher visitada por um anjo em uma pintura.

É o mais novo, Tom, que caminha primeiro na direção dos braços da tia, seguido por Beech. Levina mal pode acreditar no que está diante de seus olhos: Mary Grey, que mal podia

suportar ser tocada, está envolvida no abraço de seus sobrinhos.

Nota da autora

Esta é uma obra de ficção e, embora eu tenha tentado ser o mais fiel possível aos fatos históricos tais como são conhecidos, não se deve esquecer que muito do que ocorreu naquele período, principalmente relacionado à vida das mulheres, é desconhecido ou controverso. Dito isso, a vida de Katherine Grey foi muito bem documentada, e a história contada aqui é correta na essência, embora seu mundo interior tenha sido criado por mim, claro. Não sabemos até que ponto ela participou das campanhas por sua nomeação como herdeira de Elizabeth, e eu decidi mostrá-la como uma mulher guiada mais pelo amor que pela ambição, o que parece corresponder à personalidade que os relatos históricos deixam transparecer. A história de Mary Grey é mais vaga. Dispomos dos dados básicos a respeito de sua vida, de uma descrição física feita por um embaixador de língua venenosa que a considera “torta e muito feia” e de relatos detalhados de seu casamento, seu encarceramento e seus últimos anos de vida. Descrevo uma versão de sua prisão no romance, mas ela não é documentada, e seus primeiros anos de vida continuam a ser tema de especulação, embora saibamos que ela foi educada como as irmãs.

Foi em grande parte a história de Levina Teerlinc que exigiu toda a minha imaginação, já que se sabe pouquíssimo a respeito dela. A ideia de misturar a trama de Levina com a das Grey derivou dos retratos de Katherine Grey atribuídos a Levina, e de

outro feito por ela que pode ser de Jane Grey — ou pelo menos é o que afirma David Starkey. Susan James atribui o retrato de Katherine Grey quando criança ao mestre da marquesa de Dorset (título de Frances Grey antes de se tornar duquesa de Suffolk), e não a Levina Teerlinc, embora seja reconhecido em geral como obra de Levina, inclusive pelo Victoria and Albert Museum, que o possui. Isso me faz acreditar que o mestre da marquesa de Dorset e Levina são a mesma pessoa, o que indicaria uma relação próxima de Levina com a família Grey. Portanto, embora se trate de uma ficção, a história de Levina tem raízes tênues na realidade, e não há dúvida de que ela conheceu os Grey. Seu envolvimento com Foxe e a passagem de relatos e imagens dos mártires marianos até Genebra são fruto da minha imaginação, mas sua adesão à nova fé combinaria com seus elos com a família Grey. Susan James avança até a possibilidade de que Levina Teerlinc tenha sido apresentada à corte inglesa por intermédio do secretário particular de Katherine Parr, Walter Bucler, que havia sido enviado a Flandres numa missão secreta na esperança de reforçar os laços entre a Inglaterra e os príncipes protestantes. Isso também fundamenta minha versão dela como defensora da Reforma.

A relação de Levina, como professora, com Nicholas Hilliard foi sugerida tanto por Sir Roy Strong quanto por Susan James, que também apresenta bons argumentos para a hipótese de que um tratado anônimo sobre iluminuras, publicado em 1573, seja dela — Hilliard viria a publicar seu próprio livro sobre a arte da miniatura cerca de 25 anos depois. James chega até a sugerir que boa parte da obra de Hilliard, inclusive os famosos retratos *Pelicano* e *Fênix* de Elizabeth I, é na verdade de Levina — não tenho condições de formar uma opinião a respeito, mas meus

instintos sugerem que não é o caso. Detalhes específicos da relação entre Levina e Hilliard, e em especial sua cópia da iluminura de Katherine Grey, foram inteiramente inventados por mim. Embora ainda existam diversas cópias do século XVI do retrato de Katherine Grey e de seu filho, que diferem do original da maneira que descrevi no romance, nenhum deles é, até onde pude apurar, atribuído a Hilliard.

A fonte mais abrangente de informações sobre as três irmãs Grey é o livro *The Sisters Who Would Be Queen: The Tragedy of Mary, Katherine and Lady Jane Grey*, de Leanda de Lisle.

Para maiores informações sobre a obra de Levina Teerlinc, ver *The Feminine Dynamic in English Art, 1485-1603: Women as Consumers, Patrons and Painters*, de Susan E. James.

Para entender a sucessão dos Tudor

A pretensão das irmãs Grey ao trono originava-se na avó materna, a primeira Mary Tudor, irmã mais nova de Henrique VIII. Seu primeiro marido foi Luís XII; ela enviuvou poucos meses depois do casamento e veio a se casar em segredo com Charles Brandon, duque de Suffolk. Eles tiveram duas filhas, Frances e Eleanor. Frances casou com Henry Grey (então marquês de Dorset, depois duque de Suffolk) e deu à luz Mary, Katherine e Jane.

A pretensão de Mary Stuart também vinha da avó materna, Margaret Tudor, irmã mais velha de Henrique VIII. Margaret era casada com Jaime IV, da Escócia; seu filho, Jaime V, e a francesa Marie de Guise eram os pais de Mary. Quando da morte dele, ela se tornou rainha da Escócia, embora tivesse poucos dias de vida. Mary Stuart foi prometida na infância ao delfim (nome que se dava ao herdeiro do trono francês) e a partir dos cinco anos de idade foi criada na corte francesa.

Em 1543 o Parlamento aprovou uma lei restituindo as duas filhas de Henrique VIII, Mary e Elizabeth Tudor, à sucessão do trono, e alguns anos depois Henrique excluiu do trono inglês em seu testamento a casa de Stuart escocesa. Havia várias razões para isso, uma delas a crença, então prevalente, de que monarcas ingleses tinham de nascer em solo inglês. Além disso, os laços entre Escócia e França eram estreitos e ambos os países

viviam em conflito com a Inglaterra. De acordo com Leanda de Lisle, historiadora dos Tudor, as irmãs Grey foram escolhidas por Henrique porque, ao contrário da casa de Stuart, não eram candidatas suficientemente fortes para ameaçar a posição de seu filho Eduardo. Esse motivo é discutível, uma vez que Henrique provavelmente consideraria que seu filho teria herdeiros para dar seguimento à sua dinastia.

Mas Eduardo VI morreu com apenas quinze anos de idade, sem ter sido pai. Sob a influência do duque de Northumberland, ele elaborou em seu leito de morte um novo dispositivo para a sucessão, que nunca foi ratificado pelo Parlamento. O texto ecoava o desejo do pai de eliminar os Stuart do trono, mas também excluía suas meias-irmãs Mary e Elizabeth, por serem ambas consideradas ilegítimas pelo pai (tema altamente controverso). Isso colocou Lady Jane Grey como a primeira na linha sucessória, tendo sua mãe abandonado a própria pretensão, mas nem todos concordavam, em especial aqueles que apoiavam Mary Tudor. Jane foi coroada, mas o apoio popular estava com Mary, que depôs sem dificuldade a jovem prima apenas nove dias depois de esta ter sido declarada rainha.

Na época em que Elizabeth Tudor herdou o trono da meia-irmã, as duas pretendentes mais fortes à sucessão eram Katherine Grey e Mary Stuart, embora ambas fossem mulheres. A primeira morreu prisioneira, e a segunda foi executada. As duas tiveram os filhos homens pelos quais a Inglaterra tão desesperadamente ansiava, mas em seus 45 anos de reinado Elizabeth não teve ou indicou um herdeiro, para enorme decepção de seus conselheiros. Em seus últimos anos, porém, foi ficando claro que James Stuart, filho protestante da rainha escocesa que ela havia executado, acabaria por sucedê-la,

tornando-se Jaime I.

Lista de personagens

Relacionei os personagens em ordem alfabética pelo primeiro nome ou pelo nome mais usado no romance. Incluí detalhes interessantes a respeito de alguns nomes menores, que não aparecem necessariamente na história.

Amy Robsart	Lady Dudley, esposa de Robert Dudley que morreu em circunstâncias misteriosas. Para alguns, o marido a matou de modo a ficar livre para se casar com a rainha Elizabeth. (1532-60)
Anne Gresham	Esposa de Thomas Gresham, fundador do Royal Exchange (a antiga Bolsa de Comércio de Londres). Durante alguns anos, Mary Grey ficou em prisão domiciliar na residência londrina dos Gresham, em Bishopsgate, o que desagradou Anne, que não gostava dela e se ressentia de ter de assumir o papel de carcereira, que tolhia sua própria liberdade. (c. 1520-96)
Arundel	Henry Fitzalan, conde de Arundel, lorde intendente da Corte Real tanto sob Maria I quanto sob Elizabeth, e tio, por casamento, das irmãs Grey. Nutria a fantasia de ser pretendente tanto de Elizabeth I quanto da muito mais jovem Lady Jane Seymour (Juno), embora nenhuma dessas ideias tenha sido levada muito a sério. (1512-80)

Beech	Edward Seymour, visconde de Beauchamp; nascido na Torre de Londres, filho de Katherine Grey e Edward Seymour, conde de Hertford (os filhos mais velhos dos condes adquiriam os títulos menores de seus pais). Conforme o testamento de Henrique VIII, deveria ter sido o herdeiro de Elizabeth I, mas a rainha questionou sua legitimidade e deu preferência à casa de Stuart. Ele se casou com uma prima, Honora Rogers, e teve seis filhos. O mais velho, William, foi preso por ter se casado com Arbella Stuart, bisneta de Margaret Tudor. (1561-1612)
Bonner	Edmund Bonner; bispo de Londres sob Maria I. Foi prisioneiro em Marshalsea, onde faleceu, sob Elizabeth I. (c. 1500-69)
Cardeal Pole	Reginald Pole, núncio episcopal junto a Maria I e último arcebispo católico de Canterbury. (1500-58)
Cecil	Sir William Cecil, posteriormente primeiro barão Burghley. Secretário de Estado de Elizabeth I e seu conselheiro de maior confiança, foi decisivo na criação de um serviço secreto de inteligência eficiente, aumentando assim enormemente seu poder. Alguns acreditam que defendia Katherine Grey como sucessora de Elizabeth, em detrimento de Mary Stuart, que estava envolvida com os franceses; porém, manteve distanciamento quando Katherine foi aprisionada. Lutou incansavelmente para derrubar Mary, rainha da Escócia, em nome de Elizabeth. (1520-98)
Dorothy Stafford	Dama de companhia de Elizabeth I e amiga íntima de Mary Grey. (1526-1604)

Dudley	Robert Dudley, conde de Leicester; marido de Amy Robsart e depois de Lettice Knollys; filho de John Dudley, duque de Northumberland; irmão de Guildford Dudley e cunhado das irmãs Grey. Era o favorito de Elizabeth I e seu mestre-cavaliário; sua relação íntima com a rainha foi motivo de grande escândalo, principalmente quando sua primeira esposa morreu em circunstâncias suspeitas. Casou em segredo com Lettice Knollys em 1578, perdendo os favores reais, mas acabou perdoado, ao contrário de Lettice. (c. 1532-88)
Duquesa	Anne Seymour (Anne Stanhope quando solteira), duquesa de Somerset. Teve dez filhos, entre eles o conde de Hertford e Lady Jane Seymour, e foi esposa do lorde protetor e duque de Somerset, e depois de Francis Newdigate — que se acredita ter sido administrador de seu primeiro marido. Como esposa do lorde protetor, alegou precedência, sem ter o direito, ante a rainha-mãe Katherine Parr. (c. 1510-87)
Eduardo VI	Rei de 28 de janeiro de 1547 a 6 de julho de 1553; filho único de Henrique VIII e Jane Seymour. Ascendeu ao trono com apenas nove anos e durante seu reinado a Inglaterra aderiu plenamente à fé reformada. Seu dispositivo para a sucessão nomeou as irmãs Grey suas herdeiras, à frente das Tudor. (1537-53)
Elizabeth I	Rainha de 17 de novembro de 1558 a 24 de março de 1603; filha mais nova de Henrique VIII com Ana Bolena. Considerada ilegítima pelo pai, viria posteriormente a ser restabelecida na sucessão real. Não casou e tirou partido de sua condição de solteira, criando polêmica e sendo lembrada como a Rainha Virgem. (1533-1603)
Felipe da Espanha	Felipe II, da casa de Habsburgo; filho de Carlos V, governante do Sacro Império Romano-Germânico, e de Isabel de Portugal; marido de Maria Manuela, de Portugal, depois Maria I (tornando-se rei da Inglaterra), Isabel de Valois e Ana da Áustria. A Espanha atingiu o auge no seu reinado, conquistando amplos e distantes territórios — foi ele que cunhou a expressão “o império onde o sol nunca se põe” —, embora sua armada tenha sido notoriamente derrotada em 1588 perto da costa inglesa, com a ajuda da meteorologia, o que resultou em uma das maiores glórias do reinado de Elizabeth I. (1527-98)

Feria	Gómez Suárez de Figueroa y Córdoba, conde e depois duque de Feria; marido de Jane Dormer; por um breve período enviado de Felipe II junto a Elizabeth I. Tentou arranjar um casamento entre Katherine Grey e o filho de Felipe, reforçando assim a posição da Espanha perante a Inglaterra. (c. 1520-71)
Foxe	John Foxe, autor de <i>Actes and Monuments</i> , mais conhecido como <i>Foxe's Book of Martyrs</i> . Polemista anticatólico altamente influente, passou o reinado de Mary Tudor em exílio voluntário em Genebra. (c. 1516-87)
Frideswide Sturley	Também conhecida como Strelly; dama de companhia de Maria I. (Morreu em 1565.)
Frances Grey	Frances Brandon quando solteira, tornou-se duquesa de Suffolk. Foi esposa de Henry Grey e Adrian Stokes — que se acredita ter sido seu mestre-cavaliço. Mãe de Jane, Katherine e Mary Grey; prima de Mary e Elizabeth Tudor. Ela ficou com a reputação — a meu ver injusta — de bruxa, que se deve sobretudo a um único relato atribuído a Jane Grey de ter sido espancada na infância. (1517-59)
Frances Meautas	Integrante da corte de Elizabeth I e objeto das investidas românticas de Hertford no período em que ele foi advertido por Cecil para se manter longe de Katherine Grey. (Datas de nascimento e morte desconhecidas.)
George Teerlinc	Nascido na Bélgica (data desconhecida) e filho mais novo de uma família privilegiada de Blankenburg, chegou à Inglaterra por volta de 1545 com a esposa, Levina. Instalou-se na corte inglesa sob o patrocínio de William Parr (então conde de Essex) para se tornar membro da Guarda Real de Fidalgos Pensionados, posto que conservou até a morte. Recebeu a cidadania inglesa em 1566. (Morte c. 1578)

Guildford
Dudley

Marido de Jane Grey; filho de John Dudley, duque de Northumberland; irmão mais novo de Robert Dudley, conde de Leicester. Seu casamento foi organizado quando ficou claro que Eduardo VI estava à beira da morte. Northumberland queria ligar sua família às Grey, que haviam sido declaradas as próximas na linha sucessória. Foi executado por traição no mesmo dia da esposa. (1535-54)

Harry
Herbert

Lord Henry Herbert, filho do conde de Pembroke e de Anne Parr (irmã de Katherine Parr). Casou-se por volta dos catorze anos com Katherine Grey como parte do plano de Northumberland para ganhar poder. Seu pai, o conde de Pembroke, ansiava por consolidar sua proximidade do trono. O casamento foi rapidamente anulado quando ficou claro que Mary Tudor substituiria Jane Grey no trono, e Pembroke virou a casaca. Alguns anos depois, em 1561, Katherine, desesperada, grávida e acreditando ter sido abandonada por seu marido secreto, Hertford, aproximou-se de Herbert na esperança de reacender a relação. Ele retribuiu suas investidas de início, mas ao descobrir a verdade daquilo que qualificou como “vadiagem” ameaçou expô-la em público de maneira exemplar. Herbert não levou a cabo as ameaças, provavelmente em nome do próprio orgulho. Cartas trocadas entre os dois dão testemunho disso, mas infelizmente não houve espaço neste romance para explorar plenamente o episódio. Ele viria a se casar com Lady Catherine Talbot e Mary Sidney. (Depois de 1538-1601)

Henry
Grey

Duque de Suffolk; marido de Frances Grey; pai de Jane, Katherine e Mary Grey. Foi executado por traição por ordem de Maria I por sua participação na insurreição de Wyatt, em 1554. (1517-54)

Hertford	Edward Seymour; conde de Hertford; filho do duque de Somerset (lorde protetor) e Anne Stanhope. Casou em segredo com Katherine Grey e foi aprisionado na Torre de Londres, onde teve dois filhos com ela: Edward (Lord Beauchamp) e Thomas Seymour. Casou de novo mais de catorze anos após a morte de Katherine, em 1582, igualmente em segredo, com Frances Howard, e foi preso de novo. Depois da morte dela, em 1598, ele se casou pela terceira vez em segredo com outra mulher chamada Frances Howard, numa extraordinária coincidência. (1539-1621)
Jane Dormer	Condessa e depois duquesa de Feria, esposa de Gómez Suárez de Figueroa y Córdoba, conde de Feria. Católica convicta, foi muito próxima de Maria I. (1538-1612)
Jane Grey	Lady Jane Grey e rainha Jane de 6 a 19 de julho de 1553; filha mais velha de Frances e Henry Grey, duque e duquesa de Suffolk; esposa de Guildford Dudley; irmã mais velha de Katherine e Mary Grey. Pensou-se em Jane como uma possível noiva para seu primo Eduardo VI, mas quando ficou claro que ele estava à beira da morte foi arranjado um casamento com o filho de Northumberland como parte do plano deste último para adquirir poder. Nomeada pelo jovem rei herdeira do trono, foi coroada e deposta poucos dias depois pela prima Mary Tudor, sendo executada em 12 de fevereiro de 1554, após a rebelião de Wyatt. Embora tenham decorrido treze dias entre a morte de Eduardo VI e a deposição de Jane, ela é lembrada como a Rainha dos Nove Dias. (1536-54)
Juno	Lady Jane Seymour, chamada de Juno neste romance para evitar confusão com Jane Grey e Jane Dormer. Era irmã do conde de Hertford e filha do duque de Somerset e de Anne Stanhope. Era a amiga mais próxima de Katherine Grey e foi testemunha de seu casamento, embora sua morte trágica a tenha impedido de confirmar a ocorrência do matrimônio. Jane era escritora, e sua obra mais conhecida é <i>103 Latin Distichs for the Tomb of Margaret of Valois</i> , feita em colaboração com as irmãs Margaret e Anne. (c. 1541-61)

Kat
Astley

Katherine Astley (quando solteira Champernowne), ou Ashley, foi governanta e tutora de Elizabeth I. Quase perdeu a vida em 1549 por ter tentado negociar um casamento entre a jovem e Thomas Seymour. (c. 1502-65)

Katherine
Grey

Lady Katherine Grey; segunda filha de Frances e Henry Grey, duque e duquesa de Suffolk; esposa de Lord Henry Herbert (casamento depois anulado) e Edward Seymour, conde de Hertford; irmã de Jane e Mary Grey; mãe de Edward (Lord Beauchamp) e Thomas Seymour. Não tinha completado treze anos quando casou pela primeira vez (na mesma cerimônia de sua irmã Jane) e, embora tenha morado com a família do novo marido, a relação não se consumou, tornando mais fácil para o sogro, o conde de Pembroke, obter a anulação quando virou a casaca. Aos vinte anos, ela foi aprisionada na Torre de Londres por ordem de Elizabeth I, tendo desposado Hertford em segredo, e foi ali que deu à luz seus dois filhos. Katherine era dedicada a seus vários animais — documentos registram que seus cães, macacos e pássaros destruíram sua mobília na Torre. Posteriormente, em prisão domiciliar, recusava a se alimentar e adoeceu, morrendo após quase oito anos de cativo. Acredita-se que possa ter se deixado morrer de fome, abordagem que adoto neste romance, e depreende-se claramente dos relatos de suas últimas horas que tinha perdido totalmente o desejo de viver. (1540-68)

Keyes

Thomas Keyes, sargento-porteiro sob Elizabeth I; capitão do castelo de Sandgate. Casou-se com Mary Grey sem permissão real e por esse motivo foi confinado sozinho na prisão de Fleet, o que abalou sua saúde. Era considerado o homem mais alto da corte, e relatos situavam sua altura em algum ponto entre 1,82 e 2,03 metros. A respeito do casamento clandestino, dizia Cecil: “O sargento-porteiro, sendo o fidalgo mais alto desta corte, casou-se secretamente com Lady Mary Grey, a mais baixa”. (c. 1524-71)

Lady
Knollys

Esposa de Sir Francis Knollys (quando solteira, Catherine Carey); oficialmente, filha de Maria Bolena e William Carey, mas, segundo rumores, filha de Henrique VIII, pois Maria Bolena fora sua amante mais ou menos na época em que foi concebida. Isso faria dela meia-irmã de Elizabeth I. Teve catorze filhos, entre eles Lettice Knollys. Foi uma das damas de companhia mais íntimas e leais de Elizabeth. (c. 1524-69)

Latimer

Hugh Latimer, capelão sob a Eduardo VI. Depois de 1550, serviu como capelão sob Katherine Brandon, mãe da madrastra das irmãs Grey. Foi queimado na fogueira por heresia durante o reinado de Maria I. Ele disse, em sua execução: “Acenderemos uma vela que, com a graça de Deus, jamais vai se apagar”. (c. 1487-1555)

Lettice
Knollys

Condessa de Essex e de Leicester; esposa de Walter Devereux (conde de Essex), Robert Dudley (conde de Leicester) e Sir Christopher Blount. Filha de Lady Knollys, que teve outras treze crianças, e mãe de Penelope, Dorothy, Robert Devereux (segundo conde de Essex) e Walter. Foi exilada pela corte por ter se casado em segredo com Dudley, favorito de Elizabeth I, razão pela qual jamais foi perdoada. (1543-1634)

Levina
Teerlinc

Filha do renomado iluminador flamengo Simon Bening, esposa de George Teerlinc e mãe de Marcus Teerlinc. Era a mais velha de cinco filhas e se formou como artista no ateliê do pai, em Bruges. Em 1548, entrou para a corte inglesa, possivelmente a convite de Katherine Parr, tendo servido como pintora sob Henrique VIII, Eduardo VI, Maria I e Elizabeth I, e como dama junto às duas rainhas. Há registro de que seus ganhos em 1546 foram de quarenta libras (mais que o famoso pintor Holbein). Embora reste pouco de sua obra, há duas iluminuras de Katherine Grey: uma sozinha (na coleção do Victoria and Albert Museum) e outra na qual ela segura Lord Beauchamp ainda bebê. Há ainda um retrato pintado por ela que pode ser de Jane Grey. Sabe-se que pintou Elizabeth I várias vezes e que recebeu a cidadania inglesa em 1566. (c. 1520-76)

Lizzie Mansfield	Integrante da corte de Elizabeth I. (Datas de nascimento e morte desconhecidas.)
---------------------	--

Magdalen Dacre	Integrante da corte de Maria I. Alta, loira e bonita, atraiu a atenção indesejada do marido da rainha, Felipe II. (1538-1608)
-------------------	---

Marcus Teerlinc	Filho único de Levina e George Teerlinc. (Datas de nascimento e morte desconhecidas.)
--------------------	---

Margaret	Margaret Clifford, ou Lady Strange, era sobrinha de Frances Grey e prima das irmãs Grey. Declarou abertamente sua opinião de que as primas perderam o direito à sucessão em virtude da traição do pai, afirmando a si própria como verdadeira sucessora de Maria I. (1540-96)
----------	---

Mary da Escócia	Mary Stuart, rainha dos escoceses e da França; esposa de Francisco II da França, Lord Darnley e conde de Bothwell; mãe de Jaime VI da Escócia e I da Inglaterra. Sendo católica, acreditava ser a rainha da Inglaterra de direito, em vez de Elizabeth, que era filha de um casamento não reconhecido pela Igreja. Criada na corte francesa, retornou à Escócia aos dezoito anos, após a morte do marido Francisco. Elizabeth tinha esperança de controlá-la e para isso chegou a propor um casamento com seu favorito, Robert Dudley, mas Mary rapidamente casou com seu primo Darnley, morto em circunstâncias violentas e suspeitas. Depois de se casar com o impopular Bothwell, que alguns acreditavam ter assassinado Darnley, foi forçada a abdicar da coroa e fugir da Escócia. Ela contava com a misericórdia de Elizabeth, mas acabou sendo presa e, depois de dezenove anos de cárcere, executada por traição. (1542-87)
-----------------------	---

Mary Grey Lady Mary Grey, filha mais nova de Frances e Henry Grey, duque e duquesa de Suffolk; irmã de Jane e Katherine Grey. Casou com Thomas Keyes sem consentimento real, o que resultou em sua prisão, em 1565, por ordem de Elizabeth I. Foi libertada em 1572, após a morte do marido. Embora tenha sido descrita por um embaixador seu contemporâneo como “baixa, torta e muito feia”, Mary não foi escondida. Foi educada com as irmãs e acredita-se que tenha sido tão precoce quanto Jane. (1545-78)

Maria I Rainha da Inglaterra de 19 de julho de 1553 a 17 de novembro de 1558; filha mais velha de Henrique VIII e Catarina de Aragão; esposa de Felipe II da Espanha. Foi considerada ilegítima pelo pai, mas posteriormente restabelecida na sucessão real. A Inglaterra voltou aos braços do catolicismo durante seu reinado, e os métodos brutais empregados para tanto lhe valeram o apelido de *Bloody Mary* [Mary Sangrenta]. Desesperada para gerar um herdeiro católico, teve gravidez falsa uma série de vezes, o que lhe causou enorme sofrimento. (1516-58)

Nicholas Hilliard Miniaturista de grande renome que trabalhou nas cortes de Elizabeth e Jaime. Pode ter sido aluno de Levina Teerlinc e, depois, de Clouet, na França. Foi autor de um tratado sobre a arte da iluminura (publicado entre 1589 e 1600) no qual afirmava que aquela arte não era para mulheres. Grande parte de sua belíssima obra chegou aos nossos dias. (c. 1547-1619)

Northumberland John Dudley, duque de Northumberland; pai do favorito de Elizabeth I, Robert Dudley, conde de Leicester, e do marido de Jane Grey, Guildford Dudley. Foi lorde presidente do Conselho sob Eduardo VI e acredita-se ter sido crucial na decisão do rei de nomear Jane Grey sua herdeira, o que não é improvável, considerando que se apressou em casá-la com o filho. Foi executado por alta traição quando Maria I assumiu o trono. (1504-53)

Peggy Willoughby Margaret Willoughby, esposa de Matthew Arundel. Na infância, cuidou de Frances Grey, e depois acompanhou Mary Grey por toda a vida. (1544-depois de 1578)

Pembroke	William Herbert, conde de Pembroke; pai de Harry Herbert. Foi cortesão e soldado, chamado por alguns de Will Selvagem por seu comportamento no campo de batalha. Foi casado com Anne Parr, ou seja, era cunhado da rainha Katherine Parr. Embora profundamente envolvido na disputa de poder que levou Jane Grey ao trono, conseguiu se dissociar de Northumberland (em parte por ter anulado rapidamente o casamento entre seu filho e Katherine Grey, uma aliança fundamental no eixo de poder de Northumberland) e recuperou os favores de Maria I. Apesar da personalidade impiedosa e melíflua, era amado por seu cão, que teve um ataque ao ver seu caixão e morreu de desgosto. (1501-70)
Sr. Glynne	Leal servidor de Lady Jane Seymour e Hertford. (Datas de nascimento e morte desconhecidas.)
Sra. Poyntz	Responsável pelas damas de companhia durante o reinado de Maria I. (Datas de nascimento e morte desconhecidas.)
Sra. St. Low	Também conhecida como St. Loe ou Saintlow, serviu na corte de Elizabeth I e foi presa para interrogatório a respeito do casamento de Katherine Grey, de quem era confidente. Às vezes é confundida com Bess de Hardwick, cujo terceiro marido foi Sir William St. Loe. É provável que as duas tenham sido parentes. (Datas de nascimento e morte desconhecidas.)
Simon Renard	Embaixador da Espanha sob Maria I antes do casamento dela. (1513-73)
Sir Edward Warner	Lugar-tenente da Torre de Londres durante o cárcere de Katherine Grey e Hertford, perdeu o posto e viu-se aprisionado quando se descobriu que Katherine concebera outra criança sob sua guarda. (1511-65)
Sir John Brydges	Lugar-tenente da Torre de Londres durante o cárcere de Jane Grey. (c. 1491-1557)

Sir Owen Hopton Lugar-tenente da Torre de Londres a partir de 1570. Katherine Grey estava em prisão domiciliar em Cockfield Hall aos cuidados dele quando morreu. Hopton velou por ela no leito de morte. (c. 1519-95)

Stokes Adrian Stokes foi o segundo marido de Frances Grey e, portanto, padraсто de Katherine e Mary Grey; seu casamento foi recebido com certa desaprovação, pois era de uma classe social inferior à dela — acredita-se que fosse seu mestre-cavalição. Também era considerado bem mais jovem que ela, embora na verdade a diferença fosse de apenas dois anos. Posteriormente, casou-se com Anne Throckmorton. (1519-85)

Susan Clarencieux Dama de companhia favorita de Maria I. (antes de 1510-64)

Tio John Sir John Grey, irmão de Henry Grey (duque de Suffolk) e tio das irmãs Grey. Com a esposa, Mary, foi guardião de Katherine Grey durante sua prisão domiciliar em Pyrgo. Foi condenado à morte pelo envolvimento na rebelião de Wyatt contra Maria I, mas a pena foi comutada por suas terras e seus títulos. Foi reabilitado sob Elizabeth, que lhe deu o palácio real de Pyrgo. Sir John ficou novamente sob suspeita com a publicação do panfleto de Hale Pé-Torto, que argumentava em favor do direito de Katherine Grey e seus descendentes ao trono, mas adoeceu e morreu antes que a questão desse em alguma coisa. (c. 1523-64)

Tom Lord Thomas Seymour; filho mais novo de Katherine Grey e Edward Seymour, conde de Hertford, nascido na Torre de Londres. Pelo testamento de Henrique VIII, deveria ter sido, depois do irmão mais velho, Lord Beauchamp, o segundo na sucessão de Elizabeth I. Mas a rainha questionava sua legitimidade e dava preferência à casa de Stuart. (1563-1600)

Agradecimentos

Inúmeras pessoas me ajudaram na criação de *Intrigas da corte*. Em primeiro lugar e acima de tudo, sou imensamente afortunada por contar com duas editoras excepcionais, Sam Humphreys e Trish Todd, que me ajudaram a transformar um conjunto desconexo de ideias em algo parecido com um romance; e Hana Osman, Stephanie Glencross e Katie Green, sem cujas contribuições e correções eu não teria conseguido; minha agente, Jane Gregory, uma bênção diária, e Catherine Eccles, com conselhos que não poderiam ser mais sensatos. Há muitas outras pessoas cujo apoio inquebrantável faz meu mundo girar: Liz Smith, Clare Parker, Maxine Hitchcock, Viviane Bassett, Chantal Noel, Francesca Russell, Merle Bennett, Anna Derkacz, Jessica Lawrence e Andrea de Werd, para citar apenas algumas. Também devo agradecer a Lee Motley por seus projetos de capa incomparáveis; Trevor Horwood, pela preparação sensível e criativa do manuscrito; Deborah Dicks, pelo conhecimento de latim; dr. D. M. Turner, por me orientar quanto à questão da deficiência na Inglaterra do início da Idade Moderna; e Leanda de Lisle, por ter escrito o livro que inspirou *Intrigas da corte*.

Leitura adicional

Devo muito ao maravilhoso *The Sisters Who Would Be Queen*, de Leanda de Lisle, uma investigação exaustiva das três irmãs Grey, que forneceu a inspiração inicial para *Intrigas da corte* e é leitura obrigatória para quem quiser se aprofundar um pouco mais na vida de Jane, Katherine e Mary Grey. Outros trabalhos de valor inestimável foram *Mary Tudor* e *Elizabeth's Bedfellows*, de Anna Whitelock. Ambos jogam luz sobre essas duas rainhas Tudor, trazendo-as plenamente à vida. O apaixonante *Elizabeth & Leicester*, de Sara Gristwood, me ajudou a compreender a complexa relação entre a rainha e seu favorito; e *Elizabeth the Queen*, de Alison Weir, me deu uma perspectiva detalhada e impressionante do seu reinado.

O que segue abaixo não deve ser considerado uma bibliografia acadêmica, mas simples indicações de livros utilizados na minha pesquisa.

ALFORD, Stephen. *The Watchers: A Secret History of the Reign of Elizabeth I*. Londres: Allen Lane, 2012.

ALSTON, R. C. (Org.). *The French Garden, Peter Erondell*. Londres: Scolar Press, 1969.

BALDWIN SMITH, Lacey. *Treason in Tudor England: Politics and Paranoia*. Londres: Pimlico, 2006.

BALDWIN SMITH, Lacey; REEDER SMITH, Jean (Orgs.). *The Past Speaks: Sources and Problems in English History*. v. I: To 1688. Lexington: D. C. Heath and Co., 1993.

BOORMAN, Tracy. *Elizabeth's Women*. Londres: Vintage, 2010.

COOMBS, Katherine. *The Portrait Miniature in England*. Londres: V&A, 1998.

COTER, Will. *Family and Kinship in England, 1450-1800*. Londres: Longman, 2001.

- DE LISLE, Leanda. *The Sisters Who Would Be Queen: The Tragedy of Mary, Katherine and Lady Jane Grey*. Londres: HarperCollins, 2008.
- . *Tudor: The Family Story*. Londres: Chatto & Windus, 2013.
- DICKSON WRIGHT, Clarissa. *A History of English Food*. Londres: Random House, 2011.
- DORAN, Susan. *The Tudor Chronicles, 1485-1603*. Londres: Quercus, 1993.
- . *Elizabeth I and Religion, 1558-1603*. Londres: Routledge, 2008.
- . *Elizabeth I and Foreign Policy, 1558-1603*. Londres: Routledge, 2000.
- DORAN, Susan; FREEMAN, Thomas S. (Orgs.). *Mary Tudor: Old and New Perspectives*. Basingstoke: Macmillan, 2011.
- EALES, Jacqueline. *Women in Early Modern England, 1500-1700*. Londres: UCL Press, 1998.
- EMERSON, Kathy Lynn. *A Who's Who of Tudor Women*. Disponível em: <kateemersonhistoricals.com/TudorWomenIndex.htm>. Acesso em: 17 out. 2016.
- FRASER, Antonia. *Mary Queen of Scots*. Londres: Weidenfeld and Nicholson, 1969.
- . *The Weaker Vessel: Woman's Lot in Seventeenth-century England*. Londres: Heinemann, 1984.
- FRY, Susan; ROBERTSON, Karen (Orgs.). *Maids and Mistresses, Cousins and Queens: Woman's Alliances in Early Modern England*. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- GRISTWOOD, Sarah. *Elizabeth and Leicester*. Londres: Bantam, 2007.
- HAYNES, Alan. *Sex in Elizabethan England*. Stroud: Sutton, 1997.
- HEARN, Karen (Org.). *Dynasties: Painting in Tudor and Jacobean England, 1530-1630*. Londres: Tate Gallery, 1995.
- HOBGOOD, Allison P.; HOUSTON WOODS, David (Orgs.). *Recovering Disability in Early Modern England*. Columbus: Ohio State University Press, 2013.
- HUTSON, Lorna. *Feminism and Renaissance Studies*. Oxford: Oxford University Press,

1999.

IVES, Eric. *Lady Jane Grey: A Tudor Mystery*. Oxford: Blackwell, 2009.

JAMES, Susan E. *The Feminine Dynamic in English Art, 1485-1603: Women as Consumers, Patrons and Painters*. Aldershot: Ashgate, 2008.

JULIAN of Norwich. *Revelations of Divine Love*. Harmondsworth: Penguin, 1998.

KEMEYS, Brenda. *The Grey Sisters*. Londres: Olympia, 2009.

KING, N. (Org.). *Foxe's Book of Martyrs: Select Narratives*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

LAURENCE, Anne. *Women in England, 1500-1760: A Social History*. Londres: Weidenfeld and Nicholson, 1994.

LICENCE, Amy. *In Bed with the Tudors*. Stroud: Amberly, 2012.

----- . *The Cecils: Privilege and Power behind the Throne*. Londres: The National Archives, 2007.

----- . *Mary Tudor*. Stroud: Amberly, 2012.

LOGAN, George M. (Org.). *The History of King Richard the Third, Thomas More*. Bloomington: Indiana University Press, 2006.

MARKHAM, Gervase. *The Well-Kept Kitchen*. Harmondsworth: Penguin, 2011.

METZLER, Irina. *A Social History of Disability in the Middle Ages*. Londres: Routledge, 2013.

MIKHAILA, Ninya; MALCOLM-DAVIES, Jane. *The Tudor Tailor*. Londres: Batsford, 2006.

----- . *The Tudor Child*. Lightwater: Fat Goose Press, 2013.

MORTIMER, Ian. *The Time Traveller's Guide to Elizabethan England*. Londres: Bodley Head, 2012.

NORTH, Jonathan. *England's Boy King: The Diary of Edward VI, 1547-1553*. Welwyn Garden City: Ravenhall, 2005.

PLOWDEN, Alison. *Tudor Women: Queens and Commoners*. Stroud: Sutton, 1998.

----- . *Lady Jane Grey: Nine Days Queen*. Stroud: Sutton, 2003.

PORTER, Linda. *The Myth of 'Bloody Mary': The First Queen*. Londres: Piatkus, 2009.

REYNOLDS, Anna. *In Fine Style: The Art of Tudor and Stuart Fashion*. Londres: Royal

Collection Trust, 2013.

RIDLEY, Jasper. *The Tudor Age*. Londres: Robinson, 2002.

SIM, Alison. *The Tudor Housewife*. Stroud: Sutton, 1996.

_____. *Food and Feast in Tudor England*. Stroud: Sutton, 1997.

_____. *Pleasures and Pastimes in Tudor England*. Stroud: Sutton, 2002.

_____. *Masters and Servants in Tudor England*. Stroud: Sutton, 2006.

SOMERSET, Anne. *Ladies in Waiting: From the Tudors to the Present Day*. Edison, NJ: Castle Books, 2004.

STONE, Lawrence. *The Family, Sex and Marriage in England, 1500-1800*. Harmondsworth: Penguin, 1990.

STRONG, Roy. *Artists of the Tudor Court: The Portrait Miniature Rediscovered, 1520-1620*. Londres: V&A, 1983.

WEIR, Alison. *The Six Wives of Henry VIII*. Londres: Pimlico, 1992.

_____. *Children of England: The Heirs of King Henry VIII, 1547-1558*. Londres: Vintage, 2008.

_____. *Elizabeth the Queen*. Londres: Vintage, 2008.

WHITELOCK, Anna. *Mary Tudor: England's First Queen*. Londres: Bloomsbury, 2009.

_____. *Elizabeth's Bedfellows: An Intimate History of the Queen's Court*. Londres: Bloomsbury, 2013.



PHYLLIS CHRISTOPHER

ELIZABETH FREMANTLE é formada em letras e tem mestrado em escrita criativa. Foi editora de moda das revistas *Vogue*, *Elle* e *Vanity Fair*. Também é autora de *Xeque-mate da rainha*, publicado em 2016 pela Paralela.

Copyright © 2014 by Elizabeth Fremantle

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Sisters of Treason

CAPA Claudia Espínola de Carvalho

FOTO DE CAPA © Lee Avison/ Trevillion Images

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Giovanna Serra

ISBN 978-85-438-0841-3

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-1512
Fax (11) 3707-3501
www.editoraparalela.com.br
atendimentoao leitor@editoraparalela.com.br

Sumário

Capa

Rosto

Prólogo

I. A rainha Mary

II. Miosótis

III. A rainha Elizabeth

IV. Kitty e a ratinha

V. Lord Beauchamp

Epílogo

Nota da autora

Para entender a sucessão dos Tudor

Lista de personagens

Agradecimentos

Leitura adicional

Sobre a autora

Créditos

Autora do
best-seller
TODA SUA

SYLVIA DAY

Um beijo selvagem

EXCLUSIVO PARA E-BOOK;
SÉRIE RENEGADE ANGELS

8 1 8 1

Um beijo selvagem

Day, Sylvia

9788580869774

61 páginas

[Compre agora e leia](#)

Novela gratuita da série Renegade Angels, de Sylvia Day, autora best-seller do New York Times e da Veja e que já vendeu mais de 12 milhões de exemplares.

O vampiro Raze perdeu suas asas por ser um grande sedutor. E é o único dos Caídos que nunca encontrou uma parceira. Mas ter conhecido Kimberly McAdams parece ter mexido com ele. Ela é inteligente, linda, rica e, por algum motivo inexplicável, se interessa por Raze.

Depois de passarem uma noite inesquecível juntos, ele percebe que encontrou em Kim algo de especial. Será que este amor será maior do que as diferenças que existem entre eles?

[Compre agora e leia](#)



O JOGO

AMORES IMPROVÁVEIS

HANNAH E GARRET, GRACE E LOGAN... JÁ TEM UM CASAL, PREFERIDAMENTE ESPERE-ATE CONHECER ALLE E DEAN MAIS DE PERTO.

O jogo

Kennedy, Elle

9788543808574

344 páginas

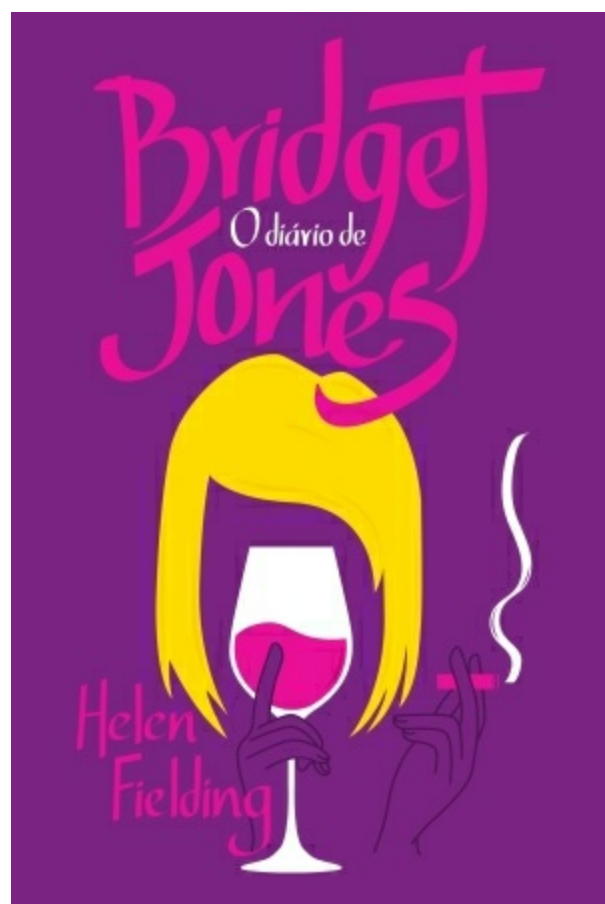
[Compre agora e leia](#)

"Não esperava essa química intensa entre nós, mas ela está aqui, e é viciante, e não sei se jamais vou conseguir ignorá-la."

Talentoso, inteligente e festeiro, Dean Di Laurentis sempre consegue o que quer. Sexo, notas altas, sexo, reconhecimento, sexo... É sem dúvida um galanteador de primeira, e ainda está para encontrar uma mulher imune ao seu charme descontraído e seu jeito alegre de encarar a vida. Isto é, até ele se envolver com Allie Hayes. Em uma única noite, essa jovem atriz cheia de personalidade virou o mundo de Dean de cabeça para baixo. E agora ela quer que

eles sejam apenas amigos? Dean adora um desafio, e não vai medir esforços para convencer essa mulher tão linda quanto teimosa de que uma vez não é suficiente. Mas o que começa como um simples jogo de sedução logo se torna a experiência mais incrível e surpreendente de sua vida. Afinal, quem disse que sexo, amizade e amor não podem andar de mãos dadas?

[Compre agora e leia](#)



O diário de Bridget Jones

Fielding, Helen

9788543806792

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Bridget Jones já é uma personagem querida por milhões de leitores. Seja pelas desventuras amorosas ou pelos problemas com os pais, é muito fácil se identificar (e se encantar) com a personagem criada por Helen Fielding. Nesta nova edição comemorativa dos vinte anos de lançamento do primeiro livro, os fãs antigos terão a chance de reencontrá-la e os novos leitores descobrirão uma paixão por este clássico! Bridget continua atual e afiada como nunca: uma personagem tão perfeitamente imperfeita para ajudar todos aqueles que já se sentiram incapazes de tomar as rédeas da própria vida.

[Compre agora e leia](#)



TRABALHANDO JUNTOS

HOMENS E MULHERES
INTELIGENTES,
COLABORANDO E VENCENDO

BARBARA ANNIS
& JOHN GRAY

← DO AUTOR DE
"HOMENS SÃO
DE MARTE,
MULHERES
SÃO DE VÊNUS"

Trabalhando juntos

Gray, John

9788580868692

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

Muitas vezes, as mulheres sentem que precisam trabalhar mais do que os homens para provar seu valor. Já os homens acham que as mulheres perguntam muito, são sensíveis demais e atrapalham as decisões. Em *Trabalhando juntos*, John Gray (autor de *Homens são de Marte, mulheres são de Vênus*) e Barbara Annis analisam de forma clara e objetiva os pontos cegos entre homens e mulheres no ambiente de trabalho. Você poderá dar uma espiada na mente do sexo oposto e descobrir a raiz de tantos equívocos e mal-entendidos, aprendendo a eliminar os ruídos e a transmitir sua mensagem com eficiência máxima.

[Compre agora e leia](#)



Dia de beauté

Ceridono, Victoria

9788543804187

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quase nada é tão divertido quanto maquiagem. O lema de Victoria Ceridono, blogueira e editora de beleza da Vogue, é especialmente verdadeiro em seu livro Dia de beauté – um guia de maquiagem para a vida real. Com mais de 130 fotos e ilustrações, promete ensinar tudo que existe entre um make básico, quase nada, e uma maquiagem para festa. Sem nunca perder o tom divertido, as dicas de Victoria são acessíveis, vindas de quem experimentou de tudo para descobrir o que vale mesmo a pena. Um livro para todo tipo de leitor(a) – desde iniciantes até obcecadas, passando por quem apenas busca dicas para sair da rotina, ou alguém

não interessado que sem querer foi parar com o livro em mãos. Um livro para inspirar e despertar a vontade de mergulhar nesse fantástico universo da maquiagem.

[Compre agora e leia](#)